



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"  
Campus de São José do Rio Preto

Gustavo Zambrano

**A trajetória artística de Furtado Coelho nos palcos brasileiros:  
(1856-1867)**

São José do Rio Preto  
2018

Gustavo Zambrano

**A trajetória artística de Furtado Coelho nos palcos brasileiros:  
(1856-1867)**

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Letras, junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de São José do Rio Preto

Financiadora: Capes – Proc.1587849

Orientador: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Lúcia Granja

São José do Rio Preto  
2018

**Zambrano, Gustavo.**

**A trajetória artística de Furtado Coelho nos palcos brasileiros:  
(1856-1867) / Gustavo Zambrano. -- São José do Rio Preto, 2018  
443 p.**

**Orientador: Lúcia Granja**

**Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual Paulista “Júlio de  
Mesquita Filho”, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas**

**1. Teatro brasileiro - História. 2. Realismo na arte. 3. Coelho, Luiz  
Candido Furtado. I. Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita  
Filho". Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. II. Título.**

**CDU – 792(81)(091)**

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca do Ibilce UNESP –  
Câmpus de São José do Rio Preto

Gustavo Zambrano

**A trajetória artística de Furtado Coelho nos palcos brasileiros:  
(1856-1867)**

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Letras, junto ao Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus de São José do Rio Preto

Financiadora: Capes – Proc. 1587849

**Comissão Examinadora**

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Lúcia Granja  
UNESP – São José do Rio Preto  
Orientadora

Prof. Dr. João Roberto Faria  
Universidade de São Paulo – USP

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Silvia Cristina Martins de Souza  
Universidade Estadual de Londrina

São José do Rio Preto  
19 de fevereiro de 2018

A minha mãe Luzia

## **Agradecimentos**

A minha mãe Luzia e a minha irmã Cristiane que sempre estiveram ao meu lado, me apoiando durante o desenvolvimento deste trabalho.

À Profa. Dra. Lúcia Granja, pela oportunidade dada para a realização deste estudo e pela orientação segura.

Aos Profs. Drs. João Roberto Faria e Silvia Cristina Martins de Souza, pelos comentários valiosos durante a qualificação e defesa do trabalho.

Aos funcionários da Biblioteca do Ibilce, que foram sempre atenciosos quando precisei.

À Capes pelo apoio financeiro para o desenvolvimento desta pesquisa.

Furtado Coelho gozou todas as vitórias e sentiu o peso terrível de todas as contrariedades. No meio do seu labutar de empresário, foi na vida real o herói de muitos romances de amor, escreveu dramas, compôs música, fez-se copofono, construiu teatros, esteve preso, fabricou ingênuas, inventou galãs, percorreu o Brasil do Amazonas ao Prata, enriqueceu, arruinou-se, tornou a enriquecer, viajou por toda a Europa, tornou a empobrecer, mas trabalhou, trabalhou, trabalhou sempre, com denodo, com ímpeto, entregou todo a sua arte, obcecado pela paixão do Teatro, paixão incondicional, absorvente, feroz!

Arthur Azevedo (1893, p.30)

## Resumo

Este trabalho tem por objetivo descrever a trajetória artística de Luiz Candido Furtado Coelho nos anos de 1856 a 1867, período esse em que o artista português desenvolveu os cargos de ator, ensaiador e empresário teatral no Rio de Janeiro e em outras regiões do país. Para isso, consultamos jornais e revistas do século XIX, disponibilizados pelo sítio da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, fato esse que se justifica em razão de nessa plataforma haver um grande volume de informações sobre o trabalho de Furtado Coelho, fundamentais para a escrita da biografia do artista. Assim, todas as menções a Furtado Coelho encontradas nos periódicos do século XIX, e que foram apresentadas neste estudo, tem como intenção melhor compreender a história do artista português e do teatro no Brasil. Como resultado, o trabalho irá mostrar a grande importância de Furtado Coelho nos palcos do Rio de Janeiro e, de certa forma, do Brasil. Em outras palavras, iremos detalhar que o artista em estudo foi um dos grandes responsáveis pelo estabelecimento do realismo teatral no Brasil, pois como ator Furtado Coelho inovou nos palcos brasileiros ao apresentar uma nova maneira de atuar alinhada à escola realista e como empresário continuou a levar ao palco do Teatro Ginásio peças de valor literário, alternando-as com espetáculos de entretenimento, em um período no qual sofria a concorrência do teatro cômico e musicado.

Palavras-chave: Furtado Coelho. Teatro Brasileiro. Realismo Teatral. Teatro Ginásio.



## Abstract

*This work aims to describe the artistic trajectory of Luiz Candido Furtado Coelho in the years 1856 to 1867, when the Portuguese artist worked as actor, rehearser and theater manager in Rio de Janeiro and other regions of the country. For this, we consulted newspapers and magazines of the nineteenth century, made available by the website of the Digital Library of the National Library, a fact that is justified because there is a large volume of information on the work of Furtado Coelho, fundamental for the writing of the biography of the artist. Thus, all references to the artist found in those periodicals presented in this study are intended to better understand his history, as well as the history of theater in Brazil. As a result, the work will show the great importance of Furtado Coelho on the stages of Rio de Janeiro and, to a certain extent, in the whole country. In other words, we will show Furtado Coelho as highly responsible for the establishment of theatrical realism in Brazil, since, as an actor, he innovated in Brazilian stages by presenting a new way of acting in line with the realist school and, as an entrepreneur, he continued to stage plays of literary value at the Ginásio Theater, alternating them with spectacles of entertainment, in a period in which it suffered the competition of the comic and musical theater.*

*Keywords: Furtado Coelho. Brazilian Theater. Theatrical Realism. Ginásio Theater.*

## SUMÁRIO

<b>Introdução.....</b>	<b>13</b>
<b>Capítulo I – Furtado Coelho e o início da trajetória artística.....</b>	<b>23</b>
1.1. Furtado Coelho em Portugal: os primeiros passos como artista.....	23
1.2. Furtado Coelho e o folhetim no <i>Correio Mercantil</i> : provocando uma boa impressão?.....	25
1.3. Furtado Coelho e a encenação do provérbio <i>Nem por muito madrugar amanhece mais cedo</i> .....	32
1.4. Furtado Coelho: Ensaaiador do Teatro Ginásio.....	40
1.5. Furtado Coelho e a polêmica das traduções.....	46
1.6. A saída de Furtado Coelho do Teatro Ginásio e a viagem ao Recife.....	54
1.7. A criação da <i>Revista dos Theatros</i> : uma nova polêmica.....	57
<b>Capítulo II – Furtado Coelho: ator do Teatro Ginásio - (1859) .....</b>	<b>66</b>
<b>Capítulo III – Furtado Coelho: ator e empresário do Teatro das Variedades - (1860) .....</b>	<b>99</b>
3.1. Antes um pequeno período no Teatro São Januário.....	99
3.2. O Teatro das Variedades: o início da carreira empresarial.....	105
3.3. Furtado Coelho e a Sociedade Dramática Nacional.....	122
<b>Capítulo IV - Furtado Coelho e a viagem pelo Brasil: a temporada em São Paulo, Rio Grande do Sul e Norte - (1860-1864) .....</b>	<b>126</b>
<b>Capítulo V - Furtado Coelho: O retorno ao Teatro Ginásio (1865-1867) .....</b>	<b>161</b>
5.1. O ano de 1865.....	161
5.1.1. Furtado Coelho e o Teatro Ginásio: a concorrência com o teatro cômico e musicado..	177
5.2. O ano de 1866.....	184
5.2.1. A exibição de <i>O anjo da meia noite</i> .....	187

5.2.2. <i>O barbeiro de Sevilha</i> .....	194
5.2.3. A polêmica envolvendo o drama <i>O ator</i> .....	196
5.3. O ano de 1867.....	218
5.3.1 Furtado Coelho e o drama <i>O remorso vivo</i> .....	221
5.3.2 A Companhia Keller e a polêmica com Francisco Corrêa Vasques.....	227
5.3.3. Furtado Coelho e as aventuras de Rocamboles.....	244
<b>Considerações Finais</b> .....	<b>255</b>
<b>Referência Bibliográfica</b> .....	<b>257</b>
<b>Apêndice</b> .....	<b>292</b>



**Fig.1:** O Álbum, Rio de Janeiro, Ano.1, n.05, jan. 1893.  
Consultado no sítio da Brasiliana Digital,  
[https://digital.bbm.usp.br/bitstream/bbm/6826/6/Ano.1\\_n.05\\_45000033188\\_Output.o.pdf](https://digital.bbm.usp.br/bitstream/bbm/6826/6/Ano.1_n.05_45000033188_Output.o.pdf)

## INTRODUÇÃO

O teatro brasileiro começa a se formar a partir da chegada da família real portuguesa ao Brasil em 1808. É nesse período que foi decretado por D. João VI a construção do primeiro teatro da Corte, sendo, que três anos mais tarde, em 12 de outubro de 1813, essa casa de espetáculo é inaugurada com o nome de Teatro São João (Paixão, 1917, p. 102). Esse é também um momento de chegada ao Brasil de artistas portugueses importantes. Sobre esse tema, Décio de Almeida Prado (2012, p.53) relata a chegada da companhia de Mariana Torres, atriz considerada pelos críticos da época como uma das maiores atrizes trágicas do período. Sousa Bastos (1898) em sua *Carteira do artista* explica:

Na companhia do Rio de Janeiro os artistas mais distintos são Mariana Torres, a primeira atriz portuguesa, magnífica principalmente nos papeis apaixonados e trágicos. (Sousa Bastos, 1898, p.711).

Ao lado de Mariana Torres, vieram outros artistas portugueses, tais como Maria Amalia da Silva, Estella Joaquina de Moraes Paiva, Maria Candida de Souza, Antonio José Pedro, José Evangelista e Domingos Botelho (Paixão, 1917, p.104). Podemos ainda destacar na companhia de Mariana Torres a presença do artista Victor Porfírio Borja, ator de longa carreira artística e que segundo Luís Francisco Rebello, foi “um dos atores mais populares nos últimos anos do século XVIII e primeiros do século XIX” (Rebello apud Prado, 2012, p.53). Já na década de 20, uma nova companhia teatral portuguesa desembarca no Rio de Janeiro. A diferença entre o novo grupo teatral que desponta em terras brasileiras e a companhia de Mariana Torres se dá pelo fato de que aquela era uma companhia completa, estando em acordo

[...] com a hierarquia habitual do palco: primeira dama, segundas damas, primeiro galã, velho sério, galã, velho sério, galã central e tirano, primeiro gracioso e petimetre (o *petit-mâitre* francês naturaliza-se português), segundo gracioso. (Prado, 2012, p.54).

Dessa nova companhia, que desembarca no Rio de Janeiro em 28 de junho de 1829, faziam parte os artistas Maria Ricardina Soares, Josefa Theresa Soares, Gertrudes Angelica da Cunha, Gabriella Augusta da Cunha, João Evangelista da Costa, Manuel Soares da Costa, José Maria do Nascimento (Paixão, 1917, p.130-131). Alguns dias depois, em 17 de julho de 1869, desembarca a segunda parte dos artistas, tais como Joaquim José de Barros, Miguel João Vidal, Manuel Baptista Lisboa, Maria Amalia da Silva e Antonio José Pedro (Paixão, 1917, p.131-

132). No entanto, a maior estrela desse grupo de atores que chega ao Rio de Janeiro é Ludovina Soares da Costa, atriz, tal como Mariana Torres, também afeita à tragédia. Para termos uma ideia da importância da artista nos palcos brasileiros, tomemos como exemplo os elogios do jovem crítico Machado de Assis feito no ano de 1859, período esse em que o realismo já se firmara:

É a trágica eminente, na majestade do porte, da voz e do gesto, figura talhada para um quinto ato de Corneille, trágica pelo gênio e pela arte, com as virtudes da escola e poucos dos seus vícios. (Machado de Assis, 1950, p.132-133).

Os artistas que desembarcavam no porto do Rio de Janeiro traziam consigo as peças teatrais de dramaturgos portugueses, para, então, serem encenadas no recém-teatro inaugurado (Prado, 2012, p.61). Exemplo desse fato são os escritores Antônio Xavier Ferreira de Sousa e Fernando José de Queirós, dramaturgos que muito provavelmente tiveram seus dramas históricos encenados no Teatro São João. Ademais, nos primeiros trinta anos de formação de nosso teatro, foi comum a apresentação de tragédias neoclássicas, tais como *Nova Castro*, do dramaturgo João Batista Gomes Junior, comédias e entremezes portugueses (Faria, 2001, p.20).

Além da classe artística, no Brasil também aportam portugueses de diversas classes sociais e funções, cujo objetivo em terras brasileiras era a busca da ascensão social. Além do mais, é necessário salientar que a vinda do povo português ao nosso país foi fundamental para a formação do teatro brasileiro, principalmente se pensarmos na função de espectador desempenhada pelo povo lusitano. Sobre essa questão, João Roberto Faria (2001) explica:

De lá [Portugal] vinham o repertório de peças originais ou traduzidas do francês, os artistas, muitos dos quais se radicaram no Rio de Janeiro, e até mesmo a maior parte do público, formado pelos expatriados que haviam fugido das tropas de Napoleão (Faria, 2001, p.19-20).

Para termos uma mostra do grande contingente de portugueses que ao Brasil chegam, tomemos como exemplo o estudo de Sandmann (2004), a partir do trabalho desenvolvido por Carlos Lessa:

Nas primeiras décadas do século XIX, o fluxo de chegada ao Brasil foi de quatro a cinco mil imigrantes lusos por ano [...] Com a máquina a vapor, a passagem ficou mais barata, e foi atenuado o sofrimento da viagem. A emigração cresceu em escala. Os navios da Royal Mail Steam Company traziam, em 28 dias, levas de camponeses solteiros e umas poucas famílias completas para o Rio, a partir de meados do século XIX. (Lessa, 2002, p. 27).

Ademais, além dos camponeses citado pelo pesquisador, no Brasil, desembarcaram diversos profissionais de funções diferentes. Sandmann (2004), nesse momento se apoiando nos estudos de Manolo Florentino e Cacilda Machado, explica que:

[...] mais da metade desses imigrantes eram artesãos, trabalhadores em transporte e em comércio, funcionários públicos, profissionais liberais, e até mesmo uma minoria de proprietários rurais e capitalistas, comerciantes e industriais [...] A maioria, de fato, ia trabalhar como empregados no comércio, caracterizando o que o senso comum fixou como a “imigração dos caixeiros”. (Florentino; Machado, 2002, p.101-102).

Interessante observar no fragmento acima a menção da classe dos caixeiros, isto é, trabalhadores que viviam do comércio, mas que também eram frequentadores dos teatros do Rio de Janeiro. Sobre esse tema, Silvia Cristina Martins de Souza (2002, p.281) explica que o Teatro São Januário foi a casa de espetáculo preferida da classe caixeiral durante um período de tempo, como também do Teatro Fênix Dramático, no final da década de 60, época em que o São Januário já havia sido demolido. Um exemplo de assiduidade da classe caixeiral aos teatros da Corte, observa-se na publicação de pequenas notas nos jornais, cujo objetivo era pedir a encenação de alguma peça teatral. Souza (2002) explica:

Publicar notinhas nos jornais pedindo a representação de certas peças e prometendo “enchente”, caso o pedido fosse atendido, foi uma prática muito utilizada, sobretudo pelos caixeiros. (Souza, 2002, p.295).

Se nesse início o teatro brasileiro dependia da ajuda de Portugal, pouco a pouco essa dependência é transferida para França. Como salienta Prado (1972):

[...] começáramos a importar peças diretamente da França, dispensando a ação intermediária de Portugal. Em consequência, encurtara-se ao mínimo o atraso do nosso repertório: basta dizer que das três peças românticas francesas encenadas em 1836, a mais antiga é de 1832 (Prado, 1972, p.36).

O primeiro sinal dessa transferência observa-se no estudo da trajetória artística de nosso maior ator romântico: João Caetano. O artista citado que no início de carreira, mais precisamente entre os anos de 1836 e 1845, atuou em tragédias neoclássicas e dramas românticos (Prado, 1972, p.48), e na maturidade em melodramas, interpretou, além de peças de dramaturgos portugueses e espanhóis, obras de autores franceses. Em relação às tragédias francesas, o historiador cita a obra *Fayel* de Baculard de Arnaud e *Oscar, o filho de Ossian*, texto de Antoine Vincent Arnault, além de três tragédias de Shakespeare, sendo que essas foram

adaptadas pelo escritor francês Jean-François Ducis: *Macbeth*, *Hamlet* e *Otelo* (Prado, 1972, p.25). Quanto aos dramas românticos, João Caetano atuou em nove peças de Alexandre Dumas, entre as quais *A torre de Nesle* e *Catarina Howard* (Prado, 1972, p.38), e em duas peças de Victor Hugo, *Hernani* e *O Rei diverte-se* (Prado, 1972, p.40). Estamos, portanto, em um momento em que o romantismo já havia se instalado no Brasil. Sobre essa questão, parece-nos importante destacar brevemente algumas questões. Décio de Almeida Prado no texto *O teatro romântico: a explosão de 1830* evidencia a diferença entre a estética clássica, no caso as tragédias neoclássicas de Racine, por exemplo, e a estética romântica que desponta. Sobre a primeira, o historiador assinala que nas tragédias do dramaturgo francês a estrutura da peça, ou seja, as unidades de tempo, espaço e ação devem respeitar o princípio da verossimilhança (Prado, 2011, p.170). Desse fato, há, portanto, de acordo com Prado (2011) o princípio da economia, em que “personagens, incidentes, conflitos, restringiam-se ao essencial, conferindo à peça a elegância da mais estrita racionalidade e funcionalidade” (Prado, 2011, p.170).

Já sobre a segunda, a estética romântica, diferentemente dos clássicos, privilegia-se a liberdade formal, questão essa defendida por Victor Hugo no prefácio de *Cromwell* (Prado, 2011, p.172). Além do mais, a liberdade que defende os românticos não se restringe somente ao plano estrutural, mas também no plano do conteúdo. Sobre essa questão, Prado (1972) explica que o drama romântico tinha

[...] a liberdade de transpor para o palco qualquer assunto, qualquer personagem, qualquer personagem, qualquer classe social, sem as inibições da tragédia clássica e sem o moralismo ingênuo do teatro popular. (Prado, 1972, p.37).

Mas além dos aspectos formais que envolvem a escola romântica e a tragédia neoclássica, outro ponto a ser elucidado é quanto a forma de atuação dos atores românticos e trágicos. João Caetano, ao atuar no drama *Antonio José ou O poeta e a inquisição*, por exemplo, inovou ao criar um novo estilo de interpretação. Como explica Prado (1972, p.23), o ator brasileiro, na peça de Gonçalves de Magalhães, abandona a “famosa cantilena clássica, induzida pela regularidade rítmica” e busca uma nova forma de atuação “mais vibrante e realista”. Um exemplo dessa maneira inovadora de atuar é observado no comentário de Araújo Porto Alegre, em que na atuação de João Caetano apresenta-se “o tiritar nervoso do homem que sofre”, além de “mudanças de voz de uma alma aflita”, sendo que essas são “ora agudas, ora graves e cavernosas, produzidas pela fraqueza física” (Porto Alegre apud Prado, 1972, p. 23). Dessa descrição, podemos observar a presença da emotividade na interpretação dessa peça trágica. No entanto, é importante salientar que o estilo de interpretação da tragédia é diferente do estilo de



interpretação do melodrama (Faria, 2008, p.136). João Caetano, que na maturidade atuou em vários melodramas franceses, tais como *Os seis degraus do crime* de Théodore Nezel e Benjamin Antier; *O Sineiro de São Paulo* de Joseph Bouchardy; *A dama de São Tropez* de Anicet Bourgeois e Adolphe Dennery e *O Trapeiro de Paris* de Felix Pyat, é paradigma ao se pensar a diferença na forma de representar uma peça trágica ou um melodrama. Esse tema explica Prado (1972) ao constatar que as peças melodramáticas favoreciam a uma interpretação grandiloquente do maior ator da época:

A escola do melodrama teve grande importância na formação de João Caetano, explicando as suas qualidades, a fácil e intensa comunicação com o público, e também os seus defeitos, a tendência ao exagero, a busca do patético a qualquer custo. Era uma representação extrovertida, solta, explicitada, de intenções marcadas, de gestos largos, de efusões emocionais, de arroubos oratórios, sem preocupações com a elegância ou com a pureza estilística, romântica na medida em que a espontaneidade e autenticidade do sentimento contavam mais do que os requintes da técnica. (Prado, 1972, p.116).

Já Faria (2001), seguindo na esteira de Prado (1972), analisa que o melodrama tinha por característica possuir “emoções fortes; sentimentalismo; linguagem enfática e gestualidade eloquente” (Faria, 2001, p.38). Da análise dos críticos, o que nos é importante abordar é a questão do sentimentalismo nos melodramas, sendo que esse traço estilístico nos parece favorecer uma forma de atuação ainda mais grandiloquente. Um exemplo dessa nossa análise, observa-se no livro *Lições Dramáticas* de João Caetano, em que o ator em uma passagem conta que quase sufocou a atriz Estela Sezefreda durante a encenação da peça *Os seis degraus do crime*:

Nessa cena atirei brutalmente a jovem atriz contra o tablado, coloquei-lhe um joelho sobre o peito e, passando-lhe os cabelos em volta do pescoço, a sufocava com todas as minhas forças proferindo em alta voz: - Morre, diabo! (João Caetano, 1862, p.10).

Assim, podemos afirmar que durante os anos 30 e 40, no palco do Teatro Pedro de Alcântara, ou no palco de outro teatro que João Caetano estivesse, a forma de atuação se baseava na grandiloquência, sendo que essa somente deixará de ser modelo no momento da chegada do realismo nos palcos.

O despontar do teatro realista no Brasil ocorreu no início de 1855 quando o teatro Ginásio, então sob direção de Joaquim Heliodoro Gomes dos Santos e tendo como ensaiador o francês Emilio Doux, é reinaugurado com a peça *O primo da Califórnia* de Joaquim Manuel de Macedo e com o drama *Um erro* de Eugène Scribe (Faria, 1993, p.78) (Souza, 2002, p.61).

Como explica Faria (1993, p.77) (2012, p.202), em razão do marasmo em que vivia o teatro carioca naquele período, com o Lírico Fluminense apresentando algumas óperas e o São Pedro de Alcântara reencenando antigos sucessos de João Caetano, tais como a tragédia neoclássica *A nova Castro* de João Batista Gomes Junior e o melodrama *A vida de um jogador* de Victor Ducange, faz com que a crítica teatral se anime com o Teatro Ginásio, depositando nessa casa de espetáculos uma possibilidade de “renovação e melhoria da vida teatral” (p.78).

Se por um lado os folhetins<sup>1</sup> dos jornais do Rio de Janeiro apresentavam uma postura animadora quanto ao propósito renovador proposto pelo Ginásio, por outro é necessário realçar que durante seis meses, desde a sua inauguração, esse teatro não encenou peças realistas, mas cerca de vinte e cinco comédias de Scribe (Souza, 2002, 64). Essa escolha pelas peças do dramaturgo francês evidencia a decisão inteligente do empresário Joaquim Heleodoro, pois levar em cena as mesmas peças encenadas no Teatro São Pedro de Alcântara, tentando assim competir com essa casa de espetáculo, seria praticamente um suicídio empresarial (Faria, 1993, p.106). Ademais, o Teatro Ginásio por ser uma casa de espetáculos pequena não comportava a encenação de peças de grande aparato cênico, tais como os espetáculos apresentados no São Pedro de Alcântara.

Somente em 26 de outubro de 1855, o Teatro Ginásio sobe em cena o primeiro drama realista, com a exibição da peça *As mulheres de mármore* de Théodore Barrière e Lambert Thiboust (Faria, 1993, p.79), (Souza, 2002, p.72). E já no início do ano seguinte, os espectadores do Ginásio são presenteados com a apresentação da grande obra do realismo teatral francês, *A dama das Camélias*, de Alexandre Dumas Filho (Faria, 1993, p.81). Mas quais seriam, portanto, as características da estética teatral realista? Afastando-se totalmente da escola romântica, dos melodramas e do teatro neoclássico, o teatro realista tem como princípio principal apresentar os costumes de uma sociedade, criticando e tentando melhorá-la “por meio de pinceladas moralizantes” (Faria, 1993, p.38). Além do mais, ao mesmo tempo em que o aspecto moralizador se faz presente, nas comédias ou dramas realistas, evita-se as cenas violentas e o sentimentalismo exagerado:

De um modo geral, no entanto, a comédia realista preocupou-se em primeiro lugar com a pintura dos costumes, evitando na medida do possível situações violentas, as tensões agudas, o sentimentalismo e o colorido forte que se encontram no drama. Aos exageros da imaginação romântica, pode-se dizer que a geração realista opôs a objetividade descritiva [...]

---

<sup>1</sup> Tais comentários estão contidos no folhetim do *Correio Mercantil* de 15 de abril de 1855, escrito por José de Alencar, e no *Jornal do Commercio* de mesma data.

Em termos mais precisos, os dramaturgos que criaram a comédia realista abordaram de preferência os costumes da burguesia, classe com a qual se identificavam e para a qual dirigiam sua produção. Questões relativas à família, ao casamento, ao trabalho, ao dinheiro, à prostituição, entre outras, foram então debatidas no palco, transformando em tribuna consagrada a demonstrar a superioridade dos valores éticos da burguesia (Faria, 1993, p.25).

Luiz Candido Furtado Coelho, artista português, que havia chegado ao Rio de Janeiro no início do ano de 1856, ou seja, no período em que desponta o teatro realista na Corte, pode ser considerado como um dos precursores do realismo teatral no Brasil. Isso se deve em razão de que, como ator e empresário teatral no Rio de Janeiro, São Paulo e nas províncias do Norte e Sul do país, Furtado levou em cartaz diversos dramas realistas, os quais alcançaram grande sucesso de público e de crítica. Podemos citar como exemplo as obras *A última carta* e *A probidade*, de Augusto Cesar de Lacerda, *Por direito de Conquista*, de Ernest Legouvé, *Cancros Sociais*, de Maria Ribeiro, *Pedro*, de José da Silva Mendes Leal Junior, *Dalila*, de Octave Feuillet, *O poder do ouro*, de José Dias M. Guimarães, *Lucia Didier*, de León Battu e Jaime Fils, *Suplício de uma Mulher*, de Emile Girardin e Alexandre Dumas Filho, *O anjo da meia noite*, de Théodore Barrière e Edouard Plovier e *O remorso vivo*, de Furtado Coelho e Joaquim Serra. Nesse trabalho, foi fundamental, portanto, ler os dramas citados, com o intuito de observar neles os princípios da estética realista. No entanto, não realizamos uma análise e interpretação aprofundada das obras. Preferimos, somente apresentar o enredo dos dramas, como forma de familiarizar o leitor ao texto teatral.

Outro ponto importante do teatro realista era a forma de atuação. Ao contrário da escola romântica e dos melodramas, que como vimos exigiam uma maneira de atuação grandiloquente e exacerbada, o drama realista exigia a naturalidade dos artistas, seja na voz ou nos gestos. Os artistas, portanto, em cena, deslocam-se e dialogam-se de maneira natural como se estivessem em qualquer local:

Tais peças exigiam um estilo de interpretação completamente diferente do que se via na companhia dramática de João Caetano. O jogo de fisionomia, a voz, a gestualidade, tudo pedia a maior naturalidade possível.  
[...] O ator realista “vive” o papel que lhe é dado e tende à naturalidade: as cenas não fogem do que é natural e os artistas movem-se e falam como se fossem indivíduos tomados ao acaso em qualquer sala: o ator realista busca atingir o espírito ou o coração do espectador e não teme o silêncio ou o movimento vagaroso em cena. (Faria, 2008, p.139)

Furtado Coelho foi mestre no estilo de interpretação realista, como demostram os comentários que os críticos teatrais realizaram acerca do trabalho de atuação do ator, os quais

recuperamos neste trabalho. No entanto, para encurtar a curiosidade do leitor, vejamos a carta do jornalista Joaquim Serra, na qual abrange a maneira de atuação do ator português:

Vi-te na cena, e sinto não poder exprimir as sensações que o teu talento em mim produziu.

A arte dramática moderna, passando pelo crisol da escola realista, apurou-se e chegou ao supremo grau da perfeição.

O furor da cólera, o êxtase do amor, tudo quanto a alma humana possui de terrível, doloroso e profundo, pode ser fielmente trazido para a cena sem os acrobatismos da escola romântica.

Tu és o mais aproveitado dos sectários da nova escola.

Triunfas porque és natural e verdadeiro; porque sente-se palpar a fibra e bater a artéria quando pões em cena alguma paixão; porque estudas as dobras e refolhos do coração humano, sem essas terríveis contorções, que, tirando a elevação dos papéis, pode, quando muito, acreditar o artista como uma obra-prima de mecânica.

Triunfas, porque não concedes um gesto à arte vulgar; não dás arras e nem fazes concessões a essas popularidades parvas e balofas, que desagradam a arte. Não sacrificas a verdade ao efeito e nem a harmonia e ritmo de palavra, ao tropejar da voz, que desnatura a verdade (Faria, 2008, p.141).

A partir dessas considerações, este trabalho corresponde a uma parte da biografia artística de Luiz Candido Furtado Coelho nos palcos brasileiros, que continuaremos a escrever em nível de doutorado<sup>2</sup>. Nessa primeira etapa, estudamos detalhadamente o período entre os anos de 1856 a 1867, demonstrando a importância de Furtado Coelho para o teatro brasileiro, seja na divulgação da escola realista, ou a partir da criação de empresas teatrais. Para isso, pesquisamos nas fontes primárias contidas no sítio da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, artigos, notas, cartas, ou seja, textos que fazem menção ao trabalho de Furtado Coelho. É um material, portanto, valioso que nos ajuda a entender a trajetória teatral do artista em terras brasileiras.

---

<sup>2</sup> Fomos aprovados no processo seletivo do Programa de Pós-Graduação em Letras da UNESP, câmpus de São José do Rio Preto, cujo projeto de pesquisa intitula-se *Furtado Coelho: ator e empresário teatral (1868-1900)*. Neste trabalho, o objetivo geral é completar a escrita da biografia artística de Furtado Coelho (cobrindo os anos de 1868-1900), de modo a contribuir com a história literária e do teatro no Brasil. Nossa hipótese, na primeira fase da elaboração da biografia artística foi a de que Luiz Candido Furtado Coelho, no período em que era empresário do Teatro Ginásio (1865-1869), observou o crescimento do teatro cômico e musicado em outros teatros da Corte e como empresário teatral procurou equilibrar as peças a serem encenadas em seu teatro, ou seja, além de levar em cartaz peças realistas, gênero esse de sua preferência, levou ao palco do Ginásio algumas operetas, e várias comédias de Francisco Correia Vasques. Essas constatações nos faz pensar em uma hipótese para a segunda fase da vida artística de Furtado Coelho: na Corte, o artista português na função de empresário teatral nos Teatros São Luiz e Lucinda teve a postura de balancear a exibição do chamado teatro sério e alegre, enquanto que nas províncias o artista na função de ator de companhias teatrais preferiu atuar em espetáculos alinhados à escola realista, desafiando a hipótese de que no Brasil, a partir da segunda metade do século XIX, o teatro brasileiro estava somente voltado ao entretenimento.

No primeiro capítulo, “**Furtado Coelho e o início da trajetória artística**”, iremos, então, comentar o período do artista português em Lisboa e os motivos que desencadearam a decisão de seguir para o Brasil. Com o artista português já no Rio de Janeiro, abordaremos o seu folhetim publicado no *Correio Mercantil*, no qual se comenta o drama *O mundo equívoco* e o teatro realista. É um artigo importante, haja vista que esse texto pode ter colaborado para que depois o artista português fosse contratado como ensaiador do teatro Ginásio. Estudaremos ainda, nesse capítulo, as primeiras polêmicas em que o artista português se envolveu. Ou seja, abordaremos os seguintes embates: o provérbio *Nem por muito madrugar amanhece mais cedo*, de Furtado Coelho, polêmica travada com um dos censores do Conservatório Dramático; a polêmica que abrange as traduções dos dramas franceses *A joconda* e *Por direito de conquista*; por fim, as divergências que dizem respeito a *Revista dos Theatros*, periódico criado por Furtado Coelho.

No capítulo segundo, “**Furtado Coelho: ator do teatro Ginásio (1859)**”, iremos abordar o período do ator nessa casa de espetáculo, destacando as peças principais encenadas e os comentários dos críticos referente ao trabalho do artista português. Foi um período em que Furtado Coelho encenou peças importantes do repertório realista, tais como, *Por direito de Conquista*, *As mulheres de Mármore*, *A herança do Sr. Plumet*, *Pedro*, *A proibidade*, *O romance de um moço pobre* e *Dois Mundos*. Além do mais, nesse capítulo, comentaremos sobre a rivalidade entre os teatros Ginásio e São Pedro de Alcântara. É um momento em que as duas casas de espetáculos estarão envolvidas em uma batalha de gostos, haja vista que os admiradores do Ginásio apoiavam a inovação por meio do teatro realista, enquanto os frequentadores do São Pedro de Alcântara defendiam a permanência da escola antiga. Furtado Coelho esteve no meio do embate, sendo criticado por articulistas anônimos. Para esses, o modo de atuar do ator português era inaceitável, uma vez que era totalmente diferente ao que apresentava João Caetano.

No capítulo terceiro, “**Furtado Coelho: ator e empresário do Teatro das Variedades (1860)**”, estudaremos o momento em que o ator português, após se desligar do teatro Ginásio, em dezembro de 1859, em razão de desentendimento com o empresário dessa casa de espetáculo, tornou-se ator do teatro São Januário, no início de 1860. No entanto, a passagem do ator português por essa casa de espetáculos foi curta, preferindo Furtado Coelho criar a sua própria empresa dramática. Abordaremos, então, a criação pelo artista português do Teatro das Variedades, novo nome dado ao Teatro São Januário. A inauguração dessa empresa dramática, ocorrida no mês de abril, é um momento importante da trajetória artística de Furtado Coelho, pois é a sua primeira experiência como empresário teatral. Porém, o Teatro das Variedades teve

vida curta em razão de alguns problemas, os quais iremos comentar no capítulo. Por fim, iremos abordar que, após fechar a sua empresa dramática, Furtado Coelho, em parceria com outros atores do Rio de Janeiro, criou uma nova empresa, denominada Sociedade Dramática Nacional, cujos trabalhos ocorreram no teatro Ginásio. No entanto, o artista português permaneceu na empresa por cerca de dois meses, decidindo deixar a Corte e se aventurar em outras províncias do país.

Assim sendo, no capítulo quarto, **“Furtado Coelho e a viagem pelo Brasil: a temporada em São Paulo, Rio Grande do Sul e Norte (1860-1864)”**, abordaremos o período em que o artista português realiza o trabalho de ator, ensaiador e empresário teatral nas províncias de São Paulo, Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Pernambuco, Maranhão, Pará e Ceará. Foi um momento conturbado na carreira teatral de Furtado Coelho, haja vista que o artista se envolveu em novas polêmicas com alguns empresários teatrais dessas regiões.

Finalmente, no capítulo quinto, **“Furtado Coelho: O retorno ao teatro Ginásio (1865-1867)”**, estudaremos a carreira teatral do artista português no teatro Ginásio do Rio de Janeiro. No ano de 1865, abordaremos as peças encenadas e principalmente a concorrência sofrida pelo Ginásio do teatro cômico e musicado. Iremos abordar, como Furtado Coelho, na função de empresário teatral, lidou com esse fato. Já no período que compreende o ano de 1866, abordaremos as peças principais encenadas naquele período, destacando como a crítica teatral recebeu os espetáculos apresentados pelo artista português. Além do mais, iremos estudar a polêmica entre Furtado Coelho e o jornalista do *Jornal do Commercio*, embate esse causado em razão da encenação do drama *O ator* do dramaturgo português. Por fim, no ano de 1867, estudaremos a nova polêmica de Furtado Coelho, dessa vez com o ator cômico Francisco Corrêa Vasques, além dos grandes espetáculos apresentados, tais como, *O remorso vivo*, drama de Furtado Coelho e Joaquim Serra e *Rocambole*, obra de Ponson du Terrail e Anicet Bourgeois.

## CAPÍTULO I – FURTADO COELHO E O INÍCIO DA TRAJETÓRIA ARTÍSTICA

### 1.1 Furtado Coelho em Portugal: os primeiros passos como artista.

Francisco Antonio Filgueiras Sobrinho pode ser considerado como o primeiro biógrafo de Luiz Candido Cordeiro Pinheiro Furtado Coelho. Em sua obra, *Estudos Biográficos – Teatro – Furtado Coelho*, há diversas informações que nos ajuda a compreender melhor a trajetória teatral de nosso artista, desde o período em que Furtado Coelho ainda jovem vivia em Portugal até o ano de 1864, período esse em que o artista português termina a temporada no Nordeste. Vejamos, portanto, nesse item, os fatos que dizem respeito ao período em que o jovem Furtado Coelho vive em Portugal, uma vez que esses acontecimentos estão relacionados com a escolha de sua carreira artística e o motivo que o levou a seguir para o Brasil.

Furtado Coelho nasceu em Lisboa no dia 28 de dezembro de 1831. Filho de João Pedro Coelho, funcionário público, e de Lucia da Costa Cordeiro Pinheiro teve como avô materno o Tenente-General Eusebio Candido Cordeiro Pinheiro Furtado de Mendonça, importante militar das armas portuguesas (Filgueiras Sobrinho, 1863, p.18). Em razão dessa origem militar, a família decidiu matricular o jovem Furtado na Escola Politécnica de Lisboa. No entanto, como explica Filgueiras Sobrinho (1863, p.18) e Maria Clara Gonçalves e Orna Messer Levin (2014, p.105-106), a revolução de 1846, conhecida como Revolução Maria da Fonte, fez com que o futuro artista português abandonasse os estudos, empregando-se como amanuense da Secretaria de Estado dos Negócios da Guerra<sup>1</sup>.

Já desde esse período, Furtado Coelho tencionava em seguir a carreira artística. Contudo, havia o medo de contrariar a família. Filgueiras Sobrinho (1863) explica:

Desde pequeno o seu sonho de ouro, ou seu pensamento, a sua visão do futuro, foi o teatro. Era assim que, contrariado e triste, obedecia a seus pais que o desligavam de sua ideia risonha e feliz (Filgueiras Sobrinho, 1863, p.18).

Por outro lado, o medo de contestar os familiares desapareceu quando em 1851 o artista português tornou-se membro de uma companhia dramática amadora de Vianna do Minho, atuando como protagonista na peça *Pajem d'Aljubarrota* de Mendes Leal (Filgueiras Sobrinho, 1863, p.19), (Faria, 2012, p.191), (Gonçalves & Levin, 2014, p.106). Como explica Filgueiras Sobrinho (1863, p.19), a atuação do jovem ator foi bem recebida pela plateia, mas sendo essa

---

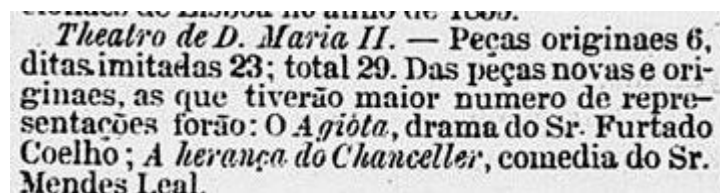
<sup>1</sup> Innocencio Francisco da Silva (1860, p.277) igualmente aborda os anos iniciais de Furtado Coelho em Portugal.

formada por amigos de Furtado Coelho. Como explica o biógrafo, era necessário que o artista enfrentasse um público diferente ao da estreia:

Era um público amigo que o tinha julgado. Era mister o público severo que forma as reputações imorredouras, com o estridor das ovações. Mas como pisar num teatro público o descendente de generais? (Filgueiras Sobrinho, 1863, p.19).

Estar frente a frente a uma plateia exigente também era desejo de Furtado Coelho. Nosso artista, então, provavelmente vivendo nesses dias em Lisboa, conseguiu com a ajuda do ator Francisco Alves da Silva Taborda, do violoncelista Guilherme Cossoul, do barítono Celestino e da Companhia Dramática Francesa, promover “no Teatro D. Fernando um espetáculo-concerto em benefício de uma família necessitada” (Filgueiras Sobrinho, 1863, p.20). No entanto, nesse dia o artista português não subiu ao palco como ator, mas somente realizou uma apresentação musical ao piano<sup>2</sup>, como explica Pereira e Rodrigues (1907, p.645). De todo modo, a atuação de Furtado Coelho nesse dia como pianista provocou um certo temor em seu avô, no qual decidiu enviar o jovem artista de volta para a cidade de Vianna do Minho, local onde vivia seus pais (Filgueiras Sobrinho, 1863, p.20).

Se por um lado, nos primeiros anos da década de cinquenta, Furtado Coelho teve dificuldades em impulsionar a carreira como ator, por outro o artista teve o seu drama realista *O Agiota* encenado no Teatro D. Maria II em setembro de 1855, sendo “razoavelmente bem sucedido” (Faria, 2012, p.191). A informação do crítico e historiador vai ao encontro a uma nota contida no *Correio Mercantil* de 1 de abril de 1856, em que explica-se:



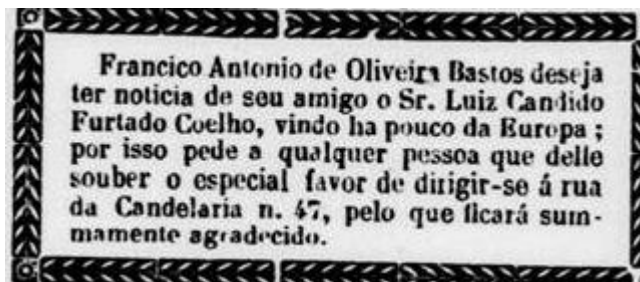
Theatro de D. Maria II. — Peças originaes 6, ditas imitadas 23; total 29. Das peças novas e originaes, as que tiverão maior numero de representações forão: *O Agiota*, drama do Sr. Furtado Coelho; *A herança do Chanceller*, comedia do Sr. Mendes Leal.

**Fig.2:** *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 1 de abril de 1856, p. 2, col. 4. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/217280/11681>.

<sup>2</sup> Filgueiras Sobrinho (1863, p.19) informa que Furtado Coelho durante a infância e juventude tinha grande interesse pela música. Consequentemente, podemos supor que nessa época o artista aprendeu a tocar piano.



Furtado Coelho tinha conhecimento de que a sua permanência em Portugal não favorecia o impulso a sua carreira de ator. A solução encontrada pelo artista português para escapar das contrariedades da família foi pedir, então, ao seu avô, para enviá-lo ao Brasil, para, assim, seguir em uma profissão relacionada ao comércio (Filgueiras Sobrinho, 1863, p.21). Eusébio Candido, convicto de que o neto já não mais possuía a ideia de trilhar a carreira artística, “manda-o para o Brasil acompanhado de cartas de recomendação” (Filgueiras Sobrinho, 1863, p.21). É difícil saber a data correta da chegada de nosso artista ao Brasil, pois nos periódicos da Corte, no espaço que informa a entrada e saída das pessoas pelo porto do Rio de Janeiro, não consta o nome de Furtado Coelho. No entanto, podemos afirmar de maneira segura que o artista português chegou ao Brasil em março de 1856, pois nesse mês Furtado Coelho escreveu um longo artigo no *Correio Mercantil*, em que analisa o drama *O mundo equívoco*; ou em razão da existência de uma nota no *Jornal do Comércio*, na qual um certo Francisco Antonio de Oliveira Bastos procura ter notícias de Furtado. Diz a nota:



**Fig.3:** *Jornal do Comercio*, Rio de Janeiro, 28 de março de 1856, p.3, col.3. Disponível em [http://memoria.bn.br/DocReader/364568\\_04/9682](http://memoria.bn.br/DocReader/364568_04/9682).

Assim, em março de 1856, o artista português já estava em terras brasileiras, dando início a sua trajetória artística em nosso país.

### **1.2 Furtado Coelho e o folhetim no *Correio Mercantil*: provocando uma boa impressão?**

Quando Furtado Coelho desembarcou em terras brasileiras, o teatro Ginásio havia levado em cartaz em fevereiro de 1856 *A dama das camélias*, de Alexandre Dumas Filho (Faria, 1983, p.81), (Souza, 2002, p.73) e encenava *O mundo equívoco* do mesmo autor. O artista português, provavelmente assistido a apresentação das duas peças em Portugal, pois naquela época era comum a presença de companhias teatrais em Lisboa, e tendo visto *O mundo equívoco* no Ginásio, assim que chegou ao Rio de Janeiro, se sentiu habilitado para escrever um longo

artigo no *Correio Mercantil*, em que analisava as peças, a atuação dos atores, o realismo teatral, o Teatro Ginásio e o trabalho do ensaiador Emílio Doux. Mas mais do que se sentir habilitado, Furtado talvez pensou que escrever esse artigo seria uma maneira de se apresentar ao ambiente teatral do Rio de Janeiro, tornando, assim, conhecido nesse meio. Vejamos, então, os pontos importantes no texto do artista português.

Furtado Coelho inicia o artigo afirmando que Alexandre Dumas Filho, ao contrário de outros dramaturgos da escola realista, que no início de suas vidas artísticas sofreram contrariedades, recebeu logo no início de sua carreira os elogios do público. Furtado Coelho explica:

A Alexandre Dumas Filho, porém, não sucedeu o mesmo. A sua estreia dramática foi a primeira flor colhida no entusiasmo de muitos públicos, com que os anais da literatura moderna hão de tecer-lhe a coroa de glória. Na sua estreia apareceu logo o dedo de gigante, e conhece-se a mão do mestre; não foram os esforços apenas de um escritor que começa: as primeiras linhas que ele traçou para o busto da sua própria imortalidade saíram-lhe de repente com a correção admirável de um artista completo. (*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 28 de agosto de 1856, p. 01, coluna 02)<sup>3</sup>.

Como podemos observar no fragmento acima, Furtado Coelho, ao fazer referência a estreia de Dumas Filho na carreira teatral, apontava para a peça *A Dama das Camélias*, obra que estreou em Paris em 2 de fevereiro de 1852 no Teatro Vaudeville e que inaugurou o realismo teatral francês (Faria, 1993, p.22: Sobre o drama realista francês, o artista tece as seguintes considerações:

A sua primeira obra dramática não foi apenas uma recomendação, para que se lhe concedesse livre ingresso no seio dos homens de letras: foi mais – foi tudo! – foi obra de tal valia que lhe abriu de par em par os umbrais do templo sagrado, aonde achou para si um dos lugares mais distintos.

*A Dama das Camélias* depois de haver entusiasmado seus expectadores lançou no espírito de todas as sociedades civilizadas as primeiras mais robustas raízes de uma reputação incontestável para os escritos do seu jovem autor, e de glória para o seu nome.

*A Dama das Camélias* como obra de sentimento tem o seu juízo nas lágrimas que faz verter, e quando as lágrimas substituem a palavra, a palavra é um som inútil e vago. Como obra de arte é um quadro brilhantíssimo onde ressaltam e se destacam os afetos mais íntimos do coração do homem no amor pela mulher: e tal é o primor do colorido que neles imprimiu o poeta, que vem ali desenhar a superfície e em vulto saliente, os mistérios incompreensíveis de uma paixão contrariada em que se debatem dois corações, vendo-se a metafísica e o idealismo do sentimento moldados no fraseado dos salões

---

<sup>3</sup> Neste trabalho, iremos atualizar a ortografia dos textos contidos nos jornais do século XIX. Já a pontuação e a estrutura sintática não serão atualizadas.

modernos! (*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 28 de agosto de 1856, p. 01, col. 03).

Após os comentários acerca de *A Dama das Camélias*, Furtado Coelho considerou apropriado realizar uma análise comparativa entre a peça anteriormente citada e *O Mundo Equívoco*. Para o artista português, apesar das duas obras apresentarem o aspecto moralizador, elas por outro lado se afastam. Em outras palavras, Furtado Coelho explicava que em *O Mundo Equívoco*, Dumas Filho quis revelar “outras verdades mais pungentes”, ou seja, os vícios estão bem mais perceptíveis aos olhos do leitor e do espectador:

*O Demi-Monde* é um gênero diverso da *Dama das Camélias*. Os seus fins ambos moralizadores, ambos profícuos, são no entanto diversos.

*O Demi-Monde* não tendo em vista comover o expectador, vem contudo revelar-lhe outras verdades mais pungentes, explicar-lhe outros sentimentos mais diversos, apresentar-lhe outras paixões bem distintas que o autor não lhe mostrara naquela primeira produção.

No *Demi-Monde* o autor não comove, nem pretende comover: discute e sentencia – Não quer mostrar até que grão sublime de abnegação pode chegar o coração humano exaltado pelo amor: - como é possível no meio da vida dissoluta conservar-se a alma pura e cheia de afetos e aspirações nobres, não: *O Demi-Monde* é o véu levantado de sobre um quadro de baixeiras aonde se vê uma mulher a abjeta doblez de um coração impassível, de uma alma pervertida, que as maneiras insinuantes e fascinadoras do grande mundo trazem acobertadas com hábil astúcia, e aonde o cálculo e a especulação pretendem agarrar com as mãos ambas o amor de um homem, amor cuja sinceridade é uma garantia de conquista, e não um penhor de ventura, cujo entusiasmo é olhado como uma fraqueza e não como um afeto que inspira reconhecimento. (*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 28 de agosto de 1856, p. 01, col. 04).

A partir desse comentário, Furtado Coelho entendia, portanto, que *O Mundo Equívoco* é superior a *A Dama das Camélias*, sendo que aquela é “a alta comédia em todas as suas vastas proporções” (*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 28 de março de 1856, p.1, col. 5). Ademais, como analisou Faria (1993, p.85), os elogios do artista português tomavam traços maiores no momento em que Furtado Coelho aborda os aspectos formais da peça, como, por exemplo, a naturalidade em relação aos diálogos. Sobre esse tema, Furtado Coelho analisa:

*O Demi-Monde* não é uma obra de sentimento, é puramente uma obra de arte – é a alta comédia em todas as suas vastas proporções e difícil concepção.

Como obra de arte é muito superior à *Dama das Camélias*, e direi o mesmo a todos os escritos que conheço deste gênero. É inimitável, e está fora dos alcances da crítica tudo que ali diz respeito à forma: a naturalidade e o vigor dos diálogos, o bem combinado das situações, a verdade no jogo das cenas

que a todo momento vigoram de interesse, excitam por tal arte a expectativa que seria um contrassenso tentar a análise aonde o efeito é tão real, tão sensível.

Como obra de pensamento considero-a tão bela, tão moralizadora, e de tão elevado espírito, que além de uma peça de teatro é um livro de gabinete: como obra de estilo e linguagem, saltam e jogam-se a todo o momento os ditos graciosos, as imagens, os dilemas, o jogo de palavras – porém tudo com a graça e o aticismo de uma pena vigorosa, de um coração ardente, uma imaginação viva, um grande estudo, e um espírito agudíssimo. (*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 28 de agosto de 1856, p.1, col. 5).

O entusiasmo de Furtado Coelho também se faz presente no instante em que o artista português elogiou o poeta Augusto Emílio Zaluar pela tradução da obra. Para Furtado, a beleza do trabalho está no fato de que o tradutor obteve sucesso ao verter a obra de língua francesa para a língua portuguesa, sem que com isso diminuísse “o vigor da linguagem” e a “beleza do diálogo”:

*O Mundo Equívoco* como tradução é uma obra de incontestável mérito literário. Verter assim para uma língua estranha e de tão diferente construção uma peça de teatro deste vulto, sem em nada lhe diminuir o vigor da linguagem, a beleza do diálogo, a cor apurada dos diversos caracteres, antes pelo contrário sustentando-lhes todo o brilho original, é um trabalho digno de todo elogio, e que revela não só um profundo conhecimento das duas línguas, porém muita inteligência na apreciação da obra. (*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 28 de agosto de 1856, p. 2, col. 2).

Após a análise do drama de Dumas Filho, Furtado Coelho fez questão de comentar acerca do Teatro Ginásio. O artista argumentava que, de maneira “maligna”, foi informado de um possível atraso em que vivia o teatro no Rio de Janeiro antes da sua chegada. O artista em estudo não concordou com a informação que lhe foi dada e explica que se o teatro carioca viveu realmente um período de atraso no período anterior ao seu desembarque em terras brasileiras, a exibição da peça de Dumas Filho pela companhia do Teatro Ginásio mostrou um progresso da arte dramática na Corte. Por outro lado, apesar dos elogios à companhia do Ginásio, Furtado Coelho entendia que tal companhia não é completa. O artista explica:

Pelos elementos que eu pude avaliar, se esta rica arte esteve em atraso até hoje, não só os progressos são notáveis, porém induzem a crer e esperar muito do seu futuro aqui. A companhia do Teatro Ginásio não é uma companhia completa: preenchidas porém algumas faltas mesmo salientes, e havendo ou continuando a haver, para melhor falar, a boa direção, harmonia, estudo e vontade de progredir, que felizmente nela existem, pode ir longe, muito longe. (*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 28 de agosto de 1856, p. 2, col. 2).

Furtado Coelho acrescentava, então, que a correção de tais faltas pela Companhia do Ginásio girava em torno de dois eixos: a necessidade dos atores estarem em contínuo estudo

para assim compreenderem a forma de atuação realista; e a escolha correta das peças a serem encenadas no Ginásio, isto é, a encenação de dramas realistas. Sobre o primeiro ponto, Furtado entendia que, embora os atores e atrizes da companhia sejam talentosos, eles “têm bastante que aprender” (*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 28 de agosto de 1856, página 02, coluna 02). Em outras palavras, parece-nos que Furtado Coelho percebeu que os atores Ginásio, vários deles discípulos de João Caetano, apresentavam em algum momento da peça uma forma de representação que não se adequava a uma peça realista. Sobre esse tema, por exemplo, o artista português aconselhou em seu texto para que a atriz Maria Velluti, em cena do 2º ato, não dissesse certa frase em tom gracioso, mas em tom sério; ou o comentário ao ator Pedro Joaquim, aconselhando para que esse em determinada cena falasse “um pouco mais macio e não firmasse tanto as palavras” (*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 28 de agosto de 1856, p. 2, col. 5). Quanto ao segundo ponto, Furtado Coelho, como não poderia ser diferente, fez a defesa do teatro realista, haja vista que as peças desse gênero, com o seu aspecto moralizador, contribuíam para a função social do teatro (Faria, 1993, p.86):

Não considero eu hoje peças más apenas as que não passam de um enrodilhado de insensas parvoíces, de um caos de desconsolados disparates. Peças más são todas as que a escola moderna condena e reprova: em vez de interesse causam abrimiento de boca; em vez de darem impulso à arte, aos artistas, e bom gosto, atrasam e viciam isso tudo. Peças más para uma companhia nascente são: o melodrama com os seus desconchavados desatinos e descomunais peripécias; são o próprio drama quando ele demanda muita força de execução, que cansa, extenua o ator que principia, e que, em vez de o conduzir à robustez própria do artista consumado, mata-o, vicia-o à nascença e faz abortar o que seria susceptível de um grande e perfeito desenvolvimento. Peças más para uma companhia como a do Ginásio são também as peças falsas, inverossímeis, as mágicas, as peças de grande espetáculo.

É necessário poupar a princípio o artista, quando o seu talento e vocação vão ser aproveitados por uma nova escola – a escola verdadeira, a única que o pode levar ao apuro.

Ora pois, são as peças da escola do *Mundo Equívoco*, que convém para um teatro no pé em que está o do Ginásio. É com elas que o teatro sobe à sua verdadeira e nobre missão: moraliza, aperfeiçoa os costumes, civiliza, e castiga a língua; e são estas as grandes vantagens que, juntamente com o prazer e o recreio, o teatro deve atualmente ter em vista. (*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 28 de agosto de 1856, p. 02, col. 03).

Furtado Coelho na sequência do texto analisou a atuação dos atores e atrizes em *O Mundo Equívoco*, além de comentar o trabalho realizado pelo ensaiador Emílio Doux. Quanto a representação dos atores e atrizes, o artista português teceu vários comentários elogiosos para Gabriela da Cunha, uma atriz, segundo o artista português, “de muito talento, e de muita

penetração”. Furtado justificava, então, o seu comentário ao afirmar que na cena XI do 3º ato, o diálogo entre Suzana D’Ange e Oliveiro é muito bem executado:

O diálogo da cena XI do 3º ato entre a baronesa D’Ange e Oliveiro é admiravelmente bem executado; as últimas palavras que profere ao sair da cena no final do último ato, os seus gestos, intenção e maneiras atingiram toda a verdade. (*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 28 de agosto de 1856, p. 2, col. 4).

Para o crítico, igualmente talentoso é o ator Pedro Joaquim, sendo que a sua atuação esteve no mesmo nível da atuação de Gabriela da Cunha:

O Sr. Pedro Joaquim no difícilíssimo papel de Oliveiro, não é nada inferior à Sra. D. Gabriella no de Suzana. O Sr. P. Joaquim tem uma decidida vocação para a cena; as suas maneiras são insinuantes, o seu modo de falar inteligente e gracioso quando deve, grave e sisudo quando a situação exige. O Sr. Pedro Joaquim tem em si todos os recursos para ser em pouco tempo um soberbo ator da alta comédia, isto é, no gênero mais difícil da sua arte. (*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 28 de agosto de 1856, p. 2, col.5).

Quanto à atuação de Luiz Carlos Amoedo, Furtado Coelho explicava que o ator compreendeu o seu papel. No entanto, o artista fez uma ressalva, argumentando que Amoedo deveria evitar certa sisudez e ser durante toda a peça “mais expansivo e menos importante”:

O Sr. Amoedo é um artista de muito merecimento: tem alma e coração, compreendeu o espírito do seu papel e desempenhou com arte. A gesticulação da sua fisionomia é por vezes magnífica, e é este um dos característicos da sua inteligência. Na cena final do 4º ato com a baronesa tem rasgos de verdadeiro artista, e merece muitos aplausos. Se me permite porém que eu avance aqui um conselho, dir-lhe-ei que não deve ostentar tanta sisudez, e deveria ser em toda a comédia mais expansivo e menos importante. (*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 28 de março de 1856, p.2, col. 5).

De igual maneira, o artista português comentou o trabalho de Francisco Monclar, explicando que esse ator deveria observar melhor o seu desempenho no papel de Hipólito Richon. Furtado Coelho explicava que em razão de Hipólito ser um personagem honrado, Monclar não pode ter nesse papel uma postura de um “elegante folgazão”. Assim, parece-nos que Francisco Monclar procurou criar duas características distintas a um mesmo personagem:

O Sr. Monclar tem habilidade e compreensão; com estudo deve e pode progredir. No entanto, Hipólito Richon; se é um homem honrado, é ao mesmo tempo um elegante folgazão, muito amigo de se divertir, e que não fala sentenciosamente. Isto não é censura; o Sr. Monclar prova que pode executar

o seu papel como deve ser, por isso que tem ocasiões que é verdadeiro. (*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 28 de março de 1856, página 02, coluna 06).

Ainda sobre os artistas, interessante observar no artigo, o comentário que Furtado Coelho dirigiu a Adelaide Amaral, explicando que a atriz deveria evitar o uso de joias, pois o seu personagem não comporta tal adereço. Desse fato, fica clara a preocupação do crítico com a realidade em cena:

A Sr. D. Adelaide merece elogios no papel de Marcellina; representa com a ingenuidade própria dele. No último ato, porém, traz joias de subido valor para uma donzela sem pais e sem fortuna, que, para fingir a uma sociedade corrompida, se sacrifica nobremente a ir ganhar na província 800 francos por ano.

A arte é muito exigente, e quer a verdade nas mais minuciosas circunstâncias. Em Marcellina as verdadeiras joias, as joias de extraordinário brilho, são a virtude e a honestidade, e a virtude e a honestidade são sempre singelas; deixe os atavios e as joias de valor material para Suzana e Madame de Santis, tanto mais que nelas se justifica o provérbio que diz: “Nem tudo o que luz é ouro”. (*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 28 de março de 1856, página 02, coluna 06).

Por fim, resta-nos analisar os comentários de Furtado Coelho ao ensaiador Emilio Doux. Acerca dessa questão, o artista em estudo via o profissional francês digno de “muitos elogios”, mas entendia que a mise-en-scène na peça apresentava um equívoco, principalmente na questão que envolvia os atores estarem quase sempre de pé. O artista português explicava, então, que em determinada passagem não havia necessidade de Pedro Joaquim, que fez o papel de Oliveiro, se levantar e dirigir para o meio do salão e igualmente desnecessário o levantar de Suzana D’Ange no momento da chegada de suas visitas. Assim, como explica Faria (1993, p.86) Furtado Coelho novamente tocava em um ponto fundamental na forma de interpretação do teatro realista, que é passar ao expectador o efeito de realidade:

Ao Sr. Emilio Doux competem muitos elogios pelo impulso que tem dado como ensaiador ao adiantamento de todos aqueles artistas.

A mise-em-scene é geralmente boa, e tanto mais digna de elogio pela sua extrema dificuldade.

Não passarei em claro, porém, a má impressão que me causou e deveria causar a todos, ver os atores quase sempre de pé. Na alta comédia parece-me ser isso um erro e um contrassenso. Por que motivo na cena 8<sup>o</sup> do 2<sup>o</sup> ato, ao dizer as seguintes palavras: - *Vai ver o que surge... ouça!* – há de Oliveiro levantar-se? Qual será o homem da educação de Oliveiro, que num salão como da Viscondessa, vá para o meio da sala pregar?

No 4<sup>o</sup> ato, por que não há de a baronesa d’Ange receber sentada as suas visitas, em vez de fazer o que nenhuma senhora faz na sua, isto é, arvorá-la em parque ou passeio público?

Estas observações em nada podem alterar a bem estabelecida reputação que está ligada ao nome do Sr. Emilio Doux; é bem, pelo contrário, aos que têm merecimentos e inteligência que eu gosto de expor as minhas opiniões tais quais eu sinto; tenho a certeza de ser entendido, e atendido caso a razão dite as minhas palavras. (*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 28 de março de 1856, página 02, coluna 06).

Se o artigo de Furtado Coelho causou uma boa impressão no ambiente teatral do Rio de Janeiro é difícil dizer. No entanto, é possível supor que o folhetim escrito no *Correio Mercantil* pode ter lhe aberto portas, tanto que em agosto de 1856 foi contratado por Joaquim Heliodoro, empresário do Teatro Ginásio, para ser ensaiador dessa casa de espetáculos no lugar de Emilio Doux, que havia se transferido para o Pedro de Alcântara (Faria, 1993, p.130), (Faria, 2012, p.187). Esse tema abordaremos na sequência desse capítulo.

### **1.3 Furtado Coelho e a encenação do provérbio *Nem por muito madrugar amanhece mais cedo*.**

No mês de março de 1856, o Teatro Ginásio levou em cena somente dois dramas realistas, *O mundo equívoco* de Alexandre Dumas Filho, citado anteriormente, *Cinismo, Cepticismo e Crença* do dramaturgo português Augusto Cesar de Lacerda, além de várias comédias, tais como as peças *Estela ou O pai e a família*; *O celibatário e a menina*, ambas de Eugène Scribe; *O médico das crianças* de Anicet Bourgeois e Adolphe Dennery; e *As proezas de Richelieu* de Jean François Bayard e Philippe Dumanoir. Foi também encenado no palco do Ginásio o provérbio de Furtado, *Nem por muito madrugar amanhece mais cedo*, cuja estreia ocorreu no dia 25 de março, tendo ainda outras quatro encenações, nos dias 27 e 29 de março e 1 e 12 de junho. Em razão de não ter sido possível localizar essa obra, uma vez que provavelmente ela sequer teve uma edição, torna-se inviável a análise da peça. No entanto, alguns comentários encontrados nos jornais nos dão algumas pistas sobre o texto de Furtado Coelho. Vejamos melhor essas questões.

O jornal *O Correio da Tarde* de 8 de maio de 1856 publicou aos leitores nesse dia o parecer do conservatório dramático sobre a peça do artista português. Nele afirma-se:



*Parecer da comissão de censura sobre o proverbio: — Nem por muito madrugar amanhece mais cedo.*

« Devolvo o proverbio: — *Nem por muito madrugar amanhece mais cedo*, que foi-me remettido para dar o meu parecer. Entendo que póde ir á scena, porque não offende a moral publica, nem se oppõe ás disposições do decreto de 19 de Julho de 1855.

« Quanto ao seu merecimento, como produção, creio que está na razão do interesse do enredo. Wilson, Inglez, que se apresenta o primeiro em scena, fazendo a côrte á baroneza, não tem destino no drama, é a final convidado pela baroneza para jantar, certificando-lhe, que terá gelo americano para doitar no seu *Port-wine*: Porém casa elle com a baroneza? Não diz o drama, o termina apresentando Wilson só, a lastimar a falta de uma sociedade de beneficencia britannica, o que acha improprio da philantropia dessa nação; prometendo communicar a sua ideia á baroneza: o para que? Si a falta fosse de beneficencia baronil..., ainda a podia remediar querendo, porém dos Inglezes! não entendo. Talvez que a perseverança do autor nas suas composições lhe dó ainda bons titulos de gloria. E' esta a minha opinião, que sujeito a melhor juizo.

« Rio, 26 de Abril de 1856. »

**Fig.4:** *Correio da Tarde*, Rio de Janeiro, 8 de maio de 1856, p. 2, col. 5. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/090000/884>.

Como podemos observar, apesar da aprovação da peça, pois o texto “não ofende a moral pública”, o censor realizava algumas críticas. A primeira delas diz respeito a construção das ações, em que o personagem Wilson, cuja atuação foi desempenhada pelo ator Guilherme Orsat, “não tem destino no drama”, além de não ficar claro na peça, de acordo com o censor, se o personagem constrói matrimônio com a baronesa. Ademais, o responsável pela censura criticava a obra por nela não haver uma certa “sociedade de beneficência britânica”.

O parecer da censura parece ter irritado Furtado Coelho, pois no *Correio Mercantil* datado em 10 de maio, o artista português se defendia das críticas com as seguintes considerações:

Ninguém como eu tem menos confiança no valor de suas obras literárias, ninguém como eu por consequência é humilde na aceitação de uma censura, quando o bom senso e a razão, mostrando-me a verdade, me apontam onde está o erro.

Ora, uma censura feita, não particularmente por um amigo ou conhecido, porém com todo o caráter oficial de *quem está legalmente* constituído em *juiz de apreciador* de certa natureza de trabalhos literários, é de mais ponderosa para que eu fique silencioso, uma vez que me repugna aceita-la destituída de senso.

Não vem assinada – ignoro pois quem seja o censor; no entanto é dela responsável sem dúvida o presidente do mesmo conservatório o Sr. Bivar.

Serei explícito e breve, quanto me baste, para evidenciar as razões que me sobejam de não aceitar a censura; e é isto de tão fácil empenho, que o farei em duas penadas; - o empenho inglório na verdade, pois que o é sempre tudo o que em duas penadas se resolve.

Irei transcrevendo a censura textualmente, sujeitando-a frase por frase a análise que as minhas débeis forças couber. (*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 10 de maio de 1856, p. 2, col. 7).

Nesse início do artigo, Furtado Coelho demonstrava estar aberto às críticas, desde que o crítico, no caso o censor, apontasse onde estivesse o erro. No entanto, para o artista português, a censura, no caso os comentários contidos no parecer, estava “destituída de senso”. Em outras palavras, Furtado via erros na avaliação da peça por parte do censor e por isso entendia ser necessário realizar a defesa de sua obra a partir das colocações realizadas pela censura.

O artista português, então, na sequência do texto argumentava que o censor ao proferir a expressão “creio que está” não tem segurança quanto ao valor artístico da obra. Essa questão fica evidente no texto quando o artista debate que o responsável pela censura “crê apenas que ela [a obra] é assim ou assado; crê, desconfia, supõe...”. Vejamos:

Vejo que o censor, quem quer que seja ele seja, como juiz, é dócil ou modesto a ponto que, em vez de julgar do merecimento da obra, crê apenas que ela é assim ou assado; crê, desconfia, supõe, chega mesmo – quem sabe? – a ter suspeitas se a obra é ou não é, se tem ou não merecimento; porém vacila, receia, teme, não se decide, está perplexo, não forma o seu juízo, não tem opinião sobre o assunto...Muito bem; lá terá suas razões. (*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 10 de maio de 1856, p. 2, col. 7).

A argumentação de Furtado Coelho de que o censor não tinha conhecimento acerca dos pressupostos estéticos da peça a ser analisada fica mais evidente no parágrafo seguinte, uma vez que o artista explicava ao responsável pela censura que uma obra de gênero provérbio não tem enredo. Essa questão é fácil de entender, pois o censor em seu parecer denominava a obra de Furtado como sendo um drama, mas que na realidade era um provérbio. O artista português rebate, então, o censor, explicando que a obra por ser um provérbio não tem enredo e ainda explica sobre as características estéticas desse gênero:

Enquanto ao *interesse do enredo* (a frase é dele), querer que o haja em um provérbio, é ignorância nestes assuntos.

Se ninguém pode impedir um escritor de dar o *interesse do enredo* a um provérbio, a arte pelo menos não o exige.

O provérbio é apenas um desenvolvimento breve e ligeiro de ação entre dois ou mais personagens para justificar o *ditado* ou *rifão*, que lhe serve de título, e a que se chama também provérbio, palavra que se usa para qualificar o gênero do escrito dramático. No provérbio, tem-se em vista o estilo, a frase,

os jogos de palavras, os diálogos espirituosos e ligeiros; é, por assim dizer, uma conversação, e no momento que se lhe dê o *interesse do enredo*, embora o título do provérbio seja um provérbio, o provérbio deixará de ser provérbio. Que dirá o censor deste enredo?

Alfred de Musset (não sei se o censor conhece), o mais espirituoso escritor no provérbio, tem alguns que se compõem apenas de um diálogo. (*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 10 de maio de 1856, p.2, col.7).

Quanto ao destino do personagem Wilson no provérbio, Furtado Coelho defendia-se com as seguintes argumentações:

Diz mais a censura:

*“Wilson, Inglês, que se apresenta o primeiro em cena, fazendo a corte à baronesa...”*

É falso; Wilson está só em cena, é um personagem destacado da ação do provérbio, e apenas na cena final fala com a baronesa.

Como pode ele pois apresentar-se fazendo-lhe a corte?...

*“... não tem destino no drama...”*

Primeiramente é provérbio e não drama: a arte não admite confusões dessa ordem.

Enquanto ao Inglês não ter destino, sinto muito que o meu censor reparasse em tal; mas não sei o que na arte dramática se possa entender por ter ou não destino um personagem em qualquer peça.

Quererá saber para onde foi o Inglês? No final sabe-se que foi jantar com a baronesa.

O que ele fará depois? Os anjos que lhe respondam. Apenas direi que, para saber o que foi feito de um personagem além da peça em que ele aparece, se o personagem é histórico, lê-se o que haja escrito a seu respeito; se é uma criação do poeta, o destino desse personagem resume-se nos limites da peça, pois que, finda ela, cessou a criação e não existe mais tal personagem. (*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 10 de maio de 1856, p.2, col.7).

Na passagem acima, o censor ao escrever que “não tem destino no drama” abordava acerca de um possível problema estrutural na peça, no qual o personagem Wilson por ter poucas ações não tem destino no provérbio. Furtado Coelho esclarecia, então, que tal personagem ao final da obra “foi jantar com a baronesa”. É difícil realizar uma análise e interpretação minuciosa da peça, pois como já dissemos não foi possível ter contato com o provérbio do artista português. No entanto, parece-nos ser possível pensar que nesse gênero dramático as peças por serem curtas têm poucas ações e conseqüentemente não há a possibilidade de se construir um destino para os personagens, como acontece, por exemplo, nas peças dramáticas. Daí o estranhamento que causou ao censor, no qual acostumado a dar pareceres censórios sobre dramas e comédias, entendeu que o provérbio de Furtado Coelho era um drama e conseqüentemente havia problemas na construção do personagem Wilson.

Na sequência, o artista português continuava a sua defesa:

Continuemos:

*“... é afinal convidado pela baronesa para jantar, certificando-lhe que terá gelo americano para deitar no seu Port-Wine.”*

Quem certifica o Inglês ou a baronesa? Pela construção da sua frase, o censor faz ver que é o Inglês, quando pelo contrário é a baronesa quem afirma ter gelo ao jantar.

*“Porém casa ele com a baronesa? Não diz o drama.”*

Torno a observar que é provérbio, e não drama. Tenho notado que a palavra – drama – para o censor tem privilégio de molho de pasteleiro.

Pergunta-se, o Inglês casa com a baronesa? Não está má esta pergunta. Por que motivo quer saber se o Inglês casa ou não? É ser muito curioso, é pretender demais entrar nas vidas alheias. Ah! Agora entendo; temos a tal questão do destino do drama... Tenho muito pena de o não poder informar acerca dos grãos de possibilidade que há no tal casamento, porque eu próprio sendo o autor, duvido sobre o que a tal respeito poderia ter decidido a minha imaginação, se por ventura quisesse dar ao provérbio mais um ato. (*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 10 de maio de 1856, p.2, col.7).

Na citação acima, observa-se um tom jocoso e ao mesmo tempo insolente nas palavras do jovem Furtado, que naquela época tinha apenas 24 anos. Essa interpretação fica evidente no momento em que nosso artista afirma que para o censor a palavra drama “tem privilégio de molho de pasteleiro” ou na passagem em que Furtado Coelho afirma que o responsável pela censura pretende de maneira demasiada “entrar nas vidas alheias”, no caso na vida dos personagens. Porém, o fundamental a destacar na argumentação do artista português é novamente o tema que envolve as ações e os destinos dos personagens no provérbio. Em razão de o censor querer saber se o personagem Wilson, Inglês, constitui matrimônio com a baronesa, Furtado Coelho explicava que essa questão não pode ser debatida, pois caso escrevesse mais um ato ao provérbio, a sua imaginação poderia formular vários destinos para os personagens, ou seja, eles poderiam ser casar ou não.

Na continuidade da argumentação, Furtado Coelho continuou a demonstrar uma postura irritadiça para com o censor, procurando o artista não responder as questões levantadas pela censura, mas preferindo criticar o seu opositor quanto a um possível erro de ortografia, envolvendo a palavra “baronil”. Vejamos:

Continua:

*“... e termina apresentando Wilson só, a lastimar a falta de uma sociedade de beneficência britânica, que acha impróprio da filantropia dessa nação.”*

Como nestas linhas o censor apenas relata o que leu, e não se lembrou de censurar, passo adiante.

*“Prometendo comunicar a sua ideia à baronesa, e para que?...”*

São perguntas demais - é uma curiosidade barbara que não estou disposto a satisfazer, porque não estou para isso.

O censor tem o seu que de massador. Não sei porque não me perguntou para que tinha eu escrito o provérbio; responder-lhe-ia se isso era da sua conta.

Diz mais:

*“Se a falta fosse de beneficência baronil...”*

Baronil!!! Não conheço este monstruoso adjetivo. Se descende da palavra – baronesa – é filho bastardo; se há na palavra erro tipográfico e deve ser varonil, pior um pouco porque vai contestar o sexo da baronesa... Horror! (*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 10 de maio de 1856, p.2, col.7).

Por fim, Furtado Coelho finalizava o seu texto com a seguinte conclusão:

Continua

*“Ainda a podia remediar querendo, porém dos Ingleses! Não entendo”*

Está como eu que também não o entendo – felizmente!

Segue:

*“Talvez que a perseverança do autor nas suas composições lhe dê ainda bons títulos de glória”.*

Obrigado por esta gota de mel, e pelo imenso alcance das suas vistas a respeito da lisonjeira probabilidade do meu futuro literário.

Conclue:

*“É esta a minha posição que sujeito a melhor juízo”*

E faz bem. Só me resta pedir desculpa ao ilustre censor de lhe a sujeitar por esta forma ao público.

Rogo a Vm., Sr. redator, o especial valor de inserir estas linhas no seu valioso jornal. (*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 10 de maio de 1856, p.2, col.7).

Apesar do embate entre Furtado Coelho e o censor ter ocorrido no início do mês de maio, a estreia da peça realizou-se como vimos no final deste mês. E foi no final do mês que surgiu a crítica acerca do provérbio do artista português realizada por Souza Ferreira no Folhetim *Theatros* do *Diário do Rio de Janeiro* de 31 de maio de 1856 e uma pequena nota não assinada no *Correio Mercantil* de 25 de maio de 1856. Vejamos de início o texto do *Correio Mercantil*. A nota contida no jornal citado de 25 de maio de 1856, data de estreia do provérbio, afirmava que a obra de Furtado Coelho iria agradar “aos amadores da simplicidade em assuntos teatrais”. (*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 25 de maio de 1856, p.1, col.2). Além do mais, no texto, chama-nos a atenção uma inovação apresentada durante a encenação, em que muito provavelmente o ator Amoedo no papel de Eduardo recita um poema acompanhado de uma canção ao piano. A nota explicava, então, que o poema é uma composição de Furtado Coelho, visto que esse foi publicado no *Album dos Salões*<sup>4</sup>, revista que o artista português criou em parceria com o poeta e tradutor de *O Mundo Equívoco*, Augusto Emilio Zaluar. A nota afirma:

<sup>4</sup> Nos folhetins do *Correio Mercantil* de 20 de abril 1856 e do *Diário do Rio de Janeiro* de 25 de maio 1856 há alguns comentários sobre a revista criada por Furtado Coelho e Augusto Emilio Zaluar. No *Diário do Rio de Janeiro*, por exemplo, o folhetinista L.a. explica que na obra são publicadas músicas, isto é, partituras musicais e poesias.

— Sóbe hoje á scena no Gymnasio um proverbio do Sr. Furtado Coelho *Nem por muito madrugar amanhece mais cedo*. E' uma delicada composiçãõ que deverã agradar aos amadores da simplicidade em assumptos theatraes. Uma innovaçãõ, que deve tambem ter bom acolhimento, é a *recitaçãõ ao piano* que tem logar n'uma das scenas do proverbio. O protagonista recita, acompanhando-se ao piano, uma graciosa poezia já publicada no *Album dos Salões* do mesmo Sr. Furtado Coelho.

**Fig.5:** *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 25 de maio de 1856, p.1, col.2. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/217280/11898>.

Já o texto de Souza Ferreira, que por se preocupar em analisar a peça teatral, ofereceu-nos informações importantes sobre o provérbio de Furtado Coelho. O folhetinista iniciava a análise da obra, informando que a ação se passa na cidade de Petrópolis e que nessa localidade vive uma moça, sendo que ela se casa com um certo barão. A jovem adquire, portanto, o título de baronesa. No entanto, passado alguns anos ocorre a morte do barão. Esse fato faz com que a baronesa ganhe a companhia da jovem Ernestina, tornando essa personagem uma espécie de pupila. Souza Ferreira tece o seguinte comentário sobre a personagem:

A viúva titular vivia em Petrópolis, e tinha em sua companhia como pupila a jovem Ernestina, linda moça de 18 anos, e que sentia no lado esquerdo do peito certas pancadinhas mais fortes quando via o Sr. Eduardo. (*Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 31 de maio de 1856, p.1, col.2).

Sobre Eduardo, é informado aos leitores do folhetim que o personagem é poeta e que durante as cenas costuma recitar as suas poesias. Surge, então, o tema amoroso no provérbio, já que tanto a baronesa quanto a sua pupila apaixonam-se pelo jovem poeta. No entanto, Eduardo só corresponde ao amor de Ernestina. Sobre esse tema, Souza Ferreira explica:

A baronesa amou-o [Eduardo] com toda a força de uma alma comprida longo tempo; Ernestina com toda a expansão de um primeiro afeto aos dezoito anos. Eduardo não compreendeu o amor da baronesa, não ouviu grito de desespero que soltava essa alma sequiosa de paixão; mas viu e partilhou o amor de Ernestina. A triste baronesa sofreu em silêncio ainda esta decepção; também não via ela um incêndio que lavrava ao seu lado, o amor de Wilson. (*Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 31 de maio de 1856, p.1, col.3).

Como vimos no fragmento acima, a baronesa, por outro lado, tem a admiração do personagem Wilson. No entanto, esse personagem por ter uma postura “excêntrica” sempre perdia a oportunidade de se declarar à baronesa. Souza Ferreira explica:

Era esta uma paixão excêntrica, britânica, uma paixão que se afogava numa leitura de *Times*, e que sentindo não poder em Petrópolis refrescar-se com os sorvetes de *Francioni* e *Port Wine*, ia-se contentando com algumas laranjas. Eis aí o estado desses corações certo dia em Petrópolis: Ernestina e Eduardo amam-se e o sabem; Wilson volteia em torno da baronesa, e perde sempre a ocasião de fazer a sua declaração: uma linda camélia que passa das tranças de Ernestina para o seio de Eduardo é o sinal precursor do juramento que brevemente os há de unir perante o altar. A notícia de que o jantar está sobre a mesa, e que haverá gelo americano, interrompe a vigésima tentativa de declaração por parte de Wilson. (*Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 31 de maio de 1856, página 01, coluna 03).

Após comentar acerca da obra de Furtado Coelho, Souza Ferreira analisou a atuação dos atores na peça. O articulista elogiou o desempenho da atriz Adelaide do Amaral no papel da jovem Ernestina, visto que a atuação da artista “foi compreendido e desempenhado de modo a satisfazer os mais exigentes” (*Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 31 de maio de 1856, p.1, col.4). Quanto à atriz Gabriela da Cunha, Souza Ferreira argumentou que a artista desempenhou de maneira correta o papel de Baronesa.

Por outro lado, em relação ao ator Guilherme Orsat, o folhetinista entendeu que o artista não desempenhou de maneira satisfatória o papel de Wilson. O crítico argumentou que Guilherme Orsat exagerou ao desempenhar o seu personagem e conseqüentemente eliminou-se a tal “excentricidade britânica”. O crítico explica:

O Sr. Orsat exagerou a caricatura do Inglês apaixonado e irresoluto; não teve a excentricidade britânica, mas uma imensidade de gestos grotescos, que fazem rir, mas não reproduzem o caráter. Ridiculariza-se esse tipo dando-se à personagem movimentos automáticos, uma seriedade, um ar importante no desempenho dos atos mais frívolos, uma solenidade expressão ao pronunciar as maiores futilidades. (*Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 31 de maio de 1856, p.1, col.4).

Souza Ferreira aproveita ao final da análise da peça e da atuação dos atores para elogiar Furtado Coelho. O articulista pede desculpas ao artista por ter “mutilado a sua graciosa composição”, ou seja, em razão do pouco espaço destinado a crítica Souza Ferreira abordou somente alguns pontos presentes no provérbio. Ademais, o crítico elogia a obra de Furtado Coelho, principalmente no que diz respeito à parte estrutural da peça, isto é, na questão que envolve o “hábil encadeamento de cenas” e nos diálogos que são “animados” e “espirituosos”. Afirma o folhetinista:

[no provérbio] a ação é muito simples, não é uma rigorosa composição dramática, mas uma meia hora deliciosa, um hábil encadeamento de cenas,

nas quais brilha sempre o diálogo animado, espirituoso e bem conduzido, um todo mimoso, delicado e ligeiro, que, como o fruto saboroso, deixa uma agradável impressão; uma coisa que não se deve contar, mas que se deve ouvir. (*Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 31 de maio de 1856, p.1, col.4).

Assim, o fato do Ginásio levar em cena o provérbio de Furtado Coelho mostra-nos uma certa admiração da direção desse teatro pelo trabalho do artista. No entanto, uma questão curiosa chama-nos a atenção. Apesar do Teatro Ginásio encenar nos anos cinquenta do século XIX dramas realistas franceses e até mesmo portugueses, a direção do teatro preferiu não subir à cena o drama *O Agiota* de Furtado, mas como vimos o seu provérbio. Talvez nunca saberemos o motivo de tal escolha.

#### 1.4 Furtado Coelho: Ensaaiador do Teatro Ginásio

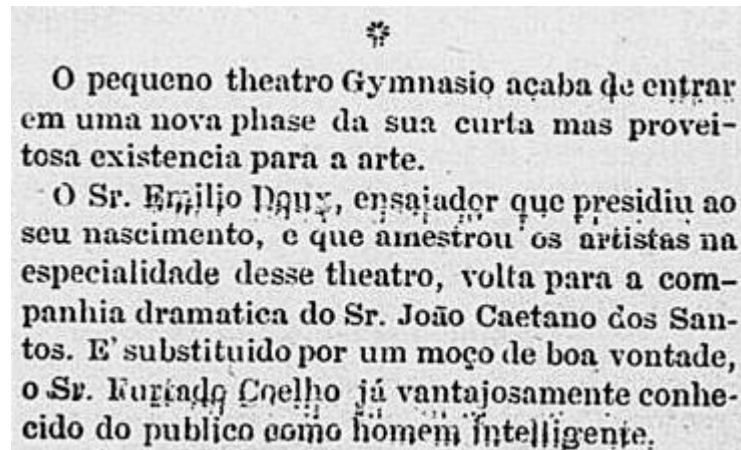
A possível boa impressão que Furtado Coelho provocou ao analisar *O Mundo Equívoco* no folhetim do *Correio Mercantil* de 28 de março de 1856, a encenação do provérbio *Nem por muito madrugar amanhece mais cedo* e o encontro do artista com Joaquim Heleodoro, em que o empresário viu no jovem artista “competência em assuntos teatrais” (Pereira; Rodrigues, 1907, p.645) acarretaram que no mês de julho de 1856 os jornais *Correio Mercantil* e *Diário do Rio de Janeiro* informaram a contratação do artista português como ensaiador do Teatro Ginásio no lugar de Emilio Doux, que havia se transferido para o Teatro São Pedro de Alcântara (Faria, 1993, p.130), (Faria, 2012, p.187). Sobre a contratação de Furtado Coelho, uma nota no *Correio Mercantil* de 9 de julho de 1856 tecia os seguintes elogios ao artista português:

— Em consequencia de haver deixado o Sr. Emilio Doux o logar de ensaiador do Gymnasio, toma conta desse cargo o Sr. Furtado Coelho, escriptor dramatico, já conhecido nesta cõrte por alguns trabalhos litterarios. O talento e illustração do Sr. Furtado Coelho deixão suppor que o Gymnasio não soffrerá differença alguma no que diz respeito á arte: quanto á união e boa harmonia da companhia, estão estas garantidas pela amabilidade desse senhor, assim como pela mutua complacencia e amizade que naquelle theatro reina entre todos os artistas.

**Fig.6:** *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 9 de julho de 1856, página 01, coluna 02. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/217280/12076>.



Já em 14 de julho de 1856, em *Páginas Menores* no mesmo periódico, o folhetinista que assina o texto com a inicial “M.”, realizou o seguinte comentário sobre a contratação do artista:



✻

O pequeno theatro Gymnasio acaba de entrar em uma nova phase da sua curta mas proveitosa existencia para a arte.

O Sr. Emilio Doux, ensaiador que presidiu ao seu nascimento, e que amestrou os artistas na especialidade desse theatro, volta para a companhia dramatica do Sr. João Caetano dos Santos. E' substituido por um moço de boa vontade, o Sr. Furtado Coelho já vantajosamente conhecido do publico como homem intelligente.

**Fig.7:** *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 14 de julho de 1856, página 01, coluna 03. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/217280/12096>.

Quanto ao *Diário do Rio de Janeiro*, os comentários acerca da chegada de Furtado Coelho ao Teatro Ginásio foram escritos por Sousa Ferreira no folhetim *Theatros*:

O Sr. Emilio Doux deixou o lugar de ensaiador e diretor de cena do Teatro Ginásio, e vai dirigir a companhia do Sr. João Caetano; foi substituído pelo Sr. Furtado Coelho, o qual espero, conservará ao Ginásio a boa fama que em pouco tempo tem adquirido. O Sr. Furtado Coelho tem talento, desejo de trabalhar e de ilustrar-se; com essas qualidades e disposições tudo se consegue. Demais, encontra na companhia artistas de merecimento, unidos entre e animados do desejo de fazer progredir o teatro, em cuja cena mais se tem distinguido. (*Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 12 de julho de 1856, p.1, col.7).

No entanto, se no *Diário do Rio de Janeiro* e no *Correio Mercantil* encontramos um entusiasmo pela chegada de nosso artista ao Ginásio, no *Correio da Tarde* de 15 de julho de 1856 uma crítica assinada por um certo “Dr. Til” afirmava que Furtado Coelho pegaria o trabalho de Emilio Doux pronto, mostrando uma certa antipatia com o ensaiador português:

[...] o Sr Doux saiu, mas deixou o pão para os outros comerem; o Sr. Furtado Coelho entrou, mas achou a fatia prontinha; não lhe faltará contudo que fazer; e dado mesmo que fosse encontrar a companhia amestrada pelo Sr. Doux, lá virá ocasião em que se há de dar a perros não só pela impossibilidade de dobrar o vergalhão que a nada cede, como pelas pontas de pregos que há nos bastidores e que nos arpeam (sic) a miúdo. (*Correio da Tarde*, Rio de Janeiro, 15 de julho de 1856, p.3, col. 2).

Assim, em meio a elogios e antipatias, em 27 de julho de 1856, Furtado Coelho estreou como ensaiador do Teatro Ginásio, encenando a peça *A Última Carta* do dramaturgo português Augusto Cezar de Lacerda<sup>5</sup>.

O espetáculo parece ter sido bem recebido pelo público, pois no *Diário do Rio de Janeiro*, três dias depois, duas notas não assinadas realizaram elogios ao ensaiador português. A primeira afirmava o seguinte:

Representa-se hoje no Ginásio em primeira repetição a comédia original *A Última Carta* do autor português A.C. Lacerda, continuação do *Dois Mundos* do mesmo autor, que igualmente se repete essa noite. Metida em cena pelo Sr. L.C. Furtado Coelho, cujo bom gosto foi aplaudido na primeira representação, a comédia oferece uma noite agradável aos frequentadores do Ginásio. (*Diário do Rio de Janeiro*, 30 de julho de 1856, p.1, col.6).

Já a segunda nota, teceu os seguintes comentários:

Sobe hoje à cena no Ginásio, em primeira repetição, a interessante comédia *Última Carta*, continuação dos *Dois Mundos*, ambas do mesmo autor o Sr. Lacerda. A noite de domingo provou a alguns espíritos agouzeiros que o Ginásio não recuou, como esperavam, com a saída do hábil ensaiador o Sr. Doux. Sua substituição pelo Sr. F. Coelho foi completa. Tudo o que disse respeito à disposição e decoração da cena, esteve, se não perfeito, ao menos tão bem executado quanto se pode exigir entre nós. (*Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 30 de julho de 1856, p.1, col.6).

No entanto, como analisa Faria (2012, p.218), os melhores comentários sobre o trabalho de Furtado Coelho como ensaiador do Ginásio foram escritos por Quintino Bocaiúva que na época era folhetinista do *Diário do Rio de Janeiro*. Isso é o que podemos observar no folhetim de 31 de julho de 1856, em que o articulista citado apresentava os seguintes elogios ao ensaiador português:

Antes de tudo, um cumprimento de felicitação cordial e singular ao sr. L.C. Furtado Coelho, pelo esmero, bom gosto e propriedade que presidiu à decoração e à disposição da cena. Para aqueles que não conhecem os nossos teatros, ou que os conhecem menos perfeitamente, o seu trabalho pareceria talvez um trabalho sem esforço, uma obra linda, é verdade, mas natural e fácil; para mim porém e para todos os que têm uma ideia, se não completa, ao menos muito aproximada, do estado de nossa cena, das dificuldades e óbices que tem a superar um ensaiador inteligente e dedicado, ele foi a revelação de muito estudo e de muito esforço

---

<sup>5</sup> *A Última Carta* foi representada pela primeira vez em Portugal no Teatro Ginásio de Lisboa no dia 1 de março de 1856 (Lacerda, 1856).

de sua parte, estudo e esforço que têm direito à cooperação do público, isto é, ao reconhecimento de sua aptidão e de sua inteligência. (*Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 31 de julho de 1856, p.1, col.2).

Em razão da obra de Cezar de Lacerda ter sido a primeira peça teatral ensaiada por Furtado Coelho, parece-nos importante realizar um breve comentário sobre o enredo da obra. *A Última Carta* apresenta como personagem principal o jovem Fernando, que no passado se apaixonou por Constança, uma cortesã e amante de Seabra, um rico comerciante. No entanto, Constança, que também se apaixona por Fernando, decide não viver com ele, pois isso seria desonrar o jovem personagem. Esse fato faz com que a cortesã decida viver num recolhimento, uma espécie de asilo ou casa religiosa, mas sendo que essa não dispõe de votos de religião. Já Seabra, apesar de não aceitar o desenrolar dos acontecimentos, isto é, o fim do relacionamento com a cortesã, continua a amparar Maria, filha de Constança, acontecimento esse que já ocorria desde a época em que a cortesã era amante do capitalista. Decorridos alguns anos, Fernando, que neste momento é um rico comerciante, pois herda a fortuna do seu antigo patrão, recebe uma carta de Constança, na qual a ex-cortesã pede que o jovem comerciante comece a cuidar de Maria. Fernando, ainda apaixonado por Constança, atende o pedido da amada. No entanto, há o empecilho de Seabra, que não aceitará perder a guarda da jovem. Está, assim, formado o conflito dramático. Quanto aos aspectos temáticos, *A Última Carta* aproxima-se ao drama realista, pois aborda os temas da prostituição e da agiotagem, além de defender os valores da família e o amor no casamento.

Quintino Bocaiúva em seu folhetim de 31 de julho, após elogiar Furtado Coelho e realizar alguns comentários sobre o drama, analisou a atuação dos atores. E é esse conteúdo do texto que nos interessa, pois está intimamente relacionado ao trabalho do ensaiador. O folheminista entendeu, então, que os artistas compreenderam de forma satisfatória os seus personagens, chamando-nos a atenção o comentário acerca do ator Amoedo, que progrediu no aspecto que envolve a naturalidade de interpretação. Com isso, podemos supor que o início do trabalho de Furtado Coelho como ensaiador, orientando os atores e atrizes no desenvolvimento de seus papéis, teve o resultado esperado:

No desempenho deste papel lisonjeio-me de ter ocasião de elogiar sinceramente ao Sr. Amoedo, artista moço e inteligente, que, por isso mesmo, está, na obrigação de aperfeiçoar cada vez mais o seu talento. Confesso mesmo que nessa noite notei-lhe algum progresso, mais acentuação das frases, mais comedimento nas expressões, mais naturalidade e força na representação de seu caráter. (*Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 31 de julho de 1856, p.1, col.6).

Os comentários sobre a peça de Cezar de Lacerda não haviam se esgotado, tanto que em 7 de agosto de 1856 novamente Quintino Bocaiúva, em seu espaço destinado à crítica teatral, publicou uma carta de um amigo de inicial “J” (Faria, 2012, p.188). Esse amigo que assistiu à apresentação de *A Última Carta* realizou vários comentários sobre a peça de Cezar de Lacerda e em certo momento do texto afirmava não concordar com a distribuição cênica dos móveis, além de não estar de acordo com o fato de os atores estarem de costas para o público. De acordo com “J”, tal representação cênica e atuação “é um luxo de realismo no teatro”:

Segundo me disseram, o ensaiador do Ginásio é moço de talento conhecido, e tem amor à arte; verifiquei pela disposição cênica que tinha bom gosto. Mas confesso-te que não concordo com aquela distribuição de cadeiras e sofás no primeiro ato, pondo os atores de costas para o público; é um luxo de realismo no teatro, onde o sol é de papel, as nuvens de papelão, e o mar um lençol passado pelo anil. Olha, um sofá de um lado, uma conversadeira no centro, as atrizes sentadas aqui e ali, os atores em torno dela borboleteando ou vendo jogar o *wist*, produzia mais efeito. (*Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 7 de agosto de 1856, p.1, col.5).

O folhetinista do *Diário do Rio de Janeiro* não se eximiu de responder ao seu amigo, tanto que no folhetim de 14 de agosto, temos a seguinte resposta (Faria, 2012, p.188):

Entretanto permita-me o meu amigo que discorde de sua opinião, quando entendeu um luxo de realismo a disposição cênica do teatro, que obrigou alguns atores a dar as costas para o público.  
O palco é um campo neutro, consintam-me; o ator não tem costas. Ele é surpreendido em sua casa pelo público, só com a diferença de que é sempre surpreendido em posições visíveis, em situações discretas.  
No palco há a vida, e seu desenvolvimento tal qual o mundo.  
Não acho pois inconveniente, e muito menos fora do natural que o ator que está sentado a uma mesa de jogo, por exemplo, tenha as costas, voltadas para o público, como num salão estaria também voltado para as pessoas, por mais distintas que fossem, que assistissem, ou tivessem ido vê-lo jogar. (*Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 14 de agosto de 1856, p.1, col.5).

Faria (2012, p.188) analisou os dois textos acima e explica que o fato de Furtado Coelho organizar os móveis cênicos, fazendo com que os atores ficassem de costas para o público, evidencia o procedimento teatral realista conhecido como “quarta parede”. Mas o que devemos ainda salientar é que tais inovações cênicas não foram um método criado pelo ensaiador português, mas procedimentos que já eram utilizados desde os anos 50 pelo Théâtre Gymnase Dramatique de Paris (Faria, 2012, p.188). Desse fato, é possível supor que Furtado Coelho, no

período em que ainda vivia em Lisboa, teve contato com as inovações propostas pelo teatro parisiense. Essas questões, Faria (2012) explica:

Mas se em meados dos anos de 1850 algo parecido acontecia na cena do Ginásio, é porque também em Paris os procedimentos realistas já estavam sendo utilizados. Muito provavelmente, Furtado Coelho tinha notícias do que se passava no palco do Théâtre Gymnase Dramatique, dirigido por Montigny. Foi esse ensaiador, segundo o crítico Sarcey, o responsável pela valorização do espaço cênico em moldes realistas, o que significa que buscou reproduzir, no palco, por meio de móveis e objetos concretos, os ambientes burgueses do seu tempo. Além disso, Montigny baniu a declamação, o vício dos artistas dirigirem-se ao centro da cena no momento de suas falas e todo tipo de exagero na interpretação. (Faria, 2012, p.188).

Após a encenação de *A Última Carta*, que teve quatro apresentações<sup>6</sup>, a direção do Teatro Ginásio continuou a apostar na encenação de dramas realistas franceses e portugueses, levando em cartaz as peças *Por Direito de Conquista* de Ernest Legouvé, *O Mundo Equívoco* e *A Dama das Camélias* de Alexandre Dumas Filho, *A Joconda* de Paul Foucher, *A Crise* de Octave Feuillet, *As Mulheres de Mármore* de Théodore Barrière e Lamber Thiboust, *Os Homens de Mármore* de José da Silva Mendes Leal Junior e *Dois Mundos* de Augusto Cezar de Lacerda. Quanto ao trabalho de Furtado Coelho na direção dessas peças, os críticos teatrais pouco comentaram, a não ser Quintino Bocaiúva que manifestou haver ocorrido problemas na construção do realismo cênico na peça *Por Direito de Conquista* (Faria, 2012, p.189), e o comentário de um leitor anônimo que elogiou a mise-en-scène na obra *Os Homens de Mármore*. Em relação à peça de Ernest Legouvé, a crítica do folhetinista do *Diário do Rio de Janeiro* baseou-se no fato de que em determinada cena o correto seria que os atores conversassem sentados e não de pé, uma vez que tomados em um assento reproduzia-se “com fidelidade o hábito do cotidiano que a cena devia representar” (Faria, 2012, p.189). Quintino Bocaiúva então explica:

Não lhe parece mais conveniente e mais próprio, na cena do encontro entre a marquesa de Oberval, Jorge e Bernardo, fazê-los sentar, como é mais natural, para depois então encetarem e continuarem a conversação que sustentam em pé? (*Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 4 de setembro de 1856, página 01, coluna 06).

---

<sup>6</sup> A peça de Augusto Cezar de Lacerda foi encenada nos dias 27 e 30 de julho de 1856 e nos dias 1 e 13 de agosto do mesmo ano.

Já o comentário do leitor anônimo que surgiu no *Diário do Rio de Janeiro* de 7 de setembro de 1856, não apresenta detalhes de como foi apresentado a mise-en-scène na peça de Mendes Leal, mas informa que Furtado Coelho acertou na montagem do espetáculo:

Repete-se amanhã no Gymnasio o applaudido drama do Sr. Mendes Leal — *Os homens de marmore*, que subio á scena pela primeira vez neste theatro na noite de sexta-feira.

A *mise en scene* faz honra ao bom gosto do ensaiador e mostra que o Gymnasio continua a corresponder ao favor do publico, não se poupando as despesas que reclamão o completo e apropriado ornato das peças que leva á scena.

**Fig.8:** Diário do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 7 de setembro de 1856, p.1, col.5. Disponível em [http://memoria.bn.br/DocReader/094170\\_01/43732](http://memoria.bn.br/DocReader/094170_01/43732).

Assim, excluindo a falha apontada por Quintino Bocaiúva em *Por Direito de Conquista*, o primeiro trabalho de Furtado Coelho no Teatro Ginásio, isto é, a direção da peça *A Última Carta*, foi bem recebida pelo folhetinista do *Diário do Rio de Janeiro*, mostrando que a falta de experiência para a função foi suprida a partir do contato que o nosso artista teve com as companhias francesas que em Lisboa apresentavam dramas realistas e certamente com frequentes estudos que envolviam o realismo cênico.

### 1.5 Furtado Coelho e a polêmica das traduções

No mesmo período em que o artista português realizava o seu trabalho como ensaiador do Teatro Ginásio, Furtado Coelho traduziu a peça francesa *A Joconda* e realizou alterações na peça *Por direito de conquista*, obra traduzida por J. J. Vieira Souto. No entanto, se o desempenho na função de ensaiador lhe rendeu elogios, o trabalho de tradutor causou várias críticas ao nosso artista. Vejamos essas questões. No folhetim *Theatros* do *Diário do Rio de Janeiro* de 4 de setembro de 1856, Quintino Bocaiúva ao comentar sobre a peça *Por direito de conquista* aproveitou para afirmar o seguinte sobre a tradução da obra:

O Ginásio sabe melhor que ninguém, quanto é superior a tradução castigada e pura das peças francesas a essas traduções descuidadas e ligeiras que fazem em algumas horas, em retalhos e em qualquer parte. Isto não quer dizer que a tradução da comédia *Por direito de Conquista* seja inteiramente má. Tem, porém, certos defeitos, certas frases inconsideradas,

com cuja eliminação ficará, se não perfeita, pelo menos limada. (*Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 4 de setembro de 1856, p.1, col.5).

O comentário do folhetinista do *Diário do Rio de Janeiro* desagradou J.J. Vieira Souto, tradutor oficial do Teatro Ginásio, tanto que no *Correio Mercantil* de 5 de setembro de 1856 o profissional escreveu em sua defesa. Vieira Souto explicava, então, que de fato a peça foi traduzida por ele, mas que após a tradução, Furtado Coelho realizou alterações, sem que essa fosse apresentada ao responsável, no caso Vieira Souto. Essa confusão entre os dois profissionais do teatro parece ter sido séria nos bastidores do Ginásio, pois o tradutor tendo um contrato até abril de 1857, decidiu se retirar dessa casa de espetáculos. Ou seja, é bem provável que Vieira Souto teria se recusado a trabalhar ao lado de Furtado:

Iniciado nos mistérios de bastidores do teatro do Ginásio o Sr. Q. B., não deve ignorar a ocorrência que houve entre mim e a direção da empresa por ocasião de arrogar-se o novo ensaiador o Sr. Furtado Coelho o direito de alterar a tradução da comédia *Por direito de conquista* por mim feita, e antes mesmo de ser revista e correta, (direito que contestaria a qualquer ensaiador e muito provavelmente ao Sr. Furtado Coelho a quem não julgo em circunstâncias de dar lições), o que deu em resultado a minha despedida do lugar de tradutor apesar de ter um contrato garantido até abril de 1857. (*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 5 de setembro de 1856, p.2, col.1).

Vieira Souto, na sequência da sua defesa, pedia, então, a Quintino Bocaiúva dirigir as suas críticas ao ensaiador do Ginásio:

Assim, escrevendo o Sr. Q B o trecho que deixo inscrito, deverá com franqueza dirigir-se ao Sr. Furtado Coelho, que corrigiu a tradução da comédia *Por direito de conquista*, e não dizer encapodadamente o que disse, do modo que quem ignorar o ocorrido acreditará que a mim é dirigida a crítica do Sr. Q. B.; crítica que me não cabe por não poder eu aceitar a responsabilidade de um trabalho muito emendado depois que saiu de minha mãos, embora se possa dizer que ficou pior a emenda do que o soneto. Todavia, será bom que o Sr. Q.B denuncie com franqueza os erros e defeitos que encontrou para que se possa saber quem é o pai da criança. (*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 5 de setembro de 1856, p.2, col.1).

Quintino Bocaiúva, lendo a resposta de Vieira Souto, resolveu voltar a esse assunto, respondendo ao tradutor, no *Diário do Rio de Janeiro* de 6 de setembro. O crítico literário, em uma postura claramente de defesa a Furtado Coelho, argumentava que se o ensaiador realmente adulterou a peça é necessário provar. Além do mais, Quintino Bocaiúva entendia que a

responsabilidade da tradução é daquele, cujo nome vem indicado nos anúncios e cartazes da peça<sup>7</sup>:

Pouco tenho a dizer, por isso que o Sr. Souto e eu estamos de acordo em que a tradução, por mim censurada, é realmente defeituosa. Se, porém, os erros pertencem ao Sr. Souto como tradutor, ou ao Sr. Furtado Coelho que, como diz o Sr. Souto, corrigiu e adulterou a sua obra, é o que resta a provar.

Para mim e para o público a responsabilidade cabe a quem vem indicado nos anúncios e cartazes do teatro como o tradutor da comédia.

Portanto, meu caro Sr. Souto, não vou consigo (entre parênteses, vou consigo é uma das belezas que se nota na tradução a que nos referimos) quando entende que eu devia abandonar o autor conhecido dos defeitos da peça traduzida para arremeter contra o Sr. Furtado Coelho que não foi indicado como tal. (*Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 6 de setembro de 1856, p.2, col.5).

Como não poderia ser diferente, o jovem Furtado, que já havia entrado em polêmica com o censor do conservatório dramático, ao ver seu nome citado nos jornais, escreveu um texto na tentativa de explicar o ocorrido. O artista, numa postura agressiva em relação ao tradutor, relatava que a tradução de Vieira Souto tem problemas, e que tais erros causam prejuízos à língua, ao teatro, ao público e a arte:

Sr. redator. — Na sua folha de anteontem apareceu uma correspondência assignada pelo Sr. J. J. Vieira Souto, protestando contra as emendas e correções feitas por mim na sua tradução da comedia em três atos de Ernest Legóuvé — *Par droit de conquête*, que está em cena atualmente no Teatro do Ginásio.

Nessa correspondência refere-se o mesmo senhor a algumas linhas de um folhetim do Sr. Q. B. transcrito do *Diário do Rio de Janeiro*, em que seu autor com toda a razão notou incorreções na tal tradução; e lembra ao Sr. Q. B. que deveria ter dirigido a mim as suas censuras, pois que o que se apresentou a público foi a minha emenda, e não a sua tradução original.

Bem. Não me caberia jamais o desgosto de dizer mui abertamente que o Sr. Souto não conhece o francês, assim como não conhece o português, se S. S. a isso me não levasse, por uma vaidade cega, irmã gêmea quase sempre do pouco merecimento e da inaptidão.

Costumo justificar-me quando me dou ao incomodo de o querer fazer da maneira mais curta, breve e lacônica que é possível.

Apresentando em seguida, da maneira mais patente, qual o modo porque o Sr. Souto sabe verter para a nossa língua os escritos de qualquer autor francês que por desgraça lhe caem nas mãos, ficará o leitor convencido que eu não poderia ter consentido em que tal tradução passasse assim impunemente em prejuízo

---

<sup>7</sup> Nos dias 8, 27 e 29 agosto de 1856 a seção de espetáculos do *Jornal do Commercio* informa a tradução de *Por Direito de Conquista* por J. J. Vieira Souto. No entanto, nos dias 7, 12 e 21 de setembro e 5 e 22 de outubro o mesmo periódico não informa o tradutor da peça. É provável que Vieira Souto tenha pedido para retirar o seu nome do cartaz que anuncia o espetáculo.



da língua, do teatro, do público e da arte. (*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 8 e 9 de setembro de 1856, p.2, col.3).

Foi necessário, então, segundo Furtado Coelho, realizar na peça dramática cento e cinquenta correções, que ele denominou como emendas, mas deixando claro que o melhor seria realizar uma outra tradução. Além do mais, ao final do trecho, o ensaiador português argumentava ocorrer uma certa má fé contra ele, dando a transparecer que toda essa polêmica tinha o objetivo de prejudicá-lo:

Sei, como o Sr. Q.B., que ainda há incorreções na peça, porém lembro que fiz mais de 150 emendas, e que havendo-se na *prosa de partes* gasto dois dias de trabalho para emendar o 2º ato, não foi possível emendar tudo o que devia e deve ser emendado. Seria melhor em tal caso fazer uma outra tradução, porém a do Sr. Souto estava no teatro desde fevereiro, e estava paga; para não se perder tempo e dinheiro, que são em todas as coisas muito preciosos (sic), deu-se-lhe o melhor remédio que foi possível.

Erros há em uma tradução que para serem emendados vão implicar às vezes comum período inteiro; e assim, repito, a mexer nesses, cair-se-ia na necessidade de fazer uma nova tradução.

Eu tenho o tempo muito ocupado. Se eu não visse claramente a má fé que há em todo este negócio contra mim e contra o teatro, má fé filha de mal-entendido despeito e de parvas pretensões, eu não responderia. (*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 8 e 9 de setembro de 1856, página 02, coluna 05).

Furtado, ao final do artigo, apresentou as alterações que foram feitas, mas aproveitou para mais uma vez atacar Vieira Souto, qualificando o tradutor como um sujeito lamurioso:

Não tenho tempo nem paciência para mais, e nunca pensei que o Sr. Souto tivesse a habilidade de me fazer distrair, a despeito da minha própria vontade, das minhas sérias ocupações, para lhe dar ouvidos aos seus inofensivos e impertinentes lamúrias. (*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 8 e 9 de setembro de 1856, página 02, coluna 05).

ACTO 1. <sup>o</sup>			ACTO 2. <sup>o</sup>		
ORIGINAL FRANÇAIS.	TRADUÇÃO DO SR. SOUTO.	RENDAS FEITAS POR MIM.			
<i>Marg. de Rouillé.</i> ... que je vois un peu ce que les Pyrénées ont fait de cette figure-là....	... Quero ver o efeito produzido pelos Pyreneos....	Quero ver o que os Pyrinéos teem feito dessa carinha.	<i>La marquise.</i> Et bien, asseyez-vous là....		
<i>La Marquise.</i> Vous aussi vous croyez à la vanité de la noblesse?	.....	.....	<i>Mme. Georges.</i> Quand il m'attend?		
<i>Georges (souriant).</i> Un peu....	Algumas vezes.	Um pouco....	<i>La marquise.</i> Qui est-ce donc....	<i>A marquise.</i> Quem éesse-elle?	<i>A marquise.</i> Elle! quem?
<i>Georges.</i> Vous, madame la marquise!... (souriant) Voulez-vous me permettre de vous mettre très en colère?	A Sra. marquiza! (sorrindo) Permite-me que a enraivecêr?...	.....	<i>Georges.</i> Si!... Si!... Puis pour quatrième acteur, car je ne parle pas du mari....		
<i>Georges.</i> Et lors que dans la conversation elle laissait percer son dédain ingénu pour tout ce qui n'était pas la noblesse....	..... por tudo quanto não era nobre....	..... por tudo quanto não respirava aristocracia....	<i>Mme. Georges.</i> Est-ce que le duc ne vend BOIS (?)? ...	<i>Por ventura o duque não vende os seus BOIS (?)? etc.</i>	<i>Por ventura o duque não vende a sua lenha? etc.</i>
<i>Georges.</i> Ce nouveau danger a dissipé toutes mes irresolutions. Oh! si seulement ma mère était ici!	..... irresoluções. Oh! o que eu quizera somente neste momento se a minha mãe estivesse aqui.	..... irresoluções. Oh! se ao menos minha mãe estivesse aqui!	<i>La marquise.</i> ..... parce que au lieu de l'élever à elle en lui donnant son titre, elle descend à lui en prenant son nom!	<i>..... porque em lugar de eleva-la até a sua altura, dando-lhe seu título, desce até elle adoptando o seu nome!</i>	<i>..... porque em lugar de elevar a si dando-lhe o seu título, desce até elle adoptando o seu nome!</i>
			<i>La marquise.</i> ..... et alors, mécontents l'un de l'autre, malheureux l'un par l'autre....	<i>..... e então descontentes um do outro, e attribuido reciprocamente sua infelicidade um ao outro....</i>	<i>..... e então descontentes um do outro, infelizes um pelo outro.</i>
			<i>Georges.</i> nous forçons la toute-puissante nature à servir comme un esclave l'homme qu'elle écrasait comme un despote....	<b>ACTO 3.<sup>o</sup></b> <i>nós forçamos a toda-poderosa natureza a servir como escrava o homem a quem esmagava como uma despota....</i>	<i>nós obrigamos a natureza, com todo o seu immenso poder, a servir como escrava o homem a quem ella esmagava como despota....</i>

Fig.9: *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 8 e 9 de setembro de 1856, página 02, coluna 05. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/217280/12317>.

A polêmica que envolveu a tradução de *Por Direito de Conquista* parece não ter sido bem recebida pelo Conservatório Dramático, tanto que em meados do mês de setembro, o órgão responsável pela censura teatral expediu uma circular, em que estabelecia ser proibido alterar a tradução de uma peça após ela ser aprovada. A razão da proibição está no fato de que caso um profissional do teatro fizesse alterações na tradução de alguma obra dramática, o trabalho de fiscalização do Conservatório Dramático se tornaria uma ilusão. O texto explica:

*Circular aos theatros.*

Illm. Sr. Tendo apparecido no *Correio Mercantil* de 9 do corrente uma publicação assignada por Furtado Coelho, declarando que de seu proprio arbitrio fizera varias correccões na traducção da peça franceza intitulada:— *Par droit de conquête* —, traducção que alias estãva licenciada pelo Conservatorio Dramatico Brasileiro, manda o Sr. conselheiro presidente do mesmo Conservatorio por meu intermedio significar a Vm., assim de evitar a reproducção de semelhante facto, que sem previa autorisação do Conservatorio não é permittido aos agentes dos theatros fazer alteraçõs nas peças que tiverem o seu despacho definitivo, em virtude do qual podem subir á scena; pois que admittindo-se essa pratica, se torna illusoria a intervenção official d'esta corporação, a quem cumpre velir pela execução das ordens do governo imperial a este respeito. O que levò ao conhecimento de Vm. para sua execução na parte que lhe toca. Deus guarde a Vm. Secretaria do Conservatorio Dramatico, em 11 de setembro de 1856. — *Francisco Corrêa da Conceição*, 1º secretário. »

**Fig.10:** *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 16 de setembro de 1856, página 02, coluna 01. Disponível em [http://memoria.bn.br/DocReader/094170\\_01/43765](http://memoria.bn.br/DocReader/094170_01/43765).

Após as ocorrências que envolveram *Por Direito de Conquista*, Furtado Coelho decidiu traduzir a peça *A Joconda* e nova polêmica surgiu nos jornais. Tudo se inicia, quando em 21 de setembro de 1856, no *Diário do Rio de Janeiro*, o Conservatório Dramático apresentou um longo parecer, apontando vários erros na tradução feita pelo artista, como, por exemplo, falha na colocação dos verbos no imperativo, equívoco na utilização do pronome “vos”, que para o censor era mais apropriado ser utilizado o pronome na 3ª pessoa do singular ou a tradução da palavra “bois” pelo vocábulo pedra.

Furtado Coelho, vendo o seu trabalho de tradutor ser contestado pelo Conservatório Dramático, decidiu se defender das críticas, escrevendo um texto no *Diário do Rio de Janeiro* em 23 de setembro de 1856. Nesse texto, o ensaiador português não rebatia todas as críticas realizadas pelo parecer da censura, mas somente a questão que envolvia a tradução do vocábulo “bois”. Furtado explicava, então, que foi necessário substituir o significado de “bois” por “pedra”, em razão de que o palco do Teatro Ginásio, por ser pequeno, exigia tal modificação:

Na tradução do Sr. Souto, o vocábulo *bois* em francês aparece em uma fala de uma das personagens, que difere muito de se achar, como na minha tradução, na descrição da cena do 1º ato.

Ora, conhecendo eu que o palco do teatro Ginásio aqui, era mais acanhado que o do teatro francês em Paris, NÃO TRADUZI *bois* por *pedra*, mas designei logo que seria necessário substituir por dois degraus de pedra apenas a que deveria ser uma grande escada de madeira que conduzisse ao 1º andar do edifício mesmo dentro da cena.

Enquanto a grande censura, é toda filha do despeito, e tanto que muito antes de ela aparecer, toda a gente sabia que se jurara tirar uma desforra, fosse ela qual fosse, do IMPRUDENTE que se atrevera a apresentar erros em uma tradução do Sr. Souto.

Lembra-me notar ainda que havendo exatamente na tradução do Sr. Souto emendado *bois* em português para lenha, vocábulo este que ali competia, dei assim uma prova bastante de que sabia a significação do vocábulo francês *bois*, e não iria depois em uma tradução minha traduzi-lo por pedra.

Repito, não foi uma tradução, foi sim uma alteração filha das proporções deste teatro.

Finalmente, o despacho do íntegro presidente do conservatório dramático, exarado em seguida a mencionada censura é uma bastante e autorizada reprovação a ela feita, para que me seja necessário dizer agora outra coisa senão que a minha tradução vai apresentar-se às provas públicas, ficando assim sujeita a mais competente avaliação do seu muito ou pouco merecimento. (*Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 23 de setembro de 1856, página 02, coluna 03).

A justificativa de Furtado deixa claro que o ensaiador português não cometeu erro de tradução, mas sim realizou uma alteração no texto para então adaptá-lo a aquilo que o Teatro Ginásio fornecia estruturalmente. Em outras palavras, em razão dessa casa de espetáculos ser pequena, e conseqüentemente ter um palco pequeno, diferente do teatro parisiense onde *A Joconda* fora encenada, Furtado entendeu que não seria possível colocar uma grande escada de madeira. A solução encontrada pelo ensaiador e tradutor foi, então, substituir escada de madeira por dois degraus de pedra, sendo que essa alteração se adaptaria melhor ao palco do Ginásio. Esse fato evidencia, portanto, as dificuldades enfrentadas pelos artistas do Teatro Ginásio no momento de atuar, diferentemente dos atores franceses que atuavam em teatros com melhores estruturas.

Mas, se não bastasse a longa censura feita pelo Conservatório Dramático, um certo leitor anônimo de inicial “Z” ocupou as páginas do *Diário do Rio de Janeiro* para também realizar longas críticas à tradução do ensaiador do teatro Ginásio. Esse crítico anônimo publicou, então, em 23 de setembro de 1856, o seu primeiro texto, e nele percebe-se, logo de início, uma postura irônica do articulista, indagando como o Conservatório Dramático ousou em censurar a tradução de um mestre, no caso Furtado Coelho. Desse princípio de debate, fica evidente, portanto, que “Z” está ao lado de Vieira Souto e não do artista português:

Admirou-nos que o Conservatório se atrevesse a censurar uma tradução do Sr. Furtado Coelho, ensaiador do Ginásio, que referindo-se a uma tradução do Sr. J. J. V. Souto, diz que o Sr. Souto não conhecia a língua portuguesa nem a francesa.

Quem assim se arroga o direito de julgar de uma tradução deve ser mestre; e como ousou o Conservatório censurar uma tradução de um mestre.

Agora publicaremos por partes esse parecer do Conservatório, visto que por muito longo, não fosse lido por todos os seus assinantes: e o público poderá então aquilatar o merecimento insigne tradutor o Sr. Furtado Coelho. (*Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 23 de setembro de 1856, p.2, col.1).

Não satisfeito em criticar Furtado Coelho uma única vez, “Z” voltou a atacar o ensaiador do Ginásio em outro artigo. Nesse novo texto, o articulista retomava a polêmica anterior, ou seja, não aceitava o fato de o artista português ter realizado as alterações na tradução de Vieira Souto, além de não aceitar a tradução de “bois” por pedra:

Também nos abstivemos de identificar o Sr. Furtado Coelho com o teatro Ginásio; gostamos desse teatro e somos amigo do seu empresário; no entanto como Sr. Furtado Coelho corrige os dramas traduzidos que sobem à cena no Ginásio, como o Sr. Furtado Coelho, ensaiador do Ginásio, não quererá emendar os erros cometidos na tradução da *Joconda*, e meterá em cena esse drama com a linguagem viciada de que foi vestido, não temos outro remédio senão fazer do ensaiador e do teatro uma e a mesma coisa, e nesse pressuposto continuaremos.

Nosso fim apresentando ao público a censura à tradução do Sr. Furtado Coelho foi unicamente fazer bem patente que o homem que em tom de mestre dizia ao Sr. Souto – não conheceis a língua portuguesa nem a francesa – merece com muito mais razão que se lhe diga – vós é que não conheceis a língua portuguesa nem a francesa, pois que cometeis erros crassos na vossa tradução escrevendo palavras portuguesas que não se encontram em dicionário algum dessa língua: vós é que estrofia qualquer original francês que por desgraça vos cai na mão --, mas para que pudéssemos dizer isso era preciso não podermos ser contestados: eis a razão porque nos fundamos na censura do conservatório, eis porque a temos feitos publicar.

Sr. Furtado Coelho, convença-se que é destruindo essa censura que Vm. Poderá colocar-se na posição de mestre, e então corrigir as traduções alheias (com consentimento dos seus donos) e não é com graçolas como essas que em sua espirituosa e inteligente resposta nos dirigiu ontem.

Ainda ninguém tinha ouvido falar no Sr. Furtado Coelho, e já o Sr. J.J. Vieira Souto cá tinha traduzido nos dramas *Mulheres de Mármore*, *Dama das Camélias*, *Parisienses* e outros, *bois* por pau, lenha, etc, o que houve na tradução de *Droit de Conqueté* foi um lapso de pena no correr da tradução em deixar a palavra francesa *bois* tal e qual estava no original; esse erro só a quem nunca traduziu terá deixado de escapar. (*Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 27 de setembro de 1856, p.2, col.2)

Mas a polêmica não estava finalizada. O articulista voltou novamente ao jornal em 29 de setembro, mas dessa vez para criticar a direção do Ginásio. Para o crítico anônimo, a administração dessa casa de espetáculos, ou seja, Joaquim Heleodoro, havia sido dominada por Furtado Coelho, deixando o ensaiador fazer o que bem entendesse:

[...] a direção do Ginásio tem se deixado dominar pelo Sr. Furtado Coelho a ponto de, como se fosse necessário, o deixar fazer tudo quanto quer; emendar

traduções de outro, ele o mais inábil dos tradutores; e o que é mais, insultar como o fez nesse decantado artigo do Correio Mercantil, ao Sr. Souto, aponto de que expondo este senhor francamente que suas circunstâncias não lhe permitiam sustentar uma polêmica pelos jornais, esta confissão a mais nobre que um homem honrado pode fazer, quereis saber leitor como o Sr. Furtado Coelho a recebeu? Alcinhou-a de – impertinentes lamúrias...

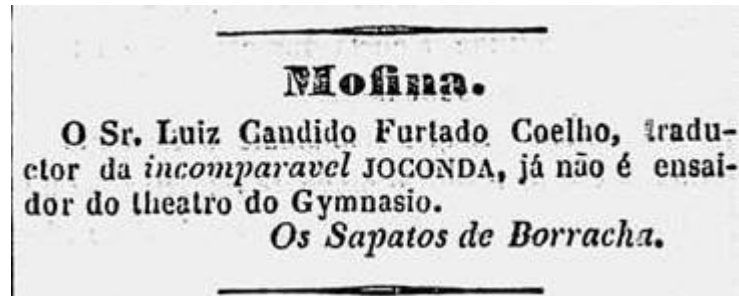
A direção do Ginásio ainda mais atesta a sua condescendência com o Sr. Furtado, consentindo que ele levasse à cena a *Joconda* com a sua viciada e ridícula tradução: não admira, pois, que, quando a direção assim se curva, a Sra. Gabriella, que naturalmente a de querer viver bem com o seu ensaiador, aceitasse a *Joconda* tal qual estava traduzida e a levasse a cena. (*Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 29 de setembro de 1856, p.2, col.4)

Furtado Coelho e a direção do Ginásio não se deram ao trabalho de responder as críticas do crítico anônimo, preferindo que toda essa divergência fosse esquecida. Mas os comentários de “Z” são importantes para pensarmos que Furtado, apesar do pouco tempo no Brasil, já havia contraído opositores. Em outras palavras, o crítico anônimo responsável pelas fortes críticas contra o ensaiador e tradutor português é alguém que desconhecemos ou o próprio tradutor Vieira Souto. No entanto, essa segunda hipótese é difícil de comprovar. De concreto, é que essa foi a segunda polêmica que Furtado Coelho se envolveu, sendo que durante a sua carreira outras divergências com outros nomes ligados ao ambiente teatral carioca também iriam ocorrer.

### **1.6 A saída de Furtado Coelho do Teatro Ginásio e a viagem ao Recife**

No mês de setembro de 1856, o Teatro Ginásio sofreu a sua primeira crise, em razão da chegada à Corte de uma companhia teatral francesa como explicam Faria (1993, p.130), (2012, p.189) e Souza (2002, p.87). Além do mais, essa companhia, que atuou no Teatro São Januário, tinha em seu repertório quase as mesmas peças realistas que estavam sendo encenadas no Ginásio. Isso foi um duro golpe ao teatro de Joaquim Heleodoro, pois o público interessado em “conhecer no original o que já tinha visto em traduções e curioso em relação às novidades” (Faria, 1993, p.131), desloca-se para o São Januário, deixando o teatro em questão praticamente vazio. Para contornar o problema, Joaquim Heleodoro entendeu que a solução era levar em cartaz ao Ginásio, além dos dramas realistas, outros gêneros teatrais, tais como a comédia *A Batalha de Damas ou O Duelo do Amor* de Eugene Scribe e Ernest Levouvé, o drama *Estella ou O Pai e a Filha*, também de Scribe e a ópera cômica espanhola *O Duende*, de Don Luis Olona. Furtado Coelho, contrário a exibição desses gêneros teatrais, e vendo que Joaquim Heleodoro não mudaria de posição, tanto que em dezembro de 1856 e janeiro de 1857, o Ginásio continuava apostando na exibição de alguns dramalhões, tais como *A Cigana de Paris*, de

Gustave Lemoine e Paul de Kock, *Os Pobres de Paris*, de Edouard Brisebarre e Eugene Nus (Faria, 1993, p.130), (Faria, 2012, p.189), resolveu afastar-se do cargo de ensaiador no início do mês de dezembro. Uma nota no *Diário do Rio de Janeiro* confirma o desligamento do artista:



**Fig.11:** *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 4 de dezembro de 1856, página 02, coluna 03. Disponível em [http://memoria.bn.br/DocReader/094170\\_01/44075](http://memoria.bn.br/DocReader/094170_01/44075).

Outro motivo para que ocorresse a saída de Furtado Coelho do Ginásio é o fato do ensaiador não ter sido contratado por Joaquim Heleodoro para também desempenhar a função de ator (Faria, 1993, p.130). Como explica Filgueiras Sobrinho (1863) apesar do forte desejo de Furtado Coelho em atuar no palco daquele teatro, o empresário viu-se obrigado a recusar os trabalhos do artista como ator, em razão da presença no Rio de Janeiro de parentes muito influentes do artista português<sup>8</sup>:

Mas quantas vezes, na sua cadeira de ensaiador, ao entusiasmar algum artista talentoso no estudo de seu papel, ele estremeceu de inveja, e se entusiasmava também a um ponto extraordinário? E quando mais tarde, nas noites de representação, ele ouvia o público aplaudir esse artista, exclamava em várias situações: - Parte daquelas palmas são para mim; e nem talvez o público pense nisso, nem ele o sabe, nem eu as recebo. E acrescentava no recato de sua angustiada impaciência: - É preciso portanto que ela rebentem ao som de minha própria voz!

Por fim, não podendo mais conter-se, e afrontando ridículos preconceitos, oferece-se ao empresário para representar. Este, em seus cálculos financeiros, compreende desde logo os lucros que lhe proviriam de uma tão distinta e tão bela aquisição para seu teatro; no entanto dúvida aceitar a proposta, lembrando-lhe as censuras em que, ele empresário, incorreria no ânimo de parentes e amigos (?) de Furtado Coelho. (Filgueiras Sobrinho, 1863, p.23).

<sup>8</sup> Segundo Filgueiras Sobrinho (1863, p.22) e Faria (1993, p.131) tais parentes de Furtado Coelho eram o conselheiro Bellegarde, ministro de estado honorário; o senador Eusébio de Queiroz; o conselheiro Bivar e o coronel Conrado de Niemeyer.

Após desligar-se do Ginásio, Furtado Coelho continuou na Corte, oferecendo aulas de piano, como informa o *Correio Mercantil* de 6 de dezembro de 1856:

**L** C. FURTADO COELHO, professor de piano, dá lições na cidade e seus arredores. Pode ser procurado na sua residencia, hotel Damiani, rua do Ouvidor, até ás 11 horas da manhã, e das 4 ás 5 da tarde.

**Fig.12:** *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, de 6 de dezembro de 1856, página 03, coluna 03. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/217280/12666>.

No entanto, no final do mês de fevereiro de 1857, ele decidiu deixar o Rio de Janeiro, deslocando-se para o Recife, para talvez conseguir espaço em alguma companhia teatral do Nordeste (*Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 25 de fevereiro de 1857, p.2, col.3). Já na capital pernambucana, Furtado continuou oferecendo aulas de piano (*Diário de Pernambuco*, Pernambuco, 5 de abril de 1857, p.7, col.4), mas o fato mais importante foi a oportunidade dada ao artista português de recitar, no Teatro de Santa Isabel, uma poesia de sua autoria a João Caetano, que na mesma época estava em Recife:

<p><b>AO ILLUSTRE ARTISTA</b>  <b>JOÃO CAETANO DOS SANTOS,</b>  <b>REI DA SCENA BRASILEIRA.</b>      Um grande artista rara vez desponta      Por entre as glorias de qualquer paiz.      (MENZEZES DONA.)      (Poesia a João Caetano dos Santos.)      Os traços do talento lhe ressaltão      No rosto já sereno, e no olhar...      Onde ha pouco nós vimos traduzirem-se      Mil paixões com verdade singular!      . . . . .      Que altivas proporções não são as d'arte      Se o genio as verdades lhe traduz!      Tão grande ella se ostenta, quanto é grande      O talento de quem lh'imprime a luz!      Inspiração qu'escalda a mente ousada      De talentos assim . . . só vem dos céos! . . .      E quando o fulgor d'arte em si é tanto      He na terra o artista um semi-Deus!</p>	<p>Perpassa pelas turbas como um astro      Seu brilho derramando!... Que direi?...      Arrebata, enthusiasma, atrahê, conquista,      Domina os corações... de que elle he rei!      . . . . .      Olhai aquella fronte altiva e nobre      Que a aureola do genio abrihantou!      E nós humildes todos nos curvemos      Perante aquella a quem o céu fadou!      O magico poder de seus talentos      Com que elle nos exalta o coração,      Retem ainda a todos como extáticos      Debaixo de magnetica impressão!      Palavras só não dizem, nem já bastão      P'ra um padrão erguer a um genio tal!      Silencio e respeito! Eis a hom'nagem      Devida a quem na arte é sem rival!</p>	<p>Porém se a voz d'irmão, d'irmão pela arte,      Soltar-se pôde em fervidas palavras,      De modo que em teu peito um echo encontre      Que ao coração te diga, quão profunda      Expressão d'enthusiasmo em si contém...      Permite que eu dest'arte a voz desprenda:      Nobre artista com quem o céu benigno      Esgotou do talento os amplos cofres,      Abre as velas, ufano, ao vento amigo      Do teu fadado genio! Ao porto aprôa      Da gloria immarcessivel que te aponta      Tua estrella! E depois cingindo a fronte      Do divino laurel só dado ao genio.      Inscreve o nome teu na eternidade!      Furtado Coelho.      Recitado pelo autor no theatro de Santa Isabel,      em Pernambuco, na noite de 31 de março      de 1857.</p>
--	--	---

**Fig.13:** *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 21 de abril de 1857, página 02, coluna 04. Disponível em [http://memoria.bn.br/DocReader/094170\\_01/44607](http://memoria.bn.br/DocReader/094170_01/44607).

O poema e a homenagem feita por Furtado Coelho a João Caetano, que estava no teatro e acompanhou a saudação, nos dá a certeza da admiração do artista português ao nosso maior



ator romântico<sup>9</sup>. Além do mais, esse evento parece ter agradado os presentes, como informa o trecho abaixo:

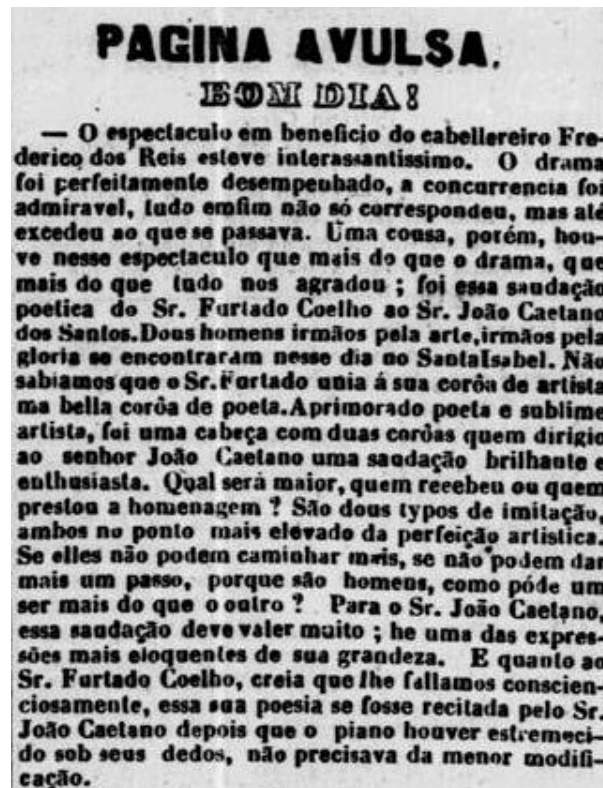


Fig.14: *Diário de Pernambuco*, Pernambuco, 6 de abril de 1857, página 01, coluna 02. Disponível em [http://memoria.bn.br/DocReader/029033\\_03/8748](http://memoria.bn.br/DocReader/029033_03/8748).

Não conseguindo espaço em nenhuma companhia teatral de Recife, Furtado Coelho decidiu retornar ao Rio de Janeiro, saindo da capital pernambucana no início do mês de maio de 1857, no mesmo vapor em que estava João Caetano (*Diário de Pernambuco*, 2 de maio de 1857, p.2, col.5) e chegando a Corte no dia 8 de maio (*Diário do Rio de Janeiro*, 9 de maio de 1857, p.4, col.7).

### 1.7 A criação da *Revista dos Theatros*: uma nova polêmica

No primeiro semestre de 1857, Furtado Coelho, após voltar de Recife, criou um periódico denominado *Revista dos Theatros*<sup>10</sup>, cuja intenção era debater os assuntos que

<sup>9</sup> Anos mais tarde, em 24 de agosto de 1884, Furtado Coelho proferiu no Teatro Santana um longo discurso oficial em homenagem a João Caetano. Nessa ocasião, o artista português declarava a sua admiração pelo ator romântico.

<sup>10</sup> O primeiro número da *Revista dos Theatros* foi publicado em 17 de maio de 1857 (*Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 18 de maio de 1857, página 01, coluna 03). O periódico podia ser assinado na Typographia Americana de Soares de Pinho, localizada na rua da Alfândega n.210; na livraria imperial de Pinto e Waldemar, localizada na rua do Ouvidor n. 87; e na loja de Paula Brito, rua da Constituição n. 64. (*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 31 de maio de 1857, página 02, coluna 06).

envolviam os espetáculos teatrais na Corte. Apesar de não ter sido possível ter contato com esse material, pelos textos de leitores anônimos que abordaram a criação do periódico, Furtado Coelho, no primeiro número da revista, escreveu um texto em que mencionava o empresário e aos artistas do Teatro Ginásio. No entanto, esse artigo não foi bem recebido pelos defensores do Ginásio, tanto que no *Correio Mercantil* de 24 de maio de 1857, um certo “Lycurgo” escreveu um texto em que realizava pesadas críticas a recém-criada revista e ao artista português. Vejamos, então, como desenrolou essa nova polêmica.

O crítico anônimo iniciava o artigo em um tom agressivo, argumentando que a *Revista dos Theatros* é um “libelo virulento, cujo único fim é insultar e deprimir, em vez de criticar e louvar” e que os comentários escritos por Furtado aos artistas do Teatro Ginásio e a essa casa de espetáculos são meras sandices:

A *Revista dos Teatros*, escrita pelo Sr. L. C. Furtado Coelho aproxima-se violentamente a um libelo virulento, cujo único fim é insultar e deprimir, em vez de criticar e louvar. É mister pois que a imparcialidade se patenteie, para que nossa acusação seja despida de ódios, e que a justiça se não assemelhe à vingança.

Não invocaremos aqui o testemunho de factos que colocam o Sr. F. Coelho na posição dúbia de ser neutro e profano em matérias de arte.

Para ligarmos alguma importância ao nome do Sr. F. Coelho, como crítico, era necessário que a sua *Revista dos Theatros* fosse justa e conscienciosa, e que o lodaçal imundo donde saem esses brados estúpidos e fictícios em prol da arte dramática, tivesse sido antes uma arena leal e franca, em que lutavam alguns atletas, enristando e quebrando suas lanças a favor de artistas prediletos.

O Sr. F. Coelho não meditou de certo no alcance indecoroso dos insultos e invectivas de seu asqueroso jornal. Fazemos-lhe esta justiça, e se o nosso pensar fosse diverso, por sem dúvida que o juízo a despeito de tanta ignomínia e vileza, seria o mesmo que o de um homem com senso, condenado a procedimento repugnante, e abominável daqueles que, para atingirem afins ilícitos e desordenados caluniam, e vilipendiam o que há de mais santo o respeitável. O espirito menos agudo e penetrante ao ler a *Revista dos Theatros* vê claramente que a ideia predominante de tantas sandices arremessadas no centro das turbas é a de um capricho louco e do interesse demonstrado até a evidencia. (*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 24 de maio de 1857, p.1, col.6).

“Lycurgo” argumentava, então, ser injustos os comentários de Furtado Coelho, chamado pelo crítico de enfatuado e presumido, aos profissionais do Ginásio e a Joaquim Heleodoro, uma vez que não foram eles os responsáveis pela saída do artista português do cargo de ensaiador deste teatro. O texto afirma:

E é alguém culpado de que o Sr. F. Coelho padeça uma enfermidade crônica nas suas faculdades intelectuais, e não tenha pão para alimentar-se? Foram alguns dos atuais artistas do Ginásio a causa da sua saída desse teatro? Não: no Sr. F. Coelho o platonismo e certas belezas superficiais provocam-lhe essa

revolução de ideias que o fazem descer até o degrau ínfimo da indignidade. Não se lembrará o Sr. F. Coelho que está em um país estrangeiro, e que o excesso dessa vaidade desmedida e desse orgulho imenso e ardiloso que o caracteriza, é uma luva lançada a cara da plateia ilustrada que frequenta o Ginásio, um abuso da hospitalidade generosa que tem recebido? Não se lembrará que é vergonhoso o papel triste e ridículo que com tais pretensões faz? Que opiniões poderemos tomar de um homem que menospreza o talento de seus compatriotas e os enxovalha tão covardemente, pretendo com diatribes arrastá-los ao pelourinho da execração pública em um país estrangeiro? Onde estão os seus pergaminhos, Sr. F. Coelho? Mostre-nos pois essas obras que lhe facultam o direito de criticar os nossos artistas; e se estas são esses maquiavelismos, ardis e estratagemas, forçoso é 59ceita595959-lo um devoto – chupista da arte dramática [...]

O empresário do Ginásio está muito distante em posição do Sr. F. Coelho; é um homem probo, e honesto, é um negociante matriculado e honrado; e o Sr. F. Coelho não possui estas distintas qualidades, porque não passa de um enfatuado, um presumido e... o que todo mundo sabe [...].(*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 24 de maio de 1856, p.1, col.6).

Além do mais, “Lycurgo” não aceitava os comentários que Furtado Coelho teceu ao ator Luiz Carlos Amoedo, que naquele ano de 1857 era também ensaiador do Teatro Ginásio (Paixão, 1917, p. 326).

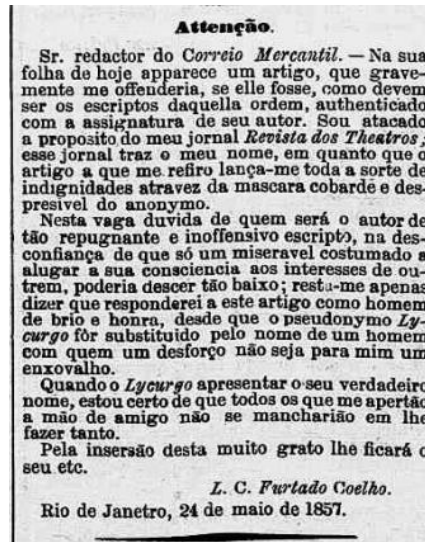
Quanto aos insultos baixos e ordinários com que o Sr. F. Coelho ofende o Sr. Amoedo são mais próximos de um arrieiro, do que de um homem que vive na sociedade e veste uma casaca. É verdade que as vezes uma casaca é mais distinta do que a pessoa que a traz.

A mão do artista honrou-a, mas o corpo do dono vai poluí-la. O Sr. Amoedo como artista, o seu inegável merecimento coloca-o acima de todas às invectivas fastidiosas do Sr. F. Coelho; e como homem, tem a resposta as calúnias e grosserias deste Sr. escrita na ponta de um punhal. Para se reconhecer a mesquinhez de caráter do Sr. F. Coelho basta os encômios tecidos ao Sr. João Caetano, o artista, a quem outrora ele deprimia, e hoje eleva a apoteose da gloria. (*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 24 de maio de 1856, p.1, col.6).

Por fim, “Lycurgo” acusava Furtado de ter oferecido o papel principal de seu drama *Agiota* a Amoedo. Porém, essa acusação do articulista anônimo parece ser infundada, pois no ano de 1856 e 1857, a peça de Furtado não foi levada em cartaz ou especulada pelos jornais que iria ser levada em cena:

Basta ler a acre censura feita ao Sr. Areas mais como artista do que como homem, e saber-se que o Sr. F. Coelho conferia-lhe ainda há pouco os honrosos epítetos de distinto e exímio, e por seu próprio punho escreveu e distribuiu-lhe o papel de protagonista do drama *Agiota*, única coisa que o seu talento transcendente tem escrito! (*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 24 de maio de 1856, p.1, col.6).

Furtado Coelho não permaneceu calado. No dia seguinte à furiosa publicação de “Lycurgo”, o artista português escreveu um pequeno texto no *Correio Mercantil*, afirmando somente responder ao seu oponente, caso esse diga o seu verdadeiro nome:



**Fig.15:** *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 25 de maio de 1857, página 02, coluna 04. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/217280/13329>

Mas os comentários de “Lycurgo” não haviam terminado. O crítico anônimo, não satisfeito com as críticas anteriores, retornou ao embate, escrevendo um novo artigo no *Correio Mercantil* de 31 de maio de 1857. Nesse novo texto, chama-nos a atenção a argumentação de “Lycurgo” de que Furtado Coelho, em algum texto da *Revista dos Theatros*, de número 1 ou 2, procurou elevar o Teatro São Pedro de Alcântara, casa de espetáculos essa que como sabemos era vinculada à escola romântica. “Lycurgo” deixava claro essas questões, ao apontar os elogios de Furtado ao ator Martinho, naquela época artista do São Pedro de Alcântara:

[Furtado Coelho] concebeu a ideia estúpida de elevar dois teatros da escola antiga e já passada, onde a verdade das paixões é declamada na expressão bombástica e estridente, para rebaixar o Ginásio, de escola moderna, o único teatro que se pode frequentar pelo bom gosto dos (sic) mise-em-scène, e pelo inteiro metal que os artistas dão ao que representam.

O Sr. Furtado Coelho devia tomar para modelo a crítica delicada e com critério da 60ceita60 do *Correio Mercantil*, fatiando das *Recordações da Mocidade*. Ali vê-se o molde da verdadeira crítica, que obriga os artistas a correção de alguns defeitos. Mire-se o Sr. Furtado Coelho nesse espelho, e veja a interessante figura que o caracteriza!...

Diz o Sr. Furtado Coelho que em geral os artistas do teatro de S. Pedro lhe merecem grande conceito, e que o Sr. Martinho tem graça, naturalidade e relevo cômico que imprime nos seus papeis! Ora! Sr. Furtado Coelho, que um homem de nenhuma importância se de ao desfrute, dizendo que vai, com [...]! fazer prosperar o teatro, e animá-lo a erguer-se do letargo em que se acha! Já

não é tão pouco para aqueles que, com critério, condenam as banalidades e as sandices; porém, que a um palhaço da cena, que ao Sr. Martinho e a companhia do teatro de São Pedro se [...] encômios é mister ter um completo desarranjo nas faculdades intelectuais, desconhecer as mais claras e fáceis regras da arte e impor ao vulgo a obrigação restrita de rezar, de um só jato, três *padres-nossos* em prol de uma consciência defunta, que passou desta para melhor vida com um cortejo de larvas! (*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 31 de maio de 1857, p.1, col.6). Acesso em 9/05/2017.

Já em outra passagem do texto, “Lycurgo” não aceitava o fato de Furtado Coelho ter insultado o atual ensaiador do Ginásio, o ator Luiz Carlos Amoedo, um artista “estudioso” e “que continuamente se esforça para granjear a geral simpatia do público” (*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 31 de maio de 1857, p.1, col. 6).

Insultar ao Sr. Amoedo, ao pobre artista dedicado e estudioso, é um indício de mau caráter; o Sr. Amoedo, que continuamente se esforça para granjear a geral simpatia do público, que tomou a si, por deferência o oneroso encargo de ensaiador, e que tantas provas tem dado do seu incontestável merecimento; é o Sr. Areas, o nosso primeiro cômico, o artista que todos os dias arranca da plateia bravos entusiásticos e aplausos espontâneos, e que nos papeis mais insignificantes que, representa imprime certo colorido artístico quo os torna salientes e protótipos da arte. Nunca esvoaçou na mente do Sr. F. Coelho a ideia de encontrar oposição as suas insulsas facecias; porém, repugna um procedimento tão aviltante, e com ele o Sr. F. Coelho não pode aproveitar-se do *si vera est fama*. – a lua de mel acabou-se, agora a lua é de óleo de mamona. (*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 31 de maio de 1857, p.1, col.6).

Ao mesmo tempo em que era criticado por “Lycurgo”, o artista português ganhava apoio de um articulista de pseudônimo “A”. Esse crítico irá então sugerir que as críticas de Furtado têm fundamento, pois alguns artistas do Ginásio são poucos preparados artisticamente:

Quem é o ensaiador deste teatro? O diretor? Esse não tem tempo nem inteligência, e nisto ele convém porque todos sabem que os livros nunca foram o seu comércio exclusivo.

Alguns destes artistas incapazes, sem ao menos possuir uma instrução primária que lhes indicasse sequer a prosódia, essa parte da gramática mais essencial para eles...

Ora vamos, aqui para nós que ninguém nos ouve, se os artistas não foram educados em uma escola dramática, sem nem se quer conhecem o meio de saber a quantidade das sílabas e a sua pronúncia, o resultado deve necessariamente ser banalidade e asneira, e creio que a ilação não é de todo desarrazoada, e se o é, convença-me o pai Lycurgo do meu erro. (*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 26 de maio de 1857, página 03, coluna 01).

É bem provável que os textos publicados por Furtado na *Revista dos Theatros* não tinham o intuito de depreciar os artistas e o próprio Teatro Ginásio, mas ao contrário, esses artigos, muito provavelmente, tinham como teor e objetivo de aconselhar os atores e atrizes a melhorarem a forma de atuação. Além do mais, seria ingênuo pensar que Furtado Coelho no momento em que tece comentários elogiosos ao São Pedro de Alcântara estivesse declinando da escola realista. O que parece importante observar na leitura dos dois textos de “Lycurgo” é a rivalidade entre o Teatro Ginásio e o São Pedro de Alcântara, uma vez que Furtado Coelho na realização de comentários sobre esse teatro provocou a reação do crítico anônimo, então defensor do teatro de Joaquim Heleodoro.

O artista português lendo nos jornais os ataques contra ele e percebendo que “Lycurgo” não iria revelar a sua verdadeira identidade, resolveu defender-se, escrevendo um artigo em que conta os seus trabalhos realizados nos anos em que viveu em Portugal, e com isso mostrar ser capacitado para ser ensaiador e também gabaritado para discutir sobre assuntos que envolvem o teatro. Furtado Coelho relatava, então, que em seu país foi redator do periódico *Semana Theatral*; colaborador do jornal literário *A Semana*; um dos fundadores do *Jornal do Commercio*; folhetinista do periódico *Imprensa e Lei* e correspondente político do periódico *Nacional do Porto (Correio Mercantil*; Rio de Janeiro, 2 de junho de 1857, p.2, col.4). Em seu texto, Furtado Coelho também explicava sobre a sua saída do teatro Ginásio, relatando a interferência de Joaquim Heleodoro na direção artística dos espetáculos, e que nos remete assim a postura do empresário em colocar em cartaz vários dramalhões para então dissipar a crise que envolvia o teatro Ginásio naquele período. Sobre esse tema, Furtado Coelho relata:

No dia em que eu determinara não continuar a exercer o cargo de ensaiador do teatro Ginásio seriam 11 horas da manhã, veio a minha casa procurar-me o atual e então diretor do mesmo teatro. Aí, depois de me ouvir verdades de minha própria boca, e de eu lhe provar a sua incapacidade para se intrometer em outra administração além da gerência econômica do teatro, ele me pediu instantemente que eu continuasse a exercer o meu lugar e me protestou que ele, deixando por uma vez de ingerir-se na direção artística do teatro, ia dar-me toda a força moral perante a companhia e toda a alçada que compete ao lugar de ensaiador.

Em presença disto cedi, e seria meio-dia fui para o teatro continuar os ensaios da *Cigana de Paris*; porém, cansado de minha luta incessante entre os bons desejos e a ignorância, dois dias depois escrevi-lhe uma carta despedindo-me. Este homem é capaz de negar estes fatos, porque em partes deles não houve testemunhas; mas debaixo de minha palavra de honra os apresento como verdadeiros. (*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 2 de junho de 1857, página 02, coluna 04).

Furtado na sequência do artigo continuava a criticar Joaquim Heleodoro, relatando que quando era ensaiador do Ginásio o seu contrato lhe daria a vantagem de dois benefícios<sup>11</sup> por ano. No entanto, segundo o artista português, esse direito não foi cumprido pelo empresário:

Afirma esse artigo que o diretor do Ginásio é um homem probo e honesto: A vida particular deste Sr. não me ocupa, nem nunca me ocupou um instante de minha vida. Se falei dele foi como de um intruso na arte dramática, patenteando a sua incapacidade e mais circunstâncias de toda a gente conhecidas, que impossibilitam de apresentar-se diretor de um teatro público. Se dessa vida particular há queixosos, eu nada tenho com isso; para aqui não me é necessário mais do que relatar um fato sucedido comigo no círculo das suas atribuições de diretor do teatro, que desmente a probidade com que se inculca.

Eu tenho em meu poder; uma cópia, por ele e por mim assinada, da minha escritura de ensaiador. Esta escritura: me conferia dois benefícios em cada ano. Servindo eu perto de cinco meses, tinha direito a perto de cinco sextas partes de um benefício. Isso me foi negado pelo mesmo diretor!... a ponto que, dias depois, escrevi-lhe dizendo-lhe que prescindia do direito que eu tinha a esse benefício; carta que, eu sei, ele conserva religiosamente. Tenho testemunhas de todo esse processo. (*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 2 de junho de 1857, página 02, coluna 04).

Por fim, Furtado negava que tivesse oferecido o papel principal de *O agiota* ao ator Amoedo:

Enquanto ao terceiro, a quem o Lycurgo diz que eu por meu punho lhe distribuí a parte do protagonista no meu drama *O agiota*, fato que eu nego, a sua vida é de todos conhecida para que se lhe dê a consideração que ele merece. Essa vida, se me é conhecida, é-me também tão indiferente como a sua própria individualidade. (*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 2 de junho de 1857, página 02, coluna 04).

Mas, naquela primeira metade de 1857, Furtado Coelho continuou a ser fortemente criticado, sendo que dessa vez as críticas vieram de um certo “Bibliophilo”. Em um texto publicado no *Diário do Rio de Janeiro*, o crítico anônimo traçou toda a trajetória de Furtado no Rio de Janeiro e as suas polêmicas: acusava o artista português de no *Album dos Salões* plagiar uma poesia do poeta português Lobato Pires; não acreditava que era de Furtado o artigo no *Correio Mercantil*, no qual se analisava *O Mundo Equívoco*; afirmava que o provérbio *Nem por muito madrugar, amanhece mais cedo* foi um grande fiasco, lembrava a forte polêmica das traduções e, por fim, acusava o artista português de ter tido um romance nos bastidores do

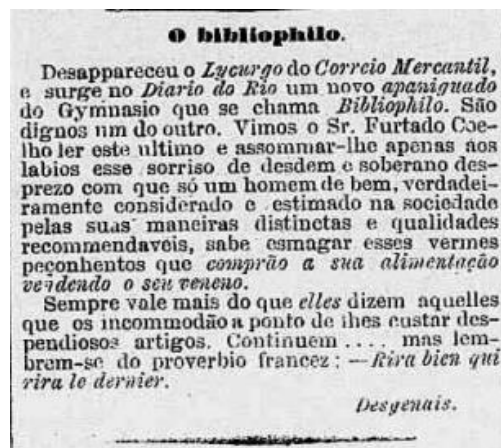
---

<sup>11</sup> O benefício era quando a bilheteria se destinava a alguma pessoa específica e não a companhia dramática em geral (Faria, 1993, p.13)

teatro Ginásio quando era ensaiador. Ao final do texto, “Bibliophilo” não aliviava nas críticas, uma vez que chama Furtado Coelho de aventureiro, um típico sujeito “que nada sabe, mas que tudo faz”:

Agora, Sr. Lycurgo, reflita: não compreende depois do que acaba de ler, que o Sr. Furtado Coelho não tem uma posição definida na sociedade, e não vê na sua vida do Brasil, a marcha incerta do aventureiro? Que nada sabe, mas que tudo faz! Que tudo faz, mas que nada sabe?! e que vai pelo mundo disfarçando o seu cinismo a força de descaramento e de empáfia? Acredite-me, Sr. Lycurgo, retire-se da arena, porque os homens como Lycurgo não se batem com Epaminondas de Botequim da laia de Furtado Coelho. Em Lisboa terá sido tudo quanto ele diz que foi; aqui no Rio de Janeiro não passa de um vadio aventureiro, sem eira nem beira, sem ofício nem benefício, como se costuma dizer. (*Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 7 de junho de 1854, p.2, col.4).

O artista português não respondeu a “Bibliophilo”. Quem fez tal tarefa foi um certo “Desgenais”. Furtado somente leu o artigo do seu opositor e após a leitura deu um breve sorriso, demonstrando que não valia a pena continuar com a polêmica. Quem relatava essa ocorrência, era o próprio “Desgenais”, ou o próprio Furtado por meio desse pseudônimo:



**Fig.16:** *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 8 de junho de 1857, p.2, col.3. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/217280/13385>

A revista criada por Furtado Coelho teve vida curta, uma vez que a assinatura do periódico, dando ao leitor/assinante o direito a doze números (*Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 21 de junho de 1857, página 02, coluna 03) teve publicado somente sete exemplares. O motivo da finalização dos trabalhos da *Revista dos Theatros* explica-se pelo fato de que o artista português, em julho de 1857, recebeu um convite para fazer parte de uma companhia teatral do Rio Grande do Sul (Faria, 1993, p.131); (Faria, 2012, p. 189) e assim iniciar a carreira



de ator, o seu grande sonho. Furtado Coelho deixa, então, o Rio de Janeiro em 25 de julho de 1857, como informou os três grandes jornais cariocas da época, e somente retornaria à Corte em dezembro de 1858, uma vez que foi contratado por Joaquim Heleodoro para ser ator do Teatro Ginásio. Essa nova passagem do artista português pelo Ginásio, veremos na sequência desse estudo.

## CAPÍTULO II – FURTADO COELHO: ATOR DO TEATRO GINÁSIO – (1859)

A partir do exposto até o momento, é possível constatar que nosso trabalho destaca a trajetória artística de Furtado Coelho nos palcos do Rio de Janeiro. No entanto, o artista português nos primeiros quinze anos de permanência no Brasil, desde a sua chegada, não desenvolveu trabalhos artísticos somente na Corte, mas também em outras regiões do país, tais como São Paulo, Pernambuco e Rio Grande do Sul. E foi no sul do país que Furtado Coelho iniciou a carreira artística como ator, fato esse que obriga-nos a reservar algumas linhas para comentar sobre esse momento de sua carreira teatral.

No mês de agosto de 1857, o sonho de Furtado Coelho em desenvolver a função de ator concretiza-se. Contratado por João Ferreira Bastos, empresário da Companhia Ginásio Dramática Rio-Grandense de Porto Alegre (Damasceno, 1956, p.36); (Hessel & Raeders, 1979, p.210); (Faria, 1993, p.131), o artista português sob ao palco do Teatro D. Pedro II naquele mês para atuar na peça *As Mulheres de Mármore* no papel de Rafael Didier (Filgueiras Sobrinho, 1863, p.25); (Pereira & Rodrigues, 1907, p.645); (Damasceno, 1956, p.36); (Faria, 1993, p.131). Além de atuar na peça de Theodore Barrière e L. Thiboust, Furtado ainda atuou em outros dramas realistas, tais como *Dalila*, *O agiota*, *A dama das camélias*, *Por direito de Conquista*, *Dois mundos* e *Cinismo, Ceticismo e Crença*, essa última de autoria de Cesar de Lacerda (Damasceno, 1956, p.36). Os historiadores que acompanharam esse momento da carreira do ator português relatam-nos que Furtado apesar de ter tido um começo “claudicante”, fato esse possivelmente relacionado com a falta de experiência, teve na sequência de trabalho o talento reconhecido pela imprensa da época e pelo público. Essa análise realiza Hessel e Raeders (1979), afirmando:

O ano de 1857 veio encontrar a novel Companhia Ginásio Dramático Rio-Grandense ainda sob a direção de João Ferreira Bastos e que, aproveitando os elementos tarimbados dos elencos anteriores, apresentava como novidade o jovem português Luís Cândido Furtado Coelho, e talvez, o ator José Paulo e a atriz Maria Amália. A impertinente crítica local teve de reconhecer as excepcionais potencialidades do primeiro que, após um começo algo claudicante, firmou-se e fez do acanhado palco do Teatro Dom Pedro II o trampolim de suas futuras glórias musicais e dramáticas. (Hessel; Raeders, 1979, p.210).

De igual maneira, Damasceno (1956), em sua importante obra que aborda o teatro do Rio Grande do Sul no século XIX, analisa a partir dos periódicos do sul a boa acolhida que o

nosso artista recebeu dos críticos teatrais, mas também destacando algumas ressalvas ao trabalho de interpretação desenvolvido por Furtado Coelho. Sobre essas, Damasceno (1956) transcreve uma crítica contida no periódico *Correio do Sul*, na qual o articulista após assistir a apresentação do ator no drama *Dalila* faz diversas recomendações ao artista português:

Furtado Coelho, não há dúvida, deixou seus admiradores fortemente impressionados. Até há pouco, sempre que vinha ao proscênio, era timorato, e sem razão, pois que o seu comportamento e delicadas maneiras de tratar já lhe asseguraram a estima do público. Agora já é mais senhor de si. Mas aqui lhe damos um conselho que tomará, se lhe aprouver. Quando aparecer em cena, seja mais expressivo em suas entradas, estude uma mimica mais bonita e despreze esta que usa de estar sempre brincando com a corrente do relógio, ou de mãos nos bolsos, levante mais os braços, não esfregue tanto as mãos no lenço, seja mais dócil às expressões amorosas, e não tenha medo de se fazer ouvir... (Damasceno, 1956, p.37).

Furtado Coelho parece ter recebido bem os conselhos dos críticos teatrais, uma vez que ele sabia que era um ator em formação. Essa informação parece-nos ser concreta, pois Filgueiras Sobrinho (1863) relata que o artista estava sempre disposto a estudar e a “descobrir os seus erros”. O historiador explica:

Rapidamente, eis que de dia em dia o seu talento se desenvolve e se avigora; com o frenesi de uma paixão insaciável, procura no mais aturado estudo descobrir seus erros, e corrigí-los; busca perscrutar os segredos misteriosos e as belezas supremas da sua difícil arte, e pô-los em prática. (Filgueiras Sobrinho, 1863, p.25).

Além do drama *Agiota*, Furtado Coelho também atuou em outra obra de sua autoria: a comédia *Procure-me depois do amanhã*. A peça, que depois seria encenada no palco do Teatro Ginásio do Rio de Janeiro<sup>1</sup> parece ter agradado ao público gaúcho como informa Damasceno (1956) a partir da crítica do *Correio do Sul*:

Deu-nos o simpático artista as primícias de uma pequena, mas espirituosa comédia, cheia de travessuras. A peça não vai além de um divertimento. Seria absurdo rigorismo querer julgá-la com a severidade das regras, nem encontrar-lhe outro mérito do que aquele que o seu autor pretende. Mas esse tem-no e o prova a cordial hilaridade com que foi constantemente acompanhada, e a generosidade dos aplausos com que foi coroada (Damasceno, 1956, p.37).

---

<sup>1</sup> *Procure-me depois do amanhã* teve em torno de vinte e sete apresentações na Corte. Foi encenada no Teatro Ginásio do Rio de Janeiro nos anos de 1859 (dez récitas), 1860 (quatro récitas), 1866 (quatro récitas) e 1867 (nove récitas).

Dos fatos relatados, pode-se afirmar, portanto, que Furtado Coelho em seu início de carreira como ator no Rio Grande do Sul não decepcionou a crítica ou o público (Faria, 1993, p.131). Como bem explica o pesquisador, o artista português

Se foi alvo de pequenas restrições nos primeiros desempenhos, com o tempo aprimorou-se e adquiriu segurança, conquistando definitivamente um grande prestígio nas cidades de Porto Alegre, Pelotas e Rio Grande (Faria, 1993, p.131).

Após a temporada no sul do país, Furtado Coelho retornou ao Rio de Janeiro, pois foi contratado por Joaquim Heleodoro dos Santos para ser o “primeiro galã”, isto é, o ator principal do Teatro Ginásio (Filgueiras Sobrinho, 1863, p.26); (Faria, 1993, p.131). Essa informação nos faz pensar que a polêmica em que o artista português envolveu-se um ano antes com a criação de sua *Revista dos Theatros* e os supostos artigos escritos nela desfavoráveis ao empresário e aos artistas do Teatro Ginásio, questão essa debatida no capítulo anterior, não foi algo que abalou seriamente o relacionamento profissional entre Joaquim Heleodoro e Furtado Coelho. Assim, em 19 de dezembro de 1858 como informa Silva (1938, p. 192) e os principais periódicos da corte, o artista português estreia como ator no Rio de Janeiro, atuando na peça *Por Direito de Conquista* de Ernest Legouvé no papel de Jorge Bernard.

A curiosidade em ver a atuação do antigo ensaiador do Ginásio fez com que vários atores de outros teatros fossem até a casa de espetáculos de Joaquim Heleodoro. Apesar de não encontrarmos notícias de Furtado Coelho nos jornais do Rio de Janeiro no ano de 1858 que remetem ao seu início de trabalho como ator em Porto Alegre, é possível supor que informações do bom trabalho que o nosso artista desenvolveu no sul do Brasil chegaram até o Rio de Janeiro, a ponto de atores de outros teatros quererem conferir a atuação de Furtado Coelho. Além do mais, havia a curiosidade em ver se o artista português, com somente um ano de experiência como ator, estava a altura em substituir o ator Luiz Carlos Amoedo, artista esse que havia sido desligado da companhia por Joaquim Heleodoro durante uma turnê do Teatro Ginásio a Bahia no início de 1858 (Souza, 2002, p.103). Sobre a curiosidade em conferir a atuação do ator português, Filgueiras Sobrinho (1863) comenta:

A ansiedade e a expectativa pública fez com que fossem ao teatro nessa mesma noite, muitos atores dos diversos teatros. Nunca se vira um tão grande número de atores assistindo a uma representação dramática. Era também a curiosidade ver como um ator com um ano de cena disputava o lugar de primeiro-galã, que Amoedo, um dos mais distintos artistas daquele teatro, tinha ocupado (Filgueiras Sobrinho, 1863, p.26).

Somente em janeiro de 1859, os críticos teatrais abordaram o início de trabalho do ator português na peça *Por direito de Conquista*. Mas antes de comentarmos sobre a repercussão crítica desse trabalho, parece-nos importante abordar o enredo da obra de Ernest Legouvè. O drama francês que foi encenado em Paris em 1855, mas cujas ações se passam no ano de 1840 conta a história do engenheiro Jorge Bernard que em uma viagem conhece e se apaixona por Alice de Rochegune, jovem pertencente a classe aristocrata francesa. No entanto, a união em matrimônio entre os dois personagens é inviável, pois a família de Alice não aceita que ela se case com um homem da classe média e, portanto, não possuidor de título de nobreza. A Marquesa D'Oberval, tia de Alice, deixa claro sobre a impossibilidade do casamento ao afirmar que na França do século XIX o sobrenome é algo importante:

**Marquesa D'Orbeval:** [...] o nome é uma grande coisa na vida, é uma parte de nós, é como nossa imagem. Um nome rebaixado é um suplício eterno; um nome ilustre é uma joia que não se acaba jamais [...] (Legouvè, 1855, p.65, tradução nossa <sup>2</sup>)

Além do mais, Jorge Bernard encontra também na figura do Marquês de Rouillé, tio de Alice, um oponente aos planos de casamento, pois de acordo com o nobre o matrimônio seria uma desonra para a sua sobrinha.

Se o sobrenome Bernard é um empecilho para que ocorra a união dos personagens, o jovem engenheiro decide colocar o seu conhecimento profissional para ajudar as pessoas que vivem na região de terras da família de Alice a superar problemas causados pela natureza. Com isso, o jovem Bernard em diálogo com o Marquês de Rouillé expõe a opinião de que a sua boa índole, o seu trabalho e o seu talento para a ciência é algo digno e nobre e não uma desonra. Como bem afirma Jorge Bernard se os antigos nobres conquistaram o país por meio da espada, a classe média francesa conquista o território naquele período com o compasso, isto é, utiliza a ciência para melhorar a vida da população.

A argumentação de Jorge Bernard consegue convencer o Marquês de Rouillé e o matrimônio do jovem engenheiro com Alice torna-se possível. No entanto, a Marquesa D'Orbeval coloca uma nova pedra no caminho do casal: o casamento somente ocorrerá se a mãe de Jorge Bernard não viver com os futuros casados. O motivo para esse fato é que a marquesa não aceita que a sobrinha conviva com uma mulher que é agricultora. A senhora Bernard, que acompanha Jorge na propriedade da marquesa, local esse onde ocorre todas as

---

<sup>2</sup> Le nom est une grande chose dans la vie, c'est une partie de nous-mêmes, c'est comme notre image! Un nom ridicule est un supplice éternel; un nom illustre est une joie qui ne cesse jamais [...] (Legouvè, 1855, p.65).

ações do drama, ao ouvir tal decisão decide retornar a sua propriedade, demonstrando assim não querer prejudicar a felicidade do filho. Mas na despedida entre mãe e filho uma nova reviravolta surge. A separação por conter elementos de grande emotividade faz com que a Marquesa D'Orbeval reconsidere a sua posição, permitindo que a sobrinha possa viver junto com Jorge Bernard, o futuro marido, e com a senhora Bernard.

Em 6 de janeiro de 1859, o articulista do *Correio da Tarde* de iniciais E.A.R. comentou, então, sobre o desempenho de Furtado na peça de Ernest Legouvé. O crítico inicia o seu texto, afirmando que já nos ensaios o ator português causou grande impressão:

[...] logo nos ensaios, sendo com fervor aplaudido pelas pessoas que então a eles assistiam e grande número de companheiros, deixando assim aturdidos, petrificados e desarmados seus malévolos e gratuitos inimigos. (*Correio da Tarde*, Rio de Janeiro, 6 de janeiro de 1859, p.2, col.1).

Se nos ensaios Furtado Coelho havia apresentado um bom trabalho, na presença dos espectadores do Ginásio o ator português não decepcionou. Exemplo dessa constatação observa-se no sequencia do artigo de E.A.R, no instante em que o articulista afirma que Furtado no papel de Jorge Bernard acerta na fisionomia e na entonação da voz. Ou seja, o artista parece ter utilizado de maneira correta o princípio básico da atuação teatral realista que é a naturalidade. A citação a seguir é longa, mas necessária para entendermos o início de trabalho do ator português:

O Sr. Furtado Coelho dotado de uma bela e inteligente fisionomia, de um físico elegante, vestindo-se com apurado gosto do verdadeiro personagem de salão, possuindo maneiras delicadas e insinuantes, apanágio exclusivo do homem de educação, com um belíssimo órgão de voz, conhecendo e falando perfeitamente a língua portuguesa, justificou cabalmente na execução do papel de Jorge Bernard o que dele esperavam, não só seus afeiçoados amigos, como os entendedores (sic) da matéria, ou para melhor me explicar, aqueles que compreendem que os homens que se dedicam a arte dramática, não devem por modo algum surgir unicamente das plebes, mas antes pelo contrário possuir uma educação, quando não distinta, ao menos regular e discreta.

Assim, pois, o papel de Jorge Bernard, o homem da ciência, de ilustração o cavalheiro do século XIX, quero dizer da moderna França, que foi o mancebo apaixonado, o filho extremado, que pertence a essa raça intermediária entre o povo e a aristocracia, pertencendo a primeira pela origem, e a segunda pela elegância, inteligência e instrução, foi otimamente reproduzido artística e magistralmente desempenhado pelo Sr. Furtado Coelho.

Todos os artistas têm mais ou menos seus defeitos, o Sr. Furtado Coelho os terá também, porém quaisquer que lhe possam apontar não lhe tiram seu incontestável mérito, nem lhe ofuscam a glória que adquiriu logo na noite de sua estreia, de primeiro galã sério dos nossos teatros: ele parece ter recebido para isso os dotes do artista predestinado; há no jogo da cena de sua fisionomia, nas suas maneiras, na sua entonação da voz, como que um fluído

elétrico que se comunica aos espectadores... (*Correio da Tarde*, Rio de Janeiro, 6 de janeiro de 1859, página 02, coluna 03). Acesso em 20/05/2017.

A boa impressão provocada por Furtado não chamou a atenção somente do articulista do *Correio da Tarde*, mas também de um crítico anônimo do *Correio Mercantil*. Em texto datado em 15 de janeiro de 1859, o articulista desse jornal inicia o seu artigo destacando o Ato III, Cena II, de *Hamlet*, em que o protagonista da obra de Shakespeare aconselha ao personagem / ator da peça:

Shakspeare (sic), aborrecido da viciosa declamação dos cômicos de seu tempo, que faziam consentir em berros e gesticulações desesperadas o grande mérito da cena, põe na boca de Hamleto estes conselhos a um ator: “Acomoda a ação à palavra, a palavra à ação, observando sempre com cuidado que não ultrapasses os limites do natural, porquanto tudo o que os transpõe se afasta do fim da cena, que sempre foi e ainda é refletir a natureza como em um espelho. Quando se vai além ou quando fica-se aquém deste propósito pode se fazer rir o ignorante, mas aflige-se o homem judicioso, cujo sufrágio tem por si mais peso do que o salão inteiro. Tenho visto representar com aplauso certos atores que, Deus me perdoe, nada tendo de Cristo na voz, nada de cristão, nem de pagão, nem mesmo de humano no gesto, se sacudiam e berravam de modo que sempre os tomei por [...] algum ignorante aprendiz da natureza, o qual querendo fazer homens só tinha produzido da humanidade um abominável simulacro”. (*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 15 de janeiro de 1859, página 01, coluna, 04).

No fragmento acima, a partir da fala de Hamlet, fica claro a contrariedade do crítico quanto à atuação de atores românticos e trágicos que utilizavam de “berros e gesticulações exagerada”. Não era o caso, no entanto, de Furtado Coelho, uma vez que em suas atuações privilegiava-se o comedimento. E é essa forma de atuação não exagerada, racional, visando assim reproduzir “as situações da vida real” o grande mérito do jovem ator português:

O novo ator que presentemente chama a atenção do público do Ginásio, o Sr. Furtado Coelho, não pertence a esta escola guindada e enfática que capricha em perverter a arte dramática. O Sr. Furtado Coelho compreende o que diz, fala e gesticula como um homem dotado de razão e não como um possesso, dá animação às frases sem recorrer a uma ênfase condenável, reproduz enfim no palco as situações da vida real.

Mais algum tempo de teatro, e o jovem ator terá toda a energia do gesto e a correção e a firmeza do artista que confia em seus recursos. Ele já tem as vantagens que não se adquirem, - boa presença, voz simpática e talento: possui também já algum dote que o estudo fornece – dicção castigada, acionado simples, animação proporcionada aos lances da cena. [...]

O estudo, o verdadeiro amor da arte, a nobre ambição de cativar o público sem contorções nem gritos, - eis aí o que não cessaremos de aconselhar o Sr. Furtado Coelho. (*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 15 de janeiro de 1859, p.1, col.4).

Além de *Por direito de Conquista*, Furtado, em de janeiro de 1859, atuou ainda em *O demônio familiar*, *Os pobres de Paris*, drama de Edouard Brisebarre e Eugene Nus, *As mulheres de mármore* e *A herança do Sr. Plumet*, obra de Theodore Barrière e Enest Capendu. E foi nessas duas últimas peças que a crítica voltou a atenção. Os comentários que envolvem a atuação de Furtado Coelho em *As mulheres de mármore* encontram-se no *Jornal do Commercio* de 16 de janeiro de 1859, a partir de um texto escrito por um certo “Apollo”. O crítico não analisa a peça, mas somente a atuação dos atores. Vejamos somente o que diz o crítico anônimo sobre o nosso ator:

**Desgenais (o Sr. Furtado Coelho), apesar de poucas vezes termos visto este senhor representar, contudo reconhecemos-lhe todas as proporções para a scena. Bella e agradável presença, boa e facil elocução; tu lo nelle revela decidida vocação para tornar-se um artista notavel, e o tem provado no desempenho dos papeis de Bernard, Felipe e Desgenais. Damos os nossos emboras ao Sr. Furtado Coelho, e conte que sempre nos terá a seu lado para encoraja-lo na ardua carreira que enceton.**

**Fig.17:** *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 16 de abril de 1859, página 01, coluna 02. Disponível em [http://memoria.bn.br/DocReader/364568\\_04/13916](http://memoria.bn.br/DocReader/364568_04/13916).

Quanto *A herança do Sr. Plumet*, o folhetinista do *Correio Mercantil* de 23 de janeiro, de iniciais H. M., fez questão de comentar o enredo da peça. O articulista relata a história de Sr. Plumet um homem rico que vive na companhia de seu primo Felipe Plumet, personagem desocupado, mas de bom coração. No entanto, outros personagens na peça começarão a tramar contra a boa relação de Plumet e Felipe Plumet, gerando todo o conflito na obra. Furtado Coelho, como informa H. M. e os cartazes de espetáculo do *Jornal do Commercio*, fez o papel de Felipe Plumet e arrancou elogios do folhetinista do *Correio Mercantil*, merecendo tal crítica ser explicitada:

O Sr. Furtado Coelho (Felippe) revelou mais uma corda no seu arco para os que o viram no papel de Jorge Bernard e de Desgenais.

O homem educado e altamente inteligente, que chega a vencer os preconceitos de uma família de verdadeiros fidalgos, entrando para o seu seio – *por direito de conquista*; o jornalista sarcástico, o amigo leal e dedicado, o moralista severo, que profliga *as mulheres de mármore*, pode, descalçando as luvas e a fina bota envernizada, transformar-se num velho prematuro, que traz impresso no rosto o estigma da devassidão; em cuja alma porém, ainda dormem bons sentimentos, que em hora dada, em momento oportuno, acordam com toda a energia de um protesto eloquente.



O Sr. Furtado Coelho abraçou a carreira artística levado por uma verdadeira vocação. Antes de ser ator foi mestre. A sua dicção é castigada, o seu gesto verdadeiro; tudo na sua figura e nos seus ademanes denota o homem bem educado e inteligente.

Para ele a arte não é uma profissão mais ou menos lucrativa, é uma vocação, uma afeição, um dever grave que procura desempenhar respeitando-se a si e ao público.

Sabe que não está no palco como um autômato, alugado por um empresário para reproduzir palavras; sente que tem uma missão, e quer cumpri-la. Daí o cuidado com que prepara os seus papeis, com que acentua cada frase, com que sacrifica o efeito a verdade, com que se caracteriza, com que não faz da imodéstia e da filúcia uma coroa de triunfo.

Se perseverar na marcha que está seguindo, não só há de ser um artista eminente, mas há de enobrecer a sua classe, levantá-la da abjecção a que alguns a têm atirado pela sua crassa ignorância ou pela vaidade com que repelem a mais inocente crítica.

O Sr. Furtado foi uma brilhante aquisição, não diremos só para o Ginásio, mas para o teatro dramático em geral. (*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 23 de janeiro de 1859, p.1, col.3.)

Nesse texto, duas passagens devem ser destacadas. A primeira é o comentário do folhetinista de que Furtado transformou-se “num velho prematuro”, ou seja, o ator português que na época tinha somente 27 anos, ao interpretar um personagem de idade maior, consegue atingir o efeito realista em cena, a partir do semblante, e talvez do andar e da fala. Já a segunda passagem que chama-nos a atenção é que H.M., tal como outros folhetinistas que analisaram as atuações de Furtado Coelho, igualmente entende que o ator português põe em prática a atuação realista que presa pela naturalidade, pois o artista em suas atuações tem o cuidado de sacrificar o efeito à verdade. Ou seja, na atuação do ator não há espaço para emoções ou atuações grandiloquentes. Tudo é voltado para se atingir o efeito de realidade e de veracidade.

O segundo grande trabalho de Furtado no Ginásio no início do ano de 1859 foi a atuação na peça *Pedro* do dramaturgo português José da Silva Mendes Leal Junior. A obra, que é um drama realista, pois mostra uma sociedade preconceituosa, o problema do jogo que é capaz de arruinar uma família e o valor do trabalho, conta a história de Pedro, personagem de grandes valores éticos e que é filho do mordomo que serve na residência do Conde de S. Thiago. Com o andamento das ações vemos, então, o personagem principal ascender socialmente, chegando a ocupar altos cargos públicos. Por outro lado, a obra de Mendes Leal Junior parece-nos ter algumas características que são próprias do drama romântico, como por exemplo, o amor de Pedro por Maria, filha do Conde de S. Thiago; na cena em que Pedro salva Maria do incêndio ocorrido na casa dessa personagem ou a cena em que o protagonista salva a amada de ser atacada por outros três personagens. Assim, Pedro demonstra ser o típico herói romântico.

O drama de Mendes Leal Junior subiu em cartaz em 5 de fevereiro de 1859, sendo que esse espetáculo era benefício de Furtado Coelho. O artista português, atuando no papel de Pedro, não decepcionou, pois no *Correio Mercantil* do dia 11 do mesmo mês (Faria, 1993, p.132), um longo artigo anônimo, de título *Theatro do Gymnasio*, comenta sobre a apresentação daquela noite:

A 5 do corrente teve lugar neste teatro o benefício do simpático jovem o Sr. Luiz Candido Furtado Coelho, e nós como apreciadores do mérito e abraçados pelo desejo de darmos um testemunho público da homenagem que tributamos a esse gênio fecundo, a essa flor que vai desabrochando e cujo peso abate a outras que já há muito robustecidas pela terra desafiam o furor dos ventos, não podemos furtar-nos ao dever de fazermos e publicarmos a mais sucinta descrição desse dia, que certamente ficará assinalado na carreira deste artista, que hoje é a glória deste teatro. (*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 11 de fevereiro de 1859, p.1, col.7)

Essa introdução anuncia os elogios rasgados que o restante do texto continuará a desenvolver, ou seja, abordará o grande número de espectadores que compareceram ao Teatro Ginásio para prestigiar ao “insigne artista”, uma figura conhecida pela amabilidade, caráter, docilidade e inteligência. Ademais, na sequência do artigo, afirma-se que antes do drama *Pedro*, o provérbio de Furtado *Nem por muito madrugar amanhecer mais cedo* foi encenado, sendo essa “uma das mais delicadas” composições que se tem sido apreciado no palco:

Às 8 horas da noite desse dia já estava o teatro apinhado de um numeroso e brilhante concurso de expectadores, entre os quais pela maior parte estavam as pessoas mais gradas desta corte, que ansiosos esperavam o começo do espetáculo, e por consequência o momento de satisfazerem ao insigne artista aquilo que com incontestável direito lhes era credor, já pela grande simpatia que em tão curto espaço tem sabido granjear da Sociedade Fluminense, pela amabilidade do seu caráter, docilidade de suas palavras e lhanza de em (sic) trato, e já, que é mais que tudo, pela sua alta e bem cultivada inteligência, que já tem sido aquilatada na imprensa, na poesia, na música, no piano, e hoje na arte dramática.

Deu princípio ao espetáculo o mimoso provérbio – de sua composição - que é uma das mais delicadas que temos apreciado no palco, tanto pela sua linguagem, como pela naturalidade e graça de todas as cenas que nele se encerram, e no desempenho do qual o distinto artista mostrou o quanto pode o seu talento. Seguiu-se ao piano pelo jovem artista uma brilhante fantasia de sua composição, cujos sons graves e melodiosos foram acompanhados de entusiásticos bravos. (*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 11 de fevereiro de 1859, p.1, col.7).

Na sequência do artigo, o articulista anônimo faz referência ao drama de Mendes Leal, mas sem realizar uma análise aprofundada da peça ou da atuação dos atores. No entanto, sobre o nosso artista, o crítico faz questão em comentar que ao final do espetáculo, Furtado foi

saudado no palco pela plateia com flores, sendo que depois esse mesmo público acompanhou o ator português até a sua residência:

Terminando com a representação do excelente drama – *Pedro* -, do Sr. Mendes Leal Junior, no qual o eminente artista desempenhou o papel de protagonista revelando em todas as cenas o seu gênio deslumbrante, a ponto de levar os seus generosos expectadores a tão subido grau de entusiasmo que não se satisfazendo em o chamar a cena por mais de seis vezes, e nestas ocasiões, assim como em todos os atos, foi o palco alcatifado com flores que choviam dos camarotes, e o artista presenteado com duas riquíssimas coroas, com um grande número de bouquets, poesias análogas, e por todo o teatro foi aclamado o primeiro ator da escola dramática moderna.

Findo isto, perto de quatrocentas pessoas se dirigiam à porta da caixa do teatro, a fim de receberem o exímio artista e o acompanharem até sua casa, o que teve lugar, seguindo o acompanhamento pelo largo do Rocio, rua dos Ciganos e campo da Aclamação, onde estava postada uma banda de música a sua espera que, tomando a frente dessa imensa comitiva, que era guiada por fachos conduzidos por alguns cavalheiros distintos, seguiu pela rua de S. Pedro até a casa desse artista, que a franqueou a essas pessoas que tão espontaneamente o acompanharam. (*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 11 de fevereiro de 1859, p.1, col.7).

Já em sua residência, o texto informa que Furtado, buscando retribuir a homenagem realizada pelas pessoas, fez um breve discurso da janela de sua casa, saudando a todos os artistas, ao povo brasileiro, aos portugueses e os demais estrangeiros ali presentes:

Apenas entrado (sic) e aparecendo em uma das janelas, o que de novo fez rebentar entusiásticos vivas das pessoas que haviam ficado nas ruas, disse, pouco ou mais ou menos, - que para poder bem expressar sua gratidão e reconhecimento seria mister medi-los pelo entusiasmo de todos que o ouviam. Que ele recebia tão espontânea demonstração de afeto e apreço não como uma homenagem devida ao artista já consumado, mas como uma generosa animação e um forte incentivo que o levasse a prosseguir corajoso na arte que com tanta felicidade encetara. Sendo a expressão desses sentimentos do simpático artista interrompida pelo auditório com muitos não apoiados, e tida por excessiva modéstia própria do verdadeiro talento, o artista, agradecendo de novo tantas provas de consideração concluiu fazendo as seguintes saudações: “A todos os artistas que fazem do trabalho uma honra e da arte uma glória! A todos os filhos do Brasil, terra por excelência hospitaleira, generosa, simpática e ilustrada! A todos os portugueses antigos, amigos dedicados e fieis aos filhos do Brasil! A todos os demais estrangeiros aqui presentes, que nutrem iguais sentimentos!” (*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 11 de fevereiro de 1859, p.1, col.7).

Após saudar as pessoas, o texto informa que Furtado Coelho dirigiu-se para o salão de sua casa, recebendo nesse local cerca de cento e cinquenta pessoas, o que demonstra a grande simpatia que a sociedade carioca empregava ao nosso artista. Além do mais, interessante ainda observar no texto a presença de Francisco Corrêa Vasques na reunião, fato esse que nos leva a

crer que a amizade entre os dois artistas já existia durante esse período, mas que depois será fortemente abalada no ano de 1867, episódio esse que iremos abordar em momento apropriado:

Recebidas essas saudações com um entusiasmo inexplicável, dirigiu-se o insigne artista ao salão interior de sua casa onde estavam reunidas cerca de cento e cinquenta pessoas, que foram servidas em uma esplêndida mesa, que um seu companheiro de casa e amigo dedicado lhe havia preparado para o surpreender; aí fizeram-se muitos brindes dos quais só podemos notar os seguintes: em diversas ocasiões e por quase todos os cavalheiros presentes com frenético entusiasmo ao jovem artista; a diversos artistas distintos; a muitos dos cavalheiros presentes e a ilustrada redação do Correio Mercantil, recitando por esta ocasião o Sr. F. C. Vasques a sua seguinte produção que foi muito entusiasticamente recebida:

*Dissipem-se as nuvens da lisonja  
 Caiam por terra os mesquinhos zoilos  
 Que ante o gênio a verdade surge!  
 Se a mesquinha lira do artista pobre  
 Inda é dado ecoar sons de alegria,  
 Deixai-a vibrar bem forte nesse dia  
 Pois sua missão é santa e nobre!  
 Mas triste ela vacila, pois descobre  
 As suas cordas alquebradas sem magia,  
 E como fazer não pode o que queria  
 A misera na tristeza já se encobre.  
 Mas se vês, oh! Lira, que não podes decantar  
 Esse Jorge do Direito de Conquista  
 Ou aquele Desgenais de arrebatrar  
 Pro Pedro sem mais nada lança a vista,  
 E as futuras gerações faz ecoar  
 Luiz Candido Furtado – o nobre artista!... (Correio Mercantil, Rio de Janeiro,  
 11 de fevereiro de 1859, p.1, col.7).*

As informações seguintes contidas no texto informam o discurso proferido por Quintino Bocaiúva que muito provavelmente deve ter elogiado Furtado e a exposição oral do ator português, que na sua oportunidade em falar saudou o dramaturgo e crítico literário, dizendo ser ele “um dos mais distintos ornamentos da imprensa brasileira”:

Em seguida fez o Sr. Quintino Bocaiúva um brilhante discurso, no qual ainda uma vez revelou o seu grande talento e muita eloquência, tornando-se por isso bastante notável a todos quantos o aplaudiram freneticamente e logo em seguida o jovem artista fez em breves palavras uma saudação ao Sr. Bocaiúva, na qual entre imagens poéticas e brilhantes o exaltou como um dos mais distintos ornamentos da imprensa brasileira. Durante toda essa reunião, em que reinou a maior fraternidade, a banda de música *Recreio Musical Luso Brasileira*, que tão generosamente se prestou, dirigida pelo seu distinto professor o Sr. Cardim, tocou várias e escolhidas peças, distinguindo-se a polca Furtado. (Correio Mercantil, Rio de Janeiro, 11 de fevereiro de 1859, p.1, col.7).

Por fim, o texto encerra-se

Às 4 horas da manhã já tudo estava silencioso sem se ter de lamentar o menor desaguizado. Sirva, pois, esta noite de maior triunfo para este artista, de incentivo para que ele não se arrede um só instante da carreira que tão digna e felizmente tem trilhado, e para que, compenetrando-se, como somos levados a crer, da sua verdadeira missão, trate de dia para dia de não desmentir o conceito e esperança que nele depositamos, e de tornar seguro o brilhante porvir que lhe agouramos na regeneração da arte dramática, ainda não bem resolvida em nosso país.

Eis tudo quanto a nossa pena inteiramente mal aparada nos permite dizer a respeito de um homem, cuja reputação já bastante vulgarizada, certamente ofenderíamos com o que levamos dito se não tivéssemos a firme convicção de que tudo isto é filho de um coração amigo, que de outra maneira não pode tomar parte na glória de seu amigo. (*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 11 de fevereiro de 1859, p.2, col.1).

O *Correio da Tarde* de 8 de fevereiro de 1859, igualmente comentou sobre a noite de estreia de Furtado Coelho no drama *Pedro*. No entanto, a abordagem do espetáculo se estabeleceu a partir do diálogo que o folhetinista, Viegas, ouviu de dois indivíduos, que estavam na esquina do bar *Fama do Café com Leite*. O diálogo é o seguinte:

- Você viu o Pedro no Ginásio? Perguntou o do bom ao do mau gosto.

- Vi.

- E que diz?

- Digo que não gostei da peça no Ginásio; em S. Pedro agradou-me mais.

- Não posso compreender como seja assim.

- É fácil, tendo-a visto nos dois teatros. Em S. Pedro, ouvia-se o Sr. De-Giovani encher os pulmões quando representava; no Ginásio, quase dormi com a maneira de falar do Furtado Coelho.

-Que diz, homem? Pois você chama ao gritar representar e cochila quando representa? Não sabe que o representar é reproduzir, e que o reproduzir é imitar a natureza e que a natureza não está sempre de boca aberta a dar berros que atroam os ouvidos? Você viu o ator Furtado?

- Vi.

- Então viu a representação de *Pedro* sem um grito; viu o apenas com toda a propriedade alterado em uma cena quando opõe uma barreira a três infames que dão as mãos para um rapto; ouvi-o no 4º ato dizer como diria qualquer homem que não fosse apregoador de ruas – a filha do conde de tal, nunca se humilha! – viu o no seu gabinete feito um ministro e não um leiloeiro; viu, enfim, pela primeira vez a representação de *Pedro* como seu autor o imaginara, não só no papel de protagonista, como no da filha do conde, que a Sra. D. Jesuína desempenha com arte e natureza, graças ao seu merecimento artístico, que é incontestável, e as lições do seu ensaiador, que lhe reconhece.

- Olhe, tudo isto poderá ser como você diz; mas eu gosto mais do romântico estragado do ator Martinho.

Um disparate destes, pedia o que o outro fez; riu-se e deu-lhe as costas balbuciando:

- E cause-se, estude um homem para ser julgado por um camelo deste quilate. (*Correio da Tarde*, Rio de Janeiro, 8 de fevereiro de 1859, p.1, col.5).

É improvável que Viegas tenha memorizado toda a conversa entre os dois indivíduos, sendo mais plausível acreditar que tal conversação seja um diálogo ficcional, no qual há uma polarização de gostos: de um lado há o indivíduo de bom gosto que apreciou a atuação de Furtado Coelho no Teatro Ginásio, pois nosso artista fala baixo, não grita, atua com naturalidade e de outro lado o sujeito de mau gosto que apreciou mais a atuação de De Giovani no São Pedro de Alcântara ou a atuação romântica estragada do ator Martinho.

Do diálogo entre os dois sujeitos, podemos ainda pensar em outra questão: a rivalidade entre o Teatro Ginásio e o Teatro São Pedro de Alcântara. Vejamos melhor esse tema. Se no folhetim do *Correio da Tarde* observa-se a preferência clara do articulista pelo Teatro Ginásio, pois ele adjectiva o apreciador do teatro de Joaquim Heleodoro como sendo aquele de bom gosto e nomeia o admirador do São Pedro de Alcântara como o de mau gosto, em novembro e em dezembro deste mesmo ano, no *Jornal do Commercio* e no *Correio Mercantil*, encontram-se vários textos, em que leitores anônimos tentam defender o Ginásio e o São Pedro de Alcântara. Ou seja, há uma guerra de gostos que envolvem os dois teatros. Faria (1993, p.113) analisou esse tema e explica-nos que a rivalidade ocorrida entre os dois teatros, no final da década de cinquenta do século XIX, não significava disputas voltadas ao campo empresarial, mas conflitos no que diz respeito ao âmbito estético. Em outras palavras, o crítico e historiador explica que enquanto João Caetano no São Pedro de Alcântara continuava insistindo nas encenações de tragédias neoclássicas, nos dramas românticos e nos melodramas, o Teatro Ginásio representava a inovação com a encenação das comédias realistas. Toda essa polêmica inicia-se, então, quando João Caetano levou em cartaz o drama romântico *O Sineiro de São Paulo* (Faria, 1993, p.114), gerando críticas negativas ao empresário do São Pedro de Alcântara, mas também comentários em que se elogiava o ator romântico. O embate, ocorrido no *Jornal do Commercio*, aconteceu de 4 de novembro até 2 de dezembro de 1859 (Faria, 1993, p.114), mas de todos os textos publicados consideramos importante destacar o artigo de 26 de novembro, pois nele Furtado Coelho é citado<sup>3</sup>. Nesse texto, escrito por um leitor anônimo intitulado “um artista dramático”, o ator português é criticado pela sua forma de atuação, que de acordo com o crítico é totalmente equivocada:

O Sr. Furtado Coelho não sustenta a voz, e para quem está colocado no meio da plateia parece ter voz de doente, e não se entende metade do que ele está dizendo, tão fraca é sua pronúncia e sua voz. O Sr. Furtado

<sup>3</sup> O embate entre os admiradores do São Pedro de Alcântara e do Teatro Ginásio foram publicados no *Jornal do Commercio* nos dias 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 23, 26 de novembro e nos dias 1 e 2 de dezembro.

afeta de virar as costas ao público o mais que pode, e quase sempre fala de perfil, de maneira que evita a dificuldade do jogo de fisionomia. Se o Sr. Furtado tem uma tirada calorosa, ou a diz com tanta volubilidade que não se percebe, ou tão devagar que se torna fria. Se tem uma declaração amorosa a fazer, ainda a faz friamente porque não estou e por conseguinte e não tem os meios de executá-la satisfatoriamente. E tudo isso num teatro pequeno, em peças com paixões pequenas e pequeno desenvolvimento; que seria se ele fosse representar no teatro de S. Pedro, em peças fortes e paixões com grande desenvolvimento, aonde é preciso dar mais largura à declamação, ao acionado, à voz, à articulação, ao andar em cena?

O ator deve ser um Proteu, que muda de figura conforme a personagem que representa, e o Sr. Furtado com seus bigodes, de que usa na rua, apresenta sempre a mesma fisionomia em todos os papeis. Pois se é verdade que ele tem uma vocação decidida pela arte, não deve fazer o sacrifício dos seus bigodes à mesma arte?

Esta maneira de representar vai de encontro a todas as regras da arte do bom senso, e longe de ser apresentada como modelo deve se fugir dela se se quer fazer algum progresso [...]

Tudo que temos dito não deve ofender o Sr. Furtado, o futuro é seu: estude muito e muito, procure quem lhe dê conselhos, pratique longos anos; reflexione muito: veja como fala francês, se alcança a arte dramática escrita pelo artista Aristippe; as memórias de Lekain, Talma, de Mll. Dumesnil, Clairon e sobretudo de Mme Talma: leia-as; medite-as, faça esforço para pôr em prática o que encontrar nelas, e provavelmente se tornará um bom ator e regenerará para sempre a maneira defeituosa e errada com a qual encetou a sua carreira dramática. (*Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 26 de novembro de 1859, p.2, col.2; Faria, 1993, p.114-116).

Faria (1993, p.116) analisou o texto acima e comenta que a forma de atuação de Furtado Coelho obedece aos parâmetros da interpretação realista, uma vez que “a voz, o jogo de fisionomia, o andar em cena, tudo obedece ao princípio da reprodução da realidade exterior” (p.116). No entanto, para o crítico anônimo a maneira de atuar de Furtado não é um modelo que deva ser seguido, preferindo o articulista que o artista se espelhe em atores da escola romântica. Além do mais, outro ponto destacado por Faria (p.116) é a implantação da “quarta parede” pelo ator português, fato esse que também desagradou o autor do texto. Por fim, Faria (p.116) observa que no momento anterior as críticas ao modo de atuação de Furtado Coelho há uma defesa dos princípios de atuação muito parecida com que João Caetano já havia escrito em *Lições Dramáticas*. Se João Caetano está por detrás do pseudônimo “um artista dramático” é uma hipótese. Porém é preciso destacar que durante a polêmica surgiu a informação de que Emílio Doux, então ensaiador do Teatro Pedro de Alcântara, seria o tal articulista anônimo, como informa o *Correio Mercantil* de 27 de novembro de 1859, a partir de um leitor anônimo:

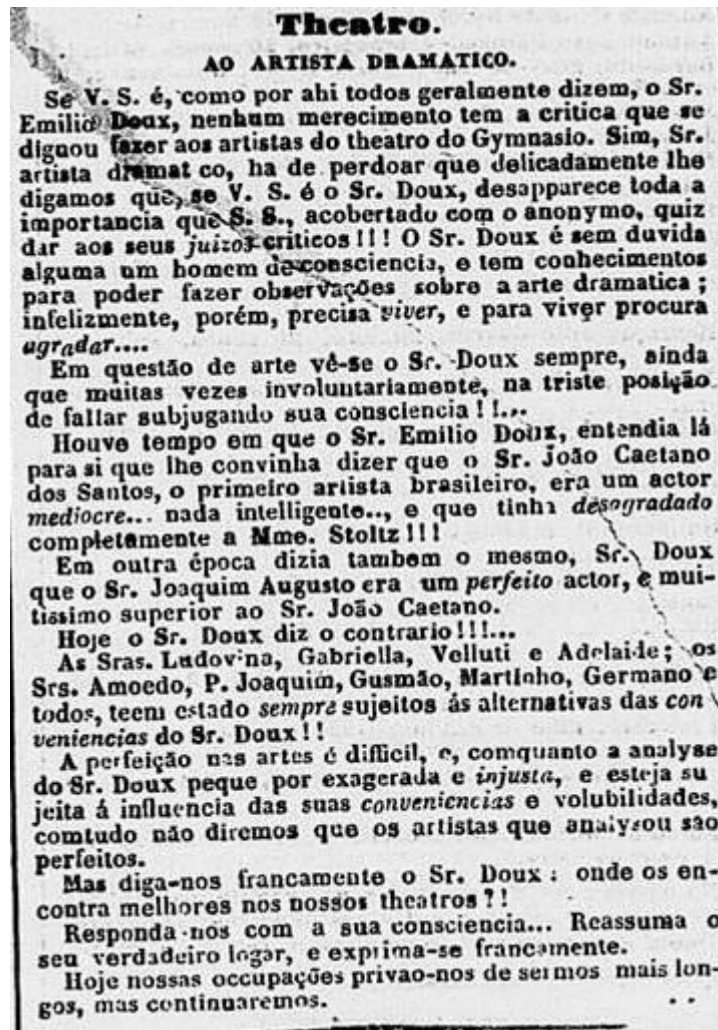


Fig.18: *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 27 de novembro de 1859, p. 2, col. 5. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/217280/16934>.

Ao mesmo tempo em que textos anônimos surgiam no *Jornal do Commercio*, a polêmica também se estendia ao *Correio Mercantil*. Nesse jornal, o embate inicia-se em 30 de outubro com um certo “Requiescat in pace”, afirmando que João Caetano ao levar em cartaz o *Sineiro de São Paulo* apresenta “um drama inverossímil e já carcomido pelos anos”:

Não há poucos anos, ainda éramos menino, ouvíamos falar em louvor deste drama que então nessa época memorável do teatro de S. Pedro, estava, ainda na moda literária; hoje, porém, quando o drama moderno cheio de verdade e natureza, veio expelir do teatro nacional esses abortos do espirito criador, torna-se insuportável a lembrança e a representação desse fóssil.

A empresa que, esquecendo todos os elementos de progresso e da arte, se abalança a fazer representar nestes tempos um drama inverossímil e já carcomido pelos anos e encanecido pelas fadigas do trabalho, ou é digna de lástima pela sua miopia, ou digna de censura pela motinada charlatânica, que tem feito com os ensaios de um drama que apenas pode ser hoje admitido em um teatro de aldeia, cujos atos justifiquem a imperícia da sua administração. (*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 30 de outubro de 1859, p.2, col.3).



Outros críticos anônimos seguiram na mesma análise de que a peça de Joseph Bouchardy era ultrapassada. Um leitor anônimo, que assina “um artista brasileiro”, explicava que a época era outra e que “a arte nobilita-se com o exercício de novas vocações distintas e inteligentes”:

Foi uma calamidade que ninguém, reflexionando, deixará de conhecer, mas que convém remediar fazendo ver ao governo e ao país que a época é outra, que a arte nobilita-se com o exercício de novas vocações distintas e inteligentes, a quem indubitavelmente compete o destino da arte dramática neste império. (*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 5 de novembro de 1859, p.2, col.3).

Mas o crítico vai mais a fundo em seu comentário. Para ele é inaceitável que João Caetano receba subsídios do governo e não melhore o seu teatro, principalmente na parte que envolve a mobília, o cenário e os vestuários:

O governo provincial, cujos cofres exaustos foram alimentados por um empréstimo, de que paga juros, obtido da companhia da estrada de ferro, adianta ao empresário do teatro da Santa Teresa uma avultada soma (que há de ser paga pelo produto das loterias... quando correrem), e que não se gasta nem em melhorar o edifício do teatro, nem nas mobílias, cenários e vestuários de que precisam.

Que desleixo imperdoável é o de um governo, qualquer que seja, que deixa gastar-se assim em interesses particulares os dinheiros públicos, sem fazer compreender ao diretor dessas empresas tão prodigamente auxiliadas que os dinheiros da nação não são concedidos ao indivíduo, mas sim ao empresário, e que portanto esses dinheiros não lhe pertencem, nem os deve empregar em comodidades e gozos particulares, mas somente no melhoramento das empresas que dirige! (*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 5 de novembro de 1859, p.2, col.3).

Igual pensamento sobre os subsídios ao empresário João Caetano apresenta um certo “Veritas”. Esse articulista criticava o fato de o governo imperial subvencionar o São Pedro de Alcântara, mas dele nada surgir para “aperfeiçoar a arte dramática”:

[...] os cofres públicos subvencionam esta miséria, e nada surge de bom, nada de útil, inteiramente nada que preste para aperfeiçoar a arte dramática [...] Dramas da escola antiga mal ensaiados, a alusão ridícula figurando como realidade, o anacronismo em voga; eis o que se passa no primeiro teatro da capital sob a direção do comendador da ordem de Cristo de Portugal, o Sr. João Caetano dos Santos. (*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 5 de novembro de 1859, p.2, col.4).

Por outro lado, houve quem não concordasse com as críticas ao São Pedro de Alcântara e a João Caetano. O nosso já conhecido “Dr. Til”, por exemplo, foi ao jornal lamentar que a imprensa vê tudo de ruim no principal teatro da Corte e aproveita para criticar Furtado Coelho, um artista que, segundo o crítico, “começa a desnortear-se com os pomposos elogios de capacidades fofas”, acarretando na perda da “pouca arte que já tinha adquirido”:

Eu não devia criticar e censurar os atores ou principiantes do Ginásio – tudo quanto dali saí digno da censura ou da crítica, não é deles, é dos incensos que a imprensa lhes tem dispensado com uma prodigalidade tal, que já alguns se julgam os primeiros, ao passo que, sem se aperceberem vão ficando para os últimos.

Sr. Furtado Coelho, jovem de tantas esperanças começa a desnortear-se com os pomposos elogios de capacidades fofas, a ponto tal que, segundo me afirma quem pode afirmar-me, vai perdendo a pouca arte que já tinha adquirido [...] (*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 10 de novembro de 1859, p.2, col.4).

Se não bastasse a crítica a Furtado Coelho, “Dr. Til” aproveita também para criticar o Ginásio, afirmando que frequentar essa casa de espetáculo é ter “pouco amor à saúde”, haja vista que o teatro é pequeno, abafado e os corpos lá se aglomeram:

Domingo passado não quis o calor excessivo que, vendo o espetáculo do Ginásio, desse e prazer aquela gente de principiar por ela; mas aguardo quadra mais fresca, e fresco os saudarei.

Frequentar o teatrinho do ginásio na quadra atual é ter pouca amor à saúde, e por isso à vida e ao dinheiro, duas bagatelas que tanto divertem a medicina: enquanto eu for amigo, como hoje sou, dos Srs. Médicos não estou resolvido a concorrer para o seu bem estar por uma imprudência tão indesculpável: focos de exalações miasmáticas não faltam por aí a cada canto da cidade, e se eles nos atingem onde o ar mais livre circula, muito mais nos podem afetar em um recinto onde tão estreitamente os corpos se aglomeram. (*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 10 de novembro de 1859, p.2, col.5).

No entanto, o comentário de “Dr. Til” referente a Furtado Coelho causou indignação em um certo “Dr. Z”, levando esse crítico a indagar em qual papel o artista português teria perdido a sua capacidade artística:

Quem foi que insultou o Dr. Til?

Pois há alguém no mundo que possa insultá-lo?!

Qual foi o papel que o Sr. Furtado desempenhou que mostrasse que ia perdendo a pouca arte que tinha adquirido? Onde foi que se deu isso? Seria no *Luiz* ou no *Rafael*, cujos dramas, levados ultimamente à cena, mostraram mais uma vez que o Ginásio é o único teatro em que se representa nesta corte? (*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 11 de novembro de 1859, p.2, col.4).

Nessa grande polêmica, “Dr. Til” continuava a ser criticado e só restava ao articulista anônimo a retornar aos jornais para se defender. Em novo texto datado em 13 de novembro, o crítico perguntava se vem do Ginásio, um teatro voltado para a imoralidade, as críticas contra ele. Além do mais, “Dr. Til” acreditava que um dos seus oponentes, um certo “Frederico Zuccaro”, articulista que havia escrito vários textos criticando a encenação de *O Sineiro de São Paulo*, seria um dos diretores do Ginásio, ou até mesmo Joaquim Heleodoro:

É do Ginásio que saem os projetis a mim dirigidos? É ao Ginásio que hei de atirar sem dó.

A escola ali aberta por Frederico Zuccaro, é a da imoralidade, a arte que ali se ensina é a de cantar às Sereias, em vez de ouvi-las cantar; o único estudo em que mais capricha o mestre é nas posições indecorosas, licenciosas e....

Não digo mais, para não me parecer com um sombra de Nino.

(*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 13 de novembro de 1859, p.2, col.6).

Além de *O Sineiro de São Paulo*, a peça *Erro e Amor*, de José Romano, levada também em cartaz no São Pedro de Alcântara, aumentou ainda mais a polêmica. “Frederico Zuccaro”, por exemplo, argumentou que a peça de José Romano é ruim, praticamente uma imitação da obra *Trinta anos ou a vinda de um jogador*, haja vista que a linguagem é péssima e as cenas forçadas. Ou seja, a obra é “uma coleção de disparates”:

O drama é uma ruim imitação dos *Trinta anos ou a vida de um jogador*; escrito em péssima linguagem, ali formigão os erros e as incorreções; o trecho é quase nulo; as cenas, forçadas, não derivam umas das outras, e vão contra toda a naturalidade [...]

Finalmente, a peça é uma coleção de disparates — Quem tiver pachorra que a vá ver, isto é, aqueles que forem gastar seus cobres, que, quanto aos que os não gastam, há muitos que lá vão, e esses sempre têm pachorra. (*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 20 de novembro de 1859, p.2, col.4).

Já um leitor que assina “um brasileiro” denominava a obra de José Romano como um “monstro disforme e inverossímil” que arrenega “todas as regras da arte e da verdade” (*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 20 de novembro de 1859, p.2, col.4).

Como era de se esperar, “Dr Til” respondeu a “Frederico Zuccaro”, dizendo que se a obra de José Romano é uma imitação, o drama *Luiz*, obra de Ernesto Cibrão muito encenada no Ginásio por Furtado Coelho, seria plágio da obra *O crime ou 20 anos de remorsos*, de José Maria Afonso<sup>4</sup>:

---

<sup>4</sup> A obra do dramaturgo português está disponível no Real Gabinete Português de leitura, no Rio de Janeiro.

*Erro e amor* é uma ruim imitação, diz o crítico, dos *Trinta anos*; podia também dizer que era um plágio de... de qualquer coisa, que pouco ou nada influiria o que dissesse; e tanto é assim, que eu, asseverando ser o *Luiz*, drama do Sr. Cibrão, um roubo literário feito ao *Crime ou 20 anos de remorsos*, o meu Luizinho aí vai vogando, apesar do seu merecimento, e sem quebra da dignidade do papai. (*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 21 de novembro de 1859, p.2, col.3).

*Erro e amor* foi também analisada por Machado de Assis no jornal *O Espelho* de 20 de novembro. Para o crítico teatral e escritor, a obra “não é um drama”, mas “uma galeria de cenas desconchavadas, que provam evidentemente a incapacidade do Sr. José Romano, como dramaturgo” (*O Espelho*, Rio de Janeiro, 20 de novembro de 1859, p.10, col.1; Faria, 2008, p.180). Mas a crítica ao drama não ficou só nisso. Na edição seguinte, Machado retornou a comentar a obra de José Romano, mantendo a opinião já apresentada:

Assisti a uma segunda representação do *Erro e Amor*, no São Pedro. Repito o que disse; o drama não justifica o cuidado da decoração. A crítica séria não pode encontrar naquela produção o cumprimento dos preceitos da arte. Nem beleza moral, nem beleza plástica; as cenas seguem-se, mas não se encadeiam; não se prepara a ação; no fim de cada diálogo o espectador repete aquela frase: Qu'est-ce que cela prouve? à quoi em cela? (*O Espelho*, Rio de Janeiro, 27 de novembro de 1859, p.10, col.2; Faria, 2008, p.182).

A crítica de Machado de Assis gerou revolta em um certo “L.J.”. Segundo o articulista anônimo, o crítico teatral de *O Espelho* considerava José Romano um mau escritor, pois a sua peça é encenada no São Pedro de Alcântara. No entanto, se a obra fosse apresentada no Ginásio, o dramaturgo português tornaria um bom escritor aos olhos do crítico:

*O erro e amor, não é drama, é uma galeria de cenas desconchavadas, que provam evidentemente a incapacidade do Sr. José Romano como dramaturgo. Sim, meu sábio da Grécia, enquanto forem produções de J. Romano em S. Pedro, ele será um charlatão, mas se as mesmas passarem para o seu idolatrado Ginásio, tornar-se-á então um bom dramaturgo. Tome sentido Sr. M—as que por sua causa pode o Espelho quebrar-se, e é pena se tal acontecer, porque gosto muito de ler as suas Revistas Teatrais. (Correio Mercantil, Rio de Janeiro, 26 de novembro de 1859, p.2, col.4).*

Mas o comentário de “L.J.” não foi o primeiro direcionado a Machado de Assis. Quando o crítico teatral criticou a direção do São Pedro de Alcântara por levar em cena *O Sineiro de São Paulo*, um drama “velho na forma e no fundo; pautado sobre os preceitos de uma escola decaída” (*O Espelho*, Rio de Janeiro, 13 de novembro de 1859, p.9, col.1; Faria, 2008, p.171), “L.J.” acusou Machado de proteger o teatro Ginásio:

Com que então o Sr. M-as diz que *O sineiro de S. Paulo* não presta, porque é *pautado sobre os preceitos de uma escola decaída!* Causa-me riso, meu amigo, todas as vezes que leio as suas Revistas Teatrais, porque vejo sempre que S. S. fala pelo amor ao teatro que frequenta, e não pelo amor à arte dramática; ou por outra, pela amizade que consagra talvez a muitos dos artistas do Ginásio, e como assíduo frequentador do mesmo.

Como, pois, o meu jovem escritor não gosta senão dos dramas, modernos, não dá licença que se represente os da escola decaída!!...

Com que então o Sr. J. Caetano fez mal por em cena *O sineiro de S. Paulo*, porque pertence à adolescência da arte, e a arte hoje entra em uma idade mais viril e de mais sérias vistas!! Ora esta !... É de mestre!!... Onde aprendeu tanta coisa, meu jovem escritor? Mire-se neste espelho, Sr. Dr. Til e veja que bom defensor tem o Ginásio!... V. S., Sr. Dr. Nada entende da arte dramática, e deve quanto antes quebrar o bico da sua pena, depois de ouvir falar tão bem como fala esse mocinho. Que talento!! Pois se ele nota defeitos artísticos do Sr. J. Caetano!!! A prova é que se revelaram mais uma vez no *Sineiro de S. Paulo*. Olhe, Sr. J. Caetano, e atenda bem, *há frases bonitas, cenas tocantes, mas em compensação verdadeiras nodoas que mal assentão na arte e no artista*. Bem mostra o meu jovem folhetinista que escreve em um espelho.

*Espero segunda representação para entrar detalhadamente no exame desse drama*. Se fosse o seu querido Ginásio não esperava, já lá teria ido mais vezes e encontraria tudo sublime como sempre. Olhe, meu jovem escritor, se não gosta do teatro de S. Pedro, se não simpatizou com a sua bela companhia e se não ama essa escola que S. S. denomina decaída, será bom que nunca saia do seu amável Ginásio para poder tecer-lhe esses fofos elogios do costume. (*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 20 de novembro de 1859, p.1, col.7)

“Dr. Til” também criticou o fato de os articulistas considerarem ruim aquilo que se apresentava no São Pedro de Alcântara e bom os espetáculos exibidos no Ginásio. Em um de seus textos, o crítico anônimo argumenta:

A guerra que se faz ao teatro de S. Pedro, já o disse uma vez, não é pelo amor da arte, é uma luta de interesse, qualquer que ele seja: prova-se isto pela parcialidade de nada se achar bom neste teatro; prova – se pela indignidade de um censor que não se peja de descer ao ridículo de um parecer como o do *Erro e amor*; prova-se pela semelhança que há entre os bilhetes graciosos que acompanhavam as peças e o final desse mesmo parecer; prova- se pela boa análise do *Sineiro de S. Paulo*, pela crítica imparcial do *Erro e amor*; prova-se pelo ardente amor que esses críticos tem à arte, levando-os a duas únicas representações no teatro de S. Pedro para acharem tudo mau enquanto tudo no Ginásio, dramas e atores, estão acima de toda a crítica! (*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 1 de dezembro de 1959, p.2, col.5).

Para evidenciar que os atores do Ginásio não estão acima da crítica, “Dr. Til” utilizou como exemplo a atuação de Furtado Coelho e uma determinada peça, argumentando que o ator português em cenas amorosas não é expansivo. Para defender o seu ponto de vista, o crítico anônimo utiliza o livro *L’art du Theatre*, de François Riccoboni, o qual foi traduzido por Joseph de Resma:

“O papel de amante (entre nós galã) deve ser confiado ao ator que tenha uma figura esbelta, voz agradável, olhos vivos e bonitos, porque os feios, acanhados e imóveis, uma voz áspera e rouca, opõem-se a uma expressão delicada e suave para colorir os sentimentos da ternura que o amor inspira”.

Eis o que diz D. Joseph de Resma no seu livro a respeito da arte dramática; e se ele diz a verdade, para que mente toda essa gente dando ao Sr. Furtado Coelho todas as qualidades requeridas para um perfeito galã? Para inutilizá-lo, o que há de acontecer de certo, se continuar deslocado nos papéis de amante, no desempenho dos quais sepultará em breve as esperanças que nos deu.

Ninguém melhor do que eu reconhece talento ao Sr. F. Coelho; sou seu afeiçoado, admiro o seu progresso, e por todas essas razões, sinto vê-lo numa cena amorosa, fora do seu elemento, quero dizer, fora de um caráter que daguerreotipe melhor as suas proporções para a cena. (*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 1 de dezembro de 1959, p.2, col.5).

Mas a crítica de “Dr. Til” não era somente essa. O crítico esclarece ainda na sequência do texto que o “defeito” da escola realista é a ausência de animação “quando se exprimem os afetos”:

Dizer-se a uma mulher: eu a amo com paixão, com delírio, e dizer-lhe friamente, tão frio que só a resposta da amada oriente o espectador a respeito desse amor ardente que o amante nutre, é uma naturalidade muito desnatural. Se uma nova escola que se apregoa, mas que eu não admito, é baseada na falta absoluta de animação quando se exprimem os afetos, deve-se confessar ser defeituosa e muito; e daí o motivo para a crítica, que só deixa de ser patente pela razão de não ser o Ginásio subvencionado, etc. etc.

O que se dá com o Sr. Furtado Coelho no Ginásio, dá-se com mais alguém no São Pedro; mas para citar um por um, e demonstrar as inconveniências que resultam desse deslocamento a que muitas vezes o artista, não sei porque aspira, fora me preciso estiradas linhas que reservo para ocasião mais oportunas.

No propósito de não dar cavaco a esses rabiscos que se doem do insulto e tanto insultam, fecho a porta às publicações diárias que me vi obrigado a fazer para repelir os que me insultaram. (*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 1 de dezembro de 1959, p.2, col.5).

Por fim, “Dr. Til” retorna ao ano de 1857, transcrevendo um trecho da *Revista dos Theatros*, em que Furtado havia elogiado João Caetano, ou seja, o crítico anônimo quer demonstrar que até mesmo o ator da nova escola elogia e reconhece o talento do ator da escola antiga:

E como no meio de uma luta toda de interesses particulares, alguém se lembrou de tirar o merecimento aos atores do teatro de S. Pedro, e dá-lo só aos do Ginásio, mando-os para a *Revista dos Theatros* de 1857, onde o Sr. Furtado Coelho então escrevia, e daí extrairi o seguinte trecho:

“O talento dramático deste grande ator (o Sr. João Caetano) é esférico: - sobre a cena ele produz com inimitável grandeza de arte qualquer caráter, qualquer tipo, por mais distintos que sejam uns dos outros”.

Quem assim falava em 31 de maio de 1857 era o Sr. Furtado Coelho: o que dirá ele hoje?

O mesmo, se for justo; a verdade.

Para as descomposturas não estou em casa; quando porém se tratar da parcialidade da crítica ou dos bons desejos da censura do conservatório dramático, achar-me-ão sempre pronto. (*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 1 de dezembro de 1959, p.2, col.5).

Assim, dos exemplos contidos tanto no *Jornal do Commercio* quanto no *Correio Mercantil* podemos ter uma noção da disputa de gostos entre os leitores, em que de um lado havia aqueles que defendiam o São Pedro de Alcântara e João Caetano, e de outro lado leitores mais afinados com os propósitos estéticos inovadores apresentados pelo Teatro Ginásio e Furtado Coelho.

Retornando o primeiro semestre do ano de 1859, o *Correio Mercantil* de 15 de fevereiro informa que Furtado ganhou novamente a oportunidade de desenvolver a função de ensaiador do Teatro Ginásio, cargo que era então ocupado pelo ator Antonio José Arêas (Faria, 1993, p.132); (Souza, 2002, p.109). No entanto, Arêas não recebeu muito bem a decisão de ser afastado por Joaquim Heleodoro, tanto que em maio daquele ano o ator apresenta e escreve textos no *Jornal do Commercio*, demonstrando todo o seu descontentamento em relação ao empresário. Ao mesmo tempo, o empresário do Teatro Ginásio defendeu-se dos ataques feitos pelo artista. Mas em relação aos textos escritos por Arêas e Joaquim Heleodoro, numa polêmica que se estendeu de 23 a 29 de maio, o que parece importante a destacar é a percepção do empresário de que o Teatro Ginásio anteriormente envolto numa grande crise (Souza, 2002, p.109), somente iria se reerguer com Furtado Coelho também desenvolvendo a função de ensaiador. Em outras palavras, Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos entendia que a falta de público que o Ginásio sofreu no passado foi em razão das peças terem sido mal ensaiadas por Arêas, mas que no presente, com Furtado já no cargo, esse panorama mudou, pois naquele instante a companhia “estuda, representa, colhe aplausos, e está livre de intrigas” (*Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 24 de maio de 1859; p. 1, col.7).

A primeira peça dirigida por Furtado Coelho foi o drama sacro *São Gonçalo D’Amarante*, do dramaturgo português José Romano. Esse espetáculo que estreou no dia 13 de março de 1859, justamente no período da quaresma, parece ter sido bem montado, pois no cartaz do *Jornal do Commercio* que divulgou a apresentação da peça, afirma-se que tanto o cenário criado pelo cenógrafo Tassani, que “consta de três vistas originais tiradas do panorama da vila de Amarante e seus arrabaldes”, quanto o vestuário dos atores e atrizes são todos novos:

**GYMNASIO DRAMATICO.**  
**Noje domingo 13 de Março de 1859.**

RECITA LIVRE DE ASSIGNATURA EM BENEFICIO DA EMPRESA.

Primeira representação do magnifico drama sacro, original portuguez, em 3 actos, escripto expressamente para este theatro pelo Sr. José Romano (autor do drama—29—), e pelo mesmo senhor offercido e dedicado a todos os Portuguezes residentes no Imperio do Brazil; ornado de musica, escripta pelo insigne compositor o Sr. Francisco de Sá Noronha e ensaiada pelo distincto mestre o Sr. Demetrio Rivera, e o poema pelo Sr. ensaiador Luiz Candido Furtado Coelho, intitulado

**S. GONÇALO D'AMARANTE**

PERSONAGENS.

Frei Gonçalo . . . . .	Sr. Paiva.
Frei Paulo . . . . .	» Vianna.
Pedro Muniz, rico avaro, inimigo dos pobres . . . . .	» Furtado Coelho.
Rui Lopes de Souza, fidalgo de Ribe Douro . . . . .	» Martins.
Rodrigo, mestre tanoeiro de Tagilde . . . . .	» De-Gioveni.
Beatriz, filha de Pedro Muniz . . . . .	Sra. Ludovina.
Tia Brigida, rendeira d'Amarante . . . . .	» Vallati.

Anjos, operarios, lavradores, frades, leigos e aldeica.  
A acção passa-se: o 1º acto em Tagilde, provincia d'Entre-Douro e Minho, no arcebispado de Braga; o 2º em Amarante; e o 3º no oratorio da mesma villa.  
Epoca, entre 1257 e 1259.  
Todo o scenario é novo, consta de tres vistas originaes, tiradas do panorama da villa de Amarante e seus arredores, e são executadas pelo scenographo deste theatro o Sr. Tassani.  
O vestuario é todo novo e da época, feito pelo mestre de guarda-roupa o Sr. Motta.  
A direcção deste theatro, tendo mandado escrever este drama, não se poupou a nada para que elle seja de um magnifico effeito, e tem a convicção de que é uma composição altamente moral e religiosa, digna do illustrado publico desta côrte.  
O pequeno resto de bilhetes vende-se no escriptorio do theatro.  
Principiará ás 8 ¼.

**Fig. 19:** *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 13 de março de 1859, p.4, col.6. Disponível em [http://memoria.bn.br/DocReader/364568\\_04/14159](http://memoria.bn.br/DocReader/364568_04/14159)

Todo esse cuidado na montagem da peça parece indicar também a intenção da direção do Ginásio em fazer com que o drama de José Romano fosse um grande sucesso. De certo modo, a peça correspondeu às expectativas, afinal o drama teve dez apresentações, o que para a época era um número considerado. No entanto, os críticos teatrais ignoraram totalmente o espetáculo apresentado pelo Ginásio. Somente um texto anônimo no *Correio Mercantil* de 16 de março de 1859 comentou sobre a obra, no qual afirma-se que *São Gonçalo D'Amarante* é uma obra que tem “boa linguagem”, “ação simples e bem ligada”, havendo várias “cenas interessantes”. Quanto a Furtado Coelho, nesse texto, nosso artista é elogiado pelo trabalho de ensaiador e pela sua atuação no papel de Pedro Moniz:

A companhia do Ginásio, sob a direção do seu hábil ensaiador, caprichou no desempenho, dos diversos papeis que lhe foram confiados. O Sr. Furtado Coelho no papel de Pedro Moniz, o rico avaro, mereceu sinceros aplausos, especialmente na cena da cegueira do 2º ato. (*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 16 de março de 1859, p.1, col.2).



Por fim, o texto elogia o Ginásio pela montagem de *São Gonçalo D'Amarante*:

O público não está acostumado a ser tratado com tanta consideração pelos Srs. Empresários. Em geral os anúncios pomposos de ordenações cênicas aparatosas e ricas são verdadeiros logros que tendem unicamente a chamar ao teatro a classe menos inteligente, e a quem com mais facilidade se embute gato por lebre.

O Ginásio, que já era uma exceção a outros muitos respeitos, é o também agora na maneira por que montou o *S. Gonçalo*, drama cheio de moralidade e próprio da quaresma. (*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 16 de março de 1859, p.1, col.2). Acesso em 1/9/2017

Outro grande sucesso que surgiu nos primeiros meses do ano de 1859 e que teve a participação de Furtado como ensaiador e ator foi a obra *A Probidade*, de Augusto Cezar de Lacerda. A peça teatral que alcançou as incríveis 64 apresentações durante todo o ano e que estreou no dia 2 de abril de 1859 apresenta a estória de Henrique Soares, personagem aspirante a marinheiro. As ações iniciam, então, quando Soares na fragata em que está conhece Jacob Abrahão, um negociante, e esse personagem conta, para Henrique Soares e outros marinheiros, a sua história de vida. É abordado, portanto, que ele fez fortuna com o tráfico de escravos e que se apaixonou por uma moça da aristocracia de nome Guilhermina. Mas, tal união não foi adiante por obstáculo do pai da jovem, que não aceitava a união da filha com uma pessoa de origem judaica. No entanto, a moça tinha apreço por Jacob e decide fugir e casar com o negociante. Segundo Jacob a felicidade do casal dura pouco, pois o pai de Guilhermina encontra os amantes e ao encontra-los, suicida-se com um tiro no coração. Jacob vendo a cena foge do local, mas decide depois de alguns dias procurar a esposa. No entanto, Guilhermina, ao rever Jacob, não aceita ter mais contato com o marido, afirmando nesse momento sentir ódio do personagem. Ou seja, há um claro sentimento de culpa por parte de Guilhermina. Além desses fatos, Jacob narra que a esposa estava grávida e que após o nascimento da criança, a jovem, não querendo ter contato com a pequena, enviou-lhe a filha para cuidar. É evidente, portanto, na estória de Jacob o aspecto moralizador, ou seja, a importância da não desobediência aos pais e também o valor da família.

Ao final do prólogo, surge o primeiro nó dramático da peça. A fragata em que está Jacob, Henrique Soares e toda a tripulação sofre uma avaria, entrando na embarcação uma grande quantidade de água. Henrique Soares, sabendo onde Jacob guardava o seu dinheiro, e tomando conhecimento que o personagem havia morrido, em razão do estrago no navio, pega toda a quantia do negociante e consegue se salvar. Já a filha de Jacob, Sara, de apenas cinco anos, é salva pelo tripulante Manoel Escota.

Passados vinte anos, o enredo da peça apresenta Henrique Soares como um homem rico e que pretende casar com a jovem Adélia, filha de criação de Guilhermina. Mas com o andamento das ações é revelado que tal personagem é Sara, filha de Jacob e também de Guilhermina. Essa revelação causa um grande abalo na consciência de Henrique Soares, pois o personagem, que tem valores éticos, entende que a sua fortuna não lhe pertence, mas sim a Adélia. Além do mais, outra revelação surpreendente surge na peça. É revelado a Henrique Soares que Jacob está vivo e que ele vive mendigando pelas ruas de Lisboa. Ao saber disso, o personagem principal de *A probidade* torna-se mais decidido em entregar a sua fortuna para o velho Jacob. Mas, Jacob ao encontrar o amigo pede somente para lhe ser restituído a quantia que foi tomada. Sobre esse fato, o antigo negociante afirma que foi um empréstimo dado ao ex-marineiro. Quanto ao jovem Henrique Soares, o personagem continua a ter uma grande fortuna, sendo que esse patrimônio segundo Jacob é fruto do trabalho do personagem. Por fim, Henrique Soares se casa com Adélia.

*A Probidade* foi um grande sucesso, como já afirmamos acima. Essa constatação pode ser comprovada pelo número de representações que a peça teve e também pelo comentário no *Correio Mercantil* de 7 de abril de 1859, de um certo “A.M” que afirma haver no Ginásio aplausos e “enchentes”, isto é, a casa de espetáculo citada está sempre lotada. Além do mais, nas vezes em que os ingressos estavam nas mãos dos cambistas e conseqüentemente o preço dos bilhetes tornavam-se encarecidos, o público continuava a mostrar interesse em prestigiar a peça de Augusto Cezar de Lacerda (*Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 12 de abril de 1859, p.1, col.5); (Souza, 2002, p.111).

Muito do êxito do espetáculo apresentado foi em razão do bom trabalho desenvolvido pelos atores e por Furtado Coelho. Essa análise parece ser correta a partir dos comentários dos folhetinistas e críticos anônimos no momento em que abordaram o espetáculo apresentado no Ginásio. Sobre isso, voltemos, então, ao texto de “A.M.”. Nesse artigo, o crítico anônimo, além de ter elogiado o Teatro Ginásio, exaltou a atuação do ator Moutinho, das atrizes Ludovina e Maria Velluti e também o trabalho apresentado por Furtado Coelho. Em relação o nosso artista, afirma o crítico:

A respeito dos interlocutores diremos que o Sr. Furtado Coelho, como sempre, brilhou em todo o drama, e nem era de esperar outra coisa de uma pessoa onde (sic) reina o talento e a vocação pela arte a que se dedicou.[...] Felicitamos o digno empresário por tão boa aquisição como a do Sr. Moutinho, e de tão excelente drama como a *Probidade*, e ao Sr. Furtado Coelho o esmero com que o ensaiou. (*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 7 de abril de 1859, p.2. col. 5).

No entanto, infelizmente, o articulista não aprofunda os comentários sobre a atuação do ator português no papel de Henrique Soares.

No *Jornal do Commercio* de 4 e 5 de abril de 1859, novos textos fazem menção a *Probidade*. No artigo de 4 de abril, elogiou-se o espetáculo montado, mas chama-nos a atenção o momento em que o leitor anônimo afirma que “a câmara do navio em oscilações (todo o tablado se move por maquinismo) é digna de ver-se” (*Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 4 de abril de 1859, p.2. col. 4). Igual observação realizou Paula Brito no jornal *A Marmota*, comentando que:

O cenário do prólogo é uma especialidade e uma novidade dos nossos teatros, pois que tudo nesse ato se passa na câmara de um navio em constante movimento em mar agitado. (*A Marmota*, Rio de Janeiro, 8 de abril de 1859, p.2, col.2).

Essas informações evidenciam, portanto, a preocupação de Furtado Coelho como ensaiador em dar o máximo de realismo nas apresentações. Já no folhetim do *Jornal do Commercio* de 5 de abril de 1859, que não está assinado, mas que podemos afirmar ter sido escrito por Joaquim Manuel de Macedo<sup>5</sup>, não há uma análise aprofundada do espetáculo, da obra ou da atuação de Furtado Coelho. O famoso escritor preferiu somente comentar a boa atuação do ator Moutinho.

Ao mesmo tempo em que *A Probidade* era apresentada no palco do Ginásio, a direção desse teatro levou em cartaz peças já apresentadas anteriormente, tais como *Por Direito de Conquista* (seis apresentações) e *As Mulheres de Mármore* (uma apresentação). Mas Furtado Coelho e Joaquim Heleodoro decidiram também apostar em peças inéditas, sendo, então, encenadas no Ginásio as peças *Purgatório e o Paraíso* (onze apresentações) e *Justiça* (dez apresentações), ambas de Camilo Castelo Branco. Tal como os outros espetáculos citados anteriormente, a decisão de colocar em cartaz as obras do dramaturgo português parecem ter sido acertada, afinal teve um bom número de apresentações. Furtado Coelho, que atuou nas duas peças, em *Purgatório e o Paraíso* no papel de Alfredo de Tovar e em *Justiça* no papel de Luiz de Abreu, recebeu elogios por suas atuações. Sobre esse tema, no *Correio Mercantil* de 30 de maio, uma nota anônima enaltece a atuação de Furtado no drama *Justiça*, destacando a evolução do artista português na função de ator dramático:

---

<sup>5</sup> Faria (1993, p.158) informa que Macedo permaneceu como folhetinista do *Jornal do Commercio* até 5 de setembro de 1859.

O Sr. Furtado Coelho teve as honras da noite no papel de Luiz de Abreu. Este artista soube dar a este tipo revoltante um cunho de sarcasmo imprudente e devasso que realiza perfeitamente o pensamento do autor. A última cena em que Luiz morre ferido por um pai que seus ultrajes levaram ao desespero foi jogada magistralmente pelo Sr. Furtado. Os aplausos do público foram uma justa recompensa ao seu talento, que todos os dias aumenta e se avigora. (*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 30 de maio de 1859, p.1, col.1).

Dois dias depois, no mesmo periódico, um certo “Giotto e Calimoco”, animado com o Teatro Ginásio por ele contribuir “com uma nova época” e que promete “novas ideias e novos resultados”, também destaca a atuação de Furtado nas duas peças, apontando tal como o texto anterior a evolução do nosso artista na função de ator e a sua vocação para a arte <sup>6</sup>:

O Sr. Furtado no desempenho dos dois diversos caracteres que lhe couberam, provou mais uma vez que a sua vocação artística aperfeiçoa-se de dia em dia, e que o seu futuro será grandioso. (*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 1 de junho de 1859, p.2, col.3). Acesso em 4/9/2017.

O segundo semestre de 1859 mostrou ser também muito favorável ao Teatro Ginásio e a Furtado Coelho. O primeiro motivo que leva-nos a essa constatação é pelo fato de que Joaquim Heleodoro não ter poupado esforços na contratação de grandes artistas, como, por exemplo, a aquisição no mês de agosto do ator Joaquim Augusto (Faria, 1993, p.132), um dos melhores atores da Corte e a contratação no mês de outubro da atriz portuguesa Eugênia Câmara<sup>7</sup> e do ator português Alfredo Tremoulet Silva, discípulo do ator cômico português Taborda. O segundo motivo se justifica em razão de que as críticas teatrais em relação a Furtado mostraram ser elogiosas, não havendo nelas comentários negativos contundentes ao seu trabalho. Assim, em um ambiente favorável para se desenvolver bons espetáculos, o Ginásio levou em cena diversos dramas realistas franceses e portugueses, sendo que algumas encenações tiveram o reconhecimento do público.

Para termos uma visão exata dos espetáculos levados em cartaz pelo Ginásio no segundo semestre de 1859, foram encenados as peças *Ninguém Julgue pelas Aparências* (seis apresentações) de Alfredo Hogan; *A Dama das Camélias* (três apresentações) de Alexandre Dumas Filho; *Dois Mundos* (onze apresentações) de Augusto Cezar de Lacerda; *A Honra de*

<sup>6</sup> O *Correio Mercantil* de 1 de junho e *A Marmota* de 3 de junho de 1859 realizam também comentários sobre a atuação de outros autores nos dramas de Camilo Castelo Branco.

<sup>7</sup> Eugênia Câmara estreou no Ginásio em 29 de outubro de 1859, na peça *Abel e Caim*.

*uma família* (seis apresentações) de Leon Battu e Maurice Desvignes; *Pedro* (cinco apresentações) de José da Silva Mendes Leal Junior; *O Asno Morto* (seis apresentações) de Theodore Barrière; *Luz* (quinze apresentações) de Ernesto Cibrão; *As Mulheres Terríveis* (seis apresentações) de P. Dumanoir; *Raphael* (quatro apresentações) de Ernesto Biester; *Abel e Caim* (quinze apresentações) de Antonio Mendes Leal e *O Romance de um Moço Pobre* (oito apresentações) de Octave Feuillet.

A exceção de *A Dama das Camélias*, Furtado Coelho atuou em todas as peças citadas e foi Machado de Assis quem melhor acompanhou o bom trabalho desenvolvido pelo ator português. Tudo inicia-se, então, quando em 11 de setembro, no jornal *O Espelho*, Machado analisou a atuação de Furtado Coelho em *O Asno Morto*, tecendo o seguinte comentário sobre o nosso artista na cena em que ocorre a morte do personagem em razão do envenenamento, e também reflexões sobre a atuação de outros atores na peça:

A representação foi bem, mas primaram os Srs. Furtado Coelho, Moutinho, Joaquim Augusto, Heller e Graça. O Sr. Moutinho foi perfeito sobretudo no quarto ato, apesar de seu papel tão pequeno. O Sr. Furtado Coelho na morte do quinto ato esteve sublime e mostrou inda uma vez os seus talentos dramáticos. (*O Espelho*, Rio de Janeiro, 11 de setembro de 1859, p.8, col.2; Faria, 2008, p.118).

Mas se Machado de Assis fez questão de comentar a atuação de nosso ator na peça de Theodore Barrière, destacando a cena do envenenamento, no *Correio Mercantil* de 7 de setembro de 1859, um texto anônimo, de iniciais “E.C.”, também comenta a atuação de Furtado em *O Asno Morto* e igualmente ressalta a cena citada:

É o Sr. Furtado Coelho. Especializamos a cena do envenenamento, no 5ª ato. Sentimo-nos pequeno para pintar o que ali vai de assustadoramente belo, - pequeno ante a execução e a sensação, - pequeno ante o poeta do palco produzindo, e ante nós próprio sentindo, tremendo, ardendo no fogo, daquele veneno, que nos dói, que nos devora, que parece arrancar-nos a vida nas contorções de Roberto. (*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 7 de setembro, 1859, p.2, col.3).

Apesar dos elogios de Machado, a peça ficou pouco tempo em cartaz, pois como já afirmamos teve somente seis apresentações. Esse fato nos faz pensar, então, se a apresentação da obra de Theodore Barrière como um todo não agradou aos espectadores do Ginásio, deixando o teatro às moscas. No entanto, os jornais não nos fornecem nenhuma pista sobre esse tema, sendo, então, arriscado afirmar tal hipótese. O que é possível especular é que *O Asno Morto* se apresenta como sendo um verdadeiro dramalhão, sendo ela muito próxima ao drama

romântico (Faria, 1993, p.97). Furtado sabia que a obra em questão distanciava da escola realista, e aceitou atuar na peça. Porém, mesmo atuando em uma peça totalmente contrária aos pressupostos de atuação da escola realista, o artista, a partir dos comentários dos críticos, parece ter desempenhando com sucesso a cena do envenenamento, ação essa que se caracteriza pela grandiloquência. Em outras palavras, a naturalidade no palco que Furtado tanto privilegiava provavelmente foi deixada de lado nessa ocasião.

Em 25 de setembro de 1859, Machado de Assis comentou o trabalho de Furtado no drama *A Honra de uma Família*, destacando em nosso ator a naturalidade ao interpretar. Para Machado, isso era algo inovador e digno de ser apoiado:

O Sr. Furtado Coelho, Paulo de Chennevières, pintou o caráter de que estava encarregado com expressão de verdade. Teve cenas de verdadeira expansão, no segundo ato sobretudo. O que se nota neste artista, e mais que em qualquer outro é a naturalidade, o estudo mais completo da verdade artística. Ora, isto importa uma revolução; e eu estou sempre ao lado das reformas. Acabar de uma vez com essas modulações e posições estudadas que fazem do ator um manequim hirto e empenado é uma missão de verdadeiro sentimento da arte. A época é de reformas, e a arte caminha par a par com as sociedades. (*O Espelho*, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 25 de setembro de 1859, p.8, col.2; Faria, 2008, p.128).

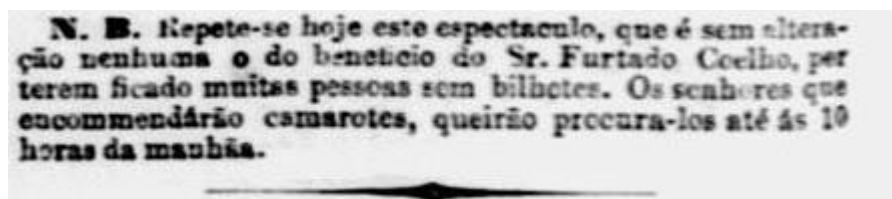
Já no mês de outubro, Machado de Assis comentou o drama *Raphael*. No entanto, poucas linhas o crítico reservou a respeito da atuação de Furtado, destacando somente a boa parceria entre o ator português e Joaquim Augusto. Por outro lado, no mesmo mês, subiu em cena no Ginásio a comédia *As Mulheres Terríveis*, e Machado fez questão de comentar a atuação de Furtado Coelho nessa peça, a qual tem por característica ser do gênero cômico:

O Sr. Furtado revelou-nos uma nova direção de suas tendências. Depois de percorrer uma parte da escala artística, na interpretação de diversos e encontrados sentimentos dramáticos, inclinou-se anteontem, para comédia e entrou no salão com o riso e a chufa nos lábios. Não é um estranho na tenda em que se acaba de sentar, a inspiração deu-lhe antecipado conhecimento. O Sr. Furtado como ensaiador merece ainda os aplausos do folhetim. Revela-se antes o cavalheiro do salão, que o ator do tablado. (*O Espelho*, Rio de Janeiro, 16 de outubro, p.10, col.1; Faria, 2008, p.148-149).

O leitor pode achar curioso o fato de Furtado Coelho, um ator dramático, se dispor a atuar em uma peça cômica. Mas naquele ano de 1859, como o próprio Machado de Assis afirma, Furtado procurou novos desafios no campo de atuação, pois além de atuar em *As Mulheres Terríveis*, o artista fez o papel de Jorge na comédia ornada de música, *Miguel, o torneiro*, imitação de José Romano, e ainda atuou na comédia *A saia balão e o colarinho de papelão*, de

autoria desconhecida. No entanto, os papéis dramáticos sempre foram os preferidos do ator português.

O drama *Luís* foi outra peça bem recebida tanto pelo público, quanto por Machado de Assis. Essas constatações se justificam pelo alto número de apresentações (quinze) e também pelo fato de que no dia da estreia, 22 de setembro, também data de benefício de Furtado Coelho, houve muitas pessoas que ficaram sem entradas, precisando o espetáculo ser encenado no dia seguinte:



**Fig. 20:** *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 23 de setembro de 1859, p.4, col.6. Disponível em [http://memoria.bn.br/DocReader/364568\\_04/15018](http://memoria.bn.br/DocReader/364568_04/15018)

Machado de Assis acompanhou o espetáculo naquele dia e apreciou além da peça teatral a apresentação dos atores. Sobre o drama, em seu artigo de 2 de outubro, o crítico teatral elogiou Ernesto Cibrão, dizendo que o dramaturgo “lançou-se com alma e corpo ao drama moderno [tanto pelo] lado da ideia, como pelo lado da forma” (*O Espelho*, Rio de Janeiro, 2 de outubro de 1859, p.8, col.1; Faria, 2008, p. 138), demonstrando, assim, que a peça tem qualidades no plano da estrutura e no plano conteúdo. Já em relação aos atores, Machado afirma que Furtado Coelho e Gabriella da Cunha<sup>8</sup>, atriz que retornou ao Ginásio em março daquele ano (Faria, 1993, p.132), mostraram ser dois artistas talentosos em determinada cena:

Escusado é especificar os outros artistas; o que dizer do Sr. Furtado e da Sr. Gabriela? As leitoras sabem, como a plateia do Ginásio, que ambos preencheram completamente os desejos do ator. O sentimento que ele imprimira nos caracteres de Luís e de Elisa achou dois intérpretes talentosos que nada deixaram a desejar. (*O Espelho*, Rio de Janeiro, 2 de outubro de 1859, p.8, col.2; Faria, 2008, p.139).

Mas havia ainda mais elogios. A atuação de Furtado no drama de Ernesto Cibrão mereceu novo comentário de Machado de Assis em *O Espelho*, no qual o crítico aponta que o

<sup>8</sup> A reentrada de Gabriella da Cunha ocorreu em 22 de março, atuando em *As Mulheres de Mármore*, no papel de Marco.

ator português apresentou frases com expressões, ou seja, cenas em que as frases eram entoadas de maneira especial:

O Sr. Furtado foi ontem um digno companheiro de Baltazar. Teve frases ditas com expressão; sobretudo aquele trecho em que faz a Elisa uma vista retrospectiva da sociedade; e o outro em que desenha a Joaquim, a missão do sacerdote. O monólogo do 2º ato vale bem o monólogo de Abel e Caim; há como que uma identidade de situação. (*O Espelho*, Rio de Janeiro, 13 de novembro de 1859, p.10 col.1; Faria, 2008, p.174).

Apesar de nos comentários não haver uma análise aprofundada do trabalho de atuação de Furtado Coelho, é possível perceber que tais representações foram bem recebidas por Machado de Assis. No entanto, quando o ator português atuou na peça *Abel e Caim*, o crítico teatral procurou dar alguns conselhos ao artista, aprofundando, assim, a crítica. Isso é o que se observa no folhetim de 6 de novembro, no qual Machado inicia a sua argumentação explicando que o ator português compreendeu o seu papel na peça:

O Sr. Furtado Coelho, tinha a seu cargo o desempenho de João de Mello – o Abel. As dificuldades do outro papel não existiam aqui, era apenas a resignação altiva que se concentrava no martírio. O artista compreendeu a situação, e entreviu a alma do poeta através da criação dramática. Encarnou-se nela e apresentou-se como um documento contra o egoísmo social. Teve cenas cheias; e no monólogo do segundo ato obteve merecidos aplausos. (*O Espelho*, Rio de Janeiro, 6 de novembro de 1859, p.10, col.1; Faria, 2008, p.164).

Na sequência do folhetim, Machado procura aconselhar Furtado de Coelho, recomendando ao artista português para não manter constantemente as mãos fechadas, pois isso é algo deselegante no palco e tomar cuidado com “um certo avançamento de cabeça”:

Entretanto, em uma *Vênus de Médicis*, a brancura do mármore pode ser mareada por uma nódoa, e a perfectibilidade sofre assim em sua acepção ampla. Essas nódoas, ainda microscópicas, tornam-se mais salientes quanto mais bela for a obra do escopro, como, na ordem moral as ofensas pequenas são grandes na razão direta da Providência ofendida. No Sr. Furtado Coelho há algumas dessas nódoas de mármore; algumas incorreções naturais em uma vocação que a prática não amadureceu ainda, e essas não lhe assentam no vulto.

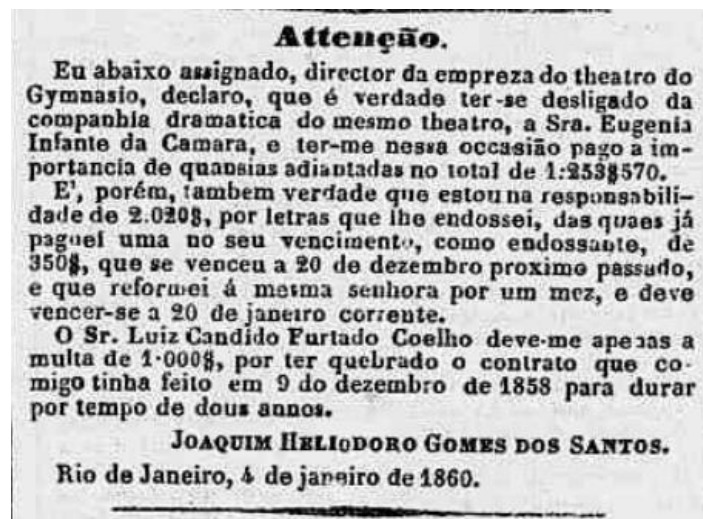
Noto-lhe assim, uma indolência na posição às vezes, e uma conservação de mãos fechadas, que ofendem a elegância do palco. Depois, outras vezes um certo avançamento de cabeça, posição forçada, que produz, os mesmos resultados. Estas pequenas negligências que não constituem, nem de levem um demérito, podem servir, entretanto, de argumento, à crítica insensata dos *Cains* da arte que por aí vestem púrpura de rei. Noto aqui essas negligências



para evita-las e para atingir assim ao complemento do belo. (*O Espelho*, Rio de Janeiro, 6 de novembro de 1859, p.10, col.1; Faria, 2008, p.164-165).

Por fim, Machado de Assis, comentou sobre as peças *Miguel, o torneiro*, *Valentina*, *O romance de um moço pobre* e *Dois Mundos*. No entanto, a atuação de Furtado pouco foi abordada.

O contrato de Furtado Coelho como ator do Ginásio foi firmado em 9 de dezembro de 1858. Devendo durar dois anos, tal contrato foi rompido por Furtado, transferindo-se o ator português, em companhia de Eugênia Câmara, para o Teatro São Januário, então dirigido pelo ator e empresário Germano Francisco de Oliveira. O motivo da saída dos artistas não foi explicado pelos jornais. De concreto acerca dessa questão, é que o rompimento do contrato não foi aceito por Joaquim Heleodoro, tanto que o empresário, em nota publicada no *Correio Mercantil*, informa que Furtado Coelho lhe devia dinheiro em razão do seu desligamento da empresa dramática:



**Fig. 21:** *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 5 de janeiro de 1860, p.2, col.3. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/217280/17082>

No dia seguinte, 6 de janeiro, no mesmo periódico, o ator português e também Eugênia Câmara, defendem-se das acusações do empresário do Ginásio. Furtado então argumenta que não há multas a serem pagas, pois o seu contrato foi anulado:

**Atenção.**

Eugenia Infante da Camara torna a declarar que nada deve a Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos. Se existem letras por elle endossadas, nada mais natural, porque ellas forão passadas na época em que a abaixo assignada fazia parte da companhia do Gymnasio; porém não só o seu endosso hoje é completamente inutil, como a parte interessa.la prescindirá d'elle com a maior facilidade; tanto mais que a sua responsabilidade de endossante só poderá vir espanejar-se a publico quando fór incommodada por falta de pagamento, o que ainda não aconteceu.

Luiz Candido Furtado Coelho, ignorando que se possam dever multas por quebra de um contrato, declara de novo que nada deve ao mesmo Sr. Heleodoro. Se essa multa de que resa um contrato nullo tem ainda de ser paga, outras autoridades, que hão a do Sr. Heleodoro, hão de decidir.

Os abaixo assignados declaram formalmente que nada devem a Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos.

**EUGENIA INFANTE DA CAMARA.  
LUIZ CANDIDO FURTADO COELHO.**

Rio, 5 de janeiro de 1860:

**Fig. 22:** *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 6 de janeiro de 1860, p.2, col.3. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/217280/17082>

Estava encerrada, portanto, a temporada de Furtado Coelho no Ginásio como ator e ensaiador, casa essa que lhe trouxe muitos aprendizados, mas que o artista retornaria durante um pequeno período no ano seguinte, já com a morte de Joaquim Heleodoro, e novamente no ano de 1865, permanecendo até 1869. Mas antes de voltar ao Ginásio, o ator português procurou novos desafios no Teatro São Januário. E são esses desafios que iremos tratar no próximo capítulo.

## CAPÍTULO III – FURTADO COELHO: ATOR E EMPRESÁRIO DO TEATRO DAS VARIEDADES – (1860)

### 3.1 Antes um pequeno período no Teatro São Januário

Após se desligar do Teatro Ginásio, Furtado Coelho, em janeiro de 1860, já atuava como ator pelo Teatro São Januário. Essa casa de espetáculos, que se localizava na Praia de D. Manuel, local distante do centro da capital fluminense e de difícil acesso (Faria, 1993, p.133), (Souza, 2002, p.51), tinha por característica ser o teatro preferido da classe dos caixeiros (Souza, 2002, p. 281), além de ser ela um local onde por muito tempo foi “o reduto do dramalhão cosido a facadas, expressão do narrador machadiano no conto *A causa secreta*” (Faria, 1993, p.132). É bem provável que o ator português conhecia o conceito do São Januário, mas mesmo assim decidiu fazer parte do quadro de atores dessa casa de espetáculos, pensando, talvez, que pudesse convencer o empresário Germano Francisco de Oliveira a colocar em cartaz peças voltadas ao realismo teatral.

O primeiro espetáculo apresentado por Furtado no São Januário foi a atuação no drama *Pedro*, o qual já havia sido apresentado pelo ator no Teatro Ginásio. A peça teve somente três apresentações, em 1, 4 e 6 de janeiro e somente Machado de Assis comentou a atuação do artista no jornal *O Espelho* de 1 de janeiro de 1860:

Acabo de assistir, há meia hora, à estreia do Sr. Furtado Coelho no Teatro S. Januário. O drama escolhido foi o *Pedro* de Mendes Leal Junior. É muito conhecido esse drama para que me ocupe em uma narração estéril do entrecho. Casa-se perfeitamente no meu espírito a ideia vigorosa dessa bela composição. [...]  
O Sr. Furtado Coelho já é conhecido nesse papel, que eu considero um dos seus melhores fatos no teatro. Tem a sua fibra artística mais desenvolvida nos tipos de altivez, nos caracteres frisantes do orgulho intelectual. Pedro e Henrique Soares além de outros, são por isso dois papéis felizes nas mãos do artista. (*O Espelho*, Rio de Janeiro, 1 de janeiro de 1860, p.10, col.1; Faria, 2008, p. 208). Acesso em 27/09/2017.

Apesar de a peça ter sido levada em cartaz somente em três ocasiões, o espetáculo parece ter agradado o público do São Januário. Essa constatação evidencia-se a partir de um pequeno texto contido no *Correio Mercantil*, no qual, uma nota, datada em 8 de janeiro, explica que o São Januário vem atraindo uma grande parcela de espectadores:

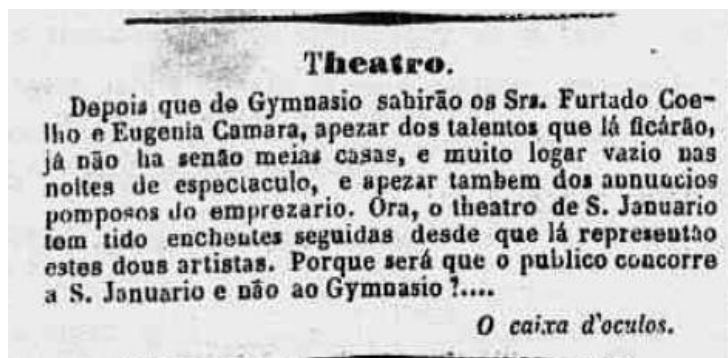


Fig. 23: *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 8 de janeiro de 1860, p.2, col.1. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/217280/17094>

A partir do texto acima, podemos pensar ainda em outra questão: o momento difícil em que o Teatro Ginásio vivia com a ausência de público, e sendo isso muito em razão pela saída de Furtado Coelho desta casa de espetáculos. É claro que os espectadores que foram ver o artista português no Teatro São Januário eram aqueles que viviam nas redondezas da Praia de D. Manuel. Mas também é possível supor que boa parcela do público fiel a Furtado Coelho se deslocou até aquela região afastada do centro da capital do Império para ver o ator português naquele início de trabalho.

Outra constatação do bom trabalho que o ator português realizou no Ginásio e que a sua saída colaborou para o surgimento de uma certa crise nesse teatro ainda é notado na *Revista Popular* (número 5), no qual o articulista Carlos afirma que:

O Ginásio tem-se visto um pouco atrapalhado. Depois da despedida repentina do Sr. Furtado Coelho e da Sra. Eugênia Câmara, despedida efetuada a despeito do protesto da diretoria, diminui o número de seus espetáculos, e entre estes apenas um foi levado a cena com o caráter de novidade. (*Revista Popular*, Rio de Janeiro, 16 de janeiro de 1860, p.1).

Desanimado com o Ginásio é o que também demonstra o articulista da *Revista Theatral*, ao afirmar que os atores de antes são melhores do que os atuais:

Hoje o Ginásio é um outro que o que já foi. O espírito dele voou com a saída dos Srs. Amoedo e Pedro Joaquim, de Sra. Adelaide, do Sr. Furtado, Areas, Montani e De-Giovani e o que ainda lhe dá impulso é a Sra. Gabriella, os Srs. Joaquim Augusto, Martins, Heller, sua senhora e o Sr. Paiva. Porém é para comparar essa gente de hoje com a que já teve – mais de oito dramas e de dezesseis atores, tudo de bom? Por certo que não!... O Ginásio vai caindo como o dia ao pôr do sol, e quando chegar a hora crepuscular de sua existência – ai das presunções, não valerá a água benta com que ele se ia benzer a saída do Sr. Furtado e da Sra. Eugênia. (*Revista Theatral*, Rio de Janeiro, 22 de janeiro de 1860, p.5, col.2).

No entanto, a derrocada do Ginásio não foi somente em razão da saída de Furtado Coelho como abordaram os críticos, mas também em razão da má direção apresentada por Joaquim Heleodoro. Em uma crítica, por exemplo, no *Jornal Entreato*, o articulista criticava o fato do empresário dar importantes papéis a Antonina Marquelou, que na época tinha pouca experiência:

[...] entrou para esse teatro uma artista com bonitos olhos, porém sem arte, sem prática, uma estreante, enfim: o que fez a ilustrada diretoria? Entregou a nova atriz um papel superior as suas forças presentes! Não contente com isto; não movido pelos conselhos salutareos dos interessados -, confiou segundo papel, de mais importância ainda, aquela mesma que não pode nem podia satisfazer as exigências da parte antes confiada. [...]  
 Seria, portanto, a saída do Sr. Furtado Coelho quem desmontou a companhia do Ginásio? Seria a Sra. Eugênia quem concorreu para o suicídio da arte, fugindo e levando consigo do Ginásio as suas luzes, e o seu livro de versos? [...]  
 Não. Foi o querer sem saber do empresário, que entendeu que bastava possuir bonito rosto e pé pequeno para poder bem representar o papel de Marco. (*Jornal Entreato*, Rio de Janeiro, 1 de maio de 1860, p.3, col.3).

Após a atuação em *Pedro*, o ator português atuou em mais duas peças: na comédia *Casamento Singular*, de José d'Almada Lencastre e no drama *29 ou Honra e Glória*, de José Romano<sup>1</sup>. Além do mais, no São Januário, sem atuação do artista, subiu em cena o drama *Gabrina ou A coroa ducal de Parma*, o drama ornado de música *A graça de Deus*, de Adolphe Dennery e Adolphe Lemoine; a comédia ornada de música *Os filhos de Adão e Eva* e o vaudeville *Cozimo, ou o príncipe caiador*.

Em relação a *Casamento Singular* e *29 ou Honra e Glória*, a crítica teatral especializada ignorou completamente o trabalho de atuação de nosso artista. Mas nos jornais, o que nos chama a atenção foram alguns comentários de espectadores anônimos contidos no *Correio Mercantil*. O primeiro texto escrito por um certo “um apreciador” em 25 de janeiro, além de elogiar a atriz portuguesa Manoela Lucci pede ao empresário Germano continuar levando em cartaz as peças *Gabrina ou A coroa ducal de Parma* e *Os filhos de Adão e Eva*. Por outro lado, a segunda nota, escrita por “Zephyro” em 31 de fevereiro, mostra o crítico anônimo estar desapontado com Germano e com o Teatro São Januário por não levar em cartaz boas peças:

---

<sup>1</sup> *Casamento Singular* estreou em 7 de janeiro e teve seis apresentações. Já *29 ou Honra e Glória* foi em cena pela primeira vez em 14 de janeiro, sendo representada no dia seguinte.

Com a entrada para esse teatro de dois grandes vultos, os Srs. Furtado Coelho e Eugênia Câmara, esperávamos que ele despertasse do profundo letargo em que jazia, e que as nuvens negras escurecedoras do seu horizonte pouco a pouco se dissipassem, mostrando-lhe o caminho do progresso: vã esperança!!...

Semelhante a um velho decrépito, que só se lembra das glórias passadas, o teatro de São Januário [...] não dá um passo para o caminho progressivo nem mostras de tal.

Somos amigos do Sr. Germano, somos o primeiro a reconhecer o seu talento artístico e a sua perícia como ensaiador; porém contando o Sr. Germano em sua companhia, os artistas como F. Coelho, Thomaz, Nunes, O. Vasques, Flavio, Manoela, E. Câmara, etc, etc, que nos tem dado de novo o São Januário?!!

Nada pelo menos não temos visto nada, a não ser a velha *Gabrina*, drama de grande espetáculo, com os seus gibões de belbutina, capacetes de papelão, espadas de folheta e mosquetes de dita.

O Sr. Germano incontestavelmente um dos primeiros artistas brasileiros deve saber que os dramas íntimos de pequeno espetáculo, são os mais apropriados ao gosto da época; a prova do que avançamos está na indiferença com que o público e a imprensa olham para o teatro de São Januário. (*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 31 de janeiro de 1860, p.2. col.4). Acesso em 30/9/2017.

No dia seguinte, um anônimo que assina “Boreas” escreveu para o mesmo jornal. Esse crítico irá, então, responder ao texto de “Zephyro” do dia anterior, defendendo o empresário Germano e sendo a favor de que o São Januário continue a levar em cartaz a peça *Gabrina ou A coroa ducal de Parma*. Em suas palavras, o teatro da Praia de D. Manuel deve continuar encenando dramalhões e vaudevilles e deixar para o Ginásio a responsabilidade de apresentar as comédias realistas:

Meu caro, o que o teatro de São Januário necessita é daquilo com que se compram os melões, e a sua ilustrada tem por experiência conhecido que não é com casacas e luvas de pelica, e mais cadeiras, e mais sofás e mais piano (objeto indispensável), que ela atrai a concorrência pública, porque para esse gênero aí tem o Zephyro, o Ginásio que é a sua especialidade, e que muitas vezes tem fechado as portas, porque os progressistas não lhe aparecem. (*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 1 de fevereiro de 1860, p.1. col.7).

A polêmica continuou por mais dois dias. Em 2 de fevereiro, “Zephyro” escreveu uma pequena nota endereçada ao seu oponente, afirmando que tanto Furtado Coelho e Eugênia Câmara não servem para o declamatório, ou seja, para a escola antiga, e que isso é “uma prova evidente do seu mérito real incontestável” (*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 2 de fevereiro de 1860, p.2, col. 3). Já em 3 de fevereiro é a vez de “Boreas” responder ao crítico anônimo, afirmando que se Furtado Coelho realmente tem talento quem deve avaliá-lo é o público. Assim, os textos dos críticos anônimos apresentam mais uma vez a disputa de gostos entre dois

indivíduos, em que “Zephyro” aprecia Furtado Coelho e as comédias realistas e “Boreas” mais inclinado aos dramalhões.

O ator português permaneceu no Teatro São Januário durante um mês e o motivo de sua saída dessa casa de espetáculo não foi explicado pelos jornais. No entanto, sobre esse assunto, podemos lançar algumas hipóteses. A primeira delas é que no início de fevereiro o empresário e ator Germano foi contratado por Joaquim Heleodoro para realizar algumas apresentações no Teatro Ginásio. Essa atitude de Germano talvez teria desagradado Furtado Coelho, pois como sabemos a saída do ator português do teatro da rua São Francisco de Paula não foi de certa maneira amistosa, tanto que Joaquim Heleodoro acusou o artista português de lhe dever uma certa quantia em dinheiro, em razão do rompimento do contrato. O segundo motivo seria o repertório proposto pelo empresário Germano, totalmente avesso ao gosto do ator português. Como vimos, Furtado Coelho atuou somente em três peças, as quais estavam mais próximas das comédias realistas, e deixou de atuar em vários dramalhões, peças essas que não se encaixavam ao seu modo de atuação. Já o terceiro motivo seria um possível desentendimento de Furtado Coelho e Eugênia Câmara com a atriz Manoela Lucci, quando eles trabalhavam no São Januário, e que acabou culminando em insultos contra a atriz, no período em que os atores portugueses não mais faziam parte do quadro de artistas do teatro da Praia de D. Manuel. Sobre esse tema, o articulista da *Revista Theatral* de 4 de fevereiro de 1860, (número 4), explica que dois dias depois de nosso artista e a atriz portuguesa deixarem o São Januário, Manoela Lucci, na apresentação da peça *Maria Joana a mulher do povo ou A pobre mãe*, foi hostilizada pelo público por meio da execução de estalos, as famosas pateadas, ao passo que tal ação foi aquietada pelos artistas portugueses. No entanto, Furtado não aceitou a acusação. Escrevendo uma nota em parceria com Eugênia Câmara, o ator explicava não ter relação alguma com os insultos à atriz:

**Declaração.**

Tendo chegado ao conhecimento dos artistas abaixo assignados, que alguém lhes attribua o insulto que no espectáculo da tarde de hontem no theatro de S. Januario se fizera á Sra. D. Manoela, declaram, sob sua palavra de honra, que não tiveram directa nem indirectamente a mais pequena parte nesse acontecimento.

Estrangeiros neste paiz têm sido sempre recebidos com a generosa e cavalheiresca hospitalidade que os caracteriza — Artistas — o palco tem-lhes sido por não poucas vezes o lugar de espontaneas ovações e brilhantes triumphos ainda não desmentidos.

Não poderiam já mais praticar um semelhante acto!  
 Não podem contudo deixar de estranhar que a Sra. D. Manoela, sendo uma senhora, se prestasse a autorisar com a sua presença a affronta que meia duzia de indivíduos, rodeando o carro que a conduzia a passo, vierão dirigir-lhe debaixo das janellas da casa em que residem.

Este gratuito insulto, que reverte pela sua inqualificavel e inaudita inconveniencia contra os imprudentes e insensatos que o praticarão, os abaixo assignados o repelle com toda a convicção da sua dignidade.

L. C. FURTADO COELHO.  
 EUGENIA INFANTA DA CAMARA.

Rio de Janeiro, 3 de Fevereiro de 1860.

Fig. 24: *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 4 de fevereiro de 1860, p.2, col.3. Disponível em [http://memoria.bn.br/DocReader/364568\\_05/140](http://memoria.bn.br/DocReader/364568_05/140)

Porém, Manoela Lucci não acreditou nas explicações, tanto que no dia seguinte escreve um texto, no qual responde aos artistas:

**As Srs. Furtado Coelho e Eugenia Camara.**

A actriz abaixo assignada, deparando no *Jornal do Commercio* de hontem, 4 do corrente, com uma *declaração* dos senhores acima mencionados, na qual á ella se dirigem muito particularmente, extranhando-lhe a autorisação que tinha prestado a meia duzia de individuos que dirigirão *affrontas* debaixo das suas janellas, agradece aos mesmos Srs. F. Coelho e E. Camara o aggravarem mais por este modo a dor que lhe causarão os estulos que recebeu no palco de S. Januario, nessa mesma noite, e appella para o testemunho de todas as pessoas que a acompanhárão voluntariamente do theatro de S. Januario ao do Gymnasio, para que declarem se é verdadeira a imputação que os mesmos senhores lhe fazem.

Quanto ao acontecimento que teve logar no theatro de S. Januario a abaixo assignada não só agradece, mas até beija a mão generosa e nobre que a mimoseou por uma tal maneira.

É esta a unica resposta que dá aos Srs. F. Coelho e E. Camara.

MANOELA LUCCI.

Rio, 5 de fevereiro de 1860.

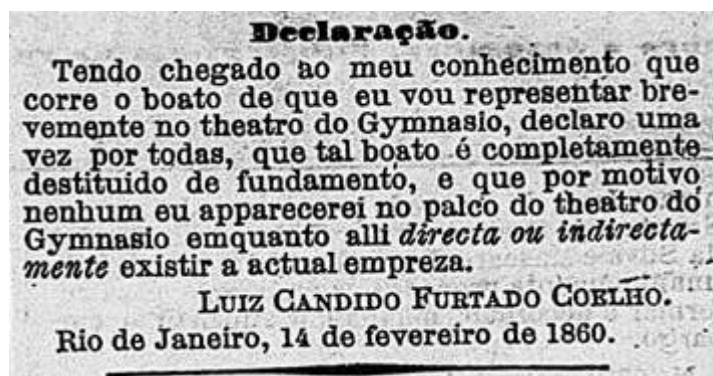
Fig.25: *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 5 de fevereiro de 1860, p.4, col.2. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/217280/17204>



Assim, atuando somente em três peças teatrais, encerrava-se o breve período de Furtado Coelho como ator do Teatro São Januário. Além do mais, nessa curta passagem do artista pelo teatro da Praia de D. Manuel, observa-se o ator inserido em uma nova polêmica, mostrando, mais uma vez, que a sua relação com a classe teatral do período, seja com empresários, censores ou artistas, muitas vezes foi pautada por tensões.

### 3.2 O Teatro das Variedades: o início da carreira empresarial

Em fevereiro de 1860, um boato surgiu na Corte, informando que Furtado Coelho iria se apresentar no Teatro Ginásio. Porém, esse era um fato impossível de acontecer, em razão das relações estremecidas entre o ator português e Joaquim Heleodoro. Furtado resolveu, então, escrever uma nota em que explicava não ser verdade o seu retorno ao Ginásio, mostrando ainda o seu ressentimento com a direção deste teatro:

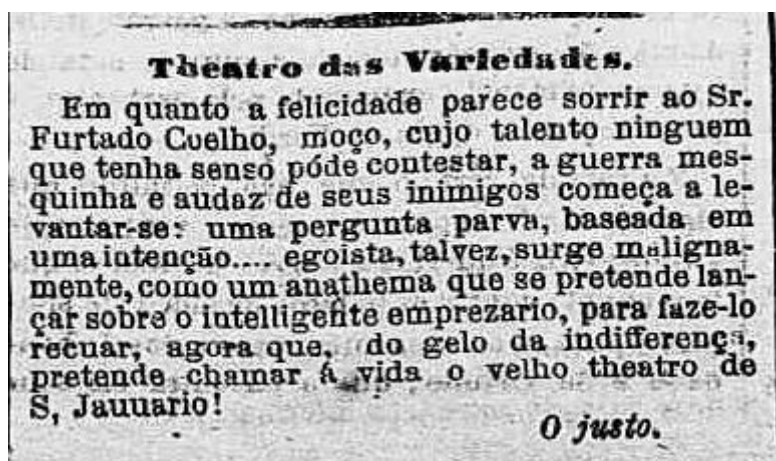


**Fig.26:** *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 15 de fevereiro de 1860, p.2, col.3. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/217280/17244>

Não querendo atuar no Ginásio, pois lá havia a direção de Heleodoro ou no São Pedro de Alcântara, famoso por não ser voltado a apresentação de dramas realistas, o artista português resolve criar a sua própria empresa. Furtado pensou, então, em retornar ao Teatro São Januário, onde havia acabado de se desligar. No entanto, lá estava a companhia de Germano de Oliveira. Como fazer, então, para que o ator e empresário desocupasse o São Januário? A solução possivelmente encontrada por Furtado Coelho foi no mínimo curiosa. Vejamos como se deu. Souza (2002, p.125), a partir da *Revista Teatral* de 12 de fevereiro de 1860, relata que um certo escravo em uma ocasião jogou bolinhas de chumbo no palco, sendo que quando tais objetos eram pisados pelos artistas ouvia-se um forte barulho, deixando-os aturdidos e a plateia assustada. Segundo o texto, quem estaria por trás desse ato seria Furtado Coelho, ou seja, o

artista português teria contratado o tal escravo para realizar a sabotagem, cuja intenção era “desmoralizar a companhia de Germano de Oliveira [...] forçando-a a desocupar o teatro que Furtado tinha em vista arrendar” (Souza, 2002, p.125). Se Furtado foi o mandante de tal ato é difícil saber. O fato concreto é que em abril de 1860, o artista português consegue retornar ao Teatro de São Januário, para ser empresário, ator e ensaiador dessa casa de espetáculos, sendo ela denominada como Teatro das Variedades (Faria, 1993, p.132).

O início da criação da empresa teatral parece não ter sido fácil, pois Furtado Coelho, muito em razão da sua face polêmica, criou inimigos por onde passava e esses adversários procuraram de algum modo prejudicar o sucesso da nova casa de espetáculos. Uma nota publicada no *Correio Mercantil* explica:



**Fig.27:** *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 20 de março de 1860, p.2, col.4. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/217280/17376>

Além do mais, se não bastassem os seus opositores, Furtado Coelho precisou lidar também com as dificuldades financeiras no início da criação da sua companhia teatral, haja vista que o ator e empresário não tinha nenhum tipo de ajuda do governo imperial (*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 13 de abril de 1860, p.2, col.2).

Mas se por um lado existiam adversários que desejavam que o Teatro das Variedades não tivesse êxito, como observa-se na nota de “o justo” no *Correio Mercantil*, e as dificuldades financeiras, por outro lado Furtado tinha admiradores que ansiavam pelo sucesso da empresa teatral, apesar do momento difícil a qual viviam os teatros da Corte<sup>2</sup>:

<sup>2</sup> No *Correio da Tarde* de 12 de abril de 1860 há também um texto que demonstra apoio a Furtado Coelho e a nova empresa criada.

Devia ter lugar o primeiro espetáculo, com que tinha de iniciar seus trabalhos a nova empresa dramática estabelecida no Teatro São Januário, hoje crismado em Teatro das Variedades.

O drama anunciado, que é uma das mais felizes inspirações de seu autor e o talento de que há dado provas, como artista, o Sr. Furtado Coelho, são favorável (sic) agouro ao êxito da nova empresa dramática que se forma.

Estimaremos muito que os pressentimentos, aliás fundados, dos descrentes da arte se anulem ante a prova da estreia da nova companhia.

Na atualidade, estando como está a Corte sem teatros e sem uma companhia completa de bons artistas, é provável que a nova empresa tenha de arcar com a justa indiferença e sensato afastamento do público.

Não esmoreça, porém, o Sr. Furtado Coelho; trabalhe, forme artistas, escolha bons dramas, monte-os com esmero, veja sobretudo se consegue achar dramas de escritores nacionais [...]

Não sacrifique nunca o Sr. Furtado o êxito artístico das obras ao interesse pecuniário da empresa, que assim dará uma prova útil, sensata, nobre nova<sup>3</sup>.  
(*Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 27 de março de 1860, p.1, col. 7)

A inauguração do Teatro das Variedades deveria ter ocorrido no mês de março. Mas em razão do cenário não ter ficado pronto, isso não foi possível. Somente em 8 de abril de 1860, a casa de espetáculo de Furtado Coelho foi, então, inaugurada com a exibição da peça *Dalila* de Octave Feuillet, com o artista português no papel de Carnioli.

A crítica teatral especializada e leitores anônimos demonstraram grande interesse no novo teatro, comentando o primeiro espetáculo apresentado. Isso é o que se observa na crítica do articulista anônimo “R.O”, no *Correio Mercantil* de 13 de abril de 1860, sendo que esse texto é o começo de uma nova polêmica que iria se estender até 18 de abril de 1860. Vejamos com atenção esse novo embate. O crítico, logo no início do seu artigo, aborda sobre a dificuldade pela qual Furtado Coelho passou para levar em cena o primeiro espetáculo, mas entendeu que “segundo o pessoal de que dispõe o teatro, foram sofrivelmente desempenhadas as principais partes deste excelente drama” (*Correio Mercantil*, 13 de abril de 1860, p.2, col.2). Ou seja, para o crítico anônimo alguns artistas pecaram em suas atuações, como por exemplo Eugênia Câmara. Em relação à atriz portuguesa, que fez o papel da princesa Falconieri, “R.O” entendeu que a artista não compreendeu o seu papel, deixando de “produzir o efeito que seu autor imaginara”. Em outras palavras, em determinada cena em que a princesa Falconieri dialoga com André Roswein, Eugênia Câmara deveria ter apresentado uma maior emotividade. Além do mais, o articulista anônimo também viu problemas na questão que envolve a deslealdade da princesa Falconieri. Para o crítico, Eugênia Câmara não poderia ter utilizado o riso na cena, em que a personagem tem ao seu domínio o seu amante Roswein, pois isso

---

<sup>3</sup> A continuação do texto na página 2 encontra-se deteriorada. No entanto, o mesmo artigo pode ser lido no *Correio Mercantil* de 28 de março de 1860.

revelaria o caráter rebaixado da personagem. Tal revelação, segundo o crítico, somente poderia surgir no momento em que chegasse o bilhete ao conhecimento de Roswein:

A perfídia de Leonor (Princesa Falconieri) devia ocultar-se ao espectador até o momento em que o fatal bilhete, chegando às mãos de Roswein, lhe despedaça com o coração a última ilusão do seu amor traído. Qualquer revelação antecipada é prevenir o espectador, é privá-lo de uma surpresa essencialmente dramática. (*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 13 de abril de 1860, p.2, col.2).

Quanto a Furtado Coelho, “R.O” reconheceu a boa atuação do artista, mas notou que o ator pecou em determinada cena por ser expansivo:

O Sr. Furtado Coelho, encarregado do importante papel de Carnioli, desempenhou o com coragem.

Em algumas situações, porém, em que a agilidade dos movimentos, mais exercia sua influência sobre o personagem, o Sr. Furtado Coelho excedeu a gravidade conveniente a um diplomata, embora entusiasta de Roswein e da arte. Notamos também a constante do seu braço esquerdo, que roubava ao corpo muitas vezes, a elegância das posições que tomava.

Além disso, parece-nos que o Sr. Furtado Coelho deverá apresentar uma fisionomia menos jovem: pouca ou nenhuma diferença fazia de Roswein, que segundo uma narração de Carnioli, no 2º quadro, deve ter de 25 a 30 anos de idade.

Reflita o Sr. Furtado Coelho no que avançamos, e, naturalmente, concordará conosco. (*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 13 de abril de 1860, p.2, col.2).

Apesar do texto de “R.O.” apresentar críticas à atuação dos artistas, nota-se que o artigo não tem como objetivo denigrir a interpretação dos atores e atrizes ou tampouco manchar o trabalho de Furtado Coelho como ensaiador, mas sim fazer com que eles progredissem na arte dramática. Isso é evidente, quando ao final do texto o articulista anônimo afirma:

Concluindo, fazemos votos para estas observações, nascidas do amor que votamos à arte e ao teatro, não sejam mal recebidas, invertendo-se-lhes o sentido e a intenção; oxalá também que estes prelúdios de progresso cênico não sejam substituídos brevemente pela indolência e pelo abandono.

No teatro, como na agricultura, é preciso plantar para colher o fruto.

Ao público compete auxiliar aos que trabalham. (*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 13 de abril de 1860, p.2, col.2).

Por outro lado, em 15 de abril, no mesmo *Correio Mercantil*, surgiu a resposta a “R.O”, sendo o texto escrito por um leitor anônimo denominado “A sentinela”. O artigo longo, que ocupou duas páginas do periódico, tem em sua primeira parte elogios a Furtado Coelho e ao cenógrafo João Caetano Ribeiro, pois juntos eles “deram as mãos para arrancarem o teatro do

marasmo em que jazia e que parecia denunciar-lhe uma morte breve” e também ao público, já que “com a sua concorrência e frenéticos aplausos começa a fazer justiça aos incessantes esforços da nova empresa” (*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 15 de abril, p.1, col.7). Após esse comentário, “A sentinela” respondeu ao texto de “R.O”, opinando, de início, que o Teatro das Variedades é a melhor casa de espetáculos voltada para a escola moderna:

Diz o articulista: “Distribuídas segundo o pessoal de que dispõe o teatro, foram sofrivelmente desempenhadas as principais partes deste excelente drama”.

Nós conhecemos o pessoal de todas as companhias dramáticas do Rio de Janeiro, e parece-nos que, reunidas todas elas debaixo da direção do Sr. Furtado Coelho, e querendo levar à cena o drama *Dalila*, os artistas escolhidos para a sua representação seriam exatamente os mesmos que se acham encarregados dos principais papéis.

“Segundo o pessoal de que dispõe...?!”

Desejaríamos que o Sr. R.O. nos mostrasse qual a companhia da escola moderna que o tem melhor e mais bem dirigido. (*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 15 de abril de 1860, p.2, col.1). Acesso em 4/10/2017.

Na sequência, o articulista anônimo irá defender Eugênia Câmara, dizendo que a atriz compreendeu o seu papel e a sua atuação foi corretamente executada:

O caráter da Princesa Falconieri, pelo que toca a sua execução no ponto de vista artístico, não só foi admiravelmente compreendido pela inteligente artista a Sr. Eugênia Câmara, mas perfeitamente executado. O orgulho feminil, que é a face mais proeminente do caráter da princesa, e a cínica sensualidade que, através dos primores de luxo, grandeza e peregrina educação que lhe perfumam a existência, a leva de amante a amante, a faz passar de Carnioli a Roswein, e deste a Paulo Maria, são expressões pela Sra. Eugênia Câmara com um talento remarcável.

Querer que esta artista mentisse ao caráter do papel, e que na cena do quinto quadro não demonstre com o riso à satisfação do seu orgulho e da sua vaidade por ter de novo vergado a seus pés o amante, não porque o quisesse mais, mas para o ter ali embalado na confiança durante cinco minutos apenas, que naquele momento em sua perfídia pretende, afim de poder fugir com Paulo Maria;— querer que a princesa Falconieri, esta Dalila moderna, depois de se há ver hipocritamente servido dos protestos e das lágrimas para ficar vitoriosa, deixe de denunciar com o riso a satisfação diabólica do triunfo no momento do triunfo;— querer que um caráter como o da princesa, fraca pela fraqueza do sexo, e precipitado pelo prazer de exprimir a vaidade satisfeita, de longe por um instante a demonstração do que lhe vai lá dentro nos maus impulsos, é querer um disparate. (*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 15 de abril de 1860, p.2, col.1).

Outro ponto a destacar é que “A sentinela” não concorda com o surgimento inesperado do bilhete como “uma peripécia de sensações para o espectador”, pois tal fato seria uma negação do gênero:

Apelar para a aparição do bilhete como uma peripécia de sensações para o espectador, é outro contrassenso. Especular no teatro com as sensações dos espectadores, é fazer do palco uma pilha galvânica, e dos espectadores enfermos no sistema nervoso.

Para as sensações há melhor do que o teatro; há os banhos de ducha, que são excelentes.

As surpresas, as peripécias forçadas, os desenlaces repentinos nos dramas como a *Dalila* de Otávio Feuillet não existem — seriam uma negação do gênero.

A ação ali corre cheia de verdade em toda a plena denunciação dos diferentes tipos. O jogo e o embate deles, bem claros, bem expressos, eis o que constitui, a sua beleza e a sua excelência. (*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 15 de abril de 1860, p.2, col.1).

Por fim, o articulista irá defender Furtado Coelho. Sua argumentação é de que o ator português não foi expansivo em certo momento da cena, apesar do personagem Carnioli ter um aspecto exuberante e excêntrico. Além do mais, “A sentinela” não concorda com a argumentação de “R.O.” de que Furtado Coelho deveria apresentar o seu personagem com uma idade mais avançada:

Ora não vê o Sr. R. O. que o autor quis pela boca destas duas personagens retratar o caráter de Carnioli ? Não vê que em quase todo o papel, sobretudo até o ponto em que o terror de ver o seu filho predileto da arte prestes a sucumbir e em que ele assume toda a sisudez e gravidade da situação, o autor o apresenta como um melomano, não encarando nada com interesse senão a arte, senão a música? Não vê que essa agilidade, essa mobilidade que lhe condena é exatamente o que caracteriza a verdade daquele tipo excêntrico?

Queria-o mais velho!!!

O Sr. R. O. tem vontades bem ratonas!

Que idade poderá ter o Carnioli ? Quarenta anos. Pois não é uma verdade fisiológica, que nos homens preocupados constantemente por uma só ideia, por uma só paixão imaterial, a saúde se lhes conserva, com preferência aqueles que sujeitam o espírito e o corpo aos vaivéns da existência em todo o seu capricho? Tanto mais que a paixão é a música, e que, filho da Itália, esse berço abençoado da harmonia, ele como diletante de apurado gosto e verdadeiro entendedor, procuraria só os lugares em que a sua paixão se fizesse ouvir nos seus primores, o que se tornava nele constantemente um princípio vivificador pelo extraordinário prazer que lhe ministrava?

Além disso, rico, em uma brilhante posição social, filho daquele país robusto, correndo-lhe a vida fácil, ligeira, dourada, sem cuidados nem preocupações, e querer que ele demonstre aos 40 anos ter mais de 30 é outro disparate.

Não se zangue o Sr. R. O..... Isto não é querer-lhe mal; são, como disse, apenas algumas observações.

Finalmente era uma contradição flagrante que não compreendesse o papel de Carnioli o artista que com tanto talento dirige teatros há anos, e que acaba de dar a mais solene demonstração desse talento com a representação da *Dalila*.

A maneira como o Sr. Furtado Coelho executa o papel de Carnioli pode sim imitar-se, mas não exceder-se. (*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 15 de abril de 1860, p.2, col.1).

A crítica de “A sentinela” não foi bem recebida por “R.O.”, tanto que o articulista anônimo voltou ao *Correio Mercantil* para responder o seu interlocutor. Em 16 de abril, por exemplo, o crítico retornava a argumentar que Eugênia Câmara falhou em sua apresentação. Já em 18 de abril, “R.O.” iniciava o texto explicando a sua afeição por Furtado Coelho e que a sua publicação do dia 13 de abril tinha como intenção ajudar a nova empresa. No entanto, o articulista anônimo lamenta ter sido atacado por “A sentinela”, alguém, segundo “R.O.”, “certamente ligado a interesse pecuniários de seu cliente”, ou seja, uma pessoa muito próxima da companhia dramática recém-criada (*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 18 de abril de 1860, p.2, col.3). Na sequência, o articulista argumenta que o Teatro das Variedades não é a melhor casa de espetáculos da Corte, pois nela não fazem parte importantes artistas, tais como, a atriz Gabriella da Cunha, João Caetano e Joaquim Augusto:

No arreganho do seu entusiasmo, diz o Sr. Sentinela que, se todas as companhias dramáticas do Rio de Janeiro estivessem reunidas e quisessem representar o drama *Dalila*, a do teatro das Variedades caberia a gloria da preferência para o desempenho da peça!  
Esta coarctada é digna de eternas luminárias!  
Pois se essa junção se realizasse não seria a Sra. D. Gabriella, primeira atriz do Brasil, a encarregada do papel de Leonor?  
Não seria ao Sr. João Caetano dos Santos distribuída a parte de Carnioli, ao Sr. Joaquim Augusto a de Sertorius, a Sra. D. Adelaide a de Amélia e ao Sr. Furtado Coelho a de André Roswein?  
Cremos que sim; e quem não tiver interesses pecuniários no teatro concordará conosco. (*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 18 de abril de 1860, p.2, col.3).

Outro ponto importante observado por “R.O.” é que na companhia dramática recém-criada não há nenhum ator formado pela escola moderna, e que nem mesmo Furtado Coelho, como ensaiador, conseguirá ajudar esses atores a compreenderem os princípios da atuação realista:

Se chamarmos outro teatro para a questão perguntaremos ao Sr. Sentinela: —  
Quais são os artistas da escola moderna que tem o teatro das Variedades?  
O Sr. Victorino, o Sr. Guimarães, o Sr. Pimentel, o Sr. Pinheiro?... Ora... pelo amor de Deus; é melhor não mexer nestas coisas.  
Quem há aí que não conheça estes senhores como atores da velha escola, tão detestada pelo Sr. Sentinela?

Dar-se-á caso que o Sr. Furtado Coelho seja um novo Moisés, que faça brotar das pedras brutas — cristalina água, ao leve contato de sua varinha mágica? Ou será um novo Messias que diga aos lázaros da arte: Levantai-vos e caminhai?

Há defesas irrisórias; prejudicam mais aos que elogiam do que aqueles que pretendem ofender.

Diga-se que o Sr. Furtado tem talento, que é inteligente e dedicado à arte, que vai rápido no andar que leva; mas não se queira apresentar como um inspirado do céu.

Em um provérbio que diz: — *Quem tudo quer tudo perde* (*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 18 de abril de 1860, p.2, col.3).

Mas a discussão entre os dois articulistas anônimos não se deteve somente ao *Correio Mercantil*, uma vez que estendeu também para o *Diário do Rio de Janeiro* e o *Jornal do Commercio*. Nesse último, um certo “L” publicou em 15 de abril de 1860 um texto em que não concordava com as críticas de “R.O.” feitas ao Teatro das Variedades e a Furtado Coelho. O crítico argumentava, então, que o ator português no papel de Carnioli esteve sublime, relembrando, que no passado, quando Furtado fazia parte do Ginásio, essa casa de espetáculos floresceu. Além do mais, o crítico anônimo defendia a atuação de Eugênia Câmara e o restante da companhia, sendo que ela é composta por “pessoas inteligentes e estudiosas, e ainda não estragadas pela velha escola”. Com tal elenco e com Furtado na função de ensaiador, segundo o crítico, o Variedades “há de ainda fazer furor no Rio de Janeiro” (*Jornal do Commercio*, 15 de abril de 1860, p.2, col.3). Ou seja, o articulista anônimo do *Jornal do Commercio* tem o mesmo ponto de vista de “A sentinela”.

No *Diário do Rio de Janeiro*, os comentários que envolveram o primeiro espetáculo apresentado no Teatro das Variedades surgiram inicialmente em 11 de abril, com um texto anônimo. O articulista, preferindo não entrar em grandes polêmicas, argumentava que apesar de na apresentação de *Dalila* ele ter sido tomado por um entusiasmo, preferia não elogiar em demasia o espetáculo apresentado, pois a exaltação “não sabe distinguir defeitos parciais em meio das belezas do conjunto” (*Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 11 de abril de 1860, p.2, col.5). No entanto, o crítico anônimo acreditava no sucesso do Teatro das Variedades, além de reconhecer a grande contribuição que Furtado Coelho trazia ao teatro na Corte:

Entretanto damos desde já ao Sr. Furtado Coelho os mais sinceros e expansivos parabéns pela brilhante inauguração de seu teatro das Variedades, título modesto quo ficou aquém da importância de sua primeira exibição artística.

Temos fé no Teatro das Variedades, na sua companhia que não desmerece em comparação, antes excede em parte as já conhecidas e principalmente no talento e gosto do artista que a dirige.



Assim saiba o público corresponder com o seu concurso e animação aos primeiros e bem-sucedidos esforços do Sr. Furtado Coelho, que parece destinado a prestar realmente serviços à arte a que com tão brilhante resultado se dedicou. (*Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 11 de abril de 1860, p.2, col.5). Acesso em 7/10/2017

Em 15 de abril, outro texto anônimo surgiu no *Diário do Rio de Janeiro* para comentar o espetáculo no Teatro das Variedades. O articulista analisava que o drama foi bem montado, que os artistas têm feitos progressos, corrigindo alguns defeitos de execução. Porém, o crítico entendeu que no 5º quadro da peça, Eugênia Câmara falhou, fazendo com que o drama se tornasse uma comédia:

Os progressos que os artistas encarregados dos principais papeis do drama têm feito, corrigindo um ou outro defeito de execução, nos persuadem que pouco terá que fazer a crítica se alguns senões que ainda se notam aqui e acolá desaparecerem nas seguintes representações, principalmente o mais notável, aquele do 5º quadro, em que a princesa, ostensivamente arrependida e contrita aos pés de Roswein, começa a fazer do drama uma comédia. (*Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 15 de abril de 1860, p.2, col. 5).

O crítico, então, comentou a cena em que a Princesa Falconieri, fingindo estar arrependida de suas atividades não nobres, tenta se justificar a André Roswein.

Mal inspirada e pior sucedida foi aí a Sra. Eugênia Câmara: —aquele-desgraçado momo feito ao público em situação tão solenemente dramática fez rir fora de propósito uma parte da plateia, com desar para a artista que o fez e para o público que o festejou, conforme o modo de ver e sentir daqueles que não hão mister dele -para compreender que a princesa engana ainda naquele momento o seu amante já tão ludibriado. (*Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 15 de abril de 1860, p.2, col. 6).

Em 16 de abril foi a vez de um certo “O Scenophila” comentar o drama de Octave Feuillet. O articulista, tendo a mesma opinião de “R.O.”, e dirigindo o seu artigo “a Sentinela”, que ele denomina como “Sr. Conselheiro”, explicava que os meios para se atingir a emoção no espectador são “ a surpresa, o inesperado, o que propriamente se chama lance dramático”, e que, portanto, “ a peripécia não deve ser dada a conhecer ao público antes das cenas que servem de produzi-la, de mostrá-la, segundo os bons preceitos da arte dramática”. (*Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 16 de abril de 1860, p.2, col.3). Logo, o crítico entendia que na tal cena do 5º quadro, Eugênia Câmara não poderia revelar o caráter rebaixado de princesa Falconieri, ao passo que tal característica deveria ocorrer em momento apropriado.

Perguntamos agora: foi sensata, foi lógica, foi tolerável, ou pôde deixar de ser ridícula essa manifestação adiantada da artista que, na *Dalila*, representando a princesa Falconieri, foi por um esgar até bem feio, despertar no espírito dos espectadores a revelação de uma peripécia, de um lance reservado pelo poeta para mais tarde, como o complemento de sua ideia, como a demonstração da verdade que ele tratava de desenvolver desde o 2º ato de sua peça?

De certo que não. O teatro, diz o advogado de semelhante heresia dramática, não é uma pilha galvânica, nem os espectadores nevrossténicos (sic) para que no drama se especule com as sensações deles. (*Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 16 de abril de 1860, p.2, col. 3).

Como vimos anteriormente, “a Sentinela” não concordava que o surgimento do bilhete seria uma maneira de causar sensações ao espectador. No entanto, essa não era a opinião de “O Scenophila”. Para o crítico, o bilhete poderia sim sensibilizar o público, fazendo, por exemplo, que a plateia tivesse desprezo pela princesa Falconieri:

Continuando: que significa no 5º quadro da *Dalila* a peripécia do tal bilhete que o Sr. conselheiro chama especulação? (c’es trop fort).

Significa, na humilde opinião deste seu criado, a demonstração do princípio que o autor procurou desenvolver, isto é, no caso vertente (visto que o fato podia ser parcial como em outros dramas); significa a base, o fundamento de toda a peça.

Até aí o espectador só sabe (com licença do autor) que a Sra. Dalila é uma mulher sensível, fria, sem alma, que gostou do simples André, que o levou para casa e que brincava com ele como com um King-charles de raça: eis tudo! Mas o poeta não quis isso somente. O poeta quis fazer surgir daquela cena repugnante o elemento moral, do desprezo, da indignação do espectador sentimento e sensação essa buscada, desejada, preparada por ele quando viesse o tal bilhete trazer a revelação da ignomínia daquela corteza dourada. (*Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 16 de abril de 1860, p.2, col. 3).

Por fim, o crítico anônimo deixava claro que apesar da crítica à atuação de Eugênia Câmara, sua intenção não era a de denegrir a imagem do Teatro das Variedades ou dos atores que lá trabalhavam. Pelo contrário, o articulista argumentava que os atores da nova casa de espetáculos são inteligentes e dignos de proteção:

Em resumo, e para acabar este artigo que já vai longo, direi apenas que longe de mal querer ao teatro das Variedades e a nenhum de seus artistas, sou, pelo contrário, animado das melhores intenções a respeito dele e deles.

São inteligentes, fora de dúvida, têm o melhor companheiro e ensaiador colega, são dignos de apreço e dignos de proteção [...] (*Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 16 de abril de 1860, p.2, col. 4).

Furtado Coelho, vendo a polêmica que corria pelos jornais, resolveu se manifestar, publicando um texto no *Diário do Rio de Janeiro* em 17 de abril de 1860. Pela sua face polemista, poderíamos supor que ele escreveria um longo artigo, em que teria as mesmas

opiniões de “A sentinela” e, portanto, criticaria ferozmente tanto “R.O.” quanto “O Scenophila”. Mas não foi isso que ocorreu. Furtado, em postura que surpreende, explicava que toda a responsabilidade pela atuação de Eugênia Câmara é dele, pois ele é o ensaiador. Em vista disso, o artista entendia que o erro foi dele e não da atriz:

Desde que a imprensa começou a falar da inauguração do Teatro das Variedades que eu dirijo, e a apreciar o seu trabalho artístico, notou que havia erro na interpretação da cena final do papel da princesa Falconièri, no drama —Dalila— e, conforme viu que essa interpretação errada continuava, todas as vezes que a peça se exhibia a público, as censuras cresciam sobre a artista que desempenhava esse papel.

Compete-me, pois, declarar, em cumprimento da verdade, que a mim, só a mim não a artista Eugenia Câmara, cabe toda a responsabilidade dessa interpretação, pois que essa artista apenas executou naquele ponto as minhas indicações como ensaiador.

Hoje me convenço que errei; e logo por fatalidade para a artista, na única observação que lhe fiz acerca de seu papel. Errare humenum est. (*Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 17 de abril de 1860, p.2, col. 7). Acesso em 7/10/2017.

Embora reconhecesse o seu erro, Furtado argumentava, porém, que na leitura das primeiras críticas, tinha a percepção de não ter falhado no papel de ensaiador. No entanto, esse ponto de vista mudou quando, na leitura do texto “de um inteligente escritor no *Diário do Rio de Janeiro*”, no caso, “O Scenophilo”, ele foi convencido do seu erro, sendo que depois o deslize foi reparado:

Às primeiras observações da crítica eu não me demovi de minha ideia primitiva, sobre o ponto vertente, Porém, as considerações expedidas por um inteligente escritor no *Diário do Rio de Janeiro* convenceram-me de meu erro. O que parecia, portanto, ser uma insistência da parte da artista que desempenha o papel em questão, não era senão, bem inocentemente, a execução as minhas primeiras determinações que ainda não modificara.

Convencido, como já disse, a execução dessa cena do 5º quadro, foi já alterada no espírito da crítica sensata e lógica. (*Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 17 de abril de 1860, p.3, col. 1).

Ao final do texto, o ensaiador português reiterava o seu erro, pois ele entendia que foi movido pela ambição de acertar, para assim fazer progredir o teatro moderno no Rio de Janeiro:

Repito, pois, Sr. redator, que arrogando a mim toda a responsabilidade daquela má interpretação, tomo também a mim todas as censuras feitas a artista, porque fui eu que errei e não ela, porque só se sujeitou ao meu erro.

Oxalá que, movido como sou, pela ambição de acertar, no meio do escabroso empenho de pretender levar em progresso o teatro moderno, no Rio do Janeiro,

eu me visse rodeado dos homens de letras, dos autores, dos escritores, enfim de todos aqueles que por sua inteligência, estudo, ilustração e amor das artes estão autorizados a decidir com acerto estas questões e semelhantes, para que a verdade se observasse com antecipação em prol do teatro e dos artistas dos quais eu sou o íntimo, mas também o mais amigo do estudo e da aplicação. (*Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 17 de abril de 1860, p.3, col. 1).

Apesar do erro de interpretação na cena do último ato, *Dalila* não foi um completo fracasso, uma vez que houve críticos que elogiaram o espetáculo apresentado. No *Correio Mercantil* de 9 e 10 de abril, por exemplo, uma pequena nota enaltecia o cenário criado pelo cenógrafo João Caetano Ribeiro, haja vista que em uma das cenas há “um parque em noite de luar, que produz belíssimo efeito” (*Correio Mercantil*, 9 e 10 de abril de 1860, p.1, col.1).

Já Souza Ferreira, no folhetim do *Correio Mercantil* de 19 de abril, convidava as leitoras a irem ver o espetáculo e aplaudir o desempenho dos artistas:

Reconhecendo esse dever, apresso-me em comunicar-lhes que foi saudada com verdadeiro prazer a inauguração do teatro das Variedades, e que de dia em dia se faz mais justiça ao seu inteligente empresário, Furtado Coelho. As representações do drama de Octavio Feuillet—*Dalila*—vieram justificar as esperanças que se conceberam quando se soube da formação de uma companhia dramática sob a direção de um artista de talento, que é ao mesmo tempo um homem de gosto delicado.

Todo o mundo sabe a história da beleza pérfida que subjugou o homem forte da Escritura: é a alegoria mil vezes reproduzida da inteligência vencida pelos sentidos, a eterna luta do princípio divino contra a tendência terrestre; por isso escuso contar os amores da princesa Falconieri e de André Roswein. Mas é do meu dever aconselhar às leitoras que vão aplaudir o desempenho dos papeis de Carnioli, Falconieri e Sertorius, de que se incumbiram os Srs. Furtado Coelho, Eugenia Câmara e Guimarães; que vão animar com sua presença a Sra. Theresa Martins e o Sr. Pimentel, de quem muito se pode esperar; e finalmente que paguem uma dívida, a que estão obrigados todos os que estimam a arte, apreciando duas belas cenas devidas ao pincel do Sr. João Caetano Ribeiro. (*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 19 de abril de 1860, p.1, col. 6).

Por fim, o *Jornal Entreato* de 1 de maio de 1860 destacou, além da atuação de Furtado e de outros artistas, o luxo da mise-en-scène. O público parece ter apreciado o espetáculo, pois ao final, os atores foram aplaudidos com entusiasmo:

O Sr. Furtado Coelho (Carnioli) revela toda a robustez de seu talento principalmente nas cenas do segundo, penúltimo o ultimo quadro. O público coroou os esforços do artista, aplaudindo-o com entusiasmo.

Mereceram igualmente aplausos a Sra. Eugenia (Leonora) o Sr. Guimarães (Sertorius) —; este compreendeu perfeitamente o seu papel, aquela teve o talento de se fazer odiar. Infelizmente, porém, o mesmo não podemos dizer do Snr. Pimentel, cujo papel é superior as suas forças. O bom desempenho do

drama em geral e o luxo da mise-em-scène fazem da *Dalila* um espetáculo em tudo digno da atenção pública.  
(*Jornal Entreacto*, Rio de Janeiro, 1 de maio de 1860, p.2, col.3).

Após as primeiras apresentações de *Dalila*, Furtado Coelho, na função de empresário, decidiu apostar na exibição dos dramas *29 ou Honra e Glória*, de José Romano; *O poder do ouro*, de J. M. Dias Guimarães e nas comédias *O casamento Singular*, de José D'Almada e Lencastre e *Procure-me depois do amanhã*, de sua autoria. Além do mais, o empresário português, como era convenção na época, levou em cartaz algumas cenas cômicas, sendo essas atuadas pelos atores Francisco Corrêa Vasques, Pinheiro, Eugênia Câmara e outros.

A crítica especializada pouco comentou esses espetáculos no *Variedades*. O que ela preferiu, no entanto, foi criticar Furtado na função de empresário. O motivo da censura diz respeito ao fato que, se antes o artista português tinha como proposta renovar o teatro do Rio de Janeiro, por meio das comédias realistas, como empresário, Furtado se viu obrigado a também apostar em peças de pouca qualidade, os famosos dramalhões. E isso era imperdoável, principalmente para o *Jornal Entreacto*, periódico especializado nos assuntos teatrais:

Ouvimos dizer muitas vezes ao Sr. Furtado, pouco mais o menos o seguinte:  
- Que eram os obreiros da nova escola, os que deviam meter nas profundas todos os fosseis da velha. Generoso mancebo! Artista inspirado! [...]  
A muita luz, porém cegou-o. Foi pena, a arte perdeu. O artista ficou por detrás do empresário, e o amor da arte tornou-se amor de lucro. Foi pena, repetimos, a arte perdeu.  
E saindo do Ginásio o Sr. Furtado, suponhamos todos, que o apóstolo da lei nova iria pelas praias... não desertas, plantar a santidade de uma nova verdade desconhecida naquelas regiões areentas.  
Terrível decepção nos preparava o simpático artista! Sabendo que sentíamos a sua ausência do teatro, onde estreará, praticara e ficara mestre, deixou-nos como em suave compensação a certeza de que fora dele seria o mártir resignado e dedicado da grande restauração da arte.  
E iludiu-nos!... deixou vazio o seu lugar, e foi trocar as galas de artista pela gravidade de empresário!  
Mudou de pensar e perdemos todos nós os amadores da arte.  
O Ginásio sentiu-se, e principiou-se a armar a popularidade. Montou peças de barracão! Se lhe faltava o seu querido restaurador da arte... que saiu frenético para ir montar o mimoso e transparente *29*. (*Jornal Entreacto*, Rio de Janeiro, 19 de maio de 1860, p.2, col. 3).

Ainda não concordando com a visão empresarial de Furtado, um mês depois, o mesmo jornal, voltou a criticar o empresário português, pedindo que deixasse de encenar as peças *29* e *O poder do ouro*:

Deixe o 29 e o *Poder do Ouro*, para os que deserdados de jeito e arte, engodam as plateias parvas, que ficam embasbacadas diante de três mortes, e de um Oh! Bem arrancado das regiões torácicas. Siga outro norte; continue na esteira em que principiara e deixe estas ilhotas, que são aleijões no mar da arte. (*Jornal Entreacto*, Rio de Janeiro, 11 de junho de 1860, p.2, col. 1). Acesso em 9/10/2017.

Mas as críticas não paravam por aqui. Joaquim Manuel de Macedo, no seu folhetim *Labirinto* no *Jornal do Commercio*, tal como o crítico do *Jornal Entreacto*, entendia que *O poder de ouro* não era um bom drama. No entanto, o crítico teatral pediu para os leitores irem até a praia de D. Manuel para assistirem à peça, pois assim ajudaria o teatro, que não era subvencionado pelo governo:

Desde alguns dias a capital do Império nada em ouro, e tanto é o ouro, que até nas esquinas das ruas o vemos brilhando.  
E coisa ainda mais admirável o teatro das Variedades, que não tem subvenção, e que mais falta de dinheiro sente, é quem espalha o ouro!  
Não pensem que brincamos: vão as portas desse teatro, vão as esquinas das ruas, e todos verão ouro! É verdade que é ouro em cartaz, e as penas o título de um drama do Sr. Furtado; mas não é ouro furtado, e se o drama fosse bom e tivesse aceitação, ouro é o que ouro vale.  
E o Teatro das Variedades precisa bem de ouro, segundo nos parece, e ouro para ele é a proteção do público. (*Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 4 de junho de 1860, p.1, col. 6).

Os motivos que justificaram Furtado Coelho levar em cena vários dramalhões são dois: o primeiro é que o público gostava desse tipo de peça; o segundo era a necessidade de atrair o público para o Variedades, pois havia chegado um momento que Furtado via o seu teatro “cada vez mais vazio” e isso muito em razão da sua localidade não ser favorável:

O teatro São Januário, durante anos, havia sido o reduto do dramalhão “cosido a facadas”, expressão do narrador machadiano do conto “A causa secreta”. Além disso, situava-se distante do centro, ruim de chegar. Assim, depois da novidade de Dalila e das rerepresentações de alguns sucessos do ano anterior, Furtado Coelho viu-se às voltas com o teatro cada vez mais vazio. A solução do empresário – não do artista – foi por em cena alguns dramalhões para atrair pelo menos os espectadores costumeiros do São Januário. (Faria, 1993, p.132).

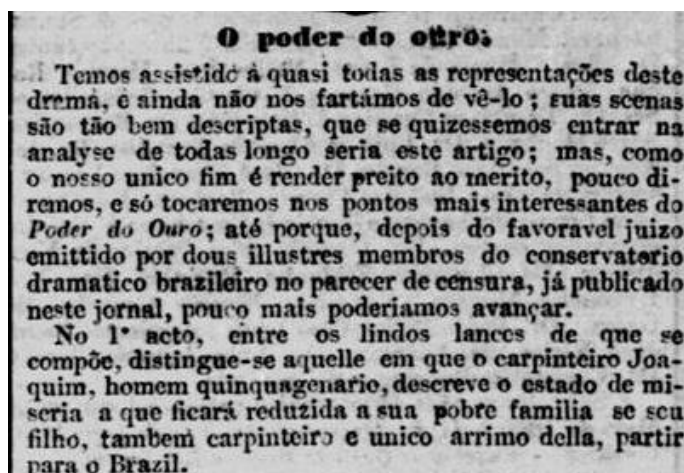
Quanto ao primeiro motivo, é fácil de explicar. Em uma apresentação da peça *29 ou Honra e Glória*, um texto no *Jornal do Commercio* mostrava o entusiasmo da plateia ao final do espetáculo, aplaudindo os atores com fervor. Isso evidencia que, se os dramalhões não agradavam aos críticos teatrais, tal gênero, por outro lado, agradava ao público:

Em geral a plateia era ocupada por espectadores de boa sociedade, e os camarotes, conquanto não estivessem todos cheios, continham famílias também da mesma classe.

Todos os atores dos principais papeis foram, durante a representação, muito aplaudidos, do que souberam tornar-se dignos; no final da peça os espectadores deram um geral e entusiástico aplauso, chamaram os atores duas vezes ao proscênio, inclusive o ensaiador; todos se apresentaram de novo no palco, sendo da primeira vez com a tropa, o general e seu ajudante a cavalo [...] (*Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 2 de maio de 1860, p.2, col.1). Acesso em 10/10/2017.

Igual apreço, o público tinha pela peça *O poder do ouro*. Uma nota no *Jornal do Commercio* de 17 de junho abordava essa questão, ao comentar que o espetáculo, que estreou em 19 de maio, continuava “a ser devidamente apreciado e aplaudido pelo público” (*Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 17 de junho de 1860, p.2, col.4).

Já o segundo motivo, o de atrair a plateia ao Teatro das Variedades, gira em torno do fato que, se o Variedades era mais frequentado pela classe dos caixeiros. Furtado pensou, então, em encenar uma peça, em que esse grupo de trabalhadores se identificasse com o personagem. E é isso que ocorre na obra *O poder do ouro*. A peça que teve em torno de vinte e duas apresentações conta a história do marceneiro João Ribeiro, que seduzido pelo desejo de enriquecer, deixa a família desamparada em Portugal, e vai para a África. No entanto, se no texto original há menção de que o personagem se deslocou para o continente africano, no espetáculo apresentado no Teatro Variedades, Furtado fez uma alteração, ao mostrar que João Ribeiro emigrou para o Brasil. Um texto no *Jornal do Commercio* aborda essa questão:



**Fig.28:** *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 29 de maio de 1860, p.2, col. 3. Disponível em [http://memoria.bn.br/DocReader/364568\\_05/595](http://memoria.bn.br/DocReader/364568_05/595)

Assim, muitos caixeiros portugueses, que foram ver o espetáculo no Teatro das Variedades, se viram representados por João Ribeiro, afinal eles também tinham o desejo de enriquecer<sup>4</sup>.

No mês de julho, a crítica teatral sentiu-se esperançosa com a possibilidade de “regeneração do Variedades”, expressão de um articulista do *Jornal Entreacto*, pois Furtado levou em cartaz o drama realista *Onfália*, de Quintino Bocáiuva<sup>5</sup>. No entanto, a peça, que estreou em 28 de julho, teve somente nove apresentações, pois Furtado Coelho decidiu fechar as portas do Variedades. Os motivos que levaram o empresário a decidir encerrar as atividades da empresa teatral são dois. O primeiro justifica-se pelo fato de que a companhia dramática criada por Furtado Coelho não estava gerando um lucro favorável. Para termos uma ideia dessa questão, no *Jornal do Commercio* de 18 de agosto de 1860, na seção em que contém os anúncios teatrais, o empresário português publicou uma nota convidando o público a irem até o Variedades para assistir a récita do dia, pois com isso seria uma maneira dele ser ressarcido dos graves prejuízos causados pela empresa. O segundo motivo foi o surgimento da oportunidade em retornar ao teatro Ginásio. Em razão do falecimento de Joaquim Heleodoro<sup>6</sup>, e, conseqüentemente, a dissolução da companhia do Ginásio, Furtado foi convidado por um conjunto de artistas, tais como, Joaquim Augusto, Pedro Joaquim, Antonio Moutinho de Sousa e Eduardo da Graça<sup>7</sup>, a criar uma nova empresa denominada Sociedade Dramática Nacional, cujos trabalhos seriam realizados no Teatro Ginásio (Faria, 1993, p.133). Assim, Furtado Coelho decidiu encerrar as atividades do Teatro das Variedades, ocorrendo o último espetáculo em 19 de agosto de 1860, com a apresentação do drama *O poder do ouro*.

A união entre as duas companhias dramáticas foi comentada nos jornais, principalmente pelos críticos teatrais. O *Jornal Entreacto*<sup>8</sup>, por exemplo, em uma de suas edições, apresentou como funcionaria a nova empresa:

---

<sup>4</sup> Na comédia *O caixeiro da Taverna* de Martins Pena, o personagem português Manuel lamenta que, mesmo morando no Brasil a seis anos, ainda continua a ser caixeiro. Sua ambição é, então, casar com a viúva do seu antigo patrão, para assim, tornar-se proprietário do estabelecimento comercial.

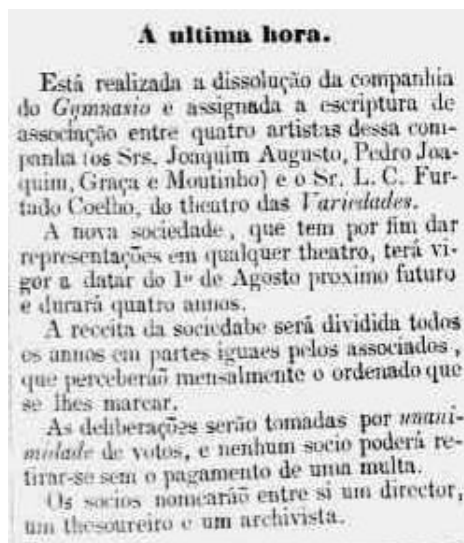
<sup>5</sup> Esse debate pode ser conferido no *Jornal Entreacto* de 30 de junho de 1860, no *Diário do Rio de Janeiro* de 11 de julho de 1860 e na *Revista Popular* (número 7).

<sup>6</sup> Faria (1993, p.133) e o *Diário do Rio de Janeiro* de 5 de agosto de 1860 informam que Joaquim Heleodoro faleceu em 3 de agosto de 1860.

<sup>7</sup> Além desses atores que eram sócios, o *Correio Mercantil* de 15 de setembro e o *Diário do Rio de Janeiro* de 16 de setembro informam que faziam parte da Sociedade Dramática Nacional as atrizes Gabriella Da Cunha, Adelaide Amaral, Ludovina Moutinho, Eugênia Câmara, Maria Velluti, Julia Heller, Maria Magdalena, Maria Fernanda de Castro, e os atores João Luiz de Paiva, Jacintho Heller, Francisco Corrêa Vasques, Militão de Azevedo, José de Freitas, Torquato de Sousa e Antonio da Costa Silva Athaide.

<sup>8</sup> No *Jornal Entreacto* de 31 de julho de 1860 e 15 de setembro de 1860, pode-se conferir outros comentários sobre a criação da nova empresa.





**Fig. 29:** *Jornal Entreacto*, Rio de Janeiro, 21 de julho de 1860, p.4, col.3. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/758817/52>

O mesmo *Entreacto*, na edição de 31 de julho, de maneira divertida, traz aos leitores uma caricatura de Eduardo da Graça e de Furtado Coelho, com vastos cabelos, e mencionava a frase “viva a fusão”, o que nos levar a crer que o periódico estava entusiasmado com a nova companhia dramática.

Já Joaquim Manuel de Macedo, em sua coluna no *Jornal do Commercio*, ao comentar sobre a nova empresa, destacou que o objetivo dos associados era promover a arte dramática e, no futuro, criar ali uma escola, visando o desenvolvimento artístico dos atores. Mas Macedo deixava claro que, se não for possível a construção de um “monte pio para os atores”, o desenvolvimento da arte dramática já seria uma grande contribuição ao teatro do país:



**Fig. 30:** *Jornal Entreacto*, Rio de Janeiro, 31 de julho de 1860, p.3, col.1. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/758817/55>

Os artistas dramáticos mais notáveis dos teatros Variedades e Ginásio reuniram-se e formaram uma Sociedade Dramática Nacional que dará representações no teatro Ginásio.

Pretendem os associados nada menos que procurar desenvolver a arte a arte dramática no país, - fundar um monte pio para os atores – e oportunamente abrir aulas em que se ensine as matérias necessárias ao artista dramático.

A notícia deve ser recebida com especial agrado.

A companhia organizada não é por certo a mais completa possível; está porém nas condições de satisfazer ao público, e nem há no Rio de Janeiro, outra tão igual, nem mais habilitada; é a melhor que temos, e nela se contam artistas de incontestável aptidão e merecimento.

Conseguirá porém a Sociedade Dramática Nacional realizar os três grandes e importantes fins que tem em vista? O futuro somente responderá a esta pergunta.

Pela nossa parte nem tanto exigimos dela: basta que consiga dar desenvolvimento a arte dramática no país para merecer uma coroa de glória. (*Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 16 de setembro de 1860, p.1, col.8). Acesso em 11/10/2017.

Assim, está criada a nova companhia dramática da Corte. No entanto, Furtado Coelho ficou como sócio, ator e ensaiador da Sociedade Dramática Nacional por pouco tempo. Essa curta passagem de Furtado pelo Teatro Ginásio, explicaremos no próximo item.

### 3.3 Furtado Coelho e a Sociedade Dramática Nacional

A empresa teatral recém fundada foi inaugurada em 23 de setembro de 1860, com o drama *Luxo e Vaidade* de Joaquim Manuel de Macedo (Faria, 1993, p.133). Paula Brito no *Jornal A Marmota* de 9 de outubro, o folhetinista do *Diário do Rio de Janeiro* e um crítico anônimo do *Jornal do Commercio* de iniciais “F.C” analisaram a peça de Macedo, mas não se prenderam em comentar o espetáculo como um todo, ou seja, a repercussão do público, a atuação dos atores, as características do cenário e o trabalho de Furtado como ensaiador<sup>9</sup>. No entanto, podemos acreditar que a peça foi bem recebida pelo público carioca, afinal ela teve em torno de vinte e quatro apresentações.

Após *Luxo e Vaidade*, a direção da Sociedade Dramática Nacional levou em cartaz outros dois dramas, tendo Furtado Coelho atuado; *Os homens do Campo*, de Ernesto Cibrão e *O demônio familiar*, de José de Alencar e a comédia *O caminho mais comprido*<sup>10</sup>, obra do

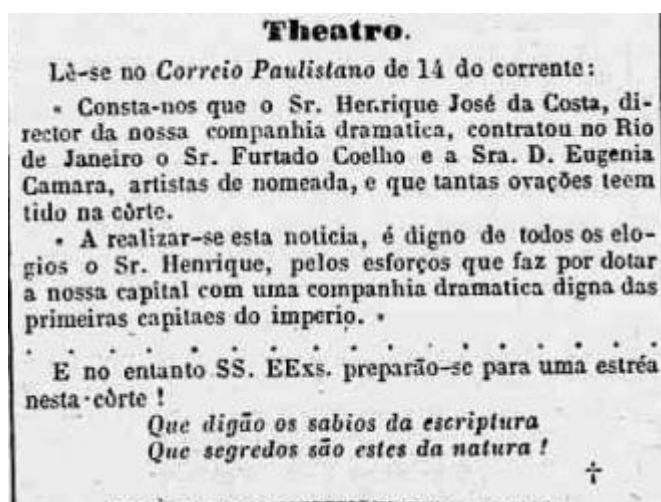
<sup>9</sup> O folhetim do *Diário do Rio de Janeiro* é de 2 de outubro de 1860 e o texto do *Jornal do Commercio* de 30 de setembro

<sup>10</sup> Título original: *Le chemin le plus long*.

dramaturgo francês Charles de Courcy. Mas, tal como a peça de Joaquim Manuel de Macedo, a crítica especializada não comentou esses espetáculos.

Em vista do apoio que os críticos teatrais deram a criação da Sociedade Dramática Nacional e tendo essa empresa teatral formado um elenco com excelentes artistas, tais como Joaquim Augusto e Gabriella da Cunha, seria natural que Furtado Coelho ficasse no Ginásio até o fim do contrato firmado com a empresa dramática. No entanto, não foi isso que ocorreu. Furtado permaneceu como sócio, ator e ensaiador da Sociedade Dramática Nacional por somente dois meses.

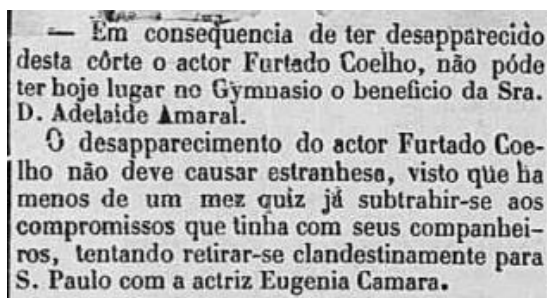
Os motivos de seu afastamento não são explicados pelos jornais. No entanto, um fato nos chama a atenção. O *Correio Mercantil* de 20 de agosto de 1860 publicou uma nota em que se afirmava que o empresário teatral paulistano Henrique José da Costa, naquele mês de agosto, foi até o Rio de Janeiro para contratar Furtado e Eugênia Câmara:



**Fig. 31:** *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 20 de agosto de 1860, p.3, col.5. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/217280/17985>

A mesma informação forneceu o jornal paulistano *O Lírio* de 18 de agosto, comentando que “o distinto ator, poeta e músico, o Sr. Furtado Coelho, e a atriz Eugênia da Câmara breve apresentar-se-ão em nosso teatro” (*O Lírio*, São Paulo, 18 de agosto de 1860, p.54). O curioso é que essa notícia surgiu no mesmo período, em que Furtado estava comprometido com a Sociedade Dramática Nacional. Lancemos, então, a pergunta: teria Furtado Coelho assumido compromisso com o empresário paulistano justamente na mesma época em que ele havia assinado contrato com a Sociedade Dramática Nacional? O fato concreto é que o artista

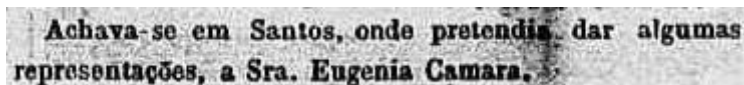
português, em meados de outubro, já pensava em ir para São Paulo, em companhia de Eugênia Câmara, sua amante naquela época<sup>11</sup>. Uma nota no *Diário do Rio de Janeiro* explica:



— Em consequencia de ter desaparecido desta côrte o actor Furtado Coelho, não pôde ter hoje lugar no Gymnasio o beneficio da Sra. D. Adelaide Amaral.  
O desaparecimento do actor Furtado Coelho não deve causar estranheza, visto que ha menos de um mez quiz já subtrahir-se aos compromissos que tinha com seus companheiros, tentando retirar-se clandestinamente para S. Paulo com a actriz Eugenia Camara.

**Fig.32:** *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 19 de novembro de 1860, p.1, col.2. Disponível em [http://memoria.bn.br/DocReader/094170\\_02/14089](http://memoria.bn.br/DocReader/094170_02/14089)

Se o artista português tinha o desejo de deixar a Sociedade Dramática Nacional, como informa a nota publicada no *Diário do Rio de Janeiro*, tal decisão se concretizou em 18 de novembro de 1860, com Furtado Coelho embarcando com destino a Santos, sem avisar os colegas artistas, e sem a companhia de Eugênia Câmara<sup>12</sup>, que embarcou para a cidade do litoral paulistano em outra oportunidade:



Achava-se em Santos, onde pretendia dar algumas representações, a Sra. Eugenia Camara.

**Fig.33:** *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 4 de dezembro de 1860, p.1, col. 4. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/217280/18399>

O desaparecimento de Furtado da Corte parece não ter sido bem visto pelo ambiente teatral do Rio de Janeiro. Joaquim Manuel de Macedo, no folhetim *Labirintho* de 26 de novembro de 1860, comentou que na noite do dia 18, Furtado havia deixado uma carta, sendo ela provavelmente lida por algum ator ou atriz da companhia, antes de começar o espetáculo de benefício da atriz Adelaide do Amaral. Nela, Furtado comunicava a sua saída do Ginásio, e a sua escolha em partir. Macedo então demonstrava o seu descontentamento com o ator, sendo tal atitude um desrespeito com o público, que fora ver o artista no espetáculo daquela noite:

<sup>11</sup> O *Correio Mercantil* de 21 de novembro de 1860 (p.2, col.4) publicou um poema em que é sugerido o relacionamento amoroso dos artistas.

<sup>12</sup> O movimento do porto do *Diário do Rio de Janeiro* e do *Jornal do Commercio* não indica que Eugênia Câmara embarcou com Furtado Coelho em 18 de novembro de 1860.

O Ginásio passou por uma triste decepção na noite do dia 18 do corrente. À noite, e quase à hora de começar o espetáculo que se achava anunciado, apareceu uma carta em que o Sr. Furtado Coelho fazia as suas inesperadas despedidas, e declarava que havia batido as asas para longe.

No seu procedimento, aquele ator, aliás de um merecimento incontestável, ofendeu ao público, a quem a tempo não prevenira da sua ausência, e que concorria a um espetáculo em que o Sr. Furtado Coelho tinha de desempenhar um papel.

O que há de repreensível neste fato em relação aos laços que prendiam ou prendem aquele ator à companhia dramática nacional não é da nossa conta.

Resta saber se o Sr. Furtado Coelho voltará ao Ginásio, ou definitivamente se separa dele: se a companhia dramática nacional o prenderá de novo ao seu seio ou por justiça ou por amor, ou se o Sr. Furtado Coelho chegando às terras do Ipiranga declarar-se-á para todo sempre independente.

No meio de tudo isto o que é certo é que não se encontrará atualmente no Rio de Janeiro pelo menos com facilidade, quem substitua com vantagem o Sr. Furtado Coelho. (*Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 26 de novembro, p.1, col.8).

Igual descontentamento, demonstrou o articulista Carlos da Revista popular (número 8), que não denominou a atitude do artista português como sendo um desaparecimento, mas sim como uma fuga:

O Ginásio sofreu atualmente um abalo formidável; a fuga do ator Furtado Coelho quase lhe fez perder o equilíbrio, por pouco que não derribou.

Não acrediteis que esse artista, sempre aplaudido e obsequiado, tivesse força o bastante para lançar por terra um edifício erigido a esforços de muitos outros, somente porque a fantasia o impeliu a faltar ao cumprimento dos deveres por ele subscritos: não: porém, como sabeis o repertório recente do Ginásio achase distribuído por um número limitado de artistas, e entre estes estava incluído o Sr. Furtado; eis a razão porque o abalo se tornou sensível.

Tinha-se anunciado a *Penelope Normanda* em benefício da Sra. Adelaide, e na véspera da representação, quando o teatro concorria grande número de espectadores para assistirem ao espetáculo do dia, anunciou-se que o *regenerador da arte* fugira para os campos do Ipiranga, e lá fora sem dúvida cumprir as cláusulas de um novo contrato. (*Revista Popular*, Rio de Janeiro, p.319; Faria, 1993, p.134).

Assim, encerrava-se o primeiro período do artista português nos teatros do Rio de Janeiro. No entanto, o artista português não permaneceu inerte. Furtado buscou outros desafios, atuando em São Paulo, no Rio Grande do Sul e em algumas províncias do norte do país. E essa passagem por novos palcos, veremos na sequência desse estudo.

#### CAPÍTULO IV – FURTADO COELHO E A VIAGEM PELO BRASIL: A TEMPORADA EM SÃO PAULO, RIO GRANDE DO SUL e NORTE – (1860 a 1864)

Após deixar o Rio de Janeiro, Furtado Coelho tinha como destino a cidade de São Paulo, pois como vimos ele havia assinado um contrato com um empresário teatral daquela cidade. No entanto, antes de se estabelecer na capital paulistana, o ator português, a pedido de alguns amigos, fez apresentações na cidade de Santos (Faria, 1993, p.134), como informou a *Revista Comercial* de 23 de novembro de 1860:

Consta-nos que o insigne artista dramático, Furtado Coelho, do Ginásio do Rio de Janeiro, há poucos dias chegado da Corte, resolveu-se, a pedido de alguns amigos, antes de seguir para a capital da província, a dar algumas representações no teatro desta cidade. (Filgueiras Sobrinho, 1863, p.48).

Furtado Coelho, logo na sua chegada, foi elogiado pela imprensa, que viu no artista como sendo não só “o regenerador da arte dramática na Corte, mas em todo o Brasil”, além de ser um “habilíssimo ensaiador”. No entanto, informava incorretamente que o artista português foi “o criador da escola realista nos teatros brasileiros” (Filgueiras Sobrinho, 1863, p.49). O artista fez, então, a sua estreia no teatro da cidade praiana em 30 de novembro de 1860, atuando na peça *Pedro*, sendo o espetáculo muito bem recebido pelo público santista:

A sala do teatro estava cheia, e a sociedade que nessa noite ali se reuniu, foi o primor da sociedade Santista; cavalheiros e famílias que há muito tempo não frequentavam o nosso teatro ali estavam todos. (Filgueiras Sobrinho, 1863, p.66).

A permanência de Furtado como ator em Santos durou cerca de um mês<sup>1</sup>, tendo ele partido em 25 de dezembro de 1860 (Filgueiras Sobrinho, 1863, p.49). Mas o ator português retornou mais uma vez a Santos, nos meses de outubro, novembro e dezembro de 1861, para realizar algumas apresentações. Nessa segunda passagem, Furtado Coelho, sendo novamente muito elogiado pelo seu trabalho, atuou nos dramas *Rafael*, de Ernesto Biester; *A proibidade e Cinismo*, *Ceticismo e Crença*, de Augusto Cesar de Lacerda, *Onfália*, de Quintino Bocaiúva e na comédia *O gaiato de Lisboa*, de Aristides Abranches (Filgueiras Sobrinho, 1863, p.64-98).

Após a primeira temporada em Santos, Furtado Coelho seguiu para a cidade de São Paulo, iniciando os trabalhos na capital da província em janeiro de 1861. Logo de início, o

---

<sup>1</sup> Essa informação nos leva a crer que Furtado Coelho não atuou somente no drama *Pedro*, mas também em outras peças.

artista português foi muito elogiado pela imprensa paulistana e também pelo público da capital. No *Correio Paulistano* de 6 de janeiro de 1861, por exemplo, o crítico analisava que Furtado não é um ator que ilude o espectador, mas um ator que encarna totalmente o seu personagem:

O Sr. Furtado Coelho no papel de Pedro, não é apenas um artista incumbido de iludir o espectador, reproduzindo as ações de um herói que o escritor idealizou; em cena ele é o mesmo Pedro, com o mesmo porte, com a mesma expressão, com a mesma voz, com os mesmos sentimentos, com o mesmo talento, com o mesmo amor. Sente como ele, entusiasma como ele, desesperara como ele, ama como ele, vingava-se como ele, e finalmente imortaliza-se como ele, dando vida a criação dramática que o autor concebeu na sua fantasia.

E por isso a plateia ri quando ele ri, entristece-se quando ele sente, angustia-se quando ele chora, extasia-se quando ele se entusiasma, aplaude quando ele vinga, alegra-se quando ele sobe. (Filgueiras Sobrinho, 1863, p.68).

Realizando boas atuações no mês de janeiro de 1861, Furtado Coelho foi pouco a pouco conquistando a admiração de todos, sendo considerado ao final da temporada como o ator de mais recurso que já pisou no palco do teatro paulistano (Filgueiras Sobrinho, 1863, p.54).

Mas Furtado, na capital paulistana, não exerceu somente a função de ator, tendo, também, trabalhado como ensaiador (Faria, 1993, p.134). Isso constata-se a partir de uma crítica contida no *Correio Paulistano* de 9 de janeiro de 1861, em que o articulista demonstrava o esforço de Furtado para que os atores compreendessem os princípios de atuação da escola realista:

[...] ninguém ainda disse palavra acerca de um grande mérito do Sr. Furtado Coelho, e que para nós é de suma valia. É a mestria com que tem ensaiado todos os espetáculos que têm ido à cena depois de sua chegada; é a paciência é o jeito que para esta especialidade da arte dramática ele tem um subido grau. Só quem tem presenciado o trabalho insano do insigne artista em todos os ensaios, em fazer compreender aos nossos atores, já o papel que vão representar, já os ademanos que devem ter, já o modo de falar, etc, fazendo repetir uma cena duas, três e quatro vezes, para que ela se aproxime o mais possível do natural; só quem tem sido testemunha dos esforços e da paciência do Sr. Furtado Coelho neste mortificante trabalho, é que pode compreender o seu gênio e dedicação pela arte. (Filgueiras Sobrinho, 1863, p.50; Faria, 1993, p.134).

Assim, o artista português trabalhou na cidade de São Paulo durante todo o mês de janeiro de 1861, atuando nas peças *A proibidade*, *Pedro*, *Dalila*, *Justiça*, *O gaiato de Lisboa* e *Casamento Singular* (Filgueiras Sobrinho, 1863, p.64-98), as quais também ensaiava.

Furtado, mesmo com o seu contrato com a companhia teatral paulistana encerrado, continuou na província de São Paulo, trabalhando em outras cidades paulistas, tais como

Sorocaba, Itu e Campinas, permanecendo na região paulista por cerca de um ano (Faria, 1993, p.134). E em razão desse longo período na província de São Paulo, acarretou que o ator português decidiu retornar pela segunda vez à capital paulistana, nos meses de julho e de agosto de 1861. Nesse período, Furtado Coelho foi nomeado sócio do Instituto Dramático de São Paulo, e teve o seu drama *Um episódio de vida*, aprovado por esse instituto (Filgueiras Sobrinho, 1863, p.115). Além do mais, nessa época, o artista em estudo criou uma companhia dramática, tendo atuado no drama *Rafael* e em duas peças de França Junior, então estudante de direito do Largo de São Francisco, em São Paulo (Azevedo, 2000, p.116-118).

A primeira peça de França Junior em que Furtado Coelho atuou foi *Meia hora de cinismo*, obra que relata “a vida dos estudantes da Academia em São Paulo, suas preocupações e divertimentos” (Azevedo, 2000, p.116), e que pode ser considerada “um dos textos que inaugurou a produção realista entre os acadêmicos” (p.118). França Junior apreciou a atuação de Furtado Coelho no papel de Nogueira, um estudante do 2º ano, tanto que em um texto escrito pelo dramaturgo, realiza-se o seguinte comentário sobre o ator:

Duas palavras sobre aqueles que, na noite de 17 de julho de 1861, tanto contribuíram para o bom acolhimento, e feliz sucesso de minha primeira composição.

Apresentando-me pela primeira vez perante uma plateia inteligente e ilustrada, dependia todo o meu futuro de artistas poderosos e eminentes que pudessem com o seu talento suprir o que a pena negara.

Era assim que, depositando todas as minhas no Sr. Furtado Coelho e na Sra. Eugênia Câmara, e nos Srs. Leal, Peregrino, Henrique e Joaquim Câmara, não fui iludido; e os aplausos que obtive a *Meia hora de cinismo* vieram confirmar mais uma vez o talento brilhante dos dois primeiros artistas, e o merecimento dos outros.

Excetuando o Sr. Furtado Coelho e a Sra. Eugênia Câmara, artistas superiores a todos os elogios, sem ofender o merecimento dos outros, eu destacarei do grupo o sr. Leal, que na parte de Frederico fez quanto pode fazer um ator de talento e dedicação pela arte. Oxalá receba sempre o Sr. Leal as lições daquele que tanto tem contribuído para melhorar o teatro de S. Paulo, e o seu nome será em breve uma glória para o nosso palco. (França Junior, 1980, p.52-53).

Já a segunda peça atuada por Furtado foi *A república modelo*, “texto não encontrado até hoje”, mas que “pelo título persistia no tema da vida acadêmica” (Azevedo, 2000, p.118). Sobre essa peça, um fato interessante deve ser relatado. A peça, que foi escrita especialmente para Furtado, estava nos planos para ser levada em cartaz. No entanto, ela não havia sido liberada pela polícia. O artista português, usando da admiração que todos tinham por ele, escreveu uma carta para o delegado responsável em 6 de agosto de 1861, pedindo a liberação da obra:



Eu, como V.S.<sup>a</sup> sabe, por que já tive a honra de lhe dizer, não tenho a meu cargo a administração externa do teatro, só ontem soube que a comedia *Uma república modelo* ainda não tinha a autorização da polícia. Há mais tempo eu a teria enviado a V.S.<sup>a</sup> se pudesse supor que tal descuido se daria por parte da administração do teatro. Esta comedia foi escrita expressamente para mim, e desejava merecer de V.S.<sup>a</sup> a licença imediata, na certeza de que ela desenha costumes acadêmicos, que em nada implicam com as exigências da boa moral, e de todos os demais princípios sociais que cumpre respeitar no meio da maior jocosidade.

A muita bondade e simpatia que V.S.<sup>a</sup> por mim tem desenvolvido, me levam a pedir-lhe igualmente desculpa de fazer por esta forma um pedido que devia endereçar-lhe pessoalmente. É ainda o teatro a causa disto, por que me rouba todo o tempo.

Aguardando as ordens de V.S.<sup>a</sup> espero sua resposta, pela qual desde já me vejo satisfeito de poder juntar mais este aos muitos motivos, que mandam confessar-me, com a maior consideração e sincera estima. (Filgueiras Sobrinho, 1863, p. 116).

O chefe da segurança pública, um possível admirador de Furtado Coelho, não permaneceu alheio ao fato. Responde ao ator português, autorizou a exibição da peça:

Basta o nome do autor para me convencer que a obra é digna do público.

Nem leio; mesmo não tenho tempo hoje.

Entretanto para abafar os escrúpulos do *Paiz*, delego-lhe os meus poderes para cortar o que merecer corte. (Filgueiras Sobrinho, 1863, p. 116).

Assim, nessas linhas podemos ter uma pequena ideia do bom trabalho de Furtado Coelho desenvolvido na cidade de São Paulo, local que ele iria voltar pela terceira vez no ano de 1868, quando era empresário e ator do Teatro Ginásio do Rio de Janeiro.

Após deixar a província de São Paulo, Furtado tinha como destino o Rio Grande do Sul. Mas antes, o artista realizou duas apresentações em Santa Catarina, na cidade de Florianópolis, na época denominada Desterro. O seu desembarque na cidade catarinense ocorreu em 14 de novembro de 1861 (*O Argos*, Santa Catarina, 15 de novembro de 1861, p.4, col.3), sendo comentado alguns dias depois:

No último vapor dos portos, (o Imperador) aqui chegou com destino ao Rio Grande do Sul, o Sr. Luiz Candido Furtado Coelho, e a Sra. D. Eugênia Câmara. Alguns amigos e muitos admiradores do insigne artista, a quem cabe a glória de ter, o primeiro, ensaiado no Brasil a moderna escola dramática, a qual, sob sua esclarecida direção tanto tem medrado, solicitaram do ilustre ator a condescendência de honrar o nosso teatrinho com alguma recita de sua escolha, para assim proporcionarem os desterrenses uma ocasião de apreciarem o talento dos dois distintos atores. (*O Argos*, Santa Catarina, 21 de novembro de 1861, p.1, col. 2). Acesso em 19/10/2017.

Furtado Coelho, sempre disposto a presentear os amigos e os admiradores com o seu trabalho como ator, pois como vimos antes de seguir para São Paulo aceitou o convite de conhecidos para atuar em Santos, encenou, então, nos dias 23 e 24, o drama *Dalila* e a comédia *O gaiato de Lisboa*, desenvolvendo provavelmente os papéis de Carnioli e de General, respectivamente (*O Argos*, Santa Catarina, 21 de novembro de 1861, p.1, col.2).

A crítica teatral não realizou uma análise aprofundada das duas apresentações. No entanto, foi publicado um texto em que deixava claro a admiração pelo ator português, uma vez que o considerou como sendo o novo Talma:

Havia, pois, da parte do público uma obrigação de comparecer no teatro nas noites de 23 e 24: e o público foi, e reconheceu por si mesmo essa regeneração da arte; extasiou-se diante das suas revelações, gozou e compreendeu os seus indizíveis segredos. O público—o grande mestre de todos os tempos—disse com as suas estrondosas ovações aos dois artistas mais do que nós lhe poderemos dizer nestas linhas, que não passam de uma homenagem sincera, rendida ao talento do Sr. Furtado Coelho e da Sra. D. Eugênia Câmara; fraco testemunho do muito apreço em que os catarinenses têm ao Talma dos nossos dias.

O que ainda é mais; o Sr. Furtado Coelho não é só um grande, artista dramático, também o público, estremecido de entusiasmo o saudou como um fiel interprete de — Palestrina, e Gluck — como distinto discípulo de Verdi, o maestro patriota que tem secundado tão poderosamente os esforços do libertador da Itália [...] (*O Argos*, Santa Catarina, 26 de novembro de 1861, p.1, col. 2). Acesso em 19/10/2017.

Furtado Coelho e Eugênia Câmara deixaram Santa Catarina no dia 25 de novembro, seguindo viagem para o Rio Grande do Sul (*O Argos*, Santa Catarina, 28 de novembro de 1861, p.2, col.1); (Faria, 1993, p.134). As informações que temos sobre a segunda passagem do artista por Porto Alegre e Pelotas são poucas, pois não foi possível ter contato com os periódicos do Rio Grande Sul que abarcam o ano de 1862<sup>2</sup>. No entanto, as informações apresentadas por Filgueiras Sobrinho (1863) fornecem-nos algumas pistas sobre Furtado no sul do país.

O ator português provavelmente estreou no final do mês de dezembro de 1861, atuando na peça *Dalila*. O jornal *Ecco do Sul* de 25 de dezembro comentou sobre a estreia:

O Sr. Furtado Coelho reconhecido nas províncias mais ilustradas do império, como um insigne artista da escola moderna, é o professor assíduo e dedicado de toda a sua companhia, e escolheu, para reentrada no palco do nosso teatro,

<sup>2</sup> O sítio da Hemeroteca Digital não disponibiliza os jornais do Rio Grande do Sul, tais como *Correio do Sul*, *O Mercantil*, *O Commercial*, *O Ecco do Brasil* e *Diário do Rio Grande* durante o ano de 1862. Futuramente, procuraremos maior acesso a esses dados.

o papel de Carnioli, no magnífico drama *Dalila*. (Filgueiras Sobrinho, 1863, p.75).

Além da peça de Octave Feuillet, Furtado, que também desenvolveu a função de empresário (Filgueiras Sobrinho, 1863, p.116), (Faria, 1993, p.134), atuou ainda em *O gaiato de Lisboa*, *Onfália* e na sua peça *O ator*<sup>3</sup>, merecendo ela comentários em 1 de junho de 1862 de um crítico do jornal *O Commercio*, de Pelotas :

*O Ator* do Sr. Furtado não é só um belo e excelente drama, é a escola verdadeira da arte, sua história em todas as frases, um triunfo para a arte, e uma coroa de glória para o autor.

*O Ator* em sua essência, é o que em geral são já hoje os artistas, ou pelo menos a maior parte; em sua construção, o retrato moral da sociedade atual, com muitas pequenas exceções. Na arte que o Sr. Furtado abraçou com entusiasmo, por convicção, e afrontando de face os tais preconceitos, ressumbra a honra, a virtude, a educação e a magnanimidade, embora veja-se ela combatida todos os dias, por novos condes de S. Roque, que nem sequer tem, como fidalgo respeitável de *O Ator*, a nobreza de sangue legada por longa série de avós, e o coração de pai com que acede ao pedido de Alberto Vidal e de sua filha Condessinha.[...]

O Sr. Furtado tocou delicadamente em quase todas as chagas que desfiguram o nosso século, fez vibrar afinadas todas as cordas do coração, pôs em acertado jogo a luta das paixões. (Filgueiras Sobrinho, 1863, p.106).

O drama de Furtado Coelho, além de ter sido bem recebido pelo público de Pelotas (Filgueiras Sobrinho, 1863, p.92), foi enaltecido pela plateia de Porto Alegre. Em relação aos espectadores porto-alegrenses, um texto no jornal *O Mercantil* de 5 de novembro destacava o sucesso do espetáculo:

No domingo levou a companhia dramática o drama – O Ator – do seu diretor o Sr. Furtado Coelho.

É em nosso pensar, o melhor trabalho literário que temos visto do Sr. Furtado Coelho, e ao qual ele pode ufanar-se de dar o seu nome.

O drama foi muito aplaudido, já pelo mérito da composição, já pela execução do Sr. Furtado Coelho, a qual foi primorosa.

Ao descer do pano, no último ato, o público chamou a cena o talentoso e simpático artista, vitoriando-o com a mais merecida e justa ovação.

Entendeu ele que não devia excluir do seu triunfo os seus companheiros de arte que o coadjuvaram na exibição de sua obra, e os apresentou, os principais, em cena, onde lhes concedeu o público os aplausos de que se fizeram dignos por si, e pela recomendação tácita de seu simpático diretor. (Filgueiras Sobrinho, 1863, p.92).

---

<sup>3</sup> A peça *O ator* foi publicada no livro *Amor da arte*. Ela é a primeira parte do livro. A segunda parte do livro compreende a peça *A atriz*.

Furtado Coelho permaneceu no Rio Grande do Sul como ator e empresário por cerca de um ano e como comenta Faria o “próximo passo seria conquistar o Nordeste” (Faria, 1993, p.133). E foi o que o ator português fez. No entanto, antes de desembarcar no nordeste brasileiro, Furtado, em companhia de Eugênia Câmara, fez uma viagem a Portugal, possivelmente em outubro ou novembro de 1862 (p.133).

Após a passagem pelo continente europeu, Furtado Coelho e Eugênia Câmara, no início de 1863, desembarcaram no Recife, pois foram contratados pelo empresário e ator teatral Antônio José Duarte Coimbra em março daquele ano. A empresa que era formada pelos artistas, Flavio Aurelio Wandeck, Thomaz Antonio Espinca, Antonio de Teixeira de Carvalho Lisboa, Antonio José Peixoto Guimarães, José de Lima Penante, Camilla Moreira Guimarães, Joanna Januária Bittencourt, Jesuína da Silva, entre outros tinha como proposta apresentar dramas, comédias, cenas-cômicas e vaudevilles que fizeram sucesso no sul do país, ou seja, a empresa teatral, no que diz respeito aos dramas, encenaria as mesmas peças anteriormente atuadas por Furtado. (*Diário de Pernambuco*, Pernambuco, 4 de março de 1863, p.3, col.6).

A estreia do ator português, que também desempenhou a função de ensaiador, ocorreu no Teatro Santa Isabel em 11 de março, com a encenação da peça *Dalila* e o vaudeville *A filha de Gringolet*, uma imitação de Eugênia Câmara, e que tinha a parte musical composta por Furtado Coelho (*Diário de Pernambuco*, Pernambuco, 11 de março de 1863, p.3, col.3). Como não poderia ser diferente, a população de Recife estava ansiosa para ver a estreia da nova companhia dramática e principalmente os dois novos atores, tanto que desde às 8:00 da manhã, “a ansiedade para obtenção de um bilhete era crescente” e “o pobre do empresário viu-se em apuros por não dispor de um espaço duplo no teatro” (*Diário de Pernambuco*, Pernambuco, 13 de março de 1863, p.2, col.3).

A apresentação de *Dalila* foi bem recebida pelo crítico do periódico pernambucano, merecendo os atores e atrizes os mais diversos elogios. No que diz respeito a Furtado Coelho, o articulista apreciou a cena em que Furtado, no papel de Carnioli, conta a André Roswein o sofrimento de Amélia e o estado de saúde debilitado da personagem. No entanto, o crítico exagerou ao dizer que o ator português “é o artista do século”:

O Sr. Furtado Coelho (cavalheiro Carnioli) é o artista do século; ilustrado e de imaginação pura e viva, sabe dar cores naturais à personagem que executa, como se fosse fato passado consigo mesmo; e, nos momentos solenes eleva-se, sem um gesto, sem uma palavra que esteja fora do conveniente. [...] Em o quinto e sexto quadros do drama o Sr. Furtado tornou-se sublime, quer na raiva por ver sacrificado o seu amigo aos caprichos de uma miserável mulher, quer na dor extrema por vê-lo sucumbir os desgostos cavados em seu

coração por essa mesma mulher, cujo único desejo era saciar-se de gozos, quaisquer que fossem as dores que semeasse.

Aquela cena em que descreve a André a maneira porque viu arrastar-se a vida de Amélia e Sertorius é de valor extremo, que arranca lágrimas a corações sensíveis; e em verdade é tal a naturalidade com que joga-a o Sr. Furtado que só seres empedernidos deixam-a (sic) de compreender.

Furtado Coelho e Eugênia Câmara são dois vultos importantes no teatro moderno, e as altas composições dramáticas só neles encontram intérpretes. (*Diário de Pernambuco*, Pernambuco, 13 de março de 1863, p.2, col. 4).

O segundo drama atuado por Furtado Coelho foi *Lucia Didier*<sup>4</sup>, dos dramaturgos franceses Leon Battu e Adolphe Jaime. A peça conta a história do negociante Paulo Didier, que se vê impossibilitado em pagar uma grande quantia referente a construção de sua empresa. Ele propõe, então, a sua mulher Lucia Didier quitar a dívida com o banqueiro Sarzanne, por meio da herança que M. Vilenneuve havia dado ao negociante, sendo essa o dote da filha do casal. Lucia Didier concorda com a sugestão, pois isso salvaria a honra do marido. Por outro lado, Sarzanne ao saber que o dinheiro do pagamento será o dote da filha de Paulo Didier não aceita tal acordo, propondo ele emprestar a quantia. Mas dessa vez é Lucia Didier quem não aprova a proposta, argumentando que se tal acordo ocorresse só mudaria os credores. Essa postura benevolente de Sarzanne é puro jogo de cena, já que o personagem é o vilão do drama. O banqueiro, que nutre uma paixão por Lucia Didier, contará a personagem que o dinheiro dado por M. Villeneuve é dele, já que ele tem um documento que comprova que Paulo Didier devia a quantia ao personagem falecido. Lucia Didier, vendo que Sarzanne iria desonrar o seu marido, decide se tornar amante do banqueiro. Ao final da peça, Paulo Didier descobre a traição, mas em um primeiro momento não consegue perdoar a esposa. Somente depois de tomar conhecimento de que Lucia Didier sacrificou a própria honra para salvar o nome do marido, ele a perdoa. Mais aí já é tarde, pois a personagem, em razão do forte abalo emocional, vem a falecer.

Apesar de no aspecto temático e estrutural *Dalila* ter mais qualidades que *Lucia Didier*, a imprensa de Recife parece ter gostado da peça e apreciado o espetáculo. Sobre isso, o *Jornal do Recife* de 21 de março comentou a atuação de Furtado Coelho no papel de Paulo Didier:

Esse drama tão simples teve um efeito prodigioso.

O talento dos atores é uma força que engrandece a ação do drama. O Sr. Furtado Coelho esteve acima de todo o elogio. O seu talento é de uma força

---

<sup>4</sup> A obra de Leon Battu e Adolphe Jaime foi adaptada por José Antônio Moniz com o título de *Honra e Loucura*. A obra teve também uma adaptação em espanhol feita por Ramon de Valledares, cujo título é *Honra por Honra*. No entanto, é provável que Furtado Coelho tenha apresentado o espetáculo a partir da tradução do texto original francês.

prodigiosa. Com suas transições eram soberbas! Que atitude nas situações! Que compreensão rápida dos efeitos patéticos! Dizer que é um grande artista, é um pleonasma. Quando ele leu, no segundo ato, a carta que explica sua desonra, subiu ao nível da grandeza moral da cena.

Sua atitude foi magnífica; sua voz verdadeira, tudo, tudo era irresistivelmente belo. Quando ele diz: “Lucrecia morreu, e Lucia ainda vive” – essa ironia a face de uma vítima que o ama sem ele saber onde está o vício, é gigantesca. Quando ele muda repentinamente de caráter ao entrar Sarzane, e lhe oferece o braço de Lucia para a quadrilha, é sublime, sobretudo pelo movimento. Quando Lucia pergunta-lhe por sua filha, e ele diz lhe diz que ele está onde se ensina a amar a virtude e respeitar o seu sexo e honra, é tudo. (Filgueiras Sobrinho, 1863, p.94).

A mesma percepção da boa apresentação do ator português apresentou um crítico do *Diário de Pernambuco*:

Furtado Coelho já não é o cavalheiro Carnioli, jovem folgazão e estroina, para quem o casamento é a morte, e que ri de tudo e de todos; é sim, o homem em família, marido e pai ao mesmo tempo, em que tudo revela o oposto aquele. Paulo Didier é criação sua, e nada deixa a desejar; por quanto nenhuma palavra há neste drama que demonstre o valor do artista, se ele não tiver o sentimento ao coração, e, penetrando o íntimo do autor, descortinar ao público as sensações por que deve passar o homem em iguais atos.

Confronte-se esse artista na *Dalila* e na *Lucia Didier* e conhecer-se-á ser de um valor imenso a sua aquisição, pois tudo nele revela até os mais pequeninos requisitos necessários ao bom artista. (*Diário de Pernambuco*, Pernambuco, 18 de março de 1863, p.2, col. 4).

Embora tenha apresentado boas apresentações a companhia teatral de Antônio José Duarte Coimbra sofria com a falta de subsídios do governo pernambucano, haja vista que tais recursos poderiam ser revertidos na melhoria da parte material do teatro e conseqüentemente melhorar o trabalho de Furtado Coelho como ensaiador. Vejamos com atenção esse tema. Um artigo no *Diário de Pernambuco* de 24 de março de 1863 relatava que no Teatro Santa Isabel faltam muitos objetos que são essenciais para a montagem de um espetáculo e que Duarte Coimbra tem gasto as suas economias para suprir a deficiência material da casa de espetáculos, não prescindindo Furtado Coelho de nada para realizar o seu trabalho:

O teatro tem estado desprovido de mobília, de guarda-roupas e de muitos objetos que são necessários e indispensáveis para poder funcionar convenientemente.

O Sr. Coimbra tem gasto todas as suas economias, e tem se empenhando para suprir todas essas faltas, tendo comprado ou encomendado diversas coisas, não só para enriquecer o teatro, como para poder levar à cena, com toda decência e propriedade, os dramas de seu repertório.

O Sr. Furtado Coelho, diretor e ensaiador de cena, zeloso como é pela arte dramática, por decidida vocação e ardente entusiasmo, não prescinde de nada, e em tudo quer satisfazer o que manda o autor da peça que pretende

representar. (*Diário de Pernambuco*, Pernambuco, 24 de março de 1863, p.2, col. 5).

O articulista então explicava que a compra dos objetivos materiais ao teatro demanda uma grande despesa, sendo que essa não é suprida somente pelas récitas, as quais eram apresentadas somente duas vezes na semana. Além do mais, terminada a novidade de apresentação de um espetáculo, o público não mais comparecia com assiduidade ao teatro:

Tudo isto acarreta uma enorme despesa e sacrifícios que só uma récita vantajosa e infalível pode sustentar.

O teatro assim dirigido e montado deve ocasionar ao empresário um custeio superior a 7:000\$ mensais, pouco mais ou menos; e onde irá o Sr. Coimbra buscar um rendimento que contrabalancei aquele grande dispêndio?

Dir-nos-ão talvez que com o produto das récitas que o empresário dá duas vezes por semana. Engano. O estado de marasmo em que tem estado a nossa praça, e o abalo que tem sofrido as fortunas particulares, não só lhe permitiram poucas assinaturas, como a concorrência espontânea será fraca e duvidosa. O espírito de novidade influi muito no nosso público, e este, satisfeita a curiosidade, começa a variar, e os lugares no teatro ficam vazios.

Ainda ontem a companhia chegou, e já na quarta récita vimos o teatro meio deserto, apesar dos excelentes espetáculos que tem tido. (*Diário de Pernambuco*, Pernambuco, 24 de março de 1863, p.2, col. 5).

Como solução para o problema, o crítico argumentou a necessidade da companhia dramática de Duarte Coimbra ser contemplada com a ajuda financeira do governo pernambucano, pois o teatro como um todo tem a função de instruir a população:

Só um subsídio prestado pelos cofres provinciais, para sustentar o único divertimento público, honesto e moralizador, que temos entre nós.

Em toda a parte, o governo gasta enormes somas para sustentar e conservar os divertimentos públicos, tão necessários para distrair, moralizar e civilizar o povo.

Se o povo, por dever e por interesse próprio, paga impostos e contribuições para a manutenção da ordem pública e o seu bem-estar; também os paga para lhe serem proporcionados entretenimentos e distrações, que não só o deleitam como o instruem. (*Diário de Pernambuco*, Pernambuco, 24 de março de 1863, p.2, col. 5).

Apesar de Duarte Coimbra suprir com recursos próprios as dificuldades materiais do teatro Santa Isabel, é bem provável que Furtado Coelho sofreu para colocar em cena *Dalila*, *A filha de Gringolet* e *Lucia Didier*. Mas, além das dificuldades materiais, a questão do público deixar de frequentar o teatro após não haver mais “o espírito de novidade”, parece-nos ser um outro problema enfrentado pelo empresário e por Furtado Coelho. Em outras palavras, mesmo que a temporada no Teatro Santa Isabel tenha sido preparada para que fosse levado em cena vinte e duas peças teatrais, Duarte Coimbra e Furtado Coelho talvez perceberam que seria

inviável deixar em cartaz uma única peça por um longo tempo, e que o melhor seria colocar vários dramas em sequência. E foi isso que ocorreu, pois, durante o mês de abril, praticamente ao mesmo tempo, foi posto em cartaz os dramas *Dalila*, *Cinismo*, *Ceticismo e Crença*, *Onfália*, *O demônio familiar* e a comédia *O Gaiato de Lisboa*. No entanto, apresentar várias peças em um curto espaço de tempo acarretava que não havia tempo suficiente para Furtado ensaiar um espetáculo e corrigir algum erro dos atores. Em *Cinismo*, *Ceticismo e Crença*, por exemplo, tais erros ocorreram. Nesse espetáculo, o ator português, apesar de no dia estar doente, conseguiu desempenhar bem o seu papel. Mas a atuação dos atores Flavio Wandeck e Thomaz Espinca, artistas possivelmente da escola romântica e ainda não adaptados a forma de atuação realista, foi sofrível:

Apesar de doente bastante, desde a véspera, o Sr. Furtado levou a personagem que copiava a mais alta esfera do que tem sido sempre que entre nós há sido representado, vibrando cordas bem fortes em certos corações, quando apresentou a hediondez de seu cinismo.

O Sr. Flavio esteve sofrível, o melhor estaria se não ridicularizasse tanto o seu papel.

O Sr. Thomaz também foi sofrivelmente, apesar mesmo das declamações com que representou, e que torna-se saliente em meio de seus colegas. (*Diário de Pernambuco*, Pernambuco, 7 de abril de 1863, p.1, col.5).

Quanto aos dramas *Onfália* e *O demônio familiar*, o *Diário de Pernambuco* não comentou a atuação desses atores, o que nos impossibilita realizar uma análise dos espetáculos. Mas o *Jornal do Recife* comentou o desempenho de Furtado nesses espetáculos. No drama de Quintino Bocaiúva, o crítico do *Jornal do Recife* destacou que o ator português “esteve magnífico” (Filgueiras Sobrinho, 1863, p.89), enquanto que na comédia de Alencar, Furtado, no papel de Eduardo, “sustentou a gravidade e sisudez” nas cenas em que a moralidade deve ser apresentada ao público (Filgueiras Sobrinho, 1863, p.93).

Como já comentamos, mesmo com um ou outro erro, a companhia teatral apresentava bons espetáculos. E essas apresentações, principalmente as atuações de Furtado Coelho e Eugênia Câmara, chegaram a conquistar os estudantes da Faculdade de Recife e também Castro Alves, que naquela época vivia na capital pernambucana para tentar uma vaga no curso de direito daquela faculdade (Calmon, 1956, p.76). Pedro Calmon comenta, então, o impacto que os dramas realistas causaram nos acadêmicos e no poeta de *Navio Negroiro*:

Aquilo assombrava. Olhos esgazeados para esse delicioso retalho de paixão e verdade, que era o enredo (*Dalila*), Furtado e Eugênia magistras na emoção terna ou violenta, os estudantes não se limitavam a aplaudir. Festejaram-nos com uma insistência crescente, de consagração; e nos intervalos, debruçando-



se na barra do camarote, os poetas da faculdade lhes disseram ditirambos, Castro Alves foi empurrado para diante pela animação dos colegas. Levava também a sua ode. E declamou-a, o melhor que pode, na noite de 16 de abril. Deslumbraram-se com *Dalila*, soluçara com *Lucia Didier*, enregelara-se no *Cinismo*, de César de Lacerda [...] (Calmon, 1956, p.91).

Castro Alves tornou-se, portanto, um grande admirador de Eugênia Câmara e também de Furtado Coelho, tanto que na noite de 16 de abril na qual Calmon (1956) faz referência, o poeta baiano recebeu um poema ao ator português<sup>5</sup>:



Fig. 34: *Diário de Pernambuco*, Pernambuco, 22 de abril de 1863, p.8, col.1. Disponível em [http://memoria.bn.br/DocReader/029033\\_04/8636](http://memoria.bn.br/DocReader/029033_04/8636)

Porém, anos depois, Castro Alves teve uma decepção com Furtado Coelho. O artista português, então, empresário do Teatro Ginásio do Rio de Janeiro, não levou em cena o drama *Gonzaga ou a revolução de Minas* do escritor baiano. O motivo seria o fato de Castro Alves ter na época um romance com Eugênia Câmara, ex-amante de Furtado. Faria (2011) explica:

Castro Alves teve a sua semana de glória no Rio de Janeiro, mas amargou a decepção de não ver o drama representado. Na carta de agradecimento que escreveu a Alencar, revelou que havia sido “repellido pelo teatro do Furtado”.

<sup>5</sup> Na página 8 do *Diário de Pernambuco* de 25 de abril de 1863 há também um poema de M.A.M. Paiva a Furtado Coelho. No mesmo periódico, em 4 de maio, há o poema de Virgílio Peixoto d' Araujo Palmeira que também homenageia o artista português.

Se não for especular demais, é possível que o ator e empresário Furtado Coelho tenha aproveitado a oportunidade para dar algum troco a Eugênia Câmara, com quem vivera durante três anos, entre 1860 e 1862. (Faria, 2001, p.73).

Na sequência da temporada, nos meses de maio e junho, Furtado Coelho continuou com a proposta de não repetir os espetáculos. O artista português, então, levou em cartaz os dramas *Trabalho e Honra*, de Cesar de Lacerda; *Um homem de consciência* e *Raphael*, de Ernesto Biester; *Redenção*, de Octave Feuillet; *O poder do ouro*, de J. M. Dias Guimarães, *Abel e Caim*, de Antonio Mendes Leal, *Casamento Singular*, de José d'Almada e Lencastre, *Onfália*, de Quintino Bocáiuva, *Meia hora de Cinismo*, de França Junior e *Um mistério de família* de Franklin Távora.

A imprensa pernambucana comentou alguns desses espetáculos. Em *O poder do ouro*, peça que subiu em cena no dia 13 de maio, o articulista G. de B. do *Diário de Pernambuco* apreciou a atuação dos atores e principalmente o papel de Furtado como Francisco Vieira:

O Sr. Furtado Coelho desempenhou este papel com a maestria incontestável que todos lhe reconhecem. Vemo-lo, sedutor indigno, desvairando com promessas brilhantes de sedas e joias, e por último com a mágica palavra – casamento – a moça inexperiente e criada sob a benéfica influência da virtude, que aformoseava o lar paterno; e o *ouro*, ainda mal! Triunfa, lançando indelével nodoa em uma família honrada. (*Diário de Pernambuco*, Pernambuco, 20 de maio de 1863, p.8, col.1).

Em *Redenção*, peça que estreou em 20 de maio, tendo ainda outra apresentação no dia 24, a qual era o benefício de Eugênia Câmara, o crítico do *Diário de Pernambuco* também elogiou o espetáculo e atuação dos atores. Em seu longo artigo, publicado em 30 de maio, G. de B., se pautando no espetáculo do dia 24, congratulava Eugênia Câmara pelo seu desempenho no papel de Magdalena, destacando que ao final do espetáculo a atriz foi saudada pelo público com buquês de flores. Quanto a atuação de Furtado no papel de Mauricio Feder, o articulista realizava o seguinte comentário:

Dizendo que o Sr. Furtado Coelho se inspirou do papel de Maurício, inútil é acrescentar uma palavra acerca do respectivo desempenho: o público em cujo espírito se vai gradualmente inoculando o gosto pelas belezas da arte moderna tem já formado o seu juízo e respeito de tão insigne artista, e faz-lhe a justiça a que tem incontestável direito. (*Diário de Pernambuco*, Pernambuco, 30 de maio de 1863, p.8, col.6).

Ao final do artigo, o crítico comentou a parte musical do espetáculo. Ele detalha que antes da apresentação da peça, Eugênia Câmara cantou uma canção composta por Furtado, sendo a artista acompanhada pela orquestra e pelo próprio artista português ao piano:

Antes da representação do drama cantou a beneficiada “A grande marcha acadêmica” com acompanhamento da orquestra, e do piano pelo Sr. Furtado Coelho, sendo o coro cantado pelo resto da companhia. A música, composição do Sr. Furtado Coelho, é de um magnífico efeito; e a poesia, da Sra. D. Eugênia linda e arrebatadora. Na execução, a ilustre beneficiada deleitou-nos; sua voz é melodiosa e bem sustentada; tem uma firmeza que muito agrada. (*Diário de Pernambuco*, Pernambuco, 30 de maio de 1863, p.8, col.6).

No mês seguinte, foi a vez de G. de B. comentar o provérbio *Amemos o próximo*, do poeta Emílio Zaluar, que teve a atuação de Furtado Coelho e de Eugênia Câmara, e também o drama *Um mistério de família*, do já citado Franklin Távora. Mas antes de abordarmos a crítica de G.B ao espetáculo apresentado, convém fazermos alguns comentários sobre a relação entre Furtado Coelho e o escritor cearense. Desde o momento em que o ator português pisou no palco do Teatro Santa Isabel, Franklin Távora, que vivia em Recife, pois era acadêmico da Faculdade de Direito, empolgou-se ao ver as atuações do ator português. Isso explica Claudio Aguiar (2003), uma vez que Távora ao ver Furtado e Duarte Coimbra no palco sentiu grande vontade em ser autor teatral:

O jovem poeta Távora, que vinha frequentando o movimento teatral recifense com interesse, cada vez mais empolgado com as representações dos atores português Furtado Coelho e Duarte Coimbra, na verdade, acalentava o sonho de tornar-se autor teatral. (Aguiar, 2003, p.XV).

Essa admiração pode ser confirmada a partir de um poema recitado pelo poeta cearense ao ator português em 9 de maio, data em que Furtado Coelho encenou o drama *Um homem de consciência*:



**Fig.35:** *Diário de Pernambuco*, Pernambuco, 12 de maio de 1863, p.8, col.1. Disponível em [http://memoria.bn.br/DocReader/029033\\_04/8771](http://memoria.bn.br/DocReader/029033_04/8771)

Furtado Coelho igualmente tinha admiração por Franklin Távora. Quando o ator leu *Um mistério de família*, ele escreveu uma carta elogiando o talento do escritor cearense e o valor artístico do drama. Além do mais, Furtado fez questão de salientar o desejo de atuar na peça, desempenhando o papel de Antonio (Aguiar, 2003, p.XXXII). Diz a carta:

Quando um talento novel e uma inspiração fresca e viçosa fazem na literatura dramática uma estreia dos quilates do seu MISTÉRIO DE FAMÍLIA, trabalho que para alguns seria um ambicionado fim, para muitos uma invejada demonstração de inteligência, e para todos tão suspirado quanto glorioso princípio, é porque Deus acendeu na frente de seu autor a estrela das concepções imortais.

Eu, artista, a quem um fatal condão não permite entusiasmar-me se não pelo belo, impressionado como estou pela leitura do seu mimoso drama, peço-lhe me permita endereçar-lhe um pedido, que com toda a certeza contém uma profecia, sim profecia pode chamar-se a previsão de um astro, ao qual pouco falia para resplandecer com todas as galas da majestade no grandioso horizonte das letras pátrias.

O pedido é o seguinte:

Cultive incessante e cuidadosamente o fecundo solo de sua inteligência, e muito breve o nome de Franklin Távora será uma das mais distintas glorias do Brasil, uma das maiores ilustrações do teatro moderno brasileiro.

Tenho tanta vontade de representar o seu ANTÔNIO (\*)<sup>6</sup> quanto é certo que jamais selei com o meu nome uma lisonja. (Távora, 1877, n.p.)

<sup>6</sup> O asterisco é uma nota inserida na edição do livro que informa que Furtado “representou o Antonio recebendo grandes aplausos” (Távora, 1877, n.p.)

Pouco tempo depois, foi a vez de Franklin Távora ler e elogiar *O Ator* do artista português. Em carta que o escritor cearense enviou a Furtado, ele comentava que o drama lhe causou serias impressões<sup>7</sup>:

Eu li o seu – *Ator* – e senti-me tomado de tão sérias impressões ao finalizá-lo, que pretendi confiar ao papel algum pensamento a seu respeito. É uma espécie de mania que me acompanha.

Mas, bem como os grandes prazeres arrebatam a alma até concentrá-la, em um como êxtase de verdadeira contemplação, as grandes impressões que me sobrevieram após aquela leitura, absorveram-me por algum tempo de semelhante guisa, que somente agora que já não são para mim novidade essas lindas páginas, por que o meu espírito, a força de contemplá-las, familiarizou-se com elas, é que conheço-me capaz de expandir-me sobre o seu valor.

Se é possível que exista uma alma dentro de um livro, a sua alma inteira, meu amigo, todas as flores de mocidade, todas chama de sentimentos porque é poeta, toda úlceras de martírio porque é apóstolo de uma arte, deixa-se ali perceber, desnuda de simulação, franca e verdadeira nos seus eflúvios e expressões, como a fisionomia cândida de uma virgem.

As páginas desse drama não são apenas simples concepções de uma imaginação fecunda de dramaturgo, senão as revelações febris e sinceras do ator que faz da sua profissão o seu livro de Salmos, e que nele lê todas essas confidências íntimas, escritas pela pena do sentimento, ensopada no sangue vivo das úlceras do coração. (Filgueiras Sobrinho, 1863, p. 108).

Assim, a relação entre Furtado Coelho e o jovem acadêmico Franklin Távora naqueles anos em Recife foi marcada pela amizade e admiração.

Mas retornando à apresentação do drama *Um mistério de família*, reencenado naquele ano em 6 de junho, como havíamos afirmado, G. de B. analisou o espetáculo e como não poderia ser diferente comentou sobre a atuação de Furtado Coelho (Aguiar, 2003, p.XXXII). Para o articulista, o ator português “esteve magnífico”, um comentário que demonstra que o artista soube interpretar o seu personagem:

O Sr. Furtado Coelho esteve magnífico como sempre. Sob cada aspecto diverso que se apresenta, o público vê constantemente o fulgor cintilante do gênio. Antonio é um mancebo honrado, amigo dedicado e sincero, que mede os alheios sentimentos pelos seus, e não pode crer na perfídia. Quando o Dr. Carlos o censura pela sua demasiada fé, e acusa Julio de ter desonrado Amelia, como é belo o acento de profunda convicção com que ele lhe responde: *Doutor, não o acredito; é impossível!*...E depois a sua comoção ao ler o bilhete pela irmã dirigido a Julio, e que casualmente caíra em poder do Dr. Carlos! No segundo ato, ao sair do quarto em que, oculto, presenciara a entrevista de Amelia com Julio, como é fina a ironia, e penetrante o sarcasmo, com que em cada palavra verbera a corrupção, a imoralidade do século! (*Diário de Pernambuco*, Pernambuco, 11 de junho de 1863, p.8, col.2).

<sup>7</sup> A carta completa estará disponível na parte de anexos desse trabalho.

É certo que Furtado foi muito aplaudido por sua atuação em *Um mistério de família*. No entanto, os aplausos não foram somente direcionados ao ator português, mas também a Franklin Távora. O escritor que estava no Teatro Santa Isabel naquele dia foi chamado ao palco para ser aplaudido pelo público que lá estava, sendo depois homenageado pelo próprio Furtado Coelho com uma coroa de flores:

Fim do drama, foram conjuntamente chamados a cena a companhia de e o autor, Sr. Franklin Távora, que aparecendo ante o público, foi entusiasmamente vistoriado. Recitaram-lhe poesia os Srs. Belmiro Salgado, Tiburcio Vallasques e Virgilio Palmeira, todos saudando o jovem dramaturgo, e dando-lhe o animador brado de avante! Depois o Sr. Furtado Coelho, em seu nome e no de toda a companhia, ofereceu ao autor uma mimosa coroa de flores com que lhe cingiu a nobre frente. (*Diário de Pernambuco*, Pernambuco, 11 de junho de 1863, p.8, col.3).

*Um mistério de família* não era novidade para o público recifense, pois já havia sido encenada pela primeira vez no ano anterior, em 2 de dezembro de 1862 (Aguiar, 1997, p.100). Muito provavelmente por esse fato e também em razão da estratégia de não se repetir várias vezes o mesmo drama, a obra teve somente uma apresentação no mês de junho e nenhuma no mês seguinte. Duarte Coimbra e Furtado Coelho continuavam, portanto, seguindo tal estratégia empresarial, tanto que nos jornais eles informaram quais peças seriam encenadas no mês de julho (*Diário de Pernambuco*, Pernambuco, 1 de julho de 1863, p.3, col.4). Eram elas: *As mulheres de mármore*, *As mulheres terríveis*, *Luxo e vaidade*, *Fernando*, *A proibidade*, *O agiota* e a ópera cômica *Palavra de rei*. Mas antes dos dramas citados serem encenados, a empresa teatral levou ao palco do Teatro Santa Isabel as peças *Abnegação*, de Ernesto Biester; *Meia Hora de Cinismo*, de França Junior; *Esmeralda*, uma adaptação da obra *Notre Dame de Paris* de Vitor Hugo e *Trabalho e Honra*.

De todos esses espetáculos, a crítica teatral somente comentou o trabalho de Furtado nos dramas *Trabalho e Honra*, no qual destacava a naturalidade de atuação do ator (*Diário de Pernambuco*, Pernambuco, 15 de julho de 1863, p.8, col.1), em *As mulheres de Mármore*, apontando que o ator português no papel de Desgenais foi majestoso (*Diário de Pernambuco*, Pernambuco, 1 de agosto de 1863, p.8, col.1) e no drama *A proibidade*. Nesse espetáculo, o articulista novamente apontava a naturalidade em que Furtado desempenhou o seu papel:

O Sr. Furtado Coelho compenetrara-se plenamente desse caráter. Naturalidade na ação, tudo ocorreu sem esforço. Henrique Soares foi sem dúvida escrito ao Sr. Furtado Coelho. No final do prólogo é admirável; sua fisionomia, o tom de voz, os gestos pintam fielmente o que acabava de passar-se; tudo era nele

de um sublime majestoso e grave. A sua entrada no primeiro ato deixou para logo entrever a outra fase de sua vida. Seu modo de conversação bastava para revelar um profundo estudo desse caráter. O Sr. Furtado não decorou um papel, aprofundou e representou um caráter. Sua ansiedade no final desse ato foi de um grandioso cênico admirável e bem pensada a sua posição ao saber a dura verdade, que até então tanto o preocupava. No segundo ato a entrada do Sr. Furtado Coelho não foi menos majestosa; era porém de outro gênero; sua fisionomia era de um homem abatido e acabrunhado pelos remorsos. *Grandes e misteriosos são os decretos da Providência!* Estas palavras foram ditas por tal modo e acompanhadas de um tal movimento, que produziram um efeito grandioso. O Sr. Furtado Coelho é artista; dizendo isto temos dito tudo. (*Diário de Pernambuco*, Pernambuco, 6 de agosto de 1863, p.8, col.3).

A crítica comentou também o trabalho de Furtado em *Esmeralda*. Nesse drama, o artista português não atuou, mas foi elogiado pelo seu desempenho como ensaiador:

A *Esmeralda* é um dos dramas, em que se revela o capricho da empresa, que o faz subir à cena, e o mérito dos artistas que o desempenham. Todos os personagens vestidos a caráter e com luxo, fielmente copiados, a época da ação parecendo estar presente, ornada de música e mais que tudo o jogo cênico sem tropeços, assim revelando a mão hábil que o dirigira, por certo que a *Esmeralda* deveria ter agradado, e a prova disso é que no fim do espetáculo o público reconhecido, não se satisfez em aplaudir os personagens, os Srs. Furtado Coelho e Coimbra foram vitoriosos pelos seus sacrifícios. [...] O drama estava perfeitamente ensaiado e foi bem executado. Nada deixou a desejar. Parabéns aos Srs. Furtado Coelho e Coimbra pelo bom desempenho de sua missão. (*Diário de Pernambuco*, Pernambuco, 8 de julho de 1863, p.8, col.2).

A empresa dramática de Duarte Coimbra pouco a pouco foi conseguindo colocar em cartaz um conjunto de dramas que agradou ao público de Recife (*Diário de Pernambuco*, Pernambuco, 4 de julho de 1863, p.2, col.3). No entanto, o sucesso da companhia teatral estava com os dias contados, pois, no mês de agosto, a população recifense recebeu a notícia de Duarte Coimbra de que a sociedade entre ele e Furtado Coelho havia sido desfeita (*Diário de Pernambuco*, Pernambuco, 8 de agosto de 1863, p.3, col.2). O empresário foi então aos jornais explicar o motivo que levaram Furtado Coelho e Eugênia Câmara a se desligarem da empresa dramática. Segundo Duarte Coimbra, a razão apresentada pelo artista português foi o mal acolhimento do público durante o espetáculo de benefício da atriz Camilla Guimarães<sup>8</sup> e também por Furtado ter recebido uma proposta de trabalho mais vantajosa:

Apesar de já estar ciente o público de Pernambuco da retirada dos artistas, Srs. Furtado Coelho, Lisboa e as Sras. Eugênia Câmara e D. Joana, da companhia

---

<sup>8</sup> O espetáculo de benefício da atriz Camilla Guimarães ocorreu no dia 5 de agosto de 1863. Foi encenado o drama *Abnegação* e a comédia *O Dr. Gramma* (*Diário de Pernambuco*, 5 de agosto de 1863)

dramática de que sou empresário; devo uma satisfação, principalmente aos srs. Assinantes.

Estes artistas tinham não pequenas vantagens, particularmente o Sr. Furtado Coelho, e achavam-se contratados sob palavra, de modo que depositava neles a mais plena confiança. Terminado porém o espetáculo em benefício da Sra. D. Camilla Guimarães, dirigiram-se esses senhores a mim (a exceção da Sr. D. Joanna, que já antes havia se despedido), que desde então se consideravam desligados da companhia.

Alegaram como motivo de sua retirada, o mau acolhimento do público e que demais tinham-lhes sido proporcionadas maiores vantagens. Era um motivo frívolo, principalmente na primeira parte, visto como os aplausos dirigidos pelo público a Sra. D. Camilla, não podiam ser tomados como um acinte.

Uma vez que esses artistas não tinham contratos escritos, era-me de todo impossível impedir-lhes que se retirassem e demais já não me convinha. (*Diário de Pernambuco*, Pernambuco, 10 de agosto de 1863, p.2, col.4).

Furtado não aceitou os comentários de Duarte Coimbra, tanto que no dia seguinte, respondeu ao empresário teatral. Ele explicava que a sua saída da companhia dramática nada teve a ver com a falta de acolhimento do público, haja vista que a população de Recife sempre o tratou com apreço, simpatia e consideração, ou então por ter recebido uma proposta de trabalho mais vantajosa. No entanto, o artista não tornava claro o motivo que o levou a deixar a companhia teatral. Em seu texto, Furtado somente deixa a transparecer que a razão do seu desligamento seria uma possível diferença de esforços e pensamento na condução da empresa dramática:

À vista do manifesto do Sr. Duarte Coimbra impresso no *Diário de Pernambuco* de hoje, compete-me não responder, nem justificar-me, porém falar sobre dois pontos desse manifesto [...]

Como alegar a propósito de uma despedida que eu não fiz o mau acolhimento de um público, que sempre me deu provas constantes de apreço, de simpatia e de consideração; e a cujo palco ainda espero voltar quando a organização artística do teatro de Santa Isabel esteja compatível com os esforços que eu desenvolvo incessantemente em prol da regeneração e do progresso da arte dramática? Como falar em maiores vantagens propostas, se nenhuma proposta havia tido de ninguém até esse momento? [...]

Diz ainda o Sr. Coimbra, mais adiante que *possui artistas ainda de mérito, que bem contra a minha vontade, procurava-se deprimir*. Se nisto há uma alusão a mim, classifico-a de disparatada, e a disparates não dou importância. Pelo que respeita aos mais pontos do manifesto, faço votos para que a minha forçada saída desta empresa em nada comprometa os interesses da mesma empresa sentindo que a desmembração da companhia me proibisse de meter os ombros a novos esforços para os quais me sentia fraco e que de antemão eu previa baldados. (*Diário de Pernambuco*, Pernambuco, 11 de agosto de 1863, p.2, col.5).

Nesse dia, Furtado Coelho ainda publicou um outro texto, mas sem a sua assinatura. Nele o artista declarava que as suas contas, particulares e da empresa, estão pagas; que deixou recursos em dinheiro para realizar o pagamento de pequenos débitos, o pagamento do ordenado



dos artistas e o reembolso dos assinantes que somente puderam assistir três espetáculos no total de sete, tendo eles, portanto, o direito de serem restituídos. O ator ainda explicava que tinha por direito alguns objetos que foram utilizados durante os espetáculos. Mas ele dispensava tais materiais em proveito do Teatro Santa Isabel (*Diário de Pernambuco*, Pernambuco, 11 de agosto de 1863, p.2, col.5).

A resposta de Furtado desagradou a Duarte Coimbra. O empresário voltou ao *Diário de Pernambuco* no dia seguinte para rebater a nota do artista português, argumentando de início que as dívidas particulares, das assinaturas e os ordenados dos artistas foram saldados por ele, diretor da empresa, e não por Furtado Coelho. Além do mais, Duarte Coimbra explicava que os objetos que o ator português dizia serem dele, mas que havia sido doado “em proveito do teatro”, na realidade eram de direito do Teatro Santa Isabel:

Não há dúvida que as nossas contas acham-se saldas; é preciso, porém, notar que tomei sobre mim todas as dívidas, quer as dos particulares, quer o restante da assinatura, quer os ordenados dos artistas, por alegar o Sr. Furtado Coelho que, uma vez que eu cá ficava, sobre mim deviam elas pesar. Aceitei de bom grado e sem a menor observação.

É escusado o Sr. Furtado Coelho dizer que, quanto as roupas, que foram feitas e todos os pertences de alguns dramas que subiram à cena, *prescinde em proveito do teatro da parte que lhe competia*. Não disse isso, quando saldamos as nossas contas, visto como exigiu de mim ao menos a quarta parte das despesas feitas com o que o mesmo senhor alega.

Respondi-lhe então, que tudo ficava pertencendo ao teatro, por isso que eu o recebera para melhorar e não para deteriorar. Assim, pois, o Sr. Furtado Coelho não prescinde e sim vê-se forçado a isso, segundo o que concordou comigo. (*Diário de Pernambuco*, Pernambuco, 12 de agosto de 1863, p.2, col.3).

Se Furtado Coelho deixava a transparecer que o motivo de sua saída foi a diferença de esforços e pensamento na condução da companhia teatral, Duarte Coimbra forneceu uma outra razão. Tudo leva a crer que a razão da saída de Furtado da empresa dramática estava relacionada com o fato de o ator português não aceitar Camilla Guimarães ser a primeira atriz da companhia:

No segundo comunicado nega o Sr. Furtado Coelho a alegação que de sua própria boca ouvi quando dizendo a Sra. D. Eugênia que deixava de representar, em virtude de serem espalhados uns papeis, que classificavam a D. Camilla como primeira dama; então o Sr. Furtado Coelho respondeu e dois (sic), foram as suas palavras.

Assim me parece que foi em virtude do mau acolhimento do público que esses senhores se retiraram. (*Diário de Pernambuco*, Pernambuco, 12 de agosto de 1863, p.2, col.3).

Ao final, o empresário dava o seguinte recado a Furtado:

Quanto ao que diz o Sr. Furtado Coelho que ainda voltará, pode desde já ficar certo que estimarei muito e me encontrará com os braços abertos, como no Rio de Janeiro. Não se retira por ver que não se regenera a arte dramática, por isso que montou todo o repertório a seu bel-prazer, sem que eu lhe fizesse a mínima observação, embora as vezes com interesse da empresa.

Quanto à última parte do comunicado do Sr. Furtado Coelho em que ele classifica um trecho de meu manifesto, como um disparate, deixo-o a apreciação de sua consciência e uma resposta ao cuidado de quem teve sempre motivos de se ofender.

Fique porém certo o Sr. Furtado Coelho que será a última vez que usarei da imprensa.

O público bem me conhece e me fará a devida justiça. (*Diário de Pernambuco*, Pernambuco, 12 de agosto de 1863, p.2, col.3).

Toda essa polêmica é explicada ainda com mais detalhes a partir de um texto anônimo publicado no *Diário de Pernambuco*. Segundo o articulista, Furtado, contrariado por Camilla Guimarães ser a primeira dama da companhia, também não achava justo que todos os aplausos do público deviam ser dirigidos somente à atriz:

Aproximando, porém, o dia do espetáculo em benefício da Sra. D. Camilla, continuaram a chegar ao conhecimento do Sr. Coimbra notícias de que os Srs. Furtado Coelho, Joaquim Câmara e Lisboa e a Sra. D. Eugênia Câmara pretendiam despedir-se da companhia, se fosse a beneficiada vitoriada pelo público, como se dizia. [...]

Apenas aberta a cena, foi espontânea e bastante vitoriada a beneficiada (a Sra. D. Camilla), o que produziu mau efeito nos bastidores, onde se achavam os artistas desligados, de dois dos quais ouviram, aqueles que por ali estavam, palavras menos próprias de classificação do público, que aplaudindo a Sra. D. Camilla exercia um direito, que ninguém pode contestar, e que nenhum desagrado trazia também à artistas que não fossem mesquinhos, presumidos de mais ou prevenidos. Durante todo o espetáculo repetiram-se os aplausos à beneficiada, continuando o público, já sem reserva a ser mimoseado no interior do teatro com belos epítetos.

Ao concluir do espetáculo, dirigiram-se os artistas Furtado Coelho e Eugênia Câmara ao Sr. Coimbra e declararam-lhe não poderem continuar mais a fazer parte da companhia desde aquele momento, porque acabavam de ser desafeitados pelo público, com os aplausos dados a sua companheira (como se fossem os aplausos privilégio desses dois artistas), recusando-se a todas as considerações apresentadas pelo Sr. Coimbra. (*Diário de Pernambuco*, Pernambuco, 13 de agosto de 1863, p.2, col.6).

Mas a polêmica entre os dois ex-sócios de companhia dramática não havia terminado, pois Furtado Coelho resolveu novamente responder a Duarte Coimbra. Em novo artigo, o ator rebateu logo de início as questões que envolviam as contas da empresa, argumentando que havia dado metade de uma quantia para as dívidas serem quitadas:

No 2º período o Sr. Coimbra, depois de confessar que as nossas contas se acham saldadas, faz uma descoberta muito útil para o comércio, e vem ser que,

quando se efetuar a dissolução de uma sociedade, o passivo deve ir viajar com o sócio que se retira.

*Tomou a si todas as dívidas etc.* mas para isso recebeu de mim metade de sua totalidade. Tomou-as tanto a si como eu. A sua frase: *Aceitei de bom grado e sem a menor observação*, com que remata este 2º período, assim com ares protetores, é uma pilheria de tal força que não tenho remedia senão pelo espírito que ressalta em seus escritos. (*Diário de Pernambuco*, Pernambuco, 13 de agosto de 1863, p.3, col.2).

Quanto aos materiais cênicos que ficaram em benefício ao Teatro Santa Isabel, o artista português apresentava o seguinte esclarecimento:

Vamos ao 3º período. Neste o Sr. Coimbra pretende roubar-me o direito de eu oferecer o que é meu a quem bem me parecer. É mais uma invenção, porém esta não sei quem lhe em de agradecer. No saldar as nossas contas lembre-se o Sr. Coimbra, se é que a memória não foi tomar ares para o campo, que eu lhe disse que “uma vez que o Sr. reconhecia o direito que eu tinha a metade do valor desses objetos, em nada queria receber”. Deve lembrar-se que me propôs por esses objetos em leilão, e eu não quis; propôs-me fazer mais tarde (este mais tarde foi muito curioso), um cálculo do seu valor, para então entrar em contas comigo a respeito; eu não quis.

Quando me disse (período 4º) que esses objetos ficavam no teatro, eu respondi-lhe que ficariam se por ventura o subsídio chegasse a ser pago, mas nesse caso o Sr. Coimbra não me mandava para o Maranhão parte alguma desse subsídio. Repito, pois, que usando do meu direito, *prescindindo em proveito do teatro da parte que em pertence desses objetos*. (*Diário de Pernambuco*, Pernambuco, 13 de agosto de 1863, p.3, col.2).

Como afirmamos anteriormente, Furtado, em seu primeiro artigo, alegou que a sua saída da companhia teatral foi em razão de uma diferença de esforços e pensamentos entre ele e Duarte Coimbra, mas sem detalhar quais eram essas tais diferenças. No entanto, nesse novo artigo, Furtado explicava com detalhes o que o levou a sair da empresa dramática. O ator português, sabendo da saída da companhia da atriz Joanna Bittencourt, do ator Lisboa, e de mais dois artistas, percebeu que não valeria mais a pena dirigir a parte artística da companhia. Como explica Furtado, “todos os esforços tendentes a sustentar a empresa” seriam inúteis:

No dia 4 de agosto seriam 5 horas e meia da tarde o Sr. Coimbra disse-me que lhe constava, que quatro artistas da sua companhia tinham assinado contratos com o empresário do Maranhão, e perguntou-me o que eu pensava a tal respeito.

A minha resposta foi positiva; foi a seguinte: que a sua companhia ameaça dissolução porque não havia mais força moral da parte da empresa; que a Sra. D. Joanna apresentava como causa de sua saída, ser tratada com desconsideração pelo Sr. Coimbra; que o Sr. Lisboa ameaçava a sua saída, porque não estava contente com o Sr. Coimbra; e acrescentei que o meu parecer era que não seria preciso, que saíssem da companhia quatro artistas, para eu não querer continuar a dirigir a parte artística dos trabalhos; que bastaria que, a saída já efetuada da Sra. D. Joanna, se seguisse somente a do

Sr. Lisboa, para eu dar por inúteis todos os esforços tendentes a sustentar a empresa. A vista dessa declaração no dia 4, que admira que, presenciando eu no dia 5 a despedida da atriz Eugênia Câmara, declarasse também que não contasse mais comigo? Querer o Sr. Coimbra (6º período) a todo transe impingir o mau acolhimento do público como causal da minha saída, é, note bem, acarretar sobre si próprio a odiosidade desse público que lhe não deu procuração bastante para dispor de seu sentir. O público de Pernambuco merece-me toda a gratidão, por que o seu acolhimento até a última noite em que representei, foi só de aplausos espontâneos e gerais. (*Diário de Pernambuco*, Pernambuco, 13 de agosto de 1863, p.3, col.2).

Ao final do artigo, Furtado fortalecia o seu comentário anterior de que irá voltar aos palcos de Pernambuco. E esse fato ocorreu no ano anterior. Mas a nova passagem do ator português não foi pacífica. Ele se envolveu em nova polêmica, como veremos em momento apropriado:

O 7º período é impagável. Eu ainda hei de voltar ao palco de Pernambuco; creia o Sr. Coimbra, agora do que prescindindo é dos seus braços abertos, tendo penduradas nas mãos as chaves do teatro. Eu cuidei até hoje que o teatro Santa Isabel era da província, e ignorava que o Sr. Coimbra o tivesse comprado. Agradeço-lhe a notícia, mas como eu não marquei a época da minha volta a Pernambuco, que pode ser daqui a cinco anos, peço-lhe que não esteja cinco anos de braços abertos que deve ser: *uma péssima posição!* (*Diário de Pernambuco*, Pernambuco, 13 de agosto de 1863, p.3, col.2).

Após deixarem a empresa dramática de Duarte Coimbra, Furtado Coelho, Eugênia Câmara e outros atores que atuavam no Teatro Santa Isabel, tais como Xisto Bahia e Joaquim da Câmara, seguiram para São Luís do Maranhão, pois foram contratados pelos empresários maranhenses Couto Rocha e Francisco Colás. A chegada dos artistas à capital maranhense ocorreu em 20 de agosto de 1863 (*Publicador Maranhense*, Maranhão, 20 de agosto de 1863, p.2, col.3) e cinco dias depois, a companhia teatral já estreava no palco do teatro São Luís. A peça escolhida para a estreia foi o drama *Dalila*, sendo o espetáculo e os atores muito elogiados pela imprensa e pelo público maranhense<sup>9</sup>. Um exemplo desses elogios, observa-se na crítica do articulista do jornal *O Paiz*, em que é destacado a naturalidade de atuação de Furtado Coelho:

O Sr. Furtado Coelho não podia deixar de ser o artista que é. Reunidos aos melhores dotes físicos, talento brilhante, instrução e grande vocação para a cena, não lhe falta um só predicado para ser um consumado artista dramático. Desempenhou com tanta inteligência e naturalidade o papel do cavalheiro Carniole que o público entusiasmado não fez mais do que confirmar com aplausos repetidos a justiça da grande nomeada que goza.

---

<sup>9</sup> Os comentários sobre o espetáculo podem ser conferidos nos jornais *A Coalição* de 26 e 29 de agosto de 1863, *Publicador Maranhense* de 28 de agosto de 1863 e *O Paiz* de 28 de agosto e 4 de setembro de 1863.

Para nós em tudo brilhou; mas, onde tocou ao sublime da arte, foi nessa descrição pausada que faz a André do deplorável estado de Amélia. Essas palavras pronunciadas calculadamente para produzir uma impressão desejada sobre a alma enferma do amigo, eram pelos gestos que a acompanhavam, pela fisionomia do artista, de uma eloquência tão arrebatadora, que se o autor do drama assistisse a esta representação suporia que a sua alma naquele momento animava o corpo do Sr. Furtado Coelho.

Conquanto a frase deve ser dita com pressa em certas ocasiões pelas emoções que dominam o ator, todavia se este não tiver em vista que em um recinto vazio como o nosso teatro essa máxima presteza de falar, traz o inconveniente de serem perdidas muitas palavras para os espectadores, tal defeito não poderá deixar de ser notado. Foi este o único senão que notamos no Sr. Furtado Coelho. (*O Paiz*, Maranhão, 28 de agosto de 1863, p.2, col. 2).

No decorrer da temporada, Furtado Coelho atuou ainda em *Onfália*, *O Gaiato de Lisboa*, *Lucia Didier*, *A Viuvinha*, comédia do dramaturgo francês Joseph Mery, *Casamento Singular* e *O poder do ouro*<sup>10</sup>. No entanto, um trabalho que poderia ter se estendido até dezembro de 1863, ou adentrar no ano seguinte, foi interrompido em razão de um desentendimento entre Furtado e os empresários da companhia teatral. Vejamos os pontos principais dessa nova polêmica. Em 31 de outubro de 1863, a empresa de Couto Rocha e Francisco Colás representou o drama *A redenção* em homenagem ao aniversário do rei de Portugal D. Luiz I. Furtado Coelho, antes da apresentação, lembrou de ser necessário colocar um certo farol no salão de entrada do teatro, como forma de prevenir o público a não cantar o hino português, pois a canção não havia sido ensaiada. Apesar de Furtado ser português, isso não significa uma ausência de patriotismo, mas o compromisso do artista de que tudo tem que ser feito da melhor maneira possível para se evitar erros e imprevistos. Ou seja, provavelmente Furtado Coelho foi um artista metódico naquilo que fazia.

No entanto, a recomendação do ator português irritou os empresários da empresa dramática, pois eles queriam que fosse cantado o hino, sendo tal ação uma forma de homenagear as autoridades consulares que estavam no teatro:

Como seja do uso antigo cantar-se o hino brasileiro nas noites de regozijo nacional e em atenção à solenidade do espetáculo e a presença das primeiras autoridades e do corpo consular, que todo ali se achava, lembrou o Sr. Furtado Coelho que se pusesse no salão térreo de entrada um farol, no qual se desse ao público a exata notícia de não se poder cantar o hino português por não ter havido tempo para o ensaio do canto.

Nada de mais justo. Um dos empresários, que nessa noite achava-se em rebeldia com toda a casta de desculpas, gritou ao proponente: *não se põe o*

---

<sup>10</sup> A crítica teatral de *Onfália* foi publicada nos jornais *A Coalição* de 12 de setembro de 1863, *O Paiz* de 11 de setembro e *Publicador Maranhense* de 10 de setembro de 1863; *O Gaiato de Lisboa* em *A Coalição* de 5 de setembro de 1863; *A Viuvinha* em *A Coalição* de 16 de setembro de 1863; *O poder do ouro* em *A Coalição* de 26 de setembro de 1863; *Lucia Didier* em *A Coalição* de 8 de outubro de 1863.

*farol. (Diário de Pernambuco, Pernambuco, 18 de novembro de 1863, p.1, col.5).*

Porém, Furtado não aceitou a recomendação do empresário e numa postura firme afirmou que ou colocava-se o farol ou ele não atuava naquele dia. Ele acabou vencendo a disputa, mas a relação com os empresários ficou estremecida:

Furtado Coelho encrespou o bigode, correu os dedos pelo anelado cabelo e mais firme do que a guarda imperial retorquiu: *há de ir o farol.*

Ao empresário subiu o sangue a cabeça, ao ator esgotou-lhe a paciência, e de palavra em palavra, de frase em frase, chegaram ambos a um rompimento formal. A última voz do intrépido ator foi uma ameaça bem entendida: *vai o farol ou eu não represento hoje!*

Representou-se; mas três dias depois Furtado Coelho e Eugênia Câmara tinham-se despedido do teatro. (*Diário de Pernambuco, Pernambuco, 18 de novembro de 1863, p.1, col.5).*

Como vimos, a notícia do *Diário de Pernambuco* informava que Furtado e Eugênia Câmara três dias depois dessa ocorrência “tinham-se despedido do teatro”, ou seja, uma clara menção de que os artistas haviam deixado a empresa dramática. No entanto, nos jornais do Maranhão, as informações que temos é que Furtado e Eugênia Câmara permaneceram na empresa até meados de novembro, pois eles tinham a intenção de apresentar dois espetáculos. Porém, essas duas apresentações foram negadas pela direção da companhia teatral, gerando uma nova polêmica entre os artistas, os empresários e conseqüentemente o fim do trabalho de Furtado no Maranhão. Vejamos como se deu esse novo embate.

O ator português tinha a intenção de no início do mês de dezembro apresentar dois espetáculos: o primeiro em 1º de dezembro, festejo de aniversário da Independência de Portugal, com apresentação do drama *Pedro* e a comédia *A corda sensível*, sendo o lucro do espetáculo revertido para o asilo de Santa Teresa e para a Sociedade Humanitária de São Luís; o segundo, em 2 de dezembro, espetáculo em homenagem ao aniversário de D. Pedro II, seria apresentado o drama *Redenção* e o vaudeville *A corda sensível*, cujo lucro seria revertido para os cofres da empresa (*Publicador Maranhense, Maranhão, 12 de novembro de 1863, p.2, col.3).*

Os empresários Rocha e Colás lendo no jornal a publicação de Furtado responderam ao ator português, argumentando que, desde o dia 11, a empresa já tinha escolhido o espetáculo que festejaria a Independência de Portugal e que no espetáculo do dia 2 de dezembro, a peça a ser levada em cena seria a comédia *Os Estudantes da Bahia*, do escritor Luiz Miguel Quadros e não *Redenção* como pretendia Furtado Coelho. Além do mais, a apresentação do segundo espetáculo que compreendia o drama de Octave Feuillet e o famoso vaudeville ofendeu aos

empresários, pois eles entenderam que esse espetáculo seria o pagamento aos artistas pelo benefício apresentado no dia anterior. (*Publicador Maranhense*, Maranhão, 13 de novembro de 1863, p.2, col.4).

A recusa dos empresários em apresentar os espetáculos desejados por Furtado irritou o artista português, obrigando-o ir novamente ao periódico debater a questão. O artista, então, em novo texto, argumentava que no dia 10 de novembro, em encontro entre Eugênia Câmara e o seu amigo Antonio Rego, havia sido apresentado a ideia de ser oferecido um espetáculo em comemoração ao aniversário do Imperador D. Pedro II. Furtado explicava que gostou da ideia, pois além da data natalícia ser próxima do aniversário de Independência de Portugal, o produto da récita poderia ser revertido para dois estabelecimentos de caridade, um nacional e outro estrangeiro. Furtado argumentava, então, que no dia 12, ele comunicou à empresa sobre a intenção de realizar o benefício, sendo, impossível, segundo o ator, que a companhia tivesse a mesma ideia igual a dele. Mas não sendo possível realizar os espetáculos, ele propunha aos empresários que alugassem o teatro para que as apresentações pudessem ocorrer (*Publicador Maranhense*, Maranhão, 14 de novembro de 1863, p.2, col.3).

Como era de se esperar, Rocha e Colás retornaram ao jornal para responder a Furtado Coelho (*Publicador Maranhense*, Maranhão, 16 de novembro de 1863, p.2, col.2). O artigo inicia-se explicando que dois indivíduos, Manoel Gonçalves Esperança e Manoel Gonçalves de Moraes procuraram a empresa dramática para comprar um espetáculo, três dias antes do aniversário de D. Luiz I<sup>11</sup>, ou seja, bem antes da data do encontro entre Furtado Coelho, Eugênia Câmara e Antonio Rego. No entanto, os empresários negaram a venda da récita, pois segundo eles havia o desejo de festejar a data de Independência de Portugal no Teatro São Luís, sendo o lucro do espetáculo destinado para a Sociedade Humanitária e para o asilo de Santa Thereza.

Segundo os empresários, o benefício foi acordado com as instituições de caridade e é deixado a transparecer que a peça a ser levada em cena seria um espetáculo já encenado pela companhia e não o drama *Pedro* como queria Furtado Coelho. Isso explica-se pelo fato de que, segundo os diretores da companhia, a empresa encontrava-se sobrecarregada de trabalhos, não sendo possível estudar um terceiro drama. Eles, então, para fortalecer o ponto de vista, explicavam que o ator português, em outra oportunidade, se recusou a fazer um papel, porque só haveria oito dias de estudo. Além do mais, os empresários aproveitaram para explicar que não existia a possibilidade de alugar o teatro para realizar os espetáculos que o ator queria, uma vez que no contrato assinado com Germano Francisco de Oliveira, ex-empresário do Teatro

---

<sup>11</sup> D. Luís I, rei de Portugal, nasceu em 31 de outubro de 1838.

São Januário do Rio de Janeiro, naquela época vivendo no Nordeste, impedia que o São Luiz fosse alugado, arrendado ou transferido para terceiros.

Mas, além de responder a Furtado Coelho em relação aos espetáculos, Rocha e Colás achou espaço para criticar Eugênia Câmara, pois eles provavelmente sabiam que a atriz tinha um caso amoroso com o ator português. Ou seja, ao criticar Eugênia Câmara seria uma maneira de também atacar Furtado Coelho. Vejamos com atenção esse tema. Os empresários, em certo momento do artigo, retomavam a passagem do texto de Furtado em que Antonio Rego sugeria ao ator português e a Eugênia Câmara a possibilidade de se fazer os espetáculos para se comemorar o aniversário de Independência de Portugal e do Imperador D. Pedro II. Furtado achou pertinente a ideia e por essa razão foi abraçado pelo amigo e pela atriz portuguesa “com regozijo semelhante lembrança”. No entanto, para os empresários, a alegria somente é possível para Furtado e não para Eugênia Câmara. Para sustentar essa tese, os empresários transcreveram a carta de despedida da atriz portuguesa da empresa dramática, destacando a parte em que ela supostamente foi desrespeitada e ofendida por funcionários do teatro e o seu comentário ao Teatro São Luís, no qual ela afirmava nunca ter “trabalhado em um Tivoly tão ordinário” (*Publicador Maranhense*, Maranhão, 16 de novembro de 1863, p.2, col.2). Ou seja, os empresários deixavam no ar que o ambiente de trabalho na empresa dramática era difícil, sendo Eugênia Câmara a culpada pela situação

Furtado Coelho, não aceitando as críticas contra Eugênia Câmara, retornou ao jornal para defender a atriz (*Publicador Maranhense*, Maranhão, 18 de novembro de 1863, p.2, col.2). Ele afirmava que para a atriz, o São Luís é uma casa de espetáculos civilizada no que diz respeito aos espectadores, mas no quesito que envolvia a organização da empresa por parte dos empresários, tal teatro era sim um Tivoly. Furtado concordava com a atriz portuguesa, pois para ele a administração da companhia deixou muito a desejar:

Eu, Furtado Coelho, posso atestá-lo se for preciso, com a narração de que durante dois meses presencie cheio de pasmo, pelo que respeito a balburdia, indisciplina, e desleixo, em que, na maior parte das vezes, caminhavam os trabalhos e estudos na parte artística ou administrativa do teatro. (*Publicador Maranhense*, Maranhão, 18 de novembro de 1863, p.2, col. 2).

Resumindo toda essa polêmica, de textos longos e complexos, Furtado Coelho e outros artistas da companhia teatral planejaram dois espetáculos, cujo lucro do primeiro espetáculo seria revertido para instituições de caridade e a renda do segundo revertido para o cofre da empresa dramática. No entanto, a proposta de Furtado irritou os empresários por dois motivos: primeiro por não aceitarem o fato de o artista português ter tomado a iniciativa de promover os



espetáculos, pois isso já havia sido feito, de acordo com os diretores da empresa; segundo que os empresários entenderam que o espetáculo do dia 2 de dezembro seria o pagamento aos artistas por terem trabalhado no benefício do dia primeiro daquele mês. (*Publicador Maranhense*, Maranhão, 13 de novembro de 1863, p.2, col.4).

Após a temporada no Maranhão, Furtado e Eugênia Câmara seguiram para o Pará. No entanto, as informações sobre o ator na província paraense são escassas. Temos notícias somente que o ator português estreou no Teatro Providência em meados do mês de dezembro, atuando no drama *Dalila* e depois em *Pedro*. (*Publicador Maranhense*, Maranhão, 29 de dezembro de 1863, p.1, col.4).

É possível saber também que Furtado fez muito sucesso no Pará. Claro que isso se deu em virtude do seu talento artístico, mas também porque o teatro realista era uma novidade na região paraense. Se antes a população da capital da província estava acostumada a assistir peças pouco atrativas, Furtado trouxe para o palco do Teatro Providencia o chamado teatro sério:

Os leitores já sabem que o Furtado fez uma revolução no Pará? Este Furtado é Coelho, e a revolução de que falo não é nenhuma vinagrada ou angelinada. Foi uma revolução teatral, mas destas pacíficas, e não como algumas que ele tem feito.

Os nossos irmãos paraenses estavam acostumados a ouvir no seu *Providencia* alguns fadinhos bem dançados, Otelos de comédias, e outras coisas iguais. Chega o simpático mancebo, o artista gênio ou rei, desenfarda um caixote de elogios que todas as penas bem ou mal aparadas do império lhe tem tecido, e anuncia que vai representar. Foi um *fervet opus*, todos queriam vê-lo, ouvi-lo, admirá-lo a todo o custo. Nunca houve objeto que despertasse tanta curiosidade em parte alguma. (*O Paiz*, Maranhão, 2 de janeiro de 1864, p.2, col.4).

No entanto, nessa passagem pelo Pará, Furtado enfrentou dificuldades, apresentando “dramas de pequena força”, muito em razão da ausência de atores capacitados para representar. O correspondente do *Publicador Maranhense* que cobria as notícias daquela região explicava:

Nosso velho teatro se acha ora, como que remoçado pelo aparecimento entre nós, dos dignos atores Furtado Coelho e Eugenia Câmara.

A recepção que ambos tiveram entre nós foi estrondosa, e muito significativa. A ovação que de continuo os acolhe, da mesma forma tem sido estrondosa. Constantemente o teatro se acha repleto de espectadores, a mais não caber.

Em verdade Furtado Coelho é um ator, como poucos, e entre nós é o primeiro que, com tantas distinções artísticas, e mesmo de princípios ou bastante educação elementar, nos visita.

A excelência de ator reúne não só uma bela figura, como simpática voz, pelo que nos papeis ainda de menor força, sobressai.

As peças representadas, tem sido de pequena força, sendo para ele a de mais força o drama *Dalila*, que hoje pela terceira vez, sobe à cena em seu benefício.

Parece que se limitam dramas tais pela insuficiência dos atores companheiros. (*Publicador Maranhense*, Maranhão, 13 de janeiro de 1864, p.2, col. 1).

Furtado Coelho encerrou o seu trabalho como ator em terras paraenses provavelmente em janeiro de 1864, pois em fevereiro o artista português já estava no Ceará (*O Cearense*, Ceará, 16 fevereiro de 1864, p.1, col.4). Na nova província, sua intenção era apresentar doze espetáculos no Teatro Taliense, encenando dramas e vaudevilles de autores nacionais e estrangeiros (*O Cearense*, Ceará, 12 fevereiro de 1864, p.4, col.4). E foi isso que ocorreu. Furtado e a sua companhia estrearam provavelmente em 21 de fevereiro de 1864, levando em cena o drama *Dalila*<sup>12</sup>.

Além do drama de Octave Feuillet, nesse início de temporada, foram encenadas as peças *Cinismo, Ceticismo e Crença, A proibidade, O gaiato de Lisboa, Uma paixão romântica, A viuvinha e Não volto ao palco*. De todas essas peças, os jornais somente comentaram o drama *Cinismo, Ceticismo e Crença*, sendo Furtado Coelho elogiado por sua atuação:

O Sr. Furtado no cínico não era uma ficção extravagante, cheia de mímicas, sem gosto, ou concertadas de esforços ex-naturais; era o verdadeiro cínico, representando o seu papel na nossa sociedade moderna (*O Cearense*, Ceará, 1 março de 1864, p.3, col.4).

Por outro lado, depois de um mês de trabalho, o ator português, que realizava também a função de empresário e ensaiador, pois havia criado a sua própria companhia, foi criticado por não levar em cartaz boas peças e que com isso a concorrência no Teatro Taliense era pequena (*O Cearense*, Ceará, 11 de março de 1864, p.3, col.3). Furtado não respondeu à crítica do crítico anônimo, provavelmente pelo fato de que as peças importantes do seu repertório ainda estavam por vir, como por exemplo, *Rafael*<sup>13</sup>, *Redenção* e *O poder do ouro*.

Após a apresentação dos doze espetáculos, a companhia de Furtado começou a encenar vários benefícios, em sua maioria sem a atuação do artista português. Subiu em cena nessa ocasião os dramas *Rafael*, em benefício de João Batista Trindade (com atuação de Furtado); *Pedro*, em benefício de Furtado Coelho<sup>14</sup>; *Mãe*, em benefício do ator Santos Porto; *Trabalho e honra*, em benefício do ator Guilherme Augusto Garcia; *Abnegação* em benefício do ator José

<sup>12</sup> O jornal *O Cearense* de 19 de fevereiro de 1864 informa que no próximo domingo, dia 21, serão encenados o drama *Dalila* e a cena-cômica *O Sr. José do Capote*.

<sup>13</sup> O jornal *O Cearense* de 26 de abril de 1864 comenta brevemente atuação de Furtado no drama *Rafael*. Diz que o ator “mostrou mais uma vez o seu gênio artístico”.

<sup>14</sup> O jornal *A Liberdade* de 4 de maio de 1864 comenta o drama *Pedro*. O articulista afirma que o ator português compreendeu o pensamento do autor, sendo muito aplaudido pelos espectadores.

de Lima Penante; *O marmorário*, em benefício do ator Flávio Aurélio Nunes Wandeck e *As mulheres de mármore*, em benefício da atriz Emília da Silva<sup>15</sup>.

A peça de Théodore Barrière e L. Thiboust foi a última ensaiada por Furtado Coelho no Teatro Taliense, sendo incertos os motivos que levaram a sua saída da companhia. No entanto, é possível supor que a sua retirada não tenha sido pacífica, haja vista que um jornal da época considerou tal fato um abandono. Ademais, a tese da ruptura não pacífica se torna ainda mais forte quando sabemos que Furtado Coelho deixou o Ceará sem a companhia de Eugênia Câmara. Ou seja, o relacionamento amoroso dos artistas, que havia iniciado em 1860, tinha terminado:

Há nesta cidade um indivíduo chamado Francisco Coelho, mais conhecido por Xico Coelho que jurou proteger a quanto cômico por aqui aparece de arribada ou corrido das pateadas, de outros teatros.

Trata-se da ex-companhia Furtado Coelho que durante 4 meses e meio deu no público cearense espetáculos péssimos como o restante do pessoal da companhia.

Por certos desgostos que não vem ao caso referir, Furtado Coelho abandonou a companhia, que passou a ser dirigida pela cômica Eugênia Câmara sob a imediata proteção do Sr. Francisco Coelho, que proporcionou-lhe meios de continuar suas récitas. (*O Cearense*, Ceará, 14 de junho de 1864, p.4, col.3).

Ao final do mês de junho de 1864, Furtado Coelho deixou, então, o Ceará rumo ao Rio de Janeiro. Mas antes, o ator português, “cedendo ao pedido de alguns dos seus amigos e de várias pessoas”, desembarcou no Recife para apresentar três espetáculos no *Teatro Apolo* (*Diário de Pernambuco*, Pernambuco, 21 de junho de 1864, p.2, col.6): em 22 de junho o drama *Cinismo, Ceticismo e Crença* e a comédia *Convindo o Coronel* e em 28 de junho a peça *A justiça* e novamente a comédia citada. Já o terceiro espetáculo não é informado pelos jornais. No entanto, novos problemas iriam surgir ao ator português: Furtado Coelho foi preso por uma tentativa de incêndio ao Teatro Santa Isabel (*Diário de Pernambuco*, 11 de julho de 1864, p.1, col.3). Vejamos essa nova polêmica envolvendo o artista português.

Segundo os depoimentos dados a polícia na época, então publicados pelo *Diário de Pernambuco* de 27 de julho de 1864, Furtado Coelho teria contratado Clínio Alves Ferreira, praça do exército, para colocar fogo no Santa Isabel, teatro do seu ex-sócio Duarte Coimbra, na noite de 7 para 8 de julho. Porém, Clínio afirmou que não faria tal ato e que somente acompanharia o ator até o local das ações. A responsabilidade de atear fogo ficaria, então, sob Furtado Coelho:

---

<sup>15</sup> Os cartazes que informam os benefícios estão disponíveis no jornal *O Cearense* de 22 de abril, 26 de abril, 6 de maio, 10 de maio, 13 de maio, 20 de maio e 27 de maio de 1864.

Em vista dessa recusa foi concordado entre ambos que Clinio se prestaria a acompanhar o Sr. Furtado Coelho e que este deitaria fogo no edifício, ficando aquele de guarda para o avisar, visto convir a ele (Furtado Coelho) ter consigo uma pessoa de confiança e que não causasse suspeitas, caso fosse ele encontrado nas proximidades do edifício (*Diário de Pernambuco*, Pernambuco, 27 de julho de 1864, p.1, col.4).

Como era de se esperar, Furtado negou a acusação. Em seu depoimento à polícia, afirmou que Clinio era “um instrumento de tramas e maquinações urdidas por um ou alguns de seus inimigos”:

O Sr. Luiz Candido Furtado Coelho nega tudo quanto referiu Clinio Alves Ferreira, a quem declarou não conhecia nem mesmo de vista; que ele (Furtado Coelho) via em Clinio um instrumento de tramas e maquinações urdidas por um ou alguns de seus inimigos, com o fim único de o fazerem passar por autor ou cúmplice da tentativa do incêndio do edifício do teatro de Santa Isabel, no intuito de sobre ele satisfazerem seu rancor; sendo que ele (Furtado Coelho) ignorava quais os meios empregados por seus inimigos para levarem Clinio a fazer declarações que ele ouviu e consta dos autos. (*Diário de Pernambuco*, Pernambuco, 27 de julho de 1864, p.1, col.4).

Para provar a sua inocência, o ator português relatou às autoridades que no dia 7 para o dia 8 estava ensaiando no teatro Apolo e que por volta das dez e meia da noite se dirigiu até o hotel, local de sua residência, ficando lá até meia noite. Depois desse horário, Furtado afirmou ter alugado um carro para sair em companhia de Maria Bemvenuta dos Anjos, ficando na casa dessa senhora durante toda a noite. Somente às dez da manhã, o ator português teria se retirado do local.

Porém, segundo o inquérito policial, as alegações do artista tinham contradições. Maria Bemvenuta relatou a polícia que o ator português chegou em sua residência às nove da noite do dia sete. Ou seja, o relato de Furtado de que estaria ensaiando deixa dúvidas. As contradições se intensificam quando o dono do hotel, Mr. Blandin, explicou às autoridades que esteve com o ator português depois das onze da noite; quando José Carlos Gonçalves, possivelmente funcionário ou artista do teatro Apolo, relata que acompanhou Furtado após o ensaio, deixando o acusado cinco minutos antes ou depois da meia noite; ou quando novamente Mr. Blandin explicou que às sete da manhã do dia 8 vira Furtado Coelho em seu quarto, ao contrário do que havia dito o ator português de que estaria em companhia de Maria Bemvenuta<sup>16</sup>. Se não

---

<sup>16</sup> O inquérito tem a seguinte explicação: “... afirmando Blandin que às 7 horas da manhã do dia 7 vira o Sr. Furtado Coelho, em seu aposento, quanto este e Maria Bemvenuta, disseram estiveram juntos até 10 horas do dia 8, pouco mais ou menos”. Acredito que a expressão “manhã do dia 7” é um erro de escrita, pois não é possível essa data na cronologia dos fatos. O correto seria “às 7 horas da manhã do dia 8”.

bastassem tais discrepância de fatos, Furtado entrou em mais contradição quando negou ter tido um encontro com Clinio na noite do dia 6. Segundo o artista, nesse dia, ele estava no teatro Apolo desde às quatro e meia da tarde, permanecendo até a uma hora da manhã, pois houve espetáculo. No entanto, segundo o inquérito policial, a apresentação foi no dia 5 e não no dia 6.

O incêndio no Santa Isabel não foi de grandes proporções, por isso a menção nos jornais de que houve uma tentativa de ato criminoso. O fogo, que iniciou a partir de uma das janelas do teatro, queimou somente parte do assoalho do palco, panos, tábuas, objetos esses que provavelmente faziam parte do cenário da casa de espetáculo. Já a parte estrutural do teatro permaneceu intacta.

A forte acusação que pesou contra Furtado Coelho fez com que o artista escrevesse um texto no *Jornal do Recife* no final do mês de agosto. No entanto, infelizmente não foi possível termos contato com esse artigo<sup>17</sup>. Sabemos da existência dessa defesa, em razão de Duarte Coimbra ter respondido ao artista português, em um texto no jornal *Diário de Pernambuco* de 20 de agosto de 1864. Em seu artigo o empresário recifense e proprietário do teatro Santa Isabel, comentava que Furtado Coelho havia lhe convidado se a apresentar em um teatro da capital pernambucana, pois ali estaria doze testemunhas que iriam debater a tentativa de incêndio na casa de espetáculos. O empresário, de maneira irônica, argumentava, então, que Furtado devia achar a região a qual estava uma terra sem lei, o que justificaria recorrer a um “tribunal dos doze, para, discutindo, demonstrar claramente que não foi ele quem tentou incendiar o teatro de Santa Isabel” (*Diário de Pernambuco*, Pernambuco, 20 de agosto de 1864, p.2. col.1). Além do mais, Duarte Coimbra afirmava que Furtado Coelho deveria convidar Clinio para tal reunião, uma vez que o soldado era o acusador do ator português e a principal testemunha de todo o ocorrido.

É bem provável que o artista português tenha respondido a Duarte Coimbra, pois o empresário novamente foi ao jornal para queixar-se do “modo desabrido e insolente” que Furtado Coelho lhe tem dirigido, como por exemplo, acusando o empresário de ser o responsável pelo incêndio no teatro (*Diário de Pernambuco*, Pernambuco, 23 de agosto de 1864, p.2. col.1). No entanto, o empresário preferiu não responder às acusações, considerando ser melhor ficar em silêncio.

O público de Recife não ficou distanciado da polêmica, preferindo alguns ficar ao lado de Duarte Coimbra e outros ao lado de Furtado Coelho. Aqueles que entenderam ser o ator

---

<sup>17</sup> A hemeroteca digital não disponibiliza o ano de 1864 do *Jornal do Recife*. Esperamos em um futuro próximo colher mais detalhe desta história junto à fonte.

português culpado pelo ocorrido, não perdoou o artista por querer criar um tribunal próprio e assim provar a sua inocência:

Como tudo o que tem publicado o herói, acerca da acusação que lhe pesa, o seu último escrito é digno de lástima, senão um insulto às autoridades correcionais; e não sabemos como se suporta um réu de polícia cujos precedentes clamam bem alto em desabo seu, menosprezar o direito e a autoridade, achincalhando a legislação do país que o hospeda, pretendendo constituir-se com fatuidade juiz em uma causa em que está provado e considerado réu. (*Diário de Pernambuco*, Pernambuco, 24 de agosto de 1864, p.2, col.3).

Já outros argumentaram não ser possível que o empresário tenha feito parte do crime, como acusou possivelmente Furtado Coelho em um dos seus escritos:

Que tem o Sr. Coimbra que ver com isso? Nenhuma das circunstâncias ocorridas no andamento do processo indica, nem de leve ter o Sr. Coimbra parte no crime cometido. Por que carga d'água há de o Sr. Furtado Coelho pretender que o Sr. Coimbra se envolva em um negócio que é puramente seu? Desafia-o para uma discussão; de que? Julga acaso o Sr. Furtado Coelho que os crimes desta natureza são aqui punidos com discussões? Que é lícito a quem se julga habilitado a discutir – incendiar, injuriar, caluniar, roubar, arrastar infelizes ao adultério, e praticar todas a casta de torpezas e infâmias, para afinal dizer em tom de pedagogo – Vamos a discussão? Não acha o Sr. Furtado Coelho que isto é abusar muito da moralidade do país que o hospedou, e que de há muito tempo tem em silêncio suportado suas gentilezas e extravagâncias? Reflita bem o Sr. Furtado Coelho, e veja o abismo que está cavando debaixo de seus pés. (*Diário de Pernambuco*, Pernambuco, 27 de agosto de 1864, p.2, col.1).

Por outro lado, aqueles que defenderam Furtado Coelho entenderam que a condução das investigações não foi correta, havendo erros crassos, e que por sua vez o delegado responsável, um certo Martins Pereira, seria um indivíduo não habilitado para o cargo e conseqüentemente para conduzir o caso em questão:

Quantas vezes não temos testemunhado o Sr. Dr. Martins Pereira saltar por sobre a lei mostrando-se caprichoso, de modo a revelar assim, não o desejo de descobrir a verdade, e sim o de fazer sofrer a quem tem escolhido para sua vítima? [...]

Uma autoridade, que soubesse elevar-se à altura de sua nobre missão, teria procedido a pesquisas minuciosas, teria aberto o campo à defesa, de modo a não se mostrar interessada em desfechar sobre o Sr. Furtado Coelho o golpe que a justiça ordena seja desfechado sobre o verdadeiro criminoso, que não ser-lhe-ia difícil descobrir; mas assim não entendeu o Sr. Martins Pereira! Sua alma, sua palma! (*O Liberal*, Pernambuco, 3 de agosto de 1864, p.3, col.3).

Já outro texto, escrito também por um leitor anônimo, apresentava a opinião de que Furtado Coelho era inocente na tentativa de incêndio do teatro, sendo possivelmente vítima de “detratores cruéis e implacáveis”:

Tendo a felicidade (que às vezes também é desgraça) de sobressair, de ser eminente, nessa arte nobre e civilizadora, que professa com a ardentia, entusiasmo e dedicação, de que somente são capazes as vocações onipotentes como a sua, Furtado Coelho devia de ter certamente detratores cruéis e implacáveis, sobretudo entre “esses histriões da arte”, a quem o fulgor do merecimento daquele digno discípulo de Talma torna mais pigmeus que risíveis.

Dáí todas as tramas, todos os manejos degradantes, os meios tenebrosos, para o desabonarem, e por ventura o inutilizarem. (*O Liberal*, Pernambuco, 3 de agosto de 1864, p.3, col.4).

Para defender a opinião de que o artista português era vítima de “detratores cruéis e implacáveis”, sendo esses indivíduos envolvidos no campo da arte, o crítico anônimo argumentava que Furtado Coelho tinha a intenção de adquirir o Teatro São Luís no Maranhão, para assim criar a sua própria empresa dramática. No entanto, ao pôr a culpa do incêndio no Teatro Santa Isabel em Furtado, seria uma forma de aniquilar a reputação do artista português e a concretização do negócio:

Por seu procurador do Maranhão, este ilustre artista trata de obter a empresa do Teatro S. Luiz, e há de consegui-lo efetivamente. Os maranhenses, como os paraenses, povos hospitaleiros e de generosos sentimentos, apreciaram devidamente Furtado Coelho, e ali deixou ele simpatias que são verdadeiras dedicações.

Empenhados em guerreá-lo, os seus inimigos gratuitos pretendem desacreditá-lo para frustrar lhe aquele intento. (*O Liberal*, Pernambuco, 3 de agosto de 1864, p.3, col.4).

Furtado Coelho foi inocentado da acusação de tentativa de incêndio do Teatro Santa Isabel, sendo o processo contra ele arquivado. Na sentença do processo, o juiz Virgílio de Gusmão Coelho argumentou que não se podia condenar o ator português, em razão de não ter sido realizado o corpo de delito. Ou seja, o delegado Martins Pereira não coletou as provas e os vestígios existentes no teatro Santa Isabel que poderiam incriminar Furtado Coelho (*O Liberal*, Pernambuco, 6 de agosto de 1864, p.1. col.3). Além do mais, o juiz do caso entendeu que desde o começo o processo era nulo, pois o escrivão que redigiu o inquérito era funcionário de uma outra delegacia, não sendo permitido que ele trabalhasse na delegacia de Martins Pereira. (*O Liberal*, Pernambuco, 6 de agosto de 1864, p.1. col.4).

O artista português partiu do Recife no vapor Maranguape no final do mês de agosto de 1864. Porém, o seu destino é incerto. Somente sabemos que a embarcação seguiu para a cidade do Penedo, em Alagoas, e depois deslocou-se para portos intermediários (*Diário de Pernambuco*, Pernambuco, 26 de agosto de 1864, p.1. col.3). Desse fato tira-se duas conclusões: a primeira que Furtado Coelho desistiu da ideia de retornar ao Maranhão, para montar a sua própria empresa; a segunda que talvez o artista português tenha permanecido no Nordeste (Alagoas, Sergipe ou Bahia) por mais algum tempo, antes de retornar ao Rio de Janeiro. No entanto, para chegar a essa hipótese é necessário um trabalho de pesquisa mais aprofundado.

O fato concreto é que no começo de 1865, Furtado Coelho estava na Corte para iniciar uma nova fase da sua carreira teatral. E essa nova fase de sua trajetória artística, veremos na sequência desse estudo.



## CAPÍTULO V – FURTADO COELHO: O RETORNO AO TEATRO GINÁSIO – (1865-1867)

### 5.1 O ano de 1865

Ao chegar no Rio de Janeiro em fevereiro de 1865, Furtado Coelho reinseriu no ambiente teatral da Corte de forma rápida, pois em maio daquele ano o ator português reuniu os artistas Adelaide do Amaral, Julia Heller, Francisco Corrêa Vasques, Antonio José Arêas, José Maria Jordani, entre outros, para atuarem com ele no Teatro Ginásio. O articulista A.F. do *Diário do Rio Janeiro*, se mostrou animado com a chegada do ator português, pois isso seria uma oportunidade de se reviver os tempos gloriosos do Ginásio:

[Furtado Coelho] reuniu alguns artistas e abriu as portas do Teatro Ginásio. Não é uma companhia completa, faltam-lhe figuras; as decorações não as podem ainda reformar; pode-se dizer que tudo está por fazer. Mas já o favor público o recebe: é uma boa nova de futuro. Prognostica-nos ela que vamos ver novamente o ginásio de anos passados, que se tornará o salão predileto de uma sociedade escolhida.

E muito pode fazer Furtado Coelho; assim o desânimo não o abata, nem essas mil dificuldades, que pesam sempre os primeiros passos a uma empresa. (*Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 23 de março de 1865, p.1, col.3).

A estreia da nova companhia dramática ocorreu em 4 de maio de 1865, com a peça *A redenção*, de Octave Feuillet, e como era de se esperar a crítica elogiou o artista por sua atuação. Uma nota do *Diário do Rio de Janeiro*, por exemplo, afirmava que o ator português “soube dar ao papel de Maurício [Feder] admirável verdade e colorido” (*Diário do Rio de Janeiro*, 7 de março de 1865, p.2, col.4). Já um leitor do *Correio Mercantil*, ao abordar o espetáculo apresentado, constatou que o talento de Furtado havia aumentado, mas que seria necessário ver uma nova apresentação do artista para se afirmar tal fato. Ou seja, o período de Furtado longe da Corte, atuando nos mais variados teatros do Sul e Nordeste, fez com que o ator português ganhasse experiência no palco:

Esse tão distinto artista [Furtado Coelho] foi muito aplaudido, tendo sido chamado a cena mais de uma vez; bem como a Sra. Adelaide que no último ato arrancou os mais ardentes aplausos.

O talento de Furtado Coelho cresceu, robusteceu-se? Quer nos parecer que sim; mas esperamos por uma nova prova para 161ceita-lo.

(*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 6 de março de 1865, p.2, col.2). Acesso em 14/11/1865.

Além de *A redenção*, Furtado Coelho também atuou nos dramas *Cinismo*, *Ceticismo e Crença*, *As recordações da mocidade* e na comédia-drama *O gaiato de Lisboa*. Sobre essa última, Machado de Assis, no folhetim *Ao Acaso*, elogiou a atuação do ator português, constatando que Furtado “revelou que não perdeu o tempo das suas peregrinações”:

Tivemos ultimamente o *Gaiato de Lisboa*, no Ginásio, fazendo o Sr Furtado Coelho o papel de general. Este papel, como se sabe, era a coroa de glória do finado Vitorino. Não conservamos memória deste artista naquele papel em que só o vimos uma vez; assim não seremos levados a confronto de natureza alguma.

O Sr. Furtado Coelho, que outrora aplaudimos nos papeis de galã, e especialmente no gênero novo dos Desgenais, fez-se aplaudir com justiça no papel do general. Foi excelente; revelou que não perdeu o tempo das suas peregrinações, e que soube compreender a superioridade do estudo calmo e refletido sobre os lampejos inconscientes do talento. (*Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 15 de março de 1865, p.1, col.5; Faria, 2008, p. 361).

Além da evolução do artista português como ator, na leitura dos textos críticos, chamamos a atenção a capacidade de Furtado em executar papéis totalmente diferentes, mas com a mesma competência. Em 16 de março, por exemplo, o ator português atuou no papel de Carlos em *Cinismo*, *Ceticismo e Crença* e na sequência no papel de General em *O gaiato de Lisboa* com a mesma qualidade e aptidão. O folhetinista A.F. do *Diário do Rio de Janeiro* observou essa capacidade do artista, argumentando que Furtado Coelho tem um “talento dúctil e múltiplo”:

Furtado Coelho é o que de há muito se sabe; preciso, natural, infalível, se assim pode-se dizer, no gosto, na palavra, no olhar e onde se pode bem apreciar o seu talento dúctil e múltiplo é no espetáculo, em que o *Cinismo*, *Ceticismo e Crença* segue *O gaiato de Lisboa*.

No primeiro, são as maneiras insolentes do desfaçado tratante, que precisa, a custo de atrevimento, de ganhar posição e riqueza: sua frase é incisiva e fere, como um punhal; os olhos, ora fulgem rápidos e fugazes como o relâmpago, ora abaixam-se como que vendo através das pálpebras: ora sorriem astutos e cheios de malícia; o movimento acompanha a ideia e a traduz muitas vezes. A morte final, em que o cínico lança ainda uma blasfêmia a quanto há de terrível e sagrado no passamento à eternidade; é um primor.

No segundo, isto é, no *Gaiato de Lisboa*, Furtado Coelho desempenha o papel do general, velho, gotoso, irascível, porém bom, cavalheiro, lhano, com uma propriedade difícil de compreender-se no mesmo artista, que acabava de despir o paletó do Carlos, do *Cinismo*, para vestir o robe-de-chambre e empunhar a muleta do soldado inválido da guerra peninsular. (*Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 23 de março de 1865, p.1, col.3).

Como vimos, Furtado Coelho voltou ao palco do Teatro Ginásio em 4 de maio de 1865. No entanto, a inauguração oficial da sua empresa dramática ocorreu em 16 de abril daquele ano,

com a encenação de *Os voluntários*, de Ernesto Cibrão, drama que possivelmente tematiza a Guerra do Paraguai:

Estevão Henriques e Alexandre, irmão de César e afinal também este, vestem a farda desses soldados, que surgem, como outrora deviam surgir as regiões de Pompeu, e correm, abandonando a tranquilidade do lar doméstico, as delícias do amor, os gozos da posição social, para irem vingar os bríos nacionais ultrajados pelos blancos do Uruguai, e pelo déspota estúpido do Paraguai.

A recordação da batalha de Monte Caseros é feita em linguagem viril e própria: não menos; e o desfecho do drama com a notícia da tomada de Paysandu.

Foi ainda feliz o Sr. Cibrão reproduzindo entre Estevão e César o desafio dos dois fidalgos portugueses, nos gloriosos tempos de D. João de Castro na Índia, que reptaram-se a qual primeiro subiria às fortificações inimigas. Os voluntários brasileiros emprazaram-se para o Paraguai.

Aplaudimos também a cena, uma das últimas da peça, em que o desgraçado escravo recebe a liberdade e veste a farda do soldado livre para ir cumprir um dos mais sagrados deveres do cidadão.

(*Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 19 de abril de 1865, p.1, col.2).

Nada mais natural, portanto, talvez pensou Furtado Coelho, levar em cena a peça, afinal o momento histórico o qual passava o país era justamente o conflito armado entre os países sul americanos.

Mas se no plano do conteúdo o drama abordava um tema atual para assim, talvez, chamar o público para o Ginásio, por outro lado, no plano estrutural, o folhetinista do *Diário do Rio de Janeiro* destacou que a obra tem alguns defeitos, como por exemplo, ser inverossímil o assassinato da personagem Angela ou o “homicídio de Cesar em casa de seu pai” (*Diário do Rio de Janeiro*, 19 de abril de 1865, p.1, col.3).

O articulista também observou problemas quanto a mise-en-scène do espetáculo, mais especificamente na questão que envolvia a colocação dos móveis. Para o crítico, seria melhor que uma mesa e um sofá, a qual estavam deslocados, ficassem no centro do palco:

Mas o inteligente empresário sofrerá que lhe observemos que uma mesa redonda ao lado da sala, junto a uma porta, fica inteiramente deslocada. Seu lugar é centro, onde se coloca o candeeiro para o trabalho ou leitura noturna da família, que aí se reúne em roda. Mas se em vez de ser redonda, fora oblonga a mesa de que tratamos e pertence ao 1º ato da peça, nada teríamos a dizer.

No mesmo caso está o sofá afastado da parede, numa quase diagonal da sala. Sabemos perfeitamente o que nos podem opor – conveniências do jogo da cena, vistas impróprias, etc. Mas a resposta acode pronta e por isso dispensamo-nos de dá-la. (*Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 19 de abril de 1865, p.1, col.4).

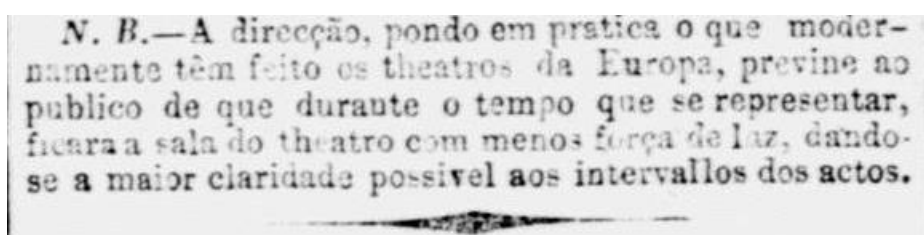
Além do mais, ainda no campo da mise-en-scène, o folhetinista destacava que seria mais apropriado não conservarem de pé determinadas figuras:

É também contra o natural conservaram-se de pé as figuras, salvo cenas, como a final do 1º ato, a do capitão Pedro Alvares, a do 2º ato entre Estevão e Cesar, em que a veemência do assunto ou outras espécies aconselhem.

São costumes inveterados do nosso teatro, tanto o que acabamos dizer, como o que notamos sobre o arranjo dos moveis, e que é necessário extirpar a todo o custo. Ninguém melhor do que o Sr. Furtado o pode fazer. (*Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 19 de abril de 1865, p.1, col.4).

No entanto, apesar dos pequenos defeitos, esses não foram suficientes para decepcionar o público, haja vista que o espetáculo foi “freneticamente aplaudido” na noite de estreia (*Diário do Rio de Janeiro*, 19 de abril de 1865, p.1, col.3).

Se por um lado, Furtado Coelho falhou na função de ensaiador, por outro lado, no papel de Estevão Henriques, atuou com perfeição. Sobre isso, uma certa carta publicada no *Correio Mercantil* afirmava que o ator português “como sempre elevou-se a sublime altura, onde sabe conduzi-lo o seu imenso talento” (*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 20 de abril de 1865, p.3, col.4). Mas não era só isso. Na função de empresário, o artista português procurou também acertar, a partir da modernização do seu teatro. Em outras palavras, Furtado quis que o Teatro Ginásio tivesse os mesmos moldes dos teatros europeus, fazendo com que a iluminação da casa de espetáculo ficasse com pouca luz durante a apresentação do espetáculo:



N. B.—A direcção, pondo em pratica o que moder-namente têm feito os theatros da Europa, previne ao publico de que duraute o tempo que se representar, ficara a sala do theatro com menos força de luz, dando-se a maior claridade possivel aos intervallos dos actos.

**Fig.36:** *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 16 de abril de 1865, p.4. col.5. Disponível em [http://memoria.bn.br/DocReader/364568\\_05/8480](http://memoria.bn.br/DocReader/364568_05/8480)

Importante ainda destacar que durante o mês de exibição do drama *Os Voluntários*, Furtado Coelho, na noite de 8 de maio, récita de benefício da Sociedade União e Perseverança e que tinha a presença do Imperador D. Pedro II e sua família na plateia, leu o poema *O acordar*

*do Império*<sup>1</sup>, de Machado de Assis, texto poético que tematiza a ida de soldados para o combate armado:

E vão todos, não pérfidos soldados  
 Como esses que a traição lançou nos campos;  
 Vão como homens. A flama que os alenta  
 É o ideal esplêndido da pátria.  
 Não os move um senhor; a veneranda  
 Imagem do dever é que os domina.  
 Esta bandeira é símbolo; não cobre,  
 Como a deles, um túmulo de vivos.  
 Hão de vencer! Atônito, confuso,  
 O covarde inimigo há de abater-se;  
 E da opressa Assunção transpondo os muros  
 Terá por prêmio a sorte dos vencidos.  
 (*Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 17 de maio de 1865, p.2. col.1)

Após levar em cena o drama de Ernesto Cibrão, o qual teve em torno de quatorze apresentações, Furtado Coelho levou ao palco do Ginásio *Cancros Sociais*, da escritora brasileira Maria Angélica Ribeiro. A peça que subiu em cena em 13 de maio de 1865 (Faria, 1993, p.255), mesma data de estreia da atriz Antonina Marquelou, conta a história de Eugênio, comerciante casado com Paulina e pai da jovem Olímpia. Mas no dia do aniversário de Olímpia surge todo o conflito dramático, pois Eugênio ao decidir dar a liberdade a uma escrava de nome Marta, estava, sem saber, libertando a própria genitora. O fato de ser filho de uma escrava causa em Eugênio uma grande tortura psicológica, pois o personagem sabe que caso a sua história de vida seja descoberta ele sofrerá preconceitos da sociedade. Como explica Faria (1993), “na perspectiva da peça o preconceito contra o escravo é maior que o preconceito racial” (Faria, 1993, p.258). Ao final da peça o conflito dramático resolve-se. A partir da revelação do passado dos personagens, é relatado que o antigo senhor de Marta, que era o pai de Paulina, tinha dado a liberdade para a mãe de Eugênio. No entanto, um ex-funcionário desse senhor, Antônio Forbes, roubou os documentos de liberdade de Marta, e ainda vendeu o menino Eugênio para um terceiro. Desse fato, evidencia, portanto, que Marta é liberta, não podendo ser tratada como escrava por Antônio Forbes. Além do mais, é descoberto que a personagem foi libertada um ano antes do nascimento do filho. Logo, Eugênio nunca foi escravo.

O drama de Maria Ribeiro e o espetáculo apresentado pelos atores e atrizes do Teatro Ginásio foi elogiado pelos críticos teatrais. Machado de Assis, por exemplo, em seu folhetim *Ao Acaso*, analisou que diferentemente de *Gabriela*, primeiro drama escrito por Maria Ribeiro, *Cancros Sociais*, obra que é “um protesto contra a escravidão, “desenha melhor os caracteres,

---

<sup>1</sup> No *Diário do Rio de Janeiro* de 17 de maio de 1865 encontra-se publicado o poema de Machado de Assis. No entanto, o escritor trocou o título, passando o texto poético a denominar *A cólera do Império*.

pinta melhor os sentimentos”, a ação “é mais natural, mais dramática, mais sustentada”; além de que as situações são “mais bem concebidas e os diálogos mais fluentes” (*Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 16 de maio de 1865, p.1, col.3; Faria, 2008, p.368). No entanto, o crítico literário fez uma observação. Para Machado de Assis no quinto ato há muitas metáforas e imagens, além de algumas cenas que parecem não ter utilidade:

Louvamos com franqueza, criticaremos com franqueza. A ação que interessa e prendo de ato para ato, falece em pouco no último; o estilo ressent-se de falta de unidade: o diálogo, em geral fluente e natural, peca às vezes pela intervenção demasiada de metáforas e imagens; há algumas cenas, mas poucas que nos parecem inúteis; e a autora deve ter presente este preceito de arte: toda a cena que não adianta a ação é uma superfluidade. (*Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 16 de maio de 1865, página 01, coluna 04; Faria, 2008, p.369).

O folhetinista aproveitou também para comentar sobre a atuação dos atores, que desempenharam bem os seus papéis. Sobre Furtado Coelho, que fez o papel de Eugênio, Machado analisava que o ator português “não deixou nada a desejar”:

O papel confiado ao Sr. Furtado Coelho, foi desempenhado de maneira a não deixar nada a desejar. Dotado de verdadeiro talento, e qualidades apreciáveis para a arte, a que tão luzidamente serve, o Sr. Furtado Coelho soube reproduzir com as cores da verdade os sentimentos diversos que agitam Eugenio, e que fazem dele, o centro das atrações. É na alta comédia e no drama de sala que aquele artista tem feito a sua brilhante reputação; se alguma coisa faltasse para firmar-lha, bastaria para isso o último papel. (*Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 16 de maio de 1865, página 01, coluna 04; Faria, 2008, p.369).

Igual apreço pelo drama e pela récita exibida demonstrou o folhetinista “J.” do *Correio Mercantil*. No entanto, seguindo Machado de Assis, o articulista viu algumas incorreções na obra, como por exemplo, o desfecho do segundo e terceiro ato ser praticamente idênticos, além de que a cena entre Mathilde e o Barão de Maragogipe não poderia ocorrer em uma casa de correção (*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 22 de maio de 1865, p.1, col.5).

Quanto a atuação dos artistas, “J” destacou que “todo o esmero foi empregado no estudo de cada uma das personagens”, apresentando os atores e atrizes “satisfatória interpretação” (*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 22 de maio de 1865, p.1, col.6). Em relação a Furtado, o ator soube desempenhar o seu papel:

O Sr. Furtado Coelho mostrou-se o artista consciencioso que temos aplaudido. Sem abuso do gesto, econômico nos movimentos mais próprios de cenas pitorescas e mímicas, servindo-se com felicidade sempre da extrema mobilidade, que possui, de rosto, sabe comunicar ao espectador os sentimentos gratos que representa e as torturas que se lhe desenham no

semblante. (*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 22 de maio de 1865, p.2, col.6).

Além dos artigos de Machado de Assis e de “J”, um artigo anônimo publicado no *Jornal do Commercio* comentou sobre a atuação do ator português. Nesse texto, o crítico destacava a naturalidade de Furtado nas cenas, uma vez que não há abuso dos gestos:

O Sr. Furtado Coelho encarregou-se do difícil papel de S. Salvador, e nele mostrou o quanto se tem adiantado no estudo de uma arte tão difícil para os que a compreendem como fácil, para os que apenas a entendem pelo que rende. Parco de gestos, o Sr. Furtado abstém-se de todos esses que nada exprimem, e somente servem para, no momento solene, amesquinhar os que muitas vezes valem a mais eloquente frase. Em compensação, a sua fisionomia inteligente e aberta é um espelho em que quase sem necessidade da palavra se reflete o que no interior se sente. Sem caretas nem contorções exprime os mais variados sentimentos. Quando na escrava libertada reconhece ele a mãe, a cena muda comove mais do que quantas palavras tivesse podido proferir. Com atores destes dispensam-se os apartes.

Figura esbelta e elegante o Sr. Furtado tem o costume de quase todos os homens de estatura elevada andar um pouco curvado. É uma observação, não um reparo. (*Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 15 de maio de 1865, p.2, col.3).

O drama de Maria Ribeiro levado em cena no Teatro Ginásio em vinte e sete oportunidades, sendo que destas uma era benefício para a liberdade de uma escrava branca, parece ter sido encenado em um momento apropriado da história brasileira, haja vista que o debate sobre os problemas da escravidão no Brasil ganha força a partir dos anos sessenta do século XIX. Sobre essa questão, Angela Alonso (2015), ao abordar a conjuntura abolicionista internacional, explica que, no Brasil, o movimento de abolição dos escravos ganhou força a partir dos anos sessenta do século XIX:

Esse passado serviu para pensar o futuro brasileiro em livros, artigos e propostas de lei no Brasil, que proliferaram a partir dos anos 1860. Aurélio Cândido Tavares Bastos, membro do partido liberal e seguidor atento da cena internacional [...] via a escravidão como causa da miséria moral e material do país. Seu alvitre era extirpá-la aos poucos: aplicar a lei de 1831 (que libertaria os africanos chegados deste então) [...]

Já o conservador Agostinho Marques Perdigão Malheiros, igualmente relacionado com a Anti-Slavery inglesa, apontou em seu livro *A escravidão no Brasil: ensaio histórico, jurídico, social*, saído entre 1864 e 1867, o caráter juridicamente construído do cativo – em vez da emanação da natureza. Em 1863, já discursara na Ordem dos Advogados por uma lei do Ventre Livre, à maneira que se discutia na Espanha. (Alonso, 2015, p.32)

Mas se o problema da escravidão foi um tema abordado pelos intelectuais e políticos da época, tal questão também foi levantada pelo público que frequentava o Teatro Ginásio. Uma nota publicada no *Jornal do Commercio*, por exemplo, toca indiretamente no problema escravocrata brasileiro, ao convidar os homens abastados da sociedade carioca a irem prestigiar a atriz Antonina Marquelou e Furtado Coelho, uma vez que eles realizavam grandes atuações em *Cancros Sociais*. No entanto, a nota tem um forte teor crítico, pois afirmava que se parte da sociedade endinheirada frequentadora do Alcazar Lírico, teatro esse voltado para as peças de entretenimento, não for ao Teatro Ginásio ver o drama em cartaz será ela “os mais feios cancos, e não mencionados nos ditos sociais”:

Os dandys que se enluram aos dias da semana; que jogam o *écarté* em esplêndidas reuniões e fumam, em botequins de grande fama, charutos comprados na rua do Ouvidor; que não perdem sessões das 150 campainhas; frequentam o *Alcazar*, tomam café no *boulevard Carceller*, etc, e que não foram hoje ao teatro Ginásio praticar um ato meritório, e apreciar a feiticeira Marquelou e o inteligente Furtado Coelho, - são os mais feios *cancros*, e não mencionados nos ditos *sociais*. (*Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 18 de julho de 1865, p.2, col.4).

Furtado Coelho, no ano de 1865, apostou ainda na exibição de *Onfália*, drama já conhecido pelo público carioca. O espetáculo que subiu em cena em 8 de julho arrancou elogios de “Dr. Semana”:

O Ginásio caminha de melhor a melhor. Graças a inteligente direção do artista Furtado Coelho, os espetáculos, que, ali dão atualmente, merecem a concorrência pública. É por isso que o público corre aquele teatro, onde uma companhia regular e peças escolhidas, dão aos olhos e ouvidos delicados, prazeres pouco comuns.

Atualmente representa-se ali o drama de Quintino Bocaiúva, *Onfália*. Esta excelente composição, um dos mais belos primores da literatura dramática brasileira, está posta em cena com um esplendor digno dos mais dignos aplausos.

A boa distribuição dos papéis, e o modo superior por que Furtado Coelho desempenha o papel de visconde completa o quadro. (*Semana Ilustrada*, Rio de Janeiro, 16 de julho de 1865, p.7, col.1).

Os elogios não partiram somente do articulista da revista *Semana Ilustrada*, mas também de um certo crítico anônimo de pseudônimo “um consciencioso”. Esse crítico, em seu artigo escrito no *Correio Mercantil*, destacava o esforço de Furtado Coelho em levar em cartaz bons espetáculos, sendo que o resultado nada deixava a desejar às exhibições apresentadas em Paris ou Lisboa (*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 15 de julho de 1865, p.3, col.3). O crítico então ressaltava o estudo pela qual tem feito os artistas do Ginásio:



*Onfália* não é só um magnífico drama, é mais do que isso um precioso livro. Se o desempenho dos *Cancros Sociais* pela excelente companhia do Ginásio deu aquela composição tanto realce, a belíssima execução da *Onfália* denuncia talvez ainda mais esmero e estudo, mais igualdade, sobretudo por parte dos artistas.

*Onfália* é uma soberba composição, o público não se cansa de aplaudi-la. Autor e artistas têm sido chamados à cena em todas as três representações que já se deram. Jamais vimos um drama mais primorosamente ensaiado. As cenas são de um efeito deslumbrante. Honra a Bocaiúva! Honra a Furtado Coelho e aos artistas do Ginásio! (*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 15 de julho de 1865, p.3, col.4).

Quintino Bocaiúva, grande admirador de Furtado Coelho desde o período em que o ator português chegou ao Rio de Janeiro, não se esquivou de cumprimentar o amigo pela apresentação do espetáculo. Em carta publicada no *Jornal do Commercio*, o dramaturgo argumentava que todos os aplausos do público foram exclusivamente para Furtado e os demais artistas:

Furtado Coelho. A *Onfalia* por si só, pouco ou nada valeria. A minha vaidade de escritor não me cega. Vale, porém, alguma coisa na cena do Ginásio, quando um artista, como tu, dignamente coadjuvado por companheiros talentosos e estudiosos a exhibe perante o público.

Cabe-te, pois, a ti e aos artistas que te acompanham toda a satisfação que pode resultar do acolhimento favorável com o público, sempre benévolo para com os principiantes, recebeu a restauração desse ligeiro ensaio dramático. Recebe, pois, e transmite aos teus companheiros, os agradecimentos do autor que se presa de ser teu amigo e admirador. Q. Bocaiúva. (*Jornal do Commercio*, 22 de julho de 1865, p.1, col.7).

Furtado Coelho respondeu ao amigo. Em sua longa carta, o artista português iniciava o texto discordando do escritor, pois para ele muito do sucesso do espetáculo não foi somente pela atuação dos artistas, mas em razão da grandeza da obra:

Quintino. Em completo desacordo com a primeira frase de tua benévola carta – pura expressão de tua franca e reconhecida modéstia – dir-te-ei que são, pelo contrário, os artistas que por si só; pouco ou nada valem, quando lhe faltam verdadeiros moldes em que possam fundir sua inspiração.

Sem as verdades supremas e inspiradoras, que são a essência e a forma da grande obra do Criador, não haveriam estatuários, nem pintores, nem poetas! Não haveriam artistas, isto é: os entes privilegiados que se elevam da vulgaridade às esferas superiores, para aproximarem a criatura do Criador, o homem de Deus.

Praxiteles jamais teria descoberto no mármore a sua Vênus, se a natureza só aleijões lhe houvesse oferecido. O mais inspirado pintor nunca conseguiria ser poeta, copiando fielmente na tela as inexplicáveis tortuosidades da rua Direita, mesmo com o Boulevard. A cabeça mais arrojadamente poética chegaria,

quando muito, a ser um manco verzejador, se tivesse nascido e eternamente vivido dentro de uma alfândega, ou de um cartório de notas públicas.

Para que os artistas, pois, possam mostrar-se o que são, e elevar-se às regiões da verdadeira poesia, é preciso que tenham aonde inspirar-se, e, para que a inspiração os entusiasme, é forçoso também que tenham a verdade por algo e o belo por incentivo.

A verdade e o belo! Eis o que a *Onfalia* nos ofereceu. Tínhamos, portanto, obrigação de ser verdadeiros na expressão dos afetos, das paixões, dos rancores e das ironias.

Se, pois, eu e os talentosos artistas que dirijo, tivemos ocasião de ser aplaudidos na tua *Onfalia*, sentimos em nossas consciências que esses aplausos foram mais rápidos coroar o autor do drama, primeiro que a nós mesmos.

O público, chamando-te para saudar-te nas três primeiras noites, assim o demonstrou, provando quanto sabe ser justo. Se a obra não fosse de tão apurado quilate, os mais sinceros esforços da nossa parte nada conseguiriam. (*Jornal do Commercio*, 22 de julho de 1865, p.1, col.7).

O ator português, para validar o seu ponto de vista, destacava, então, as qualidades de *Onfalia* um drama que “abundam as belezas da imaginação sem ofender a fiel pintura da verdade, e aonde se sucedem os mais felizes lances dramáticos”:

Nem se me diga que existem atores que consigam fazer triunfar no conceito público uma má obra; antes, sim, um mau drama é que facilmente consegue amesquinhar e comprometer sempre o mais talentoso artista dramático.

Em composições como *Onfália*, em que tanto abundam as belezas da imaginação sem ofender a fiel pintura da verdade, e aonde se sucedem os mais felizes lances dramáticos, sempre expressos numa frase nervosa e cortante, não é para admirar os artistas provoquem os brados e os aplausos de uma plateia ilustrada, quando o próprio drama os está ensinando a serem artistas e poetas também. O que é certo é que a reprodução de obras como *Cancro Sociais* e *Onfália*, acabariam, em pouco tempo, de fundar para sempre a literatura dramática brasileira e o seu teatro. (*Jornal do Commercio*, 22 de julho de 1865, p.1, col.7).

Na sequência do texto, Furtado Coelho, apesar de dirigir-se a Quintino Bocaiúva, iria tocar em outros pontos, não propriamente em relação ao espetáculo apresentando, mas no que diz respeito ao Teatro Ginásio. Ele destacava, então, a necessidade do público carioca continuar prestigiando as apresentações do Ginásio, pois como explica o empresário, a sua casa de espetáculos não dispunha dos subsídios do governo, mas somente dos recursos provenientes da bilheteria. O empresário também pedia apoio da imprensa, que na tentativa de se apresentar imparcial, não chegasse “a uma severidade toda nociva para uma balbuciante instituição”:

O teatro que eu dirijo o está provando; e a glória que daqui me possa caber, paga-me de sobra a pertinácia e o afinco com que eu, a despeito das fadigas de um trabalho incessante, ponho em ação todos os esforços e todos os cuidados, para sustentar um palco sempre habilitado a exhibir os produtos desta

tão prometedora literatura. Oxalá que o público, que tão amigo do Ginásio se tem mostrado, desde que eu tomei a sua direção, continue sempre a favorece-lo com sua concorrência, visto ser esta única fonte de sua receita, e a única garantia de sua existência.

Oxalá também que a crítica, no aliás tão louvável intento de mostrar-se imparcial, não chegue a uma severidade toda nociva para uma balbuciante instituição, que não vigorosa de recursos, antes tão débil como afoita, ao mesmo tempo que carece de todo o favor e benevolência, está evidentemente prestando sensíveis serviços. E está: digam o que quiserem meus gratuitos desafeiçoados; vociferem embora os pessimistas filhos da inveja.

Sabes que não falo de mim como artista. [...] têm havido no Brasil, em todo Brasil literário e artístico, tão generosamente triunfados quer pelos públicos, quer nas várias tribunas da imprensa. Falo sim, como empresário de um teatro, que, no meio das tantas adversidades políticas e comerciais que têm sido e são hoje a constante ordem do dia, desvalido se pode considerar, e quase que exclusivamente alimentando-se só a força de muito trabalho e a custa de muita dedicação. (*Jornal do Commercio*, 22 de julho de 1865, p.1, col.7).

Por fim, Furtado e também os artistas do Ginásio agradeciam a Quintino Bocaiúva pela carta elogiosa do escritor enviada anteriormente:

Vai longa a epístola, e no entanto sinto bem que *Os primeiros amores de Bocage*, que estou ensaiando com todo o cuidado, me roubem o tempo. A não ser assim, alongar-me-ia em considerações, que se aliam intimamente ao assunto. Paro aqui.

Em referência e em resposta ainda a tua carta, compete-me dizer-te que efetivamente cabe uma satisfação, uma grande satisfação, aos artistas do Ginásio na representação da *Onfália*, e é a de agradecerem-te as repetidas vezes que, com a tua obra, os habilitas a chamarem ao seu teatro a atenção do público.

É tão grande o serviço que mal saberíamos agradecê-lo.

Os artistas do Ginásio, enviam-te um voto de agradecimento por tuas boas palavras, e um protesto de simpatia e admiração por teu brilhante e fecundo talento.

Eu, como sabes de longa data, sou teu amigo e admirador, Furtado Coelho. (*Jornal do Commercio*, 22 de julho de 1865, p.1, col.7).

Após a exibição de *Cancros Sociais* e *Onfália*, Furtado Coelho apostou ainda na exibição de outros dramas. O primeiro deles foi *Os primeiros amores de Bocage*, de José da Silva Mendes Leal, drama histórico que tematiza a juventude do poeta português. A peça subiu em cena em 12 de agosto de 1865 e justamente nesse dia, Furtado Coelho recebeu uma crítica furiosa de um espectador do Ginásio. O crítico, em um texto publicado no *Correio Mercantil*, argumentava a falta de respeito do empresário por ter adiado a estreia da peça, a qual marcada para estrear no começo do mês, foi cancelada em razão do cenário não ter ficado pronto:

Duas vezes concorreu o público ao teatro, e deu com os narizes na porta! Nem uma ou outra coisa era verdade!! O celebrado pintor das belas artes não soube aplicar ao seu delicado pincel as borradelas da ótica em cenário. Foi este

incumbido ao Sr. J.C. Ribeiro, que logo declarou as dificuldades que tinha e o tempo que era necessário.

Oxalá que não fique ainda demorado pela casa da moeda.

Porque não usou o Sr. empresário da devida franqueza? Para que iludir o público com estas trampolinas? Onde estão os seus conselheiros trombeteiros que tanto o coadjuvaram nos Cancros Sociais? Por que fugiu deles, ou eles o desamparam? Porque, segundo dizem, se tornou repreensível. É por isto que se diz que perdeu o juízo, e com ele o caráter sério que deve ter um empresário. Dão-se mais diversos motivos: uns, porque teme fazer fiasco no papel de Bocage; outros, porque já pensa em deixar a Sra. Maria Joanna por alguma Anarda que tenha menos capricho, e melhor gênio.

Que o Sr. empresário tem atualmente alguma lesão mental, não há dúvida, e brevemente se saberá. (*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 12 de agosto de 1865, p.3, col.2).

Mas apesar do atraso, o espetáculo parece ter sido bem montado. Uma nota crítica no *Jornal do Commercio* afirmava que nesse drama “Furtado Coelho esteve na altura do seu talento”, alcançando “muitos momentos felizes e rasgos de inspiração”. No entanto, o texto pedia ao ator, que no papel de Bocage, seria necessário ter “um rosto mais fresco e juvenil qual o de um mancebo de 19 anos” (*Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 14 de agosto de 1865, p.2, col.2).

Já para um crítico anônimo do *Correio Mercantil*, o espetáculo também agradou. Em seu texto, o articulista destacava o desempenho dos atores, a vestimenta de época utilizada pelos artistas e o cenário pintado pelo cenógrafo João Caetano Ribeiro:

Pela segunda vez representou-se anteontem no Ginásio o drama do Sr. Mendes Leal *Os primeiros amores de Bocage*. Como era de esperar, o drama contém primores de linguagem e verdadeiros lances que revelam a ciência que tem o Sr. Mendes Leal da arte cênica. Personagens bem grupados, caracteres magistralmente sustentados, unidade de ação, tudo isso observa o expectador. O que, porém, releva dizer e que a biografia mareou talvez o brilho do drama, e que com maior desembaraço chegaria o autor ao final da peça se não se houvesse remontado à primeira época da existência do poeta. A companhia do Ginásio, dirigida pelo Sr. Furtado Coelho, houve-se no desempenho da peça pela maneira com que sempre agrada ao público. O vestuário a caráter e o cenário pintado pelo hábil artista João Caetano, revelam os esforços que não poupa a empresa para não desmerecer do conceito que com justiça lhe é feito. (*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 15 de agosto de 1865, p.2, col.3.)

*Os primeiros amores de Bocage* também recebeu elogios de Dr. Semana. O crítico que foi assistir ao espetáculo no Ginásio afirmou que o drama foi bem apresentado. No entanto, o que nos chama a atenção em seu texto é o convite que Dr. Semana fez ao público, a não desamparar o Ginásio. Ou seja, é bem provável que nesse momento, o teatro Ginásio sofria com uma forte concorrência do Alcazar Lírico:

Bocage voltou ao Brasil., Mas não se distingue mais pelo rabicho nem pelos calções afilados. Fez nobremente a sua entrada no teatro brasileiro sob a forma de um dos mais belos dramas da língua portuguesa. Bocage já não é mais um hieróglifo misterioso, que cada um decifrava ao seu modo. O Chapelion afortunado foi desta vez o ilustre literato português o Sr. Mendes Leal. Bocage deixou de ser um enigma para ser o herói de um drama esplêndido pela linguagem, rico pelo sentimento, nobre pela fidelidade guardada e dos costumes do povo português, numa época já bem afastada de nós. Coube ao Ginásio Dramático a dupla glória de representar o drama e representá-lo bem. O que se pode exigir de um teatro acanhado e de uma empresa desajudada ainda apesar da tenacidade e do esforço inteligente do diretor artista, lá se mostrou.

Nem quero ter olhos para os senões da execução. Fora injustiça exigir tudo. Já não é pouco o que faz Furtado Coelho tentando reerguer o teatro abatido e animá-lo de novo para estreia e gloria dos novos talentos literários e artísticos que por ventura tenham de florescer entre nós.

A sociedade elegante não deve desamparar o pequeno teatro que tantas noites amenas lhe ofereceu outrora e que de novo procura 173ceit-la à custa de grande trabalho e grande esmero na escolha e na coibição dos dramas. A tantos sacrifícios deve o público uma compensação.

É verdade que a época é má. Mas não será essa mais uma razão, para que o público tenha uma casa de espetáculo onde encontre nobre e honesta diversão às preocupações que o acabrunham?

O Dr. Semana sem dúvida é folgazão. Fuma e bebe cerveja como qualquer polaco. Gosta de muitas outras coisas de não falará aqui; mas declara terminantemente em nome do seu amor à literatura e às artes, em nome do seu bom gosto, que prefere o Ginásio ao Alcazar e que não compreende como uma empresa frívola enriqueça enquanto outra empresa séria e útil pode definhar por falta de auxílio. (*Semana Ilustrada*, Rio de Janeiro, 20 de agosto de 1865, p.2, col.2.)

A peça de Mendes Leal teve nove apresentações, um número razoável de récitas. Na sequência, subiu em cena *Os filhos do Rei Midas*. Porém, o drama foi um verdadeiro fracasso, com apenas duas apresentações. Furtado Coelho, na tentativa de atrair o público para o seu teatro, resolveu então encenar o drama *Suplício de uma mulher*, de Emile Girardin e Alexandre Dumas Filho, com tradução de Machado de Assis<sup>2</sup>. O drama tem um enredo simples. Henrique Dumont, casado com Mathilde, descobre que a sua esposa o traiu com o seu sócio João Alvarez. A traição abala o personagem que decide, então, desfazer a sociedade, exige a retirada da esposa para a casa dos pais e toma a decisão de cuidar de Joana, filha de Mathilde e Alvarez.

A peça subiu em cena em 30 de novembro, data de benefício de Furtado Coelho. E já no dia 2 de outubro, uma nota na “Gazetilha” do *Jornal do Commercio* abordou o drama. O crítico anônimo iniciava o texto elogiando Furtado Coelho, que fez o papel de Henrique Dumont, argumentando que o artista tem talento, pois “muda de voz e de aspecto quando lhe

---

<sup>2</sup> Além da tradução, Machado de Assis comentou acerca da polêmica envolvendo a autoria da obra. Esse texto pode ser consultado no volume *Theatro de Machado de Assis* da editora W.M.Jackson.

apraz” e que “sua voz repassada de sentimento comove, abala o espectador, ilude-o a ponto de duvidar se é verdade ou fingimento” (*Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 2 de outubro de 1865, p.1, col.3). No entanto, havia um problema. Para o crítico anônimo a peça era imoral:

O Sr. Furtado Coelho não é somente ator, é também empresário. Os nossos teatros todos estão passando por dura provação, vivendo triste e atribulada vida, quase abandonados pelo público. Anda este em matérias teatrais tão frio e apático que na porfiada luta pela própria existência as empresas não descobrem outro meio de salvação senão aplicar-lhe um cáustico que desperte a sensibilidade. Esse cáustico é o escândalo, e por isso vemos constantemente em cena a mulher em todos os graus e variantes imagináveis da sua depravação possível. Poderá o coração absolver as empresas, a inflexível moral há de condenar a perversão da arte.

O drama em questão é um monstrinho desta espécie. (*Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 2 de outubro de 1865, p.1, col.3).

Por outro lado, outros que foram ver o espetáculo não concordaram com a opinião do crítico da “Gazetilha”. Em uma nota não assinada, um espectador afirmava que o drama não endeusa o vício e que mães e filhas podem assistir à peça sem corar:

Pelo lado da moralidade, questão que se agita sempre atualmente para esmagar com ela as obras mais formosas da chamada escola realista, diremos por nossa parte que como nesse drama nem se endeusa o vício, nem há personagens que façam praça da própria imoralidade, nem há finalmente frase que aplauda o crime ou escarneça da virtude, mães e filhas podem assistir o *Suplício de uma mulher sem corar*. (*Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 8 de outubro 1865, p.1, col.5)

*Suplício de uma mulher* teve vinte apresentações durante os meses de setembro, outubro, novembro e dezembro de 1865, podendo ser considerada, junto com *Cancros Sociais*, um grande sucesso.

Furtado Coelho levou também ao palco do Ginásio a peça *dramas da taverna*, dos escritores Dumanoir e Dennery. Quem foi até o Ginásio gostou do que viu:

*Os dramas da taverna* são um exemplo de que o romantismo tem ainda muitos admiradores. Trezentas vezes foi representado em Paris no meio de aplausos, e nesta Corte quando tem subido a cena o público, que frequenta o Ginásio, tem mostrado que sabe compreender o grandioso que lhe é oferecido pelo distinto empresário Furtado Coelho.

Agora duas palavras a respeito do desempenho desse bonito trabalho, que prende atualmente a atenção dos frequentadores do simpático teatrinho do Ginásio. Furtado Coelho, no difícil papel do octogenário Van Pratt, fica acima de qualquer elogio dos que o tem visto sempre extraordinário nos papéis de que se encarrega. [...]

Quanto à ação do drama apenas, de passagem, citaremos os finais do 1º, do 3º, do 4º, do 6º, do 7º e do 8º quadros e sobre tudo o tableau final. Há

momentos em que o espectador fica suspenso e sente uma tal revolução que respiração se ilhe prende nas faces enquanto duas lagrimas de dor ou de alegria se lhe desenrolam pelo rosto.

Ai estão como exemplo a cena do 3º quadro em que Martha prefere ficar com seu pai, a do 4º em que Vernois rompe a letra de cambio e a do 8º em que Chamboran se atira ao rio para salvar Mårtha, Bastam estas cenas para dar nome a um drama. (*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 2 e 3 de novembro de 1865, p.2, col.6).

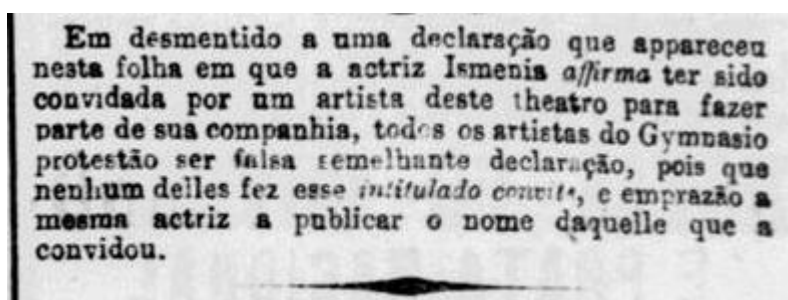
Já em *Semana Illustrada*, a crítica de Dr. Semana também foi positiva ao espetáculo apresentado:

Um novo drama está atraindo hoje a concorrência: *Os dramas da taberna* composição do gênero romântico, mas que tem em seu favor – a excelência da ideia, a habilidade do arranjo cênico e sobretudo a boa execução por parte dos artistas.

O público aplaudiu a peça e fez justiça aos artistas. Duas coisas que raras vezes são feitas pelas nossas plateias com critério e oportunidade. Valha-nos isso. É esse modo de se demonstrar também a inteligência e o critério dos apreciadores.

Ao que parece *Os dramas da taberna* terão longa e brilhante carreira: não tão longa como o *Orfeu* do Alcazar, mas enfim suficiente para demonstrar a justa compensação, devida ao esforço da boa companhia que torna amena a frequência no Ginásio. (*Semana Illustrada*, Rio de Janeiro, 29 de outubro de 1865, p.2, col.2).

Furtado Coelho procurava, portanto, dirigir a sua empresa da melhor forma possível, encenando dramas que ele considerava importantes. No entanto, uma pequena polêmica surgiu nesse período para tentar atrapalhá-lo. Tudo iniciou quando, em 23 de julho de 1865, a direção do Ginásio publicou uma nota dizendo ser boato de que algum artista deste teatro tivesse convidado a atriz Ismênia dos Santos para fazer parte da empresa dramática:



Em desmentido a uma declaração que appareceu nesta folha em que a actriz Ismenia affirma ter sido convidada por um artista deste theatro para fazer parte de sua companhia, todos os artistas do Gymnasio protestão ser falsa semelhante declaração, pois que nenhum delles fez esse intitulado convite, e empração a mesma actriz a publicar o nome daquelle que a convidou.

**Fig.37:** *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 23 de julho de 1865, p.4, col.6. Disponível em [http://memoria.bn.br/DocReader/364568\\_05/8914](http://memoria.bn.br/DocReader/364568_05/8914)

Porém, Ismênia dos Santos negou o teor da nota. Segundo a atriz, Furtado Coelho teria sim convidado a artista para fazer parte da companhia teatral:

Deixaria de ocupar o público com a minha pobre individualidade se o Sr. Furtado Coelho não persistisse em negar o fato que se passou entre mim e S.S., pois foi S.S. quem me falou para eu ir para o seu teatro.

É verdade que hoje há de negar o fato; e como eu não tenho testemunhas, nem S.S. tão pouco, o público avaliará de que lado está a verdade, pelo conceito que lhe merecer o Sr. Furtado e eu.

E se logo da primeira vez não declarei que fora o Sr. Furtado quem me falara, foi unicamente para não comprometer o mesmo senhor com alguém do seu teatro. (*Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 25 de julho de 1865, p.2, col.5)

Furtado Coelho se irritou com a acusação e achou necessário ir ao jornal desmentir o fato. O empresário português, explicava, então, que tal boato é um total disparate, engendrado por Ismênia dos Santos e outras pessoas:

O empresário do teatro do Ginásio não dá importância a parvoíces, nem tem tempo de sobra para baratear com toleimas. A Sra. Ismênia, a quem, ao que parece, sobra o tempo para tudo, pode acrescentar a declaração de ontem, quantas mais quiser, na certeza de que, ainda que deite os bofes pela boca fora, não conseguirá, creia-o, comprometê-lo nem malquistá-lo com pessoa alguma.

O que o empresário a princípio e irrefletidamente chegou a tomar a sério, veio essa senhora provar agora que não passa de uma farsa.

Ora, pois, aquele ou aqueles que lhe ensaiam a farsa e a meterem nessa dança, dê-lhes o diploma de patetas, ou mesmo de idiotas, que bem o merecem.

O empresário do Ginásio convidar para o seu teatro a Sra. Ismênia!! Que disparate!

Havia ele declarado para todos os seus artistas que, se era verdade que o boato tinha fundamento, aquele cujo nome fosse publicado, seria imediatamente despedido, por haver abusado da autoridade da empresa sem consentimento desta.

Agora a Sra. Ismênia declarando com um desprazo inqualificável que foi o próprio empresário quem a convidou, quer talvez 176ceita-lo na contingência de despedir-se a si próprio, ou então de praticar como aquele rei antigo que, não podendo fazer-se justiça a si mesmo, mandou-se queimar em estátua.

Descanse, que o artilho é ridículo de mais para tão monstruoso resultado. Nem teve as honras de causar sensação.

Convençam-se, por uma vez, essa senhora e aqueles que em má hora a levaram a representar tão triste papel, que perdem o seu tempo com estas e outras misérias.

No entanto, fica-lhes o campo livre para continuarem. Vociferem, forjem, maquinem, inventem, esperneiem, mordam-se até na raiva de sua impotência... é tudo tempo perdido; creiam-o.

Assim, como creiam também, que o abaixo assinado não cairá segunda vez na irreflexão de vir à imprensa 176ceita176176-los em seu caminho. (*Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 26 de julho de 1865, p.2, col.4).

A desavença entre Furtado Coelho e Ismênia dos Santos não iniciou a partir do boato da contratação da atriz brasileira pelo ator português, mas possivelmente teve origem quando Ismênia dos Santos trabalhou no Ginásio, logo que esse teatro reabriu as portas em março de 1865. A atriz brasileira, que estreou em 29 de março de 1865 com a comédia *Não é com essas*,



ficou, no entanto, pouco tempo na companhia teatral de Furtado, pois decidiu se transferir para o teatro São Januário e depois para o São Pedro de Alcântara. Essa transferência, talvez tenha desgostado o empresário português, e por isso a sua argumentação de que não contrataria mais a atriz. Sobre a decisão de Ismênia dos Santos em transferir de teatro, Lafayette Silva, na Revista do Instituto Histórico Geográfico, explica:

Pouco permaneceu no antigo São Francisco de Paula a Ismênia. Mês e meio depois da estreia passava ela com o marido para o São Januário, fazendo a ingênua do drama *A negação de família*, do ator Pimentel e, logo a seguir, a Mariquinhas, de o *Fantasma branco*, de Macedo. Cuidam que ela demorou na parte velha da cidade? Qual! O São Januário reteve-a, apenas, um mês, ou menos disso, e a Ismênia transferiu-se para o São Pedro, onde estreou no travesti do protagonista do drama *Artur ou 16 anos depois*. (Silva, 1934, p.35).

Como disse Furtado Coelho, seu tempo não poderia ser voltado para tolices e toleimas, pois ele tinha que lidar com problemas bem maiores: a concorrência do Ginásio com o Alcazar Lírico, teatro esse voltado para as peças de entretenimento. Vejamos com atenção esse importante momento da história do teatro brasileiro.

### **5.1.1. Furtado Coelho e o Teatro Ginásio: a concorrência com o teatro cômico e musicado.**

Inaugurado em 17 de fevereiro de 1859 pelo empresário francês Joseph Arnaud, o Alcazar Lírico se especializou na apresentação dos mais diversos gêneros do teatro cômico e musicado, ou seja, na execução das operetas de Offenbach, além de “cançonetas, danças, quadros vivos, vaudevilles, óperas bufas” (Mencarelli, 2003, p.14); (Faria, 2001, p.145). As peças que vinham da França (Faria, 2001, p.145) atraíram não só a população comum do Rio de Janeiro, mas também “a fina flor da sociedade carioca”, tais como Perdigão Malheiro, Barão de Cotegipe, Sizenando Nabuco, Barão do Rio Branco, além de senadores, deputados, intelectuais, artistas e escritores (Galante de Sousa, 1960, p.223); (Mencarelli, 2003, p.15).

Dentre os escritores estava Machado de Assis. No entanto, apesar de frequentar o Alcazar Lírico, incomodava o autor de *Dom Casmurro* a falta de moralidade dessa casa de espetáculo. Como explica Mencarelli (2003), preocupava Machado de Assis o fato do Alcazar Lírico não ser uma ferramenta para civilizar a sociedade, mas um local exclusivamente de divertimento:

Não é o teatro uma escola de moral? Não é o palco um púlpito? Perguntava-se Machado em artigo<sup>3</sup> de 1861, lembrando as palavras de Victor Hugo, colocando-se ao mesmo tempo em prol de um teatro que as famílias pudessem frequentar e que cumprisse a sua missão edificante. “O drama, sem sair dos limites imparciais da arte, tem uma missão nacional, uma missão social e uma missão humana”. O Alcazar, com a ousadia dos cafés-concerto, não correspondia ao decoro apropriado a uma arte com missão tão nobre, acreditava Machado, e era o único divertimento que, assemelhando-se às praças de touros, permitia o uso de chapéu, charuto, cerveja e raparigas ao redor da mesa [...] (Mencarelli, 2003, p.16).

Mas se por um lado o Alcazar Lírico causou decepção a Machado de Assis, por outro lado essa casa de espetáculos foi defendida, principalmente por aqueles que viam nela um símbolo do avanço da sociedade. Como explica Souza (2002)

Desde que o Alcazar fora inaugurado na cidade, em 1859, as opiniões, sobre ele foram sempre as mais controversas, havendo quem o defendesse ferrenhamente e quem o atacasse com veemência. Para alguns, aqueles que o atacavam desconheciam que os divertimentos lá oferecidos simbolizavam um avanço e um símbolo de “progresso” da sociedade, na medida em que eram o que de mais novo se encenava em Paris. Para outros, o Alcazar vinha incomodando o sossego das famílias residentes nas redondezas da Rua da Vala, além de perverter os costumes e hábitos, como o de se manterem fechados os teatros durante o período da Quaresma. Ainda para os contrários à existência do Alcazar, esta casa representava a degradação de certos valores morais e de instituições como família e o casamento, que não vinham resistindo ao grande atrativo exercido pelo seu belo elenco de francesinhas sobre o público majoritariamente masculino que frequentava a casa. (Souza, 2002, p.254).

O ano de 1865, talvez tenha sido o período de maior êxito do Alcazar Lírico, pois, em 3 de fevereiro, estreava a opereta *Orphée aux Enfers*, de Onffebach, Hector Crémieux e Ludovic Halévy (Faria, 2001, p.146). A peça francesa teve um sucesso avassalador, com encenações durante todo o ano. E muito desse sucesso explicava-se, por seu caráter paródico, musical e cômico:

*Orphée aux Enfers* inaugurara na França, em 1858, data da sua estreia, um tipo de peça teatral em que a música tinha mais atrativo do que o texto. Claro que a paródia burlesca do mito de Orfeu era muito engraçada. Se na mitologia temos a figura de um poeta e músico solitário e sofrido, apaixonado pela fiel esposa Eurídice, no texto de Crémieux e Halévy a inversão paródica faz de Orfeu um sujeito maldoso que detesta a esposa, que por sua vez o trai com o pastor Aristeu e outros amantes. O enredo, cheio de disparates cômicos e de muita malícia era, na verdade, pretexto para a música trepidante, alegre, que

---

<sup>3</sup> O artigo em questão foi publicado em 16 de dezembro de 1861 no *Diário do Rio de Janeiro* (Faria, 2001, p.254).

se casava com números de canto e dança, como o famoso canção. (Faria, 2001, p.146).

O êxito do Alcazar Lírico com o *Orfeu nos Infernos* incomodou alguns críticos, mas também recebeu elogios de outros. Manuel Antonio Major, articulista da *Revista Mensal da Sociedade*, foi um dos que criticaram a casa de espetáculos de Joseph Arnaud. Para o crítico, o Alcazar não se projetava como um teatro voltado para a arte:

O Alcazar continua no seu Orphée aux enfers, é sempre a mesma cousa. Nesse teatrinho não há arte nem no palco, nem na música; os habitues são fáceis de contentar-se : haja folia e toca adiante; aplaudem porque a isso habituaram-se, e quando estão em veia de mau humor pateiam e assoviam. Fazemos votos para que, a bem da moral e da arte, a polícia lance seus olhos para esse teatro. (*Revista Mensal da Sociedade*, Rio de Janeiro, 1 de setembro de 1865, p.120).

Por outro lado, o articulista do jornal *Esperança* admirava o teatro em questão, uma casa de espetáculos formada por verdadeiros artistas:

Alcazar. Este pequeno teatrinho, a quem meu colega Ismael jurou guerra de morte, vê-se finalmente inclinado por causa de toda a população da Corte. E como não há de ser assim se os seus diretores compreenderam finalmente que com o auxílio de verdadeiros artistas, tudo é fácil se alcançar? *Orphée aux enfers* tem produzido um vivo entusiasmo, o delírio é geral! [...] Já vistes *Orphée aux enfers*? Isto é acompanhado de quatro pontos de admiração, e infeliz daquele que responde em negativa. E, sejamos francos, há direito para o entusiasmo que só observa.... *Orphée aux enfers* é tudo quanto de melhor tem aparecido naquele teatro. (*Esperança*, 28 de março de 1865, p.3, col.3).

Furtado Coelho acompanhando o sucesso do Alcazar Lírico percebeu que, o Ginásio, não poderia apostar somente na exibição dos dramas realistas, mas que era necessário balancear o repertório, para assim, atrair o público para o seu teatro. E uma forma de tornar o seu repertório mais eclético e que agradasse a todos os gostos foi colocar em cartaz diversas cenas cômicas, ou seja, peças curtas de um ato, de linguagem simples e com presença musical (Marzano, 2008, p.40).

A ideia de encenar as cenas cômicas não foi uma estratégia empresarial inovadora proposta por Furtado Coelho. Isso já ocorria no Ginásio bem antes do artista português ser empresário dessa casa de espetáculos (Souza, 2002, p.240). E sabendo do apreço do público por esse gênero teatral, Furtado, que já havia levado em cartaz diversas cenas cômicas quando empresário do Teatro das Variedades, achou por bem, portanto, seguir encenando as cenas

cômicas, pois isso era uma maneira de atrair o público para o seu teatro. Mencarelli (2003) não cita Furtado Coelho, mas explica a força desse tipo de peça perante a bilheteria:

Ao trazer Vasques para a Companhia e abrigar suas cenas cômicas e encenações, o Ginásio Dramático dava sinais da necessidade de ampliar o seu público através de um repertório bem mais eclético que aquele ditado por seus princípios realistas. Preocupados com as contas e os ganhos com seu negócio, alguns empresários teatrais viviam o conflito de dedicar-se a um repertório avalizado pelos literatos, através da imprensa ou do Conservatório Dramático, ou buscar o veredito das bilheterias, que chancelavam o produto ao gosto das plateias heterogêneas da cidade. Um e outro raramente equivalentes. (Mencarelli, 2003, p.23).

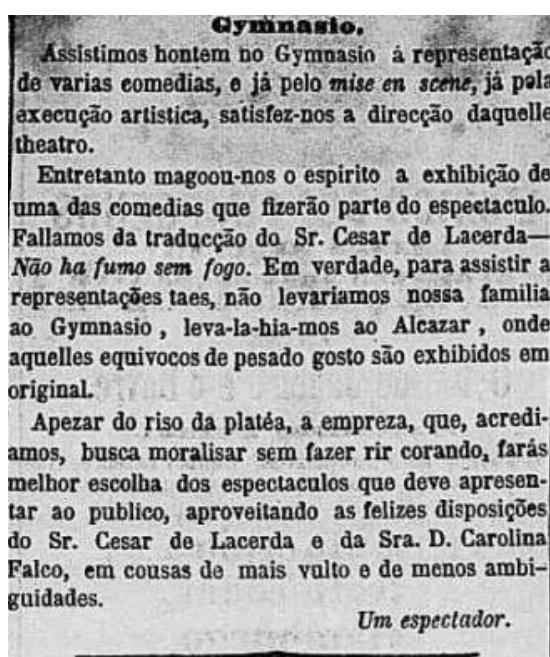
Dentre as cenas levadas em cartaz naquele ano de 1865 no Ginásio, sendo elas executadas principalmente por Francisco Corrêa Vasques, podemos citar *O Brasil e Paraguai*, *Joaquim Sacristão*, *O Sr. José do Capote*, *O Beberrão*, *O Sr. Domingos fora do sério*, *História de um Cozinheiro*, *Pitadas do velho Cosme*, *O Graça e o Vasques* e *O Sr. Anselmo Apaixonado pelo Alcazar*. Essa última, como o próprio nome sugere, faz referência ao Alcazar Lírico. Andrea Marzano nos detalha o enredo da peça:

Em *O senhor Anselmo apaixonado pelo Alcazar* (1862), o personagem, recém-chegado da casa de espetáculos, conta suas maravilhas enquanto a esposa dorme. Afirmando preferir tal diversão a todas as outras e disposto a convencer a plateia a frequentá-la, reproduz algumas das suas atrações com o cuidado de imitar arranjos orquestrais. (Marzano, 2008, p.142).

Outra cena cômica que merece ser destacada, pois além do aspecto cômico há a temática política e a questão do patriotismo é *O Brasil e Paraguai*. Encenada nos mesmos dias em que era apresentado o drama *Os Voluntários*, Furtado quis então levar ao palco a Guerra do Paraguai numa perspectiva séria, mas também divertida. Marzano (2008) novamente nos ajuda com o enredo da obra:

Em *O Brasil e o Paraguai* (1865), mais uma vez o personagem único é o senhor Brasil que, afirmando ser constantemente roubado por seus hóspedes, refere-se aos problemas político-militares da bacia platina, incluindo alusões, através de trocadilhos, aos conflitos entre *blancos* e *colorados* no Uruguai, ao ditador argentino Manuel Rosas, às frequentes violações das fronteiras brasileiras e à aliança entre o Uruguai, a Argentina, e o Brasil no combate às pretensões expansionistas do ditador paraguaio Solano Lopez. Escrita e encenada no início da Guerra do Paraguai, a peça, dedicada aos Voluntários da Pátria em sua versão de cordel, incentivava o alistamento com prova de patriotismo (Marzano, 2008, p. 153).

Além das cenas cômicas, Furtado Coelho levou em cartaz outras peças curtas, dos mais diversos gêneros. Foi encenado, por exemplo, o triálogo quase cômico de Augusto de Castro, *Tchang-Thing-Bung*; o vaudeville de Mendes Leal *Epitáfio e Epitalâmio*, o entre ato cômico *Um amor londrino*, de autoria desconhecida, o diálogo cômico *Os dois infernos*, de Vasques, que possivelmente faz referência a opereta *Orfeu nos Infernos* e o provérbio *Não há fumo sem fogo*, imitação de Cesar de Lacerda. No entanto, a imitação do autor português desagradou um espectador que foi até o Ginásio assistir os espetáculos do dia. Para o autor da nota, *Não há fumo sem fogo* não é uma peça para ser apresentada no Ginásio, um teatro que busca moralizar:



**Fig.38:** *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 17 de outubro de 1865, p.3, col.6. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/217280/25382>

Mas, somente as cenas cômicas, as comédias curtas de 1 ato e os dramas realistas não eram suficientes para concorrer com o Alcazar Lírico. Furtado Coelho, talvez sabendo disso, procurou diversificar ainda mais o repertório do Ginásio. O empresário português trouxe então para a sua casa de espetáculos a mágica e a música. Quanto a mágica, houve dois espetáculos, os quais foram apresentados pelo prestidigitador Peyres de Lajournad, em 7 e 8 de junho. Já as apresentações musicais ficaram sob a responsabilidade do artista português. Vejamos como surgiu a ideia das apresentações musicais no palco do Ginásio. Em 24 de agosto, no teatro Lírico Fluminense, o músico Comingio Gagliano apresentou um espetáculo musical, em que a partir de uma caixa contendo trinta e dois copos de cristais, o artista executava várias canções. Furtado Coelho, que foi ver a apresentação do artista nesse dia, pois não houve espetáculo no Ginásio

em sinal de respeito ao aniversário da morte de João Caetano, pensou que poderia fazer o mesmo, afinal ele também era músico. E foi o que ocorreu.

A primeira apresentação de copofonia por Furtado se deu em 9 de setembro, sendo apresentado ao público a melodia *Casta Diva*, da ópera *Norma*, e *Quand j'étais roi de beotie*, canção presente em *Orphée aux Enfers*. Mas não foi só isso. Houve ainda no ano de 1865 outras vinte e duas apresentações musicais, tendo Furtado executado outras canções, como por exemplo, uma ária da *Traviata* de Giuseppe Verdi, a valsa *O beijo*, composta pelo maestro Arditi, *Carnaval de Veneza* de Niccolò Paganini e a polca *Los Boleros*, composição do próprio Furtado Coelho.

Mas a copofonia não ficou a cargo somente de Furtado Coelho. Vasques também se aventurou nos copos de cristais, ou melhor, representou estar tocando os copos de cristais. Em sua cena cômica, *Mais um copologo*, Vasques mostrava toda a sua “destreza” e “facilidade” na execução da canção *O Beijo*. Podemos imaginar a comicidade da cena.

Os jornais comentaram as apresentações musicais. No *Jornal do Commercio*, uma nota destacava a evolução de Furtado na execução do instrumento:

Depois de alguns dias de interrupção dedicados ao estudo, tornou o Sr. Furtado Coelho a apresentar-se antes de ontem ao público com os famosos copos de cristal. Seja qual for o merecimento desta arte, é mister confessar que o Sr. Furtado fez nela rápidos progressos.

Em muito pouco tempo adquiriu pasmosa destreza, e ao vê-lo ferir com o dedo este e aquele copo, saltar de um para o outro, a esquerda e a direita, com rapidez e sem se enganar com nenhum, dir-se-há que o instrumento lhe é familiar há largos anos. Entretanto, sabe-se que foi um mero capricho que dele se apossou não há muito. Podia-se também notar que descobriu ele agora o segredo de, ao mais leve toque, produzir o som que assim ganha em pureza.

Observaremos ainda que algumas das variações introduzidas no *Carnaval de Veneza* não deixam de ter seu merecimento como composição musical.

(*Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 6 de outubro de 1865, p.1 col.6).

Já o *Correio Mercantil* comentava o desempenho de Furtado na execução da valsa *O Beijo*:

Ainda uma vez tivemos o prazer de ver confirmado o juízo que fazemos da habilidade e inteligência do simpático ator Furtado Coelho.

Quem há no Rio de Janeiro que não conheça *O Beijo*, a célebre valsa de Arditi? Pois bem, apesar das dificuldades dessa composição musical, apesar da presteza incrível, da agilidade extrema que requer a sua boa execução instrumental, o Sr. Furtado Coelho soube tirar dos copos as belas harmonias escritas pelo maestro italiano, e arrancar entusiásticos aplausos das pessoas que enchiam anteontem a sala do teatro Ginásio.

A maravilhosa execução do *Beijo*, achou rival na do *Carnaval de Veneza*; uma não excedeu a outra; em ambas mostrou o Sr. Furtado quanto podia. (*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 16 de outubro de 1865, p.2, col.3.)

Por outro lado, houve críticas a Furtado Coelho por apresentar os espetáculos de Copofonia. Em *Semana Ilustrada*, Dr. Semana argumentava que as apresentações nos copos de cristais são espetáculos frívolos que “nada significa e nada produz”:

Furtado Coelho, o artista inteligente e curioso, amador das belas artes em todos os seus ramos, homem de letras e homem de cena, apresentou-se como homem de copos e eis-lo que surge inopinadamente no teatro Ginásio e com uma bateria de copos d’água, de champagne, de vinho do Reno, despeje sobre o misero uma estativa de foguetes à congreve pondo-o em fuga e derrotando-o completamente.

A moralidade da fábula consiste no seguinte: nada de admirações parvas, nada de charlatanismo, nada de desprezar a arte verdadeira pela arte frívola.

Furtado Coelho não teve em certo em vista se não protestar em nome da sua curiosidade e do seu talento contra a misteriosa e acabrunhadora influência da tolice humana contra o mérito real das obras de inteligência.

O que o outro anunciou ser fruto de nove anos de estudo<sup>4</sup>, apresentou ele como o resultado de quinze dias de paciência.

E hoje, felizmente, não é só ele. Rara é a casa onde não se toca copos. Homens e crianças todos se entregam ao exercício frívolo que nada significa e nada produz.

Ainda bem. Queira Deus que a lição aproveite a todos os *tolos*. Os que admiram e os que se fazem admirar. (*Revista Ilustrada*, Rio de Janeiro, 17 de setembro, p.2, col.2).

A crítica de Dr. Semana não passou despercebida. Um crítico anônimo do *Correio Mercantil* se incomodou com os comentários e resolveu responder ao articulista:

Aconselhamos ao distinto artista Furtado Coelho, que quando alguma, vez ainda nos quiser deleitar com seus copos de cristal, peça primeiramente licença à espirituosa *Semana Ilustrada*.

O Dr. Semana incomoda-se com os copos de cristal. Não vá ouvi-los, que ninguém lhe quererá mal por isso. Mas não se faça fiscal do gosto do público, porque este afluindo em massa a ouvir o Sr. Furtado Coelho, não só prova que tem gosto mais apurado que o de S. S., mas o que é mais, que está em completo desacordo com a opinião da sua semana, a despeito da qual esperamos ainda muitas vezes admirar e aplaudir os copos, entre os quais há alguns de cerveja e do Reno, o que torna mais incompreensível a antipatia do espirituoso Dr. Semana. (*Correio Mercantil*, 23 de outubro de 1865, p.3. col.6.)

Apesar da negativa do crítico da *Semana Ilustrada*, os espetáculos de copofonia apresentados por Furtado Coelho atraíram uma boa parcela de público ao teatro Ginásio.

---

<sup>4</sup> Dr. Semana provavelmente refere-se ao artista Comingio Gagliano.

Assim, naquele ano de 1865, Furtado Coelho procurou diversificar ao máximo o repertório do Ginásio, com a mais variadas cenas cômicas, pequenas comédias, dramas realistas e espetáculo de música. Tudo isso para lidar com a concorrência do Alcazar Lírico.

## 5.2 O ano de 1866

No início do ano de 1866, Furtado Coelho continuou com a exibição dos dramas realistas e das cenas cômicas. Em relação aos dramas, foi encenado *Justiça, Suplício de uma mulher, Cancros Sociais e Desonra e Loucura*, sendo essa a adaptação que José Antônio Moniz realizou do drama *Lucia Didier*<sup>5</sup>.

Mas após as exibições desses dramas, o artista português decidiu se afastar do Ginásio por alguns meses, uma vez que seu desejo foi a de apresentar espetáculos de copofonia na cidade de Campos no interior do Rio de Janeiro (*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 11 de fevereiro de 1866, p.1, col.4).

O breve afastamento de Furtado do Ginásio, que na ausência do artista foi dirigido pelo ator Arêas, foi lamentado pelo crítico do periódico *Bazar Volante*. Como detalhou o articulista, com exceção do Alcazar Lírico, os teatros da Corte não viviam um bom momento, e, Furtado, poderia fazer algo pela arte dramática do Rio de Janeiro. No entanto, não foi isso que ocorreu. O artista preferiu seguir para Campos “tocar os copos”:

Os teatros da Capital do Império de Santa Cruz resumem-se todos no Alcazar. Amarga verdade que a fortuna permitirá que seja ouvida pelo nosso governo, e atendida a necessidade de dotar a Corte com um teatro normal, onde, reunidos os nossos melhores artistas dramáticos, se lhes dê boa direção e algum subsídio.

Antes disso serão baldados os esforços que se empregarem para sustentar uma companhia; a experiência de longos anos o tem demonstrado; e o facto de não haver na atualidade uma companhia regular entre nós, onde abundam excelentes artistas, o confirma sobejamente.

No teatro Ginásio, onde o público, confiando nos esforços do inteligente artista Furtado Coelho, esperava ver satisfeita a falta que sente de divertimentos, nada se faz que ateste empenho pela arte, e o que é mais, pelo interesse da empresa. O diretor e empresário com a sua copomania lá foi caminho de Campos tocar copos. (*Bazar Volante*, Rio de Janeiro, 25 de fevereiro de 1865, p.7, col.1).

---

<sup>5</sup> No entanto, no folheto da peça de José Antônio Moniz, disponível na biblioteca virtual do museu Lasar Segall, consta o título *Honra e Loucura*.



A mesma opinião do momento difícil do teatro brasileiro no início de 1866 teve Dr. Semana em *Semana Ilustrada*. Segundo o crítico era constrangedor “ver o marasmo teatral, a quase morte da arte, que vai definhando por falta de amparo e animação” (*Semana Ilustrada*, Rio de Janeiro, 4 de fevereiro de 1866, p.2, col.2).

O artista português permaneceu em Campos por três meses, retornando à Corte no início de maio de 1866 (*Diário do Rio de Janeiro*, 6 de maio de 1866, p.2, col.3); (*Correio Mercantil*, 5 de maio de 1866, p.2, col.5). E logo no seu reingresso ao Ginásio, Furtado levou em cena dramas importantes do seu repertório, tais como *Suplício de uma mulher* (onze apresentações), *Dalila* (cinco apresentações) e *Heloisa Paranquet* (quatro apresentações), drama de Armand Durantin, e que teve tradução de Aquiles Varejão.

O empresário português continuou apostando ainda no primeiro semestre de 1866 na exibição das cenas cômicas e nos espetáculos de copofonia. Porém, Furtado Coelho foi novamente criticado por exibir “péssimas cenas cômicas” e os espetáculos nos copos de cristais, sendo essa atividade, segundo alguns articulistas, uma habilidade fútil. Para o crítico, que assinava “Y”, Furtado, por ser um artista talentoso, tinha a obrigação de regenerar a arte dramática no Rio de Janeiro:

Considere o Sr. Furtado nestas observações, desprenda-se dessas futilidades, muito bonitas, muito curiosas em uma sala, mas sem interesse em um teatro, e faça alguma coisa pela arte dramática. Ninguém melhor quo S. S., ainda mais, nenhum outro além de si, possui as condições necessárias para obter aquele resultado. E, se S.S. não tomar essa cruz aos ombros, se a reação não partir da atual empresa do Ginásio, não longe estará o fim do teatro nacional, e ficará, o público desta capital reduzido às operetas do Alcazar e ao seu arremedo nos outros palcos. (*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 7 de junho de 1866, p.3, col.1).

Mas essa não foi a única crítica. Furtado Coelho continuou a ser criticado. Em nova nota publicada no mesmo periódico, o empresário primeiro é censurado por ter dispensando a atriz Antonina Marquelou e no seu lugar ter contratado Ismênia dos Santos, artista que havia entrado em conflito com Furtado ano anterior; e depois criticado pelo fato de que se o Ginásio continuasse a levar em cena dramas e cenas cômicas ruins, essa casa de espetáculo se tornaria um novo Alcazar:

**Pequeno theatro.**

A' artista D. Antonina Marquelou damos os sinseros agradecimentos por se mostrar uma artista como é, porque conheço o seu merito na sua arte de artista.

Agora, Sr. Furtado Coelho, faça da Sra. D. Esmeralda uma artista de merito, como o senhor tem dito, e póde anunciar os seus espectaculos e conte com a nossa protecção. Não é assim, Sr. Furtado Coelho, que se trata uma artista como a Sra. Marquelou, e agora deve estar satisfeito; mas a gloria é para aquella que soube conhecer o que fez; e o que devia ter feito á mais tempo era ter se despedido deste theatro pequeno, que já se está tornando um oatro alcazar, levando á scena dramas, taes como os que tem levado ultimamente, como o tal *Soiré de carnaval*, que nada tem gostado as familias; pois continue o Sr. Furtado Coelho a levar as taes scenas.

(Continuar-se-ha.)

Fig.39: *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 8 de junho de 1866, p.3, col.3. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/217280/26302>

O articulista “Y” fez questão de publicar mais um texto, criticando a proposta de espetáculos promovido pelo Ginásio. Nesse novo artigo, o crítico argumentava que depois de *Cancros Socais* e *Voluntários da Pátria*, Furtado Coelho não promoveu nenhum benefício a arte dramática, a partir de dramas que fizessem o espectador refletir acerca da moralidade, mas preferiu o artista partir para a “puerilidade de salão”:

Depois da representação dos *Voluntários* e dos *Cancros Socais*, dramas a que o público concorreu, dando, como se viu, interesse ao teatro, o que fez o Sr. F. Coelho em abono da arte dramática, em benefício do teatro brasileiro?

Montou duas ou três peças vistas em outras épocas, e deitou ao abandono a arte magnífica o sublime de Keane de Talma, para arrebatar ao Sr. Comingio as glórias da copofonia! Isto é: fez como o escultor que desprezou o mármore onde pudera criar uma Vênus de Milo, para ir gravar em casca de avelã uma Ave Maria! A missão gloriosa de edificar divertindo, o Sr. Furtado substituiu o gozo da puerilidade de salão!

Santo Deus! Como se proceda assim tendo-se a inteligência que tem o Sr. Furtado Coelho?!

O palco do Ginásio desce de espetáculo em espetáculo, a arte aniquila-se de dia para dia, e o tablado que devera, que podia, se o quisesse o Sr. Furtado, ser tribuna severa de moral, está invadido pela chalaça da cena cômica.

Entretanto é tempo ainda. O público, que tem direito a exigir do Sr. Furtado muito espera alguma coisa. Sacrifique, pois, o Sr. Furtado o seu egoísmo, as suas distrações individuais ao progresso da arte; afaste de si elementos heterogêneos, que lhe vão solapando o pedestal da sua elevação — e a gloria, o interessa serão seus.

Acolha o Sr. Furtado este parecer desinteressado, e mais tarde lisonjear-se-á de o ter seguido. (*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 9 de junho de 1866, p.3, col.6).

### 5.2.1. A exibição de *O anjo da meia noite*

Furtado Coelho não respondeu às críticas do espectador do Ginásio. Ele talvez tenha pensado que a melhor resposta viria no palco, levando em cartaz um drama realista. E foi isso que ocorreu, pois, em 5 de julho de 1866, estreou *O anjo da meia noite*, de Théodore Barrière e Edouard Plouvier, com tradução de Machado de Assis<sup>6</sup>. Tendo cinquenta e cinco apresentações durante todo o ano, um verdadeiro sucesso, o drama conta a história de Ary Koerner, um jovem médico alemão de poucas posses e de elevado caráter. Um certo dia, o jovem médico, saindo de uma taberna embriagado, vê uma estátua dentro de uma embarcação. Essa estátua, que tem forma humana, afirma ser o anjo da morte. A personagem exige, então, que Ary Koerner pare de ajudar as pessoas enfermas, pois do contrário a mãe do jovem médico sofrerá as consequências. Ou seja, a pobre idosa morrerá. O personagem não tendo escolha aceita o trato. Mas, passado alguns meses, ocorrerá a reviravolta. No dia do casamento de Margarida com o Ary Koerner, a jovem moça começa a sentir-se mal. Koerner tenta, então, salvar a amada, mas a estátua da morte, que está presente no local, relembra ao jovem médico do pacto. Esse dilema causa no personagem uma grande tortura emocional, restando ao personagem declarar todo o seu amor pela amada. No entanto, o anjo da morte, que ouviu toda a reza e percebeu a paixão do personagem por Margarida, numa atitude inesperada, decide desfazer o trato, afirmando que Deus, ou seja, a vida, “se deixou vencer pela fé, pela crença e pelo amor” (Barriere; Plouvier, 1876, p.135). Margarida, que estava quase morta, consegue, então, se restabelecer.

É possível imaginar que Furtado Coelho depositou grandes esperanças no espetáculo, esperando que ele fosse um grande sucesso, como foi. E muito desse sucesso, parece-nos estar relacionado com a característica da obra, pois o aparecimento de uma personagem sobrenatural e as cenas voltadas ao dramalhão, muito provavelmente conseguia causar algum encantamento ao espectador:

*O anjo da meia-noite* surpreende no conjunto das traduções, pois é uma peça sem nenhuma qualidade literária. Trata-se de um “drama fantástico”, muito em voga na ocasião. Esse gênero de peça combinava características da mágica e do dramalhão, isto é, os truques cênicos da primeira e o enredo mirabolante do segundo, com possíveis incursões pelo sobrenatural. Voltado para o grande público, anunciado nos jornais com “peça de grande aparato” ou “de grande

<sup>6</sup> A informação sobre a tradução da peça está presente no cartaz do espetáculo. Porém, a obra que está disponível para consulta na Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro, possivelmente não seja a tradução do escritor brasileiro.

espetáculo”, por causa da riqueza das montagens, o drama fantástico queria apenas divertir, impressionar, assustar o encantar o espectador. (Faria, 2010, p.56).



Scena do drama: *Anjo da meia noite*, actualmente representado no theatro Gymnasio.

**Fig.40:** *Semana Illustrada*, Rio de Janeiro, 8 de julho de 1866, p.5. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/702951/2332>

No entanto, antes de a peça ter subido em cena, o empresário do Ginásio foi criticado em razão dos altos preços dos ingressos. Para termos uma ideia, Furtado estipulou o valor do camarote de 1º ordem em 12\$000 réis, o de 2º ordem 15\$000 réis, o de 3º ordem 6\$000 réis e as cadeiras em 2\$000 réis (*Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 30 de junho de 1866, p.4, col.6). Um espectador, talvez querendo ver o espetáculo, mas se deparando com o preço do bilhete, foi ao jornal expor o seu descontentamento com o empresário:

Todo o mundo sabe que as libras esterlinas, subiram ao alto preço de 13\$ e 14\$, pois o empresário do Ginásio é tão feliz que já teve quem depositasse em sua mão 2,000 para poder obter um camarote para a primeira récita do *Anjo da meia noite* !!! custa a crer e no entanto nada é mais exato; em New York, onde chegou rapidamente a fama deste drama, houve quem assistisse a 600 representações, houve até quem deu 1,000 dólares por um camarote para ouvir a Jenny Lindy! Que importa isso: aqui haverá quem assista a 1,200 representações, e já há quem desse ao empresário 2,000 libras esterlinas para ouvir a Ismênia. Isto prova o nosso progresso e a nossa civilização. (*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 24 de junho de 1866, p.3, col.1).

Alguns dias depois, nova crítica a Furtado foi publicada no *Correio Mercantil*. Seguindo o mesmo pensamento do comentário anterior, o crítico não concordava com os altos preços dos bilhetes:

Está em ensaio e deve subir amanhã à cena no Ginásio o drama daquele título. O público do Rio de Janeiro ignora em geral o quilate desse drama: é para ele uma promessa que se lhe faz assim com caráter de segredo de leilão das barracas do Espírito-Santo.

Com isto não se pretende dizer que o trabalho seja mau ou bom; o nosso intento é somente precaver o público, para que se não deixe embair por promessas de cartazes *em rouge*, nem por publicações a pedido, adrede arranjadas, afim de chamar a concorrência

Esse procedimento é que revolta, nem sabemos para que deles deitar mão quem tem a consciência do seu mérito.

Lá o empresário impor, elevar, arredondar a cifra dos preços para as primeiras representações, compreende-se: o teatro é seu, pode fazer dele, como tem feito, o uso que lhe aprouver. Mais bonito, mais decente, mais lícito seria, porém, que esperasse pelo sucesso do drama, para então alegar grande afluência de encomendas, ainda que tal não houvesse.

Mas assim não parece bem, principalmente a um teatro que dispõe de tantos recursos, que para ter noites cheias bastava... bastava acrescentar nos seus cartazes: Toma parte a Sra. Ismênia. (*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 4 de julho de 1866, p.3, col.3).

Porém, as duas notas não foram as únicas. Quando a peça já estava em cartaz, um terceiro espectador reclamou do camarote da 3<sup>o</sup> ordem, que mesmo tendo um alto um alto valor, não dispunha do devido conforto:

Quando o Sr. Hermann, nas primeiras representações que deu ultimamente no Teatro Lírico, estabeleceu os preços de cadeiras os camarotes para 03 seus espetáculos, houve logo quem os achasse exagerados e aconselhasse ao artista que pusesse os preços na altura das possibilidades e circunstancias atuais do povo.

Para as representações do *Anjo da meia noite* houve apenas elogio, elogio e elogio.

Ninguém fez reparo no preço excessivo dos camarotes!

Ainda mais. Ao passo que se elogiava o esmero do *mise-em-scène* (sic) e que se levantavam os preços dos camarotes, e que, portanto, o povo afluía para a 3<sup>o</sup> ordem, retiraram dali os assentos, deixando apenas um tosco banco de pau pintado e uma ou outra cadeira furada. O espectador da 3<sup>o</sup> ordem, que quiser água há de descer, que lá nas torres há apenas uma moringa quebrada...

Revela isso descuido da empresa, falta de meios, ou será uma *ruse* para que o público busque nas outras ordens as comodidades a que, entretanto, tem direito também na 3<sup>o</sup>? (*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 18 de julho de 1866, p.3, col.7). Acesso em 1/12/2017.

Apesar do problema do preço dos ingressos, o público e os críticos teatrais compareceram ao Ginásio para conferir o espetáculo apresentado. “A.F.”, folhetinista do *Diário do Rio de Janeiro*, por exemplo, entendeu que o drama foi bem executado:

A execução correspondeu ao que o autor poderia desejar em suas maiores exigências. O empresário excedeu-se quer nas decorações, quer no estudo e ensaio da peça. O cenário foi sempre apropriado, sempre ornado a capricho e depurado gosto: o do 2º ato e o do 1º quadro ao 5º, principalmente, são magníficos. (*Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 14 de julho de 1866, p.1, col.3).

Já a atuação dos atores, o articulista fez questão de exaltar Furtado Coelho no papel de Ary Koerner:

Furtado Coelho, no Dr. Ary Koerner, selara a sua reputação, se já não a tivesse tão bem estabelecida. As angustias, que no 1º ato o torturam entre os credores, a fome, as propostas infames que lhe fazem, e sobretudo as lágrimas de sua mãe; a embriaguez do 2º; a escolha, que é obrigado a fazer, no 1º, entre a morte de quem lhe deu o ser e a morte do quem lhe vai dar a felicidade, a prece, que dirige a Deus pela existência de sua amada; os encontros com o anjo terrível, do contínuo ameaçando os queridos de seu coração, tudo é feito, todos os sentimentos, todas as dores íntimas são expressados pelo distinto artista com admirável proficiência. Em muitas ocasiões o espectador reconheceu que as palmas e os bravos eram aplauso insuficiente; impressionado ficava quieto e mudo. (*Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 14 de julho de 1866, p.1, col.4).

Ismênia dos Santos igualmente agradou o crítico teatral. No papel do Anjo da Morte, a atriz soube apresentar o caráter frio que o personagem exigia:

A Sra., Ismênia, é a primeira vez que a vimos em cena, pouco tinha a fazer, mas esse pouco fê-lo. No terrível anjo soube conservar aquele tom glacial, aquelas posições rígidas do cadáver, que incomodavam quem via e quando, despindo-se de suas roupas sobrenaturais, incarnava-se no invólucro terrestre e vestia o paletó do ajudante do tabelião ou tomava os trajes do amor que mata, a Sra. Ismênia sem dúvida alguma muito agradou ao público. (*Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 14 de julho de 1866, p.1, col.4).

Os articulistas de *Semana Ilustrada* também apreciaram o espetáculo<sup>7</sup>. Em comentário do dia 8 de julho, o crítico “A” destacava a atuação dos atores nos diversos atos:

Mais um esforço. Ainda uma tentativa séria acaba de acontecer no palco deste teatro. A maneira porque o artista Furtado Coelho conseguiu por este

<sup>7</sup> Além do comentário do dia 8 de julho, *O anjo da meia noite* foi abordado também nos dias 15 de julho e 22 de julho de 1866.

excelente drama em cena, é digna de todos os louvores; os seus papéis confiados aos artistas deste teatro tiveram uma execução admirável; parecia um desafio; cada artista primava por seu lado. Nada falta neste drama.

O público entusiasmado redobra de aplausos e de admiração a cada cena que aparece. Seria temeridade afirmar qual dos atos é melhor. A cena do primeiro ato entre os Srs. Furtado, Vasques e Arêas, em que a riqueza do talento e da sabedoria humilha os parlapatões milionário, a majestade da entrada do Anjo da Meia Noite no 2º, a cena dos parentes no 3º, o desafio, no 4º, o duelo no 5º e a luta do médico com a morte, no último ato, tendo aquele de escolher entre sua mãe e a noiva, são de um efeito tal que só vendo e ouvindo se pode julgar; descrevê-lo é impossível.

O público tem na representação deste drama tudo quanto se pode oferecer de belo e grandioso. (*Semana Ilustrada*, Rio de Janeiro, 8 de julho de 1866, p.7, col.2).

Já o articulista do jornal *Bazar Volante* comentava a mise-en-scène apresentada no espetáculo, principalmente os efeitos de luz e as combinações cênicas de grande valor:

A exibição do *Anjo da meia noite* é a maior novidade da semana; assim como Furtado Coelho é o maior artista do seu tempo. E não se duvide disto; porque quando a criação de um papel chega a ser admirada por uma plateia inteira: quando ao cordão mágico do talento se ouve um bravo uníssono rebentar espontâneo dos lábios de quinhentos espectadores; a dúvida cai; as comparações cessão; e o jornalista tem a convicção de ter coroado o artista com os louros do público e sente-se orgulhoso de avançar uma proposição, provada de antemão por quinhentas opiniões.

*O anjo da meia noite* é drama fantástico, semeado de peripécias que vão prendendo até ao desenlace a atenção do espectador.

Além de um mise-en-scène pomposo (sic), de efeitos de luz surpreendentes, e de combinações cênicas de súbito valor — é o *Anjo da meia noite* obra literária de muito mérito, amenizada por trechos repassados de religião e de moralidade, e por um movimento cênico quase sempre justificado.

Era já tempo de vermos na nossa cena um espetáculo desta ordem: era tempo de arrancar o teatro dramático, abatido e quase moribundo, das garras do indiferentismo que o ia minando. (*Bazar Volante*, Rio de Janeiro, 22 de julho de 1866, p.6. col.2). Acesso em 30/11/2017.

Por fim, parece-nos importante destacar a presença do coro no espetáculo. Como observou um espectador anônimo, essa função, a qual foi desempenhada por artistas alemães, proporcionou mais beleza à apresentação:

Alguns cavalheiros allemães têm auxiliado effizamente o desempenho do drama o *Anjo da meia noite* no theatro Gymnasio, cantando varios côros.

Desejando testemunhar-lhes o seu agradeciment por essa valiosa cooperação, a empresa daquelle theatro concedeu um espectáculo em beneficio da sociedade de Beneficencia Allemã, que ultimamente se realizou, e offerece outro, que se realizará hoje, em beneficio da edificação de um collgio allemão.

O publico, que tem applaudido a boa execução dos actos do drama *O anjo da meia noite*, não deixará de auxiliar a empresa concorrendo para o bom exito dessa caridosa offerta.

A peça que se representa é *O anjo da meia noite*

**Fig.41:** *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 8 de agosto de 1866, p.2, col.5. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/217280/26545>

Por outro lado, *O anjo da meia noite* sofreu alguns percalços pelo caminho. O primeiro deles foi a saída repentina do ator Arêas da companhia no início do mês de agosto. Furtado precisou rapidamente contratar o ator Guilherme de Aguiar para fazer o papel do Barão de Lambeck. O segundo diz respeito às críticas ao cenário, ao drama e a atuação de alguns atores. Quanto ao cenário, um espectador anônimo constatou incorreções “na vista do lago, em que os objetos aparecem pela parte oposta à lua demasiadamente iluminados pela luz que dela reflete”. Ou seja, o cenário da cena em que Ary Koerner, ao sair da taberna encontra o anjo da meia noite, não ficou adequado (*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 7 de julho de 1866, p.2, col. 4). Já os problemas relativos ao drama e atuação dos atores vieram do folhetinista “V.” do *Correio Mercantil*. O crítico observou falhas no aspecto estrutural do drama e na questão que envolvia o desempenho dos atores. No que diz respeito ao aspecto formal, o personagem do anjo da meia noite “carecia de mais força e energia”. Como explica o crítico:

A sua ação no drama é pouco proeminente. A não ser o prestígio sobrenatural, a natureza da sua entidade, cairia a falta de vigor, pouco interessaria tal personagem. Assim como foi traçada, torna-se acessório para o entrecho da peça. (*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 30 de julho de 1866, p.1. col.2).

As críticas não ficaram só nisso. O articulista ainda constatou que algumas cenas eram desnecessárias ao drama:

Ordinariamente o diálogo é bem travado e conduzido com aticismo; os caracteres desenhados são bem sustentados, as cenas animadas, interessantes, graciosas, exceção feita de algumas, como, por exemplo a da disputa no 3º ato entre os herdeiros do conde de Stramberg.

Posto que comuns na vida, tais cenas parecem impróprias em certos casos, em dramas como o *Anjo da meia-noite*. Quando menos, achatam-nos, reduzem-



nos ao chão da baixa comedia. (*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 30 de julho de 1866, p.1. col.3).

Quanto ao desempenho de alguns atores, a crítica foi mais incisiva. O folhetinista explicou a necessidade dos artistas estudarem os traços, as especificidades dos seus personagens e até mesmo, o estudo de um país, no qual se passa as ações, para assim, desempenhar bem um papel:

O estudo do país em que se passa a ação de um drama, do caráter e natureza que se quer reproduzir na cena é a principal condição para o perfeito desempenho da peça. Deixada esta condição de parte perde a composição uma das suas essenciais qualidades, e sem elas a sua representação aumenta o prejuízo que de ordinário recebe na tradução, embora cuidada com esmero. Sem estudar a natureza das personagens que tinham de reproduzir, ajeitando-as antes aos seus hábitos do que amoldando-se ao caráter delas, desfiguraram-as, empalideceram-as aqueles artistas.

E isto sucederá sempre que o ator se vista e caracterize isoladamente, sem atender a relação que deve guardar, que deve conservar entre si e os outros, entre os personagens e o lugar de ação. (*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 30 de julho de 1866, p.1. col.3).

No entanto, tal estudo não foi realizado pelo ator Vasques, pois o artista ao interpretar o médico ignorante Ranspach não deveria ter exagerado nas “gaiatadas”. Ou seja, Vasques poderia realizar “exagerados ademanos” em uma cena-cômica, por exemplo, mas não em um drama sério:

O Sr. Vasques, por exemplo, que foi incumbido de reproduzir a personagem ridícula de um médico ignorante, tomou a licença de 193ceita193193193a-lo faceta, substituindo a afetação de gestos pretenciosos por deslocadas momices e exagerados ademanos. Acreditou que lhe era lícito enfeitar com as missangas das suas aplaudidas gaiatadas o personagem de um drama sério. (*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 30 de julho de 1866, p.1. col.3).

Já em relação a Ismênia dos Santos o problema estava no riso. Se para o folhetinista do *Diário do Rio de Janeiro* a artista soube conservar um “tom glacial”, para o articulista do *Correio Mercantil* o riso da atriz não deu a “ideia do riso glacial”, próprio do sorriso da morte:

A Sra. Ismênia coube o desempenho do papel do Anjo da meia-noite. Foi-lhe ele mal distribuído. Como o Sr. Arêas, a Sra. Ismênia desafina a todo o momento. O seu riso não dá ideia do riso glacial, irônico, de escárnio, incisivo, que devera ser o riso da morte; a Sra. Ismênia ri-se comumente, como se ri no foyer, como se ri no seu camarim.

Veze há em que parece esquecida da cena, indiferente ao que lhe vai em torno. *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 30 de julho de 1866, p.1. col.3).

Mas se Vasques e Ismênia dos Santos pecaram em suas apresentações, Furtado Coelho desempenhou com perfeição o seu personagem. O crítico então destaca a cena final, em que Ary Koerner vive o dilema entre salvar a amada ou sofrer as consequências do seu ato:

Talvez em teatro nenhum onde este drama tem subido a cena haja sido tal personagem tão perfeitamente entendida, estudada e representada como o é pelo Sr. Furtado Coelho.

Este artista eleva-se neste papel a uma altura surpreendente.

Entre outros lugares, na cena do 3º ato, na fala que começa: “Margarida, eu parto amanhã”. Esse idílio, esse poema de amor e de ternura, em que respira a afeição, o respeito e uma saudade futura disse o talentoso artista com arrebatadora verdade!

Há quem o increpe da frieza nessa fala. Pronunciá-la por outro modo seria matá-la. A calma, a resignação e sobretudo o caráter alemão ali são magistralmente desenhados.

Entre as suas mais perfeitas criações deve o artista contar com vantagem a do Dr. Koerner.

No quadro final, na luta travada entre o amor filial e o amor pela esposa, aquele desespero, aquela angustia excruciante em presença da morte ameaçadora, inexorável, e em vista da ciência impotente e frágil, aquele aneiar (sic) despedaçador, que é traduzido por exclamações entrecortadas, são os esforços supremos da arte, vencidos pelo inteligente ator.

A oração é dita com expressão sublime de unção, a derrama em torno, no espírito da plateia, que ansiosa e ofegante a escuta, o sentimento benéfico da fé. No gesto, no olhar, na voz, o artista arrasta consigo os ânimos, e o espectador comovido reza também com ele. (*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 30 de julho de 1866, p.1. col.6).

Assim, a partir da leitura dos textos críticos referentes ao *Anjo da meia noite*, podemos constatar que o espetáculo foi elogiado, mas também sofreu algumas críticas. No entanto, apesar dessas críticas, o drama foi um grande sucesso de público, alcançando, como já afirmamos anteriormente, em torno de cinquenta e cinco apresentações durante todo o ano.

### **5.2.2. O barbeiro de Sevilha**

Após a exibição da obra Théodore Barrière e Edouard Plouvier foi levada a cena no Ginásio outra obra francesa: a comédia *O barbeiro de Sevilha*, de Beaumarchais. Com tradução de Machado de Assis (Faria, 2010, p.54), o espetáculo, que estreou em 7 de setembro de 1866, foi logo elogiado pelo crítico teatral Salvador de Mendonça, do *Diário do Rio de Janeiro*. Sobre Furtado Coelho, que fez o papel de Fígaro, o folhetinista comentava a capacidade do artista em realizar os mais variados papéis, ora dramático, ora cômico, com a mesma competência:

Não há muito que, trajando as vestes de outro moralista, as do Carnioli de Otavio Feuillet (que, seja dito de passagem, é quem tem agora em França o cetro dramático), ao narrar a primeira execução do *Último canto do Calvário*, o dilacerar de um coração de pai extremoso e o angustioso passamento da vítima angélica; não há muito que fazia ele pender de sua boca as centenas de espectadores que com ele o por ele ansiavam.

Ontem, encarnação de Proteu, sob a roupagem garrida do barbeiro andou lesto e presto por sobro o tablado em meneios de verdadeiro endemoninhado, a ensinarmos o como devemos admirá-lo sob tão opostas faces.

Tu sabes como se opera o milagre?

Toma um diamante, de bem puras águas e de corretíssimo lapidado: olha-o e te em de cegar seu brilho; volve-o, te em de cegar outra vez; revolve-o, te em de cegar ainda; continua a 195ceit-lo, continuará a deslumbrar-te. Furtado Coelho é assim. (*Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 9 de setembro de 1866, p.1, col.4).

Na *Semana Ilustrada*, os comentários do espetáculo ficaram sob a responsabilidade do articulista Gil Brás e novamente Furtado Coelho foi elogiado. Para o crítico, o artista português, que acabara de fazer o papel de Ary Koerner, atuou em um papel totalmente diverso, mostrando “que não há barreira insuperável para o seu múltiplo e vigoroso talento” (*Semana Ilustrada*, Rio de Janeiro, 16 de setembro de 1866, p.7, col.1).

Por outro lado, Furtado Coelho foi criticado por sua atuação em *O barbeiro de Sevilha*. Uma nota publicada na “Gazetilha” do *Jornal do Commercio* comenta que o artista português é talentoso, mas que “não nasceu para barbeiro” (*Jornal do Commercio*, 9 de setembro de 1866, p.2, col.3). Porém, o crítico não desenvolveu uma análise na sequência do texto que explicasse o seu ponto de vista.

A comédia de Beaumarchais teve sete apresentações, um número pequeno de récitas. Porém, havia uma explicação para esse fracasso. Segundo o folhetinista do jornal *A Pacotilha*, a falta de êxito, explicava-se pelo fato de que *O barbeiro de Sevilha* foi encenado depois do *O anjo da meia noite*. O crítico então argumentava que se o drama de Barrière tem a qualidade de “contentar aos olhos”, a obra de Beaumarchais “fala mais ao espírito”. No entanto, o público, segundo o articulista, não estaria pronto para “ver e sentir coisas tão esquisitas”:

O Ginásio tem a contar em seus anais uma história de duas palavras, história de ontem, história de pasmar. O Ginásio há de dizer que o *Barbeiro de Sevilha* não pode conseguir um acolhimento agradável do público, e que no entretanto o *Barbeiro de Sevilha* é do Beaumarchais, a tradução é de Machado de Assis, e que a crítica, em artigos do *Diário*, em nome de Salvador de Mendonça, batizou e crismou a comédia, a tradução e a representação.

Ora essa história, que talvez ninguém acredite, precisa de um reparo. Façamo-lo nós.

*O Barbeiro de Sevilha* não agradou porque foi representado após o *Anjo da Meia-Noite*. Ora se este contenta tanto os olhos, aquele fala mais ao espírito, e o nosso público ainda não está tão educado que possa ver e sentir coisas tão esquisitas. Preparem-lhe o paladar e depois deem-lhe os petiscos.

A crítica hiperbólica do Sr. Salvador de Mendonça não apagou no público a crítica do *Jornal do Commercio*, e não o conseguirá por certo se continuar no mesmo trilho. Disse Gustavo Planchet e disse uma verdade: “Os louvores são estéreis”. (*A Pacotilha*, Rio de Janeiro, 29 de setembro de 1866, p.2, col.2).

O fato de *O barbeiro de Sevilha* não ter tido um “um acolhimento agradável do público”, obrigou o empresário a voltar a encenar *O anjo da meia noite* até o final do ano. Mas o empresário tinha ainda uma outra carta na manga: encenar o seu drama *O ator*, obra que já havia sido encenada quando o artista esteve em temporada na região sul do país.

### 5.2.3. A polêmica envolvendo o drama *O ator*

A peça de Furtado Coelho, que constitui a primeira parte da obra *Amor da arte*, subiu em cena em 7 de novembro de 1866, com a presença da família imperial no camarote do Ginásio. E alguns dias depois da estreia, os comentários sobre a obra e o espetáculo despontaram nos jornais. No *Diário do Rio de Janeiro*, um texto não assinado, mas que leva a crer ser de A. F. de Castilho<sup>8</sup>, nos dá informações valiosas sobre o enredo da peça<sup>9</sup>. Detalhe para o prólogo da obra, que tem alguma proximidade com o prólogo de *As mulheres de mármore*:

Foi uma festa literária e artística o espetáculo de antes de ontem no Ginásio dramático. Apresentou-se pela primeira vez o drama do Sr. Furtado Coelho, *O Ator*, dividido em um prólogo e 4 atos; e o público numeroso e entusiasta, premiou o poeta com palmas e flores, chamando-o a cena repetidas vezes. O Sr. Furtado Coelho já fez representar na nossa cena, há anos, um provérbio em um ato, que mereceu acolhimento simpático da parte dos espectadores e da imprensa.

A nova obra é de outro valor. Designado como a primeira parte de uma composição, cuja segunda parte será representada depois, *O Ator* nada perde por isso, porque é uma peça sobre si, composta de uma só ação. Esta peça é nada menos que uma apologia da arte e da profissão dramática. É o terreno do autor; é a sua própria causa que ele defende, o com um talento que nos apressamos a honrar e aplaudir.

<sup>8</sup> Essa informação está contida no artigo de Furtado Coelho, publicado no *Correio Mercantil* de 10 de novembro de 1866.

<sup>9</sup> O livro *Amor da arte*, no qual insere-se o drama *O ator*, está disponível para consulta na Biblioteca Parque Estadual, no Rio de Janeiro. Tivemos acesso à obra. No entanto, constatamos que o livro está fragmentado, havendo somente a *Conversação Preambular*, ou seja, os comentários relativos à peça escritos por Furtado Coelho, e trechos do prólogo. Já o conteúdo que corresponde os atos foi perdido.

Parte e juiz no mesmo pleito, o autor lavra uma sentença dupla, e ao passo que intima a sociedade em nome da profissão legítima que exerce, aponta aos que seguem com ele essa profissão o exemplo das virtudes sociais. O que o autor quisera ver estabelecido em toda a plenitude era: de um lado a reforma dos costumes, do outro lado o espírito de tolerância, ou antes como ele diz [...] e resumidamente a perfeita igualdade de todos os direitos legítimos.

Tal é a sua ideia, tais são as conclusões da sua peça. Para reduzir essa ideia a uma matéria dramática, o autor imaginou uma ação que, por lenta e simples que seja, nem por isso deixa de manter um vivo interesse. O prólogo é um quadro simbólico. Passa-se em Atenas, no Cerâmico, entre alguns filósofos, poetas e cortezões, e é um dos atos mais bem escritos, revelando atento e notável estudo.

Liga-se esse prólogo a peça por uma ideia capital e pela transformação de alguns personagens que vão exercer nos outros atos o mesmo papel do prólogo. Dispensamo-nos de referir o enredo que se lhe segue, e que o público preferirá ir ver.

A ação desenvolve-se sempre debaixo da ideia principal do autor, que jamais se perde, que é o fundo e o fim do drama, ideia que o autor encarna no papel do Alberto Vidal.

Já sabemos qual é a expressão moral da peça do Sr. Furtado Coelho; e nada mais legítimo do que esta defesa da sua classe feita por um homem que a abraçou por vocação. Não é possível 197ceita197-la com mais paixão do que o faz o distinto artista. (*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 9 de novembro de 1866, p.3, col.1).

Ao final, o crítico anônimo aproveitava para comentar alguns aspectos que envolviam o plano estrutural do drama:

Quanto aos seus méritos literários, folgamos em reconhecer que desde o prólogo até o último ato, há em toda esta peça um cuidado do estilo, uma beleza de linguagem, que ficará sendo um título do Sr. Furtado Coelho. A ação é simples e caminha lentamente, mas as situações são cheias de interesse, entre outras a da separação de Alberto e do pai, e a do pedido de casamento ao conde de S. Roque. Nesta última cena, mencionei a grande fala de Alberto, que arrancou ardentes aplausos.

Os defeitos da peça são da natureza daqueles que se não esquivam numa primeira obra do grande fôlego, o são defeitos, não no livro, mas na cena. O autor estava cheio do seu assunto e abundou em algumas cenas e monólogos; em alguns pontos conviria mesmo diminuir a parte doutrinária a fim de dar-lhe ainda maior realce nas grandes situações. Feitos estes reparos, saudamos no distinto ator que dirige a companhia do Ginásio, um talentoso ator dramático que está desde já obrigado a não abandonar as letras. (*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 9 de novembro de 1866, p.3, col.1).

Já na *Semana Ilustrada*, a responsabilidade de comentar o drama de Furtado Coelho ficou para Dr. Semana. Em uma nota contida na edição do dia 11 de novembro, o articulista abordava que o espetáculo foi muito aplaudido pelo público e que o drama “é bem escrito, interessante, cheio de belas ideias e belas cenas”. Ao final da récita, como era de costume,

Furtado foi chamado ao palco para receber uma coroa de louros (*Semana Ilustrada*, Rio de Janeiro, 11 de novembro de 1866, p.2, col.1).

Houve ainda um outro comentário em *Semana Ilustrada*, mas desta vez escrito por Gil Braz. Novamente, temos informações importantes acerca do drama do artista português:

A ação do prólogo, independente da do drama, encerra a síntese vigorosa da obra. O ator Jônio é a encarnação do pensamento do autor – a nobilitação do ator pela nobilitação do palco.

No Cerâmico, em casa da cortesã grega Theodota, reúnem-se filósofos, poetas e artistas, e, entoando, licenciosos cantares, dissipam a existência, enervando a vitalidade intelectual no torpe sensualismo da orgia.

No meio dessa sociedade corrompida e corruptora surge o vulto nobre e austero de Jônio, o ator vidente, que, devassando com os olhos do entendimento os precintos do porvir, antevê através dos séculos o teatro erguido a altura de um templo de moral social.

Jônio sucumbe, não morre; pois que a ideia é imorredoura. Expira depois de haver lançado aos ventos da civilização o pólen da regeneração da arte dramática.

O prólogo é, pois, como conceituosamente o denominou o autor, *a aurora do teatro*.

Por uma filiação lógica a ideia cardeal do prólogo prende-se ao desenvolvimento, habilmente calculado, da ação do drama.

As cenas são da atualidade; e os caracteres, que nela figuram, acham-se traçados com vigor e colorido.

Estão face a face a fidalguia do sangue e a fidalguia da inteligência; entre uma e outra – o amor. (*Semana Ilustrada*, Rio de Janeiro, 18 de novembro de 1866, p.7, col.1).

Após as considerações apresentadas, o articulista destacava algumas ações do drama. Gil Braz comentava, então, por exemplo, que Jônio é “transfigurado em Alberto Vidal” e o desejo desse personagem em ser ator:

Trava-se a luta. Jônio, transfigurado em Alberto Vidal, tem de arcar com os preconceitos sociais, que combatem-se, e abatem-se, segundo a bela frase do autor; tem de afrontar as iras de uns e os sarcasmos de outros para, ao termo de seu longo, mas glorioso martírio, conquistar para os teatros os foros de nobreza em prol dos quais tenazmente pleiteara perante a sociedade.

É digno de ver-se, e ninguém o verá impassível, aquele tempestuoso embate de tantos e tão veementes sentimentos, de tantas e tão frementes paixões, descritas em linguagem opulenta, em estilo florido, em imagens radiantes de beleza.

Não nos demoraremos em esboçar a ação do drama: apenas, dentre as muitas cenas palpitantes de interesse dramático, apontaremos uma ou outra das que mais vivos aplausos arrancaram a um auditório numeroso e conspícuo.

São, em verdade, profundamente sentidas e sentidamente escritas: a cena final do 1º ato entre Alberto Vidal e seu pai, na qual o filho declara ser irrevogável a resolução de abraçar a carreira do palco: a do 2º ato entre André Vidal e Helena, que pede um lugar no teatro, mas recusa [...] a esmola de Vidal: a cena em que Vidal faz a D. João a revelação do seu amor por Amélia: a cena entre

Alberto Vidal e o Conde de S. Roque, na qual o artista solicita a mão de Amélia: a cena do delírio do último ato, e quantas e quantas!  
 Fora ocioso dizer mais em relação ao drama: as palmas; os bravos uníssonos e calorosos do público consagraram o seu esplêndido triunfo. (*Semana Ilustrada*, Rio de Janeiro, 18 de novembro de 1866, p.7, col.1).

Por fim, não podia deixar de ser abordado a atuação dos atores e a mise-en-scène apresentada. Para o articulista, nada deixou a desejar:

No prólogo, Furtado Coelho foi sublime, Pimentel disse poucas palavras, mas disse-as magistralmente, Heller deu as suas falas o cunho de austeridade que o personagem requeria.  
 No drama, Ismênia teve lances realmente comoventes: nas cenas, que indicamos, do 2º ato, dir-se-ia que tinha lágrimas na voz: Vasques, no modo porque se houve no 2 e 4º atos, provou mais uma vez a ductilidade do seu talento: Monclar reproduziu com extrema facilidade o tipo que o autor criara: Julia Heller, Rosina e Aguiar mostraram-se dignos de aplauso.  
 A cerca de Furtado Coelho confessamos ingenuamente que nos deslembramos frases encomiásticas assaz expressivas. É preciso vê-lo e ouvi-lo para admirá-lo e extasiar-se ante o seu inspirado talento.  
 Releve-se nos acrescentar que, declinando estes nomes, não desconhecemos contudo que os demais artistas contribuíram, na medida de suas forças, para o brilhante êxito da exibição cênica do drama, que teve para 199ceita199199-lo uma esmerada mise-en-scène. (*Semana Ilustrada*, Rio de Janeiro, 18 de novembro de 1866, p.7, col.1).

O drama *O ator* foi comentado ainda em outros periódicos, sendo todos os textos elogiosos<sup>10</sup>. No entanto, uma crítica negativa à peça de Furtado surgiu na imprensa, proporcionando uma nova polêmica ao currículo do artista e empresário.

Tudo iniciou, quando, o redator da “Gazetilha” do *Jornal do Commercio*, ao abordar o drama do dramaturgo português, achou pertinente citar a *Conversação Preambular*, texto em que Furtado comenta sobre a sua obra<sup>11</sup>. Nesse texto do articulista anônimo, é explicado, logo de início, a argumentação do artista, de que sua obra *O ator* tem como “ideia reivindicar para a classe dos atores o lugar que lhe compete na hierarquia social”:

Diz nos ele que a sua ideia foi reivindicar para a classe dos atores o lugar que lhe compete na hierarquia social, inspirando para isso por um lado a mesma classe a consciência da sua própria dignidade e dos deveres que ela lhe impõe, e por outro mostrando à sociedade a missão moral e civilizadora do teatro, assim constituído templo, cujos sacerdotes, quando dignos das funções que

<sup>10</sup> No *Diário do Rio de Janeiro*, Salvador de Mendonça analisou a peça, em artigos publicados em 18, 24 e 29 de novembro. No jornal *A Regeneração*, Manuel Antônio Major comenta *O ator*, nas edições dos dias 11, 21, 30 de novembro e 10 de dezembro. Já em *Bazar Volante*, há um texto publicado em 2 de dezembro.

<sup>11</sup> A *Conversação Preambular* foi publicada em folheto, na época. (*Diário do Rio de Janeiro*, 2 de novembro de 1866). Depois, Furtado Coelho publicou o texto no seu livro *Amor da Arte*.

são chamados a exercer, devem impor respeito e acatamento. (*Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 9 de novembro de 1866, p.1, col.2).

Mas para o crítico, destacando o que Furtado Coelho havia escrito na *Conversação Preambular*, a peça é uma “propaganda a favor dos atores” e não um drama:

Sendo o primeiro a reconhecer os defeitos que pode ter a sua obra como composição dramática, demasiada extensão de diálogos e monólogos, e quase carência de ação, o autor observa que o seu fim único foi a propaganda a favor dos atores. Diretor de um teatro, tinha ele pleno direito de escolher para esta propaganda o seu palco: nem poderia queixar-se o público, previamente advertido que que ia antes ouvir discorrer sobre arte dramática e dignidade de atores, do que assistir um drama. Igual direito, porém, não nos parece que lhe [...] para, falando na sua conversação preambular do efeito extraordinário que no Rio Grande do Sul causou o ator todas as vezes que foi a cena, atribuir isto a serem os públicos daquela província dos mais inteligentes do litoral brasileiro, como que insinuando que, para no conceito do autor merecerem foros de inteligentes, devem todo os públicos admirar-lhe a obra. (*Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 9 de novembro de 1866, p.1, col.2).

As informações do crítico do *Jornal do Commercio* não estão incorretas. Furtado Coelho, na sua *Conversação Preambular*, deixava evidente qual a ideia em relação ao drama *O ator*:

O assunto sobre que assentam as bases da minha peça, e nela é levada a uma altura importante, versa sobre uma tese até hoje levemente discutida, e que eu pretendo sujeitar a uma discussão severa e minuciosa. A minha obra, portanto, encerra uma ideia filosófica que, tendo um princípio a sustentar, deve igualmente ter um fim a que se dirija. O princípio filosófico da minha composição consiste em provar que não há razão para que, em qualquer grémio da sociedade, ainda o mais elevado se roube o lugar ao artista dramático. Todo o fim de uma ideia é consequência necessário de um princípio, que nela se contém. Portanto, o fim da minha obra, ao mesmo tempo que creio ser mais útil do que o das obras que citei e suas semelhantes, tem um alcance mais arrojado e um pensamento mais genérico. Não se trata dela do ator A, nem da atriz B; trata-se da arte dramática, dos artistas, do teatro enfim; mas do teatro considerado, como de fato é, um elemento moral e civilizador. No meu escrito não se conta apenas um fato, não se narra uma história, não se romantiza um determinado artista, muitas vezes ou quase sempre em detrimento da dignidade da sua classe. Não, - No meu trabalho discute-se uma ideia, fulmina-se um preconceito e eleva-se um princípio. Não se fala de um ator, mas de todos os atores; de um teatro, mas de todos os teatros; de um indivíduo, mas de uma classe inteira. (Furtado Coelho, 1866, p.II)

Abordado o plano temático, seria correto o articulista comentar o plano estrutural da obra. E isso ocorre. O crítico, então, observava a incoerência de Furtado na sua *Conversação*



*Preambular*, pois se o autor português, em seu texto crítico, censurou o uso de monólogos em obras dramáticas, em *O ator*, tal técnica dramática está presente:

Na já referida *conversação preambular* o autor discute largamente os monólogos. Contudo, não é preciso condenar absolutamente, e em tese, o monólogo para censurar o drama. Se se pode admitir a ficção de se ouvir uma personagem que fala consigo mesma, nunca deveria esta dirigir-se diretamente ao espectador, explicando-lhe o que fez e o que vai fazer. Propenso a banir o monólogo, o autor justifica a cena cômica, e no ardor da propaganda enxertou no 2º ato uma que parece escrita para o Sr. Vasques, se o não foi por ele mesmo. (*Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 9 de novembro de 1866, p.1, col.2).

Novamente, é o caso de voltamos ao artigo do dramaturgo português. Furtado Coelho, em seu artigo crítico, entendia que a sua obra “há mais conversação do que ação” e que ela “peca pela extensão de alguns diálogos e monólogos”. Isso, no entanto, foi necessário para se chegar no objetivo da peça, que é elevar a classe do artista dramático:

No *Ator*, repito, há mais conversação do que ação, mais raciocínio que movimento, mais lógica do que enredo. Porém, a não ser assim, como poderia eu alcançar o meu *desideratum*? Como conseguir plantar a minha ideia, senão fazendo-a ressaltar viva do meio da discussão; não precipitada e violenta, porém calma e refletida?

*O Ator*, encarado absolutamente como obra de arte, peca pela extensão de alguns diálogos e monólogos, e as vezes por pouca vivacidade na ação. Eu, que sou o primeiro a conhecê-lo, e que não pude fugir a isso – escravo da minha propaganda regeneradora – ainda hoje pasmo do efeito extraordinário que ele causou em cena, todas as vezes que o representei. É que também os públicos do Rio Grande do Sul, única província onde o ator tem ido a cena, são dos mais inteligentes que eu tenho encontrado em todo o litoral brasileiro; são dotados de uma sensibilidade e de gosto muito apurados (Furtado Coelho, 1866, p.XXIII).

Mas o artista português vai mais além, explicando que a classe dos monólogos é variada. Se em algumas peças há personagens, que diante de uma plateia, explica a sua origem, tal fato não ocorre em *Amor da Arte*. Em sua obra, Furtado explicava que quando há monólogo, “o espectador já conhece perfeitamente o indivíduo que se acha em sua presença”:

E cumpre-me fazer notar que, havendo na variada família dos monólogos um que excede todos na inverossimilhança, e que é verdadeiramente insuportável e inadmissível, como seja o monólogo da apresentação individual, aquele em que a pobre personagem se vê forçada a explicar ao espectador, pela sua própria boca, quem é, de onde vem, para onde vai, e não sei mesmo se as vezes puxa também da algibeira, e lê em voz alta, a certidão de batismo, - monstruosidades dessas eu não pratiquei. Quando alguma das minhas personagens no *Amor da Arte* recita um monólogo, o espectador já conhece perfeitamente o indivíduo que se acha em sua presença, porque já de antemão,

ou em diálogo, ou pela conversação de outras personagens, se tem feito o desenho de sua fisionomia moral e social, e até física, quanto tenha sido necessário tornar saliente esta particularidade. (Furtado Coelho, 1866, p. XXVI)

Por fim, o autor português destacava que o único monólogo não inverossímil é a cena cômica, pois o ator entra em comunicação com a plateia:

O único monólogo hoje, não inverossímil, é a cena cômica. E por que? Porque na cena cômica o ator entra em comunicabilidade com o espectador. O prosscênio não é mais a quarta parede da sala deitada abaixo, para que o espectador veja e ouça, sem que o ator dê a entender que o sabe. A quarta parede na cena cômica de fato não existe; e pode afirmar-se que não é absolutamente um monólogo a cena cômica, porque o público é ali quase que um interlocutor, mudo é verdade, mas com que o ator conversa. (Furtado Coelho, 1866, p. XXVII)

Retornando ao texto do articulista do *Jornal do Commercio*, resta-nos destacar os comentários finais apresentados pelo crítico, sendo eles também relacionados à estrutura do drama. Dessa vez, o crítico entendia que os quatro atos e os prólogo eram “variações sobre o mesmo tema”, não sendo, portanto, necessários. Segundo o redator da “Gazetilha”, Furtado poderia “ter cortado alguma coisa, não havendo necessidade de alongar tanto a sessão, para discorrer e dissertar sobre uma tese que mais ou menos todos admitem” (*Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 9 de novembro de 1866, p.1, col.2).

O leitor deve achar que a polêmica de *O ator* se encerra aqui. Mas não foi isso que ocorreu. Furtado Coelho, ao ler a crítica, escreveu um longo artigo no *Correio Mercantil*, no qual se defende. Logo de início, o artista português, argumentava a frase do seu oponente, de que em *Conversação Preambular* “o autor expõe o pensamento da sua obra, poupando-nos o trabalho de procurá-lo nela e o risco de não acertar”. Furtado, então, explicava que qualquer obra, literária ou não, tem um pensamento fundamental. Isso é evidente. No entanto, parecemos que o artista não compreendeu o teor da frase. O que o crítico assevera é que, em *Conversação Preambular*, a análise da obra foi realizada pelo seu autor, não sendo necessário realizar ou “procurar” outras interpretações:

Diz V. S. logo em princípio, referindo-se a minha *Conversação preambular*, que: “o autor expõe o pensamento da sua obra, poupando-nos o trabalho de procura-lo nela, e o risco de não acertar.”

Este período revelador de uma miopia cerebral, vizinha da cegueira do entendimento, tomado sério, levar-me-ia a crer que a minha obra não tem um pensamento por base.

Qualquer obra literária ou tem ou não tem um pensamento fundamental. Se o tem ele ressalta desde o primeiro momento em que o nosso espírito se

assenhoreou da obra. Se tal não acontece é porque de fato a obra não tem um pensamento, não tem uma razão de ser e então [...] seria: “o trabalho de 203ceita203-lo, (o pensamento) e menos ajuda o risco da aceitar” ou não com ele. (*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 10 de novembro de 1866, p.2, col.6)

Furtado Coelho também se irritou com o comentário envolvendo o público rio-grandense. Se o leitor se recorda, em *Conversação Preambular*, na questão que envolve *O ator* ter mais conversação do que ação e pecar pela extensão de alguns diálogos e monólogos, o artista português explicava a receptividade que mesmo assim o drama provocou, pois segundo Furtado, o público do Rio Grande do Sul tem a virtude de ser inteligente. Já o crítico do *Jornal do Commercio* interpretou a frase como que só é inteligente o indivíduo que admirar a obra de Furtado. Em sua resposta, o ator português afirmava que não é bem assim:

Em seguida vem V. S. com um pretencioso mas tristíssimo torneio de espírito a propósito do que eu dissera dos públicos do Rio Grande do Sul, quando afirmei que eles eram dos mais inteligentes que eu encontrara no litoral brasileiro, fazer notar que, para no meu conceito “merecerem foros de inteligentes, devem todos os públicos admirar” a minha obra.

Não é para admirar a minha obra, que é forçoso que os públicos sejam inteligentes. Para admirar ou condenar qualquer obra literária é que é preciso ser inteligente.

E inteligente como é o público do Rio de Janeiro, que mais solene, eloquente e espontânea demonstrarão de apreço e entusiasmo posso eu ambicionar do que a que conquistei na sala do Ginásio na noite dá primeira representação do *Ator*?

A Inversão que V.S. quis dar as minhas frases, denuncia que V. S. chega por vezes supor que tem o público do Rio de Janeiro metido dentro do seu tinteiro de noticiarista. Pois engana-se. O público do Rio de Janeiro é bastante inteligente para ter a certeza absoluta de não estar dentro do seu tinteiro; creia-o. (*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 10 de novembro de 1866, p.2, col.6)

Havia ainda mais discussão pela frente e para entendermos a sequência do debate é necessário retornarmos ao texto inicial da polêmica. Em certo trecho do artigo do *Jornal do Commercio*, o redator destacava a passagem de *Conversação Preambular*, em que Furtado afirmava que “a falta de ação externa é compensada pelo movimento interior dos cérebros, pela argumentação e pela lógica” (*Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 9 de dezembro de 1866, p.1, col.2). O crítico lançava, então, uma questão, que obrigaria o dramaturgo responder:

Entretanto, quais são os triunfos que se assinalam a esta lógica? Com D. João do Amaral é ela logo no princípio mais desperdiçada do que empregada, porque ele de antemão estava convencido. Depois temos mais dois casos do emprego dessa lógica para a convicção de incrédulos; é contra Vidal, que não se deixa convencer, cedendo afinal, não a lógica, mas as muitas instâncias reunidas, e contra o conde de S. Roque, que ainda menos se deixa persuadir, sendo vencido somente pelas lágrimas da filha. Perdida também a lógica que,

tendo o ator sucumbir a mártir, o fosse da sua arte, Em vez disto, amado de três mulheres, como se também andasse por aqui regeneração ideal do ator, o vemos cair vítima de uma intriga amorosa. (*Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 9 de novembro de 1866, p.1, col.2).

A resposta veio então no artigo apresentado no *Correio Mercantil*, com Furtado Coelho explicando que a tal lógica não é necessária no momento do debate:

Mais adiante pergunta V. S., com uma supina falta de critério: Quais são os triunfos que se assinalam a lógica no meu drama?  
Dá a entender mais, com tão desconcertada pergunta, que para haver lógica é preciso haver discussão; que sem discussão não há lógica; e que por consequência, a lógica deve convencer sempre, sejam quais forem os espíritos e os corações refratários, quando tantos há infelizmente, aos quais não há lógica que os convença, nem dissensão que os abale.  
Pois é essencialmente necessária a discussão, e é também essencialmente necessário que na discussão uma das partes se confesse vencida ou convencida, para haver lógica?!... Ora, muito obrigado a V.S.! (*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 10 de novembro de 1866, p.2, col.7)

Por ser esse um tema controverso, o artista português considerou necessário desenvolver com mais profundidade a sua argumentação:

Pois V. S. contesta que entre Alberto Vidal e seu pai, no fim do 1º ato, haja, uma discussão, uma forte discussão? E, no seu entender, não há lógica, por isso que o pai se não deixa convencer pela lógica, e sim por “muitas instâncias reunidas”, do mesmo modo que o Conde se não deixa “persuadir” pela lógica, e sim apenas “pelas lagrimas da filha?!?”  
Mas se a lógica humana tivesse o poder divino de convencer sempre, então não estariam ainda hoje as sociedades cheias de espíritos refratários, como o de V. S., de preconceitos teimosos, de pirronismos (sic) incríveis. Então não teria eu tido ocasião de escrever o meu drama; então não me veria forçado a convencer a V. S. de que a lógica nem sempre convence, por isso que a lógica do meu drama não o pode convencer.  
Então as sociedades, ditas civilizadas, não precisariam de tribunais, de parlamento, de leis e de legisladores. O homem completaria a sua educação moral e social no dia em que mal soubesse soletrar as frases da Bíblia. Esta seria o único Decálogo de todas as sociedades, e o homem, convencido, de uma vez para sempre, pela mais poderosa e mais eloquente de todas as lógicas do universo, seria como todos, um homem modelo, e sobre a terra não haveria um pecador.  
No meu drama eu pergunto ao conde de S. Roque se ele sabe o que seja a arte dramática. Perguntaria a V. S. se sabe o que é lógica, se tivesse a esperança de poder obter uma resposta sua. V. S. não carece de ler o Hegel; precisa muito de comprar um Genuense. (*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 10 de novembro de 1866, p.2, col.7)

Furtado Coelho aproveitou para também comentar a crítica referente ao seu personagem Alberto Vidal. O artista português não concordava que Vidal tivesse falecido em decorrência

de uma “intriga amorosa”. O personagem veio a sucumbir, segundo o autor, em decorrência do esforço empregado em sua arte e por questões familiares:

Eu não devia continuar; mas devo concluir.

Diz mais, em seguida V. S. que Alberto Vidal não sucumbe, como devia, “mártir da sua arte, e sim vítima, de uma intriga amorosa”.

Bem disse eu que em má hora tinha V. S. assistido a representação do meu drama. Houve mesmo quem me dissesse que V. S. pouca atenção prestara à peça. Quisera aceitá-lo para poder perdoar-lhe.

Pois, como morre Alberto Vidal se não “mártir da sua arte”?

Doutor em leis, filho do primeiro orador da câmara, vivendo nos primeiros círculos do globo social, teria Alberto Vidal sofrido do Conde a recusa da mão de sua filha? Não por certo. Não lhe foi essa mão recusada por esse mesmo que ele era um “ator”?

Não o vê aqui “mártir da sua arte”?

Não ouviu a frase de Alberto no fim desse ato: “Meu Deus! Inspirai o artista!”

Não leu nesta frase o apelo para o estudo e para o trabalho, para poder com a glória obter o perdão de seu pai, e com este perdão a mão de Amélia?

Não se narra mais tarde que o excesso do estudo e do trabalho foi que o levou ao leito da morte, juntamente com a falta de notícias de seu pai?... Não o vê ainda aqui “mártir da sua arte”?

As intrigas e torpezas da baronesa apressam, é verdade, a consumação do martírio; porém não foram elas a causa desse martírio. (*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 10 de novembro de 1866, p.2, col.7)

Como podemos observar até o momento, Furtado Coelho procurava desqualificar a crítica do redator da “Gazetilha” do *Jornal do Commercio* a qualquer custo. E para isso, nada melhor do que transcrever uma crítica elogiosa de *O Ator*, a qual foi feita por um escritor: o português Rebello da Silva:

Em resumo, sinto ver a V. S. tão divergente no juízo que faz do meu drama, com a opinião de Rebello da Silva, que é provável que V. S. conheça, e que se exprime por esta forma a respeito da minha obra:

“O pensamento geral de toda a sua concepção parece-me elevado e fecundo, e os quadros em que os traduziu, tocados de um sentimento verdadeiro e profundo. Nas duas peças tudo se liga e tende a solução do problema. Os caracteres, as paixões os afetos representam, a meu, ver, sem exageração o que havia a requerer de cada um dos personagens, como parte integrante da composição, e concordam com a feição que o autor quis que ele tivesse. As cenas estão bem cortadas em geral, o diálogo corre quase sempre fluente e animado, e o estilo talvez demasiado ornado em trechos, não o ó tanto que afogue, por luxuoso e florido de mais, a pressão natural que é, no meu sentir, a primeira condição da arte, nesta província da invenção. Os desenlaces preparados, sem esforço, não desmentem o plano dos dois dramas e deduzem-se dele logicamente”. (*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 10 de novembro de 1866, p.2, col.7)

A defesa continua:

Note V. S. que Rebello da Silva encontrou lógica na minha obra. Não só lógica neste ou naquele lugar; lógica nos desenlaces, o quer dizer lógica nas premissas estabelecidas, lógica nas deduções e lógica por consequência em tudo.

Ora agora eu creio que V.S. não pretenderá arrogar ao seu juízo mais autoridade, nem a sua cabeça mais inteligência, mais ilustração, nem mais consciência do que a que distingue todas os eminentes dotes de Rebello da Silva.

Mais adiante este profundo escritor, apontando, com a gentileza, que é só própria dos fidalgos da inteligência e do saber, gentileza que V. S. não compreende porque é peão nestas questões, apontando, digo, alguns defeitos na minha composição, acrescenta:

“Mas destes repares que a leitura suscita e que a miúdo iludem, o juiz supremo são as plateias. Não ousou, pois, enunciar, senão com timidez, (com timidez, note V. S.), as minhas dúvidas a este respeito. O que a sua obra me prova é um estudo aturado e cheio de consciência, etc.”

Veja-se a diferença. Rebello da Silva ousa apenas, “com timidez”, enunciar, as dúvidas que tem a respeito de alguns pontos da minha composição. V. S. como arrojo de um D. Quixote literário, coma audácia do Alexandre das Gazetilhas fulmina a gume de pena, com, ironias e falsas apreciação minha obra que aquele levita das letras qualifica de estudo “aturado e cheio de consciência”. (*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 10 de novembro de 1866, p.2, col.7)

Mas Furtado não via somente Rebello da Silva como autoridade para avaliar o seu drama. O dramaturgo português, concordando com a opinião do escritor em questão, argumentava que o público que assistiu à apresentação de estreia de *O ator*, e que aplaudiu com entusiasmo, é o “juiz supremo”, capaz, portanto, de valorar uma obra ou espetáculo:

Este diz que o juiz supremo são as plateias. Arrimando-me a tão robusta opinião, eu persuado-me que a plateia e os camarotes da noite de 7 me provaram calorosamente que eu, escrevendo *O ator* não perdi o meu tempo, ao passo que V.S. regozijou-se por eu lhe haver poupado “o trabalho de procurar nele um pensamento, e o risco de não acertar”.

Mas V.S. deveria, do seu camarote, cismar aos cavalheiros e às damas, que aplaudiam freneticamente o drama: “calai-vos que vós não sois juizes, juiz sou eu. De que vos entusiasmais? Isto que vedes, isto que ouvis não tem lógica, não tem pensamento. Depois de amanhã eu provarei do alto da minha gazetilha”.

Não se calavam, creia-o V.S. Não se calavam porque aquele é o lugar solene em que a opinião pública se manifesta, esplêndida da altivez de sua consciência, e consciência da pureza de seu entusiasmo. Não se calavam, porque eu os havia impressionado fortemente, dizendo-lhes verdades, santas verdades que eles todos sentiam comigo. Não se calavam porque ali é o lugar daquelas manifestações uníssonas; porque naquelas cadeiras a opinião pública sente-se bem, e bem a cômodo para exprimir o seu voto solene. (*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 10 de novembro de 1866, p.2, col.7)

É chegado o momento do texto, que Furtado Coelho comparava a qualidade da crítica teatral desenvolvida pela imprensa. Se o redator da “Gazetilha” do *Jornal do Commercio* foi

infeliz em sua análise, por outro lado, o artista português elogiava a crítica do *Diário do Rio de Janeiro*, que fez algumas censuras ao drama, segundo Furtado, mas também elogiou:

É V.S. que tem de calar-se, porque na sua Gazetilha a tribuna jornalística sente-se amesquinhada, sente-se raquítica, sente-se mal, e protesta em seu próprio nome, pela opinião que ele deseja manifestar de acordo com a opinião pública. E sente-se tão mal, falando pela tinta do seu tinteiro, que saíra de outra pena de que ela se desvanece, ouça V. S. o que ela diz no mesmo dia, e a propósito da mesma obra. É o *Diário do Rio de Janeiro* quem fala.

“Foi uma festa literária e artística, o espetáculo de anteontem no Ginásio Dramático” [...] “é a sua própria causa que ele defende, e com um talento que nos apressamos a honrar a aplaudir” [...]

“Quanto aos seus méritos literários, folgamos em reconhecer que, desde o prólogo até ao último ato, há em toda a peça um cuidado de estilo, uma beleza de linguagem (note esta frase V. S.), que ficará sendo um título do Sr. Furtado Coelho.»

Mais adiante esta tribuna autorizadíssima pelos foros que todos lhe reconhecemos, e de que tem dado e está sempre dando valiosas provas, faz algumas censuras, e justíssimas que elas são.

Mas com quanta urbanidade, com quanta consideração pelo seu autor!

Pois nem a propósito do meu prólogo, tão pensado, tão estudado, V. S. achou outra frase senão a de um anônimo dos da sua seita, que o classificou juntamente com os quatro atos de “variações sobre o mesmo tema”?!...

Pois até o prólogo, que o eminente poeta e profundo pensador A. F. de Castilho achou “tão poético, tão artístico e filosófico”, V. S. de braço dado com o seu anônimo, classifica apenas de “variações sobre o mesmo tema”!! Meu pobre prólogo! Variações do senso comum são as opiniões de VV.SS.!! (*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 10 de novembro de 1866, p.3, col.1)

Faltava ainda, Furtado Coelho comentar sobre a questão do estilo presente em sua obra. O artista explicava que se houve problemas relativos a essa questão em seu *O ator*, isso foi provocado por algum lapso ocorrido durante a redação da obra, mas que não significava uma incapacidade do autor. Erro de estilo, no entanto, destacava Furtado, é o que se constata no artigo do seu oponente, pois nele há uma frase que sugeria ambiguidade:

Vou concluir. Diz V. S. que a minha obra resente-se de “uma ou outra incorreção de estilo”. O manuscrito está às ordens de V. S. Pode examiná-lo. Se for capaz de me apresentar uma só dessas incorreções, eu comprometo-me a achar boas e sensatas todas suas Gazetilhas.

Assim como nos discursos dos parlamentos vem o erro tipográfico afeiar as vezes o estilo, quando não mutilar a ideia, assim na representação de um drama, quanta vez um lapso de memória de algum dos artistas não produz, os mesmos resultados? Porém, assim como o leitor sabe conhecer o erro tipográfico, assim também o espectador, e muito mais o crítico, distingue no meio de uma frase castigada e vernácula o lapso de memória de um ou outro artista.

V. S. nem pensou nisto tudo que eu lhe estou lembrando.

Mas a propósito de estilo não pode ser juiz quem escreveu a seguinte preciosidade gramatical.

“Como ator não temos de dirigir-lhe, senão elogios ao Sr. Furtado Coelho”. Estes não são erros tipográficos Estes viveram do tinteiro, denunciando a incapacidade da V. S.

E ainda além disso eu fiquei na dúvida de qual de nós dois é o ator. Se eu, se V S.

Quem estropia a nossa bela língua por esta forma, contente-se em dar as partes da polícia, mas não entre em searas que são vedadas aos profanos da inteligência e do saber. V. S. na sua Gazetilha fala de tudo, e a propósito de tudo. Dou-lhe um conselho. Fale só do que sabe. “Petrus in cunctis, nihil in omnibus”. (*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 10 de novembro de 1866, p.3, col.1)

Por fim, Furtado Coelho tocava na questão do monólogo. No entanto, o artista não debateu o motivo do uso dessa técnica dramática, haja vista que ela está explicada na *Conversação Preambular*. O que ele preferiu comentar foi a indelicadeza do crítico, quando afirmou que certa passagem de *O ator* parecia ter sido escrita por Vasques. Para Furtado, isso foi imperdoável:

Sei que a minha obra tem defeitos. Aonde os primogênitos de Deus que só sabem fazer coisas perfeitas?

Sei que tem defeitos; mas tem também as virtudes que lhe descobriram Rebello da Silva, a redação do *Diário do Rio*, Castilho e a opinião do público na primeira representação. Contento-me e ufano-me com isto.

Sei que da minha obra a uma obra perfeita vai alguma distância. Mas de V. S. no seu juízo a respeito dela, as autoridades que citei vai uma distância que é um abismo.

A minha obra mereceu a aprovação e os louvores de talentos e ilustrações superiores, e entusiasmou e comoveu um público. Que mais posso eu ambicionar?!

A sua crítica mereceu.... o que?... Demonstrar até a evidencia que a lógica não convence sempre, e que há espíritos avessos que ela nunca conseguirá convencer.

Não terminarei sem transcrever aqui, mais com repugnância do que com indignação, o seguinte período, que denuncia a sua falta absoluta de delicadeza em assuntos desta ordem: “Propenso a banir o monólogo, o autor justifica a cena cômica, e no ardor da propaganda enxertou no segundo ato uma (propaganda ou cena cômica?!) que parece escrita para o Sr. Vasques, se o não foi por ele mesmo”.

Nesta baixa insinuação feita a um autor, de que ele pudesse chegar a admitir na sua obra um enxerto de outrem, há tanta miséria, tanta pequenez, tanta falta de educação que não se classifica.

A mão pesada que, em questões literárias dá choupadas destas, não pode parar diante dos altares das musas da arte, sem lhes deixar sujas de tinta as imagens e as [...] (*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 10 de novembro de 1866, p.3, col.1)

O artigo escrito no *Jornal do Commercio* foi publicado, como vimos, em 9 de novembro, uma sexta-feira e Furtado replicou em 10 de novembro, sábado. Domingo, seria, portanto, o dia



da tréplica. Mas não foi isso que ocorreu, pois, o redator da “Gazetilha” preferiu não se manifestar. Por outro lado, em silêncio não permaneceu o artista português. Furtado publicou uma nova carta no *Correio Mercantil*, demonstrando novamente todo o seu descontentamento com o jornalista do *Jornal do Commercio*.

O dramaturgo e empresário do Ginásio começava, então, a sua carta, estranhando o fato do seu oponente ter se afastado do debate:

Sr. redator da Gazetilha do *Jornal do Commercio*.  
 Nem uma palavra no seu jornal de hoje. Domingo.  
 Aparecerá o ratinho no jornal de amanhã, segunda-feira?!  
 Ele que venha, e buliçoso, e travesso, e brincalhão, que eu quero matá-lo com uma bicada de pena.  
 O mais completo silêncio!! Eu já tinha ouvido dizer que V. S. quando dava uma ferroada metia-se nas encolhas. (A frase não é castiça, mas por isso mesmo o nobre redator há de 209ceita209-la; e eu preciso não me elevar muito, para ter a esperança de ser compreendido por S. S.)  
 Dizem-me que V. S. antipatiza com a discussão; que nunca soube o que era defender-se de epítetos menos simpáticos com que, por mais de uma vez, o seu crâneo tem sido mimoseado.  
 Meu Deus! Lá se me escapou da pena um período que corre muito risco de não ser compreendido por V. S. Peça ao seu amigo do camarote que lhe explique; e, se ele também não tiver compreendido, deem-se um amplexo e confundam-se em uma só nulidade.  
 Dizem-me que V. S. nunca dá a razão do seu parecer, satisfazendo-se no regozijo de presenciar os efeitos do veneno de seu tinteiro, daquele chato tinteiro em que já lhe falei, vazio das ideias, mas cheio de tinta muito negra; daquele tinteiro em que V. S. supõe ter metido o público do Rio de Janeiro, para o ver lá dentro bem sujo e bem ignorante. (*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 12 de novembro de 1866, p.2, col.6)

Para evidenciar que a análise do seu oponente foi desastrosa, Furtado achou necessário citar o público do Ginásio, que lotou a casa de espetáculos na segunda apresentação de *O ator*. O artista português argumentava, então, que nessa noite, na cena em que Alberto Vidal diz a D. João “vê o que o jornal diz hoje de mim”, a sala do teatro veio abaixo. Essa manifestação do público, Furtado considerou como uma pateada contra o redator do *Jornal do Commercio*:

Eu disse-lhe que o público do Rio de Janeiro era bastante inteligente para ter a certeza de não estar dentro do seu tinteiro. E o público veio provar-me na noite de sábado, na 2º representação do meu drama; primeiramente enchendo a sala do teatro, e depois pateando a V. S. em estatua! E que uníssona, unânime, tremenda e solene pateada! Pateada que o imortalizou, fazendo-o entrar para a família dos críticos de seringa! Não sabe como foi essa pateada? Eu lhe conto.  
 Quando no 2º ato eu Alberto Vidal digo a D. João: “Vê o que o Jornal diz hoje de mim”, o público, a sala toda estrepitou de aplausos, num frenesi poucas vezes presenciado, e que só parou ao cabo de dez minutos.

Estes aplausos, para mim de um valor inexprimível, e que eu guardo e guardarei eternamente gravados no coração, são que importam uma solene e tremendíssima pateada no redator da *Gazetilha do Jornal do Commercio*.

É que o público do Rio de Janeiro compreendia bem que o seu artigo não era uma afronta só ao autor, e sim também ao público, por isso que V. S, depois de presenciar o entusiasmo com que ele acolhera o drama na primeira noite, viera qualificar de néscio, todo esse público, dizendo que a obra que ele aplaudira e triunfara não tinha um pensamento, não tinha lógica, era cheia de defeitos e de incorreções de estilos.

Dissesse tudo isso, embora! Mas em termos que não ofendessem os brios e a altivez de consciência, que são próprios dos cultores das letras.

Então o público veio colocar-se do meu lado, e, na ocasião própria do desforço e da desafronta, desafrontou-me com ele do ultraje recebido.

Veja V. S. a importância de um teatro! Veja o seu alcance civilizador! Tratava-se de arte de teatro, de artistas, do mérito de uma composição dramática, e o censor descortês, e o crítico disparatado é redondamente pateado, na própria ocasião que ao público se oferecia, como que de propósito, para manifestar um solene protesto, e um eloquente desmentido!...

V.S. calou-se! Nem uma palavra, mesmo em detrimento da gramática! Eu e a gramática perdoamos-lhe, contanto que fale!

Mas nada! Bem eu disse que era V. S, quem teria de calar-se! (*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 12 de novembro de 1866, p.2, col.6)

Furtado Coelho aproveitou também denunciar o uso inadequado da língua portuguesa pelo seu oponente. Se na carta anterior, o artista português observou ambiguidade gramatical em certo trecho da crítica, novamente esse erro surgiu em outra passagem do artigo do redator da “Gazetilha”:

Agora o que me custa é ver-me forçado a declarar que V. S., como crítico, chega a ser irreligioso.

No seu artigo, falando de mim no papel da Alberto Vidal, expressa-se V. S. pela forma seguinte:

“A declaração que ele faz a D. João do amor que ele dedica à irmã foi dito com uma verdade de sentimento raras vezes atingida na cena”.

A gramática e a moral sentem-se tão torturadas, há naquele período uma embrulhada tal de eles a propósito do amor por uma irmã, que não se sabe se é D. João, se Alberto, que amam suas próprias irmãs! Oh! Sacrilégio!

A ideia que ocorre logo da simples leitura é que Alberto ama incestuosamente sua própria irmã!! Horror!!

O elogio, que de envolta com o martírio do bom senso é naquelas frases dirigido ao meu talento de ator, não posso aceitar-lo, pois que não vem de autoridade habilitada a conferi-lo. (*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 12 de novembro de 1866, p.2, col.6)

Ao final da carta, Furtado reiterava o desejo de que o seu oponente se defendesse. Mas, caso isso não ocorresse, o artista português consideraria o crítico teatral como inabilitado para discutir sobre questões teatrais:

Ora, pois, meu bom redator da Gazetilha, eu quero, exijo, e o público comigo exigimos e emprazamos a V. S. para dar um sinal de vida, que demonstre ao menos a coragem da sua própria opinião.

Damos-lhe três dias para responder. Ji não é mau prazo, hein? É de amigo.

Findo o prazo, V. S., com o silêncio, confessa-nos com toda a contrição:

1.º Que está intimamente convencido que não pode julgar de obras literárias, porque é profano nelas.

2.º Que não sabe o que é lógica.

3.º Que precisa comprar um Genuense.

4.º Que assim como não compreende bem o que ouve, também, não sabe bem o que diz.

5.º Que dá por muito bem empregados na sua pessoa os epítetos de D. Quixote literário e de Alexandre das Gazetilhas.

6.º Que não tem direito a sentar-se na cadeira de jornalista, de crítico e de homem de letras por intelectualmente incapaz e por pouco cortês.

7.º Que não sabe a gramática da sua língua.

8.º Que, aceitando os meus conselhos, vai de hoje em diante dar apenas as partes da polícia, e falar só do que sabe, o que lhe traria comodidade de ter pouco ou quase nada que lazer.

9.º Que guarda para si o direito de nunca se deixar convencer pela lógica, e de ser eternamente refratário ao bom senso.

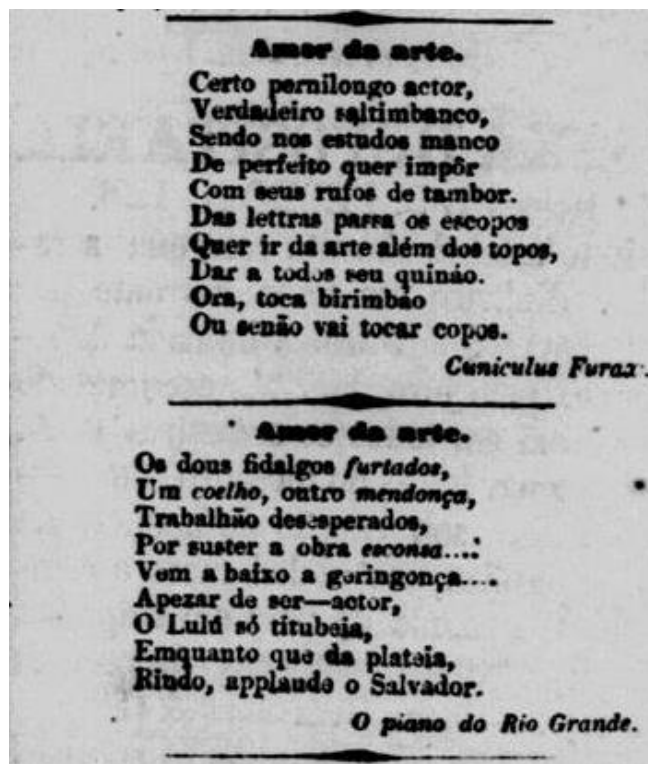
10.º Que é descortês, e tão pequeno, como jornalista, e que em questões literárias é tão peão, e tem a mão tão pesada que nunca mais cairá na inconsideração de pretender encarar de face a uma obra em que haja uma ideia a discutir. (*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 12 de novembro de 1866, p.2, col.6)

Após os dois textos endereçados ao redator da “Gazetilha” do *Jornal do Commercio*, Furtado Coelho, em 14 e 15 de novembro, foi duramente criticado por articulistas anônimos. No dia 14, por exemplo, um poema intitulado “Amor da Arte – É meu não Furtado”<sup>12</sup>, ridicularizava os artistas do Ginásio. Vejamos somente a primeira estrofe:

As bestas e os truões desenfreados,  
 Que da teatral praça lusitana,  
 Por campos dantes nunca enxovalhados,  
 Passaram muito aquém da Taprobana,  
 Em relinchos e coices esforçados.  
 (Mas do que permitia a raça humana),  
 Entre esse povo bom aboletaram,  
 E de asneiras o mundo edificaram:  
 (*Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 14 de novembro de 1866, p.2, col.2).

Já no dia 15, outros dois poemas realizavam a seguinte crítica ao artista português:

<sup>12</sup> O poema é uma paródia da estrofe inicial de *Os Lusíadas*.



**Fig.42:** *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 15 de novembro de 1866, p.1, col.8. Disponível em [http://memoria.bn.br/DocReader/364568\\_05/11003](http://memoria.bn.br/DocReader/364568_05/11003)

Esses poemas obrigaram Furtado a retornar a imprensa. Em texto dirigido ao redator do *Correio Mercantil*, o artista lamentava os ataques que tem recebido de leitores anônimos e agradecia ao jornalista o espaço destinado para se defender:

No campo do anônimo não sei bater-me. Sou de natureza míope dos olhos do corpo e nesse campo abjeto seria cego de todo.

Sei que V. S. fechou as colunas da sua folha a tal gênero de publicação com referenda a esta questão. Agradeço-lhe do intimo da alma e em nome da dignidade literária que V. S. assim tanto acata; outro tanto não sonha fazer o *Jornal do Commercio*, e as suas colunas seriam as últimas em que esperaria ver semelhantes vilezas.

Tendo sido a sua redação a única a desatender-me em seu juízo sobre a minha obra, jamais devia consentir em sua folha artigos sobre ela, que não estivessem francamente responsabilizados, com os nomes de seus autores, e que não estivessem também na altura do assumpto; jamais deveria, a propósito de um trabalho literário, admitir a grosseria revoltante do anônimo e do anônimo na sua mais descabelada hediondez. (*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 16 de novembro de 1866, p.2, col.7).

Na sequência, Furtado mandava um recado para os seus detratores:

Fiquem-se, pois, os dignos autores desses anônimos na certeza de que podem continuar nesse campo, sem que eu lhes vá ao encontro. Podem mesmo, por eu ser português, do que imensamente me honro, (como me honraria de ser brasileiro, se neste belo país houvera nascido) apelidar os artistas do meu teatro de:

“As bestas e os truões desenfreados, Que da teatral praça lusitana...”

A isto não se responde, senão com o desprezo mais altivo.

Podem lançar-me, e a eles todos os doesto, todos os impropérios do catálogo de sua *anonimologia*. O meu drama e eu não ficamos valendo mais nem menos por isso. Lamento, sim, e lamento de todo o coração que a degradação da imprensa tenha descido tão baixo, já não digo nas questões políticas em que há ódios inveterados e dissensões irreconciliáveis, mas nas questões literárias, cuja índole tão prévia e tão sagrada, é magoa vê-la assim desvirtuada e cuspida.

Isto não é pedir tréguas ao anônimo! Longe disso. É me absolutamente indiferente que ele continue ou não! Sou eu que não posso pôr o pé nesse terreno, porque me preso bastante para o não fazer. *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 16 de novembro de 1866, p.2, col.7).

Furtado Coelho, em vista de toda essa grande polêmica, queria encerrá-la e sair vencedor. O artista português achou então necessário dirigir um outro texto a Leonardo Caetano de Araújo, presidente da Caixa de Socorros de D. Pedro V e proprietário do *Jornal do Commercio*. Nesse artigo, publicado no *Correio Mercantil* de 17 de novembro, o empresário do Ginásio começava recordando que a quatro meses atrás, o jornalista citado teria entrado em contato com Furtado Coelho para apresentar um espetáculo de benefício à Caixa de Socorros no Teatro Lírico. O artista português afirmava, então, ter aceito a proposta, e complementava dizendo que faria a apresentação de graça. No entanto, Furtado, em seu texto, afirmou que aquele benefício não o satisfiz. Seu desejo era apresentar *O ator*, em novo benefício a ser dedicado a Caixa de Socorros de D. Pedro V:

Este drama, que é o fruto dos meus estudos que maior lugar ocupa no meu coração, desejo vê-lo em cena contribuindo para um fim tão santo. Quem sabe se ainda assim ele não escapará por uma vez das garras dos milhares que têm tentado devorá-lo. (*Correio Mercantil*, 17 de novembro de 1866, p.2, col.6).

Feito o convite do benefício, o artista aproveitou a oportunidade para abordar as críticas que ele vinha sofrendo dos articulistas anônimos. Furtado, então, lembrava da conversa ocorrida com o proprietário do *Jornal do Commercio*, em que esse havia prometido proibir as postagens anônimas:

E já que da pena me saltou esta pergunta, permiti-me V- S. uma pequena expansão sobre o assunto, e que, por ser com V. S. tem ela muito lugar.

Lembra-se V. S. que, na época daquele espetáculo no Lírico, começava a aparecer, todos os dias no *Jornal do Commercio* uma série de nojentos anônimos a propósito do *Anjo da meia noite*?

Lembra-se também, que por essa ocasião, pedi a V. S. que, usando da influência de que dispõe na empresa do *Jornal do Commercio*, obstasse a impressão de tão repugnantes artigos, que eram ídigos do Jornal, indignos da civilização, e clamorosamente injustos para com o Ginásio, que eu tenho

conseguido sustentar a custa, Deus sabe, e sabem-no muitas pessoas, de quantos sacrifícios e de quantos desgostos?

V. S. assim me prometeu, e realmente os anônimos não apareceram mais. (*Correio Mercantil*, 17 de novembro de 1866, p.2, col.6).

No entanto, Furtado lamentava que tais postagens voltaram a surgir no periódico em questão. Ele se mostrava então incapaz de lutar contra as pessoas que utilizam essa forma de conduta:

Mas quem me diria que seria o seu próprio *Jornal do Commercio* que viria depois mostrar que V. S. quando naquele tempo se dirigiu a mim, não procurava um artista digno, mas um saltimbanco? um cavalheiro e um homem de bem que se preza, mas um caloteiro, ladrão e parasita. São estes os epítetos que me atira o *Jornal do Commercio*, em um anônimo que faz honra a quem o escreveu, e maior ainda a quem o admitiu!!!

V. S. bem sabe que o desforço me é impossível com inimigos que usam armas daquelas. Se eu os chamasse à responsabilidade para os forçar a sustentar a menor daquelas injurias, surdia-me mascarado em autor de três pasquins algum réu de polícia.

Demais, para que desforçar-me de semelhantes afrontas?

Nem V. S. nem ninguém que se preza responderia a tais aleives pronunciados por via de tais anônimos. (*Correio Mercantil*, 17 de novembro de 1866, p.2, col.6).

Mas os problemas dos comentários anônimos levaram ainda a uma outra questão. Furtado, no auge da polêmica, argumentava que pediu para que um de seus textos direcionados ao redator da “Gazetilha” fossem publicados no *Jornal do Commercio*. No entanto, esse jornalista recusou a fazê-lo. A justificativa apresentada era que o texto fosse escrito “em termos”, expressão que nos parece significar bons modos. Além do mais, Furtado se lembrou dos comentários anônimos contra ele, pensando da seguinte forma: o *Jornal do Commercio* publica mensagens anônimas contra mim, mas não autoriza a publicação de um texto, o qual tem a minha assinatura:

No entanto enviei ao *Jornal do Commercio*, a minha carta impressa no *Correio Mercantil* de hoje afim de que a transcrevesse. O redator da Gazetilha traçou com seu próprio punho as seguintes palavras: “escreva em termos e publicar-se-á!!!

Escreva em termos?! Pois não ia o meu nome responsabilizando publicamente qualquer termo mais áspero de que eu usasse? E a carta aí está impressa no *Correio Mercantil*. Julgue-se por ela mesma. E depois para que serve a arena franca da imprensa, quando a ela vem o campeão de viseira alçada?!

Pois cabe lá o anônimo torpe, covarde, caluniador, e não se permite o ingresso ao lidador que a peito descoberto se oferece ao adversário?! Escreva em termos ?!... Pois há mais escolha de termos para uma folha como o *Jornal do Commercio*, depois que em suas colunas admite os nojentos anônimos de hoje? Será esta a resposta que eu pedi ao redator da Gazetilha? Pois admite-se que seja menoscabado o nome de um indivíduo pela forma mais insólita e

repugnante, e nos termos mais ignóbeis, é ao próprio que responde sisudamente e com o seu nome por extenso exige-se que escreva em termos?! O público todo, V. S. mesmo, que está como ele bem ciente de toda a questão, sabem o juízo que devem fazer de semelhante maneira de proceder do redator da gazetilha do *Jornal do Commercio*, que arvorou a sua folha —a meu respeito— em um prostíbulo, aonde não se admite o desforço sério e franco, porque o espaço todo está de antemão ornado pelas injúrias asquerosas e as diatribes esfaceladas. (*Correio Mercantil*, 17 de novembro de 1866, p.2, col.6).

Ao final da carta, um desabafo de um jovem de trinta e quatro anos a um senhor de mais idade, Furtado pedia para o proprietário do *Jornal Commercio* ignorar as mensagens raivosas dos críticos anônimos, que por ventura vierem direcionadas. Segundo o empresário do Ginásio, uma hora os seus detratores iriam cansar:

Aquele que, na impotência miserável e desgraçada de uma resposta digna consente em ser indiretamente defendido por modo tão imundo, quão ridículo, fotografa-se para sempre aos olhos de uma sociedade inteira.  
 Desculpa-me V.S. estes meus desabafos. Porém, V. S. é um cavalheiro sensato o digno; é um homem de cabelos brancos... A quem mais cabalmente deve o homem, moço ainda, enfiar as dores de uma justa indignação?  
 Hoje peço-lhe o oposto inteiramente do que da primeira vês pedi. Continue V. S. a ser, como [...] piamente que o tem sido, como homem de bem que é, estranho a admissão daqueles pasquins.  
 Deixe que eles redobrem de dia em dia. Hão de morrer de mormo, eles e seus promotores!  
 V. S. dignar-se-á combinar comigo o dia em que deve realizar-se no Ginásio representação do meu drama *O Ator*, o benefício que ora ofereço para a Caixa de Socorros de D. Pedro V, de que V.S. é muito digno presidente<sup>13</sup>.  
 Aproveito esta ocasião para reiterar a V. S os protestos de estima e consideração com que sou de V. S. muito atento venerador e obrigado. (*Correio Mercantil*, 17 de novembro de 1866, p.2, col.7).

Mas havia ainda espaço para uma última carta. No texto anterior, o artista português havia pedido, no post-scriptum, que a sua carta fosse publicada no *Jornal do Commercio*. No entanto, tal fato não ocorreu, gerando novas lamentações do ator e empresário ao proprietário do periódico. Para Furtado Coelho, os seus textos estavam sendo censurados pelo redator da “Gazetilha”:

Illm. Sr. Leonardo Caetano de Araújo. — Acuso a resposta que V. S. se dignou dar à carta que lhe dirigi com dita de ontem, oferecendo no meu teatro um benefício, com a representação do meu drama, *O Ator*, em favor da caixa de Socorros de D. Pedro V, de que V. S. é muito digno presidente.  
 Porém, como no P. S. dessa minha carta fizesse a V. S. o louvável pedido de transcrevê-la no *Jornal do Commercio*, e ela não aparecesse transcrita, como

<sup>13</sup> O benefício oferecido por Furtado Coelho à Caixa de Socorros de D. Pedro V foi aceito por Leonardo Caetano de Araújo, sendo o espetáculo realizado em 29 de novembro de 1866 (*Correio Mercantil*, 18 de novembro de 1866).

era bem de esperar, desejo merecer de V.S. a declaração dos motivos que impediram essa publicação.

Releve V. S. esta minha exigência bem própria do empenho muito justo, que me acompanha, da saber se é ou não verdade, (como se me disse) que as colunas do *Jornal do Commercio*, AONDE ESTOU SENDO DIARIAMENTE INJURIADO POR VIS ANÔNIMOS, estão trancadas, pelo redator da sua gazetilha, para qualquer escrito firmado com a minha assinatura acerca do meu drama —*O Ator*—, cuja questão, hoje tão debatida, só pelo *Jornal do Commercio* foi arremessada no plano imundo do insulto e da afronta, que não são seguramente argumentos em assumptos de ordem alguma, e ainda menos em assuntos literários.

Não me é possível acreditar que a não publicação da minha carta no *Jornal do Commercio* seja unicamente filha da vontade de V.S., estranho a toda esta questão e em quem eu respeito e aprecio as mais distintas qualidades que podem ornar a um cavalheiro.

Esperando sua resposta, sou com a maior estima e consideração. (*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 18 de novembro de 1866, p.2, col.4).

O artista português tinha razão em lamentar dos ataques recebidos vindos dos articulistas anônimos do *Jornal do Commercio*. Além dos textos do dia 14 e 15 comentados anteriormente, em 16 e 17 de novembro, um indivíduo que assinava “o colar de minha mãe” criticou o artista em certa passagem da *Conversação Preambular*. A crítica não tinha o teor de ser construtiva, mas sim de denegrir a imagem do dramaturgo e empresário do Ginásio:

Passemos a página 6 da estapafúrdia *Conversação Preambular*. Aqui são as mais bernardices do que as palavras. Remata nesta página um embrulhadíssimo período em que o escrevinhador, que nem primeiras letras estudou, andou aos pontapés à gramática. Destrinchando o negócio, temos a forma, um dos tais atributos da escola realista (para a escola, donde fugiu, devia voltar o néscio) e os seus reformadores estrangeiros. Diga-nos ele de que nação é a tal Sra. forma, para sabermos quais são os estrangeiros. (*Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 17 de novembro de 1866, p.1, col.8).

Os comentários anônimos direcionados a Furtado Coelho não paravam por aqui. O articulista “o colar de minha mãe” atacou o artista português, em novo texto publicado em 18 de novembro. Nesse artigo, o crítico iniciava os comentários denominando Furtado de “dramaturgo das bestas e dos atores” e de ter uma capacidade artística “sofrível”:

Temos nova de muito folgar para o correto dramaturgo das bestas e dos atores. Estamos compondo um drama que ele poderá exaltar como literato, e depois representar como cômico.

Nos dois artigos precedentes já demos uma amostra do que este farsante é como literato, como ator, porém é mister confessar que ele vale alguma coisa mais. Para ser sofrível não lhe falta senão um quase nada, apenas endireitar as pernas, saber o que há de fazer dos braços, e onde meter as mãos, [...] os ombros e aprender algumas inflexões de voz, para se não limitar a falar mais depressa ou mais devagar, única variante que até agora tem aprendido. (*Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 18 de novembro de 1866, p.1, col.5).



Mas havia mais. O crítico, numa postura jocosa e utilizando como parâmetro o drama *O ator*, fez questão de comentar como seria o enredo da peça que Furtado atuaria:

A ação passa-se no Rio de Janeiro, em uma casa da Rua do Piolho. Época 185...Como o literato diretor que tem de censurar e representar gosta tanto de animais, e não há razão para roubar um lugar a estas interessantes criaturas, as personagens são dois entes desta classe, que têm tanto direito como outra qualquer a ser considerada e festejada. Há um prólogo grego que deixará todos gregos, como se verá a seu tempo. A peça tem 10 atos, que se chamaram quadros, para não espantar a gente, e se dirá que são 4 atos.

Passa-se a ação entre um coelho e uma perua, consórcio que parecerá monstruoso, mas a originalidade da tese está em provar com o princípio da nossa composição e o fim de nossa obra, que não é o que todos pensão. (*Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 18 de novembro de 1866, p.1, col.6).

Por fim, para terminar o ataque com uma grande provocação, o articulista mencionava o episódio de Recife, onde Furtado Coelho foi acusado do incêndio no Teatro Santa Isabel:

Esta obra encerra-se uma ideia. Corram os tais credores enquanto é tempo, e antes que o tunante salde as contas antigas e modernas deitando fogo ao teatro, onde fez em Pernambuco, onde foi metido numa gaiola de que se escapuliu por vias subterrâneas como as que soem praticar os coelhos. Lembre-se também o proprietário do teatrinho que o seu prédio não está seguro em companhia nenhuma, e que é bom usar de cautela. (*Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 18 de novembro de 1866, p.1, col.6).

O artista português, por outro lado, viu a obra e o espetáculo de *O ator* ser respeitosamente analisados por outros jornais da imprensa. Salvador de Mendonça, a quem um dos poemas de 15 de novembro acima citados faz menção, no *Diário do Rio de Janeiro*, por exemplo, realizou três longas análises do drama em 18, 24 e 29 de novembro, ou seja, no período do auge da polêmica. Já no periódico *O Pandokeu*, os comentários elogiosos ao trabalho de Furtado foram os seguintes:

Apesar da barulhada que por aí se tem erguido contra Furtado Coelho, apesar do coaxar de tanta rã que regurgita na lama, continuam as apresentações do *Autor*.

Novos triunfos, novas ovações, novos aplausos têm colhido Furtado Coelho. A plateia fluminense é uma plateia distinta, e de brios. Aquilo que for substância representativa do ideal cristã, aquilo que mover e exaltar lhe o coração, há de ser louvado e aplaudido, porque a plateia fluminense advinha e sente e exalta-se nas manifestações do belo e do sublime.

*O Ator* fez sua carreira desde o instante, em que Helena chorando ao lado de Alberto Vidal arrancou as lágrimas das famílias, que dos camarotes olhavam a cena E feliz do autor que pode abalar o coração e umedecer os olhos de uma plateia inteira!

No *Ator* não há desses escândalos de que enriquece-se escola romântica, não; há ali muita verdade pungente e muita lição proveitosa.

E a brasileira, de faces morenas, lábios cor de jambo, e negros os olhos de onde rebentam auroras de lume, e a brasileira, que estremece e entorna dos cílios duas lágrimas puras e sublimes ao ver Alberto sucumbir vítima de uma traição negra e hedionda, qual a da baronesa da Cidreira, é porque doeu-lhe na alma o padecer de um artista tão ínclito e iludiu-se no colorido vivo do painel. Honra então a Furtado Coelho, porque a ilusão cegou, deslumbrou, produziu sensação, abalou e comoveu.

Persevere Furtado Coelho e há de ser feliz. Por si tem um lidador gigante, a cujas forças ninguém resiste, e esse lidador chama-se o público fluminense e no campo azul de seu escudo lê-se o seguinte dístico: “HONRA AO MÉRITO”. (*O Pandokeu*, Rio de Janeiro, 25 de novembro de 1866, p.2, col.2).

Como afirmamos anteriormente, *O ator* estreou no Ginásio em 7 de novembro, com a última apresentação em 13 de dezembro, acumulando quinze récitas. Podemos considerar, portanto, que a decisão de Furtado Coelho em levar em cartaz o seu drama e ao mesmo tempo voltar a encenar *O anjo da meia noite*, para assim apagar o fiasco que foi *O barbeiro de Sevilha*, parece ter sido acertada, apesar da grande polêmica ocorrida.

Mas se *O ator* teve um bom sucesso de público, êxito maior proporcionou o drama de Furtado Coelho e Joaquim Serra, *O remorso vivo*, no início de 1867. E isso veremos no próximo item desse estudo.

### 5.3 O ano de 1867

Em janeiro de 1867, Furtado Coelho levou em cartaz no Ginásio as mesmas peças que haviam sido encenadas no final do ano anterior. Foram elas: o drama *Um escândalo na família*, peça francesa com tradução de Augusto de Castro; a comédia *Procure-me depois do amanhã*, de Furtado Coelho; *A filha do mistério*, de autoria desconhecida. Houve também a apresentação da comédia *Entrei para o clube Jacome*, de França Junior, obra que não fora encenada em 1866, mas que teve a primeira apresentação em 12 de janeiro de 1867 e depois mais dezesseis récitas durante o primeiro semestre. Além do mais, importante ainda destacar, a apresentação em quatro oportunidades dos dramas *A negação da família*, de Estanislau Barroso Pimentel e *A família Benoiton*, de Victorien Sardou, com tradução de Machado de Assis (Faria, 2010, p.54).

Quanto às peças voltadas ao gênero cômico, Furtado Coelho continuou a apostar nas cenas cômicas e em pequenas comédias de 1 ato. Podemos citar, por exemplo, *O Sr. Domingos fora do Sério*, *O Sr. Joaquim Sacristão*, *Uma noite de Carnaval* e *O diabo no Rio de Janeiro*, composições de Francisco Corrêa Vasques; *O tio Torquato* e *O pai e o noivo*, ambas de autoria desconhecida.

De todas as obras citadas, a que teve maior interesse da crítica teatral foi *A família Benoiton*. A peça que estrou em 4 de maio de 1867, tendo dezesseis apresentações no primeiro semestre, foi logo comentada por um articulista anônimo do *Diário do Rio de Janeiro*. Em seu texto, o crítico, de início, elogiou o espetáculo e o esforço de Furtado em levar em cartaz a peça:

A última hora. É meia noite. Acaba de se representar neste teatro a insigne comédia *Família Benoiton*. Ainda ecoam os bravos prorrompidos de todos os peitos que se entumeceram com as diversas situações daquela pungente comédia.

Ali encontraram todos os expectadores os seus quinhões, o riso, as lágrimas, a ironia, a dor, a frivolidade, o luxo, o deslumbrante luxo com que se molduram os quadros daquelas diversas pinturas da sociedade moderna.

Os esforços do Sr. Furtado Coelho, a proficiência com que monta os seus espetáculos, e o seu talento como ator merecem toda a animação.

Hoje podemos ajuizar porque essa composição de Victorien Sardou gozou de tanta voga na Europa, depois de ocupar exclusivamente a atenção dos parisienses. (*Diário do Rio de Janeiro*, 5 de maio de 1867, Rio de Janeiro, p.2, col.5).

Na sequência, comentou-se a atuação dos atores. Segundo o articulista anônimo, todos os artistas desempenharam bem os seus papéis:

A hora adiantada em que escrevemos não nos permite pormenores nem reflexões: mas não poderemos calar os nomes dos artistas que mais se distinguiram nos seus papéis.

Os que se devem colocar em primeira linha de conta são os. Srs. Furtado Coelho, no papel de Didier, Martins no de Benoiton, Fraga no de Prudente, Paiva no de Champrosé, e o menino Monclar, o incomparável menino Monclar no papel de FanFan.

A Sra. Ismênia desempenhou satisfatoriamente o seu difícil papel de Martha; a Sra. Julia Heller, apesar de visivelmente recém sarada agradou bastante no de Clotilde; as Sras. Monclar e Marcellina nos de Camilla e Joanna produziram bom efeito. O ingrato papel de Adolphina foi dito com propriedade pela Sra. Bernardina. (*Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 5 de maio de 1867, p.2, col.5).

Ao final do texto, o crítico destacava a grande enchente ocorrida no espetáculo de estreia e pedia ao público, que não foi ao Ginásio nessa oportunidade, a prestigiar a peça:

Sardou, o Vitorioso, satisfaz o espírito e o coração. O Sr. Furtado Coelho encarregou-se também de lisonjear os olhos, porque a profusão de ricas [...] com que povoou a comédia, não deixa nada a desejar aos mais exigentes. Convidamos o público a gozar três horas de verdadeiro prazer assistindo a representação da *Família Benoiton*. Estamos certos de que justificará a nossa rápida apreciação.

Quando falamos no público referimo-nos a parte que não esteve ali presente, porque a outra que assistiu à festa demonstrou visivelmente e repetidas vezes

a sua satisfação pelo desempenho da comedia e o apreço em que tem o seu excelente tradutor, o simpático Sr. Machado de Assis.

A sala regurgitava de povo; nos camarotes se achava o que a Corte possui de mais elegante: nas cadeiras o que conta de mais ilustrado. Percebia-se que se estava numa sociedade de eruditos pela atenção prestada aos atores, e pela sobriedade dos aplausos enquanto falavam, o que não é vulgar. (*Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 5 de maio de 1867, p.2, col.5).

O folhetinista do *Diário do Rio de Janeiro* também comentou a peça Victorien Sardou. Mas antes de abordá-la, o crítico fez questão de transcrever o artigo de Gil Braz que igualmente comentava o drama<sup>14</sup>. Esse crítico destacava, então, alguns detalhes do enredo da obra e na sequência a atuação dos atores. Para o articulista, todos os artistas compreenderam os papéis:

O Sr. Furtado Coelho foi, como sempre, admirável; e prescindindo de tudo mais, bastaria o talento superior com que sustentou a cena do 5º acto, entre Didier e Clotilde, para dar-lhe direito a considerar a criação do papel de Didier como um novo florão da sua coroa de artista.

Na parte de Benoiton o Sr. Martins mostrou-se digno do apreço em que são tidos os seus dotes artísticos.

O Sr. Fraga é credor de sinceros elogios. O papel de Prudente foi por ele compreendido e interpretado com habilidade suma.

O menino Monclar é incontestavelmente uma auspiciosíssima vocação para o palco. A cena do 3º ato, em que ele busca iludir a vigilância dos circunstantes para, a seu salvo, abrir a burra do papai, foi desempenhada de modo a revelar inteligência sobremodo notável em tão verdes anos. [...]

As meninas Benoiton, Sras. Francisca Monclar e Marcellina, foram muito bem em seus papéis, e ostentaram toilettes luxuosos e no requinte da moda.

Adolphina (Sra. Bernardina) merece também honrosa menção.

Os dois principais papéis de damas couberam, porém, às Sras. Ismênia e Julia Heller.

Esta deu ao de Clotilde que lhe fora confiado, um desempenho que muito abona a sua inteligência. Aquela no de Martha teve de mostrar-se, a princípio mulher vaidosa, depois mãe devotada e finalmente esposa extremosa.

Dizer que ela superou tamanha dificuldade, é tecer-lhe o devido elogio.

Todos os mais artistas, que tomaram parte na comedia, contribuíram galhardamente para o brilhante êxito da primeira representação; e o público a todos fez cabal justiça, chamando á cena a companhia, e saudando-a com calorosos aplausos, aos quais cordialmente nos associamos, e que ora reiteramos ao ultimar estas linhas. (*Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 8 de maio de 1867, p.1, col.4).

Após transcrever o artigo de Gil Braz, foi a vez do folhetinista realizar as suas considerações sobre a peça e acerca da atuação de Furtado Coelho. Para o articulista, seguindo a mesma opinião do seu colega jornalista, o ator português “imperava sem rival na cena realista”,

---

<sup>14</sup> Gil Braz costumava escrever artigos para a *Semana Ilustrada*. No entanto, não encontramos a crítica do folhetinista nessa revista. É bem provável, portanto, que o artigo foi publicado em outro local.

sendo que Furtado é para o teatro moderno o que João Caetano foi para o teatro romântico (*Diário do Rio de Janeiro*, 8 de maio de 1867, p.1, col.7).

Já na *Semana Ilustrada*, Dr. Semana fez rápidos comentários sobre o texto teatral e sobre o espetáculo. Segundo o crítico, o drama tem algumas imperfeições, mas também qualidades, sendo que dos pontos positivos ocasionou o sucesso do espetáculo:

De uma missa a uma comédia, que abismo!  
 A comédia é a *Familia Benoiton* de Sardou, representada no Ginásio. Escasseasse-me o espaço, pouco direi. De mais não se trata de falar, trata-se de ir ver a peça, que é de *primo cartello*. Não digo que não tenha imperfeições esta peça; e algumas visíveis; mas as suas qualidades são também visíveis, e daí vem o sucesso que teve. O diálogo é vivíssimo e animado. As cenas originais. O espírito a jorros. Os traços e as pinturas de costumes excelentes. O interesse é do princípio a fim. Está montada com luxo e gosto. Os artistas geralmente vão bem, desde Furtado Coelho, que é primoroso, até o menino Monclar, que é a aurora de um belo dia. (*Semana Ilustrada*, Rio de Janeiro, 12 de maio de 1867, p.3, col.1).

### 5.3.1 Furtado Coelho e o drama *O remorso Vivo*

Mas o grande espetáculo levado em cena por Furtado Coelho em 1867 foi o drama fantástico *O remorso vivo*. No entanto, antes de abordarmos as questões que envolvem a peça e o espetáculo apresentado é importante comentar sobre a dúvida acerca de sua autoria. No cartaz de divulgação do espetáculo da obra consta como autores do drama Furtado Coelho e Joaquim Serra, tendo a parte musical composta por Artur Napoleão. Já Galante de Souza, seguindo informações de Sanches de Frias, informa que *O remorso vivo* foi composta por Furtado Coelho, Joaquim Serra, Machado de Assis e a parte musical de responsabilidade de Artur Napoleão (Faria, 2010, p.57). Ou seja, o autor de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* foi também um dos autores do drama fantástico. Por outro lado, Artur Barreiros, em texto publicado na *Semana Ilustrada* de 26 out. 1878, aponta como autores Joaquim Serra, Vieira de Castro, Machado de Assis e Ferreira de Meneses (p.57), excluindo, portanto, Furtado Coelho da lista. Havia ainda mais uma informação acerca da paternidade da obra. Múcio da Paixão declara que durante um encontro entre os escritores na casa de Furtado ficou decidido que o ator português escreveria o prólogo e o 1º ato, Joaquim Serra o 2º, Ferreira de Menezes o 3º e Machado de Assis o último ato (p.57):

Ficou nessa ocasião combinado que se escreveria a peça em colaboração pelos comensais. Furtado escreveu o prólogo e o 1º ato, Joaquim Serra o 2º, Ferreira de Menezes o 3º e Machado de Assis o último, circunstância essa ignorada por muita gente. (Paixão, 1916, p.476).

Se Machado de Assis participou ou não da escrita do drama é difícil saber, pois como explica Faria (2010) nenhum dos seus biógrafos “conseguiu comprovar essa colaboração”. No entanto, o crítico e historiador explica que a sua participação pode ter ocorrido, em razão da forte amizade existente entre os escritores:

Registre-se que até hoje nenhum biógrafo de Machado de Assis conseguiu comprovar essa colaboração. Mas a amizade que o ligava a todos os envolvidos na redação de *O remorso vivo* é forte indício de que participou da empreitada. (Faria, 2010, p.57).

De todo modo, apesar das várias propostas de paternidade da obra, iremos considerar neste trabalho como autores de *O remorso vivo* Furtado Coelho e Joaquim Serra, pois no folheto do drama, publicado pela Livraria C. Teixeira, consta o nome dos escritores citados, além de Arthur Napoleão, responsável pela parte musical<sup>15</sup>.

Explicada essa questão, podemos, então, passar para o enredo da peça. *O remorso vivo* conta a história de Oscar Werner, homem de poucas posses, casado e que possui uma filha recém-nascida. Porém, a vida de Oscar Werner muda quando ele recebe uma grande herança de um tio distante, se tornando, assim, milionário. No entanto, um fato importante escrito na carta estabelece todo o conflito no drama: Oscar Werner para receber a herança deve viajar por quinze anos e só depois desse tempo receberá o dinheiro e os bens. Werner explica, então, para a sua mulher o recebimento da herança e comunica que ele deve partir, abandonando-a e também a filha pequena. Em razão do abandono, Maria, antes de suicidar e de entregar a filha pequena para o sacerdote da região, deseja vingança ao ex-marido, querendo que Werner “sofra todas as torturas horríveis do remorso, cada vez que tentar subir os degraus das ambições que o dominam” (Furtado Coelho; Serra; sd., p.14). Passados os quinze anos, a profecia de Maria surte efeito, pois Oscar Werner sempre que se vê envolto em algum desejo ambicioso é incomodado por uma personagem que é a Sombra do Remorso. Isso é o que ocorre, por exemplo, na cena que em o ex-marido de Maria resolve se casar com a filha do Conde de Stollberg:

**Sombra** – Já disse! Por que és um infame!

**Oscar**- Um infame?

<sup>15</sup> *O remorso vivo* encontra-se disponível na biblioteca digital do Museu Lasar Segall.

**Sombra** – Sim! Em queres casar-te sem o dever fazer; dar a outrem uma fortuna que não é unicamente tua; deixares-te dominar por uma condenável ambição de grandeza a que não pode ter direito, enquanto fores um réprobo de Deus! (Furtado Coelho; Serra; sd.; p.34).

Mas o arrependimento pelos atos passados irá penetrar na alma de Oscar Werner, quando ele toma conhecimento que a sua filha, Gretchen, está viva. No entanto, a personagem, em um primeiro momento não perdoa o seu pai. Ela somente perdoará Oscar Werner se ele renunciar toda a sua riqueza. O personagem aceita tomar tal atitude. Porém, o sacerdote que criou Gretchen explica que o dinheiro de Oscar Werner é legítimo e que tal fortuna deve ser usada para ajudar os pobres. Novamente, o personagem aceita a decisão.



**O Remorso vivo.**

(SCENA 6.ª)

*Maria* — Uma ultima supplica, Oscar, tu és rico.... eu nada tenho.... Uma esmola para tua filha!  
*Oscar* (atirando-lhe uma moeda de cobre) — Dou quanto tenho.... (Sabindo) Um rei não faria tanto!

**Fig.43:** *Semana Ilustrada*, Rio de Janeiro, 3 de março de 1867, p.5. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/702951/2604>

Apesar de *O remorso vivo* não apresentar nenhuma inovação no plano estrutural e no plano do conteúdo, assemelhando a parte do sobrenatural ao que havia sido proposto em *O anjo da meia noite*, o drama foi um grande sucesso de público, sendo isso explicado por dois motivos. O primeiro, nós já comentamos quando abordamos *O anjo da meia noite*. Os espectadores apreciavam as peças, em que o enredo mirabolante e o surgimento do sobrenatural se faziam presentes. O segundo motivo é que parte do público carioca frequentador das casas teatrais já estavam saturados dos dramas realistas com seus aspectos moralizantes, preferindo os espectadores os dramas fantásticos e os musicais. Um crítico anônimo do *Correio Mercantil*, ao abordar *O remorso vivo*, explica:

Há muito que o nosso público enfastiou-se dos dramas chamados da escola realista, e voltou os seus amores para os fantásticos e musicais, o que em ação retórica tem o nome de melodrama. Este é segredo do grande sucesso dos *Orfeu nos Infernos*, e *Virgem do Ar*, pondo de parte a encadernação francesa, título que lhes alcança grande fortuna. O nosso teatro nacional representou levado pelas exigências do público, *A anjo da meia noite*, que falou a nossa língua, mas que é francês de origem, ainda que nos mostrasse pretensões a germânico. (*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 27 de fevereiro de 1867, p.2, col.2).

Além de ter sido bem aceito pelo público carioca, o drama de Furtado Coelho e Joaquim Serra foi bem comentado pela imprensa da época. Levado em cena pela primeira vez em 21 de fevereiro de 1867, e tendo alcançado em torno de quarenta e sete récitas em todo o ano, alguns dias depois, já havia comentários sobre o espetáculo apresentado. O *Diário do Rio de Janeiro*, por exemplo, comentava o seguinte sobre o drama:

Subiu antes de ontem a cena, pela primeira vez neste teatro *O remorso vivo*, drama fantástico em 8 quadros, dos Srs. Furtado Coelho e Joaquim Serra, música de Arthur Napoleão.

Há longo tempo anunciada, a nova peça do Ginásio despertara no público igual curiosidade aquela de que já fora objeto o *Anjo da meia noite*.

E se a curiosidade foi igual, parece que igual será o sucesso.

*O Remorso vivo* tem todas as condições para fazer uma longa carreira. Reúne-se aí a realidade e a fantasia, em tão íntimo acordo; casa-se tanto o interesse dramático com a parte fantástica; o inesperado das aparições vem tão a propósito nos diversos lances da peça, que necessariamente há de esta competir com o drama de D'Ermetry.

A ação foi bem imaginada e executada pelos talentosos autores, o Sr. Furtado Coelho, que é o autor principal, e o seu colaborador o Sr. Joaquim Serra. A peça é bem escrita e tem sobretudo algumas cenas que nos ocorre mencionar especialmente – a de Gretchen e de Gustavo no 3º quadro, o monólogo de Oscar no 5º, e a cena do 6º entre o major e o barão. (*Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 23 de fevereiro de 1867, p.1, col.3).

Na sequência, o articulista destacava a apresentação do espetáculo:

Há durante o correr da peça muita música, mas excelente; inspirada e magistralmente instrumentada. Arthur Napoleão, que tem uns dedos mágicos, é também um talentoso criador, como já todos sabem por composições que se lhe tem ouvido. Quase todos os pedaços foram estrepitosamente aplaudidos, e se o não foram todos os entreatos é porque ordinariamente o público ouve distraído essas composições. Pois perdeu muito, porque são lindíssimas.

O desempenho dramático foi bom. O Sr. Furtado pôs no desempenho e papel de Oscar todas as forças do seu belo talento, com mui feliz sucesso, especialmente no 5º quadro, na cena do reconhecimento de Gretchen. Esse foi um dos melhores momentos de sua carreira de artista.



O 1º e o 6º quadros foram as principais situações em que a Sra. Ismênia no papel de Gretchen foi aplaudida, e com justiça, sobretudo no 1º em que mostrou muito vigor e talento dramático.

O papel do cura Freitag coube ao Sr. Heller, cuja severidade de locução e de maneiras ficam perfeitamente em tais papeis. Os Srs. Vasques e Monclar desempenham o major e o barão, dois ridículos que alegam a situação, não fomite pela graça com que são escritos os papeis, como pelo talento dos dois artistas que os interpretam. Sobretudo caracterizaram-se muito bem.

A figura do Remorso coube ao Sr. Fraga, que além de apresentar um caráterístico perfeito, tem uma voz adequada ao papel.

Resta dizer que o cenário e todo o mise-em-scène foram trabalhados com extremo cuidado, e são excelentes. São de surpreendente efeito o 2º, 4º, 5º e 7º quadros.

O Sr. Furtado Coelho trabalha com vontade e não poupa esforços; a noite de anteontem é uma prova disso. É um diretor inteligente que merece o apoio do público. (*Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 23 de fevereiro de 1867, p.1, col.3).

Já na *Semana Ilustrada*, os comentários também foram positivos. O articulista destacava a cena do encontro entre o cura Freitag e Oscar Werner no Castello de Rollandseck, além das músicas compostas para a peça:

Subiu finalmente a cena do Ginásio o decantado drama lírico fantástico de Furtado Coelho e Joaquim Serra, e música de Arthur Napoleão. *Remorso Vivo*, se chama, e remorso vivo nos ficará se não nos apressássemos a dizer que desta vez a fama não exagerou, antes ficou aquém muito do muito que vale a obra. Há no drama uns toques de sentimentos, uns traços de bela literatura, situações tão febris e tão ameno estilo muitas vezes, tão apropriados sempre, que os que não gostam do fantástico, esquecem-no, e os que o adoram mais o aplaudem em tão fidalga companhia.

E mencionaremos dentre os mais belos o quadro quarto, em casa do cura Freitag, dentre os de maior efeito o das ruínas, aquele em que canta o esplêndido coro da natureza, e a apoteose no final do drama.

E a música? Oh! Esta inspiração de um grande gênio! Luz de um belo raio! Raio de um sol esplêndido. (*Semana Ilustrada*, 3 de março de 1867, p.7, col.1).

Igual apreço pelo drama e pelo espetáculo apresentou também um certo “Tab” no *Correio Mercantil* de 31 de março. O articulista, apresentando a opinião de que *O remorso vivo* é “superior ao *O anjo da meia noite* pelo fundo moral”, elogiou o enredo da obra e aproveitava também para exaltar a música composta por Arthur Napoleão e a atuação dos atores (*Correio Mercantil*, 31 de março de 1867, p.2, col.3).

No entanto, a crítica positiva tecida por “Tab” não foi bem recebida por um indivíduo que assinava Zuccharo Junior. Esse crítico, postando um texto também no *Correio Mercantil*, iniciava o artigo argumentando que o drama de Furtado Coelho e Joaquim Serra é uma peça defeituosa, recomendando a “Tab” que vá ver o espetáculo para comprovar o que é dito:

Que achou o Sr. Tab no *Remorso vivo* para fazer o esparrame que fez no *Correio Mercantil* de hoje? Pois deveras o *Remorso vivo* é composição dramática limpa de defeitos, purgada de erros?

Que o diga o próprio Sr. Furtado Coelho, um dos autores; sim. Que o diga. Confiamos tanto na alta inteligência do ilustre artista, que não trepidamos em chama-lo para juiz, pois que S. S. há de convir conosco, e corará de receber os louvores do Sr. Tab pelo modo por que lhe foram feitos.

Faça o próprio Sr. Tab uma experiência: vá a representação do *Remorso vivo*, mas feche os olhos para não ver os fogos de Bengala e jogo dos [...]; ponha de parte a música; coloque-se, enfim, de modo a que não sejam juízes os seus olhos, e aplique ouvidos, e com os ouvidos toda a atenção, toda a de que for susceptível, a mais apurada atenção, e o encanto desaparecerá, e, em vez do arroubo e do entusiasmo com que apareceu hoje em público sentirá na alma bem vivo remorso de ter-se fiado no que viram seus olhos. (*Correio Mercantil*, 1 de abril de 1867, p.3, col.1).

Os comentários de Zuccaro Junior não paravam por aqui. O articulista, um defensor dos dramas realistas, sugeriu, na sequência de seu texto, que o motivo de Furtado Coelho levar em cena *O remorso vivo* é a concorrência com os outros teatros, ou seja, a tentativa do empresário português em atrair o público para o Ginásio. Em outras palavras, se no Alcazar Lírico e no Variedades encenavam-se, respectivamente, as operetas *Orfeu nos Infernos* e *Filie de l'air*, Furtado apostava na música e no aspecto fantástico de sua obra, sendo secundário, portanto, o aspecto moralizador que há nela. Isso para Zuccaro Junior era imperdoável, pois ele desejava que Furtado encenasse os grandes dramas realistas já levados em cena no Ginásio, deixando de lado os alçapões, as manivelas e todo os demais recursos que levassem à fantasmagoria:

Há de ver, Sr. Tab, que a direção do Ginásio concebeu a paz em execução o *Remorso vivo* com um fim único.

Quer sabê-lo?

Indague desse povo que enche todas as noites os teatros das Variedades e do Alcazar quando ali se apresentam *Filie de l'air* e *Orfeu*.

Consciência tem o Sr. Furtado Coelho, consciência e pejo para não impor o *Remorso vivo* como composição dramática capaz de fazer uma reputação literária, como ao Sr. Tab pareceu que era.

E ainda bem. Mal da arte dramática se assim não fora. Ouça, Sr. Tab:

Se tem algum interesse pelo progresso dessa arte, se toma a peito o teatro, lamente conosco que, em vez do *Remorso vivo*, não haja o Sr. Furtado Coelho levado em cena algumas dessas boas composições, desses muito bons dramas que existem no arquivo do Ginásio, opondo-se, como bom e [...] artista que é a que vão tomando conta do palco o alçapão, as manivelas, os ficélles (sic) e todos os mais apetrechos da fantasmagoria, que de ordinário servem para encantar os olhos, mas nenhum proveito refletem na alma do espectador. (*Correio Mercantil*, 1 de abril de 1867, p.3, col.1).

Furtado Coelho não respondeu a Zuccaro Junior, afinal não se podia agradar a todos e também, como empresário, era necessário levar em consideração o que a bilheteria propunha.

Porém, nesse período em que *O remorso vivo* era encenado e atraía o público para o Ginásio, Furtado teve que lidar com algumas situações incômodas, as quais veremos nesse instante.

### 5.3.2. A Companhia Keller e a polêmica com Francisco Corrêa Vasques

A primeira das conjunturas foi que, em 28 de maio de 1867, estreava no Teatro Lírico Fluminense, a Companhia Keller, a qual tinha como proposta apresentar espetáculos cênicos denominados “Quadros Vivos”. Uma nota na “Gazetilha” do *Jornal do Commercio* explica:

A Companhia Keller deu antes de ontem a sua primeira apresentação de quadros vivos. Dispondo de numerosas figuras e de todos os acessórios e máquinas precisas, a companhia ofereceu ao público uma brilhante série de belíssimos quadros.

Nem todos avaliam talvez ao justo o estudo, os esforços, a perseverança que eram necessários para adestrar tão grande número de pessoas e formar um conjunto harmonioso; assim como também se não mede facilmente a firmeza e a força muscular que se quererem para sustentar por espaço de alguns minutos posições momentaneamente naturais, mas forçadíssimas quando se prolongam. Em todos os quadros havia alguns que estavam verdadeiramente neste caso.

Os grupos eram graciosa e artisticamente formados e na multiplicidade de figuras seria difícil encontrar alguma que não estivesse no seu lugar e em posição correta. A riqueza e a propriedade dos vestidos, e o brilho dos adornos e acessórios, realçavam os quadros e davam a alguns o aspecto fantástico.

Ainda quando quiséssemos, não poderíamos descrever um por um os diferentes quadros que se apresentaram. Limitamos a dar conta da impressão que nos causou todo o espetáculo, mencionando apenas pelo efeito quase mágico que produziu a *chuva de ouro*.

Brilhantes palhetas de ouro inundaram a cena, e no fim, quando elas, ao clarão do fogo de bengala, apresentaram cores cambiantes, o público rompeu em aplausos. (*Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 30 de maio de 1867, p.1, col.2).

Já o *Correio Mercantil*, oferecia outras informações sobre o espetáculo apresentado:

Deu-se anteontem no teatro Lírico, conforme estava anunciada, a primeira representação dos Quadros vivos, pela companhia do Sr. Keller.

Neste difícil gênero de espetáculos a principal condição é por sem dúvida a imobilidade das figuras e a rapidez e precisão dos movimentos das mutações das cenas. Essa condição foi compreendida por toda a companhia. Outra qualidade também necessária é a beleza de formas dos personagens e o pessoal numeroso da companhia dispõe na maior parte dessa qualidade, possuindo os homens modelação vigorosa e enérgicas fisionomias, e as damas semblantes distintos, elegância e perfeição de contornos.

Os diferentes quadros exibidos no espetáculo de anteontem foram em geral bem executados. Entre eles, porém, sobressaíram os da *Elevação*, *Último suspiro* e *Descimento*, todos de Rubens, e nos quais desempenhou a figura de Divino Salvador o Sr. Keller. (*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 30 de maio de 1867, p.2, col.4).

Essas apresentações, que já haviam sido levados em cena na Europa, América do Norte, e no Brasil, mais precisamente em Porto Alegre, Pelotas e São Paulo, eram uma novidade na Corte, atraindo, portanto, a curiosidade do público (*Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 28 de maio de 1867, p.4, col.5). Tal fato provavelmente trouxe dificuldades a Furtado Coelho, pois o público, ao ir ver os “Quadros Vivos”, deixava de comparecer no Ginásio. Assim, o empresário português, além de lidar com a concorrência do Alcazar Lírico com as suas operetas, precisou competir com os espetáculos apresentados no Lírico Fluminense.

Mas havia ainda uma questão incômoda que Furtado precisou lidar: a polêmica com ator cômico Francisco Corrêa Vasques, sendo que tal fato culminou na saída desse artista do teatro Ginásio. Vejamos como tudo se deu.

Em 5 de julho de 1867, Vasques publicou no *Jornal do Commercio* uma carta, que lhe havia sido enviada por Furtado Coelho anteriormente. Nesse texto, o empresário português comunicava a falta de profissionalismo do ator cômico, explicando que desde que tomou a direção do Ginásio, Vasques foi o artista mais remisso da companhia, faltando aos ensaios, e sendo, portanto, um mau exemplo para os outros atores (Marzano, 2008, p.92):

Desde o princípio de minha empresa neste teatro, que conta já dois anos e três meses, tem V.S. sido, sem contestação, o mais remisso de todos os artistas no cumprimento de seus deveres como meu contratado; e, como tal, um constante mau exemplo de abusos para mais de um artista, que à sombra da impunidade com que V.S. continuamente falta ao serviço de ensaios, desde o começo de minha empresa até hoje, impunidade toda filha da minha condescendência, tanto mais exagerada, quanto mais reconhecida, iam também faltando aos seus deveres, certos, bem certos de que assim como eu não reprimia a falta de assiduidade e zelo de V.S., igualmente não reprimia neles iguais e continuados abusos. (*Jornal do Commercio*, 5 de julho de 1867, p.1, col.6).

Furtado lamentava, portanto, que todos os esforços empregados para levar em cena os espetáculos estão sendo prejudicados pelo ator cômico:

Devo concordar que daqui ao estado de completa anarquia pouco dista. E no entanto assim tem sido até hoje! Mal dirá o público fluminense ao ver em cena o *Anjo da meia noite*, *Ator*, *Remorso Vivo*, e *Família Benoiton*, que lutas eu tenho a superar, que desgostos e amarguras eu trago, além de trabalho de direção e ensino que semelhantes dramas exigem para ser postos em cena como são. Do brilhante que se apresentam seus espetáculos, dir-se-á que deve ser belo o trabalho preparatório que os conduz à primeira representação. Como se enganam de minha paciência e do meu amor da arte, quando tenho de sofrer tanta negligência e tanta desatenção! (*Jornal do Commercio*, 5 de julho de 1867, p.1, col.6).

Mas o empresário português vai mais longe na sua argumentação. Para ele, Vasques, por ser um ator talentoso, deveria levar em consideração a disciplina, servindo, portanto, de modelo para os artistas modestos (p.93):

Com que direito, fundado em que isenções falta V.S. aos ensaios, e os trata com pouco caso nas ocasiões em que neles comparece?  
Será pela superioridade do seu merecimento?  
Porém, esta já se acha recompensada com a superioridade de ordenado com os aplausos da crítica e das plateias, e com a consideração pública.  
No regimento interno de uma corporação cujo mais forte alicerce dever a disciplina, a superioridade artística deve também ser modelo para o comportamento dos mais pequenos, e nunca a perniciosa fonte de onde partem os abusos, tantos mais nocivos para a desmoralização do corpo coletivo, quanto mais for a falta em que ela se ache colocada.  
Aos olhos de um governo, a letra da lei admite-se a indisciplina de um general, porque ele é general?... Bem pelo contrário, essa indisciplina é mais rigorosamente punida do que o seria num simples soldado, porque este não tem que dar exemplo, e aquele que os deve dar é duas vezes culpado quando comete uma falta. (*Jornal do Commercio*, 5 de julho de 1867, p.1, col.6).

Na sequência do texto, Furtado apresentou, então, um fato concreto que demonstrava a má postura profissional de Vasques. Segundo o empresário português, o benefício da atriz Marcelina Câmara teve que ser adiado, pois Vasques, um dia antes do espetáculo, perambulava de madrugada pelas ruas do Rio de Janeiro, mesmo estando constipado<sup>16</sup> (p.97). Ou seja, para Furtado, o ator cômico não tomou os devidos cuidados com a saúde, prejudicando a companhia teatral:

Encarando agora a questão por outra face, V.S. tem sido até na minha empresa o único artista do seu gênero, e encarregado por seu indisputável merecimento, de primeiros papeis de difícil substituição, coloca o meu repertório numa terrível contingência, a mais terrível, qual seja a de ter de transferir um espetáculo só por sua causa. Ainda há dias se deu esta funesta ocorrência, ocasionando, V.S., por doença sua, a transferência do benefício da atriz Marcelina, fato que valeu no dia imediato uma verrina caluniosa e infame no *Jornal do Commercio*, e, o que pior foi, pôs injustamente de sobreaviso os olhos da polícia sobre este fato, que é no entanto, por meus esforços, o mais útil, o mais regular dos teatros da corte.

V.S. na véspera desse espetáculo já se achava constipado, que a mim próprio me disse; a noite estava fria e úmida, e no entanto, sem considerar que no dia seguinte tinha espetáculo, e ainda para mais, que esse espetáculo era o benefício de uma colega, V.S. recolheu-se para sua casa depois das 4 horas da madrugada! No dia seguinte estava doente! Pudera! Com tudo se parecerá V.S. menos com um Hércules.

---

<sup>16</sup> O benefício que estava marcado para o dia 26 foi transferido para 28 de junho de 1867.

E deve uma empresa estar sujeita a isto?... Deve ela ter um artista, tão pouco cuidadoso de seus deveres, da sua saúde, metido em todo o repertório? Não é possível! Basta-me a última lição. Não me há de esquecer por muito tempo. (*Jornal do Commercio*, 5 de julho de 1867, p.1, col.6).

Além da falta de profissionalismo de Vasques, no trecho, um outro ponto incomodou o empresário português: o controle da polícia sobre o Ginásio. Mas que controle seria esse? Envolveria a fiscalização às peças consideradas impróprias? Vejamos melhor esse tema. Marzano (2008, p.93), ao pesquisar a trajetória artística de Vasques, e abordando a polêmica ocorrida entre o ator cômico e Furtado Coelho, explica que controlar os espetáculos teatrais era um cuidado apresentado pelos órgãos de controle, para se evitar que alguma casa de espetáculo levasse em cartaz alguma peça que ameaçasse a “moral, os costumes e o bom comportamento do público” (p.93). Com isso, esse controle dos órgãos de censura, poderia “atrapalhar os negócios dos empresários, impondo limites ao repertório” (p.93). As informações de Marzano (2008) não estão incorretas. Durante todo o século XIX a censura esteve envolvida com o teatro. No entanto, a preocupação de Furtado com a polícia não diz respeito ao fato de no Ginásio haver peças que comprometessem a moral e os bons costumes, mas sim com a questão de que era proibido pelos órgãos de segurança a transferência de um espetáculo já anunciado anteriormente. Isso é o que se explica no artigo do *Jornal do Commercio*, então citado por Furtado em sua carta. Segundo o articulista desse texto, em todas as cidades onde há polícia não se permite a transferência de um espetáculo depois de divulgado:

É escandaloso, toca mesmo as raias do cinismo, o desprate com que o teatrinho chamado do Ginásio, tendo anunciado o espetáculo, fecha a noite as suas portas, sem querer saber quem se incomodou ou não para ir lá, e bater com o nariz na parede.

Em todas as cidades onde há polícia não se permite, depois de certa hora, a transferência de um espetáculo anunciado. Aqui a polícia cuida de tudo, menos do respeito devido ao público. Uma família compra um camarote, ou lhe impigem a força, as senhoras penteiam-se, vestem-se, compram luvas, alugam um carro, põem-se na rua, chegam a porta do teatro, e encontrando-a fechada podem ir passear para onde quiserem.

Qualquer motivo serve para o Ginásio fechar as portas a última hora. Uma vez é o bilheteiro que declara não ter vendido bastante para cobrir a despesa, outra é um ator que não quer representar, porque lhe não pagam o que lhe devem. Ontem o escândalo subiu de ponto. Era o benefício da atriz Marcellina, e tinha sido fintada muita gente, que para não perder o seu dinheiro queria ir aborrecer-se naquele teatrinho até a meia noite. Deram 8 horas, muitas pessoas estavam já no saguão, quando de repente vem ordem de despejar o beco e fechar as portas. (*Jornal do Commercio*, 27 de junho de 1867, p.1, col.6; Marzano, 2008, p.95).

Outra questão que desagradou o empresário português foi o possível mau comportamento de Vasques com os seus colegas de empresa dramática (p.97). Furtado comentava, por exemplo, que o ator cômico teria proferido palavras de baixo calão a duas atrizes e provocado um escândalo em um camarim de outra atriz.

Encaremos ainda o seu comportamento por outro lado. Como se tudo aquilo não fosse ainda suficiente para V.S., apesar de seu merecimento artístico (que eu sou o primeiro a reconhecer e a considerar), se torne pela indisciplina nocivo a regularidade dos trabalhos e à fácil gerência da minha empresa, na noite de terça-feira 27, principiando durante o 5º quadro do Remorso Vivo, por chamar por uma atriz com o epíteto de ... e apelidando a outra face a face... arrematou no fim do espetáculo por provocar um escândalo no camarim de outra atriz, a propósito de fatos de sua vida íntima, comprometendo diante de estranhos, que se achavam presentes, a dignidade e o decoro da própria classe, como membro da qual V.S. assinala no seio da sociedade.

Já vê, por tudo quanto deixo dito, que V.S., destrói com as inconveniências de seu gênio altivo e pouco cordato as vantagens que seu belo trabalho no palco podem provir a uma empresa dramática. (*Jornal do Commercio*, 5 de julho de 1867, p.1, col.6).

Com o intuito da empresa não ficar na dependência de somente um artista cômico no seu elenco, Furtado, na sequência da carta, informava que teria pensado na contratação do ator Martins. Com isso, Vasques teria que submeter a uma redução salarial, além de perder o papel na peça *Rocambole*, a qual seria levada em cena no início de julho (p.99). Ou seja, apesar de estarmos diante de uma carta que explica motivos para Vasques ser demitido, o empresário português abria espaço para o ator cômico continuar na empresa dramática:

Colocou-me, pois, V.S. e só V.S. na forçosa necessidade, não de o despedir porque o aprecio como ator, mas de contratar outro artista de gênero igual ao seu, e igualmente benquisto e festejado do público para que a empresa do Ginásio fique mais a salvo de seus caprichos, de seus arrebatamentos e da falta de zelo na execução e devida observância das obrigações que o seu lugar no teatro lhe impõe, como artista contratado.

Mas a quem devo eu o aumento de compromissos que à minha empresa acarreta a escritura de seu distinto colega Sr. Martins, que cedendo a meus pedidos, deixou de efetuar a sua viagem à Europa, para ficar no meu teatro? A V.S., é só a V.S., que, pelas razões já expendidas, não pode ter direito a confiança da empresa.

Nunca fez questão do seu ordenado de 300\$000 mensais, mesmo quando com sacrifícios enormes mal posso fazer face às avultadas despesas da minha empresa, vejo-me forçado a reduzir o seu ordenado a 200\$000 mensais, já pelas razões enunciadas, e já porque menos trabalho pesará doravante sobre seus ombros.

A divisão do trabalho é uma garantia para o repertório; e para que esta garantia principie desde já em vigor, o papel que lhe foi distribuído no drama *Rocambole* será desempenhado pelo Sr. Martins.

Não vejo nisso um acinte nem uma afronta; não tenho necessidade nem vontade de lhe ser molesto. O drama ainda não foi anunciado com os personagens. É apenas uma medida disciplinar que habilitará a empresa com um drama importante, às representações do qual não fará mal que V.S. tenha o capricho de se recolher de madrugada para a sua casa. (*Jornal do Commercio*, 5 de julho de 1867, p.1, col.6).

Ao final da carta, Furtado argumentava que aceitava a permanência de Vasques na companhia do Ginásio, em razão do seu “merecimento artístico”, mas que a relação pessoal entre eles não podia ser reatada (p.99):

Caso a V.S. convenha continuar no meu teatro, o que eu estimarei, pelo seu merecimento artístico, cumpre-me comunicar-lhe que, não me convindo como empresário, reatar a familiaridade que entre nós existia como homens, por isso que V.S. abusa dela para infringir os seus deveres de artista contratado, eu vou ser de hoje em diante inflexível, e sem exceção de artista algum, na rigorosa aplicação dos artigos do regulamento do palco, que hoje terei de apresentar à companhia, e da qual será dada uma cópia a cada artista, para não se chamarem à ignorância dele. (*Jornal do Commercio*, 5 de julho de 1867, p.1, col.6).

A última parte do texto de Furtado Coelho e a carta como um todo estabelecem um ponto importante, no qual não podemos deixar de comentar: a profissionalização da atividade teatral. Marzano (2008), ao analisar a polêmica entre os artistas, observou essa questão e comenta haver, naquela época, uma preocupação “com a imagem dos artistas perante a sociedade” (Marzano, 2008, p.99). O ator e empresário português pensou nesse assunto, desde o momento em que pisou em terras brasileiras, haja vista que, ao propor a forma de atuação da escola realista, como ensaiador, exigia dos atores “a manutenção da disciplina e do decoro nos palcos, a naturalidade dos gestos e na dicção” (Marzano, 2008, p.99). Mas se quisermos conhecermos ainda mais o ponto de vista de Furtado sobre a postura a qual deveria ser desempenhada pelo artista dramático, basta lermos o que o empresário e ator português escreveu em sua *Conversação Preambular*, texto que como vimos, debate a obra *Amor da arte*. Nela, Furtado explica que tanto os dramas *O ator* e *A atriz*, primeira e segunda parte da obra citada, procuram mostrar a necessidade dos artistas dramáticos ocuparem espaço na sociedade. No entanto, o dramaturgo português lamenta que preencher esses espaços é difícil, muito em razão do preconceito sofrido pelo artista:

Um indivíduo está em casa de um amigo, e diz-lhe:  
 -Quero apresentar-te um amigo meu; engenheiro muito hábil.  
 -Ah bem-vindo seja!



-Quero que conheças de perto um com cunhado de minha madrasta; -  
funcionário público, temível numa eleição de vereadores.  
- Ah desejo imensamente 233ceita233-lo; traze-o para jantar comigo.  
- Quero dar-te a satisfação de apreciares particularmente o talento do ator ....  
Quero que sejas seu amigo. É um artista muito distinto.  
- Homem! Dize-me primeiro: que tal é o seu comportamento? (meio enjoado).  
Isto de cômicos...  
Eis a lepra fatal! Eis a condenação terrível! Eis o que eu pretendo fulminar, e  
destruir para sempre.  
O engenheiro, o jurista, o empregado do Estado, podem ser três tratantes. Que  
importa, se essas classes só por si dão o ingresso, sem se indagar a moralidade  
do indivíduo?  
O ator pode ser o mais inteligente dos artistas, o mais honesto dos homens, o  
melhor amigo, o melhor cidadão, o melhor membro da família. Que importa?  
Passe pelas forcas caudinas da desconfiança que pesa sobre a sua classe.  
(Furtado Coelho, 1866, p. X).

Essa era uma dura realidade para o artista dramático brasileiro no século XIX. Furtado Coelho entendia, então, que somente com três pilares seria possível que o artista fosse valorizado, respeitado pela sociedade e livre de preconceitos. Eram eles: talento, contínuo estudo e educação familiar:

Há contudo condições essenciais que devem acompanhar o artista, para que tal metamorfose se opere. Condições de educação familiar, vocação e depois conhecimentos especiais, que são os elementos preparatórios para poder progredir no estudo dramático. (Furtado Coelho, 1866, p. XI).

Desta questão levantada, podemos interpretar que o empresário português, via a necessidade de, na sua empresa dramática, incutir o profissionalismo em todos os artistas do elenco, incluindo Vasques ou não.

Na mesma edição em que Vasques publicou a carta de Furtado, o ator cômico levou ao público a sua resposta. O artista iniciava o texto estranhando o fato de Furtado não se lembrar do tempo em que, ele, Vasques, esteve “na casa de correção, por lhe querer lançar fogo ao templo!...”. Ou seja, de maneira irônica, o ator cômico relembra o episódio em que Furtado foi preso em Recife e acusado de colocar fogo no Teatro Santa Isabel.

Acuso a recepção do seu “interessante” ofício, com data de 1 de julho; e para também poder fazer-lhe as minhas reflexões, tenho a honra de participar-lhe que lhe não devo nada.

Diz V.S. que desde o princípio da sua empresa que tenho sido remisso, faltando continuamente aos ensaios, sem disciplina, desmoralizador eterno da “boa” ordem do seu teatro e da sua “querida” arte, tão prezada por V.S., causando por estes motivos a pouca regularidade do serviço do teatro, e lançando a anarquia no seio de meus colegas!

Não sei como V.S. não se lembrou de dizer que eu já estive na casa de correção, por lhe querer lançar fogo ao templo! (*Jornal do Commercio*, 5 de julho de 1867, p.1, col.7).

Vasques aproveitava também para argumentar que, se ele teve problemas com algum artista da companhia, como foi apresentado na carta do empresário português, Furtado Coelho também proporcionou atritos com outros atores, sendo, portanto, o verdadeiro “desmoralizador do teatro Ginásio” (Marzano, 2008, p.106). O ator cômico citava, então, os desentendimentos de Furtado com a família Monclar e com a atriz Antonina Marquelou, atritos que acabaram culminando na demissão dos artistas:

Ora, Sr. L.C. Furtado Coelho, V.S., apesar de ser um excelente ator dramático, tem às vezes uma veia que o deixa escorregar sem querer para a farsa ridícula!... Pois V.S. ignora quem é o desmoralizador do Teatro Ginásio!... ignora quais são os motivos que impedem sua marcha? Não se lembra da noite que se representavam *Os Voluntários*?... Não se lembra daqueles papéis que voavam no recinto do teatro, e que tanto o incomodaram?... esqueceu-se V.S. do que fez à atriz Antonina?... não tem presente o escândalo que se deu no teatro há bem pouco tempo com o casal Heller?... Não sabe V.S. quem foi o culpado? Não afetou de V.S. os interesses de sua empresa, despedindo a família Monclar?... V.S. sabe de tudo isto! Não ignora que tem sido um constante contribuinte para a desmoralização do teatro e da arte, que V.S. diz presar tanto. Felizmente não sabe V.S. só!... sabe o público do Rio de Janeiro, ou por outra, do Brasil, o que é V.S. dentro da caixa do teatro. Os meus colegas não ignoram e acredite que fazem toda a justiça ao caráter “nobre”, “cavalheiro” e “honesto” com que V.S. se tem portado desde que chegou às terras de Santa Cruz. (*Jornal do Commercio*, 5 de julho de 1867, p.1, col.7).

Sobre a saída da família Monclar da companhia do Ginásio, a informação de Vasques é correta. Uma nota na sessão de espetáculos do *Jornal do Commercio* de 12 de junho informava a retirada de Francisco, Francisca e menino Monclar, mas sem explicar os motivos que levaram a ser tomada tal decisão (*Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 12 de junho de 1867, p.4 col.5). Quanto a Antonina Marquelou, a saída da atriz do Ginásio ocorreu no início do mês de junho de 1866, sem que houvesse também uma explicação clara dos motivos. No entanto, entre Antonina Marquelou e o empresário português um fato curioso nos chamou a atenção: a falsificação de assinaturas de artistas com o intuito de prejudicar um outro artista. Vejamos melhor esse tema. Logo após a polêmica envolvendo a obra *Amor da Arte*, em 17 de novembro de 1866, uma pessoa com as iniciais “A.M.” postou um poema em que dizia o seguinte:

**Aqui há dente de Coelho**  
 No teu drama, meu amor,  
 Entre as muitas que expendeste,

Tu, de certo, te esqueceste,  
 De uma façanha de ator;  
 Quando ele, por malversor,  
 Finge-se aflito, infeliz,  
 Que está pobre – afirma e diz,  
 E dando no alheio um bote,  
 Joga a cena do calote,  
 E vende as joias da atriz.  
 (*Jornal do Commercio*, 17 de novembro de 1866, p.2, col.4).

Antonina Marquelou, vendo que a autoria se identificava com as iniciais de seu nome, resolveu se defender, explicando que, apesar de os versos fazerem alusões a fatos ocorridos em sua vida, ela não teve participação na postagem do texto. Porém, a atriz se mostrava magoada com o empresário português:

Com as minhas iniciais A.M. apareceram nesta folha uns versos em que visivelmente se alude a fatos ocorridos entre mim e o Sr. Furtado Coelho. Declaro alto e bom som que nenhuma parte tive na publicação semelhante. Que me importam as minhas joias, a minha casa desmantelada, o fruto das minhas economias desbaratado! Nunca disso me queixei, nada disso me doeu. Doeu-me o procedimento do homem que foi meu hóspede tanto tempo, que se sentava a minha mesa, e que me pagou com feia ingratidão. Os meus antigos companheiros de Ginásio que têm continuado a visitar-me depois da minha retirada daquele teatro, que sejam testemunhas. Digam sobretudo os Srs. Vasques e Arêas, o que me ouviam quando se queixavam do empresário. Eu, pois, nunca teria vindo à imprensa por uma questão de joias. (*Jornal do Commercio*, 18 de novembro de 1866, p.2, col.1). acesso em 18 dez. 2017.

No entanto, quem postou esse texto no *Jornal do Commercio* possivelmente não era a atriz em questão, haja vista que a pessoa que se dizia a verdadeira Antonina Marquelou precisou ir ao *Correio Mercantil* desmentir os fatos publicados contra Furtado Coelho:

Não tendo querido o *Jornal do Commercio* aceitar para publicar um desmentido ao comunicado que vem naquela folha de domingo 18 do corrente, falsamente assinado com o meu nome, peço a V. Sr. redator, se digna fazê-lo. Ei-lo: A atriz Antonina Marquelou. Sr. redator — Surpreendida com uma publicação que vem hoje na sua muito lida folha, assinada com o meu nome, não sei o que mais me admirou, se a má vontade que houve de envolver a minha fraca individualidade na questão que se debate, a propósito do drama *Amor da Arte*, se a facilidade de aceitar-se um comunicado com a minha assinatura falsificada. Seja como for, vou chamar à responsabilidade o autor de tal falsificação, e peço a V. se digne declarar pela sua conceituada folha que, nem direta, nem indiretamente, tive parte nessa publicação, por não estar assignada com a minha própria assinatura, que é a com que assino esta. (*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 19 de novembro de 1866, p.2, col.4).

Porém, a dita falsa Antonina Marquelou voltou novamente ao *Jornal do Commercio* de 20 de novembro para afirmar ser a legítima atriz, afirmando ainda que quem escreve no *Correio Mercantil* é, no entanto, o falsificador de assinaturas.

Para acabar com as dúvidas, Furtado Coelho precisou entrar na história. O ator e empresário português pediu, então, a Antonina Marquelou dizer quais das suas assinaturas eram as falsificadas, se a do *Jornal do Commercio* ou a do *Correio Mercantil*. A atriz respondeu ao ator, explicando que as assinaturas do *Jornal do Commercio* não eram dela, enquanto que a do *Correio Mercantil* era a verdadeira:

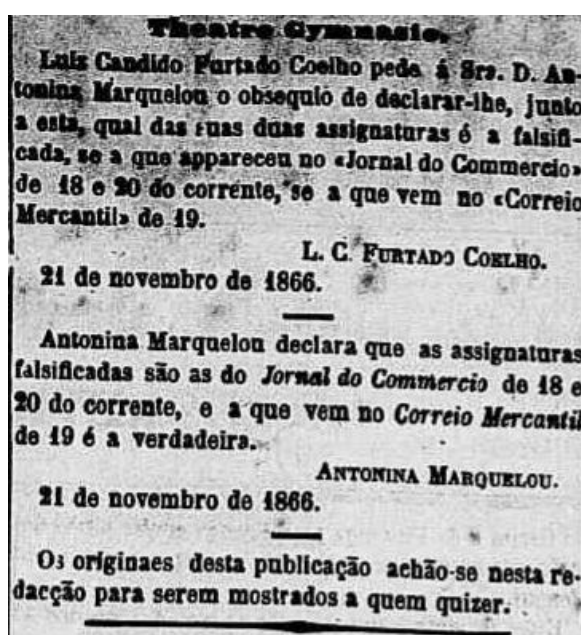


Fig.44: *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 22 de novembro de 1866, p.2, col.5. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/217280/26958>

Por outro lado, haveria a hipótese de se pensar que a pessoa por trás dos textos do *Correio Mercantil* poderia também não ser Antonina Marquelou, mas um outro alguém com o intuito de preservar a imagem de Furtado Coelho. No entanto, parece-nos que essa hipótese é improvável, em razão de que na nota acima é informado que os originaes da publicação estão disponíveis a quem quiser conferir. Ou seja, a letra de Antonina Marquelou poderia ser facilmente identificada.

Mas retornando ao embate entre Vasques e Furtado Coelho, o ator cômico, na sequência de sua argumentação, manifestava que procurou de algum modo ajudar a companhia dramática, atuando, por exemplo, no papel de Teódulo em *A família Benoiton*. Segundo, Vasques, quando essa peça subiu em cartaz em Paris, tal papel não foi representado por um homem, mas por uma

mulher. Em outras palavras, o ator cômico queria demonstrar que teve comprometimento com a empresa de Furtado Coelho:

Pela minha parte, tenho consciência que lhe não devo favores nem condescendências; trabalhei na sua empresa até hoje com toda lealdade, empregando com a melhor boa vontade os meus pequenos recursos, para que V.S. lucrasse com eles. O público, que durante todo este tempo, me tem visto no palco desse teatro é o meu apelo. Apelo também para ele, e pode crer que se me fará justiça.

Às vezes, fatigado de uma representação, deixava-me ficar em casa, e V.S., com quem eu estava em harmonia, e de quem V.S. se dizia amigo, esquecendo-se dos obséquios que lhe fiz como homem e como artista, já escrevendo cenas cômicas para serem representadas, já encarregando-me de papéis fora do meu gênero, como é, por exemplo, o Teódulo da *Família Benoiton*, que foi representado por uma mulher em Paris, V.S. multava-me e descontava-me no fim do mês; já vê que V.S. que lhe não devo favores nem condescendências. Desejava ter uma lanterna de Diógenes, para com ela procurar esse ente feliz que deva a V.S. um só obséquio. (*Jornal do Commercio*, 5 de julho de 1867, p.1, col.7).

Havia ainda mais críticas contra Furtado Coelho. Após demonstrar o seu empenho ao trabalhar no Ginásio, Vasques tentou caracterizar o empresário português como um indivíduo explorador (p.107). De acordo com o ator cômico, Furtado, além de dever alguns meses de salários para os artistas do Ginásio, descontou três dias do ordenado dos atores. Vasques explica:

Os meus próprios colegas, a quem V.S. os deve, esperando três e quatro meses pelos seus ordenados, enquanto V.S. satisfaz compromissos devidos aos seus desvários, esse mesmos foram vítimas do desconto de três dias nos seus ordenados, alegando V.S. suspensão dos espetáculos, em consequência do tumulto de 6 de junho, mas tendo o cuidado de fazer ensaios durante o referido tempo! “Pudera, com tudo se parece V.S., menos com um cavalheiro!” (*Jornal do Commercio*, 5 de julho de 1867, p.1, col.7).

Marzano (2008), ao analisar essa passagem da polêmica em seu estudo, entende “o quanto ainda eram incertas e variáveis as relações de trabalho entre artistas e empresários, ficando muitas vezes os primeiros à mercê dos humores e da boa vontade dos segundos” (Marzano, 2008, p.108). Além do mais, a fragilidade na relação entre artistas e empresários, fica mais evidente, segundo a historiadora, quando se constata que a grande maioria dos contratos eram “quase sempre verbais e por prazo indeterminado”, permitindo “a demissão de artistas sem qualquer aviso prévio ou indenização” (p.108). Somente no final do século XIX, explica a estudiosa, os contratos tornaram-se usual.

Na sequência de sua carta, Vasques aproveitava para denunciar os artifícios de Furtado “para cancelar ou adiar espetáculos” (p.113) :

V.S. enganou-se dizendo que até hoje eu fui o único artista de meu gênero contratado no seu teatro: - enganou-se, e fez clamorosa injustiça a todos os artistas cômicos que lá estão e têm estado, “arvorando” só hoje o Sr. Martins em meu substituto.

Não me dirá agora V.S. quantos espetáculos lhe tenho perturbado por causa de minha saúde?... à exceção daqueles em que V.S. me pedia para dizer que estava doente, a fim de os poder transferir por falta de venda, não me lembra de nenhum. O benefício da minha colega Marcelina foi mudado unicamente por sua causa. Eu disse-lhe que representava o *Gaiato de Lisboa*, V.S. respondeu-me que não consentia, e como me mostrasse desejoso de não transtornar o benefício de minha colega, V.S. significou-me que não devia incomodar-me, visto que esta transferência em nada o prejudicava. Talvez me negue isto, mas V.S. é capaz de mais. (*Jornal do Commercio*, 5 de julho de 1867, p.1, col.7).

Se não bastasse os supostos artifícios de Furtado Coelho, visando o cancelamento e transferência de espetáculos, Vasques não aceitava o hábito do empresário em “usar o nome de seus contratados para justificar os próprios erros” (p.113). Ou seja, se o motivo do cancelamento do benefício de Marcelina Câmara alegado por Furtado era a enfermidade de Vasques, o ator cômico, por outro lado, sugeria uma outra razão, na qual envolvia o empresário português:

Não sei qual era o interesse que V.S. tinha para não consentir nesse noite a representação do *Gaiato de Lisboa*, de uma cena do Sr. Martins e da comédia *Tio Torquato*, tirando-se unicamente do programa *O pai e o noivo*, porque eu estava rouco. Isto lembrei-lhe eu, lembrou-lhe a beneficiada, lembraram-lhe todos; mas V.S. não atendeu a nada, mandou fechar as portas do teatro, que já se achava com gente, prejudicando dessa forma os interesses da atriz Marcelina. V.S. tinha suas razões, e estava no seu direito, mas o que não pode fazer é, com o destacamento que o caracteriza, querer atirar sobre mim a responsabilidade do seu ato, só porque os olhos policiais voltaram-se para o teatro do Ginásio. Que V.S. tema a polícia é muito natural, eu mesmo o acredito, mas o que não é muito natural, é que V.S. se sirva do meu nome para escudo de suas tropelias. (*Jornal do Commercio*, 5 de julho de 1867, p.1, col.7).

Ao final, Vasques desmentia a informação de Furtado Coelho acerca do drama *Rocamboles*. Se o empresário teria antes afirmado que o personagem do drama foi de início oferecido ao ator Martins, Vasques rebateu a notícia, dizendo que Furtado já havia distribuído o papel, e que ele, Vasques, já “sabia de cor”. Com isso, o ator cômico deixava claro o seu desligamento do Ginásio:

Privando o público de Lisboa de apreciar o talento do Sr. Martins, diz V.S. aumentou as suas despesas, quanto todos sabem que V.S. o contratou por benefício; por esta razão tira-me cem mil réis do ordenado, manda buscar o papel que me havia distribuído no Rocambole, e que já sabia de cor, e recomenda-me afinal, que eu não veja nisto um acinte nem uma afronta. Eu bem digo que V.S. às vezes não é mau farsista, e a declaração de não querer reatar a familiaridade que tinha comigo é digna do Tartufo de Molière! Basta, estou satisfeito! Participo, para governo de V.S. que me considero no teatro com todos os vencimentos e regalias que o meu talento – unicamente – me tem dado, até que V.S. me honre com uma resposta, para que eu possa satisfazer a curiosidade pública, explicando as razões que me forçaram a sair do Ginásio, teatro que já era regular e útil muito antes de V.S. cá chegar. (*Jornal do Commercio*, 5 de julho de 1867, p.1, col.7).

No dia seguinte, Vasques retornou ao *Jornal do Commercio* para comentar quais seriam as próximas condutas de Furtado em relação a polêmica. Segundo, o ator cômico, o empresário português viria a imprensa para “defender-se publicando o resto da polêmica”, como realmente ocorreu, e que iria desdenha-lo em razão dos seus erros de português, o que, no entanto, não ocorreu (*Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 6 de julho de 1867, p.1, col.4). Vejamos, então, a segunda parte dessa polêmica.

Furtado Coelho, ao responder a primeira carta de Vasques no *Jornal do Commercio* do dia 5 de julho, estranhou o fato de o ator cômico não ter publicado as outras cartas referentes à polêmica e que suspostamente não colocaria o empresário português como vilão de toda a história. Furtado queria mostrar, portanto, que há um claro sinal de que Vasques tentava ludibriar o público. Além do mais, o empresário português argumentava que o seu ex-companheiro de Ginásio estava envolto pelo rancor e pela vaidade:

Não se iluda um público inteiro, porque se toma o avanço de 24 horas com a presunção de o prevenir falsamente e em proveito próprio. Por que não publicou o Sr. Vasques todos os documentos relativos a sua saída? Para poder iludir o público, ao menos por 24 horas, se é que há alguém que se iluda, depois de ler a sua resposta. [...]  
Atacá-lo... para quê?  
E depois há de permitir-me que lhe diga, que em toda esta questão só devia a si próprio o descabimento, o rancor e a cega vaidade com que o Sr. Vasques tem procurado a todo transe dar-se razão, tira-lhe os direitos e as sagradas regalias de uma discussão austera e grave. Longe de ser Tartufo, como Sr. Vasques me chama, sempre pequei por franco e por demasiada bondade. Minha índole, educação, todos os meus hábitos repelem esse aleive do Sr. Vasques, e digo-lhe que o arrazoado com que, no fim do seu officio “moraliza” o seu procedimento, pertence à família das verrinas, que jamais podem ferir quem possui a consciência do direito à própria estima. (*Jornal do Commercio*, 6 de julho de 1867, p.1, col.3).

Após essa introdução, o empresário português publicou os tais textos. Escritos após a redação da primeira carta de Furtado e da resposta de Vasques, eles esclarecessem alguns pontos da polêmica. O primeiro deles é do empresário português. Nessa carta, Furtado Coelho iniciava seu texto, afirmando que em nenhum momento usou uma linguagem inconveniente, ao contrário de Vasques, que apresentou uma resposta ao empresário recheada “de insinuações embebidas em amargoso fel” (*Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 6 de julho de 1867, p.1, col.3). O empresário comenta, então, que quando apelidou Vasques de “Hércules”, nada tinha de ofensivo, ao contrário de ser considerado um mau cavalheiro por Vasques, isso, sim, uma ofensa. Ou seja, a figura de “Hércules”, para Furtado Coelho, o qual remete a força, nada tinha de depreciativo, diferente de não ser considerado um cavalheiro, que subentende um indivíduo desprovido de bons modos e boa educação. Como vimos em *Conversação Preambular*, Furtado valorizava o artista que possuía uma educação familiar.

O empresário e artista português foi adiante nos seus comentários, esclarecendo ter ficado horrorizado com a notícia de que Vasques teria a sua disposição um espaço em um jornal do Rio de Janeiro, cujo conteúdo iria “fazer gemer os prelos”, caso Furtado não se sujeitasse as exigências do ator cômico. Além do mais, Furtado afirmava ter tomado conhecimento de que Vasques preparava uma pateada contra o artista português. No entanto, nenhuma dessas ameaças dariam resultados, de acordo com Furtado, pois o público estava ao seu lado:

O seu espírito já lhe deve ter dito por mais de uma vez que as verrinas nos jornais ainda não conseguiram indispor contra mim o sensato e justiceiro público fluminense, que continuamente me demonstra em constantes aplausos sua simpatia por ver em mim um homem de trabalho, e reconhecer os enormes esforços que eu faço incessantemente para lhe oferecer um teatro digno da civilização desta capital e dos progressos da arte. (*Jornal do Commercio*, 6 de julho de 1867, p.1, col.3).

Mas apesar do empresário afirmar que o público estava ao seu lado, Furtado Coelho analisou que a sociedade carioca não tinha interesse na disputa entre os dois artistas. O único interesse do público, de acordo com Furtado, é com o Ginásio e na apresentação do drama *Rocambole*, que iria subir em cena em início do mês de julho:

Se V.S. quiser fazer um casus belli da sua estada ou não no Ginásio, clamará no deserto porque o público responderá: *Continue o Ginásio a dar-nos bons espetáculos como os que nos está dando; é o que nós queremos. Quanto as questões internas e às dificuldades particulares de sua direção, nada temos que ver com isso, cada um dirige o seu estabelecimento conforme entende, porque se mal o dirigir ele o sentirá em seus interesses.*



Esta é que é a verdade, Sr. Vasques; porque esta é que é a justa razão. Já lá vai o tempo em que o público tomava o peito as cizânias dos bastidores. Hoje não, e a razão é bem poderosa. É que o público está farto de saber que só uma coisa lhe resulta de intrometer-se nessas desavenças: é o arrependimento de tê-lo feito, quando reconhece por fim que tais desavenças não têm razão de ser da parte do que se apresenta como vítima. (*Jornal do Commercio*, 6 de julho de 1867, p.1, col.3).

Furtado Coelho em sua carta também tentava demonstrar a inconstância de Vasques, remetendo novamente ao tema que envolve o pouco profissionalismo do ator cômico. O empresário português comentava que no meio da temporada, Vasques resolveu abandonar a empresa dramática, mas que depois foi acometido pelo arrependimento, desejando retornar para o Ginásio. Furtado, mostrando que não era vilão, ou um indivíduo que alimentava mágoas, concordou com a volta do ator cômico:

Não se despediu já V.S uma vez da minha empresa? Dias depois, reconhecendo o mal que havia feito, não manifestou desejos de tornar a entrar? Não entrou? Mortifiquei-me eu nessa questão? Como diretor do meu teatro tratei com toda a calma de substituí-lo logo no *Anjo da meia noite*, para que o público não fosse privado das representações deste drama, e a empresa não fosse prejudicada; e como diretor também aplaudi a sua volta ao sei de seus colegas. Esta é que é a verdade. (*Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 6 de julho de 1867, p.1, col.3).

Ao final desse texto, Furtado reafirmava o desejo de que Vasques continuasse na empresa dramática, afinal para o empresário, o ator cômico era talentoso. Porém, esse retorno somente seria aceito caso Vasques concordasse com as imposições anteriormente colocadas, como por exemplo, a redução do ordenado:

Reitero minhas propostas. Sinto profundamente não me achar, por sua própria causa nas circunstâncias de poder ir além nas vantagens que lhe ofereci. Terei como empresário uma sensível pesar de ver o meu teatro privado do seu talento, que, já lhe disse, sou o primeiro a reconhecer e a considerar. (*Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 6 de julho de 1867, p.1, col.3).

A carta que vem na sequência é de Vasques. O ator, de maneira breve, apontava o entendimento, de que Furtado Coelho o havia despedido. Porém, como vimos, o empresário gostaria que o ator continuasse na empresa:

Acaba, V.S. de me despedir do teatro! Conheço perfeitamente que a sua resposta ao meu ofício não é outra coisa. Aceito-a lamentando deixar o seu teatro e não poder continuar a beber as suas lições como ator! Fica às suas ordens no caso de resolver o contrário, na certeza de que só o público me

merece essa consideração. (*Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 6 de julho de 1867, p.1, col.3).

O empresário português respondeu em seguida, explicando que as suas argumentações nada tinham a ver com a dispensa de Vasques. Furtado reiterava que em razão da pouca falta de compromisso do ator cômico, precisou contratar o ator Martins, não sendo possível mais pagar o antigo ordenado daquele artista. Ou seja, Vasques teria que se submeter a uma redução salarial:

Não compreendo a sua teima em desviar a questão do seu verdadeiro ponto. Diz-me que eu acabo de o despedir! Mas não há tal! Como despedir um artista, que dá com seu trabalho tanto realce às peças em que toma parte? Eu apenas digo, já que é preciso repetir-lhe pela terceira vez e por escrito, é que, vendome forçado, por sua causa, a contratar o Sr. Martins, não me é possível dar-lhe mais de 200\$000 por mês. Daí a despedir a distância é enorme. Dividido o trabalho, que pesava sobre um só, por dois, não é justo que o que deu causa a isto continue a auferir as mesmas vantagens. (*Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 6 de julho de 1867, p.1, col.3).

Furtado foi mais além em seu comentário. Se Vasques lamentava não poder mais tomar lições de ator, o empresário português rebateu tal informação, haja vista que o ator cômico “nunca as quis receber”:

V.S. lamenta, caso lhe convenha ficar no Ginásio, não poder continuar a receber minhas lições, como ator! Se V.S. nunca as quis receber, como é que lamenta não continuar a tomá-las? (*Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 6 de julho de 1867, p.1, col.3).

Na sequência da polêmica, veio uma nova carta de Vasques. O ator cômico continuava a entender que fora demitido e acrescentava ser estranho Furtado Coelho lamentar a sua ausência do Ginásio, mesmo o empresário tendo lhe chamado de “vagabundo”, o qual “se recolhe para casa de madrugada”. Porém, como vimos, Furtado Coelho não denominou Vasques com tal adjetivo, mas considerou ironicamente o ator cômico como sendo um “Hércules”, pois, apesar de doente, andava pelas ruas do Rio de Janeiro de madrugada:

Ora valha-me Santo Antônio com V.S.! Decididamente não posso compreender a razão porque V.S. quer a todo custo dizer que não me despediu. Enfim, V.S. pode dizer o que quiser, entende que não me despediu, eu entendo o contrário; fiquemos nisto, para que se há de gastar mais papel com uma questão que V.S. julga não ser de gravidade superior. Ora, agora supunha que eu me despedi; como pode V.S. lamentar a falta de um artista, a quem V.S. chama vagabundo, dizendo que se recolhe para casa de madrugada? V.S. não pode considerar nem sentir a falta de um artista

desmoralizador, isso é uma ironia que eu lhe desculpo, assim como o ter-me privado de receber no palco do Ginásio os aplausos de um público ilustrado. Fez mal em julgar que é ironia o falar-me nas suas lições: se não me ensinou mais, foi porque não quis, eu nunca recusei uma observação inteligente de V.S. (*Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 6 de julho de 1867, p.1, col.4).

A última carta veio de Furtado Coelho. Sem querer polemizar ainda mais, o empresário português entendeu que Vasques não aceitava continuar no Ginásio, mas deixava o teatro de portas abertas para o ator cômico, quando ele quisesse retornar:

Uma vez que a V.S. não convém ficar no teatro desde já com 200\$000 mensais, só me resta comunicar-lhe que, no dia e hora que queira tornar a fazer parte desta companhia, com aquele ordenado, eu terei a maior satisfação de o receber. (*Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 6 de julho de 1867, p.1, col.4).

A polêmica encerra-se com Vasques, no dia 7 de julho, publicando uma nova carta no *Jornal do Commercio*. Nela, Vasques, talvez ironicamente, dizia que Furtado não o despediu. Porém, magoado, continuava a não aceitar o fato de o empresário ter lhe tirado o papel no drama *Rocamble*, os 100\$000 réis de redução de salário, além de querer adentrar em sua vida, controlando os seus horários:

Não me despediu, é certo; mas pergunto eu, as suas propostas, as suas condições, ao tirar-me o papel de Rocamble, a insolência com que me avilta na presença dos colegas, chamando-me desmoralizador e remisso, o tirar-me 100\$000 do meu ordenado, o querer importar-se com a minha vida, censurando o eu entrar para minha casa de madrugada, importa ou não a minha despedida? O público que ajuíze. Apelo unicamente para ele, eu fui muito antes do Sr. Furtado Coelho juiz nesta questão. (*Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 7 de julho de 1867, p.1, col.4).

Vasques comentava ainda que a não publicação das outras cartas por ele, não foi em razão de falta de coragem, mas porque não tinha dinheiro disponível para realizar o serviço:

Diz o Sr. Furtado Coelho que publicou aquilo que eu não me atrevia a publicar. Outra capadoçagem; eu o desafiei a isso, como é que poderia ter medo? Já não lhe fiz pequeno serviço publicando o seu primeiro ofício; não tenho dinheiro disponível para publicar as suas gracinhas; tenho uma mulher e dois filhos para sustentar – a quem o Sr. Furtado Coelho supôs repentinamente tirar o pão. (*Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 7 de julho de 1867, p.1, col.4).

Por fim, Vasques rechaçava a acusação de que estaria iludindo o público. Para o ator cômico, quem iludia o público era o próprio empresário. Para defender essa denúncia, Vasques citava alguns casos ocorridos na vida particular e profissional de Furtado Coelho, como, por exemplo, ter o empresário português desaparecido na noite que ocorreria o espetáculo do drama

*Luxo e Vaidade*; ter Furtado Coelho determinado ser proibido que os artistas do Ginásio tivessem ligações, provavelmente amorosas, pois assim não afetaria os seus interesses afetivos; ter o artista português revelado a Vasques que um sentimento sagrado o ligava à província da Bahia – uma clara menção a Eugênia Câmara – mas que o desejo de casamento não poderia ser concretizado em razão do seu comportamento não ser adequado. Ou seja, para Vasques, Furtado Coelho, diante do público e da sociedade carioca, se apresentava de uma maneira, no entanto, nos bastidores procedia de outra forma:

Diz o Sr. Furtado que eu iludi o público! Ora, Sr. Furtado Coelho, o senhor está se divertindo comigo!... – pois não se lembra que o público só fica iludido quando um artista tendo de representar a noite, por exemplo o *Luxo e Vaidade*, desaparece de noite para o dia? Não sabe que ao público só se ilude quando se diz estar completamente outro, não querendo mais no teatro ligações com atrizes, não só porque isso afeta os seus interesses, como o prejudica na estima daqueles que lhe são afetos? Ignora que só se ilude o público, quando se diz por exemplo estas palavras: “Não posso, não devo ser o mesmo, um sentimento sagrado liga-me à província da Bahia, quero casar-me e portanto meu comportamento não pode ser o que tem sido até hoje no centro dos meus colegas?” Não sabe que só se ilude o público quando se fazendo semelhante profissão de fé procede-se de outra maneira? Já vê, portanto, Sr. Furtado Coelho que eu tenho razão, mesmo quando eu fosse desmoralizado, remisso e pouco cumpridor das minhas obrigações, não era o Sr. Furtado Coelho que me podia moralizar, nem atirar-me a primeira pedra. (*Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 7 de julho de 1867, p.1, col.4).

A polêmica se encerrava aqui. Furtado Coelho não respondeu as acusações que envolviam o seu comportamento, pois no início do mês de julho subiria em cena o drama *Rocambole* e que exigiria um grande trabalho. Como o próprio empresário chegou a afirmar em outras polêmicas, ele não tinha tempo para perder com discussões que não levariam a lugar nenhum.

### 5.3.3 Furtado Coelho e as aventuras de Rocambole

*Rocambole*, drama de Ponson du Terrail e Anicet Bourgeois, subiu, portanto, em cena, em 6 de julho de 1867, sendo a peça uma adaptação do romance-folhetim *As proezas de Rocambole*, do próprio Ponson du Terrail. Marzano (2008) comenta sobre o enredo da obra:

O romance-folhetim *Rocambole* narra as peripécias de um garoto pobre de Paris que se torna discípulo do nobre e perverso conde Andrea ou Sir William., aprendendo todos os seus truques para servir aos seus intentos diabólicos. *Rocambole*, o protagonista, chega à fase adulta e passa a se metamorfosear em

múltiplos personagens: o Visconde de Cambolh, belo, louro, sueco e frequentador da sociedade parisiense, o Marquês Don Iñigo de los Montes, brasileiro de origem espanhola que fora morar por uns meses em Paris, dono de terras e gado, incapaz de respeitar a virtude das mulheres e a honra dos maridos, entre outros. (Marzano, 2008, p.115).

O espetáculo, que havia sido anunciado um mês antes (Marzano, 2008, p.117), causou uma grande expectativa no público, tanto que para o dia da estreia os camarotes do Ginásio estavam todos vendidos:

**Rocamboles.**—Representa-se amanhã no theatro Gymnasio o drama de Ponson du Terrail intitulado *Rocamboles*. Este titulo goza entre nós de propriedades electricas, e por isso não só estão desde agora vendidos todos os camarotes do theatro para a primeira representação, como são muitas as encomendas sobre o mesmo objecto para a segunda e terceira.

Parece-nos que, graças ao prestigio do heroe que anda na phantasia do nosso publico, e ainda mais á noticia de que vai ser interpretado pelo talentoso artista Furtado Coelho, vão reviver os tempos do *anjo da meia-noite*, isto é, os tempos em que os habitantes da corte arrancados á apathia da vila semsaborona concorriam soffregos ao theatro remunerando, assim, de gentil maneira, os meritorios esforços dos nossos artistas dramaticos tão desamparados no Brasil.

**Fig.45:** *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 5 de julho de 1867, p.3, col.6. Disponível em [http://memoria.bn.br/DocReader/094170\\_02/22015](http://memoria.bn.br/DocReader/094170_02/22015)

Como não poderia ser diferente, a crítica teatral comentou o espetáculo de estreia. Gil Braz, em artigo publicado no *Diário do Rio de Janeiro* de 10 de julho, abordou que o drama em algumas passagens se afasta do romance original:

O drama, do qual são autores o próprio Ponson du Terrail e Anicet Bourgoais, escritor dramático de fecundíssimo talento, cujo nome é vantajosamente conhecido desde 1825 em que fez as suas primeiras armas em Paris no teatro da Gaité, com o aplaudido melodrama *Gustavo ou o Napolitano*, tem as qualidades que distinguem o romance; e os senões que neste se notam posto que não se desvançam ficam em geral atenuados pelo movimento e efeitos cênicos.

Há lances altamente impressivos, situações comoventes, e a ação prende constantemente o espírito do espectador.

Em mais de uma passagem e principalmente no desenlace, se a memória nos não é infiel, o drama afasta-se do romance na parte que compreende o período em que Rocamboles figura como discípulo de Sir William. [...]

A modificação que sofreu o romance, sendo adaptado à cena foi toda em detrimento do efeito dramático. O último ato ressentiu-se dessa modificação: a ação amortece-se e a impressão final não se conserva na altura a que o drama se elevava.

A um dos nossos mais competentes juizes em assuntos literários ouvimos uma observação tão chistosa quanto procedente. Disse ele que o drama acaba em

ponto e vírgula. (*Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 10 de julho de 1867, p.1, col.5).

Mas o folhetinista no fragmento acima fornecia ainda informações importantes ao comentar que o drama tem “lances altamente impressionantes, situações comoventes”, prendendo o espírito do espectador. Ou seja, esses detalhes apresentados pelo crítico demonstravam que Furtado Coelho escolheu para ser encenado um drama de grande espetáculo, em que o entretenimento era mais evidente do que o aspecto moral. Novamente estamos diante da proposta do empresário do Ginásio: encenar peças que alcançassem o gosto do público e com isso concorrer com o Alcazar Lírico.

Quanto a atuação dos atores, Gil Braz analisou que os artistas desenvolveram bem os seus papéis. Destaque para a atuação de Furtado Coelho no papel de Rocambole, que ao final do espetáculo saiu do palco aclamado pela plateia:

Antes de tudo observaremos que para reproduzir com fidelidade e verdadeiro relevo artístico um personagem como Rocambole, personagem múltiplo, cujas proporções à imaginação popular tornara extraordinárias, não bastava uma inteligência brilhante e robusta, tornava-se ainda necessário aliar a estes dotes, já de si valiosíssimos, uma ductilidade, uma maleabilidade de talento, se assim nós podemos expressar, realmente excepcionais.

Pois o Sr. Furtado Coelho afrontou-se a um tão ousado cometimento e saiu da arena aclamado triunfador.

Rocambole é mais uma das suas esplêndidas criações artísticas e o auditório numeroso e conspícuo que afluiu ao Ginásio na noite da primeira representação, fez-lhe a devida justiça, vitoriando-o com os seus aplausos. (*Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 10 de julho de 1867, p.1, col.7).

Passadas as primeiras semanas da estreia, o drama continuava a promover enchentes no Ginásio, não se furtando a crítica de comentar o espetáculo (*Semana Ilustrada*, Rio de Janeiro, 21 de julho de 1867, p.2, col.2). No Jornal *Minerva*, o articulista comentava o desempenho de Furtado Coelho:

Foi com verdadeiro prazer que assistimos ao perfeito desempenho desse excelente drama, dessa bela criação dos distintos escritores franceses, tão bem compreendida, tão bem interpretada pelo eminente artista, pelo gênio dramático, ousamos dizer, o Sr. Furtado Coelho.

Em todas as peripécias do drama pudemos mais uma vez aquilatar a inteligência, o gosto, o esmero desse homem fadado pela natureza para o brilhantismo e vivificação da arte.

Seus gestos tão naturais, tão expressivos, sua calma e sangue frio admiráveis quando, reconhecido por Baccarat em casa do Duque de Salandreria como assassino de Armando, mas sublime se torna em seu arrependimento, em seu amor filial ao ver aquela que lhe dera o ser, por ele tão esquecida até então, condenada a perder a existência por seus crimes. (*Minerva*, Rio de Janeiro, 27 de julho de 1867, p.2, col.1).

Por outro lado, no jornal *O Arlequim*, a crítica não foi das melhores. Para o articulista, em determinada cena, o cenário não estava adequado, pois o pano que representava algumas pedras foi mal pintado, além de que o volume de água que causaria a morte de Rocambole por afogamento era pequeno. Ou seja, a mise-en-scène voltada para o efeito de realidade foi falha:

Rocambole entra em cena escalando uma janela e roubando uma burra. As leitoras do *Jornal do Commercio*, afeitas à ressurreição do Rocambole, devem ter sentido uma impressão desagradável, vendo o seu querido herói sob uma luz tão feia. Mas compensadas ficaram, talvez, pela satisfação de assistirem ao desempenho bom, em geral, de uma composição dramática, um tanto desencadeada no seu todo, porém tão opulenta de lances inesperados e comoventes. [...]

A mise-en-scène rivaliza com a de todos os dramas que o inteligente empresário do Ginásio tem posto em cena ultimamente.

A cena do penúltimo grau foi a que me agradou menos. Aquelas pedras não parecem pedras, assim como a água não parece água; e isso não contribuiu pouco para que a tétrica ação, que se desenrola diante dos olhos do espectador, não o impressionasse muito.

Como poderia o público partilhar a aflição que Rocambole experimentava, por ver sua querida mãe encerrada para sempre! Entre aquelas quatro medonhas paredes... de pano mal pintado?

Como poderia o público recear que o infeliz Rocambole morresse afogado por aquela porção de água... seca que se deslizava vagarosamente?

Devia ser sublime o sétimo quadro, e teria sido ridículo se não o salvasse o talento artístico do Sr. Furtado Coelho. (*O Arlequim*, Rio de Janeiro, 14 de julho de 1867, p.2, col.1)

Na sequência de sua análise, o articulista comentava a execução do drama pelos artistas. Em relação a Furtado Coelho, a sua apresentação agradou em praticamente todo o drama:

Furtado Coelho é sempre o mesmo. Olhar inteligente, fisionomia simpática, gesto por vezes brusco mas bem calculado, porte garboso, toilette esmerada, que mais lhe falta? Não fora um ou outro defeito, insignificante e desculpável, como por exemplo: a precipitação com que diz certas frases, e eu animaria a apregoá-lo sem senão.

Em todo o decorrer do drama Furtado Coelho muito, teve mesmo momentos em que arrebatou os mais difíceis de contentar. Oh que satisfação íntima deve experimentar o artista, quando vê uma plateia inteira, plateia inteligente e seleta como é sempre a do Ginásio, aplaudi-lo, vitoria-lo tão espontânea e freneticamente. (*O Arlequim*, Rio de Janeiro, 14 de julho de 1867, p.2, col.2)

No entanto, em determinada cena entre Rocambole e Bacarat, Furtado não foi merecedor de elogios. Para o articulista, o que seria uma ação dramática quase despencou para a comédia:

Houve apenas uma situação que a meu ver Furtado Coelho desmereceu um pouco, e essa foi quando, depois de matar Armando e Andrea, vai apunhalar

Bacarat. Rocambole, o audaz Rocambole, o homem que não sabia o que era pusilanimidade, Rocambole o atrevido que ousou atacar frente a frente o terrível chefe dos Valetes de copas não fugia quase de gatinhas diante de um punhado de pacíficos bateleiros.

A ação dramática, que em tal situação subira tanto de ponto, descai e por um triz não esbarra com a comédia. (*O Arlequim*, Rio de Janeiro, 14 de julho de 1867, p.2, col.2)

O drama de *Poison du Terrail* e Anicet Bourgeois teve em torno de vinte e sete apresentações, ficando em cartaz até 31 de agosto. E em razão do grande sucesso, o empresário português decidiu que deveria continuar as aventuras de Rocambole. Para isso, Furtado Coelho, a partir do romance francês, escreveu o drama *Ressurreição de Rocambole – 1º Parte: Antonieta*, obra constituída de 1 prólogo e onze quadros (*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 12 de setembro de 1867, p.2, col.6).

Levado em cena pela primeira vez em 10 de setembro, o drama e o espetáculo foram comentados por um crítico anônimo do *Correio Mercantil* dois dias depois. Em relação ao texto teatral, o articulista abordava que o drama se aproxima do romance original, afastando deste somente quando “exigem as condições da arte, unidade de ação e concatenação de cenas”. Ademais, a “linguagem é bem tratada” e as cenas “ligam-se com bastante naturalidade” (*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 12 de setembro de 1867, p.2, col.6). Porém, segundo o articulista, a cena do último ato em que Antonieta é retirada de um sarcófago, sendo lhe então restituído a vida, poderia ser evitada pelo autor. O crítico explica:

Entretanto há um ou outro senão que o autor do drama pudera ter evitado, como por exemplo na cena do último ato em que Antonieta é tirada do sarcófago e restituída à vida. Parece longa a operação. A explicação de que Rocambole precede-a, se pode por um lado aumentar a ansiedade das pessoas que o rodeiam, e mesmo a dos espectadores, parece arrefecer o movimento da ação e diminuir o prestígio, o caráter do imprevisto, o verdadeiro cunho que torna quase ideal e fantástico o personagem do célebre bandido. Aquela preleção prepara o espectador para a comoção que deverá receber de súbito e amortece talvez o efeito que a princípio produz o aparecimento fúnebre do caixão e do cadáver. (*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 12 de setembro de 1867, p.2, col.6)

Ficava por fim os comentários acerca do trabalho dos artistas. Quanto a Furtado, sua atuação mereceu elogios:

O papel de Rocambole foi desempenhado pelo Sr. Furtado Coelho, que como sempre, fez valer sua inteligência e estudo da arte a que se dedica, nas diversas transformações de caráter a que obriga o drama, já oficial de marinha em Toulon, já marujo a bordo do navio, cavalheiro nas salas, agente de polícia, criado parvo, médico e bandido, e finalmente Rocambole, sempre de acordo



com o caráter do disfarce, no gesto, na voz, no traje, em tudo. (*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 12 de setembro de 1867, p.2, col.6)

Na *Semana Ilustrada*, os comentários foram de Dr. Semana. Para o crítico, o espetáculo foi bem montado e representado, atingindo luxo e propriedade em todos os aspectos:

Rocambole e Ashaverus estão em cena. No Ginásio representa-se já a primeira parte da *Ressurreição de Rocambole*, drama tirado do romance pelo Sr. Furtado Coelho. Os que leram o romance dizem que está o drama perfeitamente extraído. O que eu posso dizer é que é interessante, surpreendente, bem montado e bem representado.

Há luxo e propriedade em tudo. Dou os meus parabéns ao Sr. Furtado Coelho como autor, ator e como diretor e igualmente aos seus artistas.

Agouro-lhe trinta representações.

O Ginásio não cessa nos esforços que faz para dar ao público bons espetáculos, e graças a sua direção, o público afluí para lá. (*Semana Ilustrada*, Rio de Janeiro, 15 de setembro de 1867, p.3, col.2).

Dr. Semana quase acertou a previsão de trinta apresentações da primeira parte de *Ressurreição de Rocambole*. O drama teve vinte e cinco récitas, um novo sucesso de público. Mas as peripécias de Rocambole não haviam se encerrado no Ginásio. Furtado Coelho, percebendo o interesse dos espectadores nesse tipo de espetáculo, deu continuidade ao drama, escrevendo uma segunda parte denominada *Magdalena*.

A segunda parte de *Ressurreição de Rocambole* subiu em cena em 9 de novembro de 1867 e pelo cartaz que anunciava o espetáculo desse dia, Furtado Coelho criou um novo cenário, o qual foi pintado pelos cenógrafos V. Molla e Tassani. Além do mais, alguns assentos da plateia e dos camarotes, que estavam danificados, foram renovados pelo empresário. Esse cuidado com a criação de um novo cenário e com o conforto do público era, portanto, uma forma de Furtado Coelho retribuir a acolhida que a sociedade carioca prestava ao teatro Ginásio (*Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 9 de novembro de 1867, p.4, col.4).

Como era de se esperar, *Magdalena* foi muito comentada pelos críticos teatrais. No *Correio Mercantil*, por exemplo, um articulista anônimo, além de abordar a atuação dos atores no espetáculo de estreia, comentou o texto teatral. Sobre esse tema, que nos parece mais importante a se destacar, o crítico destacava que, tal como a primeira parte da *Ressurreição de Rocambole*, Furtado Coelho se distanciou do romance original quando exigiam as regras da arte:

Nesta nova composição o Sr. Furtado Coelho afastou-se por ventura do romance, como no drama *Antonieta*, tanto quanto o exigiam as regras da arte; fez começar a ação em ponto diferente aquele em que lhe deu princípio Ponson

du Terrail, criou ou modificou a trama em alguns pontos e terminou em momento mais propício.

Essas ligeiras modificações, porém, não desfiguraram a [...] do fértil romancista, antes deram-lhe mais colorido e movimento, e com tamanha habilidade foram executadas, que o espectador, conhecedor do romance, segue com ávida e curiosa atenção o desenvolvimento da peça e chega satisfeito do confronto ao seu desenlace inteligentemente estudado. (*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 11 de novembro de 1867, p.2, col.1).

Ainda no plano estrutural, o articulista elogiou a peça, comentando que a obra possui “cenas verdadeiramente dramáticas” e “lances comoventes e surpreendedores”, além de que o “encadeamento das cenas é natural e suave”:

Acresce uma outra qualidade notável. Depois de Club dos Valetes de copas e de Antonieta, para que não ficasse o espectador fatigado com a continuação desta série de composições, seria mister que o novo drama inspirasse maior interesse; essa condição foi satisfeita. Há neles cenas verdadeiramente dramáticas, lances comoventes e surpreendedores, tais como a do 3º quadro por ocasião do reencontro de Bacarat e Rocambole. Ainda por outro lado agrada sobremodo a nova composição. Sem prejuízo do movimento cênico, nem do interesse causado pelos lances imprevistos, o seu autor buscou basear a ação na parte moral do romance, falando ao sentimento do espectador, procurando e conseguindo antes satisfazer a alma e não os olhos, e preenchendo por este modo uma das mais essenciais condições do teatro. O encadeamento das cenas é natural e suave; o autor soube agrupá-las e dar-lhes cunho de verdade.

Houve-se o Sr. Furtado Coelho na composição deste drama com tamanha habilidade, que o público aceitá-lo-ia sem protesto se lhe fosse dado como autor Ponson du Terrail. (*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 11 de novembro de 1867, p.2, col.1).

Em relação à atuação das atrizes, o articulista elogiou o trabalho de Ismênia dos Santos no papel da Condessa Wasilicka, de Bernardina de Moraes no papel da condessa Artoff e Bacarat e de Carolina no papel de Magdalena. Já o trabalho dos atores, Arêas, Martins e Martinho a crítica também foi positiva. Quanto ao desempenho de Furtado Coelho no papel de Rocambole, o ator português “encarnou-se no personagem idealizado pelo autor do romance”:

O Sr. Furtado Coelho encarnou-se no personagem idealizado pelo autor do romance. Ao seu aspecto em cena, o público compreendeu aquele caráter criado por uma das mais hiperbólicas imaginações e cresce o seu interesse pelo bandido regenerado. (*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 11 de novembro de 1867, p.2, col.1).

Já o crítico do *Diário do Rio de Janeiro* também elogiou a récita, afirmando que o desempenho foi bom e a mise-en-scène perfeita. No entanto, no que diz respeito ao texto dramático, Furtado Coelho pecou na multiplicidade dos quadros e na interrupção constante das ações, sendo que tais incorreções tiram a beleza do drama:

A 2ª parte anteontem exibida ao público, é um esforço mais para galvanizar a produção de Ponson du Terrail, que por horripilante de mais ultrapassa o fim proposto.

Todavia o Sr. Furtado conseguiu dar melhor linguagem do que a do autor francês: - por esse lado o drama é irrepreensível. A multiplicidade porém dos quadros, a e interrupção constante da ação tira ao todo algumas de suas belezas. (*Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 11 de novembro de 1867, p.2, col.7).

O articulista do jornal *Heráclito* igualmente abordou o espetáculo e tal como os seus colegas do *Correio Mercantil* e do *Diário do Rio de Janeiro* comentou o aspecto estrutural da peça. Para o crítico, um diálogo da peça, a qual está presente no romance, poderia ser retirado do drama:

O Sr. Furtado Coelho fez o que pode, e deve-se confessar que pode muito. Não ficou um trabalho isento de defeitos com certeza, mas que diabo! Se assim fosse perdia o drama a incoerência do romance, e a incoerência no romance é tudo. Em todo o caso o Sr. Furtado Coelho podia ter suprimido no primeiro ato uma coisa que, se é muito original, é muitíssimo absurda também. Referimo-nos a cena em que Rocambole diz a Vanda:

“Fomos codilhados: este homem vem prender-me”

— “Porque não se dirige o Sr. em francês a esta senhora, de modo que eu também perceba” diz o homem que imaginava ouvir língua estranha”.

- “Porque esta senhora não me entenderia. É polaca, e ignora completamente a nossa língua: por isso Ilhe falei em polaco”

Se não é este o diálogo leva as mesmas voltas.

Efetivamente esta cena existe no romance, e admite-se porque é natural; mas no drama... (*Heráclito*, Rio de Janeiro, 17 de novembro de 1867, p.3, col.2).

Mas se o crítico do *Correio Mercantil* elogiou a atuação das atrizes, análise diferente apresentou o articulista do jornal *Heráclito*. Para esse crítico, Ismênia dos Santos, apesar de apresentar-se bem vestida, não encarnou o seu personagem como deveria, pois, o seu papel, que muito provavelmente é de vilã, não colocava medo em ninguém; Bernardina de Moraes, mesmo tendo evoluído como atriz, atuou em um papel “superior aos seus recursos”; já Carolina, o problema estava na voz:

A Sra. Ismênia apresenta-se bem vestida e mais nada. Não nasceu para semelhantes cometimentos, decididamente. Além de não meter medo a pessoa alguma, parece que está sempre brincando. Um punhal naquelas mãos faz o efeito de um cavalinho do chumbo nas de uma criança... é coisa inofensiva. Da Sra. Bernardina não podemos dizer senão bem. Quem, como Heráclito a conhece do seu tempo de mediocridade, fica agradavelmente surpreendido ao ver o relevo que o papel de Baccarat recebe desta atriz. Até parece que

melhorou de voz! Ainda assim o papel é superior aos seus recursos. A Sra. Bernardina aparece também elegantemente vestida.

E a protagonista? Ai! ... a protagonista é coisa de fazer rir um defunto. Que voz!... Quando ela entra no primeiro ato e que no correr do diálogo se fica sabendo que acaba de chegar da Rússia, dá vontade de se lhe perguntar: veio a pé? — tão cansadinha parece estar!...

E contudo os grandes jornais disseram que foi uma estreia feliz da Sra. Carolina!... Feliz em que? Verdade é que eles também acharam que a Sra. Ismênia — compreendeu e desempenhou bem o papel de Wasilika!... (*Heráclito*, Rio de Janeiro, 17 de novembro de 1867, p.4, col.1).

A partir do trecho acima, podemos lançar duas questões: a primeira é a diferença de opiniões entre dois jornais. Enquanto que o articulista do *Correio Mercantil* entendeu que a atuação das atrizes foi satisfatória, o crítico do *Heráclito* viu um desempenho ruim das artistas. Mas se o trabalho das artistas foi realmente abaixo da média, isso levava a uma segunda questão, a de que o trabalho de Furtado Coelho como ensaiador, ensinando as atrizes como elas deveriam representar durante os ensaios, muitas vezes não alcançava o resultado esperado.

O drama *Ressurreição de Rocambole*, primeira e segunda parte, mereceu comentários até o final do ano de 1867. Um exemplo, é a crítica apresentada pelo *Correio Mercantil*, em que o folhetinista destacava a capacidade de Furtado Coelho representar diferentes papéis em *Antonieta* (1º parte):

O Sr. Furtado Coelho prestou um grande serviço ao romancista francês e satisfez um desejo mais público do que seu.

Quer como escritor, quer como artista, já tem o Sr. Furtado Coelho honrosa nomeada.

Entretanto não nos pouparemos à justiça de aplaudi-lo com efusão de entusiasmo pelo desempenho do Rocambole. E tal é ele. Que nem sabemos em qual dos seis diferentíssimos papéis que representa o havemos de aplaudir mais.

Como major Avatar, nas prisões de Toulon, apresenta-nos ele a impassibilidade do homem convicto, que crê e espera, mas com aquele olhar firme e penetrante que parece querer devorar quanto o cerca naquela sua própria e soberana imobilidade; como marinheiro, aquela noite franqueza das almas boas que só sonham e aspiram os mais belos sentimentos.

E assim, e em relação, os demais papéis em que se apresenta.

Como criado do hospital nem ainda os que mais conhecem o Sr. Furtado Coelho o poderão conhecer senão depois que pronunciou algumas palavras. Tal era a perfectibilidade da transfiguração. Queremos dizer, (se não é pecado falar-se a verdade verdadeira) que não é em França que Ponson du Terrail há de ver o seu herói. (*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 15 de dezembro de 1867, p.1, col.5).

Já acerca de Magdalena (2º parte), o folhetinista comentava o bom esmero na montagem do espetáculo, sendo a récita representada com maestria. Destaque para a atuação de Furtado Coelho, na cena do quarto ato:

O Sr. Furtado Coelho houve-se com inimitável talento na cena do quarto ato quando invade pela janela os aposentos da condessa Artoff e se transporta da desesperação que ali o conduz a calma plácida e branda com que súplice e humilde tem de haver-se com a sua mais terrível contendora a — Bacarat. (*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 15 de dezembro de 1867, p.1, col.7).

Assim, podemos afirmar com segurança que os espetáculos que envolveram Rocambole foram um grande sucesso de público, alcançando em torno de setenta e uma récitas naquele ano.

Furtado Coelho, ao final de 1867 e início do ano seguinte, proporcionou ainda aos espectadores do Ginásio quatro récitas de mágica, então apresentadas pelo mágico italiano Rossini. Sobre as duas apresentações em dezembro de 1867, as quais foram oferecidas no mesmo dia em que fora apresentado a opereta *Ópio e Champagne*, o cartaz que anunciava o espetáculo, nos oferece informações. É informado, por exemplo, que na cena denominada “A cabeça que fala”, o mágico Rossini apresentava sobre uma mesa de pequena espessura a cabeça da artista Maria Augusta de Rossini. Sobre essa cena, um leitor do *Correio Mercantil*, que já havia visto o espetáculo anteriormente, explica a tal mágica:

Assistimos a uma sessão em que tivemos ocasião de ver e ouvir esta cabeça. É ela a da esposa do Sr. Rossini. A Sra. Maria Augusta. É uma história simples. Sr. Rossini, em um dia de mau humor, lança mão de uma espada e degola sua mulher. Desde então traz consigo, em uma pequena caixa a cabeça decepada. No meio da cena há uma simples mesa, fabricada de uma só tábua de meia polegada de espessura sobre quatro pés finíssimos, por entre os quais o espectador vê a parede do fundo. É sobre esta mesa que o hábil prestidigitador coloca a caixinha, e, aberta esta, aparece a simpática cabeça da esposa degolada, que para logo com gentil meneio e graciosa voz enceta um diálogo com seu marido. Este torna a encerrá-la na caixa, que pouco depois, aberta novamente, contém apenas uma laranja. É tão completa, tão prodigiosa a ficção, há tamanha simplicidade na cena, toma esta tal caráter de verdade, que o espectador naqueles poucos momentos experimenta a sensação que pudera produzir-lhe a realidade do fato. (*Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 25 de dezembro de 1867, p.2, col.2).

Já a cena “A miraculosa desapareição”, três pessoas iriam desaparecer na frente do público (*Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 28 de dezembro de 1867, p.8, col.4). Houve ainda, a cena “Suspensão área”, em que muito provavelmente, algum artista permanecia suspenso no ar. (*Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 31 de dezembro de 1867, p.4, col.6).

A partir das considerações apresentadas nesse capítulo, chega-se ao entendimento de que Furtado Coelho não estabeleceu um repertório baseado somente nos dramas realistas, mas

balanceou os espetáculos a partir de apresentação de peças voltadas ao entretenimento, tais como as cenas cômicas ou as aventuras de Rocambole; com apresentações de mágicas e de música ou com exibições de peças de grande espetáculo, como por exemplo a representação do drama *O anjo da meia noite*. Isso evidencia, portanto, que estratégia adotada pelo empresário e artista português, é um claro sinal de que, nos anos sessenta do século XIX, o gosto pelos dramas realistas, gênero esse preferido por Furtado Coelho, começava a perder o interesse de uma parte do público carioca.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo propôs traçar a trajetória artística de Luiz Candido Furtado Coelho nos palcos brasileiros durante os anos de 1856 a 1867, procurando demonstrar a sua contribuição ao teatro brasileiro deste período. Para isso, apoiamo-nos nas fontes primárias contidas no sítio da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, analisando e interpretando textos e artigos os quais fazem referência ao artista em estudo.

Constatamos que o trabalho do ator, ensaiador ou empresário teatral foi extremamente enaltecido pela crítica especializada ou pelo público que frequentava os teatros da Corte ou de outras províncias. E muito desses julgamentos favoráveis deviam em virtude do talento artístico de Furtado Coelho e pela proposta inovadora apresentada pelo artista português. Ou seja, com o declínio da escola romântica, Furtado Coelho, na função de ator teatral, preferiu atuar em peças do chamado teatro realista. Como vimos, foi um momento em que no Rio de Janeiro, levou-se em cena peças importantes realistas francesas, portuguesas e brasileiras, tais como, *Dalila*, *Onfália*, *Cancros Sociais* e *Pedro*. Além do mais, Furtado Coelho inovou ao apresentar a forma de atuação realista, em que a naturalidade na interpretação deveria ser o fator fundamental. Assim, o velho padrão de atuação da escola romântica e dos melodramas, com interpretações grandiloquentes e arrebatadoras, ia ficando para trás.

Por outro lado, neste estudo, podemos verificar que o artista português, em certas ocasiões, não era unanimidade, principalmente pelo fato de que, no final dos anos cinquenta do século XIX, ainda havia apreciadores da escola antiga, do teatro São Pedro de Alcântara e de João Caetano. Um exemplo claro é o texto de “um artista dramático”, em que Furtado Coelho foi censurado por apresentar uma forma de atuação baseada na naturalidade da voz, dos gestos e da fisionomia. Com isso, ao mesmo tempo em que o artista português era elogiado, foi também criticado.

Quanto à função de ensaiador, a contribuição de Furtado Coelho ao teatro brasileiro desde a sua chegada ao país foi de grande importância. Isso porque, como ensaiador, o artista português montou espetáculos com a *mise-en-scène* bem aos moldes propostos pelo teatro realista. Ou seja, Furtado Coelho, como explicam Faria (2008, p.188) e Souza (2002, p.56), inovou ao valorizar ao “espaço cênico em moldes realistas”, reproduzindo “no palco, por meio de móveis e objetos concretos, os ambientes burgueses do seu tempo” (Faria, 2008, p.188).

Já como empresário, o artista em estudo contribuiu com a criação de empresas dramáticas, na Corte ou em outras províncias do país, sempre privilegiando a encenação de peças da escola realista, as quais muitas delas alcançaram sucessos de público e de crítica.

Porém, quando de sua primeira experiência como empresário teatral (Teatro das Variedades), Furtado Coelho foi criticado pelos folhetinistas mais inclinados à escola realista, isso porque o artista português precisou apostar na encenação de vários dramalhões, numa tentativa de atrair o público para a sua casa de espetáculos (Faria, 1993, p.133). Mas essa não foi a única crítica. Como empresário do Teatro Ginásio nos anos de 1865, 1866 e 1867, época do avanço do teatro cômico e musicado na Corte, Furtado Coelho se viu obrigado a balancear o repertório da sua casa de espetáculo para assim concorrer com o principal teatro de entretenimento do Rio de Janeiro, o Alcazar Lírico. O artista e empresário português além de levar em cena dramas realistas (*Cancros Sociais*, *Onfália*, *Suplício de uma mulher*), dramas fantásticos (*O anjo da meia noite*, *O remorso vivo*), apostou em outros gêneros teatrais voltados à comicidade e ao divertimento. Como vimos nesse estudo, Furtado Coelho nos anos de 1865 a 1867 levou também ao palco do teatro Ginásio diversas cenas cômicas, comédias curtas de um ato, espetáculos de magia e de música (a famosa copofonia) e peças de grande espetáculo mais voltadas ao entretenimento, como foi o caso das exibições das aventuras de Rocambole. E foi com os espetáculos de copofonia que alguns críticos se mostraram decepcionados com Furtado Coelho, pois para eles, o artista, um representante da escola realista, era alguém indispensável para a renovação do teatro do Rio de Janeiro. Ou seja, para alguns críticos, o empresário e artista português deveria somente encenar peças voltadas à escola realista, pois essas é que representavam o verdadeiro teatro.

Por fim, neste trabalho – que continua em nível de doutoramento, concluindo a narrativa da trajetória artística de Furtado Coelho no Brasil – podemos verificar a face polemista do artista. Desde o momento em que o ele pisou em terras brasileiras, precisou entrar em conflito com artistas, censores, jornalistas e empresários teatrais, uma vez que tais profissionais apresentaram alguma censura que desagradou o artista em estudo. No entanto, isso não significava que Furtado Coelho não aceitasse críticas. Sem provocar a polêmica e, aparentemente, aceitando críticas bem fundamentadas sobre aspectos artísticos, ele utilizava o direito de resposta aos julgamentos, quando os considerava exagerados ou inadequados.



## Referência Bibliográfica

### 1.1 Livros e Artigos

AGUIAR, Claudio (org). *Teatro de Franklin Távora*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

\_\_\_\_\_. Um mistério de família. In: AGUIAR, Claudio. *Franklin Távora e o seu tempo*. São Paulo: Ateliê Editorial, 1997, p.97-104.

ALONSO, Angela. Flores, votos e balas: o movimento abolicionista brasileiro (1868-88). São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

AZEVEDO, Arthur. Furtado Coelho. *O Álbum*. Rio de Janeiro, R.J., n.5, p.30-31, 1893.

AZEVEDO, Elisabeth R. *Um palco sob as arcadas: o teatro dos estudantes de direito do Largo de São Francisco em São Paulo, no século XIX*. São Paulo: Annablume, 2000.

BARRIÈRE, Theodor; PLOUVIER, Edouard. *O anjo da meia noite*. Rio de Janeiro: Livraria Popular de A. A. da Cruz Coutinho, 1876.

BATTU, Leon; FILS, Jaime. *Lucia Didier*. Paris: Michel Lévy Frères, Libraires Éditeurs, 1856.

CAETANO, João. *Lições Dramáticas*. Rio de Janeiro: Typ. Imp. E Const. De J. Villeneuve & C, 1862.

CALMON, Pedro. *A vida de Castro Alves*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956.

DAMASCENO, Athos. *Palco, salão e picadeiro em Porto Alegre no Século XIX*. Rio de Janeiro: Editora Globo, 1956.

DIAS GUIMARÃES, J.M. *O poder do ouro*. São Paulo: C. Teixeira & Cia, 1927.

FARIA, João Roberto. *O Teatro realista no Brasil: 1855-1865*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1993.

\_\_\_\_\_. O teatro realista. In: FARIA, João Roberto (org). *História do teatro brasileiro: das origens ao teatro profissional da primeira metade do Século XIX*. São Paulo: Perspectiva, 2012, v1, p. 159-218.

\_\_\_\_\_. *Ideias Teatrais*. O Século XIX no Brasil. São Paulo: Perspectiva, 2001.

\_\_\_\_\_. Machado de Assis e os estilos de interpretação teatral do seu tempo. *Revista USP*, São Paulo, n.77, p.135-148, mar. 2008.

\_\_\_\_\_. *Machado de Assis: do teatro: Textos críticos e escritos diversos*. São Paulo, Perspectiva, 2008.

\_\_\_\_\_. Machado de Assis: tradutor de teatro. *Machado de Assis em linha*. Rio de Janeiro, R.J., n.6, p. 48-60, 2010.

FEUILLET, Octave. Dalila. In: \_\_\_\_\_. *Ouvres Complètes*. Paris: Calmann Lévy, Éditeur, 1891.

FILGUEIRAS SOBRINHO, F. A. *Estudos Biográficos*. Teatro. Furtado Coelho. Pernambuco, 1863.

FLORENTINO, Manolo; MACHADO, Cacilda. Imigração portuguesa e miscigenação no Brasil nos séculos XIX e XX: um ensaio: In: LESSA, Carlos (org). *Os lusíadas na aventura do Rio moderno*. Rio de Janeiro: Record, 2002, p.91-116.

FRANÇA JUNIOR, Joaquim José da. *Teatro de França Junior*. Rio de Janeiro: Serviço Nacional de Teatro, 1980.

FURTADO COELHO, Luiz Candido. *Amor da arte*. Rio de Janeiro: Tipografia do Comercio de Pereira Braga, 1866.

FURTADO COELHO Luiz Candido; SERRA, Joaquim. *O remorso vivo*. São Paulo: Livraria de C. Teixeira, s.d.

GALANTE DE SOUSA, João. *O teatro no Brasil*. Rio de Janeiro, 1960, Tomo I.

GONÇALVES, Maria Clara; LEVIN, Orna Messer. *Furtado Coelho e a sua atuação no Teatro Ginásio Dramático, do Rio de Janeiro*. Revista Convergência Lusíada. Rio de Janeiro, RJ, n.32. p.104-111, 2014.

GERARDIN, Emile; DUMAS FILHO, Alexandre. *Suplício de uma mulher*. In: Machado de Assis, Joaquim Maria. *Teatro*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1951.

HESSEL, Lothar; RAEDERS, Georges. *O teatro no Brasil sob Dom Pedro I – 1ª parte*. Porto Alegre: Ed. Da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1979.

LACERDA, Antonio Cezar de. *A última carta*. Lisboa: Tipografia de J. G. de Sousa Neves, 1856.

\_\_\_\_\_. *A probidade*. Rio de Janeiro: Tipografia de Soares e Irmãos, 1859.

LEAL JUNIOR, José da Silva Mendes. *Pedro*. Lisboa: Tipografia do Panorama, 1857.

LEGOUVÉ, Ernest. *Par droit de conquête*. Paris: Michel Lévy Frères Éditeurs, 1855.

LESSA, Carlos. *Rio, uma cidade portuguesa?* In: \_\_\_\_\_ (org). *Os lusíadas na aventura do Rio moderno*. Rio de Janeiro: Record, 2002, p.21-61.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. *Crítica Teatral*. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1950.

MARZANO, Andrea. *Cidade em cena: o ator Vasques, o teatro e o Rio de Janeiro (1839-1892)*. Rio de Janeiro: Folha Seca / Faperj, 2008.

MENCARELLI, Fernando Antonio. *A voz e a partitura: teatro musical, indústria e diversidade cultural no Rio de Janeiro (1868-1908)*. Tese (Doutorado em História). – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

PAIXÃO, Múcio da. *O teatro no Brasil*. Rio de Janeiro: Brasília Ed., 1917.

\_\_\_\_\_. *Espírito alheio: episódios e anedotas de gente do teatro*. São Paulo: C. Teixeira & C<sup>a</sup> editores, 1916.

PENA, Martins. O caixeiro da taverna. In: ÂREAS, Vilma. *Martins Pena: Comédias (1844-1845)*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

PEREIRA, Esteves; RODRIGUES, Guilherme. *Dicionário histórico, coreográfico, biográfico, heráldico, numismático e artístico*. Lisboa: João Romano Torres & C<sup>a</sup> editores, 1907, v.III.

PRADO, Décio de Almeida. *João Caetano: o ator, o empresário, o repertório*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1972.

\_\_\_\_\_. A herança teatral portuguesa. In: FARIA, João Roberto (org). *História do teatro brasileiro: das origens ao teatro profissional da primeira metade do Século XIX*. São Paulo: Perspectiva, 2012, p. 52-66.

\_\_\_\_\_. *O teatro romântico: A explosão de 1830*. In: GUINSBURG, Jacó (org). *O romantismo*. São Paulo: Editora Perspectiva, 2011, p.167-184.

RIBEIRO, Maria. *Cancros Sociais*. In: Faria, João Roberto (org). *Antologia do Teatro Realista*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

SANDMANN, Marcelo. *Aquém-Além Mar: Presenças Portuguesas em Machado de Assis*. 2004, 490f. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

SILVA, Inocêncio Francisco da. *Dicionário bibliográfico português*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1893, tomo XVI.

SILVA, LAFAYETTE. *História do Teatro no Brasil*. Rio de Janeiro: Serviço gráfico do Ministério da Educação e Saúde, 1938.

SILVA, Edson Santos. *A dramaturgia brasileira nos palcos paulistanos: 1864 a 1898*. São Paulo: 2008, 303f. Tese (Doutorado em Literatura Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2008.

\_\_\_\_\_. Ismênia dos Santos. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico*. Rio de Janeiro, R.J., v.169, p.33-42, 1934.

SOUSA BASTOS, Antonio de. *Carteira do Artista*. Lisboa: Antiga Casa Bertrand, 1898.

SOUZA, Silvia Cristina Martins de. *As noites do Ginásio – Teatro e tensões culturais na corte (1832-1868)*. Campinas: Editora da Unicamp, 2002.

TÁVORA, Franklin. *Um mistério de família*. Rio de Janeiro: Typographya do Imperial Instituto Artístico, 1877.

## 1.2. Periódicos

[Autoria Desconhecida]. *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 1 de abril de 1856, p. 02, col. 04. Disponível em <<http://memoria.bn.br/DocReader/217280/11681>>. Acesso em: 15 fev. 2017.

[Autoria Desconhecida]. *Jornal do Comercio*, Rio de Janeiro, 28 de março de 1856, p. 03, col. 03. Disponível em <[http://memoria.bn.br/DocReader/364568\\_04/9682](http://memoria.bn.br/DocReader/364568_04/9682)>. Acesso em 15 fev. 2017.

[Autoria Desconhecida]. *Correio da Tarde*, Rio de Janeiro, 8 de maio de 1856, p.2, col.5. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/090000/884>>. Acesso em 27 fev. 2017

[Autoria Desconhecida]. *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 25 de maio de 1856, p.1, col.2. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/217280/11898>>. Acesso em 3 mar. 2017.

[Autoria Desconhecida]. *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 9 de julho de 1856, p.1, col.2. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/217280/12076>>. Acesso em 4 mar 2017.

[Autoria Desconhecida]. *Diário do Rio de Janeiro*, 30 de julho de 1856, p.1, col.6. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/094170\\_01/43580](http://memoria.bn.br/DocReader/094170_01/43580)>. Acesso em 6 mar. 2017.

[Autoria Desconhecida]. *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 7 de setembro de 1856, p.1, col.5. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/094170\\_01/43732](http://memoria.bn.br/DocReader/094170_01/43732)>. Acesso em 25 abr. 2017.

[Autoria Desconhecida]. *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 4 de dezembro de 1856, p.2, col. 3. Disponível em [http://memoria.bn.br/DocReader/094170\\_01/44075](http://memoria.bn.br/DocReader/094170_01/44075). Acesso em 27 abr. 2017

[Autoria Desconhecida]. *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, de 6 de dezembro de 1856, p.3, col.3. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/217280/12666>>. Acesso em 28 abr. 2017.

[Autoria Desconhecida]. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 25 de fevereiro de 1857, p.2, col.3. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/364568\\_04/11051](http://memoria.bn.br/DocReader/364568_04/11051)>. Acesso em 16 abr. 2017.

[Autoria Desconhecida]. Bom dia. *Diário de Pernambuco*, Pernambuco, 6 de abril de 1857, p.1, col.2. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/029033\\_03/8748](http://memoria.bn.br/DocReader/029033_03/8748)>. Acesso em 29 abr. 2017.

[Autoria Desconhecida]. *Diário de Pernambuco*, Pernambuco, 5 de abril de 1857, p.7, col.4. Disponível em: < [http://memoria.bn.br/DocReader/029033\\_03/8737](http://memoria.bn.br/DocReader/029033_03/8737)>. Acesso em 29 abr. 2017.

[Autoria Desconhecida]. Bom Dia. *Diário de Pernambuco*, 2 de maio de 1857, p.2, col.5. Disponível em: < [http://memoria.bn.br/DocReader/029033\\_03/8848](http://memoria.bn.br/DocReader/029033_03/8848)>. Acesso em 30 de abr. 2017.

[Autoria Desconhecida]. Registro do Porto. (*Diário do Rio de Janeiro*, 9 de maio de 1857, p.4, col.7. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/docreader/094170\\_01/44681](http://memoria.bn.br/docreader/094170_01/44681)>. Acesso em 29 abr. 2017.

[Autoria Desconhecida]. Notícias diversas. *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 15 de janeiro de 1859, p.1, col.4. Disponível em: < <http://memoria.bn.br/DocReader/217280/15687>>. Acesso em 20 maio 2017.

[Autoria Desconhecida]. Teatro do Ginásio. *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 11 de fevereiro de 1859, p.1, col.7). Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/217280/15795>>. Acesso em 3 jul. 2017.

[Autoria Desconhecida]. Teatro do Ginásio. *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 11 de fevereiro de 1859, p.2, col.1). Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/217280/15795>>. Acesso em 3 jul. 2017.

[Autoria Desconhecida]. *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 16 de março de 1859, p.1, col.2. Disponível em: < <http://memoria.bn.br/DocReader/217280/15927>>. Acesso em 1 set. 2017.

[Autoria Desconhecida]. Ginásio Dramático. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 12 de abril de 1859, p.1, col.5. Disponível em: < [http://memoria.bn.br/DocReader/364568\\_04/14274](http://memoria.bn.br/DocReader/364568_04/14274)>. Acesso em 2 set. 2017.

[Autoria Desconhecida]. Teatro do Ginásio. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 4 de abril de 1859, p.2. col. 4. Disponível em: < [http://memoria.bn.br/DocReader/364568\\_04/14241](http://memoria.bn.br/DocReader/364568_04/14241)>. Acesso em 2 set. 2017.

[Autoria Desconhecida]. Notícias Diversas. *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 30 de maio de 1859, p.1, col.1. Disponível em: < <http://memoria.bn.br/DocReader/217280/16219>>. Acesso em 4 set. 2017.

[Autoria Desconhecida]. Crônica Teatral. *Revista Teatral*, Rio de Janeiro, 22 de janeiro de 1860, p.5, col.2. Disponível em: < <http://memoria.bn.br/DocReader/738433/5>>. Acesso em 27 set. 2017.

[Autoria Desconhecida]. Teatros: Ginásio e Variedades. *Entreato*, Rio de Janeiro, 1 de maio de 1860, p.3, col.3. Disponível em: < <http://memoria.bn.br/DocReader/758817/3>>. Acesso em 8 out. 2017.

[Autoria Desconhecida]. Os estalos. *Revista Teatral*, Rio de Janeiro, 4 de fevereiro de 1860, p.8, col.1. Disponível em: < <http://memoria.bn.br/DocReader/738433/24>>. Acesso em 7 de out. 2017.

[Autoria Desconhecida]. Teatro das Variedades. *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 11 de abril de 1860, p.2, col.5. Disponível em: < [http://memoria.bn.br/DocReader/094170\\_02/12765](http://memoria.bn.br/DocReader/094170_02/12765)>. Acesso em 7 de out. 2017.

[Autoria Desconhecida]. Teatro das Variedades. *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 15 de abril de 1860, p.2, col.5. Disponível em <[http://memoria.bn.br/DocReader/094170\\_02/12781](http://memoria.bn.br/DocReader/094170_02/12781)>. Acesso em 7 de out. 2017.

[Autoria Desconhecida]. Noticiário. *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 27 de março de 1860, p.1, col. 7. Disponível em: < [http://memoria.bn.br/DocReader/094170\\_02/12708](http://memoria.bn.br/DocReader/094170_02/12708)>. Acesso em 3 de out. 2017.

[Autoria Desconhecida]. Notícias diversas. *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 9 e 10 de abril de 1860, p.1, col.1. Disponível: <<http://memoria.bn.br/DocReader/217280/17455>>. Acesso em 7 out. 2017.

[Autoria Desconhecida]. Teatro das Variedades. *Entreacto*, Rio de Janeiro, 1 de maio de 1860, p.2, col.3. Disponível em: < <http://memoria.bn.br/DocReader/758817/2>>. Acesso em 7 out. 2017.



[Autoria Desconhecida]. Teatro das Variedades. *Entreacto*, Rio de Janeiro, 19 de maio de 1860, p.2, col. 3. Disponível em: < <http://memoria.bn.br/DocReader/758817/11>>. Acesso em 9 out. 2017.

[Autoria Desconhecida]. Verdades lançadas ao acaso. *Entreacto*, Rio de Janeiro, 11 de junho de 1860, p.2, col.1. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/758817/21>>. Acesso em 9 out. 2017.

[Autoria Desconhecida]. Noticiário. *O Lírio*, São Paulo, 18 de agosto de 1860, p.54. Disponível em: < <http://memoria.bn.br/DocReader/818275/54>>. Acesso em 10 out. 2017.

[Autoria Desconhecida]. Registro do Porto. *O Argos*, Santa Catarina, 15 de novembro de 1861, p.4. col.3. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/233889/3072>>. Acesso em 19 out. 2017.

[Autoria Desconhecida]. Notícia. *O Argos*, Santa Catarina, 21 de novembro de 1861, p.1. col.2. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/233889/3089>>. Acesso em 19 out. 2017.

[Autoria Desconhecida]. Notícia. *O Argos*, Santa Catarina, 21 de novembro de 1861, p.1. col.2. Disponível em: < <http://memoria.bn.br/DocReader/233889/3105>>. Acesso em 19 out. 2017.

[Autoria Desconhecida]. Registro do Porto. *O Argos*, Santa Catarina, 28 de novembro de 1861, p.2. col.1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/233889/3114>>. Acesso em 19 out. 2017.

[Autoria Desconhecida]. Teatro de Santa Isabel. *Diário de Pernambuco*, Pernambuco, 4 de março de 1863, p.3, col.6. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/029033\\_04/831](http://memoria.bn.br/DocReader/029033_04/831)>. Acesso em 21 out. 2017.

[Autoria Desconhecida]. Teatro de Santa Isabel. *Diário de Pernambuco*, Pernambuco, 11 de março de 1863, p.3, col.3. Disponível em: < [http://memoria.bn.br/DocReader/029033\\_04/8359](http://memoria.bn.br/DocReader/029033_04/8359)>. Acesso em 21 out. 2017.

[Autoria Desconhecida]. Revista Diária. *Diário de Pernambuco*, Pernambuco, 13 de março de 1863, p.2, col.3. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/029033\\_04/8374](http://memoria.bn.br/DocReader/029033_04/8374)>. Acesso em 21 out. 2017.

[Autoria Desconhecida]. Revista Diária. *Diário de Pernambuco*, Pernambuco, 18 de março de 1863, p.2, col.4. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/029033\\_04/8406](http://memoria.bn.br/DocReader/029033_04/8406)>. Acesso em 21 out. 2017.

[Autoria Desconhecida]. Teatro de Santa Isabel. *Diário de Pernambuco*, Pernambuco, 24 de março de 1863, p.2, col.5. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/029033\\_04/8446](http://memoria.bn.br/DocReader/029033_04/8446)>. Acesso em 23 out. 2017.

[Autoria Desconhecida]. Revista Diária. *Diário de Pernambuco*, Pernambuco, 7 de abril de 1863, p.1, col.5. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/029033\\_04/8525](http://memoria.bn.br/DocReader/029033_04/8525)>. Acesso em 23 out. 2017.

[Autoria Desconhecida]. Teatro de Santa Isabel. *Diário de Pernambuco*, Pernambuco, 1 de julho de 1863, p.3, col.4. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/029033\\_04/9096](http://memoria.bn.br/DocReader/029033_04/9096)>. Acesso em 27 out. 2017.

[Autoria Desconhecida]. Teatro. *Diário de Pernambuco*, Pernambuco, 8 de julho de 1863, p.2, col.3. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/029033\\_04/9119](http://memoria.bn.br/DocReader/029033_04/9119)>. Acesso em 27 out. 2017.

[Autoria Desconhecida]. Companhia Dramática. *Publicador Maranhense*, Maranhão, 20 de agosto de 1863, p.2, col.3. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/720089/14568>>. Acesso em 30 out. 2017.

[Autoria Desconhecida]. Teatro. *O Paiz*. Maranhão, 28 de agosto de 1863, p.2, col.2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/704369/58>>. Acesso em 30 out. 2017.

[Autoria Desconhecida]. Revista Diária. *Diário de Pernambuco*, Pernambuco, 13 de agosto de 1863, p.2, col.6. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/029033\\_04/9391](http://memoria.bn.br/DocReader/029033_04/9391)>. Acesso em 27 out. 2017.

[Autoria Desconhecida]. Maranhão. *Diário de Pernambuco*, Pernambuco, 18 de novembro de 1863, p.1, col.5. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/029033\\_04/10039](http://memoria.bn.br/DocReader/029033_04/10039)>. Acesso em 30 out. 2017.

[Autoria Desconhecida]. Teatro. *Publicador Maranhense*, Maranhão, 29 de novembro de 1863, p.1, col.4. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/720089/14985>> Acesso em 3 nov. 2017.

[Autoria Desconhecida]. Pacotilha. *O Paiz*, Maranhão, 2 de janeiro de 1864, p.2, col.4. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/704369/220>>. Acesso em 1 nov. 2017.

[Autoria Desconhecida]. Correspondência particular do Publicador Maranhense. *Publicador Maranhense*, Maranhão, 13 de janeiro de 1864, p.2, col.1. Disponível em:<<http://memoria.bn.br/DocReader/720089/15030>>. Acesso em 1 nov. 2017.

[Autoria Desconhecida]. Companhia. *O Cearense*, Ceará, 16 de fevereiro de 1864, p.1, col.4. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/709506/5803>>. Acesso em 3 nov. 2017.

[Autoria Desconhecida]. Teatro Taliense. *O Cearense*, Ceará, 12 de fevereiro de 1864, p.4, col.4. Disponível em: < <http://memoria.bn.br/DocReader/709506/5802> >. Acesso em 3 nov. 2017.

[Autoria Desconhecida]. O Sr. Furtado Coelho. *O Cearense*, Ceará, 1 de março de 1864, p.3, col.4. Disponível em: < <http://memoria.bn.br/DocReader/709506/5821> >. Acesso em 3 nov. 2017.

[Autoria Desconhecida]. *O Cearense*, Ceará, 11 de março de 1864, p.3, col.3. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/709506/5833>>. Acesso em 3 nov. 2017.

[Autoria Desconhecida]. Teatro. *O Cearense*, Ceará, 14 de junho de 1864, p.4, col.3. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/709506/5936>>. Acesso em 3 nov. 2017.

[Autoria Desconhecida]. Teatro de Apolo. *Diário de Pernambuco*, Pernambuco, 21 de junho de 1864, p.4, col.6. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/029033\\_04/11461](http://memoria.bn.br/DocReader/029033_04/11461)>. Acesso em 4 nov. 2017.

[Autoria Desconhecida]. *Diário de Pernambuco*, Pernambuco, 11 de julho de 1864, p.1, col.3. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/029033\\_04/11580](http://memoria.bn.br/DocReader/029033_04/11580)>. Acesso em 4 nov. 2017.

[Autoria Desconhecida]. Revista Diária. *Diário de Pernambuco*, Pernambuco, 27 de julho de 1864, p.1, col.4. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/029033\\_04/11692](http://memoria.bn.br/DocReader/029033_04/11692)>. Acesso em 4 nov. 2017.

[Autoria Desconhecida]. Muita Atenção. *Diário de Pernambuco*, Pernambuco, 27 de agosto de 1864, p.2, col.1. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/029033\\_04/11901](http://memoria.bn.br/DocReader/029033_04/11901)>. Acesso em 4 nov. 2017.

[Autoria Desconhecida]. A delegacia de polícia. *O Liberal*, Pernambuco, 3 de agosto de 1864, p.3, col.3. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/709522/757>>. Acesso em 4 nov. 2017.

[Autoria Desconhecida]. Delegacia de polícia. *O Liberal*, Pernambuco, 6 de agosto de 1864, p.1, col.3-4. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/709522/759>>. Acesso em 4 nov. 2017.

[Autoria Desconhecida]. Revista Diária. *Diário de Pernambuco*, Pernambuco, 26 de agosto de 1864, p.1, col.3. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/029033\\_04/11892](http://memoria.bn.br/DocReader/029033_04/11892)>. Acesso em 4 nov. 2017.

[Autoria Desconhecida]. Teatro do Ginásio. *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 7 de março de 1865, p.1, col.4. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/094170\\_02/19681](http://memoria.bn.br/DocReader/094170_02/19681)>. Acesso em 14 nov. 2017.

[Autoria Desconhecida]. *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 6 de março de 1865, p.2, col.2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/217280/24505>>. Acesso em 14 nov. 2017.

[Autoria Desconhecida]. Gazetilha. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 15 de maio de 1865, p.2, col.5. Disponível em: < [http://memoria.bn.br/DocReader/364568\\_05/8600](http://memoria.bn.br/DocReader/364568_05/8600)>. Acesso em 16 nov. 2017.

[Autoria Desconhecida]. Teatro Ginásio. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 18 de julho de 1865, p.2, col.4. Disponível em: < [http://memoria.bn.br/DocReader/364568\\_05/8891](http://memoria.bn.br/DocReader/364568_05/8891)>. Acesso em 17 nov. 2017.

[Autoria Desconhecida]. O empresário do Ginásio, o público e a representação dos Primeiros amores de Bocage. *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 12 de agosto de 1865, p.3, col.2. Disponível em: < <http://memoria.bn.br/DocReader/217280/25130>>. Acesso em 24 nov. 2017.

[Autoria Desconhecida]. Ginásio Dramático. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 14 de agosto de 1865, p.2, col.2. Disponível em: < [http://memoria.bn.br/DocReader/364568\\_05/9002](http://memoria.bn.br/DocReader/364568_05/9002)>. Acesso em 18 nov. 2017.

[Autoria Desconhecida]. Notícias Diversas. *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 15 de agosto de 1865, p.2, col.3. Disponível em: < <http://memoria.bn.br/DocReader/217280/25141>>. Acesso em 24 nov. 2017.

[Autoria Desconhecida]. Ginásio Dramático. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 2 de outubro de 1865, p.1, col.3. Disponível em: < [http://memoria.bn.br/DocReader/364568\\_05/9197](http://memoria.bn.br/DocReader/364568_05/9197)>. Acesso em 18 nov. 2017.

[Autoria Desconhecida]. Suplício de uma mulher. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 8 de outubro de 1865, p.1, col.5. Disponível em: < [http://memoria.bn.br/DocReader/364568\\_05/9221](http://memoria.bn.br/DocReader/364568_05/9221)>. Acesso em 18 nov. 2017.

[Autoria Desconhecida]. Ginásio Dramático. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 6 de outubro de 1865, p.1, col.6. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/364568\\_05/9213](http://memoria.bn.br/DocReader/364568_05/9213)>. Acesso em 22 nov. 2017.

[Autoria Desconhecida]. *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 16 de outubro de 1865, p.2, col.3. Disponível em: < <http://memoria.bn.br/DocReader/217280/25377>>. Acesso em 22 nov. 2017.

[Autoria Desconhecida]. *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 11 de fevereiro de 1866, p.1, col.4. Disponível em: < <http://memoria.bn.br/DocReader/217280/25840>>. Acesso em 23 nov. 2017.

[Autoria Desconhecida]. *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 6 de maio de 1866, p.2, col.3, Disponível em: < [http://memoria.bn.br/DocReader/094170\\_02/20519](http://memoria.bn.br/DocReader/094170_02/20519)>. Acesso em 23 nov. 2017.

[Autoria Desconhecida]. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 30 de junho de 1866, p.4, col.6. Disponível em: < [http://memoria.bn.br/DocReader/364568\\_05/10344](http://memoria.bn.br/DocReader/364568_05/10344)>. Acesso em 2 dez. 2017.

[Autoria Desconhecida]. Teatrolgia. *Bazar Volante*, Rio de Janeiro, 22 de julho de 1866, p.6, col.2. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/714194/736>>. Acesso em 30 nov. 2017.

[Autoria Desconhecida]. *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 7 de julho de 1866, p.2, col.4. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/217280/26417>>. Acesso em 30 nov. 2017.

[Autoria Desconhecida]. Ginásio Dramático. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 9 de setembro de 1866, p.2, col.3. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/364568\\_05/10696](http://memoria.bn.br/DocReader/364568_05/10696)>. Acesso em 2 dez. 2017.

[Autoria Desconhecida]. Novidades da Semana. *A pacotilha*, Rio de Janeiro, 29 de setembro de 1866, p.2, col.2. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/403962/66>>. Acesso em 2 dez. 2017.

[Autoria Desconhecida]. Ginásio. *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 9 de novembro de 1866, p.3, col.1. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/094170\\_02/21164](http://memoria.bn.br/DocReader/094170_02/21164)>. Acesso em 5 dez. 2017.

[Autoria Desconhecida]. Ginásio Dramático. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 9 de novembro de 1866, p.1, col.2. Disponível em: < [http://memoria.bn.br/DocReader/364568\\_05/10975](http://memoria.bn.br/DocReader/364568_05/10975)>. Acesso em 5 dez. 2017.

[Autoria Desconhecida]. Amor da arte. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 14 de novembro de 1866, p.2, col.2. Disponível em: < [http://memoria.bn.br/DocReader/364568\\_05/11000](http://memoria.bn.br/DocReader/364568_05/11000)>. Acesso em 7 dez. 2017.

[Autoria Desconhecida]. Falemos do Ginásio. *O Pandokeu*, Rio de Janeiro, 25 de novembro de 1866, p.2, col.2. Disponível em: < <http://memoria.bn.br/DocReader/259560/2>>. Acesso em 7 dez. 2017.

[Autoria Desconhecida]. Ginásio Dramático. *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 5 de maio de 1867, p.2, col.5. Disponível em: < [http://memoria.bn.br/DocReader/094170\\_02/21772](http://memoria.bn.br/DocReader/094170_02/21772)>. Acesso em 12 dez. 2017.

[Autoria Desconhecida]. Revista Teatral. *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 8 de maio de 1867, p.1, col.4-7. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/094170\\_02/21783](http://memoria.bn.br/DocReader/094170_02/21783)>. Acesso em 11 dez. 2017.

[Autoria Desconhecida]. Ginásio Dramático. *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 27 de fevereiro de 1867, p.2, col.2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/217280/27342> > Acesso em 14 dez. 2017.

[Autoria Desconhecida]. Ginásio Dramático. *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 23 de fevereiro de 1867, p.1, col.3. Disponível em: < [http://memoria.bn.br/DocReader/094170\\_02/21519](http://memoria.bn.br/DocReader/094170_02/21519)>. Acesso em 14 dez. 2017.

[Autoria Desconhecida]. O remorso vivo. *Semana Ilustrada*, Rio de Janeiro, 3 de março de 1867, p.7, col.1. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/702951/2606>>. Acesso em 14 dez. 2017.

[Autoria Desconhecida]. Teatro Lírico. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 30 de maio de 1867, p.1, col.2. Disponível em: < [http://memoria.bn.br/DocReader/364568\\_05/11973](http://memoria.bn.br/DocReader/364568_05/11973)>. Acesso em 15 dez. 2017.

[Autoria Desconhecida]. Quadros Vivos. *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 30 de maio de 1867, p.2, col.4. Disponível em: < <http://memoria.bn.br/DocReader/217280/27706>>. Acesso em 15 dez. 2017.

[Autoria Desconhecida]. Teatros. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 28 de maio de 1867, p.4, col.5. Disponível em: < [http://memoria.bn.br/DocReader/364568\\_05/11962](http://memoria.bn.br/DocReader/364568_05/11962)>. Acesso em 16 dez. 2017.

[Autoria Desconhecida]. Revista Teatral. *Minerva*, Rio de Janeiro, 27 de julho de 1867, p.2, col.1. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/779598/30> >. Acesso em 18 dez. 2017.

[Autoria Desconhecida]. *O Arlequim*, Rio de Janeiro, 14 de julho de 1867, p.2, col.1. Disponível em: < <http://memoria.bn.br/DocReader/714208/85>>. Acesso em 18 dez. 2017.

[Autoria Desconhecida]. Ginásio Dramático. *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 12 de setembro de 1867, p.2, col.6. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/217280/28116>>. Acesso em 18 dez. 2017.

[Autoria Desconhecida]. Teatros. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 9 de novembro de 1867, p.4, col.4. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/364568\\_05/12858](http://memoria.bn.br/DocReader/364568_05/12858)>. Acesso em 18 dez. 2017.

[Autoria Desconhecida]. Teatro Ginásio. *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 11 de novembro de 1867, p.2, col.1. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/217280/28356>>. Acesso em 19 dez. 2017.

[Autoria Desconhecida]. Ginásio Dramático. *Diário do Rio de Janeiro*, 11 de novembro de 1867, p.2, col.7. Disponível em: < [http://memoria.bn.br/DocReader/094170\\_02/22530](http://memoria.bn.br/DocReader/094170_02/22530)>. Acesso em 20 dez. 2017.



[Autoria Desconhecida]. Teatralhada. *Heráclito*, Rio de Janeiro, 17 de novembro de 1867, p.3, col.2. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/259543/43>>. Acesso em 20 dez. 2017.

[Autoria Desconhecida]. Teatralhada. *Heráclito*, Rio de Janeiro, 17 de novembro de 1867, p.4, col.1. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/259543/44>>. Acesso em 20 dez. 2017.

[Autoria Desconhecida]. A Ressurreição de Rocambole. *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 15 de dezembro de 1867, p.1, col.5. Disponível em:< <http://memoria.bn.br/DocReader/217280/28496>>. Acesso em 20 dez. 2017.

[Autoria Desconhecida]. Ginásio. *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 25 de dezembro de 1867, p.2, col.2. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/217280/28537>>. Acesso em 21 dez. 2017.

[Autoria Desconhecida]. Teatros. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 28 de dezembro de 1867, p.8, col.4. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/364568\\_05/13102](http://memoria.bn.br/DocReader/364568_05/13102)>. Acesso em 21 dez. 2017.

[Autoria Desconhecida]. Teatros. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 31 de dezembro de 1867, p.4, col.6. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/364568\\_05/13116](http://memoria.bn.br/DocReader/364568_05/13116)>. Acesso em 21 dez. 2017.

“A”. Revista dos Teatros. *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 26 de maio de 1857, p.3, col.1. Disponível em: < <http://memoria.bn.br/DocReader/217280/13333>>. Acesso em 4 maio 2017.

“A”. Teatro Ginásio. *Semana Ilustrada*, Rio de Janeiro, 8 de julho de 1866, p.7, col.2. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/702951/2334>>. Acesso em 30 nov. 2017.

“A.F.”. Boletim Dramático. *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 23 de março de 1865, p.1, col.3. Disponível em: < [http://memoria.bn.br/DocReader/094170\\_02/19740](http://memoria.bn.br/DocReader/094170_02/19740)>. Acesso em 14 nov. 2017.

\_\_\_\_\_. Boletim Dramático. *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 14 de julho de 1866, p.1, col.4. Disponível em: < [http://memoria.bn.br/DocReader/094170\\_02/20758](http://memoria.bn.br/DocReader/094170_02/20758)>. Acesso em 30 nov. 2017.

“A.M.”. Teatro do Ginásio. *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro de 7 de abril de 1859, p.2, col. 5. Disponível em: < <http://memoria.bn.br/DocReader/217280/16012>>. Acesso em 3 set. 2017.

“A.M.”. Teatro. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 17 de novembro de 1866, p.2, col.4. Disponível em: < [http://memoria.bn.br/DocReader/364568\\_05/11012](http://memoria.bn.br/DocReader/364568_05/11012)>. Acesso em 18 dez. 2017.

“A mocamba da Ismênia”. Teatro Ginásio. *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 24 de junho de 1866, p.3, col.1. Disponível em: < <http://memoria.bn.br/DocReader/217280/26366>>. Acesso em 1 dez. 2017.

“A panela de combustível”. Ecce Homo. *Diário de Pernambuco*, Pernambuco, 24 de agosto de 1864, p.2, col.3. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/029033\\_04/11877](http://memoria.bn.br/DocReader/029033_04/11877)> . Acesso em 4 nov. 2017.

“Aroum Al-Hanganes”. Teatro de Santa Isabel. *Diário de Pernambuco*, Pernambuco, 15 de julho de 1863, p.8, col.1. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/029033\\_04/9197](http://memoria.bn.br/DocReader/029033_04/9197)>. Acesso em 27 out. 2017.

\_\_\_\_\_. Teatro de Santa Isabel. *Diário de Pernambuco*, Pernambuco, 1 de agosto de 1863, p.8, col.1. Disponível em: < [http://memoria.bn.br/DocReader/029033\\_04/9317](http://memoria.bn.br/DocReader/029033_04/9317)>. Acesso em 26 out. 2017.

\_\_\_\_\_. Teatro de Santa Isabel. *Diário de Pernambuco*, Pernambuco, 6 de agosto de 1863, p.8, col.3. Disponível em: < [http://memoria.bn.br/DocReader/029033\\_04/9349](http://memoria.bn.br/DocReader/029033_04/9349)>. Acesso em 26 out. 2017.

\_\_\_\_\_. Arte Dramática – Esmeralda. *Diário de Pernambuco*, Pernambuco, 8 de julho de 1863, p.8, col.2. Disponível em: < [http://memoria.bn.br/DocReader/029033\\_04/9149](http://memoria.bn.br/DocReader/029033_04/9149)>. Acesso em 26 out. 2017.

“A sentinela”. Teatro das Variedades. *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 15 de abril de 1860, p.1, col.7. Disponível em: < <http://memoria.bn.br/DocReader/217280/17475>>. Acesso em 4 de out. 2017.

\_\_\_\_\_. Teatro das Variedades. *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 15 de abril de 1860, p.2, col.1. Disponível em: < <http://memoria.bn.br/DocReader/217280/17476>>. Acesso em 4 de out. 2017.

“Antonico”. Teatrolgia. *Esperança*, Rio de Janeiro, 28 de março de 1865, p.3, col.3. Disponível em: < <http://memoria.bn.br/DocReader/809799/147>>. Acesso em 27 nov. 2017.

“A.T.”. Boletim Dramático. *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 19 de abril de 1865, p.1, col.2. Disponível em: < [http://memoria.bn.br/DocReader/094170\\_02/19832](http://memoria.bn.br/DocReader/094170_02/19832)>. Acesso em 15 nov. 2017.

“Au Revoir”. Os copos de cristal. *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 23 de outubro de 1865, p.3, col.6. Disponível em: < <http://memoria.bn.br/DocReader/217280/25406>>. Acesso em 23 nov. 2017,

“Bibliophilo”. A Revista dos Teatros. *Diário do Rio de Janeiro*, 7 de junho de 1854, p.2, col.4). Disponível em: < [http://memoria.bn.br/docreader/094170\\_01/44795](http://memoria.bn.br/docreader/094170_01/44795)> Acesso em 18 out. 2017.

“Bibliophilo”. A Revista dos Teatros. *Diário do Rio de Janeiro*, 7 de junho de 1854, p.2, col.4). Disponível em: < [http://memoria.bn.br/docreader/094170\\_01/44795](http://memoria.bn.br/docreader/094170_01/44795)> Acesso em 18 out. 2017.

Bocaiúva, Quintino. Theatros. *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 31 de julho de 1856, p.1, col.2. Disponível em: < [http://memoria.bn.br/DocReader/094170\\_01/43584](http://memoria.bn.br/DocReader/094170_01/43584)>. Acesso em 6 mar. 2017.

\_\_\_\_\_. Theatros. *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 31 de julho de 1856, p.1, col. 6. Disponível em: < [http://memoria.bn.br/DocReader/094170\\_01/43584](http://memoria.bn.br/DocReader/094170_01/43584)>. Acesso em 6 mar. 2017.

\_\_\_\_\_. Theatros. *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 7 de agosto de 1856, p.1, col.5. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/docreader/094170\\_01/43612](http://memoria.bn.br/docreader/094170_01/43612)>. Acesso em 7 mar. 2017.

\_\_\_\_\_. Theatros. *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 14 de agosto de 1856, p.1, col.5. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/docreader/094170\\_01/43640](http://memoria.bn.br/docreader/094170_01/43640)>. Acesso em 7 mar. 2017.

\_\_\_\_\_. Theatros. *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 4 de setembro de 1856, p.1, col. 06. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/094170\\_01/43720](http://memoria.bn.br/DocReader/094170_01/43720)>. Acesso em 25 abr. 2017

\_\_\_\_\_. Theatros. *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 4 de setembro de 1856, p.1, col. 05. Disponível em: < [http://memoria.bn.br/docreader/094170\\_01/43720](http://memoria.bn.br/docreader/094170_01/43720)>. Acesso em 2 maio 2017.

\_\_\_\_\_. Theatros. *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 6 de setembro de 1856, p.2, col.5. Disponível em: < [http://memoria.bn.br/docreader/094170\\_01/43729](http://memoria.bn.br/docreader/094170_01/43729)> Acesso em 17/10/2017.

\_\_\_\_\_. Ginásio Dramático. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 22 de julho de 1865, p.1, col.7. Disponível em: < [http://memoria.bn.br/DocReader/364568\\_05/8906](http://memoria.bn.br/DocReader/364568_05/8906)>. Acesso em 18 nov. 2017.

“Boreas”. Teatro de S. Januário. *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 1 de fevereiro de 1860, p.1, col.7. Disponível em < <http://memoria.bn.br/DocReader/217280/17189>>. Acesso em 30 set. 2017.

Braz, Gil. O barbeiro de Sevilha e Gil Braz. *Semana Ilustrada*, Rio de Janeiro, 16 de setembro de 1866, p.7, col.1. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/702951/2414>>. Acesso em 3 dez. 2017.

\_\_\_\_\_. Ator e Autor. *Semana Ilustrada*, Rio de Janeiro, 18 de novembro de 1866, p.7, col.1. Disponível em: < <http://memoria.bn.br/DocReader/702951/2485>>. Acesso em 4 dez. 2017.

\_\_\_\_\_. Revista Teatral. *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 10 de julho de 1867, p.1, col.5-7. Disponível em: < [http://memoria.bn.br/DocReader/094170\\_02/22033](http://memoria.bn.br/DocReader/094170_02/22033)>. Acesso em 18 dez. 2017.

“Capitão Satanaz”. Ginásio. *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 18 de julho de 1866, p.3, col.7. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/217280/26462>>. Acesso em 1 dez. 2017.

Carlos. *Revista Popular*, Rio de Janeiro, out. a dez. de 1860, p.319. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/181773/3148>>. Acesso em 12 out. 2017.

Conceição, Francisco Correia da. Circular aos Teatros. *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 16 de setembro de 1856, p.2, col.1. Disponível em:<[http://memoria.bn.br/docreader/094170\\_01/43765](http://memoria.bn.br/docreader/094170_01/43765)>. Acesso em 5 maio 2017.

“D.C.”. O distinto artista Furtado Coelho caluniado e perseguido pelos invejosos. *O Liberal*, Pernambuco, 3 de agosto de 1864, p.3, col.4. Disponível em:<<http://memoria.bn.br/DocReader/709522/757>>. Acesso em 4 nov. 2017.

“Desgenais”. O bibliófilo. *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 8 de junho de 1857, p.2, col.3. Disponível em: < <http://memoria.bn.br/DocReader/217280/13385>>. Acesso em 18 out. 2017.

“Dr. Semana”. Onfália. *Semana Ilustrada*, Rio de Janeiro, 16 de julho de 1865, p.7, col.1. Disponível em: < <http://memoria.bn.br/DocReader/702951/1934>>. Acesso em 17 nov. 2017.

\_\_\_\_\_. Novidades da Semana. *Semana Ilustrada*, Rio de Janeiro, 20 de agosto de 1865, p.2, col.2. Disponível em: < <http://memoria.bn.br/DocReader/702951/1970>>. Acesso em 24 nov. 2017.

\_\_\_\_\_. Novidades da Semana. *Semana Ilustrada*, Rio de Janeiro, 29 de outubro de 1865, p.2, col.2. Disponível em: < <http://memoria.bn.br/DocReader/702951/2050>>. Acesso em 23 nov. 2017.

\_\_\_\_\_. Novidades da Semana. *Semana Ilustrada*, Rio de Janeiro, 17 de setembro de 1865, p.2, col.2. Disponível em: < <http://memoria.bn.br/DocReader/702951/2003>>. Acesso em 23 nov. 2017.

\_\_\_\_\_. Novidades da Semana. *Semana Ilustrada*, Rio de Janeiro, 4 de fevereiro de 1866, p.2, col.2. Disponível em: < <http://memoria.bn.br/DocReader/702951/2166>>. Acesso em 23 nov. 2017.

\_\_\_\_\_. Pontos e Virgulas. *Semana Ilustrada*, Rio de Janeiro, 11 de novembro de 1866, p.2, col.1. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/702951/2473>>. Acesso em 4 dez. 2017.

\_\_\_\_\_. Pontos e Virgulas. *Semana Ilustrada*, Rio de Janeiro, 12 de maio de 1867, p.3, col.1. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/702951/2682>>. Acesso em 11 dez. 2017.

\_\_\_\_\_. Pontos e Virgulas. *Semana Ilustrada*, Rio de Janeiro, 15 de setembro de 1867, p.3, col.2. Disponível em: < <http://memoria.bn.br/DocReader/702951/2831>>. Acesso em 19 dez. 2017.

“Dr. Til”. *Correio da Tarde*, Rio de Janeiro, 15 de julho de 1856, página 03, col.2. Disponível em:< <http://memoria.bn.br/DocReader/090000/1109>>. Acesso em 4/03/1017.

\_\_\_\_\_. “O Dr. Til e os Teatros”. *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 10 de novembro de 1859, p.2, col.4. Disponível em < <http://memoria.bn.br/DocReader/217280/16866>>. Acesso em 23 jul. 2017.

\_\_\_\_\_. “O Dr. Til e os Teatros”. *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 13 de novembro de 1859, p.2, col.6. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/217280/16878>>. Acesso em 23 jul. 2017.

\_\_\_\_\_. Teatro de S. Pedro. *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 21 de novembro de 1859, p.2, col.3. Disponível em: < <http://memoria.bn.br/DocReader/217280/16910>>. Acesso em 24 jul. 2017.

\_\_\_\_\_. Teatros. *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 1 de dezembro de 1859, página 02, coluna 05. Disponível em: < <http://memoria.bn.br/DocReader/217280/16950>>. Acesso em 27 jul. 2017.

\_\_\_\_\_. Teatro de S. Pedro. *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 21 de novembro de 1859, p.2, col.3. Disponível em: < <http://memoria.bn.br/DocReader/217280/16910>>. Acesso em 24 jul. 2017.

\_\_\_\_\_. Teatros. *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 1 de dezembro de 1959, página 02, coluna 05. Disponível em: < <http://memoria.bn.br/DocReader/217280/16950>>. Acesso em 27 jul. 2017.

“Dr. Z”. Teatro. *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 11 de novembro de 1859, p.2, col.4. Disponível em < <http://memoria.bn.br/DocReader/217280/16870>>. Acesso em 23 jul. 2017.

Duarte Coimbra, Antonio José. *Diário de Pernambuco*, Pernambuco, 8 de agosto de 1863, p.3, col.2. Disponível em: < [http://memoria.bn.br/DocReader/029033\\_04/9360](http://memoria.bn.br/DocReader/029033_04/9360)>. Acesso em 27 out. 2017.

\_\_\_\_\_. Teatro de S. Isabel. *Diário de Pernambuco*, Pernambuco, 10 de agosto de 1863, p.2, col.4. Disponível em: < [http://memoria.bn.br/DocReader/029033\\_04/9367](http://memoria.bn.br/DocReader/029033_04/9367)>. Acesso em 26 out. 2017.

\_\_\_\_\_. Teatro de S. Isabel. *Diário de Pernambuco*, Pernambuco, 12 de agosto de 1863, p.2, col.3. Disponível em: < [http://memoria.bn.br/DocReader/029033\\_04/9383](http://memoria.bn.br/DocReader/029033_04/9383)>. Acesso em 26 out. 2017.

\_\_\_\_\_. *Diário de Pernambuco*, Pernambuco, 20 de agosto de 1864, p.2, col.1. Disponível em: < [http://memoria.bn.br/DocReader/029033\\_04/11853](http://memoria.bn.br/DocReader/029033_04/11853)>. Acesso em 5 nov. 2017.

\_\_\_\_\_. Ao público. *Diário de Pernambuco*, Pernambuco, 23 de agosto de 1864, p.2, col.1. Disponível em: < [http://memoria.bn.br/DocReader/029033\\_04/11869](http://memoria.bn.br/DocReader/029033_04/11869) >. Acesso em 5 nov. 2017.

“E.A.R”. Teatro Ginásio – A comédia *Por direito de conquista*. *Correio da tarde*, Rio de Janeiro, 6 de janeiro de 1859, p.2, col.1 Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/090000/4008>>. Acesso em 20 maio 2017.

“E.C.”. Ginásio Dramático. *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 7 de setembro, 1859, p.2, col.3. Disponível em: < <http://memoria.bn.br/DocReader/217280/16618>>. Acesso em 5 set. 2017.

\_\_\_\_\_. Teatro Ginásio – A comédia *Por direito de conquista*. *Correio da tarde*, Rio de Janeiro, 6 de janeiro de 1859, p.2, col.3. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/090000/4008>>. Acesso em 20 maio 2017.

“Emílio”. Teatro do Ginásio. *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 20 de abril de 1865, p.3, col.4. Disponível em: < <http://memoria.bn.br/DocReader/217280/24678>>. Acesso em 15 nov. 2017.

Ferreira, Souza. Theatros. *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 31 de maio de 1856, p.1, col. 2. Disponível em: < [http://memoria.bn.br/DocReader/094170\\_01/43340](http://memoria.bn.br/DocReader/094170_01/43340)>. Acesso em 2 mar. 2017.

\_\_\_\_\_. Páginas Menores. *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 19 de abril de 1860, p.1, col. 6. Disponível em: < <http://memoria.bn.br/DocReader/217280/17491>>. Acesso em 7 out. 2017.

\_\_\_\_\_. Theatros. *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 31 de maio de 1856, p.1, col. 3. Disponível em: < [http://memoria.bn.br/DocReader/094170\\_01/43340](http://memoria.bn.br/DocReader/094170_01/43340)>. Acesso em 2 mar. 2017.

\_\_\_\_\_. Theatros. *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 31 de maio de 1856, p.1, col. 4. Disponível em: < [http://memoria.bn.br/DocReader/094170\\_01/43340](http://memoria.bn.br/DocReader/094170_01/43340)>. Acesso em 2 mar. 2017.

\_\_\_\_\_. Theatros. *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 12 de julho de 1856, p.1, col.7. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/094170\\_01/43508](http://memoria.bn.br/DocReader/094170_01/43508). Acesso em 4 mar. 2017

Furtado Coelho, Luís Candido. O mundo equívoco. *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 28 de agosto de 1856, página 01, coluna 02. Disponível em:<<http://memoria.bn.br/DocReader/217280/11664>>. Acesso em 23 fev. 2017.



\_\_\_\_\_. O mundo equívoco. *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 28 de agosto de 1856, p. 01, col.03. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/217280/11664>>. Acesso em 23 fev. 2017.

\_\_\_\_\_. O mundo equívoco. *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 28 de agosto de 1856, p. 01, col. 04. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/217280/11664>>. Acesso em 23 fev. 2017.

\_\_\_\_\_. O mundo equívoco. *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 28 de agosto de 1856, p. 01, col. 05. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/217280/11664>>. Acesso em 23 fev. 2017.

\_\_\_\_\_. O mundo equívoco. *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 28 de agosto de 1856, p. 02, col. 02. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/217280/11665>>. Acesso em 23 fev. 2017.

\_\_\_\_\_. O mundo equívoco. *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 28 de agosto de 1856, p. 02, col. 05. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/217280/11665>>. Acesso em 23 fev. 2017.

\_\_\_\_\_. O mundo equívoco. *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 28 de agosto de 1856, p. 02, col. 03. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/217280/11665>>. Acesso em 23 fev. 2017.

\_\_\_\_\_. O mundo equívoco. *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 28 de agosto de 1856, p. 02, col. 04. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/217280/11665>>. Acesso em 23 fev. 2017.

\_\_\_\_\_. O mundo equívoco. *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 28 de agosto de 1856, p. 02, col. 06. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/217280/11665>>. Acesso em 23 fev. 2017.

\_\_\_\_\_. Censura. *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 10 de maio de 1856, p. 2, col. 7. Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/217280/11839>. Acesso em 27 fev. 2017.

\_\_\_\_\_. Teatro do Ginásio. *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 8 e 9 de setembro de 1856, p.2, col.3. Disponível em: < <http://memoria.bn.br/DocReader/217280/12317>>. Acesso em 2 maio 2017.

\_\_\_\_\_. Ginásio Dramático. *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 23 de setembro de 1856, p.2, col.3. Disponível em: < [http://memoria.bn.br/docreader/094170\\_01/43793](http://memoria.bn.br/docreader/094170_01/43793)> Acesso em 8 maio 2017.

\_\_\_\_\_. Ao ilustre artista João Caetano dos Santos, rei da cena brasileira. *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 21 de abril de 1857, p.2, col.4. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/094170\\_01/44607](http://memoria.bn.br/DocReader/094170_01/44607)>. Acesso em 29 abr. 2017.

\_\_\_\_\_. Atenção. *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 25 de maio de 1857, p.2, col.4. Disponível em < <http://memoria.bn.br/DocReader/217280/13329>>. Acesso em 9 maio 2017.

\_\_\_\_\_. Ao leitor imparcial: Eu e o Lycurgo. *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 2 de junho de 1857, p.2, col.4. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/217280/13361>. Acesso em 12 maio 2017.

\_\_\_\_\_. Teatro das Variedades. *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 17 de abril de 1860, p.2, col. 7. Disponível em: < [http://memoria.bn.br/DocReader/094170\\_02/12789](http://memoria.bn.br/DocReader/094170_02/12789)>. Acesso em 7 out. 2017.

\_\_\_\_\_. Teatro das Variedades. *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 17 de abril de 1860, p.3, col.1. Disponível em < [http://memoria.bn.br/DocReader/094170\\_02/12790](http://memoria.bn.br/DocReader/094170_02/12790)>. Acesso em 7 out. 2017.

\_\_\_\_\_. Ao público. *Diário de Pernambuco*, Pernambuco, 11 de agosto de 1863, p.2, col.5. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/029033\\_04/9375](http://memoria.bn.br/DocReader/029033_04/9375)>. Acesso em 26 out. 2017.

\_\_\_\_\_. Ao público. *Diário de Pernambuco*, Pernambuco, 13 de agosto de 1863, p.3, col.2. Disponível em: < [http://memoria.bn.br/DocReader/029033\\_04/9392](http://memoria.bn.br/DocReader/029033_04/9392)>. Acesso em 27 out. 2017.

\_\_\_\_\_. Ao público. *Publicador Maranhense*, Maranhão, 12 de novembro de 1863, p.2, col.3. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/720089/14838>>. Acesso em 1 nov. 2017.

\_\_\_\_\_. Ao público e à empresa dramática do Teatro S. Luiz. *Publicador Maranhense*, Maranhão, 14 de novembro de 1863, p.2, col.3. Disponível em:<<http://memoria.bn.br/DocReader/720089/14846>>. Acesso em 2 nov. 2017.

\_\_\_\_\_. Ao público. *Publicador Maranhense*, Maranhão, 18 de novembro de 1863, p.2, col.2. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/720089/14858>>. Acesso em 2 nov. 2017.

\_\_\_\_\_. Ginásio Dramático. *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 10 de novembro de 1866, p.2, col.6-7. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/217280/26910>>. Acesso em 5 dez. 2017.

\_\_\_\_\_. Ginásio Dramático. *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 10 de novembro de 1866, p.3, col.1. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/217280/26911>>. Acesso em 5 dez. 2017.

\_\_\_\_\_. Ginásio Dramático. *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 12 de novembro de 1866, p.2, col.6. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/217280/26918> >. Acesso em 6 dez. 2017.

\_\_\_\_\_. Ginásio Dramático. *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 16 de novembro de 1866, p.2, col.7. Disponível em: < <http://memoria.bn.br/DocReader/217280/26934>>. Acesso em 7 dez. 2017.

\_\_\_\_\_. *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 17 de novembro de 1866, p.2, col.6-7. Disponível em: < <http://memoria.bn.br/DocReader/217280/26938>>. Acesso em 7 dez. 2017.

\_\_\_\_\_. Ginásio Dramático. *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 18 de novembro de 1866, p.2, col.4. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/217280/26942>>. Acesso em 7 dez. 2017.

\_\_\_\_\_. Teatro Ginásio. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 5 de julho de 1867, p.1, col.6. Disponível em: < [http://memoria.bn.br/DocReader/364568\\_05/12169](http://memoria.bn.br/DocReader/364568_05/12169)>. Acesso em 15 dez. 2017.

\_\_\_\_\_. Teatro Ginásio. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 6 de julho de 1867, p.1, col.3. Disponível em: < [http://memoria.bn.br/DocReader/364568\\_05/12175](http://memoria.bn.br/DocReader/364568_05/12175)>. Acesso em 16 dez. 2017.

\_\_\_\_\_. Ginásio Dramático. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 22 de julho de 1865, p.1, col.7. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/364568\\_05/8906](http://memoria.bn.br/DocReader/364568_05/8906)>

\_\_\_\_\_. A atriz Ismênia. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 26 de julho de 1865, p.2, col.4. Disponível em: < [http://memoria.bn.br/DocReader/364568\\_05/8924](http://memoria.bn.br/DocReader/364568_05/8924)>. Acesso em 20 nov. 2017.

“G. de B.”. Teatro de Santa Isabel. *Diário de Pernambuco*, Pernambuco, 20 de maio de 1863, p.8, col.1. Disponível em: < [http://memoria.bn.br/DocReader/029033\\_04/8819](http://memoria.bn.br/DocReader/029033_04/8819)>. Acesso em 25 out. 2017.

\_\_\_\_\_. Teatro de Santa Isabel. *Diário de Pernambuco*, Pernambuco, 30 de maio de 1863, p.8, col.6. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/029033\\_04/8891](http://memoria.bn.br/DocReader/029033_04/8891)>. Acesso em 25 out. 2017.

\_\_\_\_\_. Teatro de Santa Isabel. *Diário de Pernambuco*, Pernambuco, 11 de junho de 1863, p.8, col.3. Disponível em: < [http://memoria.bn.br/DocReader/029033\\_04/8981](http://memoria.bn.br/DocReader/029033_04/8981)>. Acesso em 26 out. 2017.

“Giotto e Calimoco”. Ginásio Dramático. *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 1 de junho de 1859, p.2, col.3. Disponível em: < <http://memoria.bn.br/DocReader/217280/16228>>. Acesso em 4 set. 2017.

Gomes dos Santos, Joaquim Heleodoro. Ginásio. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 24 de maio de 1859; p. 1, col.7. Disponível em: < [http://memoria.bn.br/DocReader/364568\\_04/14446](http://memoria.bn.br/DocReader/364568_04/14446)>. Acesso em 1 ago. 2017.

“H.M.”. Páginas Menores. *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 25 de janeiro de 1859, p.1, col.3. Disponível em: < <http://memoria.bn.br/DocReader/217280/15719>>. Acesso em 1 jul. 2017.

“J”. Teatro – Cancros Sociais. *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 22 de maio de 1865, p.1, col.5-6. Disponível em: < <http://memoria.bn.br/DocReader/217280/24804>>. Acesso em 16 nov. 2017.

“K”. Teatro das Variedades. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 2 de maio de 1860, p.2, col.1. Disponível em: < [http://memoria.bn.br/DocReader/364568\\_05/487](http://memoria.bn.br/DocReader/364568_05/487)>. Acesso em 10 out. 2017.

“L.”. Teatro das Variedades. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 15 de abril de 1860, p.2, col.3. Disponível em: < [http://memoria.bn.br/DocReader/364568\\_05/419](http://memoria.bn.br/DocReader/364568_05/419)>. Acesso em 7 de out. 2017.

“L.J.”. O Espelho. *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 26 de novembro de 1859, p.2, col.4. Disponível em: < <http://memoria.bn.br/DocReader/217280/16930>>. Acesso em 25 jul. 2017.

\_\_\_\_\_. O Espelho. *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 20 de novembro de 1859, p.1, col.7. Disponível em: < <http://memoria.bn.br/DocReader/217280/16905>>. Acesso em 26 jul. 2017.

“Lycurgo”. A revista dos Teatros. *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 24 de maio de 1857, p.1, col.6. Disponível em: < <http://memoria.bn.br/DocReader/217280/13324>>. Acesso em 1 maio 2017.

\_\_\_\_\_. A revista dos Teatros. *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 31 de maio de 1857, p.1, col.6. Disponível em: < <http://memoria.bn.br/DocReader/217280/13352>> Acesso em 9 maio 2017.

“M”. *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 14 de julho de 1856, p.1, col.3. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/217280/12096>>. Acesso em 4/03/2017.

Macedo, Joaquim Manuel de. O Labirinto. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 4 de junho de 1860, p.1, col. 6. Disponível em: < [http://memoria.bn.br/DocReader/364568\\_05/618](http://memoria.bn.br/DocReader/364568_05/618)>. Acesso em 9 out. 2017.

\_\_\_\_\_. O Labirinto. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 16 de setembro de 1860, p.1, col. 8. Disponível em: < [http://memoria.bn.br/DocReader/364568\\_05/1076](http://memoria.bn.br/DocReader/364568_05/1076)>. Acesso em 11 out. 2017.

\_\_\_\_\_. O Labirinto. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 26 de novembro de 1860, p.1, col. 8. Disponível em: < [http://memoria.bn.br/DocReader/364568\\_05/1362](http://memoria.bn.br/DocReader/364568_05/1362)>. Acesso em 12 out. 2017.

Machado de Assis, Joaquim Maria. Revista de Teatros. *O Espelho*, Rio de Janeiro, 27 de novembro de 1859, p.10, col.2. Disponível em: < <http://memoria.bn.br/DocReader/700037/158>>. Acesso em 25 jul. 2017.

\_\_\_\_\_. Revista de Teatros. *O Espelho*, Rio de Janeiro, 11 de setembro de 1859, p.8, col.2. Disponível em: < <http://memoria.bn.br/DocReader/700037/21>>. Acesso em 5 set. 2017.

\_\_\_\_\_. Revista de Teatros. *O Espelho*, Rio de Janeiro, 13 de novembro de 1859, p.9, col.1. Disponível em: < <http://memoria.bn.br/DocReader/700037/133>>. Acesso em 25 jul. 2017.

\_\_\_\_\_. Revista de Teatros. *O Espelho*, Rio de Janeiro, 25 de setembro de 1859, p.8, col.2. Disponível em: < <http://memoria.bn.br/DocReader/700037/46>>. Acesso em 6 set. 2017.

\_\_\_\_\_. Revista de Teatros. *O Espelho*, Rio de Janeiro, 16 de outubro de 1859, p.8, col.2. Disponível em: < <http://memoria.bn.br/DocReader/700037/84>>. Acesso em 6 set. 2017.

\_\_\_\_\_. Revista de Teatros. *O Espelho*, Rio de Janeiro, 2 de outubro de 1859, p.8, col.2. Disponível em: < <http://memoria.bn.br/DocReader/700037/58>>. Acesso em 6 set. 2017.

\_\_\_\_\_. Revista de Teatros. *O Espelho*, Rio de Janeiro, 13 de novembro de 1859, p.10, col.1. Disponível em: < <http://memoria.bn.br/DocReader/700037/134>>. Acesso em 7 set. 2017.

\_\_\_\_\_. Revista de Teatros. *O Espelho*, Rio de Janeiro, 6 de novembro de 1859, p.10, col.1. Disponível em: < <http://memoria.bn.br/DocReader/700037/122>>. Acesso em 7 set. 2017.

\_\_\_\_\_. Revista de Teatros. *O espelho*, Rio de Janeiro, 1 de janeiro de 1860, p.10, col.1. Disponível em: < <http://memoria.bn.br/DocReader/700037/216>>. Acesso em 27 set. 2017.

\_\_\_\_\_. Ao Acaso. *Diário do Rio de Janeiro*, 15 de março de 1865, p.1, col.5. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/094170\\_02/19708](http://memoria.bn.br/DocReader/094170_02/19708)>. Acesso em 14 nov. 2017

\_\_\_\_\_. Ao Acaso. *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 16 de maio de 1865, p.1, col.3-4. Disponível em: < [http://memoria.bn.br/DocReader/094170\\_02/19928](http://memoria.bn.br/DocReader/094170_02/19928)>. Acesso em 16 nov. 2017.

\_\_\_\_\_. A cólera do Império. *Diário do Rio de Janeiro*, 17 de maio de 1865, p.2, col.1. Disponível em: < [http://memoria.bn.br/DocReader/094170\\_02/19933](http://memoria.bn.br/DocReader/094170_02/19933)>. Acesso em 15 nov. 2017.

Major, Manoel Antonio. *Revista Mensal da Sociedade*, Rio de Janeiro, 1 de setembro de 1865, p.120. Disponível em: < <http://memoria.bn.br/DocReader/338966/1106>>. Acesso em 27 nov. 2017.

Marquelou, Antonina. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 18 de novembro de 1866, p.2, col.1. Disponível em: < [http://memoria.bn.br/DocReader/364568\\_05/11018](http://memoria.bn.br/DocReader/364568_05/11018)>. Acesso em 18 dez. 2017.

\_\_\_\_\_. Teatro Ginásio. *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 19 de novembro de 1866, p.2, col.4. Disponível em: < <http://memoria.bn.br/DocReader/217280/26946>>. Acesso em 18 dez. 2017.

Mendonça, Salvador de. O barbeiro de Sevilha. *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 9 de setembro de 1866, p.1, col.4. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/094170\\_02/20950](http://memoria.bn.br/DocReader/094170_02/20950)>. Acesso em 2 dez. 2017.

“Não é com essas”. O anjo da meia noite. *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 4 de julho de 1866, p.3, col.3. Disponível em: < <http://memoria.bn.br/DocReader/217280/26406>>. Acesso em 1 dez. 2017.

“O colar de minha mãe”. O amor da arte de Coelho Furtado. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 17 de novembro de 1866, p.1, col.8. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/364568\\_05/11011](http://memoria.bn.br/DocReader/364568_05/11011)>. Acesso em 7 dez. 2017.

\_\_\_\_\_. O amor da arte de Coelho Furtado. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 18 de novembro de 1866, p.1, col.5. Disponível em: < [http://memoria.bn.br/DocReader/364568\\_05/11017](http://memoria.bn.br/DocReader/364568_05/11017)>. Acesso em 7 dez. 2017.

“Omnibus”. Teatologia. *Bazar Volante*, Rio de Janeiro, 25 de fevereiro, p.7, col.1. Disponível em: < <http://memoria.bn.br/DocReader/714194/585>>. Acesso em 27 nov. 2017.

“O Scenophila”. Teatro das Variedades. *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 16 de abril de 1860, p.2, col. 3. Disponível em: < [http://memoria.bn.br/DocReader/094170\\_02/12785](http://memoria.bn.br/DocReader/094170_02/12785)>. Acesso em 7 de out. 2017.

Paula Brito, Francisco de. Ginásio Dramático. *A Marmota*, Rio de Janeiro, 8 de abril de 1859, p.2, col.2. Disponível em: < <http://memoria.bn.br/DocReader/706922/110>>. Acesso em 3 set. 2017.

“R.O”. Teatro das Variedades. *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 13 de abril de 1860, p.2, col.2. Disponível em: < <http://memoria.bn.br/DocReader/217280/17468>> Acesso em 30 set. 2017.

\_\_\_\_\_. Teatro das Variedades. *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 18 de abril de 1860, p.2, col.3. Disponível em: < <http://memoria.bn.br/DocReader/217280/17488>>. Acesso em 4 de out. 2017.

“Requiescat in pace”. O Teatro de S. Pedro – O Sineiro de São Paulo. *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 30 de outubro de 1859, p.2, col.3. Disponível em < <http://memoria.bn.br/DocReader/217280/16826>>. Acesso em 22 jul. 2017.



Rocha, Couto; Colás, Francisco. *Publicador Maranhense*, Maranhão, 13 de novembro de 1863, p.2, col.4. Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/720089/14842>>. Acesso em 1 nov. 2017.

\_\_\_\_\_. Ao público em geral e ao Sr. Furtado Coelho. *Publicador Maranhense*, Maranhão, 16 de novembro de 1863, p.2, col.2. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/720089/14850>>. Acesso em 2 nov. 2017.

Santos, Ismênia Augusta dos. Teatro. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 15 de julho de 1865, p.2, col.5. Disponível em: < [http://memoria.bn.br/DocReader/364568\\_05/8920](http://memoria.bn.br/DocReader/364568_05/8920)>. Acesso em 20 nov. 2017.

“Sardou Fluminense”. Ginásio. *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 2 e 3 de novembro de 1865, p.2, col.6. Disponível em: < <http://memoria.bn.br/DocReader/217280/25445>>. Acesso em 23 nov. 2017.

“Tab”. Ginásio Dramático. *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 31 de março de 1867, p.2, col.3. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/217280/27470>>. Acesso em 15 dez. 2017.

“Um artista dramático”. Teatros. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 26 de novembro de 1859, p.2, col.2. Disponível em < [http://memoria.bn.br/DocReader/364568\\_04/15289](http://memoria.bn.br/DocReader/364568_04/15289)>. Acesso em 20 jul. 2017.

“Um brasileiro”. Teatro de S. Pedro. *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 20 de novembro de 1859, p.2, col.4). Disponível em < <http://memoria.bn.br/DocReader/217280/16906>>. Acesso em 23 jul. 2017.

“Um Consciencioso”. Ginásio Dramático. *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 15 de julho de 1865, p.3, col.3-4. Disponível em: < <http://memoria.bn.br/DocReader/217280/25018> >. Acesso em 17 nov. 2017.

“Um espectador”. Teatro das Variedades. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 17 junho de 1860, p.2, col.4. Disponível em: < [http://memoria.bn.br/DocReader/364568\\_05/675](http://memoria.bn.br/DocReader/364568_05/675)>. Acesso em 10 out. 2017.

“V”. O anjo da meia noite. *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 30 de julho de 1866, p.1, col.2-6. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/217280/26508>>. Acesso em 30 nov. 2017

Vasques, Francisco Corrêa. *Jornal do Commercio*, Rio de Janeiro, 5 de julho de 1867, p.1, col.7. Disponível em: < [http://memoria.bn.br/DocReader/364568\\_05/12169](http://memoria.bn.br/DocReader/364568_05/12169)>. Acesso em 15 dez. 2017.

\_\_\_\_\_. O artista Francisco Corrêa Vasques ao respeitável público. *Jornal do Commercio*, 6 de julho de 1867, p.1, col.4. Disponível em: < [http://memoria.bn.br/DocReader/364568\\_05/12175](http://memoria.bn.br/DocReader/364568_05/12175)>. Acesso em 16 dez. 2017.

\_\_\_\_\_. Teatro Ginásio. *Jornal do Commercio*, 7 de julho de 1867, p.1, col.4. Disponível em: < [http://memoria.bn.br/DocReader/364568\\_05/12181](http://memoria.bn.br/DocReader/364568_05/12181)>. Acesso em 16 dez. 2017.

“Veritas”. Monopólio Teatral. *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 5 de novembro de 1859, p.2, col.4). Disponível em: < <http://memoria.bn.br/DocReader/217280/16846>>. Acesso em 22 jul. 2017.

“Viegas”. Apanhados. *Correio da Tarde*, Rio de Janeiro, 8 de fevereiro de 1859, página 01, coluna 05). Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/090000/4119>>. Acesso em 4 jul. 2017.

Vieira Souto, J. J. Atenção. *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 5 de setembro de 1856, p.2, col.1. Disponível em: < <http://memoria.bn.br/DocReader/217280/12305>>. Acesso em 17 out. 2017.

“Y”. Arte Dramática. *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 7 de junho de 1866, p.3, col.1. Disponível em: < <http://memoria.bn.br/DocReader/217280/26298>>. Acesso em 1 dez. 2017.

\_\_\_\_\_. Arte Dramática. *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 9 de junho de 1866, p.3, col.6. Disponível em: < <http://memoria.bn.br/DocReader/217280/26306>>. Acesso em 1 dez. 2017

“Z”. O Sr. Furtado Coelho e o Conservatório Dramático. *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 23 de setembro de 1856, p.2, col.1. Disponível em:<[http://memoria.bn.br/docreader/094170\\_01/43793](http://memoria.bn.br/docreader/094170_01/43793)>. Acesso em 5 maio 2017.

\_\_\_\_\_. O Sr. Furtado Coelho, ensaiador do Ginásio, e o Conservatório Dramático. *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 27 de setembro de 1856, p.2, col.2. Disponível em:<[http://memoria.bn.br/docreader/094170\\_01/43809](http://memoria.bn.br/docreader/094170_01/43809)>. Acesso em 5 maio 2017.

\_\_\_\_\_. O Sr. Furtado Coelho, ensaiador do Ginásio, e o Conservatório Dramático. *Diário do Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro, 29 de setembro de 1856, p.2, col.4. Disponível em:<[http://memoria.bn.br/docreader/094170\\_01/43817](http://memoria.bn.br/docreader/094170_01/43817)>. Acesso em 5 maio 2017.

“Zephyro”. Teatro de S. Januário. *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 31 de janeiro de 1860, p.2, col.4. Disponível em < <http://memoria.bn.br/DocReader/217280/17186>>. Acesso em 30 set. 2017.

\_\_\_\_\_. Teatro de S. Januário. *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 31 de janeiro de 1860, p.2, col.3. Disponível em < <http://memoria.bn.br/DocReader/217280/17194>>. Acesso em 30 set. 2017.

“Zuccaro Junior”. O remorso vivo. *Correio Mercantil*, Rio de Janeiro, 1 de abril de 1867, p.3, col.1. Disponível em: < <http://memoria.bn.br/DocReader/217280/27475>>. Acesso em 14 dez. 2017.

## APÊNDICE

### Carta de Franklin Távora a Furtado Coelho

Illm<sup>o</sup> Am.<sup>o</sup> e Sr. Furtado Coelho

As forças das impressões de uma leitura mede-se pela do objeto que se leu.

Assim, passar pelos olhos a Legenda de V. Hugo é sentir o fogo em brasas na cabeça e no coração; ler as Páginas da juventude de Lamartine, o velho cisne da França, que parece ter aprendido das brisas ou dos silfos as harmonias dos campos, ou as orquestras das atmosferas para traduzi-las nos seus maviosos cantos – ler Lamartine, o homem poesia, o ancião que estudou no livro aberto da natureza os segredos dos sons e das melodias, e que verga a cabeça ao tumulto pelo peso das coroas de glórias que o engrinaldam - é pretender imitar o extremoso amante de Julia – a loura, nos seus colóquios noturnos, nos seus passeios no lago, e até nas rudes conversações que encetava com os barqueiros, ao luar.

Eu li o seu – *Ator* – e senti-me tomado de tão sérias impressões ao finalizá-lo, que pretendi confiar ao papel algum pensamento a seu respeito. É uma espécie de mania que me acompanha.

Mas, bem como os grandes prazeres arrebatam a alma até concentrá-la, em um como êxtase de verdadeira contemplação, as grandes impressões que me sobrevieram após aquela leitura, absorveram-me por algum tempo de semelhante guisa, que somente agora que já não são para mim novidade essas lindas páginas, por que o meu espírito, a força de contemplá-las, familiarizou-se com elas, é que conheço-me capaz de expandir-me sobre o seu valor.

Se é possível que exista uma alma dentro de um livro, a sua alma inteira, meu amigo, todas as flores de mocidade, todas chama de sentimentos porque é poeta, toda úlceras de martírio porque é apóstolo de uma arte, deixa-se ali perceber, desnuda de simulação, franca e verdadeira nos seus eflúvios e expressões, como a fisionomia cândida de uma virgem.

As páginas desse drama não são apenas símplices concepções de uma imaginação fecunda de dramaturgo, senão as revelações febris e sinceras do ator que faz da sua profissão o seu livro de Psalms, e que nele lê todas essas confidências íntimas, escritas pela pena do sentimento, ensopada no sangue vivo das úlceras do coração.

Sem pretender por agora ampliar-me tanto, quanto as agradáveis impressões do seu trabalho me autorizam – objeto este para o qual me aguardarei com regozijo para uma ocasião mais oportuna – não posso eximir-me de enviar-lhe esta, confiado antes no desejo de uma manifestação espontânea, do que na pretensão de julgar a obra de um autor já conhecido pelos seus trabalhos.

Creia-o. É o amigo que felicita-o pelo bem acabado do seu – Alberto – o verdadeiro mártir do teatro, e pelo simpático do caráter do seu D. João, - o fidalgo que “não duvidaria aceitar o cargo de regedor de uma paróquia, se julgasse com isto prestar um serviço ao país”. Estes dois tipos salvariam com segurança o seu drama, quando ele já não merecesse um glorioso nome.

O último ato inteiro, por si só, vale uma glória. É a confirmação da perícia e do bom critério do autor de talento que reserva o brilho e o esmalte para a última de mão.

O sangue, que é a tinta com que se acha, em geral, manifestado o drama, é aí vivo de mais para que deixe de sensibilizar até as lágrimas os olhos do espectador.

Não é o autor que escreve, é o ator que fala, que chora sentimento e dores nas suas palavras, que sucumbe mártir pela religião da sua arte, como outrora os mártires do Cristianismo pela religião do Sinai.

E que ficarei por agora. Dirijo-lhe esta para dizer-lhe que o apreciei e admirei no – *Ator* – .Eu passaria sob a pressão de um pesadelo se não lhe revelasse esta opinião espontânea e franca.

Seu amigo e admirador,  
Franklin Távora

Recife, 8 de julho de 1863.

### Carta de Furtado Coelho a Quintino Bocaiúva

Quintino. Em completo desacordo com a primeira frase de tua benévola carta – pura expressão de tua franca e reconhecida modéstia – dir-te-ei que são, pelo contrário, os artistas que por si só; pouco ou nada valem, quando lhe faltam verdadeiros moldes em que possam fundir sua inspiração.

Sem as verdades supremas e inspiradoras, que são a essência e a forma da grande obra do Criador, não haveriam estatuários, nem pintores, nem poetas! Não haveriam artistas, isto é: os entes privilegiados que se elevam da vulgaridade às esferas superiores, para aproximarem a criatura do Criador, o homem de Deus.

Praxiteles jamais teria descoberto no mármore a sua Vênus, se a natureza só aleijões lhe houvesse oferecido. O mais inspirado pintor nunca conseguiria ser poeta, copiando fielmente na tela as inexplicáveis tortuosidades da rua Direita, mesmo com o Boulevard. A cabeça mais arrojadamente poética chegaria, quando muito, a ser um manco versejador, se tivesse nascido e eternamente vivido dentro de uma alfândega, ou de um cartório de notas públicas.

Para que os artistas, pois, possam mostrar-se o que são, e elevar-se às regiões da verdadeira poesia, é preciso que tenham aonde inspirar-se, e, para que a inspiração os entusiasme, é forçoso também que tenham a verdade por algo e o belo por incentivo.

A verdade e o belo! Eis o que a *Onfalia* nos ofereceu. Tínhamos, portanto, obrigação de ser verdadeiros na expressão dos afetos, das paixões, dos rancores e das ironias.

Se, pois, eu e os talentosos artistas que dirijo, tivemos ocasião de ser aplaudidos na tua *Onfalia*, sentimos em nossas consciências que esses aplausos foram mais rápidos coroar o autor do drama, primeiro que a nós mesmos.

O público, chamando-te para saudar-te nas três primeiras noites, assim o demonstrou, provando quanto sabe ser justo. Se a obra não fosse de tão apurado quilate, os mais sinceros esforços da nossa parte nada conseguiriam.

Nem se me diga que existem atores que consigam fazer triunfar no conceito público uma má obra; antes, sim, um mau drama é que facilmente consegue amesquinhar e comprometer sempre o mais talentoso artista dramático.

Em composições como *Onfalia*, em que tanto abundam as belezas da imaginação sem ofender a fiel pintura da verdade, e aonde se sucedem os mais felizes lances dramáticos, sempre expressos numa frase nervosa e cortante, não é para admirar os artistas provoquem os brados e os aplausos de uma plateia ilustrada, quando o próprio drama os está ensinando a serem artistas e poetas também. O que é certo é que a reprodução de obras como *Cancro Sociais* e *Onfalia*,

acabariam, em pouco tempo, de fundar para sempre a literatura dramática brasileira e o seu teatro.

O teatro que eu dirijo o está provando; e a glória que daqui me possa caber, paga-me de sobra a pertinácia e o afinco com que eu, a despeito das fadigas de um trabalho incessante, ponho em ação todos os esforços e todos os cuidados, para sustentar um palco sempre habilitado a exhibir os produtos desta tão prometedora literatura. Oxalá que o público, que tão amigo do Ginásio se tem mostrado, desde que eu tomei a sua direção, continue sempre a favorece-lo com sua concorrência, visto ser esta única fonte de sua receita, e a única garantia de sua existência.

Oxalá também que a crítica, no aliás tão louvável intento de mostrar-se imparcial, não chegue a uma severidade toda nociva para uma balbuciante instituição, que não vigorosa de recursos, antes tão débil como afoita, ao mesmo tempo que carece de todo o favor e benevolência, está evidentemente prestando sensíveis serviços. E está: digam o que quiserem meus gratuitos desafeiçoados; vociferem embora os pessimistas filhos da inveja.

Sabes que não falo de mim como artista. [...] têm havido no Brasil, em todo Brasil literário e artístico, tão generosamente triunfados quer pelos públicos, quer nas várias tribunas da imprensa. Falo sim, como empresário de um teatro, que, no meio das tantas adversidades políticas e comerciais que têm sido e são hoje a constante ordem do dia, desvalido se pode considerar, e quase que exclusivamente alimentando-se só a força de muito trabalho e a custa de muita dedicação.

Vai longa a epístola, e no entanto sinto bem que *Os primeiros amores de Bocage*, que estou ensaiando com todo o cuidado, me roubem o tempo. A não ser assim, alongar-me-ia em considerações, que se aliam intimamente ao assunto. Paro aqui.

Em referência e em resposta ainda a tua carta, compete-me dizer-te que efetivamente cabe uma satisfação, uma grande satisfação, aos artistas do Ginásio na representação da *Onfália*, e é a de agradecerem-te as repetidas vezes que, com a tua obra, os habilitas a chamarem ao seu teatro a atenção do público.

É tão grande o serviço que mal saberíamos agradecê-lo.

Os artistas do Ginásio, enviam-te um voto de agradecimento por tuas boas palavras, e um protesto de simpatia e admiração por teu brilhante e fecundo talento.

Eu, como sabes de longa data, sou teu amigo e admirador, Furtado Coelho.

Quadros de espetáculos<sup>1</sup>*Jornal do Commercio: 1856*

Data	Dia Semana	Teatro	Empresário	Ensaíador	Autor	Ator (es) personagens	Espectáculo	gênero	atos	Outras observações
1/5/1856	Quinta-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Emile Doux	Scribe	Victorino (De Soligni); Amoedo (Raymundo); Vianna (Fernando);	Estela ou O pai e a família	Drama	1 ato	Estreia do ator Victorino Cyriaco da Silva
1/5/1856	Quinta-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Emile Doux	desconhecido	Pedro Joaquim (Frederico Guilherme); Velluti (Carlos Frederico); Noronha (Rainha Sophia); Gabriella (Elisabeth); Vianna (General Sturner); Adelaide (Luiza); Couto (Conde de Saechendorf); Amoedo (Conde de Gustavokent); Orsat (o Barão de Koppen Nicken); Martins (João Fisch); Virginia (Cristina); Montani (Stolbach); Monclar.	O sargento Frederico	Comédia	5 atos	
3/5/1856	Sábado	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Emile Doux	Alexandre Dumas Filho	Gabriella; Adelaide. Velluti; Clotilde; Ricardina; Amoedo; Pedro Joaquim; Viana; Monclar; Freitas, Silva; Miguel.	O mundo equívoco	Drama	5 atos	
3/5/1856	Sábado	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Emile Doux	desconhecido	Velluti; Virginia; Orsat; Monclar; Pedro Joaquim; Martins.	A cabeça do Martinho	Comédia	1 ato	
4/5/1856	Domingo	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Emile Doux	Scribe	Victorino (Mr. Dubocage); Couto (Julio Lefebre); Martins (Pedro); Ludovina Devechy (Mathides, Achilles, Fortunato, Theodoro); Clotilde (Jaquelina).	O celibatário e a menina	Comédia	1 ato	Primeira apresentação
4/5/1856	Domingo	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Emile Doux	A. Bourgeois e A. Demery  Tradução: Souto	Gabriella; Adelaide; Noronha; Virginia; Ricardina; Amoedo; Pedro Joaquim; Viana; Monclar; Freitas; Sá; Miguel.	O médico das crianças	Drama	5 atos	
4/5/1856	Domingo	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Emile Doux	Tradução: Souto	Orsat; Martins; Monclar; Noronha; Virginia; Ricardina.	Na rua da lua	Comédia	1 ato	
6/5/1856	Terça-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Emile Doux	Scribe	Ludovina de Vechy	O celibatário e a menina	Comédia	1 ato	
6/5/1856	Terça-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Emile Doux	A. Bourgeois e A. Demery  Tradução: Souto	Não informado.	O médico das crianças	Drama	5 atos	
6/5/1856	Terça-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Emile Doux	Tradução: Souto	Graça; Monclar; Couto; Martins; Velluti; Noronha e Virginia.	Um velho da tempera antiga	Comédia	1 ato	

<sup>1</sup> Quadros elaborado pelo autor. Formato inspirado em: (Silva, 2008, p.260).



9/5/1856	Sexta-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Emile Doux	Scribe	Ludovina de Vechy	O celibatário e a menina	Comédia	1 ato	
9/5/1856	Sexta-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Emile Doux	desconhecido	Gabriella; Velluti; Adelaide; Amoedo; Pedro Joaquim; Orsat; Vianna; Martins; Miguel	A mulher de juízo aos trinta anos	Comédia	3 atos	
9/5/1856	Sexta-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Emile Doux	desconhecido	Noronha; Adelaide; Virginia; Clotilde; Martins; Montani; Monclar; Vianna; Silva; Freitas.	Os três pontapés	Comédia	3 atos	
11/5/1856	Domingo	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Emile Doux	Augusto Cesar de Lacerda	Victorino (Macedo); Amoedo (Alberto); Pedro Joaquim (Carlos); Gabriela (Elvira); Silva (um escrevente); Freitas (um criado).	Cynismo, Scepticismo e Crença	Drama	2 atos	Primeira apresentação
11/5/1856	Domingo	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Emile Doux	Scribe	Ludovina de Vechy	O celibatário e a menina	Comédia	1 ato	
11/5/1856	Domingo	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Emile Doux	desconhecido	Velluti; Adelaide; Noronha; Ricardina; Amoedo; Pedro Joaquim; Orsat; Vianna; Montani; Monclar; Martins e Miguel	A vendedora de Perus	Comédia	3 atos	
13/5/1856	Terça-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Emile Doux	Augusto Cesar de Lacerda	Gabriela; Victorino; Pedro Joaquim; Amoedo; Silva e Freitas.	Cynismo, Scepticismo e Crença	Drama	2 atos	
13/5/1856	Terça-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Emile Doux	J.F.A. Bayard e Philippe Dumanoir	Gabriella; Velluti; Adelaide; Virginia; Ricardina; Pedro Joaquim; Orsat; Vianna; Martins e Miguel.	As proezas de Richelieu	Comédia	2 atos	
13/5/1856	Terça-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Emile Doux	desconhecido	Virginia; Noronha; Ricardina; Orsat; Martins e Monclar.	Na rua da lua	Comédia	1 ato	
15/5/1856	Quinta-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Emile Doux	A. Bourgeois e A. Demery  Tradução: Souto	Gabriela; Adelaide; Noronha; Virginia; Ricardina; Amoedo; Pedro Joaquim; Vianna; Monclar; Silva; Freitas e Miguel.	O médico das crianças	Drama	5 atos	
15/5/1856	Quinta-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Emile Doux	Tradução de Maria Velluti	Gabriella; Velluti; Pedro Joaquim; Orsat; Vianna; Pedro Montani; Martins.	Luiza ou a reparação	Comédia	2 atos	
17/5/1856	Sábado	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Emile Doux	Augusto Rodrigues  Tradução de Maria Velluti	Amoedo; Couto; Lima; Vianna; Martins; Orsat; Monclar; Graça; Montani; Ernesto Silva; Velluti. Joana Noronha e Clotilde.	A noiva de sessenta e quatro anos	Comédia	3 atos	Primeira apresentação. Benefício de Joana de Noronha. Presença do Imperador.
17/5/1856	Sábado	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Emile Doux	Scribe	Ludovina de Vechy	O celibatário e a menina	Comédia	1 ato	
17/5/1856	Sábado	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Emile Doux	Barrière e Moraud		O casamento a marche-marche	Comédia	1 ato	
18/5/1856	Domingo	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Emile Doux	Augusto Cesar de Lacerda	Gabriela; Victorino; Pedro Joaquim; Amoedo; Silva e Freitas.	Cynismo, Scepticismo e Crença	Drama	2 atos	
18/5/1856	Domingo	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Emile Doux	Scribe	Ludovina de Vechy	O celibatário e a menina	Comédia	1 ato	

18/5/1856	Domingo	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Emile Doux	Augusto Rodrigues Tradução de Maria Velluti	Joana (Mariquinha); Amoedo (Hider); Velluti (Carolina); Couto (Walter); Vianna (Alberto); Clotilde (Angélica); Martins (Frederico); Orsat (Segismundo); Monclar (Carlos); Graça (Cristóvão); Montani (Dyonisio); Silva (Vapor; um criado).	A noiva de sessenta e quatro anos	Comédia	3 atos	
20/5/1856	Terça-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Emile Doux	desconhecido	Gabriela; Adelaide; Ricardina; Orsat; Montani; Martins; etc.	O mais belo dia da vida	Comédia	2 atos	
20/5/1856	Terça-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Emile Doux	desconhecido	Adelaide; Velluti; Ricardina; Amoedo; Couto; Pedro Joaquim; Vianna; Montani e Freitas.	A princesa e a tamanqueira	Comédia	2 atos	
20/5/1856	Terça-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Emile Doux	desconhecido	Adelaide; Velluti; Virginia; Noronha; Pedro Joaquim; Orsat e Martins	O rei feito a força	Comédia	2 atos	
22/5/1856	Quinta-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Emile Doux	Scribe	Ludovina de Vechy	O celibatário e a menina	Comédia	1 ato	
22/5/1856	Quinta-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Emile Doux	Augusto Rodrigues Tradução de Maria Velluti	Velluti; Clotilde; Noronha; Amoedo; Orsat; Martins; Vianna; Monclar; Silva; Freitas; Graça e Pedro Montani.	A noiva de sessenta e quatro anos	Comédia	3 atos	
22/5/1856	Quinta-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Emile Doux	Barrière e Moraud	Velluti; Noronha; Orsat e Freitas.	O casamento a marche-marche	Comédia	1 ato	
25/5/1856	Domingo	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Emile Doux	Furtado Coelho	Gabriela (Baronesa); Adelaide (Ernestina); Amoedo (Eduardo de Meneses); Orsat (Wilson); Miguel (criado)	Nem por muito madrugar amanhece mais cedo	Proverbio	1 ato	Primeira apresentação
25/5/1856	Domingo	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Emile Doux	Scribe	Ludovina de Vechy	O celibatário e a menina	Comédia	1 ato	
25/5/1856	Domingo	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Emile Doux	Augusto Rodrigues Tradução de Maria Velluti	Velluti; Clotilde; Noronha; Amoedo; Orsat; Martins; Vianna; Monclar; Silva; Freitas; Graça, Miguel e Pedro Montani.	A noiva de sessenta e quatro anos	Comédia	3 atos	
25/5/1856	Domingo	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Emile Doux	Barrière e Moraud	Velluti; Noronha; Orsat, Miguel e Freitas.	O casamento a marche-marche	Comédia	1 ato	
27/5/1856	Terça-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Emile Doux	Furtado Coelho	Gabriela; Adelaide; Amoedo; Orsat e Miguel	Nem por muito madrugar amanhece mais cedo	Proverbio	1 ato	
27/5/1856	Terça-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Emile Doux	Augusto Cesar de Lacerda	Gabriela; Victorino; Pedro Joaquim; Amoedo; Silva e Freitas.	Cynismo, Scepticismo e Crença	Drama	2 atos	
27/5/1856	Terça-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Emile Doux	Scribe	Ludovina de Vechy	O celibatário e a menina	Comédia	1 ato	
27/5/1856	Terça-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Emile Doux	Augusto Rodrigues Tradução de Maria Velluti	Velluti; Clotilde; Noronha; Amoedo; Orsat; Martins; Vianna; Monclar; Silva; Graça, Pedro Montani.	A noiva de sessenta e quatro anos	Comédia	3 atos	

29/5/1856	Quinta-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Emile Doux	Furtado Coelho	Gabriela; Adelaide; Amoedo; Orsat e Miguel	Nem por muito madrugar amanhece mais cedo	Proverbio	1 ato	
29/5/1856	Quinta-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Emile Doux	Augusto Cesar de Lacerda	Gabriela; Victorino; Pedro Joaquim; Amoedo; Silva e Freitas.	Cynismo, Scepticismo e Crença	Drama	2 atos	
29/5/1856	Quinta-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Emile Doux	Scribe	Ludovina de Vechy	O celibatário e a menina	Comédia	1 ato	
29/5/1856	Quinta-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Emile Doux	Augusto Rodrigues Tradução de Maria Velluti	Velluti; Clotilde; Noronha; Amoedo; Orsat; Martins; Vianna; Monclar; Silva; Graça, Pedro Montani.	A noiva de sessenta e quatro anos	Comédia	3 atos	
30/5/1856	Sexta-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Emile Doux	Scribe	Gabriela; Amoedo; Victorino; Vianna e Montani.	Estella ou O pai e a filha	Drama	1 ato	
30/5/1856	Sexta-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Emile Doux	desconhecido	Gabriela; Velluti; Adelaide; Amoedo; Pedro Joaquim; Orsat; Vianna; Martins e Miguel.	Uma mulher de juízo aos trinta anos	Comédia	3 atos	
30/5/1856	Sexta-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Emile Doux	desconhecido	Velluti; Virginia; Orsat; Monclar; Montani e Martins	A cabeça do Martinho	Comédia	1 ato	
1/6/1856	Domingo	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Emile Doux	Dumanoir e Brisebarre	Noronha (Marquesa); Graça (Marques); Couto (Visconde); Velluti (Adriana); Pedro Joaquim (Jonathas); Freitas (um tabelião); Orsat (Jaquinet); Virginia (Maricota); Clotilde (Luzon); Ricardina (Jovotte); Miguel (um criado).	A filha de Jaquelina	Comédia	2 atos	As informações desse espetáculo estão contidas na edição do dia 31/5/1856
1/6/1856	Domingo	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Emile Doux	Furtado Coelho	Gabriela; Adelaide; Amoedo; Orsat e Miguel	Nem por muito madrugar amanhece mais cedo	Proverbio	1 ato	As informações desse espetáculo estão contidas na edição do dia 31/5/1856
1/6/1856	Domingo	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Emile Doux	Augusto Rodrigues Tradução de Maria Velluti	Velluti; Clotilde; Noronha; Amoedo; Orsat; Martins; Vianna; Monclar; Silva; Graça; Couto e Pedro Montani.	A noiva de sessenta e quatro anos	Comédia	3 atos	As informações desse espetáculo estão contidas na edição do dia 31/5/1856
1/6/1856	Domingo	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Emile Doux	desconhecido	Virginia; Noronha; Ricardina; Orsat; Martins e Monclar.	Na rua da lua	Comédia	1 ato	As informações desse espetáculo estão contidas na edição do dia 31/5/1856
3/6/1856	Terça-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Emile Doux	Emile Augier e J. Sandeau	Victorino (Pereira); Amoedo (Gastão); Monclar (Heitor); Orsat (Verdelet); Gabriela (Antonietta); Vianna (Salomão); Monteiro (Chavassus); Miguel (Cogne); Martins (Cozinheiro).	O Genro do Sr. Pereira	Drama	4 atos	Primeira apresentação
3/6/1856	Terça-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Emile Doux	Dumanoir e Brisebarre	Noronha (Marquesa); Graça (Marques); Couto (Visconde); Velluti (Adriana); Pedro Joaquim (Jonathas); Freitas (um tabelião); Orsat (Jaquinet); Virginia (Maricota); Clotilde (Luzon); Ricardina (Jovotte).	A filha de Jaquelina	Comédia	2 atos	
5/6/1856	Quinta-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Emile Doux	Theodore Barriere	Gabriela; Adelaide; Velluti; Virginia; Noronha; Ricardina; Amoedo; Pedro Joaquim; Martins; Vianna; Couto; Orsat; Montani; Monclar e Miguel.	As mulheres de mármore	Drama	5 atos	

5/6/1856	Quinta-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Emile Doux	Eugène Scribe	Ludovina de Vechy	O celibatário e a menina	Comédia	1 ato	
7/6/1856	Sábado	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Emile Doux	Prosper Dinaux e Eugene Sue	Velluti; Adelaide; Ricardina; Pedro Joaquim; Vianna; Montani; Couto; Martins; Orsat e Miguel.	Um episódio de Jacques I	Drama	3 atos	Benefício de Luiz Marcello Leal, ponto do Teatro Ginásio.
7/6/1856	Sábado	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Emile Doux	Eugène Scribe e C. Delavigne	Ludovina de Vechy	O celibatário e a menina	Comédia	1 ato	
7/6/1856	Sábado	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Emile Doux	Tradução de Maria Velluti	Gabriella; Velluti; Pedro Joaquim; Orsat; Pedro Montani; Martins; Couto e Miguel.	Luiza ou a reparação	Comédia	2 atos	
10/6/1856	Terça-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Emile Doux	Alexandre Dumas Filho	Gabriella; Adelaide; Noronha; Virginia; Velluti; Ricardina; Amoedo; Pedro Joaquim; Orsat; Martins; Vianna; Monclar; Couto; Miguel; Montani e Freitas.	A dama das camélias	Drama	5 atos	
10/6/1856	Terça-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Emile Doux	Dumanoir e Brisebarre  Tradução de Maria Velluti	Velluti; Joana de Noronha; Virginia; Clotilde; Ricardina; Orsat; Martins; Vianna; Monclar; Couto; Miguel; Montani; Freitas.	A filha de Jaquelina	Comédia	2 atos	
12/6/1856	Quinta-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Emile Doux	Emile Augier e J. Sandeau	Gabriella; Amoedo; Orsat; Victorino; Monclar; Martins; Vianna; Montani; Miguel; Silva e Freitas.	O Genro do Sr. Pereira	Drama	4 atos	
12/6/1856	Quinta-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Emile Doux	Furtado Coelho	Gabriela; Adelaide; Amoedo; Orsat e Miguel	Nem por muito madrugar amanhece mais cedo	Proverbio	1 ato	
12/6/1856	Quinta-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Emile Doux	Augusto Rodrigues  Tradução de Maria Velluti	Velluti; Clotilde; Noronha; Amoedo; Orsat; Martins; Vianna; Monclar; Silva; Graça; Couto e Pedro Montani.	A noiva de sessenta e quatro anos	Comédia	3 atos	
13/6/1856	Sexta-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Emile Doux	A. P. Lopes de Mendonça	Pedro Joaquim (Francisco de Mello); Couto (Ernesto Coutinho); Monclar (José); Montani (um oficial); Adelaide (Julia); Ricardina (Delfina).	Como se perde um noivo	Proverbio	1 ato	
13/6/1856	Sexta-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Emile Doux	Tradução de Couto	Amoedo; Pedro Joaquim; Vianna; Monclar; Freitas; Silva; Gabriella; Adelaide; Noronha; Virginia e Ricardina.	O médico das crianças	Drama	5 atos	
13/6/1856	Sexta-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Emile Doux	desconhecido	Orsat; Velluti e Joana de Noronha.	Casamento a marche-marche	Comédia	1 ato	
15/6/1856	Domingo	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Emile Doux	Ancelot e P. Dupont.	Couto (Visconde de Faverolles); Monclar (Conde de Surgy); Silva (um cavalheiro); Montani (um marquês); Orsat (Gloussard, tapeceiro); Martins(Gautreé); Ricardina (Marquesa de Maillecourt); Adelaide (Zélia); Miguel (João); Freitas (um criado).	O tapeceiro	Comédia	2 atos	
15/6/1856	Domingo	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Emile Doux	Theodore Barriere	Gabriela; Adelaide; Velluti; Virginia; Noronha; Ricardina; Amoedo; Pedro Joaquim; Martins; Vianna; Couto; Orsat; Montani e Miguel.	As mulheres de mármore	Drama	3 atos	

17/6/1856	Terça-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Emile Doux	Tradução de Duque-Estrada	Pedro Joaquim (Heitor Durosnel); Amoedo (Jorge de Silly); Martins (Oscar de Beaulieu); Ernesto (André); Freitas (Pedro); Miguel (José); Ricardina (Sra de Barmont); Gabriella (Henriqueta de Silly); Virginia Nicolini (Cecilia); Velluti (Carolina); N.N. (Pelagia).	A alegria da casa	Comédia	3 atos	Benefício de Virginia Nicolini
17/6/1856	Terça-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Emile Doux	desconhecido	Montani (Gambert); Victorino (Verdier); Edmundo (Monclar); Lourenço (Graça); Clotilde (Augusta);	O artigo 960	Comédia	1 ato	
17/6/1856	Terça-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Emile Doux	Eugène Scribe e C. Delavigne	Ludovina de Vechy	O celibatário e a menina	Comédia	1 ato	
19/6/1856	Quinta-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Emile Doux	Theodore Barrière	Gabriella; Adelaide; Virginia; Amoedo; Pedro Joaquim; Orsat; Monclar; Martins; Couto; Vianna; Montani; Freitas e Silva.	Os parisienses	Drama	3 atos	A edição de 20/6 informa que os espetáculos do dia 19/06 foram cancelados em razão da enfermidade do ator Guilherme Orsat.
19/6/1856	Quinta-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Emile Doux	Ancelot e P. Duport.  Tradução: Souto	Adelaide; Ricardina; Orsat; Couto; Monclar; Martins; Montani; Silva; Freitas e Miguel.	O tapeceiro	Comédia	2 atos	
20/6/1856	Sexta-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Emile Doux	Alexandre Dumas Filho.  Tradução de Augusto Emilio Zaluar	Gabriella; Adelaide; Velluti; Clotilde; Amoedo; Pedro Joaquim; Monclar; Vianna; Freitas e Silva.	O mundo equívoco	Drama	5 atos	
20/6/1856	Sexta-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Emile Doux	Eugène Scribe e C. Delavigne	Ludovina de Vechy	O celibatário e a menina	Comédia	1 ato	
21/6/1856	Sábado	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Emile Doux	Tradução de Souto.	Não informado	O médico das crianças	Drama	5 atos	Benefício em favor ao cego Morando.  Presença do Imperador.
21/6/1856	Sábado	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Emile Doux	desconhecido	Não informado	O velho da tempera antiga	Comédia	1 ato	
22/6/1856	Domingo	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Emile Doux	Tradução de Duque-Estrada	Pedro Joaquim (Heitor Durosnel); Amoedo (Jorge de Silly); Martins (Oscar de Beaulieu); Viana (amigo de Jorge de Silly); Martins (amigo de Jorge de Silly); Monclar (amigo de Jorge de Silly); Ernesto (André); Freitas (Pedro); Miguel (José); Ricardina (Sra de Barmont); Gabriella (Henriqueta de Silly); Virginia Nicolini (Cecilia); Velluti (Carolina); N.N. (Pelagia).	A alegria da casa	Comédia	3 atos	
22/6/1856	Domingo	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Emile Doux	A. P. Lopes de Mendonça	Pedro Joaquim; Couto; Monclar; Montani; Adelaide; Ricardina.	Como se perde um noivo	Proverbio	1 ato	

22/6/1856	Domingo	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Emile Doux	Ancelot e P. Duport.  Tradução: Souto	Adelaide; Ricardina; Orsat; Couto; Monclar; Martins; Montani; Silva; Freitas e Miguel.	O tapeceiro	Comédia	2 atos	
24/6/1856	Terça-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Emile Doux	Tradução de Duque-Estrada	Gabriella; Virginia; Velluti; Ricardina; Amoedo; Pedro Joaquim; Martins; Monclar; Vianna; Montani; Silva e Freitas.	A alegria da casa	Comédia	3 atos	
24/6/1856	Terça-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Emile Doux	A. P. Lopes de Mendonça	Pedro Joaquim; Couto; Silva; Montani; Adelaide; Ricardina.	Como se perde um noivo	Proverbio	1 ato	
24/6/1856	Terça-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Emile Doux	Augusto Rodrigues  Tradução de Maria Velluti	Velluti; Clotilde; Noronha; Amoedo; Orsat; Vianna; Couto; Martins. Montani; Graça; Freitas; Silva e Monclar.	A noiva de sessenta e quatro anos	Comédia	3 atos	
27/6/1856	Sexta-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Emile Doux	Theodore Barrière	Gabriella; Adelaide; Virginia; Amoedo; Pedro Joaquim; Orsat; Martins; Couto; Vianna; Montani; Freitas; Silva; Miguel.	Os parisienses	Drama	3 atos	
27/6/1856	Sexta-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Emile Doux	Dumanoir e Brisebarre  Tradução de Maria Velluti	Velluti; Joana de Noronha; Virginia; Clotilde; Ricardina; Pedro Joaquim; Orsat; Graça; Couto; Miguel; Freitas.	A filha de Jaquelina	Comédia	2 atos	
29/6/1856	Domingo	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Emile Doux	Augusto Cezar de Lacerda	Pedro Joaquim (Francisco); Fernando (Amoedo); Montani (Seabra); Couto (Frederico); Martins (Amancio); Monclar (Anacleto); Gabriella (D. Constança); Clotilde (Genoveva); Deolinda (Margarida); Velluti (Rosa); Freitas (José).	Dois Mundos	Drama	2 atos	Estreia da atriz Deolinda Amalia Ribeiro Amoedo
29/6/1856	Domingo	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Emile Doux	Ancelot e P. Duport.  Tradução: Souto	Adelaide; Ricardina; Orsat; Couto; Monclar; Martins; Montani; Silva; Freitas e Miguel.	O tapeceiro	Comédia	2 atos	
1/07/1856	Terça-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Emile Doux	Augusto Cezar de Lacerda	Gabriella; Velluti; Deolinda; Clotilde; Amoedo; P. Joaquim; Martins; Montani; Couto; Monclar e Freitas.	Dois Mundos	Drama	2 atos	
1/07/1856	Terça-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Emile Doux	Lopes de Mendonça	Adelaide; Ricardina; Pedro Joaquim; Couto; Montani e Freitas.	Como se perde um noivo	Provérbio	1 ato	
1/07/1856	Terça-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Emile Doux	desconhecido	Ludovina de Vecchy (Gertrudes)	A irmã mais moça	Comédia	1 ato	
2/07/1856	Quarta-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Emile Doux	desconhecido	Não informado	A irmã do cego	Drama	--	Benefício de Anastacia Florencia Machado  Presença do Imperador.
2/07/1856	Quarta-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Emile Doux	Eugène Scribe	Não informado	O celibatário e a menina	Comédia	1 ato	

2/07/1856	Quarta-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Emile Doux	desconhecido	Não informado	Luíza ou A reparação	Drana	--	
6/07/1856	Domingo	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Emile Doux	Augusto Cezar de Lacerda	Gabriella; Velluti; Deolinda; Clotilde; Amoedo; P. Joaquim; Martins; Montani; Couto; Monclar; Freitas e Silva.	Dois Mundos	Drama	2 atos	
6/07/1856	Domingo	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Emile Doux	desconhecido	Gabriella; Adelaide; Velluti; Clotilde; Ricardina; Pedro Joaquim; Orsat; Martins; Vianna; Miguel e Silva.	As primeiras proezas de Richilieu	Comédia	2 atos	
9/07/1856	Quarta-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Emile Doux	Augusto Cezar de Lacerda	Gabriella; Velluti; Deolinda; Clotilde; Amoedo; P. Joaquim; Martins; Couto; Monclar e Silva.	Dois Mundos	Drama	2 atos	
9/07/1856	Quarta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Emile Doux	Lopes de Mendonça	Não informado	Como se perde um noivo	Provérbio	1 ato	
9/07/1856	Quarta-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Emile Doux	Eugène Scribe	Ludovina de Vecchy	O celibatário e a menina	Comédia	1 ato	
11/07/1856	Sexta-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Emile Doux	Theodore Barrière; L. Thiboust	Amoedo; Pedro Joaquim; Vianna; Couto; Montani; Martins; Orsat; Miguel; Gabriella; Adelaide; Velluti; Clotilde e Ricardina.	As mulheres de Mármore	Drama	5 atos	Espectáculo em favor de Luiz Carlos Amoedo.
11/07/1856	Sexta-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Emile Doux	desconhecido	Orsat; Pedro Joaquim; Amoedo; Montani; Martins; Vianna; Couto; Gabriella e Velluti.	Um francês na Espanha	Comédia	3 atos	
13/07/1856	Domingo	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Emile Doux	José da Silva Mendes Leal	Couto (Gonçalo); P. Joaquim (José de Mattos); Montani (Nuno); Martins (Antonio); Ricardina (Rosa); Adelaide (Maria); Freitas (um escudeiro)	Quem porfia mata a caça	Comédia	2 atos	Primeira apresentação
13/07/1856	Domingo	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Emile Doux	Augusto Cezar de Lacerda	Gabriella; Velluti; Deolinda; Clotilde; Amoedo; P. Joaquim; Martins; Montani; Couto; Monclar e Silva.	Dois Mundos	Drama	2 atos	
13/07/1856	Domingo	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Emile Doux	desconhecido	Velluti; Clotilde; Orsat; Monclar; Montani; Martins e Miguel.	A cabeça do Martinho	Comédia	1 ato	
15/07/1856	Terça-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Emile Doux	Theodore Barrière; L. Thiboust	Não informado	As mulheres de Mármore	Drama	5 atos	
15/07/1856	Terça-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Emile Doux	Tradução de Duque Estrada.	Não informado	A alegria da casa	Comédia	1 ato	
17/07/1856	Quinta-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Emile Doux	Alexandre Dumas Filho  Tradução de Emílio Zalar	Gabriella; Adelaide; Velluti; Clotilde; Ricardina; Amoedo; Pedro Joaquim; Monclar; Vianna; Freitas; Silva e Miguel.	O mundo equívoco	Drama	5 atos	
17/07/1856	Quinta-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Emile Doux	desconhecido	Não informado	As primeiras proezas de Richelieu	Comédia	2 atos	
19/07/1856	Sábado	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Emile Doux	Francesco Augusto Bon  Tradução de Maria Velluti.	Graça (Alexandre Adolphi); Velluti (Elfrida); Clotilde (Teresa); P. Joaquim (Romualdo Adolphi); Adelaide (Serafina); Couto (Albini); Fabiano (Victorino); Maria Apolonia ( Maria Ricardina); Lima Vianna (o corretor); Monclar (Ernesto); Silva (Constâncio); Montani (Isidoro); Freitas (Venancio); Sousa Martins (Fonte viva)	Um ministério em confusão	Comédia	3 atos	Primeira apresentação  Benefício de Maria Ricardina

19/07/1856	Sábado	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Emile Doux	José da Silva Mendes Leal	Couto (Gonçalo); P. Joaquim (José de Mattos); Montani (Nuno); Martins (Antonio); Ricardina (Rosa); Adelaide (Maria); Freitas (um escudeiro)	Quem porfia mata a caça	Comédia	2 atos	
19/07/1856	Sábado	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Emile Doux	Eugène Scribe	Não informado	O celibatário e a menina	Comédia	1 ato	
20/07/1856	Domingo	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Emile Doux	Francesco Augusto Bon  Tradução de Maria Velluti.	Adelaide; Velluti; Clotilde; Ricardina; Pedro Joaquim; Orsat; Victorino; Graça; Vianna; Martins; Montani; Silva; Couto e Freitas.	Um ministério em confusão	Comédia	3 atos	
20/07/1856	Domingo	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Emile Doux	José da Silva Mendes Leal	Adelaide; Ricardina; Pedro Joaquim; Couto; Montani; Souza; Martins e Freitas.	Quem porfia mata a caça	Comédia	2 atos	
22/07/1856	Terça-Feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Emile Doux	Francesco Augusto Bon  Tradução de Maria Velluti.	Adelaide; Velluti; Clotilde; Ricardina; Pedro Joaquim; Orsat; Victorino; Graça; Vianna; Martins; Montani; Silva; Couto e Freitas.	Um ministério em confusão	Comédia	3 atos	
22/07/1856	Terça-Feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Emile Doux	José da Silva Mendes Leal	Adelaide; Ricardina; Pedro Joaquim; Couto; Montani; Martins e Freitas.	Quem porfia mata a caça	Comédia	2 atos	
24/07/1856	Quinta-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Emile Doux	Tradução de Duque Estrada.	Gabriella; Adelaide; Velluti; Ricardina; Amoedo; Pedro Joaquim; Martins; Silva; Freitas; Miguel; Vianna; Montani e Couto.	A alegria da casa	Comédia	1 ato	
24/07/1856	Quinta-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Emile Doux	Francesco Augusto Bon  Tradução de Maria Velluti.	Adelaide; Velluti; Clotilde; Ricardina; Pedro Joaquim; Orsat; Victorino; Graça; Vianna; Martins; Montani; Silva; Couto e Freitas.	Um ministério em confusão	Comédia	3 atos	
27/07/1856	Domingo	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Augusto Cezar de Lacerda	Não informado	A última carta	Drama	3 atos	Primeira apresentação
27/07/1856	Domingo	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Não informado	Um ministério em confusão	Comédia		
30/07/1856	Quarta-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Augusto Cezar de Lacerda	Sras: Gabriela; Velutti; Deolinda; Clotilde e Ricardina. Srs: Amoedo; Graça; Martins; Orsat; Montani; Couto; Silva; Freitas; Castro e Miguel.	A última carta	Drama	3 atos	
30/07/1856	Quarta-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Augusto Cezar de Lacerda	Sras: Gabriela; Velutti; Deolinda; Clotilde Srs: Amoedo; P. Joaquim; Montani; Martins; Couto; Orsat e Freitas	Dois Mundos	Drama	3 atos	



1/08/1856	Sexta-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Augusto Cezar de Lacerda	Sras: Gabriela; Velutti; Deolinda; Clotilde e Ricardina. Srs: Amoedo; Graça; Martins; Orsat; Montani; Couto; Silva; Freitas; Castro e Miguel.	A última carta	Drama	3 atos	
1/08/1856	Sexta-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Augusto Cezar de Lacerda	Sras: Gabriela; Velutti; Deolinda; Clotilde Srs: Amoedo; P. Joaquim; Montani; Martins; Couto; Orsat e Freitas	Dois Mundos	Drama	3 atos	
3/08/1856	Domingo	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Theodore Barriere e Lamber Thiboust	Gabriela; Adelaide; Velutti; Deolinda; Clotilde e Ricardina. Amoedo; Pedro Joaquim; Viana; Martins; Montani; Couto; Montclar; Miguel; Freitas e Silva	As mulheres de Mármore	Drama	5 atos	
3/08/1856	Domingo	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Mendes Leal Junior	Adelaide e Ricardina. Pedro Joaquim, Montani, Couto e Martins.	Quem porfia mata a caça	Comédia	1 ato	
6/8/1856	Quarta-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Alexandre Dumas Filho	Gabriella; Adelaide; Velutti; Clotilde; Ricardina; Amoedo; P. Joaquim; Vianna; Monclar; Silva; Miguel e Freitas.	O mundo equívoco	Drama	5 atos	Tradução de Emílio Zaluar.
6/8/1856	Quarta-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Eugène Scribe	Ludovina de Vechi.	O celibatário e a menina	Comédia	1 ato	
8/8/1856	Sexta-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Ernesto Legouvé	Pedro Joaquim (Marquês de Rouille); Martins (Visconde Gontran); Amoedo (Georg Bernard); Vianna (Barão de Verdières); Couto (Wilson); Velutti (Marquesa D'Orbeval); Adelaide (Alice de Rochegune); Gabriela (Sra. George); Deolinda (Maria); Ludovina (Amelia); Ricardina (Baronesa de Verdières); Clotilde (Justina).	Por direito de Conquista	Drama	3 atos	Tradução de José Joaquim Vieira Souto
8/8/1856	Sexta-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Mendes Leal Junior	Adelaide; Ricardina; Pedro Joaquim; Montani; Couto; Martins; Freitas.	Quem porfia mata a caça	Comédia	1 ato	
10/8/1856	Domingo	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Alexandre Dumas Filho	Gabriela; Velutti; Clotilde; Deolinda; Ricardina; Amoedo; Pedro Joaquim; Graça; Martins; Montani; Vianna; Couto e Miguel.	A dama das camélias	Drama	5 atos	
10/8/1856	Domingo	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Furtado Coelho		Ludovina de Vechi.	O celibatário e a menina	Comédia	1 ato	
13/8/1856	Quarta-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Augusto Cezar de Lacerda	Gabriella; Clotilde; Velutti; Deolinda; Ricardina; Amoedo; Graça; Couto; Martins; Monclar; Silva; Freitas; Castro e Miguel.	A última carta	Drama	3 atos	
13/8/1856	Quarta-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Mendes Leal Junior		Quem porfia mata a caça	Comédia	2 atos	
13/8/1856	Quarta-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Velutti; Clotilde; Pedro Joaquim; Amoedo; Vianna e Montani.	Os dois augustos	Comédia	1 ato	
15/8/1856	Sexta-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Velutti; Leolinda; Clotilde; Ricardina; Pedro Joaquim; Graça; Vianna; Montani; Martins; Victorino; Monclar; Freitas e Silva.	O ministério em confusão	Comédia	5 atos	Tradução de Maria Velutti
15/8/1856	Sexta-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Não informado	Os dois augustos	Comédia	1 ato	
15/8/1856	Sexta-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Eugène Scribe	Ludovina de Vechi.	O celibatário e a menina	Comédia	1 ato	

17/8/1856	Domingo	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Prosper Dinaux e Eugene Sue	P. Joaquim (Jacques I); Adelaide (Lady Arabella); Vianna (Sir Robert); Velutti (William Seymour); Couto (Lord Dudley); Montani (Lord Mungo); Martins (criado); Ricardina (governanta); Monclar (Stephan); Miguel (um oficial).	Um episódio do reinado de Jacques I	Drama	3 atos	
17/8/1856	Domingo	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Velutti; Leolinda; Clotilde; Ricardina; Pedro Joaquim; Graça; Vianna; Montani; Martins; Victorino; Monclar; Freitas e Silva.	O ministério em confusão	Comédia	5 atos	
22/8/1856	Sexta-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Octave Feuillet	Amoedo (De Marsan); Velutti (Julietta); Pedro Joaquim (Pedro Dessoles); Ricardina (Justina); Graça (Antonio).	A Crise	Drama	4 atos	Tradução de Furtado Coelho
22/8/1856	Sexta-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Velutti; Clotilde; Amoedo; Pedro Joaquim; Vianna; Montani.	Os dois Augustos	Comédia	1 ato	
24/8/1856	Domingo	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Octave Feuillet	Amoedo (De Marsan); Velutti (Julietta); Pedro Joaquim (Pedro Dessoles); Ricardina (Justina); Graça (Antonio).	A Crise	Drama	4 atos	
24/8/1856	Domingo	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Montani (Clemente); Ludovina de Vechi (Mariquinha); Martins (Flampin).	O dote de Mariquinhas	Comédia	1 ato	
27/8/1856	Quarta-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Ernesto Legouvé	Pedro Joaquim (Marquês de Rouille); Martins (Visconde Gontran); Amoedo (Georg Bernard); Vianna (Barão de Verdières); Couto (Wilson); Velutti (Marquesa D'Orbeval); Deolinda (Alice de Rochegune); Gabriela (Sra. George); Ludovina (Amelia); Ricardina (Baronesa de Verdières); Clotilde (Justina).	Por direito de Conquista	Drama	3 atos	Tradução de José Joaquim Vieira Souto
27/8/1856	Quarta-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Montani (Clemente); Ludovina de Vechi (Mariquinha); Martins (Flampin).	O dote de Mariquinhas	Comédia	1 ato	
29/8/1856	Sexta-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Ernesto Legouvé	Gabriela; Velutti; Deolinda; Ludovina; Clotilde; Ricardina; Amoedo; Pedro Joaquim; Martins; Vianna; Couto.	Por direito de Conquista	Drama	3 atos	
29/8/1856	Sexta-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Montani (Clemente); Ludovina de Vechi (Mariquinha); Martins (Flampin).	O dote de Mariquinhas	Comédia	1 ato	
31/8/1856	Domingo	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Ernesto Legouvé	Gabriela; Velutti; Deolinda; Ludovina; Clotilde; Ricardina; Amoedo; Pedro Joaquim; Martins; Vianna; Couto.	Por direito de Conquista	Drama	3 atos	
31/8/1856	Domingo	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Montani (Clemente); Ludovina de Vechi (Mariquinha); Martins (Flampin).	O dote de Mariquinhas	Comédia	1 ato	
31/8/1856	Domingo	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Eugène Scribe	Ludovina de Vechi	O celibatário e a menina	Comédia	1 ato	
3/9/1856	Quarta-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Furtado Coelho	José da Silva Mendes Leal Junior	Victorino (Luiz Coutinho); Gabriela (Beatriz); Clotilde (Ignez); Montani (Estevão de Moura); Vianna (Diogo Travassos); Areas (Simplicio Lobo); Amoedo (Fernando de Lima); Deolinda (Leonor Martins); Ricardina (Venancia); Graça (Manoel Maria); Monclar (um doutor em medicina)	Os homens de mármore	Drama	5 atos	Estreia do ator Antonio José Areas.

3/9/1856	Quarta-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Montani (Delauné); Ricardina (Mme Delauné); Graça (Cognard); Monclar (Prospero); Velutti (Julietta); Clotilde (Agueda); Areas (Manique).	Os conspiradores ou o retrato de muito dos nossos.	Comédia	1 ato	
5/9/1856	Sexta-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Furtado Coelho	José da Silva Mendes Leal Junior	Victorino (Luiz Coutinho); Gabriela (Beatriz); Clotilde (Ignez); Montani (Estevão de Moura); Vianna (Diogo Travassos); Areas (Simplicio Lobo); Amoedo (Fernando de Lima); Deolinda (Leonor Martins); Ricardina (Venancia); Graça (Manoel Maria); Monclar (um doutor em medicina)	Os homens de mármore	Drama	5 atos	Estreia do ator Antonio José Areas. O espetáculo do dia 3/09 não ocorreu em razão da morte do Marquês de Paraná.
5/9/1856	Sexta-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Montani (Delauné); Ricardina (Mme Delauné); Graça (Cognard); Monclar (Prospero); Velutti (Julietta); Clotilde (Agueda); Areas (Manique).	Os conspiradores ou o retrato de muito dos nossos.	Comédia	1 ato	
7/9/1856	Domingo	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Areas (Gaspar); Martins (Baluchet); Orsat (Furão); Leolinda (Luiza); Velluti (Catharina); Clotilde (Sra Chapuis); Ricardina (Joana).	Os operários	Comédia ornada de música	2 atos	
7/9/1856	Domingo	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Ernesto Legouvê	Gabriela; Velutti; Deolinda; Ludovina; Clotilde; Ricardina; Amoedo; Pedro Joaquim; Martins; Vianna; Couto.	Por direito de conquista	Drama	3 atos	
10/9/1856	Quarta-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Furtado Coelho	José da Silva Mendes Leal Junior	Gabriela; Clotilde; Deolinda; Ricardina; Amoedo; Areas; Victorino. Montani; Graça; Monclar; Miguel.	Os homens de mármore	Drama	5 atos	
10/9/1856	Quarta-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Velutti; Deolinda; Clotilde; Ricardina; Areas; Orsat; Martins.	Os operários	Comédia ornada de música	2 atos	
12/9/1856	Sexta-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Ernesto Legouvê	Gabriela; Velutti; Deolinda; Ludovina; Clotilde; Ricardina; Amoedo; Pedro Joaquim; Martins; Vianna; Couto.	Por direito de conquista	Drama	3 atos	
12/9/1856	Sexta-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Velutti; Deolinda; Clotilde; Ricardina; Areas; Orsat; Martins.	Os operários	Comédia ornada de música	2 atos	
14/9/1856	Domingo	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Furtado Coelho	José da Silva Mendes Leal Junior	Gabriela; Clotilde; Deolinda; Ricardina; Amoedo; Areas; Victorino. Montani; Graça; Monclar; Miguel.	Os homens de mármore	Drama	5 atos	
14/9/1856	Domingo	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Montani ; Ricardina; Graça; Monclar; Velutti; Clotilde; Areas.	Os conspiradores ou o retrato de muito dos nossos.	Comédia	1 ato	
17/9/1856	Quarta-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Alexandre Dumas Filho	Velutti; Gabriela; Deolinda; Clotilde; Ricardina; Amoedo; Pedro Joaquim; Martins; Orsat; Graça; Vianna; Couto; Monclar; Freitas; Miguel	A dama das camélias	Drama	5 atos	

17/9/1856	Quarta-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Montani ; Ricardina; Graça; Monclar; Velutti; Clotilde; Areas.	Os conspiradores ou o retrato de muito dos nossos.	Comédia	1 ato	
19/9/1856	Sexta-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Velutti; Deolinda; Clotilde; Ricardina; Areas; Orsat; Martins.	Os operários	Comédia ornada de música	2 atos	
19/9/1856	Sexta-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Augusto Cesar de Lacerda	Gabriela; Veluti; Deolinda; Clotilde; Amoedo; Pedro Joaquim; Martins; Monclar; Montani; Couto; Miguel	Dois mundos	Drama	3 atos	
19/9/1856	Sexta-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Montani ; Ricardina; Graça; Monclar; Velutti; Clotilde; Areas.	Os conspiradores ou o retrato de muito dos nossos.	Comédia	1 ato	
21/9/1856	Domingo	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Areas (Justino); Velutti (Ana); Ludovina (Maria); Orsat (Gregorio).	A filha do marceneiro	Comédia	1 ato	
21/9/1856	Domingo	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Ernesto Legouvé	Gabriela; Velutti; Deolinda; Ludovina; Clotilde; Ricardina; Amoedo; Pedro Joaquim; Martins; Vianna; Couto.	Por direito de conquista	Drama	3 atos	
21/9/1856	Domingo	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Velutti; Ricardina; Clotilde; Ricardina; Amoedo; Martins; Orsat; Graça; Couto; Monclar; Montani; Vianna; Freitas.	A noiva de 64 anos	Comédia	3 atos	Tradução de Maria Velutti
23/9/1856	Terça-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Alexandre Dumas Filho	Velutti; Gabriela; Deolinda; Clotilde; Ricardina; Amoedo; Pedro Joaquim; Martins; Orsat; Graça; Vianna; Couto; Monclar; Montani; Freitas; Miguel	A dama das camélias	Drama	5 atos	
23/9/1856	Terça-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Areas (Justino); Velutti (Ana); Ludovina (Maria); Orsat (Gregorio).	A filha do marceneiro	Comédia	1 ato	
27/9/1856	Sábado	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Paulo Foucher.  Tradução de Furtado Coelho.	Velutti; Ricardina; Gabriela; Pedro Joaquim; Amoedo; Areas; Martins; Graça; Freitas.	A Joconda	Drama	5 atos	.Benefício de Gabriela da Cunha  Presença do Imperador.
27/9/1856	Sábado	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Areas (Justino); Velutti (Ana); Ludovina (Maria); Orsat (Gregorio).	A filha do marceneiro	Comédia	1 ato	
28/9/1856	Domingo	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Paulo Foucher.  Tradução de Furtado Coelho.	Pedro Joaquim (Maurício); Amoedo (Luciano Clavieres); Martins (Maximiliano de Fontemac); Areas (Desmoutiers); Graça (Theodoro); Freitas (Fernando); Gabriela (Luiza); Velluti (Helena); Ricardina (Paulina); N.N. (duas crianças); Miguel (João).	A Joconda	Drama	5 atos	
28/9/1856	Domingo	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Areas (Justino); Velutti (Ana); Ludovina (Maria); Orsat (Gregorio).	A filha do marceneiro	Comédia	1 ato	

30/9/1856	Terça-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Paulo Foucher.  Tradução de Furtado Coelho.	Velutti; Ricardina; Gabriela; Pedro Joaquim; Amoedo; Areas; Martins; Graça; Freitas; Miguel.	A Joconda	Drama	5 atos	
30/9/1856	Terça-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Montani ; Ricardina; Graça; Monclar; Velutti; Clotilde; Areas.	Os conspiradores ou o retrato de muito dos nossos.	Comédia	1 ato	
3/10/1856	Sexta-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Mendes Leal Junior	Gabriela; Clotilde; Deolinda; Ricardina; Amoedo; Victorino; Areas; Graça; Montani; Vianna; Monclar; Freitas; Miguel	Os homens de mármore	Drama	5 atos	
3/10/1856	Sexta-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Velluti; Clotilde; Orsat; Montani; Martins; Monclar.	A cabeça do Martinho	Comédia	1 ato	
5/10/1856	Domingo	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Ernesto Legouvé	Gabriela; Velluti; Deolinda; Clotilde; Ludovina; Ricardina; Amoedo; Pedro Joaquim; Martins; Couto; Vianna.	Por direito de Conquista	Drama	3 atos	
5/10/1856	Domingo	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Velluti; Clotilde; Ricardina; Areas; Graça; Monclar; Montani.	Os conspiradores ou o retrato de muito dos nossos.	Comédia	1 ato	
5/10/1856	Domingo	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Gabriela; Velluti; Amoedo; Pedro Joaquim; Orçat; Martins; Montani; Vianna; Miguel; Freitas; Couto; Monclar; Graça.	O francês na Espanha	Comédia	3 atos	
8/10/1856	Quarta-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Theodore Barriere e Lamber Thiboust	Gabriela; Velluti; Deolinda; Ludovina; Clotilde e Ricardina.  Amoedo; Pedro Joaquim; Viana; Martins; Montani; Couto; Orsat; Miguel.	As mulheres de mármore	Drama	5 atos	
8/10/1856	Quarta-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Velluti; Areas; Orsat; Ludovina.	A filha do marceneiro	Comédia	1 ato	
10/10/1856	Sexta-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Theodore Barriere e Lamber Thiboust	Gabriela; Velluti; Deolinda; Ludovina; Clotilde e Ricardina.  Amoedo; Pedro Joaquim; Viana; Martins; Montani; Couto; Orsat; Miguel.	As mulheres de mármore	Drama	5 atos	
10/10/1856	Sexta-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Velluti; Clotilde; Ricardina; Amoedo; Orsat; Martins; Vianna; Montani; Graça; Couto; Monclar; Freitas.	A noiva de 64 anos	Comédia	1 ato	
12/10/1856	Domingo	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Eugène Scribe e Ernest Legouvé	Gabriela (Condessa de Autreval); Velluti (Leonia); Amoedo (Henrique); Areas (Gustavo de Grignon); Pedro Joaquim (Barão de Montrichard); Freitas (um sargento); Miguel (um criado).	A batalha de damas ou O duelo do amor.	Drama	3 atos	Primeira apresentação.
12/10/1856	Domingo	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Velluti; Leolinda; Clotilde; Ricardina; Areas; Martins e Orsat.	Os operários	Comédia	2 atos	
15/10/1856	Quarta-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Eugène Scribe e Ernest Legouvé	Gabriela; Velluti; Amoedo; Areas; Pedro Joaquim; Freitas ; Miguel.	A batalha de damas ou O duelo do amor.	Drama	3 atos	
15/10/1856	Quarta-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Montani; Martins; Ludovina.	O dote de Mariquinhas	Comédia	1 ato	

15/10/1856	Quarta-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Velluti; Clotilde; Ricardina; Areas; Graça; Monclar; Montani.	Os conspiradores ou o retrato de muito dos nossos.	Comédia	1 ato	
17/10/1856	Sexta-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Eugène Scribe e Ernest Legouvé	Gabriela; Velluti; Amoedo; Areas; Pedro Joaquim; Freitas ; Miguel.	A batalha de damas ou O duelo do amor.	Drama	3 atos	
17/10/1856	Sexta-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Eugène Scribe	Clotilde; Victorino; Couto; Martins; Ludovina.	O celibatário e a menina	Comédia	1 ato	
17/10/1856	Sexta-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Velluti; Clotilde; Amoedo; Pedro Joaqui; Vianna; Montani.	Os dois Augustos	Comédia	1 ato	
19/10/1856	Domingo	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Conde Giraud. Tradução de J.L.P.B.	Vianna (D. Affonso); Velluti (Mathilde); Deolinda (Luiza); Ricardina (Betta); Monclar (Roberto); Montani (Luciano); Martins (Marcone); Freitas (Nicolao).	As entrevistas no escuro	Drama	1 ato	
19/10/1856	Domingo	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Eugène Scribe e Ernest Legouvé	Gabriela; Velluti; Amoedo; Areas; Pedro Joaquim; Freitas ; Miguel.	A batalha de damas ou O duelo do amor.	Drama	3 atos	
19/10/1856	Domingo	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Mendes Leal Junior	Gabriela; Ricardina; Pedro Joaquim; Couto; Montani; Martins; Freitas.	Quem porfia mata a caça	Comédia	2 atos	
22/10/1856	Quarta-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Ernesto Legouvé	Gabriela; Velutti; Deolinda; Ludovina; Clotilde; Ricardina; Amoedo; Pedro Joaquim; Martins; Couto.	Por direito de Conquista	Drama	3 atos	
22/10/1856	Quarta-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Conde Giraud. Tradução de J.L.P.B.	Velluti; Deolinda; Ricardina; Vianna; Martins; Monclar; Montani; Freitas.	As entrevistas no escuro	Drama	1 ato	
22/10/1856	Quarta-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Eugène Scribe e Ernest Legouvé	Gabriela; Velluti; Amoedo; Areas; Pedro Joaquim; Freitas ; Miguel.	A batalha de damas ou O duelo do amor.	Drama	3 atos	
26/10/1856	Domingo	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Furtado Coelho	D. Luis de Olona. Música de Rafael Hernando	Amoedo (Carlos); Pedro Joaquim (Diogo); Areas (D. Calixto); Martins (Antonio); Monclar (Correa); Graça (Tio Emiterio); Montani (D. Venancio); Gabriela (D. Ignez); Clotilde (D. Sabina); Deolinda (Joana).	O Duende	Opera cômica (zarzuela)	2 atos	Primeira apresentação
26/10/1856	Domingo	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Conde Giraud. Tradução de J.L.P.B.	Velluti; Deolinda; Ricardina; Vianna; Martins; Monclar; Montani; Freitas	As entrevistas no escuro	Comédia	1 ato	
28/10/1856	Terça-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Furtado Coelho	D. Luis de Olona. Música de Rafael Hernando	Amoedo (Carlos); Pedro Joaquim (Diogo); Areas (D. Calixto); Martins (Antonio); Monclar (Correa); Graça (Tio Emiterio); Montani (D. Venancio); Gabriela (D. Ignez); Clotilde (D. Sabina); Deolinda (Joana).	O Duende	Opera cômica (zarzuela)	2 atos	
28/10/1856	Terça-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Eugène Scribe	Gabriela; Amoedo; Victorino; Vianna; Montani.	Estella ou o Pai e a filha	Drama	1 ato	

29/10/1856	Quarta-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Ernesto Legouvé	Gabriela; Velutti; Deolinda; Ludovina; Clotilde; Ricardina; Amoedo; Pedro Joaquim; Muniz; Vianna; Couto.	Por direito de Conquista	Drama	3 atos	
29/10/1856	Quarta-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Velluti; Clotilde; Ricardina; Areas; Graça; Monclar; Montani.	Os conspiradores ou o retrato de muito dos nossos.	Comédia	1 ato	Benefício de Joaquim Carlos Pereira da Silva.
30/10/1856	Quinta-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Furtado Coelho	D. Luis de Olona. Música de Rafael Hernando	Gabriela; Clotilde; Deolinda; Amoedo; Pedro Joaquim; Areas; Martins; Graça; Montani; Monclar; Vianna; Miguel e Freiras.	O Duende	Opera cômica (zarzuela)	2 atos	
30/10/1856	Quinta-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Velluti; Clotilde; Amoedo; Pedro Joaquim; Vianna e Freitas.	Os dois Augustos	Comédia	1 ato	
1/11/1856	Sábado	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Furtado Coelho	D. Luis de Olona. Música de Rafael Hernando	Gabriela; Clotilde; Deolinda; Amoedo; Pedro Joaquim; Areas; Martins; Graça; Montani; Monclar; Vianna; Miguel e Freiras.	O Duende	Opera cômica (zarzuela)	2 atos	
1/11/1856	Sábado	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Eugène Scribe	Clotilde; Victorino; Couto; Martins; Ludovina.	O celibatário e a menina	Comédia	1 ato	
2/11/1856	Domingo	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Furtado Coelho	D. Luis de Olona. Música de Rafael Hernando	Gabriela; Clotilde; Deolinda; Amoedo; Pedro Joaquim; Areas; Martins; Graça; Montani; Monclar; Vianna; Miguel e Freiras.	O Duende	Opera cômica (zarzuela)	2 atos	
2/11/1856	Domingo	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Mendes Leal Junior	Adelaide; Ricardina; Pedro Joaquim; Montani; Couto; Martins.	Quem porfia mata a caça	Comédia	2 atos	
5/11/1856	Quarta-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Furtado Coelho	D. Luis de Olona. Música de Rafael Hernando	Gabriela; Clotilde; Deolinda; Amoedo; Pedro Joaquim; Areas; Martins; Graça; Montani; Monclar; Vianna; Miguel e Freiras.	O Duende	Opera cômica (zarzuela)	2 atos	
5/11/1856	Quarta-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Ernesto Legouvé	Gabriela; Velutti; Deolinda; Ludovina; Clotilde; Ricardina; Amoedo; Pedro Joaquim; Martins; Vianna; Couto e Freitas.	Por direito de Conquista	Drama	3 atos	
7/11/1856	Sexta-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Furtado Coelho	D. Luis de Olona. Música de Rafael Hernando	Gabriela; Clotilde; Deolinda; Amoedo; Pedro Joaquim; Areas; Martins; Graça; Montani; Monclar; Vianna; Miguel e Freiras.	O Duende	Opera cômica (zarzuela)	2 atos	
7/11/1856	Sexta-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Eugène Scribe e Ernest Legouvé	Gabriela; Velluti; Amoedo; Areas; Pedro Joaquim; Freitas ; Miguel.	A batalha de damas ou O duelo do amor.	Drama	3 atos	
9/11/1856	Domingo	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Adolpho Dennery. Trad. Vieira Souto.	Clotilde (Suzana Gagelet); Ricardina (Perina); Martins (Hércules D'Arpajon); Monclar (Croizilles Aubin).	As memórias de Richelieu	Comédia	1 ato	

9/11/1856	Domingo	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Theodore Barriere e Lamber Thiboust	Gabriela; Adelaide; Velluti; Deolinda; Clotilde; Ricardina; Amoedo; Pedro Joaquim; Viana; Martins; Montani; Couto; Monclar; Miguel.	As mulheres de mármore	Drama	5 atos	
11/10/1856	Terça-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Mellesville e Leon Luyu	Maria Velluti; Graça; Couto; Monclar; Vianna; Montani; Areas; Ricardina; Freitas; Miguel	O retrato vivo	Drama	3 atos	Benefício de Maria Velluti. Presença do Imperador.
11/10/1856	Terça-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Furtado Coelho	D. Luis de Olona. Música de Rafael Hernando	Gabriela; Clotilde; Deolinda; Amoedo; Pedro Joaquim; Areas; Martins; Graça; Montani; Monclar; Vianna; Miguel e Freiras.	O Duende	Opera cômica (zarzuela)	2 atos	
13/10/1856	Quinta-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Alexandre Dumas Filho.  Tradução de Emílio Zaluar	Gabriela; Adelaide; Velluti; Clotilde; Ricardina; Amoedo; P. Joaquim; Vianna; Monclar; Silva; Miguel e Freitas.	O mundo equívoco	Drama	5 atos	
13/10/1856	Quinta-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Adolpho Dennery.  Trad. Vieira Souto.	Clotilde (Suzana Gagelet); Ricardina (Perina); Martins (Hércules D'Arpajon); Monclar (Croizilles Aubin).	As memórias de Richelieu	Comédia	1 ato	
14/10/1856	Sexta-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Furtado Coelho	D. Luis de Olona. Música de Rafael Hernando	Gabriela; Clotilde; Deolinda; Amoedo; Pedro Joaquim; Areas; Martins; Graça; Montani; Monclar; Vianna; Miguel e Freiras.	O Duende	Opera cômica (zarzuela)	2 atos	
14/10/1856	Sexta-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Eugène Scribe e Ernest Legouvé	Gabriela; Velluti; Amoedo; Areas; Pedro Joaquim; Freitas; Miguel.	A batalha de damas ou O duelo do amor.	Drama	3 atos	
16/11/1856	Domingo	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Mellesville e Leon Luyu	Maria Velluti; Graça; Couto; Monclar; Vianna; Montani; Areas; Ricardina; Freitas; Miguel	O retrato vivo	Drama	3 atos	
16/11/1856	Domingo	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Furtado Coelho	D. Luis de Olona. Música de Rafael Hernando	Gabriela; Clotilde; Deolinda; Amoedo; Pedro Joaquim; Areas; Martins; Graça; Montani; Monclar; Vianna; Miguel e Freiras.	O Duende	Opera cômica (zarzuela)	2 atos	
18/11/1856	Terça-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Theodore Barriere e Lamber Thiboust	Gabriela; Adelaide; Velluti; Deolinda; Clotilde; Ricardina; Amoedo; Pedro Joaquim; Viana; Martins; Montani; Couto; Monclar; Miguel; Freitas	As mulheres de Mármore	Drama	5 atos	
18/11/1856	Terça-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Furtado Coelho	D. Luis de Olona. Música de Rafael Hernando	Gabriela; Clotilde; Deolinda; Amoedo; Pedro Joaquim; Areas; Martins; Graça; Montani; Monclar; Vianna; Miguel e Freiras.	O Duende	Opera cômica (zarzuela)	2 atos	



21/11/1856	Sexta-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Mellesville e Leon Luyu	Maria Velluti; Graça; Couto; Monclar; Vianna; Montani; Areas; Ricardina; Freitas; Miguel	O retrato vivo	Drama	3 atos	
21/11/1856	Sexta-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Velluti; Deolinda; Ricardina; Monclar; Montani; Martins; Vianna.	As entrevistas no escuro	Comédia	1 ato	
21/11/1856	Sexta-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Velluti; Clotilde; Ricardina; Areas; Graça; Monclar; Montani.	Os conspiradores ou O retrato de muito dos nossos	Comédia	1 ato	
23/11/1856	Domingo	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Xavier; Varin e Dumoustier	Graça (Balicorne); Vianna (Pinglard); Montani (Henrique); Ricardina (Gervarzia); Leolinda (Stella).	Os erros da mocidade	Comédia	1 ato	Primeira apresentação
23/11/1856	Domingo	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Adelaide; Velluti; Ricardina; Pedro Joaquim; Vianna; Montani; Couto; Monclar; Martins; Miguel.	Um episódio do reinado de Jacques I	Drama	3 atos	
23/11/1856	Domingo	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Furtado Coelho	D. Luis de Olona. Música de Rafael Hernando	Gabriela; Clotilde; Deolinda; Amoedo; Pedro Joaquim; Areas; Martins; Graça; Montani; Monclar; Vianna; Miguel e Freiras.	O Duende	Opera cômica (zarzuela)	2 atos	
26/11/1856	Quarta-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Theodore Barriere e Lamber Thiboust Trad Vieira Souto.	Adelaide; Velutti; Deolinda; Clotilde; Francisca; Ricardina; Amoedo; Pedro Joaquim; Viana; Martins; Montani; Couto; Miguel; Freitas.	As mulheres de Mármore	Drama	5 atos	Presença do Imperador. Apresentação musical do rabequista Francisco de Sá Noronha.
28/11/1856	Sexta-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Theodore Barriere e Lamber Thiboust Trad.Vieira Souto.	Adelaide; Velutti; Deolinda; Clotilde; Francisca; Ricardina; Amoedo; Pedro Joaquim; Viana; Martins; Montani; Couto; Miguel; Freitas.	As mulheres de Mármore	Drama	5 atos	
28/11/1856	Sexta-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Furtado Coelho	D. Luis de Olona. Música de Rafael Hernando	Adelaide; Clotilde; Deolinda; Amoedo; Pedro Joaquim; Areas; Martins; Graça; Montani; Monclar; Vianna; Miguel e Freiras.	O Duende	Opera cômica (zarzuela)	2 atos	
30/11/1856	Domingo	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Theodore Barriere e Lamber Thiboust Trad.Vieira Souto.	Adelaide; Velutti; Deolinda; Clotilde; Francisca; Ricardina; Amoedo; Pedro Joaquim; Viana; Martins; Montani; Couto; Monclar; Miguel; Freitas.	As mulheres de Mármore	Drama	5 atos	

2/12/1856	Terça-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Antonio José Areas	Anicet Bourgeois Trad. Maria Velluti	Pedro Joaquim (Visconde de Nangis); Velluti (Cavalheiro de Essone); Amoedo (Oliveira); Areas (Hilario); Freitas (Rinaldo); Vianna (Mestre Gregorio); Velluti (Mme Herbelay); Adelaide (Regaillotte); Deolinda (Gillette); Francisca (uma criada); Gouvea (um criado); Montani (oficial); Martins (oficial); Freitas (oficial); Monclar (oficial); Miguel (oficial)	O cavalheiro de Essone	Comédia ornada de música	3 atos	
2/12/1856	Terça-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Antonio José Areas	desconhecido	Deolinda; Ricardina; Montani; Graça e Vianna	Os erros da mocidade	Comédia	1 ato	
3/12/1856	Quarta-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Antonio José Areas	Theodore Barriere e Lamber Thiboust Trad. Vieira Souto.	Adelaide; Velutti; Deolinda; Clotilde; Francisca; Ricardina; Amoedo; Pedro Joaquim; Viana; Martins; Montani; Couto; Monclar; Miguel; Freitas.	As mulheres de mármore	Drama	5 atos	Benefício de Clotilde Benedetti de Sá
3/12/1856	Quarta-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Antonio José Areas	D. Luis de Olona. Música de Rafael Hernando	Adelaide; Clotilde; Deolinda; Amoedo; Pedro Joaquim; Areas; Martins; Graça; Montani; Monclar; Vianna; Miguel e Freiras.	O Duende	Opera cômica (zarzuela)	2 atos	
5/12/1856	Sexta-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Antonio José Areas	Anicet Bourgeois Trad. Maria Velluti	Velluti; Adelaide; Leolinda; Francisca; Amoedo; Pedro Joaquim; Areas; Graça; Gouvea; Freitas; Montani; Martins; Monclar; Freitas; Miguel.	O cavaleiro de Essone	Drama	3 atos	Apresentação musical de Francisco de Sá Noronha.
5/12/1856	Sexta-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Antonio José Areas	desconhecido	Clotilde; Ricardina; Martins; Monclar.	As memórias de Richelieu	Drama	2 atos	
7/12/1856	Domingo	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Antonio José Areas	Anicet Bourgeois	Velluti; Adelaide; Leolinda; Francisca; Amoedo; Pedro Joaquim; Areas; Graça; Gouvea; Freitas; Montani; Martins; Monclar; Freitas; Miguel	O cavaleiro de Essone	Drama	3 atos	
7/12/1856	Domingo	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Antonio José Areas	D. Luis de Olona. Música de Rafael Hernando	Adelaide; Clotilde; Leolinda; Amoedo; Pedro Joaquim; Areas; Martins; Graça; Montani; Monclar.	O Duende	Opera cômica (zarzuela)	2 atos	
14/12/1856	Domingo	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Antonio José Areas	Paul de Kock e Gustavo Lemoine. Música de Demetrio Rivera Trad. Maria Velluti	Pedro Joaquim (Capitão Lambert); Amoedo (Fernando de Mendonça); Areas (Montrichard); Leonardo (Martins); Victorino (Duque de Belmonte); Monclar (Cavaleiro de Villa-Flor); Vianna (D'arville); Montani (um tapeceiro); Gouvea (ourives); Miguel (um criado); Ricardina (Tia Truchot); Velluti (Mme Stuart); Adelaide (Julieta); Clotilde (Dina Pepino); Leolinda (Mme de Fontignan); Maria Fernanda (Zizi); Elisia (Dedela); N.N. (Heloise); N.N (Carabina); Freitas (um criado); Silva (um porteiro).	A cigana de Paris	Drama	5 atos	Primeira apresentação

17/12/1856	Quarta-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Antonio José Areas	Paul de Kock e Gustavo Lemoine.	Toda a companhia	A cigana de Paris	Drama	5 atos	
19/12/1856	Sexta-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Antonio José Areas	Paul de Kock e Gustavo Lemoine.	Toda a companhia	A cigana de Paris	Drama	5 atos	
21/12/1856	Domingo	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Antonio José Areas	Paul de Kock e Gustavo Lemoine.	Toda a companhia	A cigana de Paris	Drama	5 atos	
23/12/1856	Terça-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Antonio José Areas	Paul de Kock e Gustavo Lemoine.	Toda a companhia	A cigana de Paris	Drama	5 atos	
25/12/1856	Quinta-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Antonio José Areas	Paul de Kock e Gustavo Lemoine.	Velluti; Adelaide; Clotilde; Ricardina; Leolinda; Maria Fernanda; Amoedo; Pedro Joaquim; Areas; Martins; Victorino; Monclar; Vianna; Montani; Gouvea; Miguel; Silva e Freitas.	A cigana de Paris	Drama	5 atos	
27/12/1856	Sábado	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Antonio José Areas	A. Moutinho de Souza	Pedro Joaquim (um comendador); Amoedo (Alberto); Victorino (Roberto Nunes); Martins (José); Adelaide (Cecília); Ricardina (criada).	Amor e Honra	Drama	2 atos	
27/12/1856	Sábado	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Antonio José Areas	Mendes Leal	Pedro Joaquim (o conde); Adelaide (a condessa); Martins (Silvestre); Areas (Chrispim); Maria Fernanda (Luiza).	Epitáfio e Epitalâmio	Vaudeville	1 ato	
27/12/1856	Sábado	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Antonio José Areas	D. Luis de Olona. Música de Rafael Hernando	Adelaide; Clotilde; Leolinda; Amoedo; Pedro Joaquim; Areas; Martins; Monclar; Vianna; Montani; Miguel; Graça e Freitas.	O Duende	Opera cômica (zarzuela)	2 atos	
28/12/1856	Domingo	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Antonio José Areas	Paul de Kock e Gustavo Lemoine.	Velluti; Adelaide; Clotilde; Ricardina; Leolinda; Maria Fernanda; Amoedo; Pedro Joaquim; Areas; Martins; Victorino; Monclar; Vianna; Montani; Gouvea; Miguel; Silva e Freitas.	A cigana de Paris	Drama	5 atos	
30/12/1856	Terça-feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Antonio José Areas	Paul de Kock e Gustavo Lemoine.	Velluti; Adelaide; Clotilde; Ricardina; Leolinda; Maria Fernanda; Amoedo; Pedro Joaquim; Areas; Martins; Victorino; Monclar; Vianna; Montani; Gouvea; Miguel; Silva e Freitas.	A cigana de Paris	Drama	5 atos	

## Jornal do Commercio: 1858

Data	Dia Semana	Teatro	Empresário	Ensaaiador	Autor	Ator( es) personagens	Espetáculo	gênero	atos	Outras observações
19/12/1858	Domingo	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Antonio José Areas	Ernesto Legouvé	Paiva (Marques de Rouillé); Martins (Visconde Goutran); Furtado Coelho (Jorge Bernard); Vianna (Barão de Verdières); Heller (Wilson); Velluti (Marquesa d'Orbeval); Jesuína (Alice); Noronha (Jorge); Miró (Maria); Elisa (Amélia); Clotilde (Justina)	Por direito de conquista	Drama	3 atos	Estreia de Furtado Coelho como ator do Teatro Ginásio.
19/12/1858	Domingo	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Antonio José Areas	Clairville e Lambert Thiboust	Jesuína; Clotilde; De-Giovani e Martins	A corda sensível	Comédia ornada de música	1 ato	
21/12/1858	Terça- feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Antonio José Areas	Ernesto Legouvé	Jesuína; Velluti; Noronha; Clotilde; Miró; Elisa; Furtado Coelho; Martins; Paiva; Heller; Vianna.	Por direito de conquista	Drama	3 atos	
21/12/1858	Terça- feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Antonio José Areas	desconhecido	Martins e Paiva desempenham os principais papéis.	E eu sem casaca	Comédia	2 atos	
23/12/1858	Quinta- feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Antonio José Areas	desconhecido	Velluti; Julia; Noronha; De Giovani; Graça; Montani; Freitas e Militão.	O inimigo das mulheres	Comédia	3 atos	
23/12/1858	Quinta- feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Antonio José Areas	Paulo Midosi	Antonio José Areas	O Sr. José do Capote	Comédia	2 atos	
23/12/1858	Quinta- feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Antonio José Areas	desconhecido	Noronha; Elisa; Martins; Paiva; Sá; etc.	E eu sem casaca	Comédia	2 atos	
25/12/1858	Sábado	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Antonio José Areas	Ernesto Legouvé	Toda a companhia	Por direito de conquista	Drama	3 atos	
25/12/1858	Sábado	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Antonio José Areas	desconhecido	Miró; Clotilde; Elisa; Paiva; Martins; Graça; Montani; Vianna e Freitas.	O pai de uma atriz	Comédia ornada de música	5 atos	
26/12/1858	Domingo	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Antonio José Areas	Ernesto Legouvé	Toda a companhia	Por direito de conquista	Drama	3 atos	
26/12/1858	Domingo	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Antonio José Areas	Paulo Midosi	Antonio José Areas	O Sr. José do Capote	Cena cômica	2 atos	
26/12/1858	Domingo	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Antonio José Areas	desconhecido	Julia; Elisa; Miró; Clotilde; Paiva; Furtado; Martins; Vianna e Heller.	A trindade azul	Comédia ornada de música	5 atos	
28/12/1858	Terça- feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Antonio José Areas	Ernesto Legouvé	Toda a companhia	Por direito de conquista	Drama	3 atos	
28/12/1858	Terça- feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Antonio José Areas	Paulo Midosi	Antonio José Areas	O Sr. José do Capote	Cena cômica	2 atos	
28/12/1858	Terça- feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Antonio José Areas	Clairville e Lambert Thiboust	Não informado	A corda sensível	Comédia ornada de música	1 ato	
30/12/1858	Quinta- feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Antonio José Areas	Justino Figueiredo Novaes	Areas; Martins; Graça; Montani; De Giovani; Paiva; Vianna; Freitas; Militão; Sá; Acácio; Castro; Jesuína; Velluti; Clotilde e Noronha.	O proteo moderno	Comédia	5 atos	Benefício de Guilherme Orsat.
30/12/1858	Quinta- feira	Ginásio	Joaquim Heleodoro Gomes dos Santos	Antonio José Areas	Clairville e Lambert Thiboust	Não informado	A corda sensível	Comédia ornada de música	1 ato	

*Jornal do Commercio: 1859*

Data	Dia Semana	Teatro	Empresário	Ensaaiador	Autor	Ator(es) Personagens	Espectáculo	Gênero	Atos	Outras informações
1/1/1859	Sábado	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Antonio José Areas	Theodore Barrière e E. Capendu	Areas (Plumet); Furtado Coelho (Felipe Plumet); Graça (Dutoco); Vianna (Sarrazin); Militão (Dubarle); Montani (Galouzou); Freitas (Robineau); Martins (Eduardo Martel); Paiva (Lucien Verneuil); Clotilde (Clemencia Dutoco); Velluti (Henriqueta); Miró (Laura); Ludovina (Paulina Protat).	A herança do Sr. Plumet	Comédia	4 atos	Primeira apresentação Estreia da atriz Ludovina Julia da Cunha de Vecchi
1/1/1859	Sábado	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Antonio José Areas	desconhecido	Não informado.	A viúva das camélias	Comédia	1 ato	
2/1/1859	Domingo	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Antonio José Areas	Theodore Barrière e E. Capendu	Mesmos atores e atrizes da estreia	A herança do Sr. Plumet	Comédia	4 atos	Estreia do ator Francisco Correa Vasques
2/1/1859	Domingo	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Antonio José Areas	Claivirle e Lambert Thiboust	Jesuína; Clotilde; De Giovanni e Francisco Correa Vasques.	A corda sensível	Comédia	1 ato	
4/1/1859	Terça-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Antonio José Areas	desconhecido	Miró; Clotilde; Elisa; Areas; Paiva; Martins; Graça; Montani; Vianna; Freitas; Castro.	O pai de uma atriz	Comédia	5 atos	Benefício de uma família necessitada
4/1/1859	Terça-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Antonio José Areas	Claivirle e Lambert Thiboust	Jesuína; Clotilde; De Giovanni e Martins	A corda sensível	Comédia	1 ato	
6/1/1859	Quinta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Antonio José Areas	Theodore Barrière e E. Capendu	Ludovina; Velluti; Miró; Clotilde; Furtado Coelho; Areas; Graça; Martins; Paiva; Montani; Militão; Vianna; Freitas e Acacio.	A herança do Sr. Plumet	Comédia	4 atos	
6/1/1859	Quinta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Antonio José Areas	desconhecido	Não informado	Os conspiradores ou O retrato de muito dos nossos	Comédia	1 ato	
8/1/1859	Sábado	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Antonio José Areas	Ernest Legouvé	Não informado	Por direito de Conquista	Drama	3 atos	Benefício de L.M, Leal ponto do Teatro Ginásio
8/1/1859	Sábado	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Antonio José Areas	Paulo Midosi	Areas	O Sr. José do Capote	Cena-Cômica	1 ato	
8/1/1859	Sábado	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Antonio José Areas	desconhecido	Não informado	E eu sem casaca	Comédia	2 atos	

9/1/1859	Domingo	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Antonio José Areas	Theodore Barrière e L. Thiboust	De Giovanni (Phidias e Raphael); Furtado Coelho (Diogenes e Degenais); Vianna (Gorgias e De Fresnes); Montani (Alcebiades e Juliano); Paiva (um ateniense e Francisco); Martins (Mauleon); Freitas (Strabon e John); Jesuina (Aspasia e Marco); Ludovina (Thea e Maria); Noronha (Sra Didier); Velluti (Lais e Josepha); Clotilde (Phrynea e Julieta); Elisa (Fedora).	As mulheres de mármore	Drama	5 atos	
9/1/1859	Domingo	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Antonio José Areas	Ernest Legouvé	Furtado Coelho (Jorge Bernard); Jesuina (Alice).	Por direito de conquista	Drama	3 atos	
13/1/1859	Quinta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Antonio José Areas	Theodore Barrière e L. Thiboust	De Giovanni (Phidias e Raphael); Furtado Coelho (Diogenes e Degenais); Vianna (Gorgias e De Fresnes); Montani (Alcebiades e Juliano); Paiva (um ateniense e Francisco); Martins (Mauleon); Freitas (Strabon e John); Jesuina (Aspasia e Marco); Ludovina (Thea e Maria); Noronha (Sra Didier); Velluti (Lais e Josepha); Clotilde (Phrynea e Julieta); Elisa (Fedora).	As mulheres de mármore	Drama	5 atos	
13/1/1859	Quinta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Antonio José Areas	Paulo Midosi	Areas	O Sr. José do Capote	Cena-Cômica	1 ato	
13/1/1859	Quinta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Antonio José Areas	desconhecido	Areas (Gaudencio); Montani (Sampaio); Freitas (Julio); Militão (Valentim); Noronha (Gertrudes); Miró (Leocadia).	A cabeleira de meu tio	Comédia	1 ato	
15/1/1859	Sábado	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Antonio José Areas	Figueiredo Novaes	Graça; Martins; Freitas; Areas; Vasques; Montani; Acacio; Militão; Sá; Vianna; Frederico; Velluti; Elisa; Clotilde; Noronha; Ludovina; Miró; Maria;	As surpresas do Sr. José da Piedade	Revista	2 atos	
15/1/1859	Sábado	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Antonio José Areas	Ernest Legouvé	Não informado	Por direito de conquista	Drama	3 atos	
16/1/1859	Domingo	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Antonio José Areas	Figueiredo Novaes	Graça; Martins; Freitas; Areas; Vasques; Montani; Acacio; Militão; Sá; Vianna; Frederico; Velluti; Elisa; Clotilde; Noronha; Ludovina; Miró; Maria;	As surpresas do Sr. José da Piedade	Revista	2 atos	
16/1/1859	Domingo	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Antonio José Areas	Theodore Barrière e L. Thiboust	Não informado	As mulheres de mármore	Drama	5 atos	
18/1/1859	Terça-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Antonio José Areas	Figueiredo Novaes	Graça; Martins; Freitas; Areas; Vasques; Montani; Acacio; Militão; Sá; Vianna; Frederico; Velluti; Elisa; Clotilde; Noronha; Ludovina; Miró; Maria;	As surpresas do Sr. José da Piedade	Revista	2 atos	
18/1/1859	Terça-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Antonio José Areas	Theodore Barrière e E. Capendu	Ludovina; Velluti; Miró; Clotilde; Furtado Coelho; Areas; Graça; Martins; Paiva; Montani; Militão; Vianna e Freitas.	A herança do Sr. Plumet	Comédia	4 atos	

19/1/1859	Quarta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Antonio José Areas	Figueiredo Novaes	Graça; Martins; Freitas; Areas; Vasques; Montani; Acacio; Militão; Sá; Vianna; Frederico; Velluti; Elisa; Clotilde; Noronha; Ludovina; Miró; Maria;	As surpresas do Sr. José da Piedade	Revista	2 atos	
19/1/1859	Quarta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Antonio José Areas	Theodore Barrière e E. Capendu	Ludovina; Velluti; Miró; Clotilde; Furtado Coelho; Areas; Graça; Martins; Paiva; Montani; Militão; Vianna e Freitas.	A herança do Sr. Plumet	Comédia	4 atos	
20/1/1859	Quinta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Antonio José Areas	Figueiredo Novaes	Graça; Martins; Freitas; Areas; Vasques; Montani; Acacio; Militão; Sá; Vianna; Frederico; Velluti; Elisa; Clotilde; Noronha; Ludovina; Miró; Maria;	As surpresas do Sr. José da Piedade	Revista	2 atos	
20/1/1859	Quinta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Antonio José Areas	Theodore Barrière e L. Thiboust	Furtado Coelho; Manoel de Giovani; Jesuina Montani; Ludovina de Vecchi.	As mulheres de mármore	Drama	5 atos	
22/1/1859	Sábado	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Antonio José Areas	Theodore Barrière e E. Capendu	Areas (Plumet); Furtado Coelho (Felipe Plumet); Graça (Dutoco); Vianna (Sarrazin); Militão (Dubarle); Montani (Galouzou); Freitas (Robineau); Martins (Eduardo Martel); Paiva (Lucien Verneuil); Clotilde (Clemencia Dutoco); Velluti (Henriqueta); Miró (Laura); Ludovina (Paulina Protat).	A herança do Sr. Plumet	Comédia	4 atos	
22/1/1859	Sábado	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Antonio José Areas	desconhecido	Miró; Noronha; Areas; Freitas; Montani e Militão.	A cabeleira do meu tio	Comédia ornada de música	1 ato	
23/1/1859	Domingo	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Antonio José Areas	José de Alencar	Furtado Coelho (Eduardo); Paiva (Azevedo); Militão (Alfredo); Graça (Vasconcelos); Eulalia de Noronha (Jorge); Vasques (Pedro); Ludovina (Carlotinha); Velluti (Henriqueta); Noronha (D. Maria)	O demônio familiar	Comédia	4 atos	
23/1/1859	Domingo	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Antonio José Areas	Paulo Midosi	Areas	O Sr. José do Capote	Cena-Cômica	1 ato	
23/1/1859	Domingo	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Antonio José Areas	desconhecido	Areas (Gaudencio); Montani (Sampaio); Freitas (Julio); Militão (Valentim); Noronha (Gertrudes); Miró (Leocadia).	A cabeleira do meu tio	Comédia ornada de música	1 ato	
25/1/1859	Terça-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Antonio José Areas	Ernest Legouvé	Não informado	Por direito de conquista	Drama	3 atos	
25/1/1859	Terça-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Antonio José Areas	desconhecido	Não informado	A viúva das camélias	Comédia	1 ato	
25/1/1859	Terça-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Antonio José Areas	desconhecido	Eulalia de Noronha	A filha bem guardada	Comédia	1 ato	
26/1/1859	Quarta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Antonio José Areas	José de Alencar	De Giovani (Ernesto); Vianna (Teixeira); Montani (Augusto); Paiva (Henrique); Freitas (Felipe); Martins (Pereira); Graça (Custódio); Jesuina (Julia); Noronha (D. Luiza).	O Rio de Janeiro – Verso e Reverso	Comédia	2 atos	

26/1/1859	Quarta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Antonio José Areas	José de Alencar	Furtado Coelho (Eduardo); Paiva (Azevedo); Militão (Alfredo); Graça (Vasconcelos); Eulalia de Noronha (Jorge); Vasques (Pedro); Ludovina (Carlotinha); Velluti (Henriqueta); Noronha (D. Maria)	O demônio familiar	Comédia	4 atos	
30/1/1859	Domingo	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Antonio José Areas	Edouard Brisebarre e Eugene Nus	Pereira (Pedro Bernier e André Bernier); Areas (Planterose); Vianna (Villebrun); Furtado Coelho (Fabiano de Roquefeuil); Montani (Joubert); Vasques (Bigot); Freitas (José); Castro (um empregado); Acacio (um agente da polícia); Julio (um viajante); Velluti (Sra Bernier); Ludovina (Antonietta); Elisa (Claudina); Noronha (Reine Bigot); Clotilde (Ali de Vilebrun); Miró (uma fruteira).	Os pobres de Paris	Drama	7 atos	
30/1/1859	Domingo	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Antonio José Areas	desconhecido	Noronha; Clotilde; Areas e Freitas.	A filha bem guardada	Comédia	1 ato	
2/02/1859	Quarta-Feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Antonio José Areas	Theodore Barrière e L. Thiboust	Jesuina (Marco); Ludovina (Maria); De Geovani (Raphael); Furtado Coelho (Desgenais).	As mulheres de mármore	Drama	5 atos	
2/02/1859	Quarta-Feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Antonio José Areas	desconhecido	Não informado	O pai de uma atriz	Comédia	5 atos	
5/02/1859	Sábado	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Antonio José Areas	José da Silva Mendes Leal Junior	Furtado Coelho; Vianna; Paiva; Freitas; Montani; Militão; Graça; Vasques; Sá; Acácio; Castro, Jesuina; Velluti; Ludovina; Clotilde e Elisa.	Pedro	Drama	5 atos	Benefício de Furtado Coelho
5/02/1859	Sábado	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Antonio José Areas	Furtado Coelho	Furtado Coelho (Eduardo); Guimarães (Wilson, o Inglês); Acácio (um criado); Velluti (a baronesa); Ludovina (Ernestina)	Nem por muito madrugar amanhece mais cedo	Provérbio	1 ato	
6/02/1859	Domingo	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Antonio José Areas	Furtado Coelho	Furtado Coelho (Eduardo); Guimarães (Wilson, o Inglês); Acácio (um criado); Velluti (a baronesa); Ludovina (Ernestina).	Nem por muito madrugar amanhece mais cedo	Provérbio	1 ato	
6/02/1859	Domingo	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Antonio José Areas	José da Silva Mendes Leal Junior	Furtado Coelho (Pedro); Vianna (Conde Santiago); Paiva (Francisco de Athaide); Freitas (José Augusto); Montani (Jeronymo de Mello); Militão (José de Albuquerque); Graça (Manoel Maria); Vasques (Domingo); Jesuina (Maria de Resende); Velluti (Joanna); Ludovina (Eugenia); Clotilde (uma pobre) e Elisa (Thereza).	Pedro	Drama	5 atos	



9/02/1859	Quarta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Antonio José Areas	Furtado Coelho	Furtado Coelho (Eduardo); Guimarães (Wilson, o Inglês); Acácio (um criado); Velluti (a baronesa); Ludovina (Ernestina).	Nem por muito madrugar amanhece mais cedo	Provérbio	1 ato	
9/02/1859	Quarta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Antonio José Areas	José da Silva Mendes Leal Junior	Furtado Coelho (Pedro); Vianna (Conde Santiago); Paiva (Francisco de Athaide); Freitas (José Augusto); Montani (Jeronymo de Mello); Militão (José de Albuquerque); Graça (Manoel Maria); Vasques (Domingo); Jesuina (Maria de Resende); Velluti (Joanna); Ludovina (Eugenia); Clotilde (uma pobre) e Elisa (Thereza).	Pedro	Drama	5 atos	
11/02/1859	Sexta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Antonio José Areas	José da Silva Mendes Leal Junior	Não informado	Pedro	Drama	5 atos	
11/02/1859	Sexta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Antonio José Areas	Maria Velluti	Não informado	A viúva das camélias	Comédia ornada de música	1 ato	
13/02/1859	Domingo	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Antonio José Areas	José de Alencar	Ludovina; Velluti; Noronha; Furtado Coelho; Paiva; Vasques; Militão; Graça; Acácio e Eulália de Noronha	O demônio familiar	Comédia	4 atos	
13/02/1859	Domingo	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Antonio José Areas	Ernest Legouvé	Jesuína (Alice); Furtado Coelho (Jorge Bernard)	Por direito de conquista	Drama	3 atos	
17/02/1859	Quinta-Feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Antonio José Areas	José da Silva Mendes Leal Junior	Não informado	Pedro	Drama	5 atos	Benefício da menina Eulália Noronha (espêctáculo cancelado)
17/02/1859	Quinta-Feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Antonio José Areas	Joana de Noronha	Recitado por Joana de Noronha	Chiquinha presa, monologo de adeus	-	-	
20/02/1859	Domingo	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Antonio José Areas	Mendes Leal Junior	Graça (Barão Amaro Mendes); Paiva (João Antonio); Martins (José Maria); Castro (Domingos); Ludovina (D. Maria); Clotilde (Joanna)	A afilhada do barão	Comédia	2 atos	
20/02/1859	Domingo	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Antonio José Areas	José da Silva Mendes Leal Junior	Não informado	Pedro	Drama	5 atos	
22/02/1859	Terça-Feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Antonio José Areas	Tradução de J.J. Vieira Souto	De Giovanni (Jorge Vernou); Vianna (Dr. Stephen); Paiva (Raimundo); Freitas (Pedro Ledru); Montani (Renato de Brives); Militão (Mauleon); Acacio (Paulo de Mailly); Castro (Antonio); N.N. (um criado); Jesuina (Diana de Rioni); Clotilde (Thereza); Elisa (Maria)	Diana de Rione	Drama	3 atos	Benefício do ator Francisco de Amorim Lima Vianna

22/02/1859	Terça-Feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Antonio José Areas	Mendes Leal Junior	Graça (Barão Amaro Mendes); Paiva (João Antonio); Martins (José Maria); Castro (Domingos); Ludovina (D. Maria); Clotilde (Joanna)	A afilhada do barão	Comédia	2 atos	
24/02/1859	Quinta-Feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Antonio José Areas	Tradução de J.J. Vieira Souto	Não informado	Diana de Rione	Drama	3 atos	Benefício da atriz Leolinda Sanches de Amoedo
24/02/1859	Quinta-Feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Antonio José Areas	Mendes Leal Junior	Não informado	A afilhada do barão	Comédia	2 atos	
27/02/1859	Domingo	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Antonio José Areas	Furtado Coelho	Furtado Coelho (Araldo de Brito); Graça (Azevedo); Militão (Comendador Rosa); Martins (Gomes); Acácio (um criado); Miró (Emília); Ludovina (Eugênia); Clotilde (Maria)	Procure-me depois do amanhã	Comédia	1 ato	
27/02/1859	Domingo	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Antonio José Areas	Tradução de J.J. Vieira Souto	De Giovani (Jorge Vernou); Vianna (Dr. Stephen); Paiva (Raimundo); Freitas (Pedro Ledru); Montani (Renato de Brives); Militão (Mauleon); Pacheco (Paulo de Mailly); Acacio (Antonio); Jesuina (Diana de Rioni); Clotilde (Thereza); Miró (Maria)	Diana de Rione	Drama	3 atos	
27/02/1859	Domingo	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Antonio José Areas	Mendes Leal Junior	Graça (Barão Amaro Mendes); Paiva (João Antonio); Martins (José Maria); Castro (Domingos); Ludovina (D. Maria); Clotilde (Joanna)	A afilhada do barão	Comédia	2 atos	
13/03/1859	Domingo	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	José Romano	Furtado Coelho (Pedro Muniz); Paiva (Frei Gonçalo); Vianna (Frei Paulo); Martins (Rui Lopes de Souza); De Giovani (Rodrigo); Ludovina (Beatriz); Velluti (Tia Brigida).	S. Gonçalo D'Amarante	Drama	3 atos	
14/03/1859	Segunda-Feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	José Romano	Furtado Coelho (Pedro Muniz); Paiva (Frei Gonçalo); Vianna (Frei Paulo); Martins (Rui Lopes de Souza); De Giovani (Rodrigo); Ludovina (Beatriz); Velluti (Tia Brigida).	S. Gonçalo D'Amarante	Drama	3 atos	Espectáculo em solenidade ao aniversário natalício de S.M. A Imperatriz
15/03/1859	Terça-Feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	José Romano	Furtado Coelho (Pedro Muniz); Paiva (Frei Gonçalo); Vianna (Frei Paulo); Martins (Rui Lopes de Souza); De Giovani (Rodrigo); Ludovina (Beatriz); Velluti (Tia Brigida).	S. Gonçalo D'Amarante	Drama	3 atos	

16/03/1859	Quarta-Feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	José Romano	Furtado Coelho (Pedro Muniz); Paiva (Frei Gonçalo); Vianna (Frei Paulo); Martins (Rui Lopes de Souza); De Giovani (Rodrigo); Ludovina (Beatriz); Velluti (Tia Brigida).	S. Gonçalo D'Amarante	Drama	3 atos	
19/03/1859	Sábado	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	José Romano	Furtado Coelho (Pedro Muniz); Paiva (Frei Gonçalo); Vianna (Frei Paulo); Martins (Rui Lopes de Souza); De Giovani (Rodrigo); Ludovina (Beatriz); Velluti (Tia Brigida).	S. Gonçalo D'Amarante	Drama	3 atos	
19/03/1859	Sábado	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Furtado Coelho (Arnaldo de Brito); Graça (Azevedo); Militão (Comendador Rosa); Martins (Gomes); Acácio (um criado); Miró (Emília); Ludovina (Eugênia); Clotilde (Maria).	Procure-me depois do amanhã	Comédia	1 ato	
20/03/1859	Domingo	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	José Romano	Furtado Coelho (Pedro Muniz); Paiva (Frei Gonçalo); Vianna (Frei Paulo); Martins (Rui Lopes de Souza); De Giovani (Rodrigo); Ludovina (Beatriz); Velluti (Tia Brigida).	S. Gonçalo D'Amarante	Drama	3 atos	
20/03/1859	Domingo	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Mendes Leal Junior	Graça (Barão Amaro Mendes); Paiva (João Antonio); Martins (José Maria); Castro (Domingos); Ludovina (D. Maria); Clotilde (Joanna)	A afilhada do Barão	Comédia	2 atos	
22/03/1859	Terça-Feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Theodore Barrière e L. Thiboust.	Gabriella (Marco); Ludovina (Maria); De Giovani (Raphael); Furtado Coelho (Desgenais)	As mulheres de mármore	Drama	5 atos	Reentrada da atriz Gabriella da Cunha
22/03/1859	Terça-Feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Furtado Coelho; Graça; Militão; Martins; Castro; Miró Ludovina; Clotilde	Procure-me depois do amanhã	Comédia	1 ato	
23/03/1859	Quarta-Feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	José Romano	Não informado	S. Gonçalo D'Amarante	Drama	3 atos	Benefício da Sociedade União e Beneficência
23/03/1859	Quarta-Feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Maria Velluti	Não informado	A viúva das camélias	Comédia ornada de música	1 ato	
24/03/1859	Quinta-Feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	José Romano	Ludovina; Velluti; Furtado Coelho; De-Giovani; Martins; Paiva e Viana.	S. Gonçalo D'Amarante	Drama	3 atos	
24/03/1859	Quinta-Feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Ludovina; Miró; Clotilde; Furtado Coelho; Martins; Graça; Militão.	Procure-me depois do amanhã	Comédia	1 ato	
25/03/1859	Sexta-Feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	José Romano	Ludovina; Velluti; Clotilde; Miró; Elisa; Maria; Furtado Coelho; Martins; De Giovani; Paiva; Vianna; Montani; Graça; Freitas.	S. Gonçalo D'Amarante	Drama	3 atos	
25/03/1859	Sexta-Feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Ludovina; Miró; Clotilde; Furtado Coelho; Martins; Graça; Militão.	Procure-me depois do amanhã	Comédia	1 ato	
27/03/1859	Domingo	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	José Romano	Ludovina; Velluti; Clotilde; Miró; Elisa; Maria; Furtado Coelho; Martins; De Giovani; Paiva; Vianna; Graça; Freitas.	S. Gonçalo D'Amarante	Drama	3 atos	Benefício da atriz Gabriella da Cunha

27/03/1859	Domingo	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Theodore Barrière e L. Thiboust.	Gabriella (Marco); Ludovina (Maria); De Giovani (Raphael); Furtado Coelho (Desgenais)	As mulheres de mármore	Drama	5 atos	
31/03/1859	Quinta-Feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Augusto Cesar de Lacerda	<p><b>Personagens do prólogo</b></p> <p>Militão (comandante da fragata); Montani (o imediato); Furtado Coelho (Henrique Soares); Moutinho (Manoel Escota); Martins (Francisco Nogueira); Paiva (Jacob Abrahão); Arthur (José); uma menina (Sara); Eduardo (um oficial); Acacio (um dito); Clotilde (1º aspirante); Pacheco (2º dito); Elisa (3º dito); Maria (4º dito)</p> <p><b>Personagens da peça</b></p> <p>Velluti (D. Guilhermina); Ludovina (Adelina); Furtado Coelho (Henrique Soares); Moutinho (Manoel Escota); Martins (Francisco Nogueira); Graça (Collares); Freitas (Souza); Paiva (o mendigo); Castro (um criado); Acacio (um criado de Henrique).</p>	A probidade	Drama	2 atos	<p>Primeira apresentação</p> <p>Estreia do ator Antonio Moutinho de Souza</p> <p>É provável que não houve espetáculo nesse dia.</p>
2/04/1859	Sábado	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Augusto Cesar de Lacerda	Os mesmos da primeira apresentação	A probidade	Drama	2 atos	<p>Primeira apresentação</p> <p>Estreia do ator Antonio Moutinho de Souza</p>
3/04/1859	Domingo	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Augusto Cesar de Lacerda	Os mesmos da primeira apresentação	A probidade	Drama	2 atos	2ª apresentação.
5/04/1859	Terça-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Augusto Cesar de Lacerda	Os mesmos da primeira apresentação	A probidade	Drama	2 atos	
6/04/1859	Quarta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Augusto Cesar de Lacerda	Os mesmos da primeira apresentação	A probidade	Drama	2 atos	
7/04/1859	Quinta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Augusto Cesar de Lacerda	Os mesmos da primeira apresentação	A probidade	Drama	2 atos	
9/04/1859	Sábado	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Theodore Barrière e L. Thiboust.	Gabriella (Marco); Ludovina (Maria); De Giovani (Raphael); Furtado Coelho (Desgenais)	As mulheres de mármore	Drama	5 atos	
9/04/1859	Sábado	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Ludovina; Miró; Clotilde; Furtado Coelho; Martins; Graça; Militão.	Procure-me depois do amanhã	Comédia	1 ato	
10/04/1859	Domingo	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Augusto Cesar de Lacerda	Os mesmos da primeira apresentação	A probidade	Drama	2 atos	
11/04/1859	Segunda-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Augusto Cesar de Lacerda	Os mesmos da primeira apresentação	A probidade	Drama	2 atos	

12/04/1859	Terça-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Augusto Cesar de Lacerda	Os mesmos da primeira apresentação	A probidade	Drama	2 atos	
13/04/1859	Quarta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Augusto Cesar de Lacerda	Os mesmos da primeira apresentação	A probidade	Drama	2 atos	
14/04/1859	Quinta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Augusto Cesar de Lacerda	Os mesmos da primeira apresentação	A probidade	Drama	2 atos	
16/04/1859	Sábado	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Augusto Cesar de Lacerda	Os mesmos da primeira apresentação	A probidade	Drama	2 atos	
23/04/1859	Sábado	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Augusto Cesar de Lacerda	Os mesmos da primeira apresentação	A probidade	Drama	2 atos	
24/04/1859	Domingo	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Augusto Cesar de Lacerda	Os mesmos da primeira apresentação	A probidade	Drama	2 atos	
26/04/1859	Terça-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Augusto Cesar de Lacerda	Não informado	A probidade	Drama	2 atos	
27/04/1859	Quarta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Augusto Cesar de Lacerda	Não informado	A probidade	Drama	2 atos	
27/04/1859	Quarta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Antonio Moutinho de Souza	Efeitos do vinho novo	Cena-cômica	1 ato	
28/04/1859	Quinta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Augusto Cesar de Lacerda	Não informado	A probidade	Drama	2 atos	
28/04/1859	Quinta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Antonio Moutinho de Souza	Efeitos do vinho novo	Cena-cômica	1 ato	
29/04/1859	Sexta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Augusto Cesar de Lacerda	Não informado	A probidade	Drama	2 atos	
29/04/1859	Sexta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Antonio Moutinho de Souza	Efeitos do vinho novo	Cena-cômica	1 ato	
30/04/1859	Sábado	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Augusto Cesar de Lacerda	Não informado	A probidade	Drama	2 atos	
30/04/1859	Sábado	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Maria Velluti	Não informado	A viúva das camélias	Comédia	1 ato	
1/05/1859	Domingo	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Augusto Cesar de Lacerda	Não informado	A probidade	Drama	2 atos	
1/05/1859	Domingo	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Antonio Moutinho de Souza	Efeitos do vinho novo	Cena-cômica	1 ato	

2/05/1859	Segunda-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Augusto Cesar de Lacerda	Não informado	A probidade	Drama	2 atos	Benefício de T.H.Ganongia
2/05/1859	Segunda-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Antonio Moutinho de Souza	Efeitos do vinho novo	Cena-cômica	1 ato	
3/05/1859	Terça-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Moutinho (Miguel); Furtado Coelho (Jorge); Ludovina (Maria)	Miguel, o torneiro	Comédia ornada de música	1 ato	
3/05/1859	Terça-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Martins (Paulo); Graça (Saturnino); Freitas (José); Paiva (um moço); Miró (uma moça loira); Elisa (uma dita morena)	Dois talhares para quatro	Comédia ornada de música	1 ato	
3/05/1859	Terça-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Antonio Moutinho de Souza	Efeitos do vinho novo	Cena-cômica	1 ato	
3/05/1859	Terça-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Ludovina; Miró; Clotilde; Furtado Coelho; Martins; Graça; Militão.	Procure-me depois do amanhã	Comédia	1 ato	
4/05/1859	Quarta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Moutinho (Miguel); Furtado Coelho (Jorge); Ludovina (Maria)	Miguel, o torneiro	Comédia ornada de música	1 ato	
4/05/1859	Quarta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Martins (Paulo); Graça (Saturnino); Freitas (José); Paiva (um moço); Miró (uma moça loira); Elisa (uma morena)	Dois talhares para quatro	Comédia ornada de música	1 ato	
4/05/1859	Quarta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Antonio Moutinho de Souza	Efeitos do vinho novo	Cena-cômica	1 ato	
4/05/1859	Quarta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Ludovina; Miró; Clotilde; Furtado Coelho; Martins; Graça; Militão.	Procure-me depois do amanhã	Comédia	1 ato	
5/05/1859	Quinta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Moutinho (Miguel); Furtado Coelho (Jorge); Ludovina (Maria)	Miguel, o torneiro	Comédia ornada de música	1 ato	Benefício do violinista José Bacigalupi
5/05/1859	Quinta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Mendes Leal	Ludovina; Miró; Clotilde; Martins; Paiva; Graça e Militão.	A afilhada do barão	Comédia	2 atos	
5/05/1859	Quinta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Antonio Moutinho de Souza	Efeitos do vinho novo	Cena-cômica	1 ato	
6/05/1859	Sexta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Augusto Cesar de Lacerda	Não informado	A probidade	Drama	2 atos	
6/05/1859	Sexta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Martins; Graça; Freitas; Paiva; Miró; Elisa.	Dois talhares para quatro	Comédia ornada de música	1 ato	
7/05/1859	Sábado	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Augusto Cesar de Lacerda	Não informado	A probidade	Drama	2 atos	
7/05/1859	Sábado	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Clairville e Lambert Thiboust	Jesuina; Clotilde; De Giovanni; Martins.	A corda sensível	Comédia ornada de música	1 ato	

8/05/1859	Domingo	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Augusto Cesar de Lacerda	Não informado	A probidade	Drama	2 atos	
8/05/1859	Domingo	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Claivirlle e Lambert Thiboust	Jesuina; Clotilde; De Giovani; Martins.	A corda sensível	Comédia ornada de música	1 ato	
8/05/1859	Domingo	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Antonio Moutinho de Souza	Efeitos do vinho novo	Cena-cômica	1 ato	
9/05/1859	Segunda-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Augusto Cesar de Lacerda	Não informado	A probidade	Drama	2 atos	
9/05/1859	Segunda-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Antonio Moutinho de Souza	Efeitos do vinho novo	Cena-cômica	1 ato	
9/05/1859	Segunda-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Martins; Graça; Freitas; Paiva; Miró; Elisa.	Dois talhares para quatro	Comédia ornada de música	1 ato	
10/05/1859	Terça-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Augusto Cesar de Lacerda	Não informado	A probidade	Drama	2 atos	Récita em benefício da empresa.  Em solenidade à abertura Assembleia Geral Legislativa.
10/05/1859	Terça-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Moutinho (Miguel); Furtado Coelho (Jorge); Ludovina (Maria)	Miguel, o torneiro	Comédia ornada de música	1 ato	
11/05/1859	Quarta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Augusto Cesar de Lacerda	Não informado	A probidade	Drama	2 atos	
11/05/1859	Quarta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Moutinho (Miguel); Furtado Coelho (Jorge); Ludovina (Maria)	Miguel, o torneiro	Comédia ornada de música	1 ato	
12/05/1859	Quinta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Camilo Castelo Branco	Velluti (Emilia); Ludovina (Luiza Amelia); Furtado Coelho (Alfredo de Tovar); Moutinho (Bernardo de Mascarenhas); De Giovani (Jorge de Sá); Eduardo (Conselheiro Nobrega); Graça (Barão de Villa-Marin); Montani (Francisco de Sá); Militão (o prior de Benfica); Paiva (médico); Freitas (alfaiate); Arthur (Boleeiro); Pacheco (criado); Castro (criado).	Purgatório e Paraíso	Drama	3 atos	Primeira apresentação
12/05/1859	Quinta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Claivirlle e Lambert Thiboust	Jesuina; Clotilde; De Giovani; Martins.	A corda sensível	Comédia ornada de música	1 ato	
12/05/1859	Quinta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Antonio Moutinho de Souza	Efeitos do vinho novo	Cena-cômica	1 ato	
14/05/1859	Sábado	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Camilo Castelo Branco	Os mesmos atores e atrizes da primeira apresentação	Purgatório e Paraíso	Drama	3 atos	

14/05/1859	Sábado	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Clairville e Lambert Thiboust	Jesuina; Clotilde; De Giovani; Martins.	A corda sensível	Comédia ornada de música	1 ato	
14/05/1859	Sábado	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Moutinho (Miguel); Furtado Coelho (Jorge); Ludovina (Maria)	Miguel, o torneiro	Comédia ornada de música	1 ato	
15/05/1859	Domingo	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Camilo Castelo Branco	Toda a companhia	Purgatório e Paraíso	Drama	3 atos	
15/05/1859	Domingo	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Mendes Leal	Ludovina; Clotilde; Martins; Paiva; Graça e Castro	A afilhada do barão	Comédia	2 atos	
15/05/1859	Domingo	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Antonio Moutinho de Souza	Efeitos do vinho novo	Cena-cômica	1 ato	
16/05/1859	Segunda-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Augusto Cesar de Lacerda	Os mesmos atores e atrizes da primeira apresentação	A probidade	Drama	2 atos	
16/05/1859	Segunda-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Ludovina; Miró; Clotilde; Furtado Coelho; Martins; Graça; Militão e Castro.	Procure-me depois do amanhã	Comédia	1 ato	
17/05/1859	Terça-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Eugene Scribe	Jesuina; Clotilde; Miró; De Giovani; Paiva; Freitas; Pacheco; Militão; Eduardo; Castro e Pedro Montani	Diana de Rione	Drama	3 atos	Benefício do ator Pedro Montani.
17/05/1859	Terça-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Atriz amadora Rosinha.	Chiquinha presa	Comédia	1 ato	
17/05/1859	Terça-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Antonio Moutinho de Souza	Efeitos do vinho novo	Cena-cômica	1 ato	
18/05/1859	Quarta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Camilo Castelo Branco	Os mesmos atores e atrizes da primeira apresentação	Purgatório e Paraíso	Drama	3 atos	
18/05/1859	Quarta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Ernest Legouvé	Jesuina; Velluti; Ludovina; Miró; Clotilde; Gabriella da Cunha; Furtado Coelho; Paiva; Martins; Eduardo; Militão.	Por direito de Conquista	Drama	3 atos	
19/05/1859	Quinta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Augusto Cesar de Lacerda	Não informado	A probidade	Drama	2 atos	
19/05/1859	Quinta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Moutinho (Miguel); Furtado Coelho (Jorge); Ludovina (Maria)	Miguel, o torneiro	Comédia ornada de música	1 ato	
21/05/1859	Sábado	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Augusto Cesar de Lacerda	Não informado	A probidade	Drama	2 atos	Espectáculo em benefício da Irmandade de Santo Antonio dos Pobres.  Presença do Imperador.
21/05/1859	Sábado	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Clairville e Lambert Thiboust	Jesuina; Clotilde; De Giovani; Martins.	A corda sensível	Comédia	1 ato	



22/05/1859	Domingo	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Camilo Castelo Branco	Não informado	Purgatório e Paraíso	Drama	3 atos	
22/05/1859	Domingo	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Ernest Legouvé	Não informado	Por direito de Conquista	Drama	3 atos	
22/05/1859	Domingo	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Antonio Moutinho de Souza	Efeitos do vinho novo	Cena-cômica	1 ato	
23/05/1859	Segunda-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Augusto Cesar de Lacerda	Não informado	A probidade	Drama	2 atos	
23/05/1859	Segunda-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Moutinho (Miguel); Furtado Coelho (Jorge); Ludovina (Maria)	Miguel, o torneiro	Comédia ornada de música	1 ato	
24/05/1859	Terça-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Theodore Barrière e L. Thiboust.	Gabriella (Marco); Ludovina (Maria); De Giovani (Raphael); Furtado Coelho (Desgenais)	As mulheres de mármore	Drama	5 atos	
24/05/1859	Terça-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Antonio Moutinho de Souza	Efeitos do vinho novo	Cena-cômica	1 ato	
24/05/1859	Terça-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Mendes Leal	Não informado	A afilhada do barão	Comédia	2 atos	
25/05/1859	Quarta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Augusto Cesar de Lacerda	Não informado	A probidade	Drama	2 atos	
25/05/1859	Quarta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Antonio Moutinho de Souza	Efeitos do vinho novo	Cena-cômica	1 ato	
25/05/1859	Quarta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Ludovina; Miró; Clotilde; Furtado Coelho; Martins; Graça; Militão.	Procure-me depois do amanhã	Comédia	1 ato	
26/05/1859	Quinta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Camilo Castelo Branco	Velluti; Ludovina; Furtado Coelho; Moutinho; Montani; De-Giovani; Graça; Paiva; Militão; Freitas.	Purgatório e Paraíso	Drama	3 atos	
26/05/1859	Quinta-feira	Ginásio		Furtado Coelho	desconhecido	Antonio Moutinho de Souza	Efeitos do vinho novo	Cena-cômica	1 ato	
26/05/1859	Quinta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Moutinho (Miguel); Furtado Coelho (Jorge); Ludovina (Maria)	Miguel, o torneiro	Comédia ornada de música	1 ato	
28/05/1859	Sábado	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Camilo Castelo Branco	Jesuina; Velluti; Miró; Furtado Coelho; Militão; Freitas; Eduardo e Moutinho.	A justiça	Drama	2 atos	Benefício do ator Antonio Moutinho de Souza.
28/05/1859	Sábado	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Imitação de José Romano	Não informado	Miguel, o torneiro	Comédia ornada de música	1 ato	
28/05/1859	Sábado	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Antonio Moutinho de Souza	Os amores de um marinheiro	Cena-cômica	1 ato	

28/05/1859	Sábado	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Ludovina; Furtado Coelho e Moutinho.	A saia balão e o colarinho de papelão	Comédia	1 ato	
29/05/1859	Domingo	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Camilo Castelo Branco	Jesuina; Velluti; Miró; Furtado Coelho; Militão; Freitas; Eduardo e Moutinho.	A justiça	Drama	2 atos	
29/05/1859	Domingo	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Imitação de José Romano	Não informado	Miguel, o torneiro	Comédia ornada de música	1 ato	
29/05/1859	Domingo	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Antonio Moutinho de Souza	Os amores de um marinheiro	Cena-cômica	1 ato	
29/05/1859	Domingo	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Ludovina; Furtado Coelho e Moutinho.	A saia balão e o colarinho de papelão	Comédia	1 ato	
30/05/1859	Segunda-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Camilo Castelo Branco	Ludovina; Velluti; Furtado Coelho; Moutinho; De-Giovani; Graça; Paiva; Militão; Montani e restante da companhia.	Purgatório e Paraíso	Drama	3 atos	Récita a favor do professor de música José Joaquim dos Reis.
30/05/1859	Segunda-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Não informado	Chiquinha presa	Comédia	1 ato	
31/05/1859	Terça-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Camilo Castelo Branco	Jesuina; Velluti; Miró; Furtado Coelho; Militão; Freitas; Eduardo e Moutinho.	A justiça	Drama	2 atos	
31/05/1859	Terça-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Imitação de José Romano	Não informado	Miguel, o torneiro	Comédia ornada de música	1 ato	
31/05/1859	Terça-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Antonio Moutinho de Souza	Os amores de um marinheiro	Cena-cômica	1 ato	
31/05/1859	Terça-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Ludovina; Furtado Coelho e Moutinho.	A saia balão e o colarinho de papelão	Comédia	1 ato	
2/06/1859	Quinta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Camilo Castelo Branco	Jesuina; Velluti; Miró; Furtado Coelho; Militão; Freitas; Eduardo e Moutinho.	A justiça	Drama	2 atos	
2/06/1859	Quinta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Camilo Castelo Branco	Ludovina; Velluti; Furtado Coelho; Moutinho; De-Giovani; Graça; Militão; Freitas; Almeida e Arthur.	Purgatório e Paraíso	Drama	3 atos	
2/06/1859	Quinta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Antonio Moutinho de Souza	Efeitos do vinho novo	Cena-cômica	1 ato	
4/06/1859	Sábado	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Camilo Castelo Branco	Jesuina; Velluti; Miró; Furtado Coelho; Militão; Freitas; Eduardo e Moutinho.	A justiça	Drama	2 atos	
4/06/1859	Sábado	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Camilo Castelo Branco	Ludovina; Velluti; Furtado Coelho; Moutinho; De-Giovani; Graça; Militão; Freitas; Almeida e Arthur.	Purgatório e Paraíso	Drama	3 atos	
4/06/1859	Sábado	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Imitação de José Romano	Ludovina; Furtado Coelho e Antonio Moutinho.	Miguel, o torneiro	Comédia ornada de música	1 ato	

5/06/1859	Domingo	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Camilo Castelo Branco	Jesuina; Velluti; Miró; Furtado Coelho; Militão; Freitas; Eduardo; Acácio e Moutinho.	A justiça	Drama	2 atos	
5/06/1859	Domingo	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Camilo Castelo Branco	Ludovina; Velluti; Furtado Coelho; Moutinho; De-Giovani; Graça; Almeida e Eduardo.	Purgatório e Paraíso	Drama	3 atos	
5/06/1859	Domingo	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Ludovina; Furtado Coelho e Moutinho.	A saia balão e o colarinho de papelão	Comédia	1 ato	
6/06/1859	Segunda-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Augusto Cesar de Lacerda	Não informado	A proibidade	Drama	2 atos	
6/06/1859	Segunda-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Antonio Moutinho de Souza	Os amores de um marinheiro	Cena-cômica	1 ato	Espectáculo em favor da Sociedade Propagadora das Bellas Artes do Rio de Janeiro.
7/06/1859	Terça-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Augusto Cesar de Lacerda	Não informado	A proibidade	Drama	2 atos	
7/06/1859	Terça-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Antonio Moutinho de Souza	Os amores de um marinheiro	Cena-cômica	1 ato	
8/06/1859	Quarta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Augusto Cesar de Lacerda	Não informado	A proibidade	Drama	2 atos	
8/06/1859	Quarta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Camilo Castelo Branco	Jesuina; Velluti; Julia; Furtado Coelho; Militão; Freitas; Eduardo; Moutinho e restante da companhia.	A justiça	Drama	2 atos	
11/06/1859	Sábado	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Ernesto Biester	Moutinho (Miguel Tavares); De-Giovani (Francisco de Gouveia); Paiva (Julio de Souza); Graça (Visconde de Lorvão); Militão (Anselmo); Gabriella (Mariana); Velluti (Viscondessa de Lorvão); Ludovina (Amalia); Jesuína (Adelaide); Acácio (um criado)	A caridade na sombra	Drama	3 atos	Primeira apresentação Benefício do ator De-Giovani.
11/06/1859	Sábado	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Camilo Castelo Branco	Jesuina; Velluti; Furtado Coelho; Militão; Freitas; Eduardo.	A justiça	Drama	2 atos	
11/06/1859	Sábado	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Não informado	O perdão d'acto	Comédia ornada de música	2 atos	
12/06/1859	Domingo	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Ernesto Biester	Moutinho (Miguel Tavares); De-Giovani (Francisco de Gouveia); Paiva (Julio de Souza); Graça (Visconde de Lorvão); Militão (Anselmo); Gabriella (Mariana); Velluti (Viscondessa de Lorvão); Ludovina (Amalia); Jesuína (Adelaide); Acácio (um criado)	A caridade na sombra	Drama	3 atos	

12/06/1859	Domingo	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Camilo Castelo Branco	Jesuina; Velluti; Moutinho; Furtado Coelho; Militão; Freitas; Eduardo.	A justiça	Drama	2 atos	
12/06/1859	Domingo	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Jesuina (Alfredo)	O perdão d'acto	Comédia ornada de música	2 atos	
13/06/1859	Segunda-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Augusto Cesar de Lacerda	Não informado	A probidade	Drama	2 atos	
13/06/1859	Segunda-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Camilo Castelo Branco	Jesuina; Velluti; Julia; Moutinho; Furtado Coelho; Militão; Freitas; Eduardo e Acacio.	A justiça	Drama	2 atos	
15/06/1859	Quarta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Ernesto Biester	Moutinho (Miguel Tavares); De-Giovani (Francisco de Gouveia); Paiva (Julio de Souza); Graça (Visconde de Lorvão); Militão (Anselmo); Gabriella (Mariana); Velluti (Viscondessa de Lorvão); Ludovina (Amalia); Jesuina (Adelaide).	A caridade na sombra	Drama	3 atos	
15/06/1859	Quarta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Antonio Moutinho de Souza	Efeitos do vinho novo	Cena-cômica	1 ato	
15/06/1859	Quarta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	De Giovani; Heller; Freitas; Almeida; Arthur e Jesuina (no papel do estudante Alfredo)	O perdão d'acto	Comédia ornada de música	2 atos	
15/06/1859	Quarta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Imitação de José Romano	Ludovina; Furtado Coelho e Antonio Moutinho.	Miguel, o torneiro	Comédia ornada de música	1 ato	
16/06/1859	Quinta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Augusto Cesar de Lacerda	Não informado	A probidade	Drama	2 atos	
16/06/1859	Quinta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Antonio Moutinho de Souza	Os amores de um marinheiro	Cena-cômica	1 ato	
16/06/1859	Quinta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	De Giovani; Heller; Freitas; Almeida e Jesuina (no papel do estudante Alfredo)	O perdão d'acto	Comédia ornada de música	2 atos	
18/06/1859	Sábado	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Ernesto Biester	Gabriella; Jesuina. Velluti; Ludovina; De-Giovani; Moutinho; Graça; Paiva; Militão e Acacio.	A caridade na sombra	Drama	3 atos	
18/06/1859	Sábado	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Camilo Castelo Branco	Ludovina; Velluti; Furtado Coelho; Moutinho; De-Giovani; Graça; Almeida; Militão; Freitas; Arthur; Acacio e Eduardo.	Purgatório e Paraíso	Drama	3 atos	
19/06/1859	Domingo	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Augusto Cesar de Lacerda	Não informado	A probidade	Drama	2 atos	
19/06/1859	Domingo	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Ernest Legouvé	Gabriella; Jesuina; Velluti; Ludovina; Julia; Furtado Coelho; Martins; Paiva; Militão e Heler.	Por direito de conquista	Drama	3 atos	

19/06/1859	Domingo	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Antonio Moutinho de Souza	Efeitos do vinho novo	Cena-cômica	1 ato	
22/06/1859	Quarta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Augusto Cesar de Lacerda	Velluti; Ludovina; Jesuína; Elisa; Maria; Furtado Coelho; Moutinho; Paiva; Graça; Martins; Militão; Freitas; Pacheco; Arthur; Castro; Acacio; Eduardo.	A probidade	Drama	2 atos	Benefício da atriz Josephina dos Santos Miró. Espetáculo cancelado.
22/06/1859	Quarta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Maria Velluti	Júlia; Josephina; Martins e Acacio.	A viúva das camélias	Comédia	1 ato	
23/06/1859	Quinta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Augusto Cesar de Lacerda	Não informado	A probidade	Drama	2 atos	
23/06/1859	Quinta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Não informado	Efeitos do vinho novo	Cena-cômica	1 ato	
23/06/1859	Quinta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Imitação de José Romano	Não informado	Miguel, o torneiro	Comédia ornada de música	1 ato	
24/06/1859	Sexta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Ernesto Biester	Gabriella; Jesuina. Velluti; Ludovina; De-Giovani; Moutinho; Graça; Paiva; Militão e Acacio.	A caridade na sombra	Drama	3 atos	
24/06/1859	Sexta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Antonio Moutinho de Souza	Os amores de um marinheiro	Cena-cômica	1 ato	
24/06/1859	Sexta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Ernest Legouvé	Gabriella; Jesuina; Velluti; Ludovina; Julia; Furtado Coelho; Martins; Paiva; Militão e Eduardo.	Por direito de conquista	Drama	3 atos	
25/06/1859	Sábado	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Augusto Cesar de Lacerda	Velluti; Ludovina; Jesuína; Elisa; Maria; Furtado Coelho; Moutinho; Paiva; Graça; Martins; Militão; Freitas; Pacheco; Arthur; Castro; Acacio; Eduardo.	A probidade	Drama	2 atos	Benefício da atriz Josephina dos Santos Miró. Espetáculo cancelado.
25/06/1859	Sábado	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Maria Velluti	Júlia; Josephina; Martins e Acacio.	A viúva das camélias	Comédia	1 ato	
26/06/1859	Domingo	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Augusto Cesar de Lacerda	Não informado	A probidade	Drama	2 atos	
26/06/1859	Domingo	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Antonio Moutinho de Souza	Efeitos do vinho novo	Cena-cômica	1 ato	
26/06/1859	Domingo	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Mendes Leal	Ludovina; Julia; Martins; Paiva; Graça e Castro	A afilhada do barão	Comédia	2 atos	
27/06/1859	Segunda-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Ernest Legouvé	Gabriella; Jesuina; Velluti; Ludovina; Clotilde; Furtado Coelho; Martins; Paiva; Militão e Eduardo.	Por direito de conquista	Drama	3 atos	Benefício da atriz Clotilde Benedetti de Sá.
27/06/1859	Segunda-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Claivirille e Lambert Thiboust	Jesuina; Clotilde; De Giovani e Martins	A corda sensível	Comédia ornada de música	1 ato	

27/06/1859	Segunda-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Imitação de José Romano	Ludovina; Furtado Coelho e Antonio Moutinho.	Miguel, o torneiro	Comédia ornada de música	1 ato	
27/06/1859	Segunda-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Jesuína (no papel do estudante de Coimbra, Alfredo)	O perdão d'acto	Comédia ornada de música	2 atos	
29/06/1859	Quarta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Augusto Cesar de Lacerda	Não informado	A probidade	Drama	2 atos	
29/06/1859	Quarta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Ludovina; Furtado Coelho e Moutinho.	A saia balão e o colarinho de papelão	Comédia	1 ato	
29/06/1859	Quarta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Mendes Leal Junior	Ludovina; Julia; Martins; Paiva; Graça e Castro.	A afilhada do barão	Comédia	2 atos	
30/06/1859	Quinta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Augusto Cesar de Lacerda	Não informado	A probidade	Drama	2 atos	
30/06/1859	Quinta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Mendes Leal Junior	Ludovina; Julia; Martins; Paiva e Graça.	A afilhada do barão	Comédia	2 atos	
3/07/1859	Domingo	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Duvert e Lauzanne Tradução de Bivar Filho	Martins (Jonas); Heller(Lapret); Militão (Raphael); Almeida (Langlumé); Acácio (João); Pacheco (um amigo); Eduardo (um amigo); Julia (Evelina); Ludovina (Thereza).	O suplício de tântalo	Comédia	2 atos	1ª apresentação
3/07/1859	Domingo	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Augusto Cesar de Lacerda	Não informado	A probidade	Drama	2 atos	
3/07/1859	Domingo	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Antonio Moutinho de Souza	Efeitos do vinho novo	Cena-cômica	1 ato	
5/07/1859	Terça-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Alfredo Hogan	Heller (Duque de S. Marcos); Furtado Coelho (Eugenio de Menezes); Paiva (C. de Andrade); Moutinho (J. Porto Alegre); Graça (o marques do Lago); Militão (A. de Castro); Eduardo (A. de Souza); Gomes (Fidalgo); Pacheco (Fidalgo); Almeida (Fidalgo); Gabriella (D. Maria de S. Marcos); Velluti (Luiza); Julia (Carlota); Castro (tabelião); Acácio (criado); Arthur (criado).	Ninguém julgue pelas aparências	Comédia-Drama	3 atos	1ª apresentação
5/07/1859	Terça-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Duvert e Lauzanne Tradução de Bivar Filho	Martins; Heller; Militão; Almeida; Acácio; Julia; Ludovina	O suplício de tântalo	Comédia	2 atos	

6//07/1859	Quarta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Augusto Cesar de Lacerda	Não informado	A probidade	Drama	2 atos	Benefício de uma família necessitada. Espectáculo cancelado em razão da moléstia do ator Paiva.
6//07/1859	Quarta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Duvert e Lauzanne Tradução de Bivar Filho	Martins; Heller; Militão; Almeida; Acácio; Julia; Ludovina	O suplício de tântalo	Comédia	2 atos	Espectáculo cancelado em razão da moléstia do ator Paiva.
9//07/1859	Sábado	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Alfredo Hogan	Heller (Duque de S. Marcos); Furtado Coelho (Eugenio de Menezes); Paiva (Candido de Andrade); Moutinho (Jorge Porto Alegre); Graça (o marques do Lago); Militão (Augusto de Castro); Eduardo (Anibal de Souza); Pacheco (Fidalgo); Almeida (Fidalgo); Gabriella (D. Maria de S. Marcos); Velluti (Luiza); Julia (Carlota); Castro (um fidalgo); Acácio (um criado); Arthur (criado).	Ninguém julgue pelas aparências	Comédia-Drama	3 atos	
9//07/1859	Sábado	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Duvert e Lauzanne Tradução de Bivar Filho	Martins; Heller; Militão; Almeida; Eduardo; Pacheco; Julia; Ludovina	O suplício de tântalo	Comédia	2 atos	
10/07/1859	Domingo	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Alfredo Hogan	Gabriella; Velluti; Ludovina; Julia; Elisa; Maria; Furtado Coelho; Moutinho; Graça; Paiva; Heller; Militão; Eduardo; Arthur; Castro; Leal.	Ninguém julgue pelas aparências	Comédia-Drama	3 atos	
10/07/1859	Domingo	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Imitação de José Romano	Ludovina; Furtado Coelho e Moutinho.	Miguel, o torneiro	Comédia	1 ato	
10/07/1859	Domingo	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Antonio Moutinho de Souza	Efeitos do vinho novo	Cena-cômica	1 ato	
10/07/1859	Domingo	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Mendes Leal Junior	Ludovina; Julia; Martins; Paiva; Graça e Castro.	A afilhada do barão	Comédia	2 atos	
11/07/1859	Segunda-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Alfredo Hogan	Não informado	Ninguém julgue pelas aparências	Comédia-Drama	3 atos	Nos intervalos ocorreu apresentações musicais.
11/07/1859	Segunda-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Duvert e Lauzanne Tradução de Bivar Filho	Não informado	O suplício de tântalo	Comédia	2 atos	
12/07/1859	Terça-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Augusto Cesar de Lacerda	Não informado	A probidade	Drama	2 atos	
12/07/1859	Terça-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Duvert e Lauzanne	Não informado	O suplício de tântalo	Comédia	2 atos	

13//07/1859	Quarta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Augusto Cesar de Lacerda	Moutinho (Francisco); Furtado Coelho (Fernando); Heller (Seabra); Militão (Frederico); Martins (Amancio); Leal Junior (Anacleto); Acacio (José); Gabriella (Constança); Julia (Genoveva); Ludovina (Margarida); Velluti (Rosa).	Dois Mundos	Drama	3 atos	
13//07/1859	Quarta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Labiche e Mareaux	Martins (Botafogo); Militão (Barbalhão); Graça (Amadêo); Velluti (Olympia); Julia (Rita).	Os maridos no prego	Comédia ornada de música	1 ato	
14//07/1859	Quinta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Alfredo Hogan	Não informado	Ninguém julgue pelas aparências	Comédia-Drama	3 atos	Benefício de um cego
14//07/1859	Quinta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Antonio Moutinho de Souza	Efeitos do vinho novo	Cena-cômica	1 ato	
14//07/1859	Quinta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Duvert e Lauzanne Tradução de Bivar Filho	Não informado	O suplício de tântalo	Comédia	2 atos	
15//07/1859	Sexta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Augusto Cesar de Lacerda	Não informado	A probidade	Drama	2 atos	Benefício de um artista
15//07/1859	Sexta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Mendes Leal Junior	Não informado	A afilhada do barão	Comédia	2 atos	
16//07/1859	Sábado	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Augusto Cesar de Lacerda	Moutinho (Francisco); Furtado Coelho (Fernando); Heller (Seabra); Militão (Frederico); Martins (Amancio); Leal Junior (Anacleto); Acacio (José); Gabriella (Constança); Julia (Genoveva); Ludovina (Margarida); Velluti (Rosa).	Dois Mundos	Drama	3 atos	
16//07/1859	Sábado	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Labiche e Mareaux	Martins (Botafogo); Militão (Barbalhão); Graça (Amadêo); Velluti (Olympia); Julia (Rita).	Os maridos no prego	Comédia ornada de música	1 ato	
17//07/1859	Domingo	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Augusto Cesar de Lacerda	Moutinho (Francisco); Furtado Coelho (Fernando); Heller (Seabra); Militão (Frederico); Martins (Amancio); Leal Junior (Anacleto); Acacio (José); Gabriella (Constança); Julia (Genoveva); Ludovina (Margarida); Velluti (Rosa).	Dois Mundos	Drama	3 atos	
17//07/1859	Domingo	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Labiche e Mareaux	Martins (Botafogo); Militão (Barbalhão); Graça (Amadêo); Velluti (Olympia); Julia (Rita).	Os maridos no prego	Comédia ornada de música	1 ato	
18//07/1859	Terça-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Augusto Cesar de Lacerda	Gabriella; Velluti; Ludovina; Julia; Furtado Coelho; Moutinho; Heller; Martins; Militão; Leal Junior e Arthur	Dois Mundos	Drama	3 atos	
18//07/1859	Terça-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Antonio Moutinho de Souza	O veterano	Cena-séria		



18/07/1859	Terça-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Labiche e Mareaux	Martins; Militão; Graça; Arthur; Castro; Leal Junior; Velluti; Julia	Os maridos no prego	Comédia ornada de música	1 ato	
21/07/1859	Quinta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Augusto Cesar de Lacerda	Gabriella; Velluti; Ludovina; Julia; Furtado Coelho; Moutinho; Heller; Martins; Militão; Leal Junior e Arthur	Dois Mundos	Drama	3 atos	Benefício do cego Antonio Manoel da Silva.
21/07/1859	Quinta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Mendes Leal Junior	Ludovina; Julia; Martins; Paiva; Graça; Castro.	A afilhada do barão	Comédia	2 atos	
23//07/1859	Sábado	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Alfredo Hogan	Entram em cena os principais atores.	Ninguém julgue pelas aparências	Drama	3 atos	
23//07/1859	Sábado	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Antonio Moutinho de Souza	Efeitos do vinho novo	Cena-cômica	1 ato	
23//07/1859	Sábado	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Mendes Leal Junior	Não informado	A afilhada do barão	Comédia	2 atos	
24//07/1859	Domingo	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Augusto Cesar de Lacerda	Não informado	A probidade	Drama	2 atos	
24//07/1859	Domingo	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Martins	Nariz!... e companhia	Cena-cômica	1 ato	
24//07/1859	Domingo	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Augusto Cesar de Lacerda	Não informado	Dois Mundos	Drama	3 atos	
30/07/1859	Sábado	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Alexandre Dumas Filho	Gabriella (Margarida Gauthier); Ludovina (Nichette); Julia (Prudencia); Velluti (Olympia); Laura (Anais); Paiva (Armando Duval); Heller (Sr. Duval); Martins (Gastão Rieux); Graça (Saint Gaudens); Leal Junior (Gustavo); Militão (Conde de Giray); Almeida (Sr. de Varville); Lisboa (o doutor); Arthur (Arthur); Pacheco (um carteiro); Castro (um criado); Torquato (Valentim).	A dama das camélias	Drama	5 atos	
30/07/1859	Sábado	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Labiche e Mareaux	Martins; Militão; Graça; Velluti; Julia	Os maridos no prego	Comédia ornada de música	1 ato	
31//07/1859	Domingo	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Alexandre Dumas Filho	Não informado	A dama das camélias	Drama	5 atos	
31//07/1859	Domingo	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Antonio Moutinho de Souza	Efeitos do vinho novo	Cena-cômica	1 ato	
31//07/1859	Domingo	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Labiche e Mareaux	Martins; Militão; Graça; Velluti; Julia	Os maridos no prego	Comédia ornada de música	1 ato	
3/08/1859	Quarta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Alexandre Dumas Filho	Não informado	A dama das camélias	Drama	5 atos	

3/08/1859	Quarta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Mendes Leal Junior	Não informado	A afilhada do barão	Comédia	2 atos	
6//08/1859	Sábado	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Leon Battu e Maurice Desvignrs  Tradução: J.M. de Andrade Ferreira	Heller (Mauricio de Chennevières); Moutinho (Jorge de Maubreuil); Paiva (Paulo de Chennevières); Militão (Edmundo Roger); Martins (Visconde); Lisboa (Lord Derby); Leal Junior (cavalheiro de Laroche); Gabriella (Elisa de Chennevières); Velluti (Baronesa de Origny); Ludovina (Mathilde de Chennevières); Pacheco (um criado).	A honra de uma família	Drama	5 atos	1ª apresentação  Benefício de Ludovina De-Vecchi.
6//08/1859	Sábado	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Labiche e Mareaux	Martins; Militão; Graça; Velluti; Julia	Os maridos no prego	Comédia ornada de música	1 ato	
7//08/1859	Domingo	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Leon Battu e Maurice Desvignrs  Trad. J.M. de Andrade Ferreira	Os mesmos atores e atrizes da estreia	A honra de uma família	Drama	5 atos	
7//08/1859	Domingo	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Labiche e Mareaux	Martins; Militão; Graça; Velluti; Julia	Os maridos no prego	Comédia ornada de música	1 ato	
9/08/1859	Terça-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Leon Battu e Maurice Desvignrs  Tradução: J.M. de Andrade Ferreira	Gabriella; Velluti; Ludovina; Furtado Coelho; Moutinho; Martins; Paiva; Heller; Lisboa e Castro.	A honra de uma família	Drama	5 atos	
9/08/1859	Terça-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Labiche e Mareaux	Martins; Militão; Graça; Velluti; Julia	Os maridos no prego	Comédia ornada de música	1 ato	
13//08/1859	Sábado	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Augusto Cesar de Lacerda	Furtado Coelho (Henrique Soares)	A probidade	Drama	2 atos	
13//08/1859	Sábado	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Imitação de José Romano	Ludovina; Furtado Coelho e Antonio Moutinho.	Miguel, o torneiro	Comédia ornada de música	1 ato	
13//08/1859	Sábado	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Labiche e Mareaux	Martins; Militão; Graça; Velluti; Julia	Os maridos no prego	Comédia ornada de música	1 ato	

14/08/1859	Domingo	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Mendes Leal Junior	Joaquim Augusto (Conde de S. Thiago); Paiva (Francisco de Athaide); Freire (José Augusto); Martins (Jeronymo de Melo); Militão (José de Albuquerque); Graça (Manoel Maria); Furtado Coelho (Pedro); Arthur (Domingos); Gabriella (Maria de Rezende); Velluti (Joanna); Elisa (Eugenia); Ludovina (Thereza).	Pedro	Drama	5 atos	Estreia do ator Joaquim Augusto Ribeiro de Souza
14/08/1859	Domingo	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Antonio Moutinho de Souza	Os amores de um marinheiro	Cena-séria	1 ato	
14/08/1859	Domingo	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Labiche e Mareaux	Martins; Militão; Graça; Velluti; Ludovina	Os maridos no prego	Comédia ornada de música	1 ato	
15/08/1859	Segunda-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Augusto Cesar de Lacerda	Furtado Coelho (Aspirante Soares); Moutinho (Manoel Escota)	A proibidade	Drama	2 atos	
15/08/1859	Segunda-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Antonio Moutinho de Souza	Efeitos do vinho novo	Cena-cômica	1 ato	
15/08/1859	Segunda-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Graça (Job, Cara-Linda); Freitas (Pedro); Arthur (Lambert); Militão (Pochard); Ludovina (Nina).	O Cara Linda pregador de cartazes	Comédia ornada de música	2 atos	
17/08/1859	Quarta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Mendes Leal Junior	Joaquim Augusto; Furtado Coelho; Gabriella da Cunha e restante da companhia	Pedro	Drama	5 atos	
17/08/1859	Quarta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Freitas; Arthur; Graça; Militão e Ludovina.	O Cara Linda pregador de cartazes	Comédia ornada de música	2 atos	
18/08/1859	Quinta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Augusto Cesar de Lacerda	Não informado	A proibidade	Drama	2 atos	
18/08/1859	Quinta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Freitas; Arthur; Graça; Militão e Ludovina.	O Cara Linda pregador de cartazes	Comédia ornada de música	2 atos	
21/08/1859	Domingo	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Siraudin; Henri Chivot e Alfred Duru.  Tradução de F. Gonçalves Braga	Graça (Panoufle); Martins (Bavolet); Paiva (Charauçon); Heller (Van-Trupfel); Militão (Balitmore); Freitas (Pastelão); Arthur (José); Pacheco (um agente da polícia); Torquato (um criado); Carvalho (um camponês); Gabriella (Condessa de Las-Bergas); Velluti (Sra. Charauçon); Ludovina (Hemriqueta); Julia (Eufrasia); Laura (Marietta); N.N. (dois meninos); N.N. (um dito de 9 meses).	Meu Nariz! Meus Olhos! Minha Boca!	Comédia ornada de música	3 atos	
21/08/1859	Domingo	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Antonio Moutinho de Souza	Os amores de um marinheiro	Cena-séria	1 ato	
21/08/1859	Domingo	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Freitas; Arthur; Graça; Militão; Torquato e Ludovina.	O Cara Linda pregador de cartazes	Comédia ornada de música	2 atos	

22/08/1859	Segunda-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Augusto Cesar de Lacerda	Não informado	A probidade	Drama	2 atos	Benefício da Irmandade de Santo Antônio dos Pobres
22/08/1859	Segunda-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Não informado	O Cara Linda pregador de cartazes	Comédia ornada de música	2 atos	
23/08/1859	Terça-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Siraudin; Henri Chivot e Alfred Duru.  Tradução de F. Gonçalves Braga	Graça; Martins; Paiva; Heller; Militão; Freitas; Arthur; Pacheco; Torquato; Gabriella Velluti; Ludovina; Julia; Laura e três meninos.	Meu Nariz! Meus Olhos! Minha Boca!	Comédia ornada de música	3 atos	Benefício do ator Martins.  Estreia da atriz Maria Magdalena de Almeida.
23/08/1859	Terça-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Almeida Garret	Ludovina; Julia; Maria Magdalena; Martins; Paiva; Arthur; Pacheco e Torquato.	O noivado no dá fundo ou Cada terra com seu uso, cada roca com seu fuso.	Provérbio	1 ato	
24/08/1859	Quarta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Augusto Cesar de Lacerda	Não informado	A probidade	Drama	2 atos	
24/08/1859	Quarta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Siraudin; Henri Chivot e Alfred Duru.  Tradução de F. Gonçalves Braga	Graça (Panoufle); Martins (Bavolet); Paiva (Charauçon); Heller (Van-Trupfel); Militão (Balitmore); Freitas (Pastelão); Arthur (José); Pacheco (um agente da polícia); Torquato (um criado); Carvalho (um camponês); Gabriella (Condessa de Las-Bergas); Velluti (Sra. Charauçon); Ludovina (Hemriqueta); Julia (Eufrasia); Laura (Marietta).	Meu Nariz! Meus Olhos! Minha Boca!	Comédia ornada de música	3 atos	
25/08/1859	Quinta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Augusto Cesar de Lacerda	Não informado	A probidade	Drama	2 atos	Benefício da Sociedade Ypiranga
25/08/1859	Quinta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Antonio Moutinho de Souza	Efeitos do vinho novo	Cena-cômica	1 ato	
25/08/1859	Quinta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Mendes Leal Junior	Não informado	A afilhada do barão	Comédia	2 atos	
28/08/1859	Domingo	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Augusto Cesar de Lacerda	Não informado	A probidade	Drama	2 atos	
28/08/1859	Domingo	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Faustino Xavier de Novaes	Antonio Moutinho de Souza	O ator	Cena-Cômica	1 ato	
28/08/1859	Domingo	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Imitação de José Romano	Ludovina; Furtado Coelho e Antonio Moutinho.	Miguel, o torneiro	Comédia ornada de música	1 ato	

28/08/1859	Domingo	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Labiche e Mareaux	Martins; Militão; Graça; Velluti; Julia	Os maridos no prego	Comédia ornada de música	1 ato	
29/08/1859	Segunda-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Augusto Cesar de Lacerda	Furtado Coelho; Moutinho; Paiva; Martins; Graça; Velluti; Ludovina.	A probidade	Drama	2 atos	Benefício do ator Francisco de Amorim Lima Vianna.
29/08/1859	Segunda-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Ludovina; Graça; Militão; Freitas; Arthur e Torquato.	O Cara Linda pregador de cartazes	Comédia ornada de música	2 atos	
30/08/1859	Terça-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Augusto Cesar de Lacerda	Moutinho; Furtado; Paiva Graça; Martins; Militão; Heller; Velluti; Ludovina; etc.	A probidade	Drama	2 atos	Benefício da atriz Jesuína Montani de Giovani.
30/08/1859	Terça-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Labiche e Mareaux	Martins; Graça; Velluti; Julia	Os maridos no prego	Comédia ornada de música	1 ato	
3/09/1859	Sábado	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Theodore Barrière Tradução de Maria Velluti	Furtado Coelho (Roberto); Joaquim Augusto (Picherie); Moutinho (Mathurino); Heller (o estrangeiro); Paiva (Raymundo); Militão (Bernard); Almeida (Silvio); Velluti (Henriqueta); Magdalena (Marta); Julia (Duquesa de Royen); Ludovina (Maria); Freitas (Barão de Sethaniel); Torquato (Chavigni); Pacheco (De Biangy); Graça (um leiloeiro); Machado (um camponez); Arthur (Belzebut).	O asno morto	Drama	5 atos	1ª apresentação.
4/09/1859	Domingo	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Theodore Barrière Tradução de Maria Velluti	Os mesmos atores e atrizes da primeira apresentação	O asno morto	Drama	5 atos	
6/09/1859	Terça-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Theodore Barrière Tradução de Maria Velluti	Os mesmos atores e atrizes da primeira apresentação	O asno morto	Drama	5 atos	
6/09/1859	Terça-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Ludovina; Graça; Militão; Freitas; Arthur e Torquato.	O Cara Linda pregador de cartazes	Comédia ornada de música	2 atos	
7/09/1859	Quarta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Theodore Barrière Tradução de Maria Velluti	Os mesmos atores e atrizes da primeira apresentação	O asno morto	Drama	5 atos	

7/09/1859	Quarta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Mendes Leal Junior	Ludovina; Julia; Graça; Martins; Paiva e Freitas.	A afilhada do barão	Comédia	2 atos	
10/09/1859	Sábado	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Theodore Barrière Tradução de Maria Velluti	Velluti; Ludovina; Julia; Magdalena; Furtado Coelho; Joaquim Augusto; Moutinho; Militão; Almeida; Paiva; Heller; Torquato e Arthur.	O asno morto	Drama	5 atos	
10/09/1859	Sábado	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Faustino Xavier de Novaes	Antonio Moutinho de Souza	O ator	Cena-Cômica	1 ato	
10/09/1859	Sábado	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Não informado	O Cara Linda pregador de cartazes	Comédia ornada de música	2 atos	
11/09/1859	Domingo	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Augusto Cesar de Lacerda	Moutinho (Francisco); Furtado Coelho (Fernando); Heller (Seabra); Militão (Frederico); Martins (Amancio); Freitas (Anacleto); Arthur (José); Gabriella (Constança); Julia (Genoveva); Ludovina (Margarida); Velluti (Rosa).	Dois Mundos	Drama	3 atos	
11/09/1859	Domingo	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Faustino Xavier de Novaes	Antonio Moutinho de Souza	O ator	Cena-Cômica	1 ato	
11/09/1865	Domingo	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Siraudin; Henri Chivot e Alfred Duru. Tradução de F. Gonçalves Braga	Graça (Panoufle); Martins (Bavolet); Paiva (Charauçon); Heller (Van-Trupfel); Militão (Balitmore); Freitas (Pastelão); Arthur (José); Pacheco (um agente da polícia); Torquato (um criado); Carvalho (um camponês); Gabriella (Condessa de Las-Bergas); Velluti (Sra. Charauçon); Ludovina (Hemriqueta); Julia (Eufrasia); Laura (Marietta); N.N. (um menino de 5 anos); N.N. (um dito de 6 anos); N.N. (um dito de 9 meses).	Meu Nariz! Meus Olhos! Minha Boca!	Comédia ornada de música	3 atos	
14/09/1859	Quarta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Augusto Cesar de Lacerda	Moutinho; Furtado Coelho; Heller; Militão; Martins; Freitas; Arthur; Gabriell; Julia; Ludovina; Velluti.	Dois Mundos	Drama	3 atos	
14/09/1859	Quarta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Siraudin; H. Chivot e A. Duru. Tradução de F. Gonçalves Braga	Graça; Martins; Paiva; Heller; Militão; Freitas; Arthur; Torquato; Gabriella; Velluti; Ludovina; Julia; Laura.	Meu Nariz! Meus Olhos! Minha Boca!	Comédia ornada de música	3 atos	
14/09/1859	Quarta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Faustino Xavier de Novaes	Antonio Moutinho de Souza	O ator	Cena-Cômica	1 ato	

16/09/1859	Sexta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Ludovina; Gabriella; Furtado Coelho; Militão	Nem por muito madrugar amanhece mais cedo	Provérbio	1 ato	
16/09/1859	Sexta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Theodore Barrière Tradução de Maria Velluti	Velluti; Ludovina; Julia; Magdalena; Furtado Coelho; Joaquim Augusto; Moutinho; Militão; Graça; Paiva; Heller.	O asno morto	Drama	5 atos	Benefício de Maria Velluti.
16/09/1859	Sexta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Paulo de Kock	Graça (Barbilhão); Martins; Militão; Ludovina e Julia (Marina).	Um lobo do mar	Comédia ornada de música	1 ato	Primeira apresentação
18/09/1859	Domingo	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Leon Battu e Maurice Desvignrs	Heller (Mauricio de Chennevières); Joaquim Augusto (Jorge de Maubreuil); Furtado Coelho (Paulo de Chennevières); Paiva (Edmundo Roger); Martins (Visconde); Militão (Lord Derby); Almeida (cavalheiro de Laroche); Gabriella (Elisa de Chennevières); Velluti (Baronesa de Origny); Ludovina (Mathilde de Chennevières).	A honra de uma família	Drama	5 atos	
18/09/1859	Domingo	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Antonio Moutinho de Souza	Efeitos do vinho novo	Cena-cômica	1 ato	
18/09/1859	Domingo	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Paulo de Kock	Graça; Martins; Militão; Ludovina e Julia.	Um lobo do mar	Comédia ornada de música	1 ato	
20/09/1859	Terça-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Leon Battu e Maurice Desvignrs	Furtado Coelho (Paulo de Chennevières); Heller (Mauricio de Chennevières); Joaquim Augusto (Jorge de Maubreuil) Paiva (Edmundo Roger); Martins (Visconde); Militão (Lord Derby); Almeida (cavalheiro de Laroche); Gabriella (Elisa de Chennevières); Velluti (Baronesa de Origny); Ludovina (Mathilde de Chennevières).	A honra de uma família	Drama	5 atos	
20/09/1859	Terça-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Faustino Xavier de Novaes	Antonio Moutinho de Souza	O ator	Cena-Cômica	1 ato	
20/09/1859	Terça-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Paulo de Kock	Graça; Martins; Militão; Ludovina e Julia.	Um lobo do mar	Comédia ornada de música	1 ato	
22/09/1859	Quinta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Ernesto Cibrão	Não informado	Luiz	Drama	3 atos	Benefício de Furtado Coelho
22/09/1859	Quinta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Faustino Xavier de Novaes	Não informado	Um Bernardo em dois volumes	Comédia ornada de música	1 ato	

23/09/1859	Sexta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Ernesto Cibrão	Furtado Coelho (Luiz); Joaquim Augusto (o morgado de Vallindo); Moutinho (Balthazar); Heller (Duarte de Moraes); Graça (Joaquim); Gabriella (Elisa); Galdino (Francisco); N.N. (um padre).	Luiz	Drama	3 atos	
23/09/1859	Sexta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Faustino Xavier de Novaes	Martins (Eduardo Lima); Militão (Felix); Paiva (Sebastião Borromeu); Freitas (Caetano); Galdino (Domingos); Ludovina (Emilia); Arthur (Bernardo).	Um Bernardo em dois volumes	Comédia ornada de música	1 ato	
25/09/1859	Domingo	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Ernesto Cibrão	Furtado Coelho (Luiz); Joaquim Augusto (o morgado de Vallindo); Moutinho (Balthazar); Heller (Duarte de Moraes); Graça (Joaquim); Gabriella (Elisa); Galdino (Francisco); N.N. (um padre).	Luiz	Drama	3 atos	
25/09/1859	Domingo	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Faustino Xavier de Novaes	Martins (Eduardo Lima); Militão (Felix); Paiva (Sebastião Borromeu); Freitas (Caetano); Galdino (Domingos); Ludovina (Emilia); Arthur (Bernardo).	Um Bernardo em dois volumes	Comédia ornada de música	1 ato	
27/09/1859	Terça-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	José da Silva Mendes Leal Junior	Gabriella; Velluti; Ludovina; Julia; Furtado Coelho; Joaquim Augusto; Paiva; Martins; Freitas; Graça.	Pedro	Drama	5 atos	Benefício de Felício Martins da Silva, porteiro das cadeiras do Teatro Ginásio.
27/09/1859	Terça-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Paulo de Kock	Não informado.	Um lobo do mar	Comédia ornada de música	1 ato	
27/09/1859	Terça-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Labiche e Mareaux	Não informado.	Os maridos no prego	Comédia ornada de música	1 ato	
29/09/1859	Quinta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Leon Battu e Maurice Desvignrs	Furtado Coelho (Paulo de Chennevières); Heller (Maurício de Chennevières); Joaquim Augusto (Jorge de Maubreuil) Paiva (Edmundo Roger); Martins (Visconde); Militão (Lord Derby); Almeida (cavalheiro de Laroche); Gabriella (Elisa de Chennevières); Velluti (Baronesa de Origny); Ludovina (Mathilde de Chennevières); Pacheco (um criado).	A honra de uma família	Drama	5 atos	Benefício de Julia Heller
29/09/1859	Quinta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Mendes Leal Junior	Ludovina; Julia; Graça; Martins; Paiva e Freitas.	A afilhada do barão	Comédia	2 atos	
1/10/1859	Sábado	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Ernesto Cibrão	Furtado Coelho; Joaquim Augusto; Moutinho; Heller; Graça; Gabriella; Galdino.	Luiz	Drama	3 atos	
1/10/1859	Sábado	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Faustino Xavier de Novaes	Não informado	Um Bernardo em dois volumes	Comédia ornada de música	1 ato	
1/10/1859	Sábado	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Ludovina. Graça; Militão; Freitas e Arthur.	O Cara Linda pregador de cartazes	Comédia ornada de música	2 atos	



2/10/1859	Domingo	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Ernesto Cibrão	Furtado Coelho; Joaquim Augusto; Moutinho; Heller; Graça; Gabriella; Galdino.	Luiz	Drama	3 atos	
2/10/1859	Domingo	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Siraudin; H. Chivot e A. Duru.  Tradução de F. Gonçalves Braga	Graça; Martins; Paiva; Heller; Militão; Freitas; Arthur; Galdino; Gabriella; Velluti; Ludovina; Julia; Laura.	Meu Nariz! Meus Olhos! Minha Boca!	Comédia ornada de música	3 atos	
5/10/1859	Quarta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Ernesto Cibrão	Furtado Coelho; Joaquim Augusto; Moutinho; Heller; Graça; Gabriella; Galdino.	Luiz	Drama	3 atos	
5/10/1859	Quarta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Faustino Xavier de Novaes	Ludovina; Martins; Paiva; Militão; Freitas; Galdino; Arthur.	Um Bernardo em dois volumes	Comédia ornada de música	1 ato	
5/10/1859	Quarta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Ludovina; Gabriella; Furtado Coelho; Militão	Nem por muito madrugar amanhece mais cedo	Provérbio	1 ato	
5/10/1859	Quarta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Paulo de Kock	Ludovina; Julia; Martins; Graça e Militão.	Um lobo do mar	Comédia ornada de música	1 ato	
7/10/1859	Sexta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Ernesto Cibrão	Não informado	Luiz	Drama	3 atos	
7/10/1859	Sexta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Martins (Heitor); Graça (Bertholdo); Militão (Aniceto); Velluti (Rosita); Arthur (Chilperio); Torquato (Leonardo); Galdino (João); Carvalho (Eugenio).	Os ovos de ouro	Comédia ornada de música	1 ato	
7/10/1859	Sexta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Paulo de Kock	Não informado	Um lobo do mar	Comédia ornada de música	1 ato	
9/10/1859	Domingo	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Augusto Cesar de Lacerda	Não informado	A probidade	Drama	2 atos	
9/10/1859	Domingo	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Velluti; Martins; Graça; Militão; Freitas; Torquato; Galdino.	Os ovos de ouro	Comédia ornada de música	1 ato	
11/10/1859	Terça-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Augusto Cesar de Lacerda	Não informado	A probidade	Drama	2 atos	Estreia do ator português Alfredo Tremoulet Silva.
11/10/1859	Terça-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Alfredo Tremoulet	A guerra de Italia	Cena-cômica	1 ato	
11/10/1859	Terça-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Velluti; Martins; Graça; Militão; Freitas; Arthur; Galdino.	Os ovos de ouro	Comédia ornada de música	1 ato	

12/10/1859	Quarta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Ernesto Cibrão	Furtado Coelho; Joaquim Augusto; Moutinho; Heller; Graça; Ludovina; Galdino.	Luiz	Drama	2 atos	
12/10/1859	Quarta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Alfredo Tremoulet	A guerra de Italia	Cena-cômica	1 ato	
12/10/1859	Quarta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Velluti; Martins; Graça; Militão; Freitas; Arthur; Galdino.	Os ovos de ouro	Comédia ornada de música	1 ato	
12/10/1859	Quarta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Faustino Xavier de Novaes	Ludovina; Martins; Paiva; Militão; Freitas; Galdino; Arthur.	Um Bernardo em dois volumes	Comédia ornada de música	1 ato	
14/10/1859	Sexta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	P. Dumanoir	Furtado (Gustavo Chatelard); Julia (Delphina); Velluti (Sra. Ris); Magdalena (Sra. Bonnassieux); Joaquim Augusto (Pommerol); Paiva (Max Fauvel); Heller (Conde Daranda); Graça (Sr. Bonnassieux); Arthur (Rouget); Galdino (Germano).	As mulheres terríveis	Drama	3 atos	1 apresentação
14/10/1859	Sexta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Alfredo Tremoulet	A guerra de Italia	Cena-cômica	1 ato	
14/10/1859	Sexta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Não informado	Os ovos de ouro	Comédia ornada de música	1 ato	
15/10/1859	Sábado	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Ernesto Cibrão	Furtado Coelho; Joaquim Augusto; Moutinho; Heller; Graça; Gabriela; Galdino.	Luiz	Drama	2 atos	Espectáculo em benefício livre de assinatura. Não houve espetáculo. Foi transferido para o dia 24.
15/10/1859	Sábado	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Labiche e Mareaux	Não informado.	Os maridos no prego	Comédia ornada de música	1 ato	Não houve espetáculo.
15/10/1859	Sábado	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Faustino Xavier de Novaes	Não informado.	Um Bernardo em dois volumes	Comédia ornada de música	1 ato	Não houve espetáculo.
16/10/1859	Domingo	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	P. Dumanoir	Velluti; Julia e Magdalena; Furtado Coelho; Joaquim Augusto; Graça; Paiva e Arthur.	As mulheres terríveis	Drama	3 atos	
16/10/1859	Domingo	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Alfredo Tremoulet	A guerra de Italia	Cena-cômica	1 ato	
16/10/1859	Domingo	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Ernesto Cibrão	Furtado Coelho; Joaquim Augusto; Moutinho; Heller; Graça; Gabriela; Galdino.	Luiz	Drama	2 atos	
17/10/1859	Segunda-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	P. Dumanoir	Não informado	As mulheres terríveis	Drama	3 atos	Benefício do músico T. H. Canongia.  Esse mesmo músico realiza apresentação musical
17/10/1859	Segunda-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Faustino Xavier de Novaes	Não informado.	Um Bernardo em dois volumes	Comédia ornada de música	1 ato	

17/10/1859	Segunda-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Não informado	Os ovos de ouro	Comédia ornada de música	1 ato	
19/10/1859	Quarta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Augusto Cesar de Lacerda	Não informado	A probidade	Drama	2 atos	
19/10/1859	Quarta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Alfredo Tremoulet	A guerra de Italia	Cena-cômica	1 ato	
19/10/1859	Quarta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	P. Dumanoir	Velluti; Julia e Magdalena; Furtado Coelho; Joaquim Augusto; Graça; Paiva; Heller e Arthur.	As mulheres terríveis	Drama	3 atos	
20/10/1859	Quinta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	P. Dumanoir	Velluti; Julia e Magdalena; Furtado Coelho; Joaquim Augusto; Graça; Paiva; Heller; Arthur e Galdino	As mulheres terríveis	Drama	3 atos	Benefício do ator Militão Augusto de Azevedo
20/10/1859	Quinta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Ludovina, Furtado Coelho e Moutinho.	Miguel, o torneiro	Comédia	1 ato	
20/10/1859	Quinta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Velluti; Graça; Martins; Freitas; Arthur e Militão.	Os ovos de ouro	Comédia ornada de música	1 ato	
22/10/1859	Sábado	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Ernesto Biester	Furtado Coelho (Raphael); Heller (o Conde); Joaquim Augusto (Alexandre); Paiva (General); Martins (Comendador Atouguia); Isabel (Luiza); Gabriela (Clara); Maria Magdalena (D. Maria); Galdino (um criado).	Raphael	Drama	3 atos	1ª apresentação Estreia da atriz Isabel Maria Candida
22/10/1859	Sábado	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Isabel ( a marquesa); Julia (Emília); Martins (Luiz de Castro); Paiva (Eduardo).	Quero e não quero	Comédia	1 ato	
23/10/1859	Domingo	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Ernesto Biester	Furtado Coelho (Raphael); Heller (o Conde); Joaquim Augusto (Alexandre); Paiva (General); Martins (Atouguia); Isabel (Luiza); Gabriela (Clara); Maria Magdalena (D. Maria); Galdino (um criado).	Raphael	Drama	3 atos	
23/10/1859	Domingo	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Alfredo Tremoulet	A guerra de Italia	Cena-cômica	1 ato	
23/10/1859	Domingo	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Isabel ( a marquesa); Julia (Emília); Martins (Luiz de Castro); Paiva (Eduardo).	Quero e não quero	Comédia	1 ato	
24/10/1859	Segunda-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Ernesto Cibrão	Furtado Coelho; Joaquim Augusto; Moutinho; Heller; Graça; Gabriela; Galdino.	Luiz	Drama	2 atos	Espectáculo em benefício livre de assinatura.
24/10/1859	Segunda-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Alfredo Tremoulet	A guerra de Italia	Cena-cômica	1 ato	

24/10/1859	Segunda-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Paulo de Kock	Não informado	Um lobo do mar	Comédia ornada de música	1 ato	
24/10/1859	Segunda-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Faustino Xavier de Novaes	Não informado.	Um Bernardo em dois volumes	Comédia ornada de música	1 ato	
27/10/1859	Quinta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Augusto Cesar de Lacerda	Não informado	A probidade	Drama	2 atos	
27/10/1859	Quinta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Gabriella; Velluti; Ludovina; Julia; Laura; Martins; Graça; Paiva; Heller; Militão e outros.	Meu nariz! meus olhos! minha boca!			Benefício da atriz Laura da Conceição Fructuoso.
29/10/1859	Sábado	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Mendes Leal (Antônio)	Furtado Coelho (João de Mello); Militão (Antonio de Noronha); Joaquim Augusto (Francisco de Mello); Graça (José Evaristo); Martins (Marcelino Pessoa); Paiva (Manoel da Cunha); Eugênia (a Baronesa d'Almourol); Ludovina (Julia de Noronha); Arthur (Miguel Antunes); Silva (Bento Gallego).	Abel e Caim	Drama	3 atos	Estreia da atriz Eugênia Câmara.  1ª apresentação da peça
29/10/1859	Sábado	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Eugênia (Bertha); Magdalena (Felizarda); Graça (Pantaleon).	Bertha de Castigo	Entre ato cômico	1 ato	
30/10/1859	Domingo	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Mendes Leal (Antônio)	Furtado Coelho (João de Mello); Militão (Antonio de Noronha); Joaquim Augusto (Francisco de Mello); Graça (José Evaristo); Martins (Marcelino Pessoa); Paiva (Manoel da Cunha); Eugênia (a Baronesa d'Almourol); Ludovina (Julia de Noronha); Arthur (Miguel Antunes); Silva (Bento Gallego).	Abel e Caim	Drama	3 atos	
30/10/1859	Domingo	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Eugênia (Bertha); Magdalena (Felizarda); Graça (Pantaleon).	Bertha de Castigo	Entre ato cômico ornado de música	1 ato	
31/10/1859	Segunda-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Mendes Leal (Antônio)	Furtado Coelho (João de Mello); Militão (Antonio de Noronha); Joaquim Augusto (Francisco de Mello); Graça (José Evaristo); Martins (Marcelino Pessoa); Paiva (Manoel da Cunha); Eugênia (a Baronesa d'Almourol); Ludovina (Julia de Noronha); Arthur (Miguel Antunes); Silva (Bento Gallego).	Abel e Caim	Drama	3 atos	
31/10/1859	Segunda-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Eugênia (Bertha); Magdalena (Felizarda); Graça (Pantaleon).	Bertha de Castigo	Entre ato cômico ornado de música	1 ato	
1/11/1859	Terça-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Mendes Leal	Eugênia; Ludovina; Furtado; Joaquim Augusto; Martins; Silva; Graça; Paiva; Militão; Arthur.	Abel e Caim	Drama	3 atos	

1/11/1859	Terça-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Alfredo Tremoulet Silva	A guerra de Italia	Cena-cômica	1 ato	
1/11/1859	Terça-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Eugênia (Bertha); Magdalena (Felizarda); Graça (Pantaleon).	Bertha de Castigo	Entre ato cômico ornado de música	1 ato	
3/11/1859	Quinta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Mendes Leal	Eugênia; Ludovina; Furtado; Joaquim Augusto; Martins; Silva; Graça; Paiva; Militão; Arthur.	Abel e Caim	Drama	3 atos	
3/11/1859	Quinta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Alfredo Tremoulet Silva	A guerra de Italia	Cena-cômica	1 ato	
3/11/1859	Quinta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Eugênia (Bertha); Magdalena (Felizarda); Graça (Pantaleon).	Bertha de Castigo	Entre ato cômico ornado de música	1 ato	
4/11/1859	Sexta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Ernesto Biester	Não informado	Raphael	Drama	3 atos	Benefício de José Ignácio de Figueiredo.  No intervalo houve apresentação musical.
4/11/1859	Sexta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Não informado	Quero e não quero	Comédia	1 ato	
5/11/1859	Sábado	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	José Romano	Alfredo Silva (Antonio); Paiva (Francisco); Joaquim Augusto (Crispim); Martins (Mariano); Freitas (Cutilada); Arthur (Barnabé); Ludovina (Isabel); Eugênia (Bernarda).	Feio no corpo, bonito na alma	Comédia	2 atos	1ª apresentação
5/11/1859	Sábado	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Mendes Leal	Não informado	Abel e Caim	Drama	3 atos	
5/11/1859	Sábado	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Eugênia (Bertha); Magdalena (Felizarda); Graça (Pantaleon).	Bertha de Castigo	Entre ato cômico ornado de música	1 ato	
6/11/1859	Domingo	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	José Romano	Alfredo Silva (Antonio); Paiva (Francisco); Joaquim Augusto (Crispim); Martins (Mariano); Freitas (Cutilada); Arthur (Barnabé); Ludovina (Isabel); Eugênia (Bernarda).	Feio no corpo, bonito na alma	Comédia	2 atos	
6/11/1859	Domingo	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Antonio Mendes Leal	Não informado	Abel e Caim	Drama	3 atos	

6/11/1859	Domingo	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Eugênia (Bertha); Magdalena (Felizarda); Graça (Pantaleon).	Bertha de Castigo	Entre ato cômico ornado de música	1 ato	
8/11/1859	Terça-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Antonio Mendes Leal	Eugênia; Ludovina; Furtado Coelho; Joaquim Augusto; Martins; Silva; Graça; Paiva; Militão; Arthur.	Abel e Caim	Drama	3 atos	Benefício do ator Paiva
8/11/1859	Terça-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Moutinho	Os amores de um marinheiro	Cena	1 ato	
8/11/1859	Terça-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Isabel; Julia; Martins e Paiva.	Quero e não quero	Comédia	1 ato	
9/11/1859	Quarta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	José Romano	Joaquim Augusto; Martins; Silva; Paiva; Freitas; Arthur; Torquato; Ludovina; Eugênia.	Feio no corpo, bonito na alma	Comédia	2 atos	
9/11/1859	Quarta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Ernesto Cibrão	Gabriella; Furtado Coelho; J. Augusto; Heller; Graça; Moutinho; Galdino	Luiz	Drama	3 atos	
9/11/1859	Quarta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Eugênia (Bertha)	Bertha de Castigo	Entre ato cômico ornado de música	1 ato	
11/11/1859	Sexta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	José Romano	Joaquim Augusto; Martins; Silva; Paiva; Freitas; Arthur; Torquato; Galdino; Ludovina; Eugênia.	Feio no corpo, bonito na alma	Comédia	2 atos	
11/11/1859	Sexta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Ernesto Cibrão	Gabriella; Furtado Coelho; Joaquim Augusto; Heller; Graça; Moutinho; Galdino	Luiz	Drama	3 atos	
11/11/1859	Sexta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Eugênia (Bertha)	Bertha de Castigo	Entre ato cômico ornado de música	1 ato	
12/11/1859	Sábado	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Augusto Cesar de Lacerda	Não informado	A probidade	Drama	2 atos	
12/11/1859	Sábado	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Não informado	A guerra da Itália	Cena-cômica	1 ato	
12/11/1859	Sábado	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Faustino Xavier de Novaes	Não informado	Um Bernardo em dois volumes	Comédia	1 ato	
13/11/1859	Domingo	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Ernesto Biester	Gabriella; Isabel; Magdalena; Furtado Coelho; Joaquim Augusto; Martins; Paiva; Heller; Galdino.	Raphael	Drama	3 atos	
13/11/1859	Domingo	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Eugênia (Bertha); Magdalena e Graça.	Bertha de Castigo	Entre ato cômico ornado de música	1 ato	

13/11/1859	Domingo	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	P. Dumanoir	Velluti; Julia e Magdalena; Furtado Coelho; Joaquim Augusto; Graça; Paiva; Heller.	As mulheres terríveis	Drama	3 atos	
13/11/1859	Domingo	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Alfredo Silva	A guerra da Itália	Cena-cômica	1 ato	
16/11/1859	Quarta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	José da Silva Mendes Leal Junior	Não informado	Pedro	Drama	5 atos	Benefício de José Bento de Souza Lima.
16/11/1859	Quarta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Moutinho	Efeitos do vinho novo	Cena-cômica	1 ato	
16/11/1859	Quarta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Faustino Xavier de Novaes	Não informado.	Um Bernardo em dois volumes	Comédia ornada de música	1 ato	
17/11/1859	Quinta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Furtado Coelho (Visconde Henrique); Gabriella (Viscondessa Valentina); Jovem Dorothea (Arthur); Isabel (Mathilde); Graça (Potard); Freitas (José); Julia (Carlota).	Valentina	Comédia-Drama	4 atos	Benefício do ator Graça
17/11/1859	Quinta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	José Romano	Joaquim Augusto; Martins; Silva; Paiva; Freitas; Arthur; Ludovina; Eugênia	Feio no corpo, bonito na alma	Comédia	2 atos	
18/11/1859	Sexta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Ernesto Cibrão	Gabriella; Furtado Coelho; J. Augusto; Heller; Graça; Moutinho; Galdino	Luiz	Drama	3 atos	Benefício a um funcionário do Teatro
18/11/1859	Sexta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Alfredo Silva	A guerra da Itália	Cena-cômica	1 ato	
18/11/1859	Sexta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Não informado.	Os ovos de ouro	Comédia ornada de música	1 ato	
18/11/1859	Sexta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Faustino Xavier de Novaes	Não informado.	Um Bernardo em dois volumes	Comédia ornada de música	1 ato	
20/11/1859	Domingo	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Furtado Coelho (Visconde Henrique); Gabriella (Viscondessa Valentina); Dorothea (Arthur); Isabel (Mathilde); Graça (Potard); Freitas (José); Julia (Carlota).	Valentina	Comédia-Drama	4 atos	
20/11/1859	Domingo	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	José Romano	Joaquim Augusto; Martins; Silva; Paiva; Freitas; Arthur; Torquato; Soares Junior; Ludovina; Eugênia.	Feio no corpo, bonito na alma	Comédia	2 atos	
20/11/1859	Domingo	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Eugênia (Bertha)	Bertha de Castigo	Entre ato cômico ornado de música	1 ato	
22/11/1859	Terça-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Gabriella; Isabel; Julia; Furtado Coelho; Graça; Freitas.	Valentina	Comédia-Drama	4 atos	

22/11/1859	Terça-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Ludovina; Furtado Coelho e Moutinho	Miguel, o torneiro	Comédia-Drama ornada de música	1 atos	
22/11/1859	Terça-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Eugênia (Bertha)	Bertha de Castigo	Entre ato cômico ornado de música	1 ato	
26/11/1859	Sábado	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Tradução de Eugênia Câmara	Eugênia (Julieta); Velluti (Condessa Dubarry); Julia (Sra. Saint Jon); Furtado Coelho (Visconde de Lanzun); Heller (Cavalheiro de Saint Vallier); Moutinho (Esperança, soldado); Galdino (Bom Coração); Almeida (Francisco); Arthur (um sargento); Militão (um dominó); Carvalho (um criado).	As duas primas	Comédia	2 atos	1ª apresentação
26/11/1859	Sábado	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	P. Dumanoir	Não informado.	As mulheres terríveis	Drama	3 atos	
26/11/1859	Sábado	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Eugênia (Bertha)	Bertha de Castigo	Entre ato cômico ornado de música	1 ato	
27/11/1859	Domingo	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Tradução de Eugênia Câmara	Os mesmos atores e atrizes da primeira apresentação.	As duas primas	Comédia	2 atos	
27/11/1859	Domingo	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Ernesto Cibrão	Gabriella; Furtado Coelho; J. Augusto; Heller; Graça; Moutinho; Galdino	Luiz	Drama	3 atos	
28/11/1859	Segunda-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	P. Dumanoir	Não informado.	As mulheres terríveis	Drama	3 atos	Benefício do músico Carlos Schramm.
29/11/1859	Terça-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Léon Battu e Maurice Desvignes	Não informado.	A honra de uma família	Drama	5 atos	Benefício do artista Rufino José Ribeiro
29/11/1859	Terça-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Faustino Xavier de Novaes	Não informado.	Um Bernardo em dois volumes	Comédia ornada de música	1 ato	
30/11/1859	Quarta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Tradução de Eugênia Câmara	Não informado.	As duas primas	Comédia	2 atos	
30/11/1859	Quarta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Augusto Cesar de Lacerda	Não informado.	A probidade	Drama	2 atos	
1/12/1859	Quinta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Antonio Mendes Leal	Eugênia; Ludovina; Furtado Coelho; Joaquim Augusto Graça; Martins; Silva; Paiva; Militão e Galdino.	Abel e Caim	Drama	3 atos	
1/12/1859	Quinta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Moutinho	Efeitos do vinho novo	Cena-cômica	1 ato	



1/12/1859	Quinta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Ludovina; Graça; Militão; Freitas; Arthur, etc.	O cara linda pregador de cartazes	Comédia ornada de música	2 atos	
2/12/1859	Sexta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Antonio Mendes Leal	Eugênia; Ludovina; Furtado Coelho; Joaquim Augusto Graça; Moutinho; Martins; Paiva.	Abel e Caim	Drama	3 atos	
2/12/1859	Sexta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Tradução de Eugênia Câmara	Não informado.	As duas primas	Comédia	2 atos	
3/12/1859	Sábado	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Antonio Mendes Leal	Eugênia; Ludovina; Furtado Coelho; Joaquim Augusto; Paiva; Graça; Moutinho; Martins; Militão; Arthur, etc.	Abel e Caim	Drama	3 atos	
3/12/1859	Sábado	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Velluti; Graça; Martins; Freitas; Torquato; Arthur e Galdino.	Os ovos de ouro	Comédia ornada de música	1 ato	Benefício do artista Antonio Xavier da Cruz Lima
3/12/1859	Sábado	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Eugênia (Bertha)	Bertha de Castigo	Entre ato cômico ornado de música	1 ato	
3/12/1859	Sábado	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Velluti; Julia; Martins; Graça; Militão.	Os maridos no prego	Comédia	1 ato	
4/12/1859	Domingo	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Tradução de Eugênia Câmara	Não informado.	As duas primas	Comédia	2 atos	Espectáculo em solenidade ao aniversário do Imperador.
4/12/1859	Domingo	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Augusto Cesar de Lacerda	Gabriella; Eugenia; Ludovina; Julia; Furtado; Moutinho; Martins; Heller e Freitas.	Dois mundos	Drama	3 atos	
4/12/1859	Domingo	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	José Romano	Joaquim Augusto; Martins; Silva; Paiva; Freitas; Galdino; Torquato; Carvalho; Soares; Ludovina.	Feio no corpo, bonito na alma	Comédia	2 atos	
5/12/1859	Segunda-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Antonio Mendes Leal	Eugênia; Ludovina; Furtado Coelho; Joaquim Augusto; Paiva; Graça; Martins; Silva; Militão; Arthur.	Abel e Caim	Drama	3 atos	Benefício de um chefe de família
5/12/1859	Segunda-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Não informado.	A guerra da Itália	Cena-cômica	1 ato	
5/12/1859	Segunda-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Não informado.	O cara linda pregador de cartazes	Comédia ornada de música	2 atos	
6/12/1859	Terça-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Antonio Mendes Leal	Eugênia; Ludovina; Furtado Coelho; Joaquim Augusto Graça; Moutinho; Martins; Paiva; Militão; Arthur.	Abel e Caim	Drama	3 atos	Benefício do artista Antonio Xavier da Cruz Lima
6/12/1859	Terça-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Velluti; Graça; Martins; Freitas; Militão; Torquato; Arthur e Galdino.	Os ovos de ouro	Comédia ornada de música	1 ato	
6/12/1859	Terça-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	José Romano	Não informado.	Feio no corpo, bonito na alma	Comédia	2 atos	
7/12/1859	Quarta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Antonio Mendes Leal	Eugênia; Ludovina; Furtado Coelho; Joaquim Augusto; Paiva; Graça; Martins; Silva; Militão; Galdino.	Abel e Caim	Drama	3 atos	Benefício de um empregado

7/12/1859	Quarta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Moutinho	Efeitos dos vinho novo	Cena-cômica	1 ato	
7/12/1859	Quarta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Antonio Mendes Leal	Ludovina; Julia; Graça; Martins; Paiva e Tristão.	A afilhada do barão	Comédia	2 atos	
10/12/1859	Sábado	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Tradução de Maria Velluti	Heller (Rei da Prússia); Velluti (a Rainha); Paiva (Leopoldo); Mendes (o Barão); Militão (Conselheiro Butier); Moutinho (Hermann); Graça (o Juiz de Paz); Carvalho (Peters); Magdalena (a Baronesa); Leonor Orsat (Gotha); Carrera (Dorothea)	A vendedora de Perus	Comédia	3 atos	Estreia da atriz Leonor Orsat e do ator Manoel Joaquim Mendes.
10/12/1859	Sábado	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Não informado.	Miguel, o torneiro	Comédia	1 ato	
10/12/1859	Sábado	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Não informado.	Os maridos no prego	Comédia	1 ato	
11/12/1859	Domingo	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Tradução de Maria Velluti	Leonor Orsat; Velluti; Magdalena; Mendes; Paiva; Graça; Militão; Moutinho; Heller; Freitas; Torquato; Arthur; Castro e Galdino.	A vendedora de Perus	Comédia	3 atos	
11/12/1859	Domingo	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Augusto Cesar de Lacerda	Gabriella; Eugenia; Ludovina; Julia; Furtado; Moutinho; Martins; Heller; Militão e Freitas.	Dois mundos	Drama	3 atos	
13/12/1859	Terça-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Tradução de Maria Velluti	Não informado.	A vendedora de Perus	Comédia	3 atos	
13/12/1859	Terça-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	José Romano	Não informado.	Feio no corpo, bonito na alma	Comédia	2 atos	
16/12/1859	Sexta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Augusto Cesar de Lacerda	Não informado.	Dois mundos	Drama	3 atos	Benefício de três órfãos.
16/12/1859	Sexta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Moutinho	Efeitos dos vinho novo	Cena-cômica	1 ato	
17/12/1859	Sábado	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Antonio Mendes Leal	Não informado.	Abel e Caim	Drama	3 atos	Benefício do deficiente visual Antonio Manoel da Silva.
17/12/1859	Sábado	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	José Romano	Não informado.	Feio no corpo, bonito na alma	Comédia	2 atos	
18/12/1859	Domingo	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Martins (Antenor); Theresa Martins (Constantina); Eugenia (Rosa); Galdino (um criado).	Casamento a marche-marche	Comédia	1 ato	Estreia da atriz Theresa Soares Martins.
18/12/1859	Domingo	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Ernest Legouvé	Gabriella; Orsat; Velluti; Ludovina; Julia; Furtado; Martins; Paiva; Heller e Militão.	Por direito de conquista	Drama	3 atos	

18/12/1859	Domingo	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Eugenia; Velluti; Julia; Furtado Coelho; Moutinho; Heller; Paiva; Almeida; Freitas; Torquato; Arthur e Galdino.	As duas primas	Comédia ornada de música	2 atos	
20/12/1859	Terça-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Octave Feuillet	Furtado Coelho (Maximo Odiot); Paiva (Sr. Bevallan); Joaquim Augusto (Laroque); Almeida (Alão); Heller (Laubepin); Militão (Dr. Desmarets); Martins (Gastão de Lussac); Arthur (Vauberger); Graça (Champlein); Gabriella (Margarida); Velluti (Mme Laroque); Eugênia (Mlle Helouin); Julia (Mme Aubry); Ludovina (Cristina); Magdalena (Mme Vauberger).	O romance de um moço pobre	Drama	5 atos	1ª apresentação
21/12/1859	Quarta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	José da Silva Mendes Leal Junior	Gabriella; Velluti; Julia; Ludovina; Furtado Coelho; Joaquim Augusto; Martins; Paiva; Graça; Freitas; Arthur.	Pedro	Drama	5 atos	Benefício de uma viúva com duas filhas.
21/12/1859	Quarta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Velluti; Graça; Martins; Freitas; Militão; Arthur e Galdino.	Os ovos de ouro	Comédia ornada de música	1 ato	
22/12/1859	Quinta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Octave Feuillet	Furtado Coelho; Joaquim Augusto; Paiva; Heller; Militão; Martins; Almeida; Graça; Freitas; Arthur; Velluti; Eugenia; Julia; Magdalena e Gabriella.	O romance de um moço pobre	Drama	5 atos	Benefício da atriz Gabriella da Cunha
22/12/1859	Quinta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho		Joaquim Augusto. Alfredo Silva e Ludovina.	A baronesa de Blignac	Comédia	1 ato	
23/12/1859	Sexta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Octave Feuillet	Furtado Coelho (Maximo Odiot); Paiva (Sr. Bevallan); Joaquim Augusto (Laroque); Almeida (Alão); Heller (Laubepin); Militão (Dr. Desmarets); Martins (Gastão de Lussac); Arthur (Vauberger); Graça (Champlein); Gabriella (Margarida); Velluti (Mme Laroque); Eugênia (Mlle Helouin); Julia (Mme Aubry); Ludovina (Cristina); Magdalena (Mme Vauberger).	O romance de um moço pobre	Drama	5 atos	
23/12/1859	Sexta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Joaquim Augusto. Alfredo Silva e Ludovina.	A baronesa de Blignac	Comédia	1 ato	
24/12/1859	Sábado	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Octave Feuillet	Furtado Coelho; Joaquim Augusto; Paiva; Heller; Militão; Martins; Graça; Freitas; Torquato; Velluti; Eugenia; Julia; Magdalena e Gabriella.	O romance de um moço pobre	Drama	5 atos	
25/12/1859	Domingo	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Octave Feuillet	Furtado Coelho; Joaquim Augusto; Paiva; Heller; Militão; Martins; Graça; Freitas; Torquato; Velluti; Eugenia; Julia; Magdalena e Gabriella.	O romance de um moço pobre	Drama	5 atos	

27/12/1859	Terça-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Octave Feuillet	Furtado Coelho; Joaquim Augusto; Paiva; Heller; Militão; Martins; Graça; Freitas; Almeida; Velluti; Eugenia; Julia; Magdalena e Gabriella.	O romance de um moço pobre	Drama	5 atos	Benefício de um empregado
27/12/1859	Terça-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Martins; Theresa Martins; Eugenia; Galdino	Casamento a marche-marche	Comédia	1 ato	
28/12/1859	Terça-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Alfredo Silva	A guerra da Itália	Cena-cômica	1 ato	Benefício dos Irmãos Gravenstein. Houve apresentação musical.
28/12/1859	Terça-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Moutinho	Efeitos do vinho novo	Cena-cômica	1 ato	
29/12/1859	Quinta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Octave Feuillet	Furtado Coelho; Joaquim Augusto; Paiva; Heller; Militão; Martins; Graça; Freitas; Almeida; Velluti; Eugenia; Julia; Magdalena e Gabriella.	O romance de um moço pobre	Drama	5 atos	
29/12/1859	Quinta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Martins; Theresa Martins; Eugenia; Galdino	Casamento a marche-marche	Comédia	1 ato	
30/12/1859	Sexta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	Octave Feuillet	Furtado Coelho; Joaquim Augusto; Paiva; Heller; Militão; Martins; Graça; Freitas; Arthur; Velluti; Eugenia; Julia; Magdalena e Gabriella.	O romance de um moço pobre	Drama	5 atos	
30/12/1859	Sexta-feira	Ginásio	Joaquim H. Gomes dos Santos	Furtado Coelho	desconhecido	Martins; Theresa Martins; Eugenia; Galdino	Casamento a marche-marche	Comédia	1 ato	

*Jornal do Commercio: 1860*

Data	Dia Semana	Teatro	Empresário	Ensaíador	Autor	Ator(es) Personagens	Espectáculo	Gênero	Atos	Outras informações
1/1/1860	Domingo	São Januário	Germano Francisco de Oliveira	Germano Francisco de Oliveira	Mendes Leal Junior	Furtado Coelho (Pedro)	Pedro	Drama	5 atos	
1/1/1860	Domingo	São Januário	Germano Francisco de Oliveira	Germano Francisco de Oliveira	desconhecido	Não informado	Uma mulher por duas horas	Comédia	1 ato	
4/1/1860	Quarta-feira	São Januário	Germano Francisco de Oliveira	Germano Francisco de Oliveira	Mendes Leal Junior	Furtado Coelho (Pedro)	Pedro	Drama	5 atos	
6/1/1860	Sexta-feira	São Januário	Germano Francisco de Oliveira	Germano Francisco de Oliveira	Mendes Leal Junior	Furtado Coelho (Pedro)	Pedro	Drama	5 atos	Espectáculo tem início às 16:30.
7/1/1860	Sábado	São Januário	Germano Francisco de Oliveira	Germano Francisco de Oliveira	José D'Almada e Lencastre	Eugenia (D. Carolina); Furtado Coelho (Thomaz); Francisco Correa Vasques (Francisco); Carmela (Joanna); Flavio (José); Camilla (uma freguesa).	Casamento Singular	Comédia	3 atos	Estreia da atriz Eugenia Camara
7/1/1860	Sábado	São Januário	Germano Francisco de Oliveira	Germano Francisco de Oliveira	desconhecido	Eugenia Camara	Não volto ao palco	Cena cômica	1 ato	
7/1/1860	Sábado	São Januário	Germano Francisco de Oliveira	Germano Francisco de Oliveira	desconhecido	Eugenia Camara	Uma mulher por duas horas	Comédia	1 ato	
8/1/1860	Domingo	São Januário	Germano Francisco de Oliveira	Germano Francisco de Oliveira	Adolphe D'Ennery e Adolphe Auguste Lemoine	Germano; Silvestre; Vasques; Thomaz; Nunes; Manuela; Carmella; Joanna; Philomena.	A graça de Deus	Drama ornado de música	5 atos	Espectáculo tem início às 16:30.
8/1/1860	Domingo	São Januário	Germano Francisco de Oliveira	Germano Francisco de Oliveira	desconhecido	Eugenia Camara	Não volto ao palco	Cena cômica	1 ato	Espectáculo tem início às 16:30.
8/1/1860	Domingo	São Januário	Germano Francisco de Oliveira	Germano Francisco de Oliveira	José D'Almada e Lencastre	Não informado	Casamento Singular	Comédia	3 atos	Espectáculo tem início às 20:30.
8/1/1860	Domingo	São Januário	Germano Francisco de Oliveira	Germano Francisco de Oliveira	desconhecido	Eugenia Camara (Bertha); Joana (Felizarda); Flavio (Pantaleão).	Bertha de Castigo	Entre-ato	1 ato	Espectáculo tem início às 20:30.
8/1/1860	Domingo	São Januário	Germano Francisco de Oliveira	Germano Francisco de Oliveira	desconhecido	Não informado	Uma mulher por duas horas	Comédia	1 ato	Espectáculo tem início às 20:30.
11/1/1860	Quarta-feira	São Januário	Germano Francisco de Oliveira	Germano Francisco de Oliveira	José D'Almada e Lencastre	Não informado	Casamento Singular	Comédia	3 atos	
11/1/1860	Quarta-feira	São Januário	Germano Francisco de Oliveira	Germano Francisco de Oliveira	desconhecido	Eugenia Camara (Bertha); Joana (Felizarda); Flavio (Pantaleão).	Bertha de Castigo	Entre-ato	1 ato	

11/1/1860	Quarta-feira	São Januário	Germano Francisco de Oliveira	Germano Francisco de Oliveira	desconhecido	Não informado	Cozimo, ou o príncipe caidor	Vaudeville	2 atos	
14/1/1860	Sábado	São Januário	Germano Francisco de Oliveira	Germano Francisco de Oliveira	José Romano	Furtado Coelho (Jorge)	29 ou Honra e Glória	Drama	4 atos	
14/1/1860	Sábado	São Januário	Germano Francisco de Oliveira	Germano Francisco de Oliveira	desconhecido	Não informado	Bertha de Castigo	Entre-ato	1 ato	
15/1/1860	Domingo	São Januário	Germano Francisco de Oliveira	Germano Francisco de Oliveira	José D'Almada e Lencastre	Não informado	Casamento Singular	Comédia	3 atos	Espetáculo tem início às 16:30.
15/1/1860	Domingo	São Januário	Germano Francisco de Oliveira	Germano Francisco de Oliveira	desconhecido	Não informado	Bertha de Castigo	Entre-ato	1 ato	Espetáculo tem início às 16:30.
15/1/1860	Domingo	São Januário	Germano Francisco de Oliveira	Germano Francisco de Oliveira	desconhecido	Não informado	Cozimo, ou o príncipe caidor	Vaudeville	2 atos	Espetáculo tem início às 16:30.
15/1/1860	Domingo	São Januário	Germano Francisco de Oliveira	Germano Francisco de Oliveira	José Romano	Furtado Coelho (Jorge)	29 ou Honra e Glória	Drama	4 atos	Espetáculo tem início às 20:30.
15/1/1860	Domingo	São Januário	Germano Francisco de Oliveira	Germano Francisco de Oliveira	desconhecido	Germano	O dilettanti	Comédia	1 ato	Espetáculo tem início às 20:30.
18/1/1860	Quarta-feira	São Januário	Germano Francisco de Oliveira	Germano Francisco de Oliveira	desconhecido	Thomaz (Ranurio III); Nunes (Francisco); Germano (Courado); Eugenia (Príncipe Eduardo); Flavio (Marquês da Torre); Vasques (Stenio); Ribeiro (Juiz); Soares (oficial); Manoela (Gabrina); Carmela; Guimaraes ( médico)	Gabrina ou A coroa ducal de Parma	Drama	3 atos	1ª apresentação Espetáculo provavelmente foi cancelado.
18/1/1860	Quarta-feira	São Januário	Germano Francisco de Oliveira	Germano Francisco de Oliveira	José D'Almada e Lencastre	Furtado Coelho; Vasques; Flávio; Eugenia Camara; Carmella; Joanna e Camilla	Casamento Singular	Comédia	3 atos	Espetáculo provavelmente foi cancelado.
20/1/1860	Sexta-feira	São Januário	Germano Francisco de Oliveira	Germano Francisco de Oliveira	desconhecido	Não informado.	Gabrina ou A coroa ducal de Parma	Drama	3 atos	1ª apresentação Espetáculo tem início às 16:30.
20/1/1860	Sexta-feira	São Januário	Germano Francisco de Oliveira	Germano Francisco de Oliveira	José D'Almada e Lencastre	Não informado.	Casamento Singular	Comédia	3 atos	Espetáculo tem início às 16:30.
14/1/1860	Sábado	São Januário	Germano Francisco de Oliveira	Germano Francisco de Oliveira	desconhecido	Não informado.	Os filhos de Adão e Eva	Comédia ornada de música	2 atos	
14/1/1860	Sábado	São Januário	Germano Francisco de Oliveira	Germano Francisco de Oliveira	desconhecido	Não informado.	Gabrina ou A coroa ducal de Parma	Drama	3 atos	
14/1/1860	Sábado	São Januário	Germano Francisco de Oliveira	Germano Francisco de Oliveira	desconhecido	Não informado.	O diabo a quatro numa hospedaria	Comédia ornada de coupletas	1 ato	
26/1/1860	Quinta-feira	São Januário	Germano Francisco de Oliveira	Germano Francisco de Oliveira	Eugenia Camara	Não informado.	Uma entre mil	Comédia-Drama	1 ato	

26/1/1860	Quinta-feira	São Januário	Germano Francisco de Oliveira	Germano Francisco de Oliveira	desconhecido	Não informado.	As primeiras proezas de Richelieu	Comédia	2 atos	
26/1/1860	Quinta-feira	São Januário	Germano Francisco de Oliveira	Germano Francisco de Oliveira	Francisco Corrêa Vasques	Vasques	O beberrão	Cena-cômica	1 ato	
26/1/1860	Quinta-feira	São Januário	Germano Francisco de Oliveira	Germano Francisco de Oliveira	desconhecido	Não informado.	O diabo a quatro numa hospedaria	Comédia ornada de coupletas	1 ato	
28/1/1860	Sábado	São Januário	Germano Francisco de Oliveira	Germano Francisco de Oliveira	desconhecido	Não informado.	Os filhos de Adão e Eva	Comédia ornada de música	2 atos	
28/1/1860	Sábado	São Januário	Germano Francisco de Oliveira	Germano Francisco de Oliveira	desconhecido	Não informado.	Gabrina ou A coroa ducal de Parma	Drama	3 atos	
28/1/1860	Sábado	São Januário	Germano Francisco de Oliveira	Germano Francisco de Oliveira	desconhecido	Não informado.	O diabo a quatro numa hospedaria	Comédia ornada de coupletas	1 ato	
29/1/1860	Domingo	São Januário	Germano Francisco de Oliveira	Germano Francisco de Oliveira	desconhecido	Não informado.	Gabrina ou A coroa ducal de Parma	Drama	3 atos	Espetáculo tem início às 16:30.
29/1/1860	Domingo	São Januário	Germano Francisco de Oliveira	Germano Francisco de Oliveira	desconhecido	Não informado.	As primeiras proezas de Richelieu	Comédia	2 atos	Espetáculo tem início às 16:30.
8/4/1860	Domingo	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Octave Feuillet	Furtado Coelho; Salles Guimarães; Pimentel; Eduardo; Lisboa; Jesuino; Carlos; Eugênia; Theresa Martins; Clotilde; Maria Fernanda; Lucinda	Dalila	Drama	4 atos	1ª apresentação
8/4/1860	Domingo	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	desconhecido	Pinheiro	O passarinho – marinheiro da fragata d. Fernando	Cena-cômica	1 ato	
8/4/1860	Domingo	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	desconhecido	Eugênia; Lucinda e Joaquim Câmara.	Bertha de castigo	Cena-cômica	1 ato	
10/4/1860	Terça-feira	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Octave Feuillet	Não informado	Dalila	Drama	4 atos	
10/4/1860	Terça-feira	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	desconhecido	Não informado	O passarinho – marinheiro da fragata d. Fernando	Cena-cômica	1 ato	
10/4/1860	Terça-feira	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	desconhecido	Não informado	Bertha de castigo	Cena-cômica	1 ato	
11/4/1860	Quarta-feira	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Octave Feuillet	Não informado	Dalila	Drama	4 atos	
11/4/1860	Quarta-feira	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	desconhecido	Não informado	O passarinho – marinheiro da fragata d. Fernando	Cena-cômica	1 ato	
11/4/1860	Quarta-feira	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	desconhecido	Não informado	Bertha de castigo	Cena-cômica	1 ato	
12/4/1860	Quinta-feira	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Octave Feuillet	Não informado	Dalila	Drama	4 atos	

12/4/1860	Quinta-feira	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	desconhecido	Não informado	O passarinho – marinheiro da fragata d. Fernando	Cena-cômica	1 ato	
12/4/1860	Quinta-feira	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	desconhecido	Não informado	Bertha de castigo	Cena-cômica	1 ato	
14/4/1860	Sábado	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Jean François Alfred Bayard e Emile Vanderburch	Eugênia Câmara (gaiato)	O gaiato de Lisboa	Comédia	2 atos	Estreia de Francisco Corrêa Vasques, Souza Martins e Victorino Cyriaco da Silva.
14/4/1860	Sábado	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Imitação do francês por Furtado Coelho	Souza Martins; Eugênia Câmara e Thereza Martins.	Risadinha	Comédia	1 ato	
14/4/1860	Sábado	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	desconhecido	Pinheiro	Manoel d'Aballada	Cena-cômica	1 ato	
14/4/1860	Sábado	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	Vasques	O beerrão	Cena-cômica	1 ato	
15/4/1860	Domingo	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Octave Feuillet	Não informado	Dalila	Drama	4 atos	Espectáculo inicia às 16:30.
15/4/1860	Domingo	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	José D'Almada e Lencastre	Furtado Coelho; Vasques; Pinheiro; Eugênia Câmara; Clotilde; Thereza Martins; Lucinda	O casamento singular	Comédia	3 atos	
15/4/1860	Domingo	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Jean François Alfred Bayard e Emile Vanderburch	Eugênia Câmara (gaiato)	O gaiato de Lisboa	Comédia	2 atos	
17/4/1860	Terça-feira	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Octave Feuillet	Não informado	Dalila	Drama	4 atos	
17/4/1860	Terça-feira	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	desconhecido	Não informado	Manoel d'Aballada	Cena-cômica	1 ato	
19/4/1860	Quinta-feira	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Imitação do francês por Furtado Coelho	Souza Martins; Eugênia Câmara e Thereza Martins.	Risadinha	Comédia	1 ato	
19/4/1860	Quinta-feira	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	desconhecido	Pinheiro	Manoel d'Aballada	Cena-cômica	1 ato	
19/4/1860	Quinta-feira	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	José D'Almada e Lencastre	Não informado	O casamento singular	Comédia	3 atos	
19/4/1860	Quinta-feira	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	Vasques	O beerrão	Cena-cômica	1 ato	
22/4/1860	Domingo	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Jean François Alfred Bayard e Emile Vanderburch	Eugênia Câmara (gaiato)	O gaiato de Lisboa	Comédia	2 atos	Espectáculo inicia às 16:30.
22/4/1860	Domingo	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	desconhecido	Pinheiro	Manoel d'Aballada	Cena-cômica	1 ato	Espectáculo inicia às 16:30.



22/4/1860	Domingo	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	José D'Almada e Lencastre	Furtado Coelho; Vasques; Pinheiro; Eugênia Câmara; Clotilde; Thereza Martins; Lucinda	O casamento singular	Comédia	3 atos	Espetáculo inicia às 16:30.
22/4/1860	Domingo	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	Vasques	O beerrão	Cena-cômica	1 ato	
24/4/1860	Terça-feira	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	desconhecido	Eugênia Câmara	A tia Anna de Vianna	Comédia	1 ato	
24/4/1860	Terça-feira	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Jean François Alfred Bayard e Emile Vanderburch	Eugênia Câmara (gaiato)	O gaiato de Lisboa	Comédia	2 atos	
24/4/1860	Terça-feira	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Imitação do francês por Furtado Coelho	Não informado	Risadinha	Comédia	1 ato	
26/4/1860	Quinta-feira	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Octave Feuillet	Não informado	Dalila	Drama	4 atos	
26/4/1860	Quinta-feira	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	desconhecido	Eugênia Câmara	A tia Anna de Vianna	Comédia	1 ato	
28/4/1860	Sábado	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	José Romano	Victorino (29); Pimentel (Jorge); Salles (Plácido); Vasques (Escopeta); Pinheiro (Batatudo); Lisboa (General); Eugênia (Maria) e Clotilde (Angélica).	29 ou Honra e Glória	Drama	4 atos	
28/4/1860	Sábado	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	Vasques	O beerrão	Cena-cômica	1 ato	
29/4/1860	Domingo	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	José Romano	Não informado	29 ou Honra e Glória	Drama	4 atos	Espetáculo inicia às 16:30.
29/4/1860	Domingo	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	José D'Almada e Lencastre	Não informado	O casamento singular	Comédia	3 atos	
3/5/1860	Quinta-feira	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	José Romano	Furtado Coelho (Jorge)	29 ou Honra e Glória	Drama	4 atos	
3/5/1860	Quinta-feira	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Furtado Coelho; Martins; Joaquim Câmara; Ribeiro; Eugênia Câmara; Clotilde; Maria Fernanda.	Procure-me depois do amanhã	Comédia	1 ato	
5/5/1860	Sábado	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	José Romano	Victorino (29); Furtado Coelho (Jorge); Salles (Plácido); Vasques (Escopeta); Pinheiro (Batatudo); Lisboa (General); Eugênia (Maria) e Clotilde (Angélica).	29 ou Honra e Glória	Drama	4 atos	
5/5/1860	Sábado	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Furtado Coelho; Martins; Joaquim Câmara; Ribeiro; Souza; Eugênia Câmara; Clotilde; Maria Fernanda.	Procure-me depois do amanhã	Comédia	1 ato	
6/5/1860	Domingo	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	José Romano	Furtado Coelho (Jorge)	29 ou Honra e Glória	Drama	4 atos	Espetáculo inicia às 16:30.
6/5/1860	Domingo	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Não informado	Procure-me depois do amanhã	Comédia	1 ato	Espetáculo inicia às 16:30.

9/5/1860	Quarta-feira	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	José Romano	Furtado Coelho (29)	29 ou Honra e Glória	Drama	4 atos	
9/5/1860	Quarta-feira	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	desconhecido	Eugênia Câmara (um literato)	Não volto ao palco	Cena-cômica	1 ato	
10/5/1860	Quinta-feira	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	José Romano	Furtado Coelho (29)	29 ou Honra e Glória	Drama	4 atos	
10/5/1860	Quinta-feira	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	desconhecido	Eugênia Câmara (um literato)	Não volto ao palco	Cena-cômica	1 ato	
11/5/1860	Sexta-feira	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	José Romano	Furtado Coelho (29)	29 ou Honra e Glória	Drama	4 atos	
12/5/1860	Sábado	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Antônio Mendes Leal	Furtado Coelho (tio Braz); Pinheiro (José Borrego); Eugênia Câmara (Joaninha)	O tio Braz	Opereta	1 ato	
12/5/1860	Sábado	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Octave Feuillet	Não informado	Dalila	Drama	4 atos	
13/5/1860	Domingo	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Octave Feuillet	Não informado	Dalila	Drama	4 atos	Espectáculo inicia às 16:30.
13/5/1860	Domingo	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Não informado	Procure-me depois do amanhã	Comédia	1 ato	Espectáculo inicia às 16:30.
15/5/1860	Terça-feira	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	José Romano	Furtado Coelho (29)	29 ou Honra e Glória	Drama	4 atos	
15/5/1860	Terça-feira	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	desconhecido	Eugênia Câmara (um literato)	Não volto ao palco	Cena-cômica	1 ato	
16/5/1860	Quarta-feira	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Octave Feuillet	Furtado Coelho (Carnioli); Salles Guimarães (Sertorius); Pimentel (Andre Roswein); Eduardo (Marquês de Sora); Lisboa (Príncipe Kalisch); Jesuino; Carlos (Lord Wilson); Eugênia (Princesa Falconieri); Theresa Martins (Amélia); Clotilde (Lady Wilson); Maria Fernanda (Marquesa Nami); Lucinda (Marieta)	Dalila	Drama	4 atos	Benefício de João Caetano Ribeiro.  Espectáculo cancelado em razão da chuva.
16/5/1860	Quarta-feira	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Antônio Mendes Leal	Não informado	O tio Braz	Opereta	1 ato	
17/5/1860	Quinta-feira	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	José Romano	Furtado Coelho (29)	29 ou Honra e Glória	Drama	4 atos	Espectáculo inicia às 16:30.
17/5/1860	Quinta-feira	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	desconhecido	Eugênia Câmara (um literato)	Não volto ao palco	Cena-cômica	1 ato	Espectáculo inicia às 16:30.
19/5/1860	Sábado	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	J.M. Dias Guimarães	Guimarães (Joaquim Ribeiro); Pimentel (João Ribeiro); Eugênia Câmara (Margarida); Clotilde (Marianna); Furtado Coelho (Comendador Francisco Vieira); Vasques (Manoel Vieira); Martins (José Vieira); Guilherme (Marquês do Seixal); Thereza (D. Julia); Eduardo (Conselheiro Mascarenhas); Lisboa (Conselheiro Gondalães); Ribeiro (Tabelião Monteverde); Jesuíno (um criado).	O poder do ouro	Drama	4 atos	1ª apresentação

19/5/1860	Sábado	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	desconhecido	Eugênia Câmara (um literato)	Não volto ao palco	Cena-cômica	1 ato	
20/5/1860	Domingo	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	desconhecido	Eugênia Câmara (Maricota)	Maricota ou os efeitos da educação	Comédia	1 ato	
20/5/1860	Domingo	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Jean François Alfred Bayard e Emile Vanderburch	Eugênia Câmara (gaiato); Victorino (general).	O gaiato de Lisboa	Comédia	2 atos	Espectáculo inicia às 16:30.
20/5/1860	Domingo	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	José D'Almada e Lencastre	Não informado	O casamento singular	Comédia	3 atos	Espectáculo inicia às 16:30.
22/5/1860	Terça-feira	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	J.M. Dias Guimarães	Guimarães (Joaquim Ribeiro); Pimentel (João Ribeiro); Eugênia Câmara (Margarida); Clotilde (Marianna); Furtado Coelho (Comendador Francisco Vieira); Vasques (Manoel Vieira); Martins (José Vieira); Guilherme (Marquês do Seixal); Thereza (D. Julia); Eduardo (Conselheiro Mascarenhas); Lisboa (Conselheiro Gondalães); Ribeiro (Tabelião Monteverde); Jesuíno (um criado); Collares (um criado).	O poder do ouro	Drama	4 atos	
22/5/1860	Terça-feira	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	desconhecido	Eugênia Câmara (Maricota); Martins (Barão de Mornac; Marcelina (Paulina de Jercourt); Guilherme (o Conde de Neris); Eduardo (Gustavo D'Aremberg); Vasques (José Jaillon).	Maricota ou os efeitos da educação	Comédia	1 ato	
23/5/1860	Quarta-feira	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	J.M. Dias Guimarães	Guimarães (Joaquim Ribeiro); Pimentel (João Ribeiro); Eugênia Câmara (Margarida); Clotilde (Marianna); Furtado Coelho (Comendador Francisco Vieira); Vasques (Manoel Vieira); Martins (José Vieira); Guilherme (Marquês do Seixal); Thereza (D. Julia); Eduardo (Conselheiro Mascarenhas); Lisboa (Conselheiro Gondalães); Ribeiro (Tabelião Monteverde); Jesuíno (um criado); Collares (um criado).	O poder do ouro	Drama	4 atos	
23/5/1860	Quarta-feira	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho		Eugênia Câmara (Maricota); Martins (Barão de Mornac; Marcelina (Paulina de Jercourt); Guilherme (o Conde de Neris); Eduardo (Gustavo D'Aremberg); Vasques (José Jaillon).	Maricota ou os efeitos da educação	Comédia	1 ato	

24/5/1860	Quinta-feira	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	J.M. Dias Guimarães	Guimarães (Joaquim Ribeiro); Pimentel (João Ribeiro); Eugênia Câmara (Margarida); Clotilde (Marianna); Furtado Coelho (Comendador Francisco Vieira); Vasques (Manoel Vieira); Martins (José Vieira); Guilherme (Marquês do Seixal); Thereza (D. Julia); Eduardo (Conselheiro Mascarenhas); Lisboa (Conselheiro Gondalães); Ribeiro (Tabelião Monteverde); Jesuíno (um criado); Collares (um criado).	O poder do ouro	Drama	4 atos	
24/5/1860	Quinta-feira	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	desconhecido	Não informado	Maricota ou os efeitos da educação	Comédia	1 ato	
26/5/1860	Sábado	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	J.M. Dias Guimarães	Não informado	O poder do ouro	Drama	4 atos	
26/5/1860	Sábado	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	Vasques	O beberão	Cena-cômica	1 ato	
27/5/1860	Domingo	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	J.M. Dias Guimarães	Não informado	O poder do ouro	Drama	4 atos	Espectáculo inicia às 16:30.
28/5/1860	Segunda-feira	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	J.M. Dias Guimarães	Não informado	O poder do ouro	Drama	4 atos	
28/5/1860	Segunda-feira	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	Vasques	O beberão	Cena-cômica	1 ato	
30/5/1860	Quarta-feira	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Octave Feuillet	Não informado	Dalila	Drama	4 atos	Benefício do cenógrafo João Caetano Ribeiro
31/5/1860	Quinta-feira	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	J.M. Dias Guimarães	Não informado	O poder do ouro	Drama	4 atos	
31/5/1860	Quinta-feira	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	desconhecido	Não informado	Bertha de castigo	Cena-cômica	1 ato	
2/6/1860	Sábado	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	J.M. Dias Guimarães	Não informado	O poder do ouro	Drama	4 atos	
2/6/1860	Sábado	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	Vasques	O beberão	Cena-cômica	1 ato	
3/6/1860	Domingo	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	J.M. Dias Guimarães	Não informado	O poder do ouro	Drama	4 atos	Espectáculo inicia às 16:30.
6/6/1860	Quarta-feira	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Augusto Cesar de Lacerda	Victorino (Macedo); Pimentel (Alberto); Furtado Coelho (Carlos); Eugênia Câmara (Elvira); Jesuíno (um escrevente); Souza (José, o criado).	Cinismo, Ceticismo e Crença	Drama	2 atos	
6/6/1860	Quarta-feira	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	desconhecido	Não informado	Maricota ou os efeitos da educação	Comédia	1 ato	
6/6/1860	Quarta-feira	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	Vasques	O beberão	Cena-cômica	1 ato	

6/6/1860	Quarta-feira	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	desconhecido	Não informado	Maricota ou os efeitos da educação	Comédia	1 ato	
7/6/1860	Quinta-feira	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	J.M. Dias Guimarães	Não informado	O poder do ouro	Drama	4 atos	
7/6/1860	Quinta-feira	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	desconhecido	Não informado	Maricota ou os efeitos da educação	Comédia	1 ato	
9/6/1860	Sábado	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Augusto Cesar de Lacerda	Não informado	Cinismo, Ceticismo e Crença	Drama	2 atos	
9/6/1860	Sábado	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	Vasques	O beberão	Cena-cômica	1 ato	
9/6/1860	Sábado	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	desconhecido	Eugênia Câmara	Não volto ao palco	Cena-cômica	1 ato	
10/6/1860	Domingo	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Augusto Cesar de Lacerda	Não informado	Cinismo, Ceticismo e Crença	Drama	2 atos	Espectáculo inicia às 16:30.
10/6/1860	Domingo	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	Vasques	O beberão	Cena-cômica	1 ato	Espectáculo inicia às 16:30.
10/6/1860	Domingo	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	desconhecido	Eugênia Câmara	Não volto ao palco	Cena-cômica	1 ato	Espectáculo inicia às 16:30.
10/6/1860	Domingo	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	J.M. Dias Guimarães	Não informado	O poder do ouro	Drama	4 atos	Espectáculo inicia às 20:00.
10/6/1860	Domingo	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	desconhecido	Não informado	Maricota ou os efeitos da educação	Comédia	1 ato	Espectáculo inicia às 20:00.
14/6/1860	Quinta-feira	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Eugene Scribe Tradução de Eugênia Câmara	Guimarães (Duversin); Antonina (Elisa); Pimentel (Coronel de Givry); Clotilde (Michaela); Eduardo (Carlos); Theresa (Emília);	A madrasta	Comédia	1 ato	
14/6/1860	Quinta-feira	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	J.M. Dias Guimarães	Não informado	O poder do ouro	Drama	4 atos	
16/6/1860	Sábado	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Augusto Cesar de Lacerda	Não informado	Cinismo, Ceticismo e Crença	Drama	2 atos	
16/6/1860	Sábado	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Eugene Scribe Tradução de Eugênia Câmara	Não informado	A madrasta	Comédia	1 ato	
16/6/1860	Sábado	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	desconhecido	Martins	A guerra da Itália	Cena-cômica	1 ato	
16/6/1860	Sábado	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	desconhecido	Não informado	Maricota ou os efeitos da educação	Comédia	1 ato	
17/6/1860	Domingo	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	J.M. Dias Guimarães	Não informado	O poder do ouro	Drama	4 atos	

17/6/1860	Domingo	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Eugene Scribe Tradução de Eugênia Câmara	Não informado	A madrastra	Comédia	1 ato	
17/6/1860	Domingo	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	desconhecido	Martins	A guerra da Itália	Cena-cômica	1 ato	
24/6/1860	Domingo	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	J.M. Dias Guimarães	Não informado	O poder do ouro	Drama	4 atos	Espectáculo inicia às 16:30.
24/6/1860	Domingo	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	Vasques	O beberão	Cena-cômica	1 ato	Espectáculo inicia às 16:30.
26/6/1860	Terça-feira	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	desconhecido	Furtado Coelho (José Cânoa); Clotilde (Magdalena); Eugênia Câmara (Rosa); Pimentel (Eduardo); Guilherme (Luiz de Camões); Guimarães (Avelar); Victorino (Dr. Teixeira); Eduardo (Lima); Sá (Souza); Jesuíno (Alves); Lisboa (João Pedro); Joaquim Câmara (João Sequinho); Vasques (Manoel Baixinho); Collares (Chico Fadista); Ribeiro (Bento Sampaio).	A honra de um marinheiro	Drama	3 atos	Benefício de Eugênia Câmara
26/6/1860	Terça-feira	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	Vasques	O Sr. Joaquim da Costa Brasil	Cena-cômica	1 ato	
26/6/1860	Terça-feira	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	desconhecido	Não informado	Maricota ou os efeitos da educação	Comédia	1 ato	
27/6/1860	Quarta-feira	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	desconhecido	Não informado	A honra de um marinheiro	Drama	3 atos	
27/6/1860	Quarta-feira	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	Vasques	O Sr. Joaquim da Costa Brasil	Cena-cômica	1 ato	
27/6/1860	Quarta-feira	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	desconhecido	Não informado	Maricota ou os efeitos da educação	Comédia	1 ato	
28/6/1860	Quinta-feira	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	desconhecido	Não informado	A honra de um marinheiro	Drama	3 atos	
28/6/1860	Quinta-feira	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	Vasques	O Sr. Joaquim da Costa Brasil	Cena-cômica	1 ato	
29/6/1860	Sexta-feira	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	desconhecido	Não informado	A honra de um marinheiro	Drama	3 atos	Espectáculo inicia às 16:30.
29/6/1860	Sexta-feira	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	Vasques	O Sr. Joaquim da Costa Brasil	Cena-cômica	1 ato	Espectáculo inicia às 16:30.

30/6/1860	Sábado	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	desconhecido	Não informado	A honra de um marinheiro	Drama	3 atos	
30/6/1860	Sábado	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	Vasques	O Sr. Joaquim da Costa Brasil	Cena-cômica	1 ato	
1/7/1860	Domingo	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	desconhecido	Não informado	A honra de um marinheiro	Drama	3 atos	
1/7/1860	Domingo	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	Vasques	O Sr. Joaquim da Costa Brasil	Cena-cômica	1 ato	
5/7/1860	Quinta-feira	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	desconhecido	Não informado	A honra de um marinheiro	Drama	3 atos	
5/7/1860	Quinta-feira	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	Vasques	O Sr. Joaquim da Costa Brasil	Cena-cômica	1 ato	
7/7/1860	Sábado	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	José da Silva Mendes Leal Junior	Não informado	Pedro	Drama	5 atos	Benefício de Furtado Coelho
7/7/1860	Sábado	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Eugene Scribe Tradução de Eugênia Câmara	Não informado	A madrasta	Comédia	1 ato	
7/7/1860	Sábado	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	desconhecido	Não informado	Os efeitos do vinho velho	Cena-cômica	1 ato	
8/7/1860	Domingo	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	José da Silva Mendes Leal Junior	Não informado	Pedro	Drama	5 atos	
8/7/1860	Domingo	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho		Não informado	Os efeitos do vinho velho	Cena-cômica	1 ato	
10/7/1860	Terça-feira	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	José da Silva Mendes Leal Junior	Não informado	Pedro	Drama	5 atos	
10/7/1860	Terça-feira	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	Vasques	O Sr. Joaquim da Costa Brasil	Cena-cômica	1 ato	
11/7/1860	Quarta-feira	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	J.M. Dias Guimarães	Não informado	O poder do ouro	Drama	4 atos	
11/7/1860	Quarta-feira	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	Vasques	O Sr. Joaquim da Costa Brasil	Cena-cômica	1 ato	
11/7/1860	Quarta-feira	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	desconhecido	Não informado	Maricota ou os efeitos da educação	Comédia	1 ato	
12/7/1860	Quinta-feira	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Joaquim Augusto de Oliveira	Furtado Coelho; Vasques; Guilherme; Joaquim Câmara; Eduardo; Eugênia Câmara e Lucinda.	Útil e agradável	Vaudeville	1 ato	

12/7/1860	Quinta-feira	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Jean François Alfred Bayard e Emile Vanderburch	Não informado	O gaiato de Lisboa	Comédia	2 atos	
12/7/1860	Quinta-feira	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	desconhecido	Não informado	Maricota ou os efeitos da educação	Comédia	1 ato	
12/7/1860	Quinta-feira	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	Vasques	O Sr. Joaquim da Costa Brasil	Cena-cômica	1 ato	
14/7/1860	Sábado	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Joaquim Augusto de Oliveira	Furtado Coelho; Vasques; Guilherme; Joaquim Câmara; Eduardo; Eugênia Câmara e Lucinda.	Útil e agradável	Vaudeville	1 ato	
14/7/1860	Sábado	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Jean François Alfred Bayard e Emile Vanderburch	Não informado	O gaiato de Lisboa	Comédia	2 atos	
14/7/1860	Sábado	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	desconhecido	Não informado	Maricota ou os efeitos da educação	Comédia	1 ato	
15/7/1860	Domingo	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Joaquim Augusto de Oliveira	Furtado Coelho; Vasques; Guilherme; Joaquim Câmara; Eduardo; Eugênia Câmara e Lucinda.	Útil e agradável	Vaudeville	1 ato	
15/7/1860	Domingo	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Jean François Alfred Bayard e Emile Vanderburch	Não informado	O gaiato de Lisboa	Comédia	2 atos	
15/7/1860	Domingo	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	desconhecido	Não informado	Maricota ou os efeitos da educação	Comédia	1 ato	
15/7/1860	Domingo	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	Vasques	O Sr. Joaquim da Costa Brasil	Cena-cômica	1 ato	
16/7/1860	Segunda-feira	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	J.M. Dias Guimarães	Não informado	O poder do ouro	Drama	4 atos	Benefício de Manoel Estanislao de Souza
16/7/1860	Segunda-feira	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	Vasques	O beberão	Cena-cômica	1 ato	
16/7/1860	Segunda-feira	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	desconhecido	Não informado	Maricota ou os efeitos da educação	Comédia	1 ato	
17/7/1860	Terça-feira	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Octave Feuillet	Não informado	Dalila	Drama	4 atos	
17/7/1860	Terça-feira	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	desconhecido	Não informado	Maricota ou os efeitos da educação	Comédia	1 ato	
19/7/1860	Quinta-feira	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Octave Feuillet	Não informado	Dalila	Drama	4 atos	
19/7/1860	Quinta-feira	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Joaquim A. de Oliveira	Não informado	Útil e agradável	Vaudeville	1 ato	



22/7/1860	Domingo	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Joaquim Augusto de Oliveira	Não informado	Útil e agradável	Vaudeville	1 ato	Espetáculo no período da tarde e da noite.
22/7/1860	Domingo	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Jean François Alfred Bayard e Emile Vanderburch	Não informado	O gaiato de Lisboa	Comédia	2 atos	Espetáculo no período da tarde e da noite.
22/7/1860	Domingo	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	Vasques	O Sr. Joaquim da Costa Brasil	Cena-cômica	1 ato	Espetáculo no período da tarde e da noite.
22/7/1860	Domingo	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	desconhecido	Eugênia Câmara	Bertha de Castigo	Cena-cômica	1 ato	Espetáculo no período da tarde e da noite.
23/7/1860	Segunda-feira	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	J.M. Dias Guimarães	Não informado	O poder do ouro	Drama	4 atos	Benefício do ator Pimentel
23/7/1860	Segunda-feira	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	Vasques	O Sr. Joaquim da Costa Brasil	Cena-cômica	1 ato	
23/7/1860	Segunda-feira	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	desconhecido	Não informado	Maricota ou os efeitos da educação	Comédia	1 ato	
28/7/1860	Sábado	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Quintino Bocaiúva	Furtado Coelho (O Visconde); Guilherme (Dr. Eduardo); Pimentel (Jorge Silveira); Eugênia Câmara (a baronesa); Lucinda (D. Maria); Marcelina (Eulália); Clotilde (Aurélia); Marcelina (Olympia); Sá (Desembargador); Lisboa (o comendador); Eduardo (Adolpho); Arthur (Menezes); Joaquim Câmara (Pereira); Antonina (Clotilde); Collares (André).	Onfália	Drama	7 quadros	
28/7/1860	Sábado	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	Vasques	O Sr. Joaquim da Costa Brasil	Cena-cômica	1 ato	
31/7/1860	Terça-feira	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Quintino Bocaiúva	Não informado	Onfália	Drama	7 quadros	
1/8/1860	Quarta-feira	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Quintino Bocaiúva	Não informado	Onfália	Drama	7 quadros	
1/8/1860	Quarta-feira	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	Vasques	O Sr. Joaquim da Costa Brasil	Cena-cômica	1 ato	
3/8/1860	Sexta-feira	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Octave Feuillet	Não informado	Dalila	Drama	4 atos	
3/8/1860	Sexta-feira	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	desconhecido	Pinheiro	Manuel d' Abalada	Cena-cômica	1 ato	
3/8/1860	Sexta-feira	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	desconhecido		Estive no club	Comédia	1 ato	
4/8/1860	Sábado	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Quintino Bocaiúva	Não informado	Onfália	Drama	7 quadros	Benefício de Clotilde Benedetti de Sá
4/8/1860	Sábado	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	desconhecido	Não informado	Um marido vítima de modas	Comédia	1 ato	

5/8/1860	Domingo	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Quintino Bocaiúva	Não informado	Onfália	Drama	7 quadros	
5/8/1860	Domingo	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	Vasques	O Sr. Joaquim da Costa Brasil	Cena-cômica	1 ato	
8/8/1860	Quarta-feira	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Quintino Bocaiúva	Não informado	Onfália	Drama	7 quadros	Espectáculo de benefício para a educação de uma menina.
8/8/1860	Quarta-feira	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	Vasques	O Sr. Joaquim da Costa Brasil	Cena-cômica	1 ato	
8/8/1860	Quarta-feira	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	desconhecido	Não informado	Maricota ou os efeitos da educação	Comédia	1 ato	
10/8/1860	Sexta-feira	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Quintino Bocaiúva	Não informado	Onfália	Drama	7 quadros	Benefício de Antonina Marquelou
10/8/1860	Sexta-feira	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Eugene Scribe	Não informado	A madrasta	Comédia	1 ato	
11/8/1860	Sábado	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Quintino Bocaiúva	Não informado	Onfália	Drama	7 quadros	
11/8/1860	Sábado	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	desconhecido	Eugênia Câmara	Bertha de Castigo	Cena-cômica	1 ato	
12/8/1860	Domingo	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Joaquim Augusto de Oliveira	Não informado	O casamento singular	Comédia	3 atos	
12/8/1860	Domingo	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	Vasques	O Sr. Joaquim da Costa Brasil	Cena-cômica	1 ato	
12/8/1860	Domingo	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	Vasques	A guerra da Itália	Cena-cômica	1 ato	
12/8/1860	Domingo	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Clairville e Lambert Thiboust	Não informado	A corda sensível	Comédia	1 ato	
14/8/1860	Terça-feira	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	J.M. Dias Guimarães	Não informado	O poder do ouro	Drama	4 atos	
14/8/1860	Terça-feira	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Paulo Midosi	Não informado	O Sr. José do Capote	Cena-cômica	1 ato	
15/8/1860	Quarta-feira	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	desconhecido	Não informado	O anjo da paz	Comédia-drama	2 atos	
15/8/1860	Quarta-feira	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	desconhecido	Não informado	Um marido vítima de modas	Comédia	1 ato	
15/8/1860	Quarta-feira	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Paulo Midosi	Martins	O Sr. José do Capote	Cena-cômica	1 ato	
15/8/1860	Quarta-feira	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Clairville e Lambert Thiboust	Não informado	A corda sensível	Comédia	1 ato	
16/8/1860	Quinta-feira	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Jean François Alfred Bayard e Emile Vanderburch	Não informado	O gaiato de Lisboa	Comédia	2 atos	
16/8/1860	Quinta-feira	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Eugene Scribe	Não informado	A madrasta	Comédia	1 ato	Benefício de Victorino Cyriaco da Silva

16/8/1860	Quinta-feira	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Pinheiro	Pinheiro	Manuel d' Abalada	Cena-cômica	1 ato	
16/8/1860	Quinta-feira	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	desconhecido	Não informado	Maricota ou os efeitos da educação	Comédia	1 ato	
16/8/1860	Quinta-feira	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Pinheiro	Pinheiro	O passarinho	Cena-cômica	1 ato	
17/8/1860	Sexta-feira	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	J.M. Dias Guimarães	Não informado	O poder do ouro	Drama	4 atos	
17/8/1860	Sexta-feira	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	Martins	A guerra da Itália	Cena-cômica	1 ato	
17/8/1860	Sexta-feira	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Clairville e Lambert Thiboust	Não informado	Útil e agradável	Vaudeville	1 ato	
18/8/1860	Sábado	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Quintino Bocaiúva	Não informado	Onfália	Drama	7 quadros	
18/8/1860	Sábado	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	desconhecido	Eugênia Câmara	Não volto ao palco	Cena-cômica	1 ato	
19/8/1860	Domingo	Teatro das Variedades	Furtado Coelho	Furtado Coelho	J.M. Dias Guimarães	Não informado	O poder do ouro	Drama	4 atos	Último espetáculo da companhia dramática
23/9/1860	Domingo	Sociedade Dramática Nacional	Furtado Coelho e outros	Furtado Coelho	Joaquim Manuel de Macedo	Joaquim Augusto (Maurício); Pedro Joaquim (Anastácio); Moutinho (Felisberto); Furtado Coelho (Henrique); Militão (Reinaldo); Graça (Comendador Pereira); Paiva (Frederico); Vasques (Petit); Freitas (1ª máscara); Torquato (2ª máscara); Maria Velutti (Hortência); Adelaide (Leonina); Julia Heller (Fabiana); Eugênia (Filipa); Ludovina (Lucia); Magdalena (Fanny).	Luxo e Vaidade	Comédia	5 atos	
25/9/1860	Terça-feira	Sociedade Dramática Nacional	Furtado Coelho e outros	Furtado Coelho	Joaquim Manuel de Macedo	Não informado	Luxo e Vaidade	Comédia	5 atos	Não houve espetáculo em razão da enfermidade do ator Pedro Joaquim.
27/9/1860	Quinta-feira	Sociedade Dramática Nacional	Furtado Coelho e outros	Furtado Coelho	Joaquim Manuel de Macedo	Não informado	Luxo e Vaidade	Comédia	5 atos	Não houve espetáculo.
28/9/1860	Sexta-feira	Sociedade Dramática Nacional	Furtado Coelho e outros	Furtado Coelho	Joaquim Manuel de Macedo	Não informado	Luxo e Vaidade	Comédia	5 atos	
29/9/1860	Sábado	Sociedade Dramática Nacional	Furtado Coelho e outros	Furtado Coelho	Joaquim Manuel de Macedo	Não informado	Luxo e Vaidade	Comédia	5 atos	
30/9/1860	Domingo	Sociedade Dramática Nacional	Furtado Coelho e outros	Furtado Coelho	Joaquim Manuel de Macedo	Não informado	Luxo e Vaidade	Comédia	5 atos	
1/10/1860	Segunda-feira	Sociedade Dramática Nacional	Furtado Coelho e outros	Furtado Coelho	Joaquim Manuel de Macedo	Não informado	Luxo e Vaidade	Comédia	5 atos	
2/10/1860	Terça-feira	Sociedade Dramática Nacional	Furtado Coelho e outros	Furtado Coelho	Joaquim Manuel de Macedo	Não informado	Luxo e Vaidade	Comédia	5 atos	

3/10/1860	Quarta-feira	Sociedade Dramática Nacional	Furtado Coelho e outros	Furtado Coelho	Joaquim Manuel de Macedo	Não informado	Luxo e Vaidade	Comédia	5 atos	
4/10/1860	Quinta-feira	Sociedade Dramática Nacional	Furtado Coelho e outros	Furtado Coelho	Joaquim Manuel de Macedo	Não informado	Luxo e Vaidade	Comédia	5 atos	
7/10/1860	Domingo	Sociedade Dramática Nacional	Furtado Coelho e outros	Furtado Coelho	Joaquim Manuel de Macedo	Não informado	Luxo e Vaidade	Comédia	5 atos	
9/10/1860	Terça-feira	Sociedade Dramática Nacional	Furtado Coelho e outros	Furtado Coelho	Joaquim Manuel de Macedo	Não informado	Luxo e Vaidade	Comédia	5 atos	
11/10/1860	Quinta-feira	Sociedade Dramática Nacional	Furtado Coelho e outros	Furtado Coelho	Joaquim Manuel de Macedo	Não informado	Luxo e Vaidade	Comédia	5 atos	
12/10/1860	Sexta-feira	Sociedade Dramática Nacional	Furtado Coelho e outros	Furtado Coelho	Joaquim Manuel de Macedo	Não informado	Luxo e Vaidade	Comédia	5 atos	
14/10/1860	Domingo	Sociedade Dramática Nacional	Furtado Coelho e outros	Furtado Coelho	Joaquim Manuel de Macedo	Não informado	Luxo e Vaidade	Comédia	5 atos	
16/10/1860	Terça-feira	Sociedade Dramática Nacional	Furtado Coelho e outros	Furtado Coelho	Joaquim Manuel de Macedo	Não informado	Luxo e Vaidade	Comédia	5 atos	
18/10/1860	Quinta-feira	Sociedade Dramática Nacional	Furtado Coelho e outros	Furtado Coelho	Joaquim Manuel de Macedo	Não informado	Luxo e Vaidade	Comédia	5 atos	
19/10/1860	Sexta-feira	Sociedade Dramática Nacional	Furtado Coelho e outros	Furtado Coelho	Joaquim Manuel de Macedo	Não informado	Luxo e Vaidade	Comédia	5 atos	
20/10/1860	Sábado	Sociedade Dramática Nacional	Furtado Coelho e outros	Furtado Coelho	Joaquim Manuel de Macedo	Não informado	Luxo e Vaidade	Comédia	5 atos	
21/10/1860	Domingo	Sociedade Dramática Nacional	Furtado Coelho e outros	Furtado Coelho	Joaquim Manuel de Macedo	Não informado	Luxo e Vaidade	Comédia	5 atos	
23/10/1860	Terça-feira	Sociedade Dramática Nacional	Furtado Coelho e outros	Furtado Coelho	desconhecido	Não informado	Uma mulher que se atira pela janela	Comédia	1 ato	
23/10/1860	Terça-feira	Sociedade Dramática Nacional	Furtado Coelho e outros	Furtado Coelho	Joaquim Manuel de Macedo	Não informado	Luxo e Vaidade	Comédia	5 atos	
25/10/1860	Quinta-feira	Sociedade Dramática Nacional	Furtado Coelho e outros	Furtado Coelho	desconhecido	Não informado	Uma mulher que se atira pela janela	Comédia	1 ato	
25/10/1860	Quinta-feira	Sociedade Dramática Nacional	Furtado Coelho e outros	Furtado Coelho	Joaquim Manuel de Macedo	Não informado	Luxo e Vaidade	Comédia	5 atos	
26/10/1860	Sexta-feira	Sociedade Dramática Nacional	Furtado Coelho e outros	Furtado Coelho	Ernesto Cibrão	Não informado	Os homens do campo	Drama	3 atos	

26/10/1860	Sexta-feira	Sociedade Dramática Nacional	Furtado Coelho e outros	Furtado Coelho	Imitação de A. Moutinho de Souza	Clotilde (D. Eugênia); Moutinho (Eduardo Marques).	O acaso faz das suas	Comédia	1 ato	
28/10/1860	Domingo	Sociedade Dramática Nacional	Furtado Coelho e outros	Furtado Coelho	José de Alencar	Não informado	O demônio familiar	Comédia	4 atos	
28/10/1860	Domingo	Sociedade Dramática Nacional	Furtado Coelho e outros	Furtado Coelho	desconhecido	Não informado	Uma mulher que se atira pela janela	Comédia	1 ato	
29/10/1860	Segunda-feira	Sociedade Dramática Nacional	Furtado Coelho e outros	Furtado Coelho	Ernesto Cibrão	Não informado	Os homens do campo	Drama	3 atos	
29/10/1860	Segunda-feira	Sociedade Dramática Nacional	Furtado Coelho e outros	Furtado Coelho	Imitação de A. Moutinho de Souza	Clotilde (D. Eugênia); Moutinho (Eduardo Marques).	O acaso faz das suas	Comédia	1 ato	
29/10/1860	Segunda-feira	Sociedade Dramática Nacional	Furtado Coelho e outros	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	Não informado	O beberão	Cena-cômica	1 ato	
30/10/1860	Terça-feira	Sociedade Dramática Nacional	Furtado Coelho e outros	Furtado Coelho	José de Alencar	Não informado	O demônio familiar	Comédia	4 atos	
30/10/1860	Terça-feira	Sociedade Dramática Nacional	Furtado Coelho e outros	Furtado Coelho	desconhecido	Não informado	Uma mulher que se atira pela janela	Comédia	1 ato	
1/11/1860	Quinta-feira	Sociedade Dramática Nacional	Furtado Coelho e outros	Furtado Coelho	Charles de Courcy	J. Augusto (Conde de Reuille); Furtado Coelho (André de Reuille); Pedro Joaquim (Bachu); Militão (Cotellet); Freitas (D'Athis); Vasques (José); Athayde (um criado); Velutti (Sra. Lormoy); Adelaide (Bertha); M. Fernanda (estalajadeira).	O caminho mais comprido	Drama	3 atos	
1/11/1860	Quinta-feira	Sociedade Dramática Nacional	Furtado Coelho e outros	Furtado Coelho	Imitação de A. Moutinho de Souza	Não informado	O acaso faz das suas	Comédia	1 ato	
1/11/1860	Quinta-feira	Sociedade Dramática Nacional	Furtado Coelho e outros	Furtado Coelho	desconhecido	Não informado	Uma mulher que se atira pela janela	Comédia	1 ato	
3/11/1860	Sábado	Sociedade Dramática Nacional	Furtado Coelho e outros	Furtado Coelho	Charles de Courcy	Não informado	O caminho mais comprido	Drama	3 atos	Benefício de Furtado Coelho. Não houve espetáculo em razão do mau tempo.
3/11/1860	Sábado	Sociedade Dramática Nacional	Furtado Coelho e outros	Furtado Coelho	desconhecido	Não informado	As primeiras proezas de Richelieu	Comédia	2 atos	
4/11/1860	Domingo	Sociedade Dramática Nacional	Furtado Coelho e outros	Furtado Coelho	Charles de Courcy	Não informado	O caminho mais comprido	Drama	3 atos	
4/11/1860	Domingo	Sociedade Dramática Nacional	Furtado Coelho e outros	Furtado Coelho	desconhecido	Não informado	As primeiras proezas de Richelieu	Comédia	2 atos	
5/11/1860	Segunda-feira	Sociedade Dramática Nacional	Furtado Coelho e outros	Furtado Coelho	Charles de Courcy	Não informado	O caminho mais comprido	Drama	3 atos	Benefício de Furtado Coelho.

5/11/1860	Segunda-feira	Sociedade Dramática Nacional	Furtado Coelho e outros	Furtado Coelho	desconhecido	Não informado	As primeiras proezas de Richelieu	Comédia	2 atos	
7/11/1860	Quarta-feira	Sociedade Dramática Nacional	Furtado Coelho e outros	Furtado Coelho	desconhecido	Não informado	Uma mulher que se atira pela janela	Comédia	1 ato	
7/11/1860	Quarta-feira	Sociedade Dramática Nacional	Furtado Coelho e outros	Furtado Coelho	Charles de Courcy	Não informado	O caminho mais comprido	Drama	3 atos	
8/11/1860	Quinta-feira	Sociedade Dramática Nacional	Furtado Coelho e outros	Furtado Coelho	Charles de Courcy	Não informado	O caminho mais comprido	Drama	3 atos	
8/11/1860	Quinta-feira	Sociedade Dramática Nacional	Furtado Coelho e outros	Furtado Coelho	desconhecido	Não informado	As primeiras proezas de Richelieu	Comédia	2 atos	
10/11/1860	Sábado	Sociedade Dramática Nacional	Furtado Coelho e outros	Furtado Coelho	Joaquim Manuel de Macedo	Não informado	Luxo e Vaidade	Comédia	5 atos	
11/11/1860	Domingo	Sociedade Dramática Nacional	Furtado Coelho e outros	Furtado Coelho	Joaquim Manuel de Macedo	Não informado	Luxo e Vaidade	Comédia	5 atos	
11/11/1860	Domingo	Sociedade Dramática Nacional	Furtado Coelho e outros	Furtado Coelho	desconhecido	Não informado	Uma mulher que se atira pela janela	Comédia	1 ato	
14/11/1860	Quarta-feira	Sociedade Dramática Nacional	Furtado Coelho e outros	Furtado Coelho	Joaquim Manuel de Macedo	Não informado	Luxo e Vaidade	Comédia	5 atos	
14/11/1860	Quarta-feira	Sociedade Dramática Nacional	Furtado Coelho e outros	Furtado Coelho	desconhecido	Não informado	Por causa do mercantil	Comédia	1 ato	
16/11/1860	Sexta-feira	Sociedade Dramática Nacional	Furtado Coelho e outros	Furtado Coelho	Joaquim Manuel de Macedo	Não informado	Luxo e Vaidade	Comédia	5 atos	
16/11/1860	Sexta-feira	Sociedade Dramática Nacional	Furtado Coelho e outros	Furtado Coelho	desconhecido	Não informado	Por causa do mercantil	Comédia	1 ato	

*Jornal do Commercio: 1865*

Data	Dia da semana	Teatro	Empresário / Ensaíador	Autor	Ator(es) Personagens	Espectáculo	Gênero	Atos	Outras Informações
4/3/1865	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Octave Feuillet	Furtado Coelho (Maurício Feder); Adelaide do Amaral (Magdalena)	A redenção	Drama	5 atos	
4/3/1865	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	Vasques	O Brasil e o Paraguai	Cena-cômica	1 ato	
4/3/1865	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	Não informado	O Brasil esmagando o Paraguai	Quadro alegórico	1 ato	
5/3/1865	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Octave Feuillet	Furtado Coelho (Maurício Feder); Adelaide do Amaral (Magdalena)	A redenção	Drama	5 atos	
5/3/1865	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	Vasques	O Brasil e o Paraguai	Cena-cômica	1 ato	
8/3/1865	Quarta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Octave Feuillet	Furtado Coelho (Maurício Feder); Adelaide do Amaral (Magdalena)	A redenção	Drama	5 atos	
8/3/1865	Quarta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	Vasques	O Brasil e o Paraguai	Cena-cômica	1 ato	
12/3/1865	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Jean François Alfred Bayard e Emile Vanderburch	Furtado Coelho (General); Vasques (Gaiato)	O gaiato de Lisboa	Comédia-Drama	2 atos	
12/3/1865	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	Vasques	O Brasil e o Paraguai	Cena-cômica	1 ato	
12/3/1865	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	Não informado	O Brasil esmagando o Paraguai	Quadro alegórico	1 ato	
12/3/1865	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Augusto de Castro	Vasques; Paiva e Clélia.	Tchang-Tching-epi	Triálogo quase cômico	1 ato	
14/3/1865	Terça-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Jean François Alfred Bayard e Emile Vanderburch	Furtado Coelho (General); Vasques (Gaiato)	O gaiato de Lisboa	Comédia-Drama	2 atos	
14/3/1865	Terça-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Ataliba Gommensol	Julia de Castro (Leonor)	O casal pitanga	comédia	1 ato	
14/3/1865	Terça-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	Vasques	O Brasil e o Paraguai	Cena-cômica	1 ato	
14/3/1865	Terça-feira	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Moutinho	Os efeitos do vinho novo	Cena-cômica	1 ato	
15/3/1865	Quarta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Adelaide; Areas; Graça; Paiva.	O pai de uma atriz	Comédia	5 atos	Benefício de um cego
15/3/1865	Quarta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	Vasques	O Sr. Anselmo apaixonado pelo Alcazar	Cena-cômica	1 ato	
15/3/1865	Quarta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Não informado	Quase que se pegão	comédia	1 ato	
16/3/1865	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Augusto Cesar de Lacerda	Furtado Coelho; Areas; Dias Guimarães; Jordani; Pinheiro; Julia Heller	Cinismo, Ceticismo e Crença	Drama	2 atos	

16/3/1865	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	Vasques	O Brasil e o Paraguai	Cena-cômica	1 ato	
16/3/1865	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Jean François Alfred Bayard e Emile Vanderburch	Furtado Coelho (General); Vasques (Gaiato)	O gaiato de Lisboa	Comédia-Drama	2 atos	
18/3/1865	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Furtado Coelho; Areas; Adelaide; Vasques; Dias Guimarães; Graça; Torquato; Jordani; Pinheiro; Cunha; Clelia; Julia; Madalena e Virginia.	As recordações da mocidade	Drama	4 atos	
18/3/1865	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	Vasques	O Brasil e o Paraguai	Cena-cômica	1 ato	
19/3/1865	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Furtado Coelho; Areas; Adelaide; Vasques; Dias Guimarães; Graça; Torquato; Jordani; Pinheiro; Cunha; Clelia; Julia; Madalena e Virginia.	As recordações da mocidade	Drama	4 atos	
19/3/1865	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Jean François Alfred Bayard e Emile Vanderburch	Furtado Coelho (General); Vasques (Gaiato)	O gaiato de Lisboa	Comédia-Drama	2 atos	
21/3/1865	Terça-feira	Ginásio	Furtado Coelho	José d'Almada e Lencastre	Vicente Pontes de Oliveira; Maria Amalia Monteiro; Graça; Vasques; Julia; Clelia; Elisa; Virginia.	O casamento singular	Comédia	3 atos	
21/3/1865	Terça-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	Vasques	O Brasil e o Paraguai	Cena-cômica	1 ato	
22/3/1865	Terça-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Augusto Cesar de Lacerda	Furtado Coelho; Areas; Dias Guimarães; Jordani; Pinheiro; Julia Heller	Cinismo, Ceticismo e Crença	Drama	2 atos	
22/3/1865	Terça-feira	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Simões e Gabriella.	O amor londrino	Entre ato cômico	1 ato	
23/3/1865	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Augusto Cesar de Lacerda	Furtado Coelho; Areas; Dias Guimarães; Jordani; Pinheiro; Julia Heller	Cinismo, Ceticismo e Crença	Drama	2 atos	
23/3/1865	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Simões e Gabriella.	O amor londrino	Entre ato cômico	1 ato	
25/3/1865	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Jean François Alfred Bayard e Emile Vanderburch	Furtado Coelho (General); Vasques (Gaiato)	O gaiato de Lisboa	Comédia-Drama	2 atos	
25/3/1865	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Simões	Uma visita de amizade do velhinho Matheus	Cena-cômica	1 ato	
25/3/1865	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	Vasques	O Brasil e o Paraguai	Cena-cômica	1 ato	
26/3/1865	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Vasques; Torquato; Santos; Oliveira; Jordani; Clelia e Elisa.	Não é com essas	Comédia	3 atos	Estreia da atriz Ismenia dos Santos
26/3/1865	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Simões	O fotógrafo	Cena-cômica	1 ato	



26/3/1865	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Jean François Alfred Bayard e Emile Vanderburch	Furtado Coelho (General); Vasques (Gaiato)	O gaiato de Lisboa	Comédia-Drama	2 atos	
29/3/1865	Quarta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Augusto Cesar de Lacerda	Furtado Coelho; Areas; Dias Guimarães; Jordani; Pinheiro; Julia Heller	Cinismo, Ceticismo e Crença	Drama	2 atos	
29/3/1865	Quarta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Simões	O fotógrafo	Cena-cômica	1 ato	
29/3/1865	Quarta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Ismênia; Vasques; Torquato; Santos; Oliveira; Jordani; Clelia e Elisa.	Não é com essas	Comédia	3 atos	Estreia da atriz Ismênia dos Santos
1/4/1865	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Jean François Alfred Bayard e Emile Vanderburch	Furtado Coelho (General); Vasques (Gaiato)	O gaiato de Lisboa	Comédia-Drama	2 atos	
1/4/1865	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	José d'Almada e Lencastre	Paiva; Vasques; Graça; Julia; Clelia; Elisa; Virgínia.	O casamento singular	Comédia	3 atos	
1/4/1865	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	Vasques	O Brasil e o Paraguai	Cena-cômica	1 ato	
5/4/1865	Quarta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	Graça e Vasques	O Graça e o Vasques	Cena-cômica	1 ato	
5/4/1865	Quarta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	Vasques	O Sr. Domingos fora do sério	Cena-cômica	1 ato	
5/4/1865	Quarta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Paulo Midosi	Areas	O Sr. José do Capote	Cena-cômica	1 ato	
16/4/1865	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Ernesto Cibrão	Furtado Coelho (Estevão Henriques); Areas (Pedro Alvares); Heller (Bento Pereira); D. Guimarães (Cesar); Paiva (Alexandre); Graça (Antônio); Vasques (Braz); Clélia (Dona Rosa); J. Heller (Angela)	Os voluntários	Drama	3 atos	Inauguração da nova Empresa
16/4/1865	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	Vasques	O Brasil e o Paraguai	Cena-cômica	1 ato	
18/4/1865	Terça-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Ernesto Cibrão	Não informado	Os voluntários	Drama	3 atos	
18/4/1865	Terça-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	Vasques	O Brasil e o Paraguai	Cena-cômica	1 ato	
19/4/1865	Quarta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Ernesto Cibrão	Não informado	Os voluntários	Drama	3 atos	
19/4/1865	Quarta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	Vasques	O Brasil e o Paraguai	Cena-cômica	1 ato	
21/4/1865	Sexta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Ernesto Cibrão	Não informado	Os voluntários	Drama	3 atos	
21/4/1865	Sexta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	Vasques	Joaquim Sacristão	Cena-cômica	1 ato	
22/4/1865	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Ernesto Cibrão	Não informado	Os voluntários	Drama	3 atos	
22/4/1865	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	Vasques	O Sr. Anselmo apaixonado pelo Acazar	Cena-cômica	1 ato	
23/4/1865	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Ernesto Cibrão	Não informado	Os voluntários	Drama	3 atos	
23/4/1865	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	Vasques	O Brasil e o Paraguai	Cena-cômica	1 ato	

23/4/1865	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Paulo Midosi	Areas	O Sr. José do Capote	Cena-cômica	1 ato	
24/4/1865	Segunda-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Jean François Alfred Bayard e Emile Vanderburch	Furtado Coelho (General); Vasques (Gaiato); Paiva (Fernando); Areas (Pantaleão); Clelia (Aurelia); Julia (Elisa); Eliza (Theresa); Jordani (Hilário)	O gaiato de Lisboa	Comédia-Drama	2 atos	
24/4/1865	Segunda-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	Vasques	O Sr. Domingos fora do sério	Cena-cômica	1 ato	
24/4/1865	Segunda-feira	Ginásio	Furtado Coelho	José d'Almada e Lencastre	Vasques; Paiva; Graça; Julia; Amalia; Eliza; Virgínia.	O casamento singular	Comédia	3 atos	
26/4/1865	Quarta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Ernesto Cibrão	Não informado	Os voluntários	Drama	3 atos	
26/4/1865	Quarta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Augusto de Castro	Não informado	Tchang-Tching-Bung	Triálogo quase cômico	1 ato	
27/4/1865	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Ernesto Cibrão	Não informado	Os voluntários	Drama	3 atos	
27/4/1865	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Joaquim Manuel de Macedo	Não informado	O novo Otelo	Comédia	1 ato	
28/4/1865	Sexta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Não informado	Um par de mortes ou A vida de um par	Vaudeville	1 ato	Presença do Imperador. Benefício do ator Simões
28/4/1865	Sexta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Não informado	Destes há poucos	Comédia	1 ato	
28/4/1865	Sexta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Não informado	Um amor londrino	Entre ato cômico	1 ato	
28/4/1865	Sexta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Joaquim Manuel de Macedo	Não informado	O novo Otelo	Comédia	1 ato	
29/4/1865	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Ernesto Cibrão	Não informado	Os voluntários	Drama	3 atos	
29/4/1865	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	Vasques	O beberão	Cena-cômica	1 ato	
29/4/1865	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho		Simões	Destes há poucos	Comédia	1 ato	
3/5/1865	Quarta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Ernesto Cibrão	Não informado	Os voluntários	Drama	3 atos	
3/5/1865	Quarta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	José d'Almada e Lencastre	Não informado	O casamento singular	Comédia	3 atos	
6/5/1865	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Ernesto Cibrão	Não informado	Os voluntários	Drama	3 atos	
6/5/1865	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	José d'Almada e Lencastre	Não informado	O casamento singular	Comédia	3 atos	
7/5/1865	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Ernesto Cibrão	Não informado	Os voluntários	Drama	3 atos	
7/5/1865	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Jean François Alfred Bayard e Emile Vanderburch	Não informado	O gaiato de Lisboa	Comédia-Drama	2 atos	
8/5/1865	Segunda-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Ernesto Cibrão	Não informado	Os voluntários	Drama	3 atos	
8/5/1865	Segunda-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	Vasques	O Brasil e o Paraguai	Cena-cômica	1 ato	Presença do Imperador. Benefício da Sociedade União e Perseverança

13/5/1865	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Maria Ribeiro	Furtado Coelho; Areas; Graça; Heller; Pinheiro; Antonina; Julia; Clelia; Eliza.	Cancros Sociais	Drama	5 atos	Primeira apresentação Estreia da atriz Antonina Marquelou
13/5/1865	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	Vasques	O Sr. Domingos fora do sério	Cena-cômica	1 ato	
14/5/1865	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Maria Ribeiro	Furtado Coelho; Areas; Graça; Heller; Pinheiro; Antonina; Julia; Clelia; Eliza.	Cancros Sociais	Drama	5 atos	
14/5/1865	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	Vasques	O beberão	Cena-cômica	1 ato	
17/5/1865	Quarta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Maria Ribeiro	Furtado Coelho (Eugênio); Areas (Antonio Forbes); Graça (Visconde de Medeiros); Heller (Barão de Maragogipe); Pinheiro (Pedro); Antonina (Paulina); Julia (Olimpia); Clelia (Marta); Eliza (Mathilde); Cunha (um empregado).	Cancros Sociais	Drama	5 atos	
17/5/1865	Quarta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	Vasques	Joaquim Sacristão	Cena-cômica	1 ato	
18/5/1865	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Maria Ribeiro	Não informado	Cancros Sociais	Drama	5 atos	
18/5/1865	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	Vasques	O Sr. Anselmo apaixonado pelo Alcazar	Cena-cômica	1 ato	
20/5/1865	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Maria Ribeiro	Não informado	Cancros Sociais	Drama	5 atos	
20/5/1865	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	José d'Almada e Lencastre	Não informado	O casamento singular	Comédia	3 atos	
21/5/1865	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Maria Ribeiro	Não informado	Cancros Sociais	Drama	5 atos	
21/5/1865	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	José d'Almada e Lencastre	Não informado	O casamento singular	Comédia	3 atos	
23/5/1865	Terça-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Ernesto Cibrão	Não informado	Os voluntários	Drama	3 atos	Benefício do chefe da orquestra T. Henrique Ganongia
23/5/1865	Terça-feira	Ginásio	Furtado Coelho	José d'Almada e Lencastre	Não informado	O casamento singular	Comédia	3 atos	
25/5/1865	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Maria Ribeiro	Não informado	Cancros Sociais	Drama	5 atos	
25/5/1865	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	José d'Almada e Lencastre	Não informado	O casamento singular	Comédia	3 atos	
27/5/1865	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Maria Ribeiro	Não informado	Cancros Sociais	Drama	5 atos	
27/5/1865	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	José d'Almada e Lencastre	Não informado	O casamento singular	Comédia	3 atos	
28/5/1865	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Maria Ribeiro	Não informado	Cancros Sociais	Drama	5 atos	
28/5/1865	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	José d'Almada e Lencastre	Não informado	O casamento singular	Comédia	3 atos	
29/5/1865	Segunda-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Maria Ribeiro	Não informado	Cancros Sociais	Drama	5 atos	
29/5/1865	Segunda-feira	Ginásio	Furtado Coelho	José d'Almada e Lencastre	Não informado	O casamento singular	Comédia	3 atos	
30/5/1865	Terça-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Jean François Alfred Bayard e Emile Vanderburch	Não informado	O gaiato de Lisboa	Comédia-Drama	2 atos	

30/5/1865	Terça-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	Vasques	Joaquim Sacristão	Cena-cômica	1 ato	Presença do Imperador. Benefício de Bernardo Wagner
31/5/1865	Quarta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Maria Ribeiro	Não informado	Cancros Sociais	Drama	5 atos	
31/5/1865	Quarta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Paulo Midosi	Areas	O Sr. José do capote	Cena-cômica	1 ato	
3/6/1865	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Maria Ribeiro	Não informado	Cancros Sociais	Drama	5 atos	
3/6/1865	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	José d'Almada e Lencastre	Não informado	O casamento singular	Comédia	3 atos	
4/6/1865	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Maria Ribeiro	Não informado	Cancros Sociais	Drama	5 atos	
4/6/1865	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	José d'Almada e Lencastre	Não informado	O casamento singular	Comédia	3 atos	
10/6/1865	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Maria Ribeiro	Não informado	Cancros Sociais	Drama	5 atos	
10/6/1865	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	José d'Almada e Lencastre	Não informado	O casamento singular	Comédia	3 atos	
11/6/1865	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Maria Ribeiro	Não informado	Cancros Sociais	Drama	5 atos	
11/6/1865	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	José d'Almada e Lencastre	Não informado	O casamento singular	Comédia	3 atos	
15/6/1865	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	José d'Almada e Lencastre	Não informado	O casamento singular	Comédia	3 atos	
16/6/1865	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	Graça e Vasques	O Graça e o Vasques	Cena-cômica	1 ato	
16/6/1865	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	Vasques	O Sr. Domingos fora do sério	Cena-cômica	1 ato	
17/6/1865	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Areas; Paiva; Vasques; Oliveira Vasques; Gloria, Amalia e Vicencia.	Remédio para paixões românticas	Comédia	3 atos	Estreia da atriz Maria da Gloria Lima.
17/6/1865	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	Vasques	Os dois infernos	Cena-cômica	1 ato	
17/6/1865	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	José d'Almada e Lencastre	Não informado	O casamento singular	Comédia	3 atos	
18/6/1865	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Areas; Paiva; Vasques; Oliveira Vasques; Gloria, Amalia e Vicencia.	Remédio para paixões românticas	Comédia	3 atos	
18/6/1865	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	Vasques; Amalia	Os dois infernos	Cena-cômica	1 ato	
18/6/1865	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	José d'Almada e Lencastre	Não informado	O casamento singular	Comédia	3 atos	
21/6/1865	Quarta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Augusto Cesar de Lacerda	Furtado Coelho (Carlos); Areas (Macedo); Dias Guimarães (Alberto); Jordani (um escrevente); Julia Heller (Elvira); N.N. (um criado).	Cinismo, Ceticismo e Crença	Drama	2 atos	
21/6/1865	Quarta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	Vasques	O Sr. Domingos fora do sério	Cena-cômica	1 ato	
21/6/1865	Quarta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	José d'Almada e Lencastre	Não informado	O casamento singular	Comédia	3 atos	
24/6/1865	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Maria Ribeiro	Não informado	Cancros Sociais	Drama	5 atos	
24/6/1865	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	Vasques; Amalia	Os dois infernos	Cena-cômica	1 ato	
25/6/1865	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Maria Ribeiro	Não informado	Cancros Sociais	Drama	5 atos	

25/6/1865	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	Vasques; Amalia	Os dois infernos	Cena-cômica	1 ato	
25/6/1865	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	José d'Almada e Lencastre	Não informado	O casamento singular	Comédia	3 atos	
29/6/1865	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	Vasques	O Brasil e o Paraguai	Cena-cômica	1 ato	
29/6/1865	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	José d'Almada e Lencastre	Não informado	O casamento singular	Comédia	3 atos	
29/6/1865	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Augusto de Castro	Não informado	Tchang-Tching-Bung	Triálogo quase cômico	1 ato	
29/6/1865	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Areas	O devoto de baco	Cena-cômica	1 ato	
29/6/1865	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	Vasques; Amalia	Os dois infernos	Cena-cômica	1 ato	
1/7/1865	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	Vasques	O Brasil e o Paraguai	Cena-cômica	1 ato	
1/7/1865	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Imitação de Cesar de Lacerda	Cesar de Lacerda (André Tavares); Carolina Falco (Susana); Clelia (Tia Rosa)	Não há fumo sem fogo	provérbio	1 ato	
1/7/1865	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Não informado	Remédio para paixões românticas	Comédia	3 atos	
1/7/1865	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Imitação de Cesar de Lacerda	Cesar de Lacerda (Scipião de Moraes); Carolina Falco (Luiza)	Um marido atrapalhado	Comédia	1 ato	
2/7/1865	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Imitação de Cesar de Lacerda	Cesar de Lacerda (André Tavares); Carolina Falco (Susana); Clelia (Tia Rosa)	Não há fumo sem fogo	provérbio	1 ato	
2/7/1865	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	José d'Almada e Lencastre	Não informado	O casamento singular	Comédia	3 atos	
2/7/1865	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Cesar de Lacerda	O cantor cosmopolita	Cena-cômica	1 ato	
2/7/1865	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Imitação de Cesar de Lacerda	Cesar de Lacerda (Scipião de Moraes); Carolina Falco (Luiza)	Um marido atrapalhado	Comédia	1 ato	
4/7/1865	Terça-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	Vasques	O Sr. Domingos fora do sério	Cena-cômica	1 ato	
4/7/1865	Terça-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	Vasques; Amalia	Os dois infernos	Cena-cômica	1 ato	
8/7/1865	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Quintino Bocaiúva	Furtado Coelho (Visconde); Areas (Dr. Eduardo); Bento (Jorge da Silveira); Antonina (Baronesa); Eliza (D. Maria); Thereza (Eulalia); Clelia (Aurelia); Glória (Olimpia); Jordani (Desembargador); Graça (Comendador); Dias Guimarães (Adolpho); Torquato (Menezes); Almeida (Pereira); Vicencia (Clotilde); Cunha (André); Pinheiro (um criado)	Onfália	Drama	7 atos	
8/7/1865	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	Vasques; Amalia	Os dois infernos	Cena-cômica	1 ato	

9/7/1865	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Quintino Bocaiúva	Não informado	Onfália	Drama	7 atos	
9/7/1865	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	Não informado	Os dois infernos	Cena-cômica	1 ato	
13/7/1865	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Quintino Bocaiúva	Não informado	Onfália	Drama	7 atos	
13/7/1865	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	Não informado	Os dois infernos	Cena-cômica	1 ato	
15/7/1865	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Quintino Bocaiúva	Não informado	Onfália	Drama	7 atos	
15/7/1865	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	Não informado	Os dois infernos	Cena-cômica	1 ato	
16/7/1865	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Quintino Bocaiúva	Não informado	Onfália	Drama	7 atos	
16/7/1865	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	Não informado	Os dois infernos	Cena-cômica	1 ato	
18/7/1865	Terça-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Maria Ribeiro	Não informado	Cancros Sociais	Drama	5 atos	Benefício de uma família rio-grandense
18/7/1865	Terça-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Augusto de Castro	Vasques; Paiva e Clelia.	Tchang-Tching-Bung	Triálogo quase cômico	1 ato	
20/7/1865	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Maria Ribeiro	Furtado Coelho (Eugênio); Areas (Antonio Forbes); Graça (Visconde de Medeiros); Heller (Barão de Maragogipe); Pinheiro (Pedro); Antonina (Paulina); Julia (Olimpia); Clelia (Marta); Eliza (Mathilde); Clelia (Marta).	Cancros Sociais	Drama	5 atos	Benefício para a liberdade de uma escrava branca.  Provavelmente não houve espetáculo nesse dia
22/7/1865	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Quintino Bocaiúva	Não informado	Onfália	Drama	7 atos	
22/7/1865	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	Não informado	Os dois infernos	Cena-cômica	1 ato	
23/7/1865	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Quintino Bocaiúva	Não informado	Onfália	Drama	7 atos	
23/7/1865	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	Não informado	Os dois infernos	Cena-cômica	1 ato	
24/7/1865	Segunda-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Maria Ribeiro	Não informado	Cancros Sociais	Drama	5 atos	Benefício para a liberdade de uma escrava branca
24/7/1865	Segunda-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	Vasques	O Sr. Domingos fora do sério	Cena-cômica	1 ato	
25/7/1865	Terça-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Maria Ribeiro	Furtado Coelho (Eugênio); Areas (Antonio Forbes); Graça (Visconde de Medeiros); Heller (Barão de Maragogipe); Pinheiro (Pedro); Antonina (Paulina); Julia (Olimpia); Clelia (Marta); Eliza (Mathilde)	Cancros Sociais	Drama	5 atos	
25/7/1865	Terça-feira	Ginásio	Furtado Coelho	José d'Almada e Lencastre	Não informado	O casamento singular	Comédia	3 atos	Benefício de Thomaz Caetano Magiolo
26/7/1865	Quarta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Maria Ribeiro	Não informado	Cancros Sociais	Drama	5 atos	
29/7/1865	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Maria Ribeiro	Não informado	Cancros Sociais	Drama	5 atos	

29/7/1865	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	Não informado	Os dois infernos	Cena-cômica	1 ato	
29/7/1865	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	José d'Almada e Lencastre	Não informado	O casamento singular	Comédia	3 atos	
30/7/1865	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Quintino Bocaiúva	Não informado	Onfália	Drama	7 atos	
30/7/1865	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	José d'Almada e Lencastre	Não informado	O casamento singular	Comédia	3 atos	
2/8/1865	Quarta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Quintino Bocaiúva	Não informado	Onfália	Drama	7 atos	Benefício do Asilo Inválidos da Pátria
6/8/1865	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	José da Silva Mendes Leal	Heller (Marques de Marialva); Areas (Manuel Simões); Bento (Gonçalo Mendo); Furtado Coelho (Bocage); Vasques (Bartholomeu Tojo); Dias Guimarães (Sebastião de Brito); Paiva (Francisco Pedro Simões); Jordani (um transeunte); Silva Leal (Zé da moita); Graça (Luiz Manoel); Antonina (Maria Joana); Amalia (Felícia Montoso); Thereza (Maria Gertrudes); Clélia (Tia Paschoa); Elisa (Tia Vigencia); Oliveira Vasques (Compadre Teotonio Alves); Lima (Compadre Amancio Alves); Torquato (poeta); Magalhães (poeta); Victorino (poeta); Cunha (mancebo); Pinheiro (mancebo); Jordani (um alcalde).	Os primeiros amores de Bocage	Drama	5 atos	Primeira apresentação  Não houve espetáculo em razão do cenário não estar pronto
9/8/1865	Quarta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Quintino Bocaiúva	Não informado	Onfália	Drama	7 atos	Benefício da Devoção de Nossa Senhora das Dores na Igreja de Nossa Senhora do Socorro
9/8/1865	Quarta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	Não informado	Os dois infernos	Cena-cômica	1 ato	
12/8/1865	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	José da Silva Mendes Leal	Não informado	Os primeiros amores de Bocage	Drama	5 atos	Primeira apresentação
13/8/1865	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	José da Silva Mendes Leal	Não informado	Os primeiros amores de Bocage	Drama	5 atos	
15/8/1865	Terça-feira	Ginásio	Furtado Coelho	José da Silva Mendes Leal	Não informado	Os primeiros amores de Bocage	Drama	5 atos	
17/8/1865	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	José da Silva Mendes Leal	Não informado	Os primeiros amores de Bocage	Drama	5 atos	
18/8/1865	Sexta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Quintino Bocaiúva	Não informado	Onfália	Drama	7 atos	Benefício de uma família brasileira

18/8/1865	Sexta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	Vasques	O Sr. Domingos fora do sério	Cena-cômica	1 ato	
19/8/1865	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	José da Silva Mendes Leal	Não informado	Os primeiros amores de Bocage	Drama	5 atos	
20/8/1865	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	José da Silva Mendes Leal	Não informado	Os primeiros amores de Bocage	Drama	5 atos	
21/8/1865	Segunda-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Maria Ribeiro	Não informado	Cancros Sociais	Drama	5 atos	
21/8/1865	Segunda-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	Não informado	Os dois infernos	Cena-cômica	1 ato	
22/8/1865	Terça-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Maria Ribeiro	Não informado	Cancros Sociais	Drama	5 atos	Benefício de Thomaz Caetano Magiolo
22/8/1865	Terça-feira	Ginásio	Furtado Coelho	José d'Almada e Lencastre	Não informado	O casamento singular	Comédia	3 atos	
23/8/1865	Quarta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	José da Silva Mendes Leal	Não informado	Os primeiros amores de Bocage	Drama	5 atos	
26/8/1865	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	José da Silva Mendes Leal	Não informado	Os primeiros amores de Bocage	Drama	5 atos	
27/8/1865	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	José da Silva Mendes Leal	Não informado	Os primeiros amores de Bocage	Drama	5 atos	
2/9/1865	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Desconhecido Imitação de um romance francês	Furtado Coelho (Florestan); Bento (Luiz Richard); Areas (Benedito Richard); Vasques (Sr. da Miroteira); Victorino (Duque de Riancourt); Torquato (Labinski); Magalhães (Miguel); Pinheiro (um guarda-portão); Jordani (um carteiro); Cunha (um criado); Antonina (Marieta Moreau); Julia (condessa de Zomslof); Amália (princesa Wileska); Elisa (Sra. Lacombe).	Os filhos do Rei Midas	Drama	5 atos	Primeira apresentação
2/9/1865	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	Não informado	Os dois infernos	Cena-cômica	1 ato	
3/9/1865	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Desconhecido Imitação de um romance francês	Furtado Coelho (Florestan); Bento (Luiz Richard); Areas (Benedito Richard); Vasques (Sr. da Miroteira); Victorino (Duque de Riancourt); Torquato (Labinski); Magalhães (Miguel); Pinheiro (um guarda-portão); Jordani (um carteiro); Cunha (um criado); Antonina (Marieta Moreau); Julia (condessa de Zomslof); Amália (princesa Wileska); Elisa (Sra. Lacombe).	Os filhos do Rei Midas	Drama	5 atos	
3/9/1865	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	José d'Almada e Lencastre	Não informado	O casamento singular	Comédia	3 atos	



9/9/1865	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	Não informado	Os dois infernos	Cena-cômica	1 ato	Espectáculo de Copofonia
9/9/1865	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	José d'Almada e Lencastre	Não informado	O casamento singular	Comédia	3 atos	
10/9/1865	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	Não informado	Os dois infernos	Cena-cômica	1 ato	Espectáculo de Copofonia
10/9/1865	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Não informado	Remédio para paixões românticas	Comédia	3 atos	
11/9/1865	Segunda-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	Não informado	Os dois infernos	Cena-cômica	1 ato	
11/9/1865	Segunda-feira	Ginásio	Furtado Coelho	José d'Almada e Lencastre	Não informado	O casamento singular	Comédia	3 atos	
11/9/1865	Segunda-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Paulo Midosi	Areas	O Sr. José do Capote	Cena-cômica	1 ato	
14/9/1865	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	Não informado	Os dois infernos	Cena-cômica	1 ato	Espectáculo de Copofonia
14/9/1865	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Magalhães	Magalhães	História de um cozinheiro	Cena-cômica	1 ato	
14/9/1865	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Não informado	Remédio para paixões românticas	Comédia	3 atos	
17/9/1865	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	Não informado	Os dois infernos	Cena-cômica	1 ato	Espectáculo de Copofonia
17/9/1865	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Magalhães	Magalhães	História de um cozinheiro	Cena-cômica	1 ato	
17/9/1865	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Não informado	Remédio para paixões românticas	Comédia	3 atos	
21/9/1865	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Emile Girardin e Alexandre Dumas Filho. Tradução de Machado de Assis	Furtado Coelho (Henrique Dumont); Dias Guimarães (João Alvarez); Antonina (Matilde); Menino Monclar (Joana); Julia (Sra. de Larcey); Pinheiro (um criado).	Suplício de uma mulher	Drama	3 atos	Primeira apresentação. Não houve espetáculo
21/9/1865	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	Vasques	O Sr. Anselmo apaixonado pelo Alcazar	Cena-cômica	1 ato	
21/9/1865	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Magalhães	Magalhães	História de um cozinheiro	Cena-cômica	1 ato	
21/9/1865	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	Não informado	Os dois infernos	Cena-cômica	1 ato	
23/9/1865	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Cesar de Lacerda	Furtado Coelho (Carlos); Areas (Macedo); Cesar de Lacerda (Alberto); Carolina Falco (Elvira); Almeida (escrevente); Pinheiro (um criado)	Cinismo, Ceticismo e Crença	Drama	2 atos	
23/9/1865	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Magalhães	Magalhães	História de um cozinheiro	Cena-cômica	1 ato	
23/9/1865	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	Vasques	O Sr. Anselmo apaixonado pelo Alcazar	Cena-cômica	1 ato	

23/9/1865	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Cesar de Lacerda	Cesar de Lacerda (Scipião); Carolina Falco (Luiza)	Um marido atrapalhado	Comédia	1 ato	
25/9/1865	Segunda-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Ernesto Cibrão	Não informado	Os voluntários	Drama	3 atos	Benefício de uma senhora viúva e de seus filhos
25/9/1865	Segunda-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	Não informado	Orfeu nos infernos	Cena-cômica	1 ato	
25/9/1865	Segunda-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	Não informado	O Sr. Domingos fora do sério	Cena-cômica	1 ato	
30/9/1865	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Emile Girardin e Alexandre Dumas Filho. Tradução de Machado de Assis	Furtado Coelho (Henrique Dumont); Dias Guimarães (João Alvarez); Antonina (Matilde); Menino Monclar (Joana); Julia (Sra. de Larcey); Pinheiro (um criado).	Suplício de uma mulher	Drama	3 atos	Benefício de Furtado Coelho
30/9/1865	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Magalhães	Magalhães	Chico Frescata – marinheiro do brigue amizade	Cena-cômica	1 ato	
30/9/1865	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Imitação de Cesar de Lacerda	Cesar de Lacerda; Carolina Falco; Clélia.	Não há fumo sem fogo	Provérbio	2 atos	
30/9/1865	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	Não informado	Os dois infernos	Cena-cômica	1 ato	
1/10/1865	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Emile Girardin e Alexandre Dumas Filho. Tradução de Machado de Assis	Furtado Coelho (Henrique Dumont); Dias Guimarães (João Alvarez); Antonina (Matilde); Menino Monclar (Joana); Julia (Sra. de Larcey); Pinheiro (um criado).	Suplício de uma mulher	Drama	3 atos	Segunda apresentação
1/10/1865	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Magalhães	Magalhães	Chico Frescata – marinheiro do brigue amizade	Cena-cômica	1 ato	
1/10/1865	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Imitação de Cesar de Lacerda	Cesar de Lacerda; Carolina Falco; Clélia.	Não há fumo sem fogo	Provérbio	2 atos	
1/10/1865	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	Não informado	Os dois infernos	Cena-cômica	1 ato	
2/10/1865	Segunda-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Ernesto Cibrão	Não informado	Os voluntários	Drama	3 atos	Benefício de Jovita Alves Feitosa
2/10/1865	Segunda-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Imitação de Cesar de Lacerda	Cesar de Lacerda (André Tavares); Carolina Falco (Susana); Clelia (Tia Rosa)	Não há fumo sem fogo	provérbio	1 ato	
2/10/1865	Segunda-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	Não informado	Os dois infernos	Cena-cômica	1 ato	
4/10/1865	Quarta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Cesar de Lacerda	Cesar de Lacerda (Scipião); Carolina Falco (Luiza)	Um marido atrapalhado	Comédia	1 ato	Espectáculo de Copofonia
4/10/1865	Quarta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	José d'Almada e Lencastre	Não informado	O casamento singular	Comédia	3 atos	
6/10/1865	Sexta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Ernesto Cibrão	Não informado	Os voluntários	Drama	3 atos	Benefício de uma viúva
6/10/1865	Sexta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	José d'Almada e Lencastre	Não informado	O casamento singular	Comédia	3 atos	

7/10/1865	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Cesar de Lacerda; Areas; Graça e Carolina Falco.	O xale de cachemira	Comédia	1 ato	
7/10/1865	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Emile Girardin e Alexandre Dumas Filho. Tradução de Machado de Assis	Furtado Coelho (Henrique Dumont); Dias Guimarães (João Alvarez); Antonina (Matilde); Menino Monclar (Joana); Julia (Sra. de Larcey); Pinheiro (um criado).	Suplício de uma mulher	Drama	3 atos	
7/10/1865	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Cesar de Lacerda	Furtado Coelho, Cesar de Lacerda; Areas; Almeida; Pinheiro; Carolina Falco	Cinismo, Ceticismo e Crença	Drama	2 atos	
8/10/1865	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Emile Girardin e Alexandre Dumas Filho. Tradução de Machado de Assis	Furtado Coelho; Dias Guimarães; Antonina; Menino Monclar; Julia; Pinheiro.	Suplício de uma mulher	Drama	3 atos	Espectáculo de Copofonia
8/10/1865	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Imitação de Cesar de Lacerda	Cesar de Lacerda; Carolina Falco.	Não há fumo sem fogo	provérbio	1 ato	
10/10/1865	Terça-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Emile Girardin e Alexandre Dumas Filho. Tradução de Machado de Assis	Furtado Coelho; Dias Guimarães; Antonina; Menino Monclar; Julia; Pinheiro.	Suplício de uma mulher	Drama	3 atos	Espectáculo de Copofonia
10/10/1865	Terça-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Imitação de Cesar de Lacerda	Não informado	Não há fumo sem fogo	provérbio	1 ato	
11/10/1865	Quarta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Maria Ribeiro	Furtado Coelho; Areas; Graça; Heller; Pinheiro; Antonina; Julia; Clelia; Eliza.	Cancros Sociais	Drama	5 atos	
11/10/1865	Quarta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	Francisco Corrêa Vasques	O Sr. Domingos fora do sério	Cena-cômica	1 ato	
11/10/1865	Quarta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Magalhães	Magalhães	História de um cozinheiro	Cena-cômica	1 ato	
11/10/1865	Quarta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	Francisco Corrêa Vasques	O Joaquim Sacristão	Cena-cômica	1 ato	
13/10/1865	Sexta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Maria Ribeiro	Não informado	Cancros Sociais	Drama	5 atos	Espectáculo de benefício do Asilo de Inválidos da Pátria
13/10/1865	Sexta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Magalhães	Magalhães	História de um cozinheiro	Cena-cômica	1 ato	
13/10/1865	Sexta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	Francisco Corrêa Vasques	O beberão	Cena-cômica	1 ato	
14/10/1865	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Emile Girardin e Alexandre Dumas Filho. Tradução de Machado de Assis	Furtado Coelho; Dias Guimarães; Antonina; Menino Monclar; Julia; Pinheiro.	Suplício de uma mulher	Drama	3 atos	Espectáculo de Copofonia
14/10/1865	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	Francisco Corrêa Vasques	Pitadas do velho Cosme	Cena-cômica	1 ato	

14/10/1865	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Magalhães	Um concerto de rabeca	Cena-cômica	1 ato	
14/10/1865	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Cesar de Lacerda e Carolina Falco	Depois do baile	Cena-cômica	1 ato	
15/10/1865	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Emile Girardin e Alexandre Dumas Filho. Tradução de Machado de Assis	Furtado Coelho; Dias Guimarães; Antonina; Menino Monclar; Julia; Pinheiro.	Suplício de uma mulher	Drama	3 atos	
17/10/1865	Terça-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Cesar de Lacerda	Furtado Coelho, Cesar de Lacerda; Areas; Almeida; Pinheiro; Carolina Falco	Cinismo, Ceticismo e Crença	Drama	2 atos	Espectáculo de Copofonia
17/10/1865	Terça-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	Francisco Corrêa Vasques	O Sr. Domingos fora do sério	Cena-cômica	1 ato	
17/10/1865	Terça-feira	Ginásio	Furtado Coelho	José d'Almada e Lencastre	Não informado	O casamento singular	Comédia	3 atos	
18/10/1865	Quarta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Emile Girardin e Alexandre Dumas Filho. Tradução de Machado de Assis	Furtado Coelho; Dias Guimarães; Antonina; Menino Monclar; Julia; Pinheiro.	Suplício de uma mulher	Drama	3 atos	
18/10/1865	Quarta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Cesar de Lacerda e Carolina Falco	Depois do baile	Cena-cômica	1 ato	Espectáculo de Copofonia
18/10/1865	Quarta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Magalhães	Um concerto de rabeca	Cena-cômica	1 ato	
18/10/1865	Quarta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	José d'Almada e Lencastre	Vasques; Paiva; Graça; Julia; Clelia; Elisa;	O casamento singular	Comédia	3 atos	
21/10/1865	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Emile Girardin e Alexandre Dumas Filho. Tradução de Machado de Assis	Furtado Coelho; Dias Guimarães; Antonina; Menino Monclar; Julia; Pinheiro.	Suplício de uma mulher	Drama	3 atos	Espectáculo de Copofonia
21/10/1865	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Imitação de Cesar de Lacerda	Não informado	Não há fumo sem fogo	provérbio	1 ato	
21/10/1865	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	Vasques	O Sr. Anselmo apaixonado pelo Alcazar	Cena-cômica	1 ato	
21/10/1865	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	José d'Almada e Lencastre	Vasques; Paiva; Graça; Julia; Clelia; Elisa;	O casamento singular	Comédia	3 atos	
21/10/1865	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Emile Girardin e Alexandre Dumas Filho. Tradução de Machado de Assis	Furtado Coelho; Dias Guimarães; Antonina; Menino Monclar; Julia; Pinheiro.	Suplício de uma mulher	Drama	3 atos	
21/10/1865	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Imitação de Cesar de Lacerda	Cesar de Lacerda; Carolina Falco e Clélia.	Não há fumo sem fogo	provérbio	1 ato	

21/10/1865	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Paiva e Vasques	Quase que se pegão	Comédia	1 ato	
21/10/1865	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	José d'Almada e Lencastre	Não informado	O casamento singular	Comédia	3 atos	
26/10/1865	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Dumanoir e D'ennery	Furtado Coelho (Van Pratt); Paiva (Alberto Marsan); Areas (Baudry); Lacerda (Jacques); Dias Guimarães (Chamboran); Vasques (Cabochon); Graça (Pitois); Silva Leal (Boulingrin); Pinheiro (Patinot); Victorino (Godard); Heller (Didier); Magalhães (Vernoir); Torquato (D. Warins); menino Monclar (Luís); Antonina (Margarida); Carolina Falco (Martha); Julia (Josepha); Clelia (Condessa de Marsan); Elisa (Tia Caudebec); Amalia (costureira); Almeida (taverneiro).	Os dramas da taverna	Drama	5 atos	
28/10/1865	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Dumanoir e D'ennery	Os mesmos atores e atrizes da estreia	Os dramas da taverna	Drama	5 atos	
29/10/1865	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Dumanoir e D'ennery	Os mesmos atores e atrizes da estreia	Os dramas da taverna	Drama	5 atos	
4/11/1865	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Dumanoir e D'ennery	Não informado	Os dramas da taverna	Drama	5 atos	
5/11/1865	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Dumanoir e D'ennery	Não informado	Os dramas da taverna	Drama	5 atos	
7/11/1865	Terça-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Dumanoir e D'ennery	Toda a companhia	Os dramas da taverna	Drama	5 atos	
8/11/1865	Quarta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Dumanoir e D'ennery	Toda a companhia	Os dramas da taverna	Drama	5 atos	
10/11/1865	Sexta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Dumanoir e D'ennery	Toda a companhia	Os dramas da taverna	Drama	5 atos	
12/11/1865	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Dumanoir e D'ennery	Toda a companhia	Os dramas da taverna	Drama	5 atos	
14/11/1865	Terça-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Cesar de Lacerda	Não informado	Cinismo, Ceticismo e Crença	Drama	2 atos	
14/11/1865	Terça-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	menino Monclar	O menino Monclar	Cena-cômica	1 ato	
14/11/1865	Terça-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	Vasques e Amália	Os dois infernos	Cena-cômica	1 ato	
14/11/1865	Terça-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Imitação de Cesar de Lacerda	Não informado	Não há fumo sem fogo	provérbio	1 ato	
18/11/1865	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Mendes Leal	Cesar de Lacerda; Vasques; Carolina Falco; Amália	Epitáfio Epitalâmio	Vaudeville	1 ato	Espectáculo de Copofonia
18/11/1865	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	menino Monclar	O menino Monclar	Cena-cômica	1 ato	
18/11/1865	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	Vasques	O Sr. Domingos fora do sério	Cena-cômica	1 ato	

18/11/1865	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	Vasques e Amália	Os dois infernos	Cena-cômica	1 ato	
19/11/1865	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Mendes Leal	Cesar de Lacerda; Vasques; Carolina Falco; Amália	Epitáfio Epitalâmio	Vaudeville	1 ato	Espetáculo de Copofonia
19/11/1865	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	menino Monclar	O menino Monclar	Cena-cômica	1 ato	
19/11/1865	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	Vasques	O Sr. Domingos fora do sério	Cena-cômica	1 ato	
19/11/1865	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	Vasques e Amália	Os dois infernos	Cena-cômica	1 ato	
21/11/1865	Terça-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Emile Girardin e Alexandre Dumas Filho. Trad. Machado de Assis	Não informado	Suplício de uma mulher	Drama	3 atos	Espetáculo de Copofonia
21/11/1865	Terça-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	menino Monclar	O menino Monclar	Cena-cômica	1 ato	
21/11/1865	Terça-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	Vasques	O Sr. Anselmo apaixonado pelo Alcazar.	Cena-cômica	1 ato	
21/11/1865	Terça-feira	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Vasques, Paiva; Clélia; Elisa; Amália.	O pai e o noivo	Comédia	1 ato	
23/11/1865	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Emile Girardin e Alexandre Dumas Filho. Trad. Machado de Assis	Não informado	Suplício de uma mulher	Drama	3 atos	Espetáculo de Copofonia
23/11/1865	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	menino Monclar	O menino Monclar	Cena-cômica	1 ato	
23/11/1865	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	Vasques	O Sr. Domingos fora do sério	Cena-cômica	1 ato	
23/11/1865	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Vasques, Paiva; Clélia; Elisa; Amália.	O pai e o noivo	Comédia	1 ato	
26/11/1865	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Emile Girardin e Alexandre Dumas Filho. Trad. Machado de Assis	Não informado	Suplício de uma mulher	Drama	3 atos	Espetáculo de Copofonia
26/11/1865	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	menino Monclar	O menino Monclar	Cena-cômica	1 ato	
26/11/1865	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	Vasques	O Sr. Domingos fora do sério	Cena-cômica	1 ato	
26/11/1865	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Vasques, Paiva; Clélia; Elisa; Amália.	O pai e o noivo	Comédia	1 ato	
28/11/1865	Terça-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Emile Girardin e Dumas Filho	Não informado	Suplício de uma mulher	Drama	3 atos	Benefício do ator Pinheiros
28/11/1865	Terça-feira	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Não informado	O pai e o noivo	Comédia	1 ato	

28/11/1865	Terça-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	Vasques	O Sr. Joaquim Sacristão	Cena-cômica	1 ato	
28/11/1865	Terça-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Augusto de Castro	Não informado	Tchang-Thing-Bung	Vaudeville	1 ato	
29/11/1865	Quarta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Emile Girardin e Alexandre Dumas Filho. Tradução de Machado de Assis	Não informado	Suplício de uma mulher	Drama	3 atos	Benefício de um artista. Não houve espetáculo
29/11/1865	Quarta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Magalhães	Não informado	História de um cozinheiro	Cena-cômica	1 ato	
29/11/1865	Quarta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Não informado	O pai e o noivo	Comédia	1 ato	
30/11/1865	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Emile Girardin e Alexandre Dumas Filho. Trad. Machado de Assis	Furtado Coelho; Dias Guimarães; Antonina; Menino Monclar; Clélia; Pinheiro.	Suplício de uma mulher	Drama	3 atos	Benefício de dois artistas
30/11/1865	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	Graça e Vasques	O Graça e o Vasques	Cena-cômica	1 ato	
30/11/1865	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Magalhães	Magalhães	Um concerto de rabeça	Cena-cômica	1 ato	
30/11/1865	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Não informado	O pai e o noivo	Comédia	1 ato	
3/12/1865	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	José da Silva Mendes Leal Junior	Furtado Coelho (Pedro); Heller (Conde de S. Thiago); Paiva (Francisco de Athaide); Victorino (José Augusto); Monclar (Jeronimo de Melo); Torquato (José de Albuquerque); Graça (Manoel Maria); Vasques (Domingos); Antonina (Maria Resende); Clelia (Joanna); Francisca (D. Eugenia); Amalia (Thereza); Elisa (uma pobre); Pinheiro (criado do conde)	Pedro	Drama	5 atos	
3/12/1865	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Não informado	O pai e o noivo	Comédia	1 ato	
6/12/1865	Quarta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Emile Girardin e Alexandre Dumas Filho. Trad. Machado de Assis	Furtado Coelho; Dias Guimarães; Antonina; Menino Monclar; Clélia; Pinheiro.	Suplício de uma mulher	Drama	3 atos	Benefício de um artista
6/12/1865	Quarta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	Vasques	O Sr. Domingos fora do sério	Cena-cômica	1 ato	
6/12/1865	Quarta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Dias Guimarães	Dias Guimarães	Cerração no mar	Cena dramática	1 ato	
6/12/1865	Quarta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Vasques; Paiva; Clélia; Elisa; Amália.	O pai e o noivo	Comédia	1 ato	

7/12/1865	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Emile Girardin e Alexandre Dumas Filho. Trad. Machado de Assis	Não informado	Suplício de uma mulher	Drama	3 atos	Benefício de um artista
7/12/1865	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Não informado	O pai e o noivo	Comédia	1 ato	
8/12/1865	Sexta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	José da Silva Mendes Leal Junior	Não informado	Pedro	Drama	5 atos	
8/12/1865	Sexta-feira	Ginásio	Furtado Coelho		Não informado	O pai e o noivo	Comédia	1 ato	
9/12/1865	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	José da Silva Mendes Leal Junior	Não informado	Pedro	Drama	5 atos	
9/12/1865	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Não informado	O pai e o noivo	Comédia	1 ato	
10/12/1865	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	José da Silva Mendes Leal Junior	Não informado	Pedro	Drama	5 atos	
10/12/1865	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	Não informado	Os dois infernos	Cena-cômica	1 ato	
12/12/1865	Terça-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Ernesto Cibrão	Furtado Coelho; Vasques; Paiva; Monclar; Antonina; Clélia.	Entre Parentes	Comédia	1 ato	
12/12/1865	Terça-feira	Ginásio	Furtado Coelho	José da Silva Mendes Leal Junior	Furtado Coelho; Heller; Vasques; Paiva; Graça; Monclar; Torquato; Victorino; Silva Leal; Magalhaes; Pinheiro; Almeida; Antonina; Clelia; Francisca Monclar; Amalia e Elisa.	Pedro	Drama	5 atos	
14/12/1865	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Emile Girardin e Alexandre Dumas Filho. Tradução de Machado de Assis	Furtado Coelho; Pimentel; Antonina; Menino Monclar; Clélia; Pinheiro.	Suplício de uma mulher	Drama	3 atos	Benefício de Elisa Rosa de Abreu Reentrada do ator Pimentel
14/12/1865	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	H. de Araújo	Pimentel	Por causa de um par de pés	Cena-cômica	1 ato	
14/12/1865	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Vasques e Paiva	Quase que se pegão	Entre ato cômico	1 ato	
14/12/1865	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Paulo Midosi	Arêas	O Sr. José do Capote	Cena-cômica	1 ato	
14/12/1865	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Vasques; Paiva; Clélia; Amalia e Elisa Rosa.	O pai e o noivo	Comédia	1 ato	
16/12/1865	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Ernesto Cibrão	Não informado	Entre Parentes	Comédia	1 ato	Espectáculo de Copofonia
16/12/1865	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	H. de Araújo	Não informado	Por causa de um par de pés	Cena-cômica	1 ato	
16/12/1865	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	Vasques	O Sr. Domingos fora do sério	Cena-cômica	1 ato	
16/12/1865	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Não informado	O pai e o noivo	Comédia	1 ato	
17/12/1865	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Ernesto Cibrão	Furtado Coelho; Vasques; Paiva; Monclar; Antonina; Clélia.	Entre Parentes	Comédia	1 ato	Espectáculo de Copofonia
17/12/1865	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	H. de Araújo	Elisa	Por causa de um par de pés	Cena-cômica	1 ato	



17/12/1865	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	Vasques	O Sr. Domingos fora do sério	Cena-cômica	1 ato	
17/12/1865	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Emile Girardin e Alexandre Dumas Filho. Tradução de Machado de Assis	Furtado Coelho; Pimentel; Antonina; Menino Monclar; Clélia; Pinheiro.	Suplício de uma mulher	Drama	3 atos	
19/12/1865	Terça-feira	Ginásio	Furtado Coelho	José da Silva Mendes Leal Junior	Furtado Coelho; Heller; Vasques; Paiva; Graça; Monclar; Torquato; Victorino; Silva Leal; Almeida; Pinheiro; Almeida; Antonina; Clelia; Francisca Monclar; Amalia e Elisa.	Pedro	Drama	5 atos	Benefício de Jacintho Heller.  Presença do Imperador.
19/12/1865	Terça-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	Menino Monclar	O menino Monclar	Cena-cômica	1 ato	
19/12/1865	Terça-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	Vasques e Amália	Os dois infernos	Cena-cômica	1 ato	
21/12/1865	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Ernesto Cibrão	Furtado Coelho; Vasques; Paiva; Monclar; Antonina; Clélia.	Entre Parentes	Comédia	1 ato	Benefício de Francisco Corrêa Vasques  Presença do Imperador.  Espetáculo de Copofonia
21/12/1865	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	Menino Monclar	O Sr. Domingos fora do sério	Cena-cômica	1 ato	
21/12/1865	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	Vasques	O menino Monclar	Cena-cômica	1 ato	
22/12/1865	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Emile Girardin e Alexandre Dumas Filho. Trad. Machado de Assis	Não informado	Suplício de uma mulher	Drama	3 atos	
22/12/1865	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	Vasques	O Sr. Domingos fora do sério	Cena-cômica	1 ato	
23/12/1865	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Augusto de Castro	Vasques e Paiva	Enquanto o diabo esfrega o olho	Comédia	1 ato	Espetáculo de Copofonia
23/12/1865	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	Menino Monclar	O menino Monclar	Cena-cômica	1 ato	
23/12/1865	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Camilo Castelo Branco	Furtado Coelho; Areaa; Paiva; Heller; Victorino; Pinheiro; Antonina; Clelia e Elisa.	A justiça	Drama	2 atos	
23/12/1865	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	Vasques	Mais um copologo	Cena-cômica	1 ato	
29/12/1865	Sexta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	José da Silva Mendes Leal Junior	Furtado Coelho; Heller; Vasques; Paiva; Graça; Monclar; Torquato; Victorino; Almeida; Antonina; Clelia; Francisca Monclar; Maria Lima e Elisa.	Pedro	Drama	5 atos	Benefício de Jacintho Heller.  Presença do Imperador.

29/12/1865	Sexta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	Menino Monclar	O menino Monclar	Cena-cômica	1 ato	
29/12/1865	Sexta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	Francisca Monclar; Monclar e Torquato.	O Joaquim Sacristão	Cena-cômica	1 ato	
30/12/1865	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho		Vasques e Paiva	Quase que se pegão	Entre ato cômico	1 ato	Espetáculo de Copofonia
30/12/1865	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	Vasques	O Joaquim Sacristão	Cena-cômica	1 ato	
30/12/1865	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Camilo Castelo Branco	Furtado Coelho; Areas; Paiva; Heller; Victorino; Pinheiro; Antonina; Clelia e Elisa.	A justiça	Drama	2 atos	
30/12/1865	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho		Vasques, Paiva, Clelia, Elisa, Maria Lima.	O pai e o noivo	Comédia	1 ato	
31/12/1865	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho		Vasques e Paiva	Quase que se pegão	Entre ato cômico	1 ato	Espetáculo de Copofonia
31/12/1865	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	Vasques	O Joaquim Sacristão	Cena-cômica	1 ato	
31/12/1865	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Camilo Castelo Branco	Furtado Coelho; Areas; Paiva; Heller; Victorino; Pinheiro; Antonina; Clelia e Elisa.	A justiça	Drama	2 atos	
31/12/1865	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho		Vasques, Paiva, Clelia, Elisa, Maria Lima.	O pai e o noivo	Comédia	1 ato	

*Jornal do Commercio: 1866*

<b>Data</b>	<b>Dia Semana</b>	<b>Teatro</b>	<b>Ensaíador/Empresário</b>	<b>Autor</b>	<b>Ator(es) personagens</b>	<b>Espectáculo</b>	<b>gênero</b>	<b>actos</b>	<b>Outras observações</b>
1/1/1866	Segunda-feira	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Não informado.	Quase que se pegão	Entreato		Espectáculo de copofonia
1/1/1866	Segunda-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Camilo Castelo Branco	Furtado Coelho, Antonio José Areias, João Luiz de Paiva, Jacintho Heller, Victorino, João Pinheiro de Campos, Antonina Marquelou, Clélia de Carvalho, Elisa de Abreu	Justiça	Drama	2 atos	
1/1/1866	Segunda-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Clairville e Lambert Thiboust	Antonina Marquelou (Mimi); Maria Lima (Zizima); Francisco Correa Vasques (Califorchon); João Luiz de Paiva (Tamerlão).	A corda sensível	Comédia ornada de música	1 ato	
2/1/1866	Terça-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Camilo Castelo Branco	Não informado.	Justiça	Drama	2 atos	Benefício a Luiz Emílio de Vasconcelos (Pianista)
2/1/1866	Terça-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Correa Vasques	Francisco Correa Vasques	O Sr. Domingos Fora do sério	Cena cômica		Benefício a Luiz Emílio de Vasconcelos (Pianista)
2/1/1866	Terça-feira	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Não informado.	O pai e o noivo	Comédia ornada de música	1 ato	Benefício a Luiz Emílio de Vasconcelos (Pianista)
3/1/1866	Quarta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Emile de Girardin e Alexandre Dumas Filho	Furtado Coelho; Antonina Marquelou e restante da companhia.	Suplício de uma mulher	Drama	3 atos.	
4/1/1866	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Palha	Vasques; Paiva, Almeida; Pinheiro; Pimentel; Victorino	Um testamento	Comédia	3 atos	Benefício do ator Antonio José Areias. 1 apresentação
4/1/1866	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Correa Vasques	Francisco Correa Vasques; Eduardo da Graça	O Graça e o Vasques	Cena cômica		Benefício do ator Antonio José Areias
4/1/1866	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Camilo Castelo Branco	Furtado Coelho; João Luiz de Paiva; Jacintho Heller; Victorino, João Pinheiro de Campos; Antonina Marquelou; Clélia de Carvalho; Elisa de Abreu	Justiça	Drama	2 atos	Benefício do ator Antonio José Areias
7/01/1866	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Palha	Não informado.	Um testamento	Comédia	3 atos	
7/01/1866	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Paulo Midosi	Antonio José Areias	O Sr. José do Capote	Cena cômica		
11/1/1866	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Correa Vasques	Francisco Correa Vasques; Eduardo da Graça	O Graça e o Vasques	Cena cômica		Espectáculo em benefício a uma associação de beneficência
11/1/1866	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Camilo Castelo Branco	Furtado Coelho; Antonio José Areias; Jacintho Heller; Victorino, João Pinheiro de Campos; Estanislau Barroso Pimentel; Antonina Marquelou, Clélia de Carvalho; Elisa de Abreu.	Justiça	Drama	2 atos	Espectáculo em benefício a uma associação de beneficência

11/1/1866	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Clairville e Lambert Thiboust	Não informado.	A corda sensível	Comédia ornada de música	1 ato	Espectáculo em benefício a uma associação de beneficência
13/1/1866	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Camilo Castelo Branco	Furtado Coelho; Antonio José Areias; Jacintho Heller; Victorino, João Pinheiro de Campos; Estanislau Barroso Pimentel; Antonina Marquelou, Clélia de Carvalho; Elisa de Abreu.	Justiça	Drama	2 atos	
13/1/1866	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Clairville e Lambert Thiboust	Francisco Correia Vasques; Victorino; Antonina Marquelou; Maria de Lima.	A corda sensível	Comédia ornada de música	1 ato	
14/01/1866	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Camilo Castelo Branco	Furtado Coelho; Antonio José Areias; Jacintho Heller; Victorino, João Pinheiro de Campos; Estanislau Barroso Pimentel; Antonina Marquelou, Clélia de Carvalho; Elisa de Abreu.	Justiça	Drama	2 atos	
14/1/1866	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Clairville e Lambert Thiboust	Francisco Correia Vasques; Victorino; Antonina Marquelou; Maria de Lima.	A corda sensível	Comédia ornada de música	1 ato	
14/1/1866	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Não informado.	Um testamento	Comédia	1 ato	
16/1/1866	Terça-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Emile de Girardin e A. Dumas Filho	Não informado.	Suplício de uma mulher	Drama	3 atos	Benefício ao ator Ferreira
16/1/1866	Terça-feira	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Não informado.	Entre parentes	Comédia	1 ato	
16/1/1866	Terça-feira	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Não informado.	Tribulação e ventura	Comédia	1 ato	
20/01/1866	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Imitação de Aristides Abranches	Furtado Coelho (general); Maria de Lima (gaiato); Francisco Correa Vasques (Pantaleão)	O gaiato de Lisboa	Comédia / Drama	2 atos	
20/01/1866	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Correa Vasques	Francisco Correa Vasques	Joaquim Sacristão	Cena cômica		
20/1/1866	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Antonina Marquelou; Victorino; Ferreira.	Tribulação e ventura	Comédia	1 ato	

20/1/1866	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Clairville e Lambert Thiboust	Francisco Correa Vasques; Victorino; Antonina Marquelou; Maria de Lima	A corda sensível	Comédia	1 ato	
21/1/1866	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Jean François Alfred Bayard e Emile Vanderburch	Furtado Coelho (general); Maria de Lima (gaiato); Francisco Correa Vasques (Pantaleão)	O gaiato de Lisboa	Comédia / Drama	2 atos	
21/1/1866	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Antonina Marquelou; Victorino; Ferreira.	Tribulação e ventura	Comédia	1 ato	
21/1/1866	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Clairville e Lambert Thiboust	Francisco Correa Vasques; Victorino; Antonina Marquelou; Maria de Lima	A corda sensível	Comédia	1 ato	
23/1/1866	Terça-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Clairville e Lambert Thiboust	Francisco Correa Vasques; Victorino; Antonina Marquelou; Maria de Lima	A corda sensível	Comédia	1 ato	Benefício ao violoncelista Pitanga
23/1/1866	Terça-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Jean François Alfred Bayard e Emile Vanderburch	Não informado.	O gaiato de Lisboa	Comédia	2 atos	
25/1/1866	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Furtado Coelho; Jacintho Heller; Estanislau Barroso Pimentel; João Pinheiro de Campos; Ferreira; Antonina Marquelou e Clelia de Carvalho	Desonra e Loucura	Drama	3 atos	Benefício à atriz Antonina Marquelou. Presença do Imperador. 1 apresentação
25/1/1866	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Correa Vasques	Francisco Correa Vasques	O Sr. Domingos fora do sério	Cena cômica	1 ato	
25/1/1866	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Ferreira; Victorino; Antonina Marquelou	Tribulação e Ventura	Comédia	1 ato	
27/1/1866	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Furtado Coelho; Jacintho Heller; Estanislau Barroso Pimentel; João Pinheiro de Campos; Ferreira; Antonina Marquelou e Clelia de Carvalho	Desonra e Loucura	Drama	3 atos	
27/1/1866	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Clairville e Lambert Thiboust	Francisco Correa Vasques; Victorino; Antonina Marquelou; Clélia de Carvalho	A corda sensível	Comédia ornada de música	1 ato	
27/1/1866	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Não informado.	Tribulação e Ventura	Comédia	1 ato	
28/1/1866	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Furtado Coelho; Jacintho Heller; Estanislau Barroso Pimentel; João Pinheiro de Campos; Ferreira; Antonina Marquelou e Clelia de Carvalho	Desonra e Loucura	Drama	3 atos	
28/1/1866	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Clairville e Lambert Thiboust	Francisco Correa Vasques; Victorino; Antonina Marquelou; Clélia de Carvalho	A corda sensível	Comédia ornada de música	1 ato	
28/1/1866	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Não informado.	Tribulação e Ventura	Comédia	1 ato	
30/1/1866	Terça-Feira	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Não informado.	Desonra e Loucura	Drama	3 atos	Benefício à atriz Maria de Lima
30/1/1866	Terça-Feira	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Correa Vasques	Francisco Correa Vasques	O Sr. Domingos fora do sério	Cena cômica	1 ato	
30/1/1866	Terça-Feira	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Maria de Lima	A vida do ator			

30/1/1866	Terça-Feira	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Correa Vasques	Francisco Correa Vasques	O beberão	Cena cômica	1 ato	
30/1/1866	Terça-Feira	Ginásio	Furtado Coelho	Clairville e Lambert Thiboust	Não informado.	A corda sensível	Comédia ornada de música	1 ato	
31/1/1866	Quarta-Feira	Ginásio	Furtado Coelho	Maria Ribeiro	Furtado Coelho; Antonio José Areias; Jacintho Heller; Eduardo da Graça; João Pinheiro de Campos; Antonina Marquelou; Julia Heller; Elisa de Abreu; Clelia de Carvalho	Cancros Sociais	Drama	4 atos	Benefício à atriz Clelia de Carvalho
31/1/1866	Terça-Feira	Ginásio	Furtado Coelho	Joaquim Manuel de Macedo	Não informado.	O novo Othelo	Comédia	1 ato	
2/2/1866	Sexta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Maria Ribeiro	Furtado Coelho; Antonio José Areias; Jacintho Heller; Eduardo da Graça; João Pinheiro de Campos; Victorino; Antonina Marquelou; Julia Heller; Elisa de Abreu; Clelia de Carvalho	Cancros Sociais	Drama	5 atos	
2/2/1866	Sexta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Correa Vasques	Francisco Correa Vasques	O Sr. Anselmo apaixonado pelo Alcazar	Cena cômica	1 ato	
2/2/1866	Sexta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Victorino; Ferreira; Antonina Marquelou	Tribulação e Ventura	Comédia	1 ato	
6/2/1866	Terça-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Camilo Castelo Branco	Furtado Coelho; Antonina Marquelou; restante da companhia	Justiça	Drama	2 ato	Benefício a Emília Marquesi. Presença do Imperador.
6/2/1866	Terça-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Clairville e Lambert Thiboust	Não informado.	A corda sensível	Comédia ornada de música	1 ato	
7/2/1866	Quarta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Maria Ribeiro	Furtado Coelho; Antonio José Areias; Jacintho Heller; Eduardo da Graça; João Pinheiro de Campos; Antonina Marquelou; Julia Heller; Elisa de Abreu; Clelia de Carvalho	Cancros Sociais	Drama	5 atos	Benefício à atriz Magdalena
7/2/1866	Quarta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	Francisco Correa Vasques	Joaquim Sacristão	Cena cômica	1 ato	
7/2/1866	Quarta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Victorino; Ferreira; Antonina Marquelou	Tribulação e Ventura	Comédia	1 ato	
18/2/1866	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Monclar; Estanislau Barroso Pimentel; João Pinheiro de Campos; Francisca Luiza de Souza Monclar	O tio Torquato	Comédia	1 ato	Benefício à atriz Francisca Luiza de Souza Monclar
18/2/1866	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Correa Vasques	Menino Monclar	O Sr. Domingos fora do sério	Cena cômica	1 ato	
18/2/1866	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Mr. Cheri	Frisette e Briochet ou Os amores de um pasteleiro	Cena trágico burlesca	1 ato	
18/2/1866	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Antonio José Areias; Francisco Correa Vasques; Estanislau Barroso Pimentel; Pinheiro; Julia Heller; Clelia de Carvalho; Francisca Monclar.	Um testamento	Comédia	3 atos	

20/2/1866	Terça-feira	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Julia Heller, Elisa de Abreu; Francisca Monclar; Antonio José Areias; Pedro Montani; Francisco de Paula Monclar; Eduardo da Graça	Os conspiradores	Comédia	1 ato	Benefício ao ator Eduardo da Graça
20/2/1866	Terça-feira	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Antonio José Areias (Dr. Gramma)	O Dr. Gramma	Comédia	2 atos	Benefício ao ator Eduardo da Graça
25/2/1866	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Não informado.	A cigana de Paris	Drama	5 atos	Estreia da atriz Ludovina Soares. 1ª apresentação da peça.
27/2/1866	Terça-feira	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Antonio José Areias; Estanislau Barroso Pimentel; Francisco Correa Vasques; Ferreira; Victorino; João Pinheiro de Campos; Elisa de Abreu; Julia Heller e Francisca Monclar	Um testamento	Comédia	3 atos	Benefício da devoção de Santo Antônio de Pádua.
27/2/1866	Terça-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Correa Vasques	Francisco Correa Vasques; Eduardo da Graça	O Graça e o Vasques	Cena cômica	1 ato	
27/2/1866	Terça-feira	Ginásio	Furtado Coelho		Antonio José Areias; Eduardo da Graça; Pedro Montani; Elisa de Abreu; Julia Heller e Francisca Monclar	Os conspiradores ou O Retrato de muito dos nossos	Comédia	1 ato	
28/2/1866	Quarta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Não informado.	A cigana de Paris	Drama	5 atos	
1/3/1866	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	F. Serra	Thereza Soares; Clélia de Carvalho; Clotilde Benedetti e toda companhia.	O amor e o dever	Drama	3 atos	Peça ensaiada pelo ator João Luiz de Paiva
1/3/1866	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Santos Leal	Não informado.	O estatuário	Cena dramática		
1/3/1866	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Não informado.	Não quero detalhes	Comédia	1 ato	
3/3/1866	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Ludovina Soares e toda companhia.	A cigana de Paris	Drama	5 atos	
3/3/1866	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	Francisco Correa Vasques	O Sr. Domingos fora do Sério	Cena cômica	1 ato	
4/3/1866	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Ludovina Soares e toda companhia.	A cigana de Paris	Drama	5 atos	
4/3/1866	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	Francisco Correa Vasques	O Sr. Domingos fora do Sério	Cena cômica	1 ato	
7/3/1866	Quarta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Antonio José Areias, Francisco Correa Vasques; Jacintho Heller; Eduardo da Graça; Montani; Estanislau Barroso Pimentel; Francisco de Paula Monclar; João Pinheiro de Campos; Antonina Marquelou; Julia Heller; Elisa de Abreu; Francisca Monclar e Mathilde Caminha	Recordações da mocidade	Comédia ornada de música	4 atos	Benefício ao fiscal do Teatro Ginásio
7/3/1866	Quarta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	Francisco Correa Vasques	O Sr. Domingos fora do Sério	Cena cômica	1 ato	
7/3/1866	Quarta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Elisa de Abreu	Por causa de um par de pés	Cena cômica	1 ato	
10/3/1866	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Ludovina Soares e toda companhia	A cigana de Paris	Drama	5 atos	
11/3/1866	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Ludovina Soares e toda companhia	A cigana de Paris	Drama	5 atos	
15/3/1866	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	Julia Heller	Os namorados da Julia	Cena cômica	1 ato	Benefício à atriz Julia Heller

15/3/1866	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Messier Chéri e Mademoiselle Chère	Cousin et Cousine	opereta	1 ato	
15/3/1866	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	José D'Almada e Lencastre	Francisco de Paula Monclar (Thomaz); Francisco Correa Vasques (Francisco); Eduardo da Graça (José); Elisa de Abreu (Marianna); Mathilde Caminha (Joana); Julia Heller (Carolina); Francisca Monclar (uma fregueza)	Casamento Singular	comédia	3 ato	
17/3/1866	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Ludovina Soares e toda companhia	A cigana de Paris	Drama	5 atos	
17/3/1866	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Correa Vasques	Julia Heller	Os namorados da Julia	Cena cômica	1 ato	
18/3/1866	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Ludovina Soares e toda companhia	A cigana de Paris	Drama	5 atos	Última apresentação
18/3/1866	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Correa Vasques	Julia Heller	Os namorados da Julia	Cena cômica	1 ato	
20/3/1866	Terça-feira	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Não informado.	Um testamento	Comédia	3 atos	
20/3/1866	Terça-feira	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Messier Chéri e Mademoiselle Chère	Roublard le canotier	opereta	1 ato	
20/3/1866	Terça-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Correa Vasques	Francisco Correa Vasques	O Sr. Domingos fora do sério	Cena cômica	1 ato	
20/3/1866	Terça-feira	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Não informado.	O tio Torquato	Comédia	1 ato	
22/3/1866	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Jacinto Heller (Capitão Lambert); Estanislau Pimentel (Fernando de Mendonça); Antonio Areias (Montrichard); Francisco Vasques (Leonardo); Vianna (Duque de Belmonte); Montani (O cavalheiro de Villa-Flor); Ferreira (D'Arville); Pinheiro (um tapeceiro); Caminha (um ouvires); Campos (um criado grave); Antonina (Senhora Stuart); Julia Heller (Julieta), Elisa (Senhora Frontignan); Francisca (Diria Pepina); Justina (Dedala); Mathilde (Zixi).	A cigana de Paris	Drama	5 atos	O cartaz informa que o drama "Recordações da mocidade" foi substituído pelo drama "A cigana de Paris".
21/4/1866	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Alfredo Hogan	Estanislau Pimentel (Afonso de Almeida); Jacinto Heller (o barão); Francisco Correa Vasques (André Seabra); Lima Vianna (Castanheira); Antonina Marquelou (Luiza de Castro); Julia Heller (Leonor); Ludovina Soares (Maria); José Caminha (Carlos de Abreu); João Pinheiro (Paulo); Pedro Montani (Antonio).	A pele do leão	Comédia/ Drama	3 atos	1ª apresentação
21/4/1866	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Não informado.	Em guerra particular antes da paz geral	Comédia ornada de música	1 ato	
22/4/1866	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Alfredo Hogan	Vasques; Pimentel; Heller; Vianna; Montani; Caminha; Pinheiro; Antonina Marquelou; Ludovina Soares; Julia Heller.	A pele do leão	Comédia/ Drama	3 atos	



22/4/1866	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Não informado.	A porta falsa	Comédia	3 atos	
27/4/1866	Sexta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Alfredo Hogan	Não informado.	A pele do leão	Comédia/ Drama	3 atos	
27/4/1866	Sexta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Correa Vasques	Menino Monclar	O menino Monclar	Cena cômica	1 ato	
27/4/1866	Sexta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Correa Vasques	Francisco Correa Vasques	O Sr. Domingos fora do sério	Cena cômica	1 ato	
27/4/1866	Sexta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	José de Almada Lencastre	Não informado.	Casamento singular	Comédia	3 atos	
28/4/1866	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Não informado.	Nobreza	Comédia / Drama	1 prólogo e 3 atos	
28/4/1866	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Não informado.	A porta falsa	Comédia	3 atos	
29/4/1866	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Areias; Heller; Pimentel; Montani; Vianna; Vasques; Pinheiro; Antonina Marquelou; Ludovina Soares; Julia Heller.	Nobreza	Comédia / Drama	1 prólogo e 3 atos	
29/4/1866	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Correa Vasques	Menino Monclar	O menino Monclar	Cena cômica	1 ato	
29/4/1866	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Não informado.	A porta falsa	Comédia	3 atos	
1/5/1866	Terça-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Jean Pierre Felicien Mallefille.	Toda a companhia	As mães arrependidas	Drama	4 atos	Benefício à atriz Ludovina Sorares. 1ª apresentação Tradução de Ernesto Biester
1/5/1866	Terça-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Correa Vasques	Francisco Correa Vasques	O Sr. Domingos fora do sério	Cena cômica	1 ato	
1/5/1866	Terça-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Correa Vasques	Francisco Correa Vasques	O Sr. Anselmo apaixonado pelo Alcazar	Cena cômica	1 ato	
3/5/1866	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Jean Pierre Felicien Mallefille.	Toda a companhia	As mães arrependidas	Drama	4 atos	
3/5/1866	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Correa Vasques	Francisco Correa Vasques	O Brasil e o Paraguai	Cena patriótica	1 ato	
3/5/1866	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Não informado.	O Brasil esmagando o Paraguai	Quadro alegórico		
6/5/1866	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Alexandre Dumas Filho e Emile de Girardin	Furtado Coelho (Henrique Dumont) e toda companhia	Suplício de uma mulher	Drama	3 atos	
6/5/1866	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Correa Vasques	Francisco Correa Vasques	O Senhor Joaquim Sacristão	Cena cômica	1 ato	
6/5/1866	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	José de Almada Lencastre	Não informado.	Casamento singular	Comédia	3 atos	

9/5/1866	Quarta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Alexandre Dumas Filho e Emile de Girardin	Furtado Coelho (Henrique Dumont); Estanislau Pimentel (Alvares); Antonina Marquelou (Mathilde); Menino Monclar (Joana); Julia Heller (Sra Larcey); João Pinheiro (Criado).	Suplício de uma mulher	Drama	3 atos	Em benefício à Sociedade União e Beneficência.
9/5/1866	Quarta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Correa Vasques	Francisco Correa Vasques	O Sr. Domingos fora do sério	Cena cômica	1 ato	
9/5/1866	Quarta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	José de Almada Lencastre	Não informado.	Casamento singular	Comédia	3 atos	
10/5/1866	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Não informado.	A porta falsa	Comédia	3 atos	
10/5/1866	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Correa Vasques	Francisco Correa Vasques	O Sr. Domingos fora do sério	Cena cômica	1 ato	
13/5/1866	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Alexandre Dumas Filho e Emile de Girardin	Furtado Coelho (Henrique Dumont)	Suplício de uma mulher	Drama	3 atos	
13/5/1866	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Correa Vasques	Francisco Correa Vasques	O Senhor Joaquim Sacristão	Cena cômica	1 ato	
13/5/1866	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Francisco Correa Vasques (Narciso Beija-Flor); Ismenia Santos ( Rosa Margarida)	Uma noite de carnaval	Peça burlesca ornada de música	1 ato	Reentrada da atriz Ismenia Santos no Teatro Ginásio
16/5/1866	Quarta-feira	Teatro de São Cristovão	Furtado Coelho	Alexandre Dumas Filho e Emile de Girardin	Furtado Coelho; Pimentel; Pinheiro; Menino Monclar; Antonina Marquelou; Julia Heller	Suplício de uma mulher	Drama	3 atos	Companhia de Furtado Coelho faz apresentação no Teatro São Cristovão
16/5/1866	Quarta-feira	Teatro de São Cristovão	Furtado Coelho	Francisco Correa Vasques	Francisco Correa Vasques	O Senhor Joaquim Sacristão	Cena cômica	1 ato	Companhia de Furtado Coelho faz apresentação no Teatro São Cristovão
16/5/1866	Quarta-feira	Teatro de São Cristovão	Furtado Coelho	José de Almada Lencastre	Julia Heller; Francisca Monclar; Elisa de Abreu; Mathilde Caminha; Vasques; Pimentel; Pedro Montani	Casamento singular	Comédia	3 atos	Companhia de Furtado Coelho faz apresentação no Teatro São Cristovão
17/5/1866	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Alexandre Dumas Filho e Emile de Girardin	Furtado Coelho (Henrique Dumont)	Suplício de uma mulher	Drama	3 atos	
17/5/1866	Quinta-feira	Teatro de São Cristovão	Furtado Coelho	Francisco Correa Vasques	Francisco Correa Vasques	O Senhor Joaquim Sacristão	Cena cômica	1 ato	
17/5/1866	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Francisco Correa Vasques; Ismenia Santos	Uma noite de carnaval	Peça burlesca ornada de música	1 ato	
20/05/1866	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Correa Vasques	Francisco Correa Vasques	O Beberrão	Cena cômica	1 ato	
20/05/1866	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Jean François Alfred Bayard e Emile Vanderburch	Furtado Coelho; Francisco Correa Vasques	O Gaiato de Lisboa	Comédia/Drama	2 atos	

21/5/1866	Segunda-feira	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Não informado.	A cigana de Paris	Drama	5 atos	Em benefício à comissão municipal de beneficência da freguesia de Santo Antonio. Presença do Imperador.
17/5/1866	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Francisco Correa Vasques; Ismenia Santos	Uma noite de carnaval	Peça burlesca ornada de música	1 ato	
20/05/1866	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Correa Vasques	Francisco Correa Vasques	O Beberrão	Cena cômica	1 ato	
20/05/1866	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Imitação de Aristides Abranches	Furtado Coelho; Francisco Correa Vasques	O Gaiato de Lisboa	Comédia/Drama	2 atos	
21/5/1866	Segunda-feira	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Não informado.	A cigana de Paris	Drama	5 atos	Em benefício à comissão municipal de beneficência da freguesia de Santo Antonio. Presença do Imperador.
17/5/1866	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Francisco Correa Vasques; Ismenia Santos	Uma noite de carnaval	Peça burlesca ornada de música	1 ato	
24/5/1866	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Francisco Correa Vasques; Ismenia Santos	Uma noite de carnaval	Peça burlesca ornada de música	1 ato	
26/5/1866	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Correa Vasques	Francisco Correa Vasques	O Senhor Domingos fora do sério	Cena cômica	1 ato	
26/5/1866	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Emile de Girardin e Alexandre Dumas Filho	Não informado.	Suplício de uma mulher	Drama	3 atos	
26/5/1866	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Francisco Correa Vasques; Ismenia Santos	Uma noite de carnaval	Peça burlesca ornada de música	1 ato	
27/5/1866	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Correa Vasques	Francisco Correa Vasques	O Senhor Domingos fora do sério	Cena cômica	1 ato	
27/5/1866	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Emile de Girardin e Alexandre Dumas Filho	Não informado.	Suplício de uma mulher	Drama	3 atos	
27/5/1866	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Francisco Correa Vasques; Ismenia Santos	Uma noite de carnaval	Peça burlesca ornada de música	1 ato	

28/5/1866	Segunda-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Octave Feuillet	Furtado Coelho (Cavalheiro Carnioli); Pimentel (Andre Roswein); Heller (Sartorius); Julia (Amelia); Antonina (Leonor de Falconieri); Mathilde (Marietta); Francisca Monclar (Marquesa Narni); Sr. Caminha (Wilson); Montani (Príncipe Kalisch); F. Monclar (Marquesa Fova); Matheus (Pinheiro).	Dalila	Drama	4 atos	Benefício ao ator Pimentel. Presença do Imperador.
29/5/1866	Terça-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Emile de Girardin e Alexandre Dumas Filho	Furtado Coelho; A. Marquelou; Julia Heller; Estanislau Pimentel; Jacintho Heller; Menino Monclar	Suplício de uma mulher	Drama	3 atos	
29/5/1866	Terça-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Correa Vasques	Francisco Correa Vasques	O Senhor Domingos fora do sério	Cena cômica	1 ato	
29/5/1866	Terça-feira	Ginásio	Furtado Coelho	José de Almada Lencastre	Julia Heller; Francisca Monclar; Elisa de Abreu; Pedro Montani; Francisco Vasques; Estanislau Pimentel.	Casamento singular	Comédia	3 atos	
31/5/1866	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Octave Feuillet	Não informado.	Dalila	Drama	4 atos	.
31/5/1866	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Francisco Correa Vasques; Ismenia Santos	Uma noite de carnaval	Peça burlesca ornada de música	1 ato	
2/6/1866	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Octave Feuillet	Não informado.	Dalila	Drama	4 atos	.
2/6/1866	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Francisco Correa Vasques; Ismenia Santos	Uma noite de carnaval	Peça burlesca ornada de música	1 ato	
3/6/1866	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Octave Feuillet	Não informado.	Dalila	Drama	4 atos	.
3/6/1866	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Francisco Correa Vasques; Ismenia Santos	Uma noite de carnaval	Peça burlesca ornada de música	1 ato	
6/6/1866	Quarta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Octave Feuillet	Furtado Coelho (Carnioli)	Dalila	Drama	4 atos	.
6/6/1866	Quarta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Francisco Correa Vasques; Ismenia Santos	Uma noite de carnaval	Peça burlesca ornada de música	1 ato	
7/6/1866	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Emile de Girardin e Alexandre Dumas Filho	Não informado.	Suplício de uma mulher	Drama	3 atos	Benefício a um artista. A edição do dia 9/6 (número 158) informa que não houve o espetáculo.
7/6/1866	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Correa Vasques	Francisco Correa Vasques	O Senhor Domingos fora do sério	Cena cômica	1 ato	Benefício a um artista. A edição do dia 9/6 (número 158) informa que não houve o espetáculo.

7/6/1866	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Francisco Correa Vasques; Ismenia Santos	Uma noite de carnaval	Peça burlesca ornada de música	1 ato	Benefício a um artista. A edição do dia 9/6 (número 158) informa que não houve o espetáculo.
10/5/1866	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	José de Almada Lencastre	Não informado.	Casamento singular	Comédia	3 atos	Espectáculo de Copos de Cristal por Furtado Coelho.
6/6/1866	Quarta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Francisco Correa Vasques; Ismenia Santos	Uma noite de carnaval	Peça burlesca ornada de música	1 ato	Espectáculo de Copos de Cristal por Furtado Coelho.
11/6/1866	Segunda-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Correa Vasques	Francisco Correa Vasques	O Senhor Anselmo apaixonado pelo Alcazar.	Cena cômica	1 ato	Espectáculo de Copos de Cristal por Furtado Coelho.
11/6/1866	Segunda-feira	Ginásio	Furtado Coelho	José de Almada Lencastre	Não informado.	Casamento singular	Comédia	3 atos	Espectáculo de Copos de Cristal por Furtado Coelho.
14/6/1866	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Armand Durantin. Tradução de Achilles Varejão	Furtado Coelho; Jacintho Heller; Antonio Areias; Vasques; Pedro Monclar; Lima Vianna; Julia Heller; Ismenia Santos; Elisa de Abreu; Mathilde Caminha.	Heloisia Paranquet	Drama	4 atos	Benefício ao ator Furtado Coelho. 1ª apresentação da peça.
14/6/1866	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	José de Almada Lencastre	Não informado.	Casamento singular	Comédia	3 atos	
15/6/1866	Sexta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	José de Almada Lencastre	Não informado.	Casamento singular	Comédia	3 atos	Espectáculo de Copos de Cristal por Furtado Coelho.
17/6/1866	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Armand Durantin. Tradução de Achilles Varejão	Furtado Coelho; Jacintho Heller; Estanislau Pimentel; Antonio Areias; Vasques; Pedro Monclar; Lima Vianna; Lima Caminha; Julia Heller; Ismenia Santos; Elisa de Abreu.	Heloisia Paranquet	Drama	4 atos	.
17/6/1866	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	José de Almada Lencastre	Não informado.	Casamento singular	Comédia	3 atos	
21/6/1866	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Armand Durantin. Tradução de Achilles Varejão	Furtado Coelho; Jacintho Heller; Estanislau Pimentel; Antonio Areias; Vasques; Pedro Monclar; Lima Vianna; Lima Caminha; Julia Heller; Ismenia Santos; Elisa de Abreu; Francisca Monclar; Mathilde Caminha.	Heloisia Paranquet	Drama	4 atos	Benefício a uma família. Espectáculo de Copos de Cristal por Furtado Coelho.
24/6/1866	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Armand Durantin. Trad. Achilles Varejão	Não informado.	Heloisia Paranquet	Drama	4 atos	Espectáculo de Copos de Cristal por Furtado Coelho.

5/7/1866	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Théodore Barriere e Edmond Plouvier. Trad. Machado de Assis.	Furtado Coelho (Dr. Ary Kerner); Areas (Barão de Lambeck); Heller (Conde de Strambere); Pimentel (Karl); Vasques (Dr. Ranspach); Timotheo (Beckman); Monclar (Lutz); Lima Vianna (Verner); Pinheiro (Sarden); Caminha (Shebel); Joaquim (Randal); Ismenia (O anjo da meia noite); Julia (Margarida); Elisa (Catharina); Francisca (Martha Burner); Henriqueta (Agar); Justina (Paula).	O anjo da meia noite	Drama	5 atos	1º apresentação da peça.
7/7/1866	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Théodore Barriere e Edmond Plouvier.	Toda a companhia	O anjo da meia noite	Drama	5 atos	Trad. Machado de Assis.
8/7/1866	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Théodore Barriere e Edmond Plouvier.	Toda a companhia	O anjo da meia noite	Drama	5 atos	Trad.Machado de Assis.
10/7/1866	Terça-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Théodore Barriere e Edmond Plouvier.	Toda a companhia	O anjo da meia noite	Drama	5 atos	Trad.Machado de Assis
12/7/1866	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Théodore Barriere e Edmond Plouvier.	Toda a companhia	O anjo da meia noite	Drama	5 atos	Trad.Machado de Assis
14/7/1866	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Théodore Barriere e Edmond Plouvier.	Toda a companhia	O anjo da meia noite	Drama	5 atos	Trad.Machado de Assis
15/7/1866	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Théodore Barriere e Edmond Plouvier.	Toda a companhia	O anjo da meia noite	Drama	5 atos	Trad.Machado de Assis
17/7/1866	Terça-Feira	Ginásio	Furtado Coelho	José de Almada Lencastre	Não informado	Casamento Singular	Comédia	3 atos	Benefício a liberdade de uma escrava. Espetáculo de Copos de Cristal por Furtado Coelho.

18/7/1866	Quarta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Théodore Barriere e Edmond Plouvier.	Toda a companhia.	O anjo da meia noite	Drama	5 atos	Trad.Machado de Assis
19/7/1866	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Théodore Barriere e Edmond Plouvier.	Toda a companhia	O anjo da meia noite	Drama	5 atos	Trad.Machado de Assis
21/7/1866	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Théodore Barriere e Edmond Plouvier.	Toda a companhia	O anjo da meia noite	Drama	5 atos	Trad.Machado de Assis
22/7/1866	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Théodore Barriere e Edmond Plouvier.	Toda a companhia	O anjo da meia noite	Drama	5 atos	Trad.Machado de Assis
24/7/1866	Terça-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Théodore Barriere e Edmond Plouvier.	Toda a companhia	O anjo da meia noite	Drama	5 atos	Trad.Machado de Assis
25/7/1866	Quarta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	José de Almada Lencastre	Não informado	Casamento singular	Comédia	3 atos	Benefício a M.A. Reichert.
26/7/1866	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Théodore Barriere e Edmond Plouvier.	Não informado	O anjo da meia noite	Drama	5 atos	Trad.Machado de Assis
28/7/1866	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Théodore Barriere e Edmond Plouvier.	Toda a companhia	O anjo da meia noite	Drama	5 atos	Trad.Machado de Assis
29/7/1866	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Théodore Barriere e Edmond Plouvier.	Toda a companhia	O anjo da meia noite	Drama	5 atos	Trad.Machado de Assis

31/7/1866	Terça-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Théodore Barriere e Edmond Plouvier.	Toda a companhia	O anjo da meia noite	Drama	5 atos	Trad.Machado de Assis
5/8/1866	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Théodore Barriere e Edmond Plouvier.  Tradução de Machado de Assis.	Furtado Coelho (Dr. Ary Kerner); G. Aguiar (Barão de Lambeck); Heller (Conde de Stramberg); Pimentel (Karl); Vasques (Dr. Ranspach); Timotheo (Beckman); Monclar (Lutz); Lima Vianna (Verner); Pinheiro (Sarden); Caminha (Shebel); Joaquim (Randal); Campos (Rutter); N.N. (José); N.N. (um pregador); N.N. (Samuel); Rodrigo (um bateleiro); Ismenia (O anjo da meia noite); Julia (Margarida); Elisa (Catharina); Francisca (Martha Burner); Henriqueta (Agar); Mathilde (Paula).	O anjo da meia noite	Drama	5 atos	Estreia do ator Guilherme Pinto de Aguiar.
7/8/1866	Terça-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Théodore Barriere e Edmond Plouvier.	Toda a companhia	O anjo da meia noite	Drama	5 atos	Trad.Machado de Assis
8/8/1866	Quarta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Théodore Barriere e Edmond Plouvier.	Toda a companhia	O anjo da meia noite	Drama	5 atos	Benefício a edificação de um colégio alemão.  Presença do Imperador.
9/8/1866	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Théodore Barriere e Edmond Plouvier.	Toda a companhia	O anjo da meia noite	Drama	5 atos	Trad.Machado de Assis
11/8/1866	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Théodore Barriere e Edmond Plouvier.	Toda a companhia	O anjo da meia noite	Drama	5 atos	Trad.Machado de Assis
12/8/1866	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Théodore Barriere e Edmond Plouvier.	Toda a companhia	O anjo da meia noite	Drama	5 atos	Trad.Machado de Assis
17/8/1866	Sexta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Théodore Barriere e Edmond Plouvier.	Não informado	O anjo da meia noite	Drama	5 atos	Espectáculo em benefício da Sociedade Beneficente dos artistas de construção naval.



18/8/1866	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Théodore Barriere e Edmond Plouvier.	Toda a companhia	O anjo da meia noite	Drama	5 atos	Trad.Machado de Assis
19/8/1866	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Théodore Barriere e Edmond Plouvier.	Toda a companhia	O anjo da meia noite	Drama	5 atos	Trad.Machado de Assis
21/8/1866	Terça-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Théodore Barriere e Edmond Plouvier.	Toda a companhia	O anjo da meia noite	Drama	5 atos	Trad.Machado de Assis
23/8/1866	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Théodore Barriere e Edmond Plouvier.	Toda a companhia	O anjo da meia noite	Drama	5 atos	Trad.Machado de Assis
25/8/1866	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Théodore Barriere e Edmond Plouvier.	Toda a companhia	O anjo da meia noite	Drama	5 atos	Trad.Machado de Assis
26/8/1866	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Théodore Barriere e Edmond Plouvier.	Toda a companhia	O anjo da meia noite	Drama	5 atos	Trad.Machado de Assis
27/8/1866	Segunda-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Clairville e Lambert Thiboust	Não informado	A corda sensível	Comédia ornada de música	1 ato	Em benefício a dois irmãos. Espetáculo de Copos de Cristal por Furtado Coelho.
27/8/1866	Segunda-feira	Ginásio	Furtado Coelho	José de Almada Lencastre	Não informado	Casamento Singular	Comédia	3 atos	Em benefício a dois irmãos. Espetáculo de Copos de Cristal por Furtado Coelho.
29/8/1866	Quarta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	José de Almada Lencastre	Não informado	Casamento Singular	Comédia	3 atos	Em benefício à filha de um militar. Espetáculo de Copos de Cristal por Furtado Coelho.

30/8/1866	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Théodore Barriere e Edmond Plouvier.	Não informado	O anjo da meia noite	Drama	5 atos	Espectáculo em benefício ao Asilo Inválidos da Pátria.
31/8/1866	Sexta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	José Carlos dos Santos	Não informado	O anjo da paz	Drama	2 atos	Espectáculo em benefício ao ator Trindade. Espectáculo de Copos de Cristal por Furtado Coelho.
31/8/1866	Sexta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	José de Almada Lencastre	Não informado	Casamento Singular	Comédia	3 atos	Espectáculo em benefício ao ator Trindade. Espectáculo de Copos de Cristal por Furtado Coelho.
1/9/1866	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Théodore Barriere e Edmond Plouvier.	Toda a companhia	O anjo da meia noite	Drama	5 atos	Trad.Machado de Assis
2/9/1866	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Théodore Barriere e Edmond Plouvier.	Toda a companhia	O anjo da meia noite	Drama	5 atos	Trad.Machado de Assis
4/9/1866	Terça-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Théodore Barriere e Edmond Plouvier.	Toda a companhia	O anjo da meia noite	Drama	5 atos	Última apresentação
7/9/1866	Sexta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Beaumarchais Tradução de Machado de Assis.	Furtado Coelho (Figaro); Pedro Monclar (Conde Alma-Viva); Francisco Vasques (Bartholo); Pinto de Aguiar (D. Basílio); Thimoteo Fernandes (Esperto); Guimarães (Rapagão); Pinheiro (Alcaide); Lima Viana (Tabelião); Ismenia Santos (Rosina).	O Babeiro de Sevilha	Comédia	4 atos	Primeira apresentação
8/9/1866	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Beaumarchais Tradução de Machado de Assis.	Furtado Coelho (Figaro); Pedro Monclar (Conde Alma-Viva); Francisco Vasques (Bartholo); Pinto de Aguiar (D. Basílio); Thimoteo Fernandes (Esperto); Guimarães (Rapagão); Pinheiro (Alcaide); Lima Viana (Tabelião); Ismenia Santos (Rosina).	O Babeiro de Sevilha	Comédia	4 atos	
9/9/1866	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Beaumarchais Tradução de Machado de Assis.	Furtado Coelho (Figaro); Pedro Monclar (Conde Alma-Viva); Francisco Vasques (Bartholo); Pinto de Aguiar (D. Basílio); Thimoteo Fernandes (Esperto); Guimarães (Rapagão); Pinheiro (Alcaide); Lima Viana (Tabelião); Ismenia Santos (Rosina)	O Babeiro de Sevilha	Comédia	4 atos	

10/9/1866	Segunda-feira	Ginásio	Furtado Coelho	José Carlos dos Santos	Não informado	O anjo da paz	Drama	2 atos	Espectáculo em benefício a Manuel de Jesus Ferraz. Espectáculo de Copos de Cristal por Furtado Coelho. Presença do Imperador
10/9/1866	Segunda-feira	Ginásio	Furtado Coelho	José de Almada Lencastre	Não informado	Casamento singular	Comédia	3 atos	Espectáculo em benefício a Manuel de Jesus Ferraz. Espectáculo de Copos de Cristal por Furtado Coelho. Presença do Imperador.
13/9/1866	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Théodore Barriere e Edmond Plouvier.	Não informado	O anjo da meia noite	Drama	5 atos	Espectáculo em benefício à atriz Ismenia Santos.
15/9/1866	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Théodore Barriere e Edmond Plouvier.	Toda a companhia	O anjo da meia noite	Drama	5 atos	36ª apresentação da peça.
16/9/1866	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Théodore Barriere e Edmond Plouvier.	Toda a companhia	O anjo da meia noite	Drama	5 atos	37ª apresentação da peça.
17/9/1866	Segunda-feira	Ginásio	Furtado Coelho	José Carlos dos Santos	Não informado	O anjo da paz	Drama	2 atos	Benefício à atriz Marcellina Camara
17/9/1866	Segunda-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Correa Vasques	Francisco Correa Vasques	O Sr. Domingos fora do sério	Cena cômica	1 ato	Benefício à atriz Marcellina Camara
17/9/1866	Segunda-feira	Ginásio	Furtado Coelho	José de Almada Lencastre	Não informado	Casamento singular	Comédia	3 atos	Espectáculo em benefício a Marcellina Camara
18/9/1866	Terça-feira	Ginásio	Furtado Coelho	José Carlos dos Santos	Não informado	O anjo da paz	Drama	2 atos	Ator Vasques apresenta uma de suas peças nesse dia.
18/9/1866	Terça-feira	Ginásio	Furtado Coelho	José de Almada Lencastre	Não informado	Casamento singular	Comédia	3 atos	Ator Vasques apresenta uma de suas peças nesse dia.
19/9/1866	Quarta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Théodore Barriere e Edmond Plouvier.	Não informado	O anjo da meia noite	Drama	5 atos	Última apresentação da peça.

20/9/1866	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	José Carlos dos Santos	Não informado	O anjo da paz	Drama	2 atos	Benefício à atriz Marcellina Camara Espetáculo de Copos de Cristal por Furtado Coelho.
20/9/1866	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Correa Vasques	Francisco Correa Vasques	O Sr. Domingos fora do sério	Cena cômica	1 ato	Benefício à atriz Marcellina Camara. Espetáculo de Copos de Cristal por Furtado Coelho.
20/9/1866	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	José de Almada Lencastre	Não informado	Casamento singular	Comédia	3 atos	Espetáculo em benefício a Marcellina Camara. Espetáculo de Copos de Cristal por Furtado Coelho.
21/9/1866	Sexta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	José Carlos dos Santos	Não informado	O anjo da paz	Drama	2 atos	Benefício a uma viúva e seus filhos.
21/9/1866	Sexta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Correa Vasques	Francisco Correa Vasques	O Sr. Domingos fora do sério	Cena cômica	1 ato	Benefício a uma viúva e seus filhos.
21/9/1866	Sexta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Clairville Lambert Thiboust	Não informado	A corda sensível	Comédia ornada de música	1 ato	Benefício a uma viúva e seus filhos.
22/9/1866	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Beaumarchais Tradução de Machado de Assis.	Não informado	O Babeiro de Sevilha	Comédia	4 atos	Ator Vasques apresenta uma de suas peças nesse dia. Espetáculo de Copos de Cristal por Furtado Coelho.
23/9/1866	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Théodore Barriere e Edmond Plouvier.	Toda a companhia	O anjo da meia noite	Drama	5 atos	39ª apresentação da peça.
25/9/1866	Terça-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Théodore Barriere e Edmond Plouvier.	Não informado	O anjo da meia noite	Drama	5 atos	Presença do Imperador.
26/9/1866	Quarta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Beaumarchais Tradução de Machado de Assis.	Não informado	O Babeiro de Sevilha	Comédia	4 atos	O benefício a uma viúva e seus filhos que estava programado para o dia 21/9 foi transferido para 26/9. Ator Vasques apresenta uma de suas peças nesse dia.

29/9/1866	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Théodore Barriere e Edmond Plouvier.	Toda a companhia	O anjo da meia noite	Drama	5 atos	41ª apresentação da peça.
30/9/1866	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Théodore Barriere e Edmond Plouvier.	Toda a companhia	O anjo da meia noite	Drama	5 atos	42ª apresentação da peça.
3/10/1866	Quarta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Beaumarchais Tradução de Machado de Assis.	Não informado	O Babeiro de Sevilha	Comédia	4 atos	Benefício a Prospero José Leite Pereira  Ator Vasques apresenta uma de suas peças nesse dia.
3/10/1866	Quarta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Não informado	O Tio Torquato	Drama	1 ato	Benefício a Prospero José Leite Pereira  Ator Vasques apresenta uma de suas peças nesse dia.
5/10/1866	Sexta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Beaumarchais Tradução de Machado de Assis.	Furtado Coelho; Monclar; Vasques; Aguiar; Timotheo; Guimarães; Pinheiro; Lima Viana e Ismênia.	O Babeiro de Sevilha	Comédia	4 atos	Benefício a liberdade da Escrava Marcolina  Ator Vasques apresenta uma de suas peças nesse dia.
6/10/1866	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Théodore Barriere e Edmond Plouvier.	Não informado	O anjo da meia noite	Drama	5 atos	43ª apresentação da peça.
7/10/1866	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Théodore Barriere e Edmond Plouvier.	Não informado	O anjo da meia noite	Drama	5 atos	
13/10/1866	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Théodore Barriere e Edmond Plouvier.	Não informado	O anjo da meia noite	Drama	5 atos	
14/10/1866	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Emile de Girardin e Alexandre Dumas Filho.  Trad. Machado de Assis	Furtado Coelho (Henrique Dummont); Rosina Augusta (Mathilde); Estanislau Pimentel (Alvarez); Pinheiro (Criado); Julia Heller (Sra Larcey); Menino Monclar (Joanna).	Suplício de uma mulher	Drama	3 atos	Estreia da atriz Rosina Augusta de Souza Muniz.  Ator Vasques apresenta uma de suas peças nesse dia.

14/10/1866	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Magalhães	Pinto de Aguiar	A história de um cozinheiro	Cena cômica	1 ato	Estreia da atriz Rosina Augusta de Souza Muniz.  Ator Vasques apresenta uma de suas peças nesse dia.
14/10/1866	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Clairville e Lambert Thiboust	Ismenia Santos; Francisca Monclar; Francisco Correa Vasques; Pedro Monclar.	A corda sensível	Comédia ornada de música	1 ato	Estreia da atriz Rosina Augusta de Souza Muniz.  Ator Vasques apresenta uma de suas peças nesse dia.
16/10/1866	Terça-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Emile de Girardin e Alexandre Dumas Filho.	Não informado	Suplício de uma mulher	Drama	3 atos	Benefício a uma orfão.  Ator Vasques apresenta uma de suas peças nesse dia.
17/10/1866	Quarta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Théodore Barriere e Edmond Plouvier.	Não informado	O anjo da meia noite	Drama	5 atos	Espectáculo em benefício à atriz Julia Heller.  Presença do Imperador.
18/10/1866	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Théodore Barriere e Edmond Plouvier.	Não informado	O anjo da meia noite	Drama	5 atos	Espectáculo em benefício a Braga.
20/10/1866	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Théodore Barriere e Edmond Plouvier.	Não informado	O anjo da meia noite	Drama	5 atos	
21/10/1866	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Théodore Barriere e Edmond Plouvier.	Não informado	O anjo da meia noite	Drama	5 atos	
22/10/1866	Segunda-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Théodore Barriere e Edmond Plouvier.	Não informado	O anjo da meia noite	Drama	5 atos	Benefício da Irmandade de Nossa Senhora do Amparo
23/10/1866	Terça-feira	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Vasques (Claudio); Julia Heller (Amelia); Thimoteo (Manuel da Cunha); Pimentel (Julio da Silva); Aguiar; Elisa (Genoveva); Janjão (Menino Monclar); Pinheiro (Mamede); Caminha (João Careca).	Quero casar minha sobrinha	Comédia	1 ato	Benefício a Francisco Correa Vasques.  Espectáculo de Copos de Cristal por Furtado Coelho.  Presença do Imperador.

23/10/1866	Terça-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Correa Vasques	Francisco Correa Vasques	O Diabo no Rio de Janeiro	Esquisitice cômica e diabólica		Benefício a Francisco Correa Vasques. Espetáculo de Copofonia Uma cena cômica é apresentada pelo ator Aguiar. Presença do Imperador.
28/10/1866	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Théodore Barriere e Edmond Plouvier.	Não informado	O anjo da meia noite	Drama	5 atos	
28/10/1866	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Correa Vasques	Francisco Correa Vasques	O Diabo no Rio de Janeiro	Esquisitice cômica e diabólica		
1/11/1866	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Théodore Barriere e Edmond Plouvier.	Não informado	O anjo da meia noite	Drama	5 atos	Última apresentação.
1/11/1866	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Correa Vasques	Francisco Correa Vasques	O Diabo no Rio de Janeiro	Esquisitice cômica e diabólica		
7/11/1866	Quarta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Prólogo Furtado Coelho (Jonio); Fraga (Euripedes); Monclar (Democrito); Heller (Heraclito); L. Vianna (Aristophanes); Vasques (Eupolia); Pimentel (Phidias); Aguiar (Lysias); Caminha (Pamphile); Rosina (Thendata); Francisca; Ismenia (Helena). 4º Ato Aguiar (Conde de São Roque); Pimentel (João do Amaral); Monclar (Barão de Cidreira); Heller (Vidal); Furtado Coelho (Alberto Vidal); L. Vianna (Marquez do Val Prado); Caminha (Domingos); Joaquim (Joaquim); Vasques (José); Thimoteo (Serapião); Julia (Amelia); Marcellina (Adelina); Rosina (Baronesa da Cidreira); Ismenia (Helena); Mathilde (Carlota); Pinheiro (um criado).	Amor da Arte : 1 parte – O Ator	Comédia / Drama	4 atos e 1 prólogo	Primeira apresentação. Presença do Imperador.
10/11/1866	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Os mesmos atores e atrizes da estreia.	Amor da Arte : 1 parte – O Ator	Comédia / Drama	4 atos e 1 prólogo	
11/11/1866	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Os mesmos atores e atrizes da estreia.	Amor da Arte : 1 parte – O Ator	Comédia / Drama	4 atos e 1 prólogo	

15/11/1866	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Os mesmos atores e atrizes da estreia.	Amor da Arte : 1 parte – O Ator	Comédia / Drama	4 atos e 1 prólogo	
16/11/1866	Sexta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Emile de Girardin e Alexandre Dumas Filho.	Não informado	Suplício de uma mulher	Drama	3 atos	Benefício a uma atriz.
16/11/1866	Sexta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Correa Vasques	Francisco Correa Vasques	O Diabo no Rio de Janeiro	Esquisitice cômica e diabólica		Benefício a uma atriz.
16/11/1866	Sexta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Não informado	Uma noite de carnaval	Peça burlesca ornada de música	1 ato	
17/11/1866	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Os mesmos atores e atrizes da estreia.	Amor da Arte : 1 parte – O Ator	Comédia / Drama	4 atos e 1 prólogo	
18/11/1866	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Os mesmos atores e atrizes da estreia.	Amor da Arte : 1 parte – O Ator	Comédia / Drama	4 atos e 1 prólogo	
21/11/1866	Quarta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Os mesmos atores e atrizes da estreia.	Amor da Arte : 1 parte – O Ator	Comédia / Drama	4 atos e 1 prólogo	
24/11/1866	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Os mesmos atores e atrizes da estreia.	Amor da Arte : 1 parte – O Ator	Comédia / Drama	4 atos e 1 prólogo	
25/11/1866	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Os mesmos atores e atrizes da estreia.	Amor da Arte : 1 parte – O Ator	Comédia / Drama	4 atos e 1 prólogo	
28/11/1866	Quarta-feira	Lírico Fluminense	Furtado Coelho	Théodore Barriere e Edmond Plouvier.	Não informado	O anjo da meia noite	Drama	5 atos	Companhia do Teatro Ginásio apresenta o espetáculo no Teatro Lírico Fluminense em benefício à Sociedade União Beneficente 9 de Julho.  Presença do Imperador.
29/11/1866	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Não informado	Amor da Arte : 1 parte – O Ator	Comédia / Drama	4 atos e 1 prólogo	
30/11/1866	Sexta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Emile de Girardin e Alexandre Dumas Filho.	Furtado Coelho; Pimentel; Pinheiro; menino Monclar; Rosina Muniz; Julia Heller.	Suplício de uma mulher	Drama	3 atos	Benefício ao ator Thomaz Caetano Magioli.
30/11/1866	Sexta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Correa Vasques	Francisco Correa Vasques	O Diabo no Rio de Janeiro	Esquisitice cômica e diabólica		Benefício ao ator Thomaz Caetano Magioli.
30/11/1866	Sexta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Clairville e Lambert Thiboust	Não informado	A corda sensível	Comédia ornada de música	1 ato	Benefício ao ator Thomaz Caetano Magioli.



2/12/1866	Domingo	Teatro Lírico Fluminense	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Toda a companhia	Amor da Arte : 1 parte – O Ator	Comédia / Drama	4 atos e 1 prólogo	Presença do Imperador.
4/12/1866	Terça-feira	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Furtado Coelho (Corsini); Francisco Monclar (Broceli); Pimentel (Julio); Thimoteo (Tabelião); Vianna (Secretário do Grão Duque); Fraga (1 postilhão); Pinheiro (2 postilhão); Caminha ( moço da estalagem); Joaquim (criado de Corsini); Ismenia (Florinda); Rosina (Duquesa).	A filha do mistério	Comédia / Drama	2 atos	Benefício ao ator Francisco de Paula Monclar. Presença do Imperador.  É recitado nesse dia a poesia de Machado de Assis intitulada “ Um neto de Don Juan”.
4/12/1866	Terça-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Correa Vasques	Menino Monclar	O menino Monclar	Cena cômica	1 ato	
4/12/1866	Terça-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Furtado Coelho (Arnaldo de Brito); Francisco Monclar ( José Antonio Gomes); Thimoteo (Azevedo); Vianna (Comendador Rosa); Joaquim (um criado); Francisca Monclar ( Emília); Ismenia (Eugenia); Mathilde (D. Maria).	Procure-me depois do amanhã	Comédia	1 ato	
6/12/1866	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Furtado Coelho (Corsini); Francisco Monclar (Broceli); Pimentel (Julio); Thimoteo (Tabelião); Vianna (Secretário do Grão Duque); Fraga (1 postilhão); Pinheiro (2 postilhão); Caminha ( moço da estalagem); Joaquim (criado de Corsini); Ismenia (Florinda); Rosina (Duquesa).	A filha do mistério	Comédia / Drama	2 atos	É recitado nesse dia a poesia de Machado de Assis intitulada “ Um neto de Don Juan”.
6/12/1866	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Correa Vasques	Francisco Correa Vasques	O Diabo no Rio de Janeiro	Esquisitice cômica e diabólica		.
6/12/1866	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Não informado	Procure-me depois do amanhã	Comédia	1 ato	
8/12/1866	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Não informado	Amor da Arte : 1 parte – O Ator	Comédia / Drama	4 atos e 1 prólogo	
9/12/1866	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Toda a companhia	Amor da Arte : 1 parte – O Ator	Comédia / Drama	4 atos e 1 prólogo	
11/12/1866	Terça-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Não informado	Amor da Arte : 1 parte – O Ator	Comédia / Drama	4 atos e 1 prólogo	
13/12/1866	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Não informado	Amor da Arte : 1 parte – O Ator	Comédia / Drama	4 atos e 1 prólogo	
15/12/1866	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Théodore Barriere e Edmond Plouvier.	Não informado	O anjo da meia noite	Drama	5 atos	

15/12/1866	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Furtado Coelho; Monclar; Pimentel; Timotheo; Vianna; Fraga; Pinheiro; Caminha; Joaquim; Ismênia; Rosina.	A filha do mistério	vaudeville	2 atos	
16/12/1866	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Théodore Barriere e Edmond Plouvier.	Não informado	O anjo da meia noite	Drama	5 atos	
20/12/1866	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Furtado Coelho ; Francisco Monclar ; Pimentel; Thimoteo; Vianna; Fraga; Pinheiro; Caminha; Joaquim; Ismenia; Rosina.	A filha do mistério	Comédia / Drama	2 atos	Espectáculo em benefício a um artista. Francisco Correa Vasques executa uma de suas cenas cômicas. Houve espetáculo musical.
20/12/1866	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Furtado Coelho; Timotheo; Monclar; Vianna; Joaquim; Ismenia; Francisca Monclar; Mathilde.	Procure-me depois do amanhã	Comédia	1 ato	
22/12/1866	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Théodore Barriere e Edmond Plouvier.	Não informado	O anjo da meia noite	Drama	5 atos	
23/12/1866	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Théodore Barriere e Edmond Plouvier.	Não informado	O anjo da meia noite	Drama	5 atos	
29/12/1866	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Augusto de Castro	Furtado Coelho (Julio de Albuquerque); Heller (General Luiz de Albuquerque); Pimentel (Frederico Soares); Vasques (Juvenal Cicero da Gama); Guilherme (Antonio); Rosina (Carlota Cordeiro); Ismenia (Amelia); Marcellina (Julieta); Mathilde (Rosa).	Um escândalo na família	Drama	5 atos	Primeira apresentação
29/12/1866	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Vasques; Ismenia.	Uma noite de carnaval	Peça burlesca ornada de música	1 ato	
30/12/1866	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Augusto de Castro	Os mesmos atores e atrizes da estreia.	Um escândalo na família	Drama	5 atos	
30/12/1866	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Vasques; Ismenia.	Uma noite de carnaval	Peça burlesca ornada de música	1 ato	

31/12/1866	Segunda-feira	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Furtado Coelho ; Francisco Monclar ; Pimentel; Thimoteo; Vianna; Fraga; Pinheiro; Caminha; Joaquim; Ismenia; Rosina.	A filha do mistério	Comédia / Drama	2 atos	Espetáculo em benefício a um artista.  Vasques executa uma de suas cenas cômicas.  Houve espetáculo musical.
31/12/1866	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Furtado Coelho; Timotheo; Monclar; Vianna; Joaquim; Ismenia; Francisca Monclar; Mathilde.	Procure-me depois do amanhã	Comédia	1 ato	

*Jornal do Commercio: 1867*

Data	Dia da Semana	Teatro	Empresário / Ensaaiador	Autor	Ato(res) Personagens	Espectáculo	Gênero	Atos	Outras Observações
1/1/1867	Terça-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Augusto de Castro	Os mesmos atores da estreia.	Um escândalo na família	Drama	5 atos	
1/1/1867	Terça-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Correa Vasques	Francisco Correa Vasques	O Sr. Domingos fora do sério	Cena cômica	1 ato	
6/1/1867	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Augusto de Castro	Os mesmos atores da estreia.	Um escândalo na família	Drama	5 atos	
6/1/1867	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Não informado	Procure-me depois do amanhã	Comédia	1 ato	
11/1/1867	Sexta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Não informado	A filha do mistério	Comédia / Drama	2 atos	.
11/1/1867	Sexta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Correa Vasques	Francisco Correa Vasques	O Diabo no Rio de Janeiro	Esquisitice cômica e diabólica		.
11/1/1867	Sexta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Clairville e Lambert Thiboust	Não informado	A corda sensível	Comédia ornada de canto e dança	1 ato	
12/1/1867	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Augusto de Castro	Não informado	Um escândalo na família	Drama	5 atos	
12/1/1867	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	França Junior	Vasques (Julião da Cunha); Francisca Monclar (Dorothea); Marcellina (Chiquinha); Monclar (Ernesto); Thimoteo (comendador Anastácio);	Entrei para o Club Jacome	Comédia	1 ato	Primeira apresentação.
13/1/1867	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	F. Coelho; Pimentel; Monclar; Lima Vianna; Timotheo; Ismenia e Rosina.	A filha do mistério	Comédia / Drama	2 atos	.
13/1/1867	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	França Junior	Vasques (Julião da Cunha); Francisca Monclar (Dorothea); Marcellina (Chiquinha); Monclar (Ernesto); Thimoteo (comendador Anastácio);	Entrei para o Club Jacome	Comédia	1 ato	
13/1/1867	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Correa Vasques	Francisco Correa Vasques	O Diabo no Rio de Janeiro	Esquisitice cômica e diabólica		.
18/1/1867	Sexta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Não informado	A filha do mistério	Comédia-drama ornada de música	2 atos	.Benefício à viuva Clara Maria Ferreira
18/1/1867	Sexta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Correa Vasques	Menino Monclar	O menino Monclar	Cena cômica	1 ato	
18/1/1867	Sexta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Clairville e Lambert Thiboust	Não informado	A corda sensível	Comédia ornada de canto e dança	1 ato	
19/1/1867	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Furtado Coelho; Pimentel; Monclar; Lima Vianna; Timotheo; Ismenia; Rosina.	A filha do mistério	Comédia-drama ornada de música	2 atos	
19/1/1867	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	França Junior	Não informado	Entrei para o Club Jacome	Comédia	1 ato	
19/1/1867	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Correa Vasques	Francisco Correa Vasques	O Diabo no Rio de Janeiro	Esquisitice cômica e diabólica		

20/1/1867	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Furtado Coelho; Pimentel; Monclar; Lima Vianna; Timotheo; Ismenia; Rosina.	A filha do mistério	Comédia-drama ornada de música	2 atos	
20/1/1867	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	França Junior	Não informado	Entrei para o Club Jacome	Comédia	1 ato	
20/1/1867	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Correa Vasques	Francisco Correa Vasques	O Diabo no Rio de Janeiro	Esquisitice cômica e diabólica	1 ato	.
21/1/1867	Segunda-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Augusto de Castro	Não informado	Um escândalo na família	Drama	5 atos	Espetáculo de Benefício.
21/1/1867	Segunda-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Não informado	Procure-me depois do amanhã	Comédia	1 ato	Espetáculo de Benefício.
24/1/1867	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Augusto de Castro	Não informado	Um escândalo na família	Drama	5 atos	Benefício ao ator Victorino Rosa
24/1/1867	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	França Junior	Não informado	Entrei para o Club Jacome	Comédia	1 ato	Benefício ao ator Victorino Rosa
25/1/1867	Sexta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Clairville e Lambert Thiboust	Não informado	A filha do mistério	Comédia / Drama	2 atos	
25/1/1867	Sexta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Clairville e Lambert Thiboust	Não informado	A corda sensível	Comédia ornada de canto e dança	1 ato	Vasques executa uma de suas cenas cômicas.
26/1/1867	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Furtado Coelho; Pimentel; Monclar; Lima Vianna; Timotheo; Ismenia; Rosina.	A filha do mistério	Comédia / Drama	2 atos	
26/1/1867	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Correa Vasques	Francisco Correa Vasques	O Diabo no Rio de Janeiro	Esquisitice cômica e diabólica		.
26/1/1867	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	França Junior	Não informado	Entrei para o Club Jacome	Comédia	1 ato	
27/1/1867	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Augusto de Castro	Não informado	Um escândalo na família	Drama	5 atos	Espetáculo em Benefício Vasques executa uma de suas cenas cômicas.
27/1/1867	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Não informado	Procure-me depois do amanhã	Comédia	1 ato	Espetáculo de Benefício. Vasques executa uma de suas cenas cômicas.

30/1/1867	Quarta-feira	Teatro Eliseu (Niterói)	Furtado Coelho	Augusto de Castro	Furtado Coelho; Vasques; Heller; Pimentel; Guilherme; Joaquim; Rosina, Marcellina; Ismenia.	Um escândalo na família	Drama	5 atos	Companhia do Teatro Ginásio apresenta o espetáculo no Teatro Eliseu.  Espetáculo em Benefício à atriz Ismenia Santos.
1/2/1867	Sexta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Estanislau Barroso Pimentel	Não informado	A negação da família	Drama	4 atos	Benefício ao ator Pimentel.  Presença do Imperador.
1/2/1867	Sexta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Correa Vasques	Francisco Correa Vasques	O Diabo no Rio de Janeiro	Esquisitice cômica e diabólica	1 ato	Benefício ao ator Pimentel.  Presença do Imperador..
1/2/1867	Sexta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	França Junior	Vasques; Monclar; Timotheo; Aguiar; Pinheiro; Caminha; Fraga; Joaquim; Marcellina; Francisca Monclar.	Entrei para o Club Jacome	Comédia	1 ato	Benefício ao ator Pimentel.  Presença do Imperador.
2/2/1867	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Estanislau Barroso Pimentel	Não informado	A negação da família	Drama	4 atos	
2/2/1867	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Correa Vasques	Francisco Correa Vasques; Ismenia Santos	Uma noite de carnaval	Peça Burlesca	1 ato	
2/2/1867	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	França Junior	Não informado	Entrei para o Club Jacome	Comédia	1 ato	
3/2/1867	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Estanislau Barroso Pimentel	Não informado	A negação da família	Drama	4 atos	
3/2/1867	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Furtado Coelho; Monclar; Timotheo; Vianna; Ismenia; Francisca Monclar; Mathilde.	Procure-me depois do amanhã	Comédia	1 ato	
3/2/1867	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	França Junior	Não informado	Entrei para o Club Jacome	Comédia	1 ato	
4/2/1867	Segunda-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Alexandre Dumas Filho e Emile de Girardin	Furtado Coelho Estanislau Pimentel Menino Monclar; Julia Heller; Rosina; João Pinheiro	Suplício de uma mulher	Drama	3 atos	Benefício a Clotilde de Sá. Vasques executa uma de suas cenas cômicas.
4/2/1867	Segunda-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Furtado Coelho; Monclar; Timotheo; Vianna; Ismenia; Francisca Monclar; Mathilde.	Procure-me depois do amanhã	Comédia	1 ato	
4/2/1867	Segunda-feira	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Ismenia e Vasques.	Uma noite de carnaval	Peça burlesca ornada de música	1 ato	
5/2/1867	Terça-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Estanislau Barroso Pimentel	Não informado	A negação da família	Drama	4 atos	Benefício à atriz Francisca Monclar

5/2/1867	Terça-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Correa Vasques	Menino Monclar	O menino Monclar	Cena cômica	1 ato	
5/2/1867	Terça-feira	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Monclar; Victorino; Pinheiro; Francisca Monclar;	O Tio Torquato	Comédia	1 ato	
6/2/1867	Quarta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Furtado Coelho e restante da companhia.	A filha do mistério	Comédia / Drama	2 atos	Nesse dia houve um concerto musical apresentado por Arthur Napoleão.  Presença do Imperador.
6/2/1867	Quarta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Furtado Coelho e restante da companhia.	Procure-me depois do amanhã	Comédia	1 ato	
9/2/1867	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Alexandre Dumas Filho e Emile de Girardin	Furtado Coelho Estanislau Pimentel Menino Monclar; Julia Heller; Rosina; João Pinheiro	Suplício de uma mulher	Drama	3 atos	.
9/2/1867	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Correa Vasques	Francisco Correa Vasques	O Sr. Joaquim Sacristão	Cena cômica	1 ato	
9/2/1867	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Furtado Coelho; Pimentel; Monclar; Lima Vianna; Joaquim; Timotheo; Ismenia; Rosina.	A filha do mistério	Comédia / Drama	2 atos	
10/2/1867	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Não informado	A filha do mistério	Comédia / Drama	2 atos	Benefício ao músico Carlos Ricco.  Nesse dia, além dos espetáculos teatrais, houve apresentação musical.
10/2/1867	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	França Junior	Não informado	Entrei para o Club Jacome	Comédia	1 ato	
10/2/1867	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Ismenia e Vasques.	Uma noite de carnaval	Peça burlesca ornada de música	1 ato	
21/2/1867	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Furtado Coelho e Joaquim Serra.	Não informado	O Remorso Vivo	Drama fantástico	1 prólogo e 4 atos.	Primeira apresentação
23/2/1867	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Furtado Coelho e Joaquim Serra. Música de Arthur Napoleão	Furtado Coelho (Oscar Werner); Heller (Freitag); Pimentel (Gustavo Waldau); Vasques (Major Quizow); Monclar (Barão de Garnier); Lima Vianna (Conde de Stollberg); Guilherme (Bruno de Berneck); Timotheo (Mayer); Pinheiro (Hoffmann); Pedro Montani (Muller); Victorino (Antonio); Joaquim (Um carteiro); Ismenia (Maria Weber); Ismenia (Gretchen); Mathilde (Gertrudes Freitag); NN (Martha); Marcelinna (Susana); Joaquim (Primeiro Aldeão); Pinheiro (Segundo Aldeão).	O Remorso Vivo	Drama fantástico	1 prólogo e 4 atos.	

24/2/1867	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Furtado Coelho e Joaquim Serra. Música de Arthur Napojacoeão	Toda a companhia	O Remorso Vivo	Drama fantástico	1 prólogo e 4 atos.	
25/2/1867	Segunda-feira	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Ismenia e Vasques.	Uma noite de carnaval	Peça burlesca ornada de música	1 ato	Nesse dia houve espetáculo musical com os Irmãos Franco (Violinista e Harpista)  Vasques executa uma de suas cenas cômicas.
26/2/1867	Terça-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Furtado Coelho e Joaquim Serra. Música de Arthur Napoleão	Os mesmos atores da segunda apresentação.  Nesse dia, o cartaz informa as personagens fantásticas: Fraga (O remorso vivo); Caminha (um gnomo); Julia Heller ( uma Amadriade); Francisca Monclar (uma Ondina); Julia Heller (1º espírito); Marcelinna (2º espírito); N.N. (3º espírito).	O Remorso Vivo	Drama fantástico	1 prólogo e 4 atos.	
28/2/1867	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Furtado Coelho e Joaquim Serra. Música de A. Napoleão	Toda a companhia	O Remorso Vivo	Drama fantástico	1 prólogo e 4 atos.	
2/3/1867	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Furtado Coelho e Joaquim Serra. Música de A. Napoleão	Toda a companhia	O Remorso Vivo	Drama fantástico	1 prólogo e 4 atos.	
7/3/1867	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Furtado Coelho e Joaquim Serra. Música de A. Napoleão	Toda a companhia	O Remorso Vivo	Drama fantástico	1 prólogo e 4 atos.	
9/3/1867	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Furtado Coelho e Joaquim Serra. Música de A. Napoleão	Toda a companhia	O Remorso Vivo	Drama fantástico	1 prólogo e 4 atos.	
10/3/1867	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Furtado Coelho e Joaquim Serra.	Toda a companhia	O Remorso Vivo	Drama fantástico	1 prólogo e 4 atos.	
12/3/1867	Terça-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Furtado Coelho e Joaquim Serra. Música de A. Napoleão	Toda a companhia	O Remorso Vivo	Drama fantástico	1 prólogo e 4 atos.	
14/3/1867	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Furtado Coelho e Joaquim Serra. Música de A. Napoleão	Toda a companhia	O Remorso Vivo	Drama fantástico	1 prólogo e 4 atos.	



16/3/1867	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Furtado Coelho e Joaquim Serra. Música de A. Napoleão	Toda a companhia	O Remorso Vivo	Drama fantástico	1 prólogo e 4 atos.	
17/3/1867	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Furtado Coelho e Joaquim Serra. Música de A. Napoleão	Toda a companhia	O Remorso Vivo	Drama fantástico	1 prólogo e 4 atos.	
18/3/1867	Segunda-feira	Ginásio	Furtado Coelho	E. Girardin e A. Dumas Filho	Furtado Coelho; Pimentel; Pinheiro; menino Monclar; Rosina e Julia Heller.	Suplício de uma mulher	Drama	3 atos	Espectáculo musical com os irmãos Franco.
18/3/1867	Segunda-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Correa Vasques	Francisco Correa Vasques	O Sr. Joaquim Sacristão	Cena-cômica	1 ato	
19/3/1867	Terça-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Furtado Coelho e Joaquim Serra. Música de A. Napoleão	Toda a companhia	O Remorso Vivo	Drama fantástico	1 prólogo e 4 atos.	
21/3/1867	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Furtado Coelho e Joaquim Serra. Música de A. Napoleão	Toda a companhia	O Remorso Vivo	Drama fantástico	1 prólogo e 4 atos.	
23/3/1867	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Furtado Coelho e Joaquim Serra. Música de A. Napoleão	Toda a companhia	O Remorso Vivo	Drama fantástico	1 prólogo e 4 atos.	
24/3/1867	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Furtado Coelho e Joaquim Serra. Música de A. Napoleão	Toda a companhia	O Remorso Vivo	Drama fantástico	1 prólogo e 4 atos.	
25/3/1867	Segunda-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Furtado Coelho e Joaquim Serra. Música de A. Napoleão	Toda a companhia	O Remorso Vivo	Drama fantástico	1 prólogo e 4 atos.	
27/3/1867	Quarta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	E. Girardin e A. Dumas Filho	Furtado Coelho; Pimentel; Pinheiro; menino Monclar; Rosina e Julia Heller.	Suplício de uma mulher	Drama	3 atos	Benefício ao ator Graça.
27/3/1867	Quarta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Correa Vasques	Vasques e Graça.	O Vasques e o Graça	Cena-cômica	1 ato	
27/3/1867	Quarta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	França Junior	Não informado	Entrei para o club Jacome	Comédia	1 ato	
28/3/1867	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Furtado Coelho e Joaquim Serra. Música de A. Napoleão	Toda a companhia	O Remorso Vivo	Drama fantástico	1 prólogo e 4 atos.	
30/3/1867	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Furtado Coelho e Joaquim Serra. Música de A. Napoleão	Toda a companhia	O Remorso Vivo	Drama fantástico	1 prólogo e 4 atos.	
31/3/1867	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Furtado Coelho e Joaquim Serra. Música de A. Napoleão	Toda a companhia	O Remorso Vivo	Drama fantástico	1 prólogo e 4 atos.	

2/4/1867	Terça-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Furtado Coelho e Joaquim Serra. Música de A. Napoleão	Toda a companhia	O Remorso Vivo	Drama fantástico	1 prólogo e 4 atos.	
4/4/1867	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Furtado Coelho e Joaquim Serra. Música de A. Napoleão	Toda a companhia	O Remorso Vivo	Drama fantástico	1 prólogo e 4 atos.	
6/4/1867	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Furtado Coelho e Joaquim Serra. Música de A. Napoleão	Toda a companhia	O Remorso Vivo	Drama fantástico	1 prólogo e 4 atos.	
7/4/1867	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Furtado Coelho e Joaquim Serra. Música de A. Napoleão	Toda a companhia	O Remorso Vivo	Drama fantástico	1 prólogo e 4 atos.	
10/4/1867	Quarta-feira	Lírico Fluminense	Ensaaiador: Furtado Coelho	França Junior	Não informado	Entrei para o Club Jacome	Comédia	1 ato	Benefício ao clarinetista Raphael José Croner. Cena cômica de Vasques  Apresentação de várias canções.
10/4/1867	Quarta-feira	Lírico Fluminense	Ensaaiador: Furtado Coelho	Furtado Coelho	Não informado	Procure-me depois do amanhã	Comédia	1 ato	
10/4/1867	Quarta-feira	Lírico Fluminense	Ensaaiador: Furtado Coelho	Clairville e Lambert Thiboust	Não informado	A corda sensível	Comédia	1 ato	
11/4/1867	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Furtado Coelho e Joaquim Serra. Música de A. Napoleão	Toda a companhia	O Remorso Vivo	Drama fantástico	1 prólogo e 4 atos.	
25/4/1867	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Furtado Coelho e Joaquim Serra. Música de A. Napoleão	Toda a companhia	O Remorso Vivo	Drama fantástico	1 prólogo e 4 atos.	
27/4/1867	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Furtado Coelho e Joaquim Serra. Música de A. Napoleão	Toda a companhia	O Remorso Vivo	Drama fantástico	1 prólogo e 4 atos.	
28/4/1867	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Furtado Coelho e Joaquim Serra. Música de A. Napoleão	Toda a companhia	O Remorso Vivo	Drama fantástico	1 prólogo e 4 atos.	
2/5/1867	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Não informado	Procure-me depois do amanhã	Comédia	1 ato	Apresentação nesse dia de Mademoiselle Risetete
2/5/1867	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Mademoiselle Risetete	La sonnambule extra lucide	Comédia-Vaudeville	1 ato	
2/5/1867	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Mademoiselle Risetete	La femme à barbe			

2/5/1867	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Correa Vasques	Francisco Correa Vasques	O Sr. Joaquim Sacristão	Cena Cômica	1 ato	
2/5/1867	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Não informado	O tio Torquato	Comédia	1 ato	
2/5/1867	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho		Martins	O amigo dos artistas	Cena Cômica	1 ato	Nesse dia, reentrada do ator Martins no Ginásio.
2/5/1867	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	França Junior	Não informado	Entrei para o Club Jacome	Comédia	1 ato	
4/5/1867	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Victorien Sardou	Furtado Coelho (Didier); Paiva (Champrosé); Martins (Benoiton); Monclar (Formichel); Fraga (Prudente); Vasques (Theodulo); Victorino (Stephen); Caminha (Muller); Menino Monclar (Fan Fan); Julia (Clotilde); Ismenia (Martha); Marcelinna (Joanna); Francisca (Camilla); Bernardina (Adolphina); Mathilde (Julia); Henriqueta (uma criada); Joaquim (João); Pinheiro (Baptista).	A família Benoiton	Drama	5 atos	Primeira apresentação  Tradução de Machado de Assis
5/5/1867	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Victorien Sardou	Toda a companhia	A família Benoiton	Drama	5 atos	
7/5/1867	Terça-feira	Teatro de São Cristovão	Ensaaiador: Furtado Coelho	desconhecido	Não informado	A filha do mistério	Comédia drama ornada de música	2 atos	Companhia do Ginásio apresenta-se no Teatro de São Cristovão.  Ismenia dos Santos apresenta a canção "O Champagne e o amor".
7/5/1867	Terça-feira	Teatro de São Cristovão	Ensaaiador: Furtado Coelho	Francisco Correa Vasques	Francisco Correa Vasques	O Sr. Domingos fora do sério	Cena cômica	1 ato	
7/5/1867	Terça-feira	Teatro de São Cristovão	Ensaaiador: Furtado Coelho	França Junior	Furtado Coelho; Pimentel; Vasques; Monclar; Ismenia; Benardina; Francisca Monclar; Marcelinna.	Entrei para o Club Jacome	Comédia	1 ato	
8/5/1867	Quarta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Não informado	A filha do mistério	Comédia drama ornada de música	2 atos	Benefício ao ator Timotheo.  Ismenia dos Santos apresenta a canção "O cancan, o Champagne e o amor".
8/5/1867	Quarta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Correa Vasques	Menino Monclar	O menino Monclar	Cena cômica	1 ato	

8/5/1867	Quarta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Francisco Correa Vasques	Francisco Correa Vasques	O diabo no Rio de Janeiro	Cena cômica	1 ato	
8/5/1867	Quarta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Martins	O amigo dos artistas	Cena cômica	1 ato	
8/5/1867	Quarta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	França Junior		Entrei para o Club Jacome	Comédia	1 ato	
9/3/1867	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Victorien Sardou	Toda a companhia	A família Benoiton	Drama	5 atos	
11/5/1867	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Victorien Sardou	Toda a companhia	A família Benoiton	Drama	5 atos	
12/5/1867	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Victorien Sardou	Toda a companhia	A família Benoiton	Drama	5 atos	
14/5/1867	Terça-feira	Teatro Lírico Fluminense	Ensaaiador: Furtado Coelho	E. Girardin e A. Dumas Filho	Furtado Coelho (Henrique Dummont); Paiva (Alvares); Rosina (Mathilde Dummont); Julia (Magdalena Larcey); Menino Monclar (Joanna).	O suplício de uma mulher	Drama	3 atos	Benefício aos Institutos de Surdos e Mudos e Meninos Cegos Companhia do  Ginásio faz apresentação no Teatro Lírico Fluminense. Presença do Imperador.  Espetáculo cancelado
14/5/1867	Terça-feira	Teatro Lírico Fluminense	Ensaaiador: Furtado Coelho	desconhecido	Furtado Coelho; Monclar; Pimentel; Timotheo; Caminha; Joaquim; Fraga; Lima Vianna; Ismenia e Rosina.	A filha do mistério	Comédia drama ornada de música	2 atos	Espetáculo cancelado em razão do mau tempo.
14/5/1867	Terça-feira	Teatro Lírico Fluminense	Ensaaiador: Furtado Coelho	desconhecido	Martins	A namorada	Cena cômica	1 ato	Espetáculo cancelado em razão do mau tempo.
17/5/1867	Sexta-feira	Teatro Lírico Fluminense	Ensaaiador: Furtado Coelho	desconhecido	Furtado Coelho; Monclar; Pimentel; Timotheo; Caminha; Joaquim; Fraga; Lima Vianna; Ismenia e Rosina.	A filha do mistério	Comédia drama ornada de música	2 atos	Benefício aos Institutos de Surdos e Mudos e Meninos Cegos Companhia do Ginásio faz apresentação no Teatro Lírico Fluminense. Presença do Imperador
17/5/1867	Sexta-feira	Teatro Lírico Fluminense	Ensaaiador: Furtado Coelho	desconhecido	Martins	A namorada	Cena cômica	1 ato	
17/5/1867	Sexta-feira	Teatro Lírico Fluminense	Ensaaiador: Furtado Coelho	Furtado Coelho	Não informado	Procure-me depois do amanhã	Comédia	1 ato	
17/5/1867	Sexta-feira	Teatro Lírico Fluminense	Ensaaiador: Furtado Coelho	Francisco Correa Vasques	Francisco Correa Vasques	O Sr. Domingos fora do sério	Cena cômica	1 ato	

17/5/1867	Sexta-feira	Teatro Lírico Fluminense	Ensaaiador: Furtado Coelho	França Junior	Não informado	Entrei para o Club Jacome	Comédia	1 ato	
18/5/1867	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Victorien Sardou	Toda a companhia	A família Benoiton	Drama	5 atos	
19/5/1867	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Victorien Sardou	Toda a companhia	A família Benoiton	Drama	5 atos	
22/5/1867	Quarta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Victorien Sardou	Toda a companhia	A família Benoiton	Drama	5 atos	
23/5/1867	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Victorien Sardou	Toda a companhia	A família Benoiton	Drama	5 atos	
25/5/1867	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Victorien Sardou	Toda a companhia	A família Benoiton	Drama	5 atos	
26/5/1867	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Victorien Sardou	Toda a companhia	A família Benoiton	Drama	5 atos	
30/5/1867	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Victorien Sardou	Toda a companhia	A família Benoiton	Drama	5 atos	
31/5/1867	Sexta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Não informado	A filha do mistério	Comédia-Drama	2 atos	
31/5/1867	Sexta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Não informado	O pai e o noivo	Comédia ornada de música	1 ato	
31/5/1867	Sexta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Martins	A namorada	Cena cômica	1 ato	
31/5/1867	Sexta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	França Junior	Não informado	Entrei para o Club Jacome	Comédia	1 ato	
1/6/1867	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Victorien Sardou	Toda a companhia	A família Benoiton	Drama	5 atos	
2/6/1867	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Victorien Sardou	Toda a companhia	A família Benoiton	Drama	5 atos	
5/6/1867	Quarta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Paiva; Vasques; Elisa; Marcelinna; Henriqueta.	O pai e o noivo	Comédia	3 atos	Benefício à uma família Riograndense
5/6/1867	Quarta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Martins	O amigo dos artistas	Cena cômica	1 ato	
5/6/1867	Quarta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Jean François Alfred Bayard e Emile Vanderburch	Furtado Coelho (general); Vasques(gaiato); restante da cia.	O gaiato de Lisboa	Comédia-Drama	2 atos	
6/6/1867	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Furtado Coelho e Joaquim Serra.	Toda a companhia	O remorso vivo	Drama fantástico	1 prólogo e 4 atos.	
7/6/1867	Sexta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Furtado Coelho e Joaquim Serra. Música de A. Napoleão	Toda a companhia	O remorso vivo	Drama fantástico	1 prólogo e 4 atos.	
9/6/1867	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Furtado Coelho e Joaquim Serra. Música de A. Napoleão	Toda a companhia	O remorso vivo	Drama fantástico	1 prólogo e 4 atos.	
13/6/1867	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Furtado Coelho e Joaquim Serra. Música de A. Napoleão	Toda a companhia	O remorso vivo	Drama fantástico	1 prólogo e 4 atos.	

14/6/1867	Sexta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Victorien Sardou	Toda a companhia	A família Benoiton	Drama	5 atos	Benefício ao ator Martins. Presença do Imperador.
14/6/1867	Sexta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Martins	Martins	O colchoeiro Benoiton	Cena Cômica	1 ato	
15/6/1867	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Furtado Coelho e Joaquim Serra. Música de A. Napoleão	Toda a companhia	O remorso vivo	Drama fantástico	1 prólogo e 4 atos.	
16/6/1867	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Furtado Coelho e Joaquim Serra. Música de A. Napoleão	Toda a companhia	O remorso vivo	Drama fantástico	1 prólogo e 4 atos.	
18/6/1867	Terça-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Jean François Alfred Bayard e Emile Vanderburch	Não informado	O gaiato de Lisboa	Comédia-Drama	2 atos	Benefício ao pianista Serqueira. Presença do Imperador.
18/6/1867	Terça-feira	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Não informado	O pai e o noivo	Comédia	3 atos	
20/6/1867	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Furtado Coelho e Joaquim Serra. Música de A. Napoleão	Toda a companhia	O remorso vivo	Drama fantástico	1 prólogo e 4 atos.	
21/6/1867	Sexta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Jean François Alfred Bayard e Emile Vanderburch	Não informado	O gaiato de Lisboa	Comédia-Drama	2 atos	Benefício a uma viúva e seus orfãos. Apresentação musical. Cena Cômica por Vasques
21/6/1867	Sexta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Não informado	O pai e o noivo	Comédia	3 atos	
22/6/1867	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Furtado Coelho e Joaquim Serra. Música de A. Napoleão	Toda a companhia	O remorso vivo	Drama fantástico	1 prólogo e 4 atos.	Benefício a uma escrava.
24/6/1867	Segunda-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Furtado Coelho e Joaquim Serra. Música de A. Napoleão	Toda a companhia	O remorso vivo	Drama fantástico	1 prólogo e 4 atos.	

25/6/1867	Terça-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Victorien Sardou	Toda a companhia	A família Benoiton	Drama	5 atos	Benefício à atriz Rosina de Souto Moniz.  Presença do Imperador.  Vasques apresenta uma cena cômica.
28/6/1867	Sexta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Jean François Alfred Bayard e Emile Vanderburch	Não informado	O gaiato de Lisboa	Comédia-Drama	2 atos	Benefício à atriz Marcellina Câmara.
28/6/1867	Sexta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Não informado	O pai e o noivo	Comédia	3 atos	Martins apresenta uma cena cômica.
28/6/1867	Sexta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Não informado	O tio Torquato	Comédia	1 ato	
30/6/1867	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Furtado Coelho e Joaquim Serra. Música de A. Napoleão	Toda a companhia	O remorso vivo	Drama fantástico	1 prólogo e 4 atos.	
6/7/1867	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Ponson du Terrail e Anicet Bourgeois	Furtado Coelho (José Fippart por alcunha Rocambole); Areas (Cesar Andrea) (Sir William) (O Dr. Gordon); Martins (João Caipera); Paiva (Armando); Guilherme (Conde Chamery); Victorino (Affonso); Fraga (Duque Sallendrera); Caminha (Valentim) (Ventura); Lima Vianna (um desconhecido); Pinheiro (Andre); F.F (Baptista); Thimoteo (Antonio Bacarat); Ismenia (Sra. Charmet); Rosina (Sra Fippart); Marcellina (Carmen); Henriqueta (Emilia); Benardina (Tulipa); Maria Lima (Fanny); Elisa (Gertrudes).	Rocambole	Drama	5 atos	Primeira apresentação
7/7/1867	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Ponson du Terrail e Anicet Bourgeois	Toda a companhia	Rocambole	Drama	5 atos	
9/7/1867	Terça-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Ponson du Terrail e Anicet Bourgeois	Toda a companhia	Rocambole	Drama	5 atos	
11/7/1867	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Ponson du Terrail e Anicet Bourgeois	Toda a companhia	Rocambole	Drama	5 atos	
13/7/1867	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Ponson du Terrail e Anicet Bourgeois	Toda a companhia	Rocambole	Drama	5 atos	
14/7/1867	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Ponson du Terrail e Anicet Bourgeois	Toda a companhia	Rocambole	Drama	5 atos	
16/7/1867	Terça-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Jean François Alfred Bayard e Emile Vanderburch		O gaiato de Lisboa	Comédia-Drama	2 atos	Espetáculo Musical por Bernhard Wagner.  Presença do Imperador.

16/7/1867	Terça-feira	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Não informado	O amigo dos artistas	Cena Cômica	1 ato	
18/7/1867	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Ponson du Terrail e Anicet Bourgeois	Toda a companhia	Rocambole	Drama	5 atos	Benefício à atriz Ismênia dos Santos
20/7/1867	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Ponson du Terrail e Anicet Bourgeois	Toda a companhia	Rocambole	Drama	5 atos	
21/7/1867	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Ponson du Terrail e Anicet Bourgeois	Toda a companhia	Rocambole	Drama	5 atos	
23/7/1867	Terça-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Ponson du Terrail e Anicet Bourgeois	Toda a companhia	Rocambole	Drama	5 atos	
25/7/1867	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Ponson du Terrail e Anicet Bourgeois	Toda a companhia	Rocambole	Drama	5 atos	
27/7/1867	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Ponson du Terrail e Anicet Bourgeois	Toda a companhia	Rocambole	Drama	5 atos	
28/7/1867	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Ponson du Terrail e Anicet Bourgeois	Toda a companhia	Rocambole	Drama	5 atos	
31/7/1867	Quarta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Ponson du Terrail e Anicet Bourgeois	Toda a companhia	Rocambole	Drama	5 atos	
3/8/1867	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Ponson du Terrail e Anicet Bourgeois	Toda a companhia	Rocambole	Drama	5 atos	
4/8/1867	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Ponson du Terrail e Anicet Bourgeois	Toda a companhia	Rocambole	Drama	5 atos	
7/8/1867	Quarta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Furtado Coelho e Joaquim Serra. Música de A. Napoleão	Toda a companhia	O remorso vivo	Drama fantástico	1 prólogo e 4 atos.	Benefício à Real Sociedade Portuguesa amante da monarquia.
8/8/1867	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Ponson du Terrail e Anicet Bourgeois	Toda a companhia	Rocambole	Drama	5 atos	
10/8/1867	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Ponson du Terrail e Anicet Bourgeois	Toda a companhia	Rocambole	Drama	5 atos	
11/8/1867	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Ponson du Terrail e Anicet Bourgeois	Toda a companhia	Rocambole	Drama	5 atos	
15/8/1867	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Ponson du Terrail e Anicet Bourgeois	Toda a companhia	Rocambole	Drama	5 atos	
17/8/1867	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Ponson du Terrail e Anicet Bourgeois	Toda a companhia	Rocambole	Drama	5 atos	
18/8/1867	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Ponson du Terrail e Anicet Bourgeois	Toda a companhia	Rocambole	Drama	5 atos	
21/8/1867	Quarta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Furtado Coelho e Joaquim Serra. Música de A. Napoleão	Toda a companhia	O remorso vivo	Drama fantástico	1 prólogo e 4 atos.	Benefício ao ator Braga.  Espetáculo cancelado.
22/8/1867	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Ponson du Terrail e Anicet Bourgeois	Toda a companhia	Rocambole	Drama	5 atos	
24/8/1867	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Ponson du Terrail e Anicet Bourgeois	Toda a companhia	Rocambole	Drama	5 atos	
25/8/1867	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Ponson du Terrail e Anicet Bourgeois	Toda a companhia	Rocambole	Drama	5 atos	



26/8/1867	Segunda-feira	Lírico Fluminense	Ensaíador: Furtado Coelho	Furtado Coelho e Joaquim Serra. Música de A. Napoleão	Toda a companhia	O remorso vivo	Drama fantástico	1 prólogo e 4 atos.	Companhia do Ginásio faz uma apresentação no Teatro Lírico Fluminense.  Benefício à Caixa de Socorros D.Pedro V  Presença do Imperador
27/8/1867	Terça-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Furtado Coelho e Joaquim Serra. Música de A. Napoleão	Toda a companhia	O remorso vivo	Drama fantástico	1 prólogo e 4 atos.	Benefício ao ator Braga
28/8/1867	Quarta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Ponson du Terrail e Anicet Bourgeois	Toda a companhia	Rocambole	Drama	5 atos	
31/8/1867	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Ponson du Terrail e Anicet Bourgeois	Toda a companhia	Rocambole	Drama	5 atos	
1/9/1867	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Furtado Coelho e Joaquim Serra. Música de A. Napoleão	Toda a companhia	O remorso vivo	Drama fantástico	1 prólogo e 4 atos.	
8/9/1867	Domingo	Teatro Francês – Antigo Eldorado	Furtado Coelho	desconhecido	Não informado	Viúva das Camélias	Comédia	1 ato	Companhia do Ginásio com autorização de Furtado Coelho apresenta-se no Teatro Francês.
8/9/1867	Domingo	Teatro Francês – Antigo Eldorado	Furtado Coelho	desconhecido	Não informado	As duas bengalas	Comédia	1 ato	
8/9/1867	Domingo	Teatro Francês – Antigo Eldorado	Furtado Coelho	Clairville e Lambert Thiboust	Não informado	A corda sensível	Vaudeville		
8/9/1867	Domingo	Teatro Francês – Antigo Eldorado	Furtado Coelho	Francisco Corrêa Vasques	Martins e Ismênia	Uma noite de carnaval	Extravagância burlesca	1 ato	

10/9/1867	Terça-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Furtado Coelho	<p>Personagens do Prólogo. Furtado Coelho (Rocambole); Lima Viana (Milon); Timotheo (João, o carneiro); Rodrigo (carapuça verde); Leal Junior (o capitão do navio); Ismenia (Vanda).</p> <p>Personagens do Drama. Furtado Coelho (Rocambole); Areas (Visconde de Morlux); Fraga (Barão de Morlux); Paiva (Agenor de Morlux); Guilherme (Dr. Vicente); Martins (Timoleão); Lima Viana (Milon); Victorino (Noel); Timotheo (João Carneiro); Rodrigo (Carapuça verde); Caminha (Rigolo); Torres (Felippe); Pinheiro (Rousselet); Caminha (o chefe de segurança pública); Leal Junior (o Melro); Pinheiro (um médico); Torres (um interno do hospital); N.N.(um soldado); Ismenia (Vanda); Marcellina (A. Miller); Elisa (Sra Raynoud); Benardina (mãe de Felipe); Maria Lima (Martha); Mathilde (Margarida); N.N. (uma irmã de caridade).</p>	Ressurreição de Rocambole. 1º Parte: Antonietta	Drama	Prólogo: 2 quadros. Drama: 11 quadros	Primeira apresentação
11/9/1867	Quarta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Toda a companhia	Ressurreição de Rocambole. 1º Parte: Antonietta	Drama	Prólogo: 2 quadros. Drama: 11 quadros	
12/9/1867	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Toda a companhia	Ressurreição de Rocambole. 1º Parte: Antonietta	Drama	Prólogo: 2 quadros. Drama: 11 quadros	
14/9/1867	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Toda a companhia	Ressurreição de Rocambole. 1º Parte: Antonietta	Drama	Prólogo: 2 quadros. Drama: 11 quadros	
15/9/1867	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Toda a companhia	Ressurreição de Rocambole. 1º Parte: Antonietta	Drama	Prólogo: 2 quadros. Drama: 11 quadros	Espectáculo a noite
15/9/1867	Domingo	Teatro Francês – Antigo Eldorado	Furtado Coelho	desconhecido	Não informado	O 31 de caçadores 5.	Comédia	1 ato	Companhia do Ginásio com autorização de Furtado Coelho apresenta-se no Teatro Francês.  Espectáculo a tarde.

15/9/1867	Domingo	Teatro Francês – Antigo Eldorado	Furtado Coelho	desconhecido	Martins	O defensor da classe caixeiral	Cena-Cômica	1 ato	
15/9/1867	Domingo	Teatro Francês – Antigo Eldorado	Furtado Coelho	desconhecido	Não informado	Um marido que é vítima de modas	Comédia	1 ato	
15/9/1867	Domingo	Teatro Francês – Antigo Eldorado	Furtado Coelho	desconhecido	Não informado	Um pé e um sapato	Comédia	1 ato	
17/9/1867	Terça-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Toda a companhia	Ressurreição de Rocambole. 1º Parte: Antonietta	Drama	Prólogo: 2 quadros. Drama: 11 quadros	
19/9/1867	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Toda a companhia	Ressurreição de Rocambole. 1º Parte: Antonietta	Drama	Prólogo: 2 quadros. Drama: 11 quadros	
21/9/1867	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Toda a companhia	Ressurreição de Rocambole. 1º Parte: Antonietta	Drama	Prólogo: 2 quadros. Drama: 11 quadros	
22/9/1867	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Toda a companhia	Ressurreição de Rocambole. 1º Parte: Antonietta	Drama	Prólogo: 2 quadros. Drama: 11 quadros	Espectáculo a noite
22/9/1867	Domingo	Teatro Francês – Antigo Eldorado	Furtado Coelho	José Maria da Silva Mendes Leal Junior.	Não informado	Quem porfia mata a caça	Comédia	2 atos	Companhia do Ginásio com autorização de Furtado Coelho apresenta-se no Teatro Francês.  Espectáculo a tarde.
22/9/1867	Domingo	Teatro Francês – Antigo Eldorado	Furtado Coelho	desconhecido	Martins	O amigo dos artistas	Cena-cômica	1 ato	
22/9/1867	Domingo	Teatro Francês – Antigo Eldorado	Furtado Coelho	Dr. Sampaio	Não informado	Minha Sogra	Comédia	1 ato	
25/9/1867	Quarta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Toda a companhia	Ressurreição de Rocambole. 1º Parte: Antonietta	Drama	Prólogo: 2 quadros. Drama: 11 quadros	
26/9/1867	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Toda a companhia	Ressurreição de Rocambole. 1º Parte: Antonietta	Drama	Prólogo: 2 quadros. Drama: 11 quadros	

28/9/1867	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Toda a companhia	Ressurreição de Rocambole. 1º Parte: Antonietta	Drama	Prólogo: 2 quadros. Drama: 11 quadros	
29/9/1867	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Toda a companhia	Ressurreição de Rocambole. 1º Parte: Antonietta	Drama	Prólogo: 2 quadros. Drama: 11 quadros	Espectáculo a noite
29/9/1867	Domingo	Teatro Francês – Antigo Eldorado	Furtado Coelho	desconhecido	Não informado	Uma mulher com dois maridos	Comédia ornada de música		Companhia do Ginásio com autorização de Furtado Coelho apresenta-se no Teatro Francês.  Espectáculo a tarde.
29/9/1867	Domingo	Teatro Francês – Antigo Eldorado	Furtado Coelho	Martins	Martins	O defensor da classe caixeiral	Cena-Cômica	1 ato	
29/9/1867	Domingo	Teatro Francês – Antigo Eldorado	Furtado Coelho	Francisco Correa Vasques	Martins e Ismênia	Uma noite de carnaval	Extravagância burlesca	1 ato	
29/9/1867	Domingo	Teatro Francês – Antigo Eldorado	Furtado Coelho	Dr. Sampaio	Não informado	Minha Sogra	Comédia	1 ato	
3/10/1867	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Toda a companhia	Ressurreição de Rocambole. 1º Parte: Antonietta	Drama	Prólogo: 2 quadros. Drama: 11 quadros	
4/10/1867	Sexta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Imitação de Barroso Pereira e Ferreira Guimarães	Não informado	Os palermas	Comédia	3 atos	Benefício ao ator Martins
4/10/1867	Sexta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Não informado	Uma mulher com dois maridos	Comédia	3 atos	
5/10/1867	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Toda a companhia	Ressurreição de Rocambole. 1º Parte: Antonietta	Drama	Prólogo: 2 quadros. Drama: 11 quadros	
6/10/1867	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Imitação de Barroso Pereira e Ferreira Guimarães	Não informado	Os palermas	Comédia	3 atos	
6/10/1867	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Não informado	As duas bengalas	Comédia	1 ato	
8/10/1867	Terça-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Toda a companhia	Ressurreição de Rocambole. 1º Parte: Antonietta	Drama	Prólogo: 2 quadros. Drama: 11 quadros	

10/10/1867	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Toda a companhia	Ressurreição de Rocambole. 1º Parte: Antonietta	Drama	Prólogo: 2 quadros. Drama: 11 quadros	
12/10/1867	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Toda a companhia	Ressurreição de Rocambole. 1º Parte: Antonietta	Drama	Prólogo: 2 quadros. Drama: 11 quadros	
13/10/1867	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Imitação de Barroso Pereira e Ferreira Guimarães	Não informado	Os palermas	Comédia	3 atos	
13/10/1867	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Ismênia dos Santos	Quero e não quero	Comédia	1 ato	
13/10/1867	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Não informado	As duas bengalas	Comédia	1 ato	
17/10/1867	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Toda a companhia	Ressurreição de Rocambole. 1º Parte: Antonietta	Drama	Prólogo: 2 quadros. Drama: 11 quadros	
19/10/1867	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Toda a companhia	Ressurreição de Rocambole. 1º Parte: Antonietta	Drama	Prólogo: 2 quadros. Drama: 11 quadros	
20/10/1867	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Imitação de Barroso Pereira e Ferreira Guimarães	Não informado	Os palermas	Comédia	3 atos	
20/10/1867	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho		Ismênia dos Santos	Quero e não quero	Comédia	1 ato	
20/10/1867	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho		Ismênia dos Santos (Rosa Margarida); Martins (Narciso Beija-Flor).	Uma noite de carnaval	Extravagância burlesca	1 ato	
21/10/1867	Segunda-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Imitação de Barroso Pereira e Ferreira Guimarães	Martins; Guilherme; Timotheo; Paiva; Carvalho; Pinheiro; Torres; Ismenia. Elisa; Marcelinna, Joaquina; Mathilde; Bernardina.	Os palermas	Comédia	3 atos	Benefício à educação de uma menina.
21/10/1867	Segunda-feira	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Martins; Guilherme; Ismenia e Marcelinna.	31 de caçadores 5	Comédia ornada de música	1 ato	
21/10/1867	Segunda-feira	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Não informado	Um pé e um sapato	Comédia	1 ato	
22/10/1867	Terça-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Imitação de Barroso Pereira e Ferreira Guimarães	Não informado	Os palermas	Comédia	3 atos	Benefício ao ponto e ao fiscal do Ginásio
22/10/1867	Terça-feira	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Ismênia dos Santos	Quero e não quero	Comédia	1 ato	
22/10/1867	Terça-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Imitação do ator Martins	Ismênia (Rachel); Martins (Guilherme)	Ein Lustiger Paar	Comédia musical	1 ato	Música de Offenbach
24/10/1867	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Toda a companhia	Ressurreição de Rocambole. 1º Parte: Antonietta	Drama	Prólogo: 2 quadros. Drama: 11 quadros	

25/10/1867	Sexta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Imitação de Barroso Pereira e Ferreira Guimarães	Martins; Guilherme; Timotheo; Paiva; Carvalho; Pinheiro; Torres; Ismenia. Elisa; Marcelinna, Joaquina; Mathilde; Bernardina.	Os palermas	Comédia	3 atos	Benefício à Sociedade Italiana de Beneficência
25/10/1867	Sexta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Martins; Guilherme; Ismenia e Marcelinna.	31 de caçadores 5	Comédia ornada de música	1 ato	
25/10/1867	Sexta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Não informado	As duas bengalas	Comédia	1 ato	
26/10/1867	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Imitação de Barroso Pereira e Ferreira Guimarães	Não informado	Os palermas	Comédia	3 atos	
26/10/1867	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Ismênia dos Santos	Quero e não quero	Comédia	1 ato	
26/10/1867	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Imitação do ator Martins	Ismênia (Rachel); Martins (Guilherme)	Ein Lustiger Paar	Comédia musical	1 ato	
27/10/1867	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Obra de Ponson du Terrail adaptada ao teatro	Toda a companhia	Ressurreição de Rocambole. 1º Parte: Antonietta	Drama	Prólogo: 2 quadros. Drama: 11 quadros	
27/10/1867	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Imitação do ator Martins	Ismênia (Rachel); Martins (Guilherme)	Ein Lustiger Paar	Comédia musical	1 ato	.
28/10/1867	Segunda-feira	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Não informado	A mulher com dois maridos	Comédia	2 atos	Benefício a H.S. Moniz.
28/10/1867	Segunda-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Imitação de Barroso Pereira e Ferreira Guimarães	Martins; Guilherme; Timotheo; Paiva; Carvalho; Pinheiro; Torres; Ismenia. Elisa; Marcelinna, Joaquina; Mathilde; Bernardina.	Os palermas	Comédia	3 atos	
1/11/1867	Sexta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Toda a companhia	Ressurreição de Rocambole. 1º Parte: Antonietta	Drama	Prólogo: 2 quadros. Drama: 11 quadros	
1/11/1867	Sexta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Imitação do ator Martins	Ismênia (Rachel); Martins (Guilherme)	Ein Lustiger Paar	Comédia musical	1 ato	
3/11/1867	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Toda a companhia	Ressurreição de Rocambole. 1º Parte: Antonietta	Drama	Prólogo: 2 quadros. Drama: 11 quadros	
3/11/1867	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Imitação do ator Martins	Ismênia (Rachel); Martins (Guilherme)	Ein Lustiger Paar	Comédia musical	1 ato	
4/11/1867	Segunda-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Toda a companhia	Ressurreição de Rocambole. 1º Parte: Antonietta	Drama	Prólogo: 2 quadros. Drama: 11 quadros	Benefício à Imperial Associação Typographica Fluminense.  Mlle. Risetete apresenta uma canção.

9/11/1867	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Furtado Coelho (Rocambole); Fraga (Ivan Pottenieff) (Pedro-o Mougick); Areas (Visconde de Morlux); Guilherme (Visconde Fabiano de Amolles); Paiva (Angenor de Morlux); Martins (Paulo Michelin); Martinho (Beruto); Victorino (Noel); Lima Viana (Milon); Timotheo (João, o carneiro); Caminha (o chefe de polícia); Leal Junior (um agente de polícia); Torres (um criado); Pinheiro (o guarda portão); Ismenia (Condessa Wasillicka); Benardina (Condessa Artoff); Marcelinna (Wanda); Carolina (Magdalena) (Clorinda); Personagem muda (Gula – escrava)	Ressurreição de Rocambole. 2º Parte: Magdalena	Drama	12 quadros	Primeira apresentação
10/11/1867	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Toda a companhia	Ressurreição de Rocambole. 2º Parte: Magdalena	Drama	12 quadros	
12/11/1867	Terça-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Toda a companhia	Ressurreição de Rocambole. 2º Parte: Magdalena	Drama	12 quadros	
14/11/1867	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Toda a companhia	Ressurreição de Rocambole. 2º Parte: Magdalena	Drama	12 quadros	
15/11/1867	Sexta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Imitação de Barroso Pereira e Ferreira Guimarães	Martins; Guilherme; Timotheo; Paiva; Carvalho; Pinheiro; Torres; Ismenia. Elisa; Marcelinna, Joaquina; Mathilde; Bernardina	Os palermas	Comédia	3 atos	Benefício a Thomaz Caetano Magioli.
15/11/1867	Sexta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Não informado	Quero e não quero	Comédia	1 ato	
15/11/1867	Sexta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Não informado	As duas bengalas	Comédia	1 ato	
16/11/1867	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Toda a companhia	Ressurreição de Rocambole. 2º Parte: Magdalena	Drama	12 quadros	
17/11/1867	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Toda a companhia	Ressurreição de Rocambole. 2º Parte: Magdalena	Drama	12 quadros	
21/11/1867	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Toda a companhia	Ressurreição de Rocambole. 2º Parte: Magdalena	Drama	12 quadros	

22/11/1867	Sexta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Ismenia; Martins; Paiva; Joaquina.	Quero e não quero	Comédia	1 ato	
22/11/1867	Sexta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Raphael Muñoz (Benito); Luiza Gonçalez (Luiza)	Dos en uno	Comédia	1 ato	Apresentação dos atores espanhóis.
22/11/1867	Sexta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Guilherme; Victorino; Carvalho; Joaquina; Mathilde	As duas bengalas	Comédia	1 ato	
22/11/1867	Sexta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Imitação de D. Juan del Peral	Raphael Muñoz (Julian Matalana); Luiza Gonçalez (Julia Peñalosa)	Otra noche toledana o Un caballero y una señora	Joguete comico	1 ato	Apresentação dos atores espanhóis.
23/11/1867	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Toda a companhia	Ressurreição de Rocambole. 2º Parte: Magdalena	Drama	12 quadros	
24/11/1867	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Toda a companhia	Ressurreição de Rocambole. 2º Parte: Magdalena	Drama	12 quadros	
27/11/1867	Quarta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Não informado	Quero e não quero	Comédia	1 ato	Benefício a Elisa Rosa de Abreu
27/11/1867	Quarta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Martins	O defensor da classe caixeiral	Cena Cômica	1 ato	
27/11/1867	Quarta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Imitação do ator Martins	Ismênia (Rachel); Martins (Guilherme)	Ein Lustiger Paar	Comédia musical	1 ato	
27/11/1867	Quarta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Imitação de Barroso Pereira e Ferreira Guimarães	Não informado	Os palermas	Comédia	3 atos	
28/11/1867	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Ponson du Terrail e Anicet Bourgeois	Furtado Coelho (José Fippart por alcunha Rocambole); Areas (Cesar Andrea) (Sir William) (O Dr. Gordon); Martins (João Caipora); Paiva (Armando); Guilherme (Marquez de Chamery); Victorino (Affonso); Fraga (Duque Sallendrera); Caminha (Valentim) (Ventura); Lima Vianna (um desconhecido); Pinheiro (Baptista); Thimoteo (Antonio); Ismenia (Sra. Charmet) (Baccarat); Benardina (Sra Fippart); Marcelinna (Carmen); Carolina (Emilia); Mathilde (Tulipa); Joaquina (Fanny); Elisa (Gertrudes).	Rocambole	Drama	5 atos	
29/11/1867	Sexta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Não informado	Quero e não quero	Comédia	1 ato	Espetáculo-Concerto em favor do tenor José Coelho Barbosa
29/11/1867	Sexta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Não informado	As duas bengalas	Comédia	1 ato	
29/11/1867	Sexta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Não informado	Um pé e um sapato	Comédia	1 ato	



30/11/1867	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Toda a companhia	Ressurreição de Rocambole. 1º Parte: Antonietta	Drama	Prólogo: 2 quadros. Drama: 11 quadros	
1/12/1867	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Toda a companhia	Ressurreição de Rocambole. 2º Parte: Magdalena	Drama	12 quadros	
3/12/1867	Terça-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Imitação de Barroso Pereira e Ferreira Guimarães	Não informado	Os palermas	Comédia	3 atos	Benefício de uma artista.
3/12/1867	Terça-feira	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Não informado	As duas bengalas	Comédia	1 ato	
3/12/1867	Terça-feira	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Não informado	Um pé e um sapato	Comédia	1 ato	
4/12/1867	Quarta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Toda a companhia	Ressurreição de Rocambole. 2º Parte: Magdalena	Drama	12 quadros	
7/12/1867	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Toda a companhia	Ressurreição de Rocambole. 2º Parte: Magdalena	Drama	12 quadros	
8/12/1867	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Toda a companhia	Ressurreição de Rocambole. 2º Parte: Magdalena	Drama	12 quadros	
10/12/1867	Terça-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Imitação de Barroso Pereira e Ferreira Guimarães	Martins; Guilherme; Timotheo; Paiva; Carvalho; Pinheiro; Torres; Ismenia; Elisa; Marcelinna; Joaquina; Mathilde; Bernardina.	Os palermas	Comédia	3 atos	Benefício ao ator Graça.
10/12/1867	Terça-feira	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Graça (Silverio); Carvalho; Joaquina; Mathilde.	As duas bengalas	Comédia	1 ato	
10/12/1867	Terça-feira	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Martins; Guilherme; Ismenia e Marcelinna.	31 de caçadores 5	Comédia ornada de música	1 ato	
11/12/1867	Quarta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Martins; Victorino; Carvalho; Timotheo; Ismenia; Joaquina	A mulher com dois maridos	Vaudeville	2 atos	
11/12/1867	Quarta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Martins; Guilherme; Timotheo; Paiva; Carvalho; Pinheiro; Torres; Ismenia; Elisa; Marcelinna; Joaquina; Mathilde; Bernardina.	Os palermas	Comédia	3 atos	
12/12/1867	Quinta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Toda a companhia	Ressurreição de Rocambole. 2º Parte: Magdalena	Drama	12 quadros	
13/12/1867	Sexta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Martins; Victorino; Carvalho; Timotheo; Ismenia; Joaquina	A mulher com dois maridos	Vaudeville	2 atos	

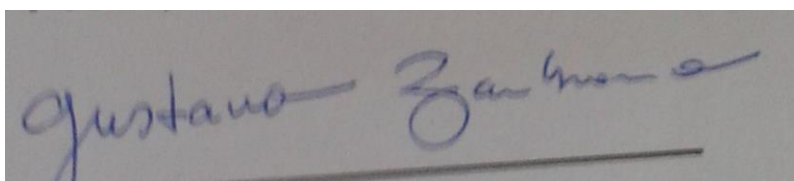
13/12/1867	Sexta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Imitação de Barroso Pereira e Ferreira Guimarães	Martins; Guilherme; Timotheo; Paiva; Carvalho; Pinheiro; Torres; Ismenia; Elisa; Marcelinna; Joaquina; Mathilde; Bernardina.	Os palermas	Comédia	3 atos	
14/12/1867	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Toda a companhia	Ressurreição de Rocambole. 1º Parte: Antonietta	Drama	Prólogo: 2 quadros. Drama: 11 quadros	
15/12/1867	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Toda a companhia	Ressurreição de Rocambole. 2º Parte: Magdalena	Drama	12 quadros	
16/12/1867	Segunda-feira	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Ismenia dos Santos	Quero e não quero	Comédia	1 ato	Espectáculo em benefício às órfãs da Imperial Sociedade Amante da Instrução.
16/12/1867	Segunda-feira	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Não informado	As duas bengalas	Comédia	1 ato	
16/12/1867	Segunda-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Imitação de Barroso Pereira e Ferreira Guimarães	Não informado	Os palermas	Comédia	3 atos	
17/12/1867	Terça-feira	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Não informado	A mulher com dois maridos	Vaudeville	2 atos	Benefício de Thomaz José de Castro
17/12/1867	Terça-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Imitação de Barroso Pereira e Ferreira Guimarães	Não informado	Os palermas	Comédia	3 atos	
21/12/1867	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Martinho (Kangaru); Carvalho (Yang-Ti); Ismenia (Arthur); Martins (Dog-dog); Elisa (Ventrebiska); Joaquina (Nasça).	O ópio e o champagne	Opereta		Música de Frederico Bazolli
21/12/1867	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Não informado	As duas bengalas	Comédia	1 ato	
21/12/1867	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	Imitação de Barroso Pereira e Ferreira Guimarães	Não informado	Os palermas	Comédia	3 atos	
22/12/1867	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Furtado Coelho e Joaquim Serra. Música de A. Napoleão	Toda a companhia	O remorso vivo	Drama fantástico	1 prólogo e 4 atos.	
27/12/1867	Sexta-feira	Ginásio	Furtado Coelho	Furtado Coelho	Toda a companhia	Ressurreição de Rocambole. 2º Parte: Magdalena	Drama	12 quadros	Benefício à uma senhora viúva.
28/12/1867	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Não informado	O ópio e o champagne	Opereta		Nesse dia há apresentação do prestidigitador Rossini
28/12/1867	Sábado	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Não informado	31 de caçadores 5	Comédia ornada de música	1 ato	

29/12/1867	Domingo	Ginásio	Furtado Coelho	Furtado Coelho e Joaquim Serra. Música de A. Napoleão	Toda a companhia	O remorso vivo	Drama fantástico	1 prólogo e 4 atos.	
31/12/1867	Terça-feira	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Não informado	O ópio e o champagne	Opereta		Nesse dia há apresentação do prestidigitador Rossini
31/12/1867	Terça-feira	Ginásio	Furtado Coelho	desconhecido	Não informado	Um pé e um sapato	Comédia	1 ato	

**TERMO DE REPRODUÇÃO XEROGRÁFICA**

Autorizo a reprodução xerográfica do presente Trabalho de Conclusão, na íntegra ou em partes,  
para fins de pesquisa.

São José do Rio Preto, 6/3/2018



---

Assinatura do autor